Vida admirável da Reverendíssima Madre

Mariana de Jesus Torres

Mística confidente de Nossa Senhora do Bom Sucesso

VIDA ADMIRÁVEL DA REVDA. MADRE

MARIANA DE JESUS TORRES

Mística confidente de Nossa Senhora do Bom Sucesso

Escrita pelo Rvdo. Padre Manuel Sousa Pereira

da Ordem Seráfica dos Menores do Convento Máximo

de S. Francisco de Assis de Quito, Equador.

Para adquirir esta obra:

LIVRARIA PETRUS

www.livrariapetrus.com.br

Vida Admirable de la Rda. Madre Mariana de Jesús Torres, española y una de las fundadoras del Monasterio real de la Limpia Concepción en la Ciudad de Quito

Escrita por el Rdo. Padre Manuel Sousa Peraira[1] de la Orden Seráfica de los Menores del Convento Máximo de S. Francisco de Quito en el Ecuador.

(1) Excepto el Prólogo que es escrito por una religiosa Concepcionista de Quito.

Tomo Primero

— Índice —

Tomo I

— PRÓLOGO —

A vida dos santos, ávido leitor, é um compêndio admirável das maravilhas de Deus na ordem sobrenatural. É um ato a todos visível do amor que Ele tem aos mortais, propondo-nos à imitação. Pois nestas criaturas semelhantes a nós, Deus derrama em profusão Suas graças divinas. Isto se passa com qualquer de Suas almas que voluntariamente a Ele se entregue sem reserva, correspondendo fielmente à Suas santas inspirações, tornando-se assim heróis e heroínas de Seu santo amor. Foi o que aconteceu a Revda, Madre Mariana de Jesus Torres.

E esta verdade importa realçar sobretudo nestes tempos em que vai-se perdendo ou se apagando a preciosa luz da Fé, escasseiam os santos, faltando às almas o espírito de abnegação e sacrifício — base fundamental da verdadeira santidade — ao lado de uma sólida humildade.

Lemos tanto na história eclesiástica quanto na profana, como, naqueles tempos áureos dos primeiros cristãos, lhes animava esse valor, essa fortaleza à toda prova para suportar toda sorte de austeridades voluntárias e enfrentar os mais cruéis martírios por confessarem em público e em particular o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e por viverem como bons cristãos porque seu amor a Deus era ardente e generoso.

Mas em nosso tempo, quanta covardia! Quanta insensibilidade! Quanta "flojedad" reina! E por que? Porque nos falta o conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Para amar uma pessoa, é necessário conhecê-la, tratá-la intimamente e então tomar-nos de admiração pelas belas qualidades que nela encontramos.

No dia de hoje, como dói dizê-lo, até os ministros do Altar e as pessoas religiosas se entregam a vãos conhecimentos, prescindindo do conhecimento de Deus. É porque não O conhecem, não O amam como podem e devem amá-Lo.

O fogo da divina caridade se está extinguindo com o vão calor de humanos conhecimentos que nada valem em presença da Santíssima Trindade. Deus só considera a sólida virtude e as obras que refletem a Fé por nós professada.

Mas, em meio à nossa quase insensível frieza, a Providência Divina coloca-nos ao alcance dos olhos um modelo acabado de santidade e heroísmo religioso em sua amada criatura, a virgem religiosa confeccionista, Madre Mariana de Jesus Torres, espanhola de nascença, abadessa e uma das fundadoras deste "Monasterio Real da la Limpia Concepción de Quito", cuja vida irás ler.

Para escrevê-la necessitaria possuir grande eloquência. Entretanto, a convicção de que o diamante nunca necessitou de lustro para ter preço e consideração, bem como as grandes pinturas não se valorizam pela superposição de cores, mas pela perfeição das figuras, e sendo as virtudes aqui narradas de maior preço que o diamante e as pinturas, não necessitam de adorno. E tendo Deus Nosso Senhor formado a alma da grande Madre Mariana de Jesus Torres uma imagem tão perfeita de santidade religiosa, não é, pois, necessário para sua consideração a finura da pluma com a qual se escreve, nem os coloridos da eloquência.

A vida, pois, que irás ler está marcada, antes de tudo, pela genuína verdade.

Queira o Espírito Santo enviar um de Seus luminosos raios ao fundo de tua alma para teu proveito espiritual, a fim de que consigas imitar, se não em tudo, ao menos em parte, a esta virgem forte de nossos tempos, que permanecendo oculta dentro dos silenciosos muros de seu claustro religioso, teve até seu nome ignorado por mais de trezentos anos. Todavia, assim como o sol, que as nuvens tentam inutilmente ocultar, pois seus resplendores transluzem através delas, do mesmo modo não foi suficiente para fazê-la esquecer o longo transcurso do tempo. Nem mesmo o conseguiu a sua humildade, o silêncio e o recolhimento com os quais Madre Mariana de Jesus Torres procurava encobrir as ilustrações divinas para que se não manifestassem — exceto em alguns casos — as luzes de sua alma e os resplendores de seu espírito, bem como os exemplos de sólidas virtudes que deixou à sua posteridade a fim de que suas filhas e irmãs, as religiosas da Limpia Concepción, a imitassem, amando a Cruz, tal como o Divino Esposo lhe envie durante a vida mortal, levando-a com agrado até o último alento para descanso de todo trabalho e dor na Pátria feliz do Céu, sob o azulado manto de Maria Imaculada em companhia de suas santas fundadoras.

E tu, piedoso leitor, que lerás a vida admirável desta virgem religiosa confeccionista franciscana, eleva teu coração a Deus, autor de todo Dom perfeito e agradece suas bondades, pedindo ao mesmo tempo por intercessão desta feliz religiosa tua perseverança final e salvação eterna, único negócio de grande importância pelo qual deves trabalhar com esmero, todos os dias de tua vida mortal, e não esqueças também do "Monasterio de Concepcionistas de Quito", em cujo recinto repousam os restos desta admirável virgem, favorecendo-o em suas necessidades e procurando provê-lo em sua existência e conservação, certo de que, por este meio, alcançarás de Deus inumeráveis graças e favores.

Madre Mariana de Jesus Varela (+ 1934).

* * *

ESCLARECIMENTO

O presente texto é cópia fiel das Crónicas do "Monasterio de la Limpia Concepción", da cidade de Quito, tomada de letra antiga e aprovada pelo Exmo. Sr. D. Pedro de Oviedo, diretor espiritual da Revda. Madre Mariana de Jesus Torres.

NOTA

Adverte-se que algumas palavras antigas da Crônica foram mudadas procurando-se conformá-las ao estilo moderno.

APROVAÇÃO

O Exmo. Sr. Bispo D. Pedro de Oviedo aprovou a vida da Revda. Madre Mariana de Jesus Torres, escrita pelos Reverendos Padres Menores. Aprovou também e propagou o culto ao "Niño del cerro de Pichincha" e pronunciou a oração fúnebre nas exéquias da Madre Mariana de Jesus Torres.

PROTESTO DO AUTOR

Cumprindo com o disposto por Sua Santidade Clemente VIII, protesto que as revelações e outros fatos sobrenaturais contidos neste livro sobre a vida da Revda. Madre Mariana de Jesus Torres, a respeito das quais ainda nada resolveu a Santa Igreja Católica, não merecem outro crédito senão baseado no puramente humano.

A Crônica do Mosteiro foi encontrada no dia 8 de janeiro de 1922.

O Revdo. Padre Antonio Jurado, Provincial dos Menores e Prelado do "Monasterio Real de la Limpia Concepcíon", ilustríssimo teólogo, declarou sob juramento que a Madre Mariana de Jesus é santa e possui espírito extraordinário.

TOMO I

— Capítulo I —

Vida admirável da Reverendíssima Madre Mariana de Jesus Torres

A Revda. Madre Mariana de Jesus foi uma das colunas firmíssimas deste "Monasterio Real de la Imaculada Concepción" de Quito, filha primogênita da Rainha do Céu, Nossa Mãe Santíssima do Bom Sucesso, que confiou-lhe segredos inefáveis, desvendando-lhe as misericórdias de Seu Amoroso Coração para com este Mosteiro; legando-nos o precioso tesouro da Sagrada Imagem de Nossa Mãe e Priora, como se verá mais adiante, sendo a Revda. Madre Mariana de Jesus a humilde violeta que ocultou o delicado aroma no próprio peito de Maria Santíssima, suplicando-lhe não desse a conhecer seu nome, nem mesmo em sua Comunidade. Assim teria sucedido até o fim dos tempos, se a Santíssima Virgem não lhe tivesse comunicado que após três séculos de misterioso silêncio, chegando o século XX, se conheceria a verdade das aparições, e então se saberia seu nome.

Com efeito, tendo chegado o tempo feliz para que se publicassem as carícias inefáveis de Maria Santíssima para com sua filha predileta, escrevemos estas linhas para glória de Deus Nosso Senhor, culto de Nossa Mãe, Priora e advogada, a Santíssima Virgem do Bom Sucesso, e honra de nossa

ilustre e angelical irmã, a Revda. Madre Mariana de Jesus Torres; para proveito, edificação e amor de nossas sucessoras.

Pátria, pais e nascimento da Revda. Madre Mariana de Jesus

A Revda. Madre Mariana de Jesus Torres, espanhola, nasceu na Província de Viscaya no ano do Senhor de 1563; batizaram-na em uma das Igrejas da paróquia, a qual incendiou-se sete anos depois. Foi filha legítima do Sr. Diego Cediz, e de Da. Maria Berriuchaoa Alvaro os quais puseram-lhe o nome de Mariana Francisca, no batismo desta sua primogênita.

A menina foi o encanto dos pais pela rara formosura com que o Céu a havia dotado, pela inteligência relevante, docilidade, doçura de caráter, e sobretudo pela inclinação à virtude, pois na infância fugia dos jogos pueris com os meninos de sua idade, retirando-se ocultamente para a Igreja, onde sua virtuosa mãe a encontrava prostrada aos pés do Tabernáculo.

Oh! O Prisioneiro do Sacrário havia ferido o terno coração de sua futura esposa, que sem sabê-lo preparava-se, na fogueira do Amor Divino, para ser a vítima de seus puríssimos incêndios.

Porém, o que mais chamou a atenção dos pais foi o fervor da menina aos sete anos de idade, quando do incêndio ocorrido na Igreja em que fora batizada. Eis o fato: por irreflexão do sacristão, estando o sacerdote ausente, partiu ele também para uma eira sua, deixando muito azeite na lamparina do Santíssimo. Dizem ter havido um leve tremor de terra, e como se romperam as cordas ou correntinhas que sustentavam tal lamparina, originou-se o incêndio. Expelindo chamas a velha Igreja necessitava de socorro; acudiram a família do sacristão e os vizinhos para ver o que se passava e certificar-se do incêndio; empregaram em vão todos os meios possíveis para apagá-lo.

Nosso Senhor Sacramentado é salvo das chamas

Um sacerdote, tio da menina, irmão de sua mãe, chamado Jaime de Berriuchaoa que se encontrava então em visita na casa do Sr. Diego de Torres, pai da menina, saiu ao ouvir tanto alvoroço e vendo o incêndio fatal, penetrou intrépido na Igreja em meio às chamas, dizendo: "Senhor Jesus Sacramentado não posso consentir que o fogo material te consuma, te consumirá sim, o fogo de meu amor sacerdotal. Venhas!", e recolhendo o Cibó-

rio e Hóstia utilizados para as exposições, disse: “morreremos juntos aqui”. Mas o fogo respeitou o Ministro do Senhor, e saiu ileso levando consigo o Santíssimo Sacramento. À sua retaguarda caíram o Altar e a Igreja. A família Torres, sem dar-se conta, havia seguido o sacerdote e tendo-se livrado das chamas, com lágrimas acompanharam-no a uma paróquia vizinha onde depositaram as Espécies Sacramentais. A menina Mariana não acompanhou seu Divino Amante, gemendo como desolada e inocente rolazinha pela ausência de Seu único amor e ao deixá-Lo prisioneiro no Sacrário, sentiu seu coração partir.

“Deus nos deu, Deus nos tirou; Bendito seja seu Santo Nome!”

Como a casa dos Torres ficava contígua à Igreja, também foi atingida pelo incêndio. Os vinhedos foram destruídos e o edifício arruinou-se um tanto. Disso se deram conta os devotos e fervorosos proprietários, quando regressaram e como o Santo Jó, ajoelhados em terra com seus três filhos — a menina Mariana Francisca, Diego e Santiago, menino de três anos — deram graças ao Senhor por terem perdido seus haveres tentando salvar as Espécies Sacramentais, dizendo: “Deus nos deu, Deus nos tirou, Bendito seja seu Santo Nome!”

A menina Mariana padeceu muito vendo sofrer seus virtuosos pais e a penúria em que ficaram. Porém o dardo maior que transpassou seu terno coração foi a ausência de seu Amado Jesus Sacramentado, visto que quando O tinha como vizinho lhe era fácil fazer suas devotas fugas para ir adorá-Lo no Sacrário, e agora que a distância não as permite, vê-se desolada e sofre a solidão de seu constante Amante, que começa ensaiar a sua amada nas cruéis ausências e desolações, às quais no transcurso de sua vida esta alma criada por Deus deveria sofrer, a fim de ser a heroína do doloroso martírio de amor.

— Capítulo II —

A menina Maria, qual girassol, abria suas delicadas pétalas aos refulgentes raios de Jesus Sacramentado e não podendo permanecer dia e noite aos pés do Tabernáculo, nem sequer adorá-Lo com frequência, viu-se enfraquecida e como que agonizante, só aspirando à união Eucarística.

Oh! Os gemidos e súplicas da menina, como centelhas de luzes, iluminavam a lamparina do Santuário, e os sacrifícios desse amante coração feriam o Coração Santíssimo de Jesus, e não podendo este Divino Amante resistir aos clamores dessa virgem enamorada dispôs as coisas de tal modo que a menina pudesse gozar de seu Amado no Santíssimo Sacramento.

Mariana ouve pela primeira vez o acento de Jesus Sacramentado

O fato foi que, por razões de família, os pais de menina se viram obrigados a sair de Viscaya, transladando-se com os três filhos a Santiago de Galícia. Uma vez ali estabelecidos, foi fácil à menina Mariana ir atrás de Jesus Sacramentado.

Numa das ocasiões em que estava prostrada aos pés do Sacrário, seu coração inflamou-se tanto em desejos amorosos de unir-se a Jesus na Santa Comunhão, que com voz delirante exclamou: “Oh! meu Amor! Quando será o dia em que me unirei contigo na Santa Comunhão?”. No mesmo instante ouviu uma voz que saindo do Sacrário lhe disse: “O dia em que tu queiras, minha filha, porque teu coração está preparado”. Esta foi a primeira vez que escutou com os sentidos o docíssimo acento de Jesus Sacramentado.

Oh! Como a menina ficou inundada em um mar de delícias ouvindo a voz de seu Amado, a qual como melodiosa cítara entoava os doces cantares da Eucaristia. E do mesmo modo que a esposa dos Cânticos, perguntaria em doce gemido a seus sentidos e potências se viram a seu Amante, que lhe havia chamado por detrás das glórias do Tabernáculo.

E vendo seu único Amor, solitário e oculto, o coração desta terna menina destilava dor e amargura.

Removidos os obstáculos, Mariana recebe a Primeira Comunhão

Sim, sua vida era saturada desde a infância com a requintada mirra do sofrimento. Com efeito, por ela se prostrava aos pés de um sacerdote, frade Menor. Desvendando-lhe sua cândida alma, compreendeu o santo Ministro de Deus que devia receber a Sagrada Comunhão e lhe ordenou preparar-se para este grande dia.

Mariana, cheia de júbilo, foi comunicar à sua mãe tão feliz notícia, mas a ilustre matrona lhe disse que ainda era muito menina para poder comungar. É de se notar que naquele tempo os meninos faziam a Primeira Comunhão de doze a quatorze anos, e ela só tinha nove. Diante da negativa, em prantos foi comunicar ao confessor o seu tormento. Consolou-a o douto e virtuoso religioso dizendo-lhe que logo receberia a Sagrada Comunhão e ele mesmo começou a prepará-la, ou melhor, a perfumar o leito com que fragrantes açucenas, às quais o próprio Jesus Cristo cultivava no coração desta virgem inocente.

Chegou por fim o dia 8 de dezembro de 1572 e a menina Maria recebeu pela primeira vez a Sagrada Comunhão.

A primeira visão de Nossa Senhora: Mariana é destinada para a Ordem das Concepcionistas

Foi tal a torrente do Amor Divino em seu coração no primeiro abraço que deu a Jesus, que não podendo resistir-lhe, caiu desmaiada em êxtase inefável.

Nele viu Nossa Imaculada Mãe, quem alegrou-a com sua presença,

explicando-lhe a grandeza do voto de virgindade, manifestando-lhe como a própria Rainha do Céu o havia feito no Templo com três anos de idade. E lhe ensinou em que consistia tal voto, ordenando que o fizesse logo, pois a tinha destinado para religiosa de Sua Imaculada Conceição.

Ali em sua Ordem, daria muita glória a Deus, ficando ela comprometida, a partir desse momento, a cultivar o Inefável Mistério da Imaculada Conceição de sua Mãe Maria Santíssima.

O Celestial desposório como Filho Unigênito de Deus

A seguir viu no Sacrário as três Pessoas da Santíssima Tindade, e que a segunda — o Verbo Divino — em sua Humanidade Santíssima tomando a figura de menino queria desposar-se com ela.

Viu aparecer também São José, esposo virginal de Maria Santíssima e que Maria e José Santíssimos serviram-lhe de Padrinhos nesta ocasião, isto é, no celestial desposório.

Ela pronunciou o solene voto de castidade segundo a fórmula ensinada por Nossa Senhora; quando o concluiu, o Padre Eterno abençoou visivelmente a união de seu Filho Unigênito feito Menino, com a menina Maria de Jesus.

Mariana leva uma vida mais angelical do que humana

Este foi o primeiro êxtase que ela teve, pois esta seráfica virgem gozou na sua primeira Comunhão as delícias do Esposo Amante que fê-la entrar na vida do sacrifício e do amor, sendo de se notar que a partir desse momento não viveu a não ser para amar a Jesus Sacramentado, respirando incêndios divinos. Saiu, pois, do êxtase e começou uma vida mais angelical do que humana, porque como não perdeu a inocência batismal, seu confessor a guiava com destreza fazendo-lhe observar em casa as austeridades da vida monástica, permitindo-lhe receber duas vezes por semana a Sagrada Comunhão.

Certa ocasião foi surpreendida pela mãe no momento em que seu diretor lhe dava a comunhão. A virtuosa matrona, em um ímpeto de zelo, temendo que a menina se aproximasse do celestial banquete sem a devida preparação, foi repreendê-la, mas o confessor impediu-a e chamando-a a sós, comunicou-lhe o precioso tesouro de graças e virtudes com que Deus, pródigo em suas misericórdias, havia presenteado a essa menina angélica.

A Comunhão frequente; Oração, Contemplação e Mortificação

Assim, Da. Maria transformou seu desagrado em admiração e ação de graças a Deus Nosso Senhor, pela rica joia que em sua filha lhe confiava. Desde então deu-lhe liberdade para a comunhão frequente e o exercício de todas as virtudes.

Os pais foram, assim, os coadjutores e custódios desta virgem inocente que voava nas vias da perfeição, recolhida em seu oratório. Ela dedicou-se ao exercício da oração e contemplação, mortificação interior e exterior e demais virtudes religiosas, transformando sua casa em um mosteiro, servindo seus pais e irmãozinhos.

Nas fainas domésticas imitou a Marta, que preparava o alimento para Jesus, e aquecida pelos Seus Sacratíssimos pés, presenteou ao Divino Amante o delicado perfume de seu amor, sendo esse coração inocente um alabastro de pureza e sacrifício.

Esta menina só conheceu o pecado para evitá-lo e chorar as ofensas dos pecadores, pois, desde a infância praticou uma vida inocente e penitente. Parece que as lágrimas dessa futura esposa de Cristo apressaram o momento para que se fundasse na cidade de Quito, a Ordem das Religiosas Concepcionistas. Isto porque desde o momento em que a Santíssima Virgem comunicou-lhe que haveria de ser religiosa de sua Imaculada Conceição, sua alma se inflamou em ardente desejos de cumprir a ordem, mas não sabendo onde, nem quando, deixando-se levar pelo ímpeto de seus fervores, sem omitir sacrifícios nem oração alguma, até ver satisfeitos seus anelos. Deus Nosso Senhor, atendendo aos gemidos de sua terna pomba, ia lhe preparando no solo equatoriano um ninho para leito de seus amores.

— Capítulo III —

Transcorria o ano do Senhor de 1556. As matronas de Quito sabendo que na Espanha havia a Ordem das Religiosas da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, encantadas pelo amor que tinham à Maria Santíssima, ficaram desejosas de que nesta cidade se fundasse um Mosteiro de religiosas que tanta glória dessem a Deus Nosso Senhor e bens imensos fizessem ao povo. Reuniram-se as principais famílias de Quito e em união com o cabido e demais habitantes da cidade pediram ao Rei da Espanha, com humildes súplicas, a fundação do primeiro Mosteiro da Imaculada Conceição nesta Colônia.

O Rei da Espanha envia para Quito as primeiras Concepcionistas

Tendo obtido esta graça, o próprio Rei mandou da Espanha o grupo de fundadoras colocando à testa delas a Revda. Madre Dona Maria de Jesus Talvada, descendente de uma casa nobre e antiga da Galicia. Esta ilustre e cândida virgem era tia da menina Mariana e entre outras fundadoras trouxe também a sobrinha.

Vítima dos incêndios de amor à Maria Santíssima no mistério de sua Imaculada Conceição, esta inocente criatura ao saber que se iria fundar na colônia o Mosteiro de sua Ordem, compreendeu ser essa a voz de seu Amado que a chamava dizendo: “Deixe tua Pátria e a casa de teus pais, e o Rei dos Céus enamorar-se-á de tua beleza”.

Oh! Quão doce foi essa voz aos ouvidos de Madre Mariana, soou em sua alma o momento de seu heroico sacrifício. Imediatamente comunicou a seus pais o chamado Divino e que deles deveria se separar para sempre.

Nova aparição do Divino Jesus

Poucos dias antes de despedir-se de seus bons pais, ao receber a Santa Comunhão, viu em sua alma ao Divino Jesus, em Sua idade perfeita, que lhe dizia: “Esposa Minha, já é tempo de dar um adeus eterno à sua pátria, à casa paterna e que Eu, cobiçando tua formosura, te leve à Minha, onde sob fortes muralhas viverão longe de carne e sangue, oculta e esquecida de toda criatura humana, sendo tua herança e patrimônio, à minha semelhança, a Cruz e os padecimentos. Força e valor não te faltarão; só quero tua vontade sempre pronta para fazer a minha”.

Mariana aceitou de Jesus Cristo tudo quanto lhe dava e, à sua semelhança, ofereceu-se em holocausto.

A despedida da casa paterna

Chegou o dia da despedida, a qual foi terna para todos os que a presenciaram; dura e amarga para os pais e parentes; e amargura também para a cândida menina, pois seu coração inocente não tinha outro amor sobre a terra que o de seus pais e parentes, mas também doce e satisfeita, porque dava ao seu Deus provas práticas de seu amor. Ao mesmo tempo Deus a consolava com os inefáveis consolos que sabe dar aos seus nas horas de exercício.

Ela foi entregue à tia, Madre Maria de Jesus Talvada, que ofereceu toda sua vida para fazer às vezes de mãe, e entre soluços e abraços essa terna planta que na América deveria ser uma árvores frondosa, cujos ramos seriam sombra e vida para tantas almas, deixou o mundo espanhol.

Oh! Senhor quão incompreensível sois para os mortais e quão amável para vossos escolhidos! Que luta para a menina! Seus pais queriam que fosse religiosa carmelita na Espanha; ela respondia: “Sou chamada para a Ordem da Imaculada Conceição”. Mas por ventura, não pode ser concepcionista na Espanha? Por que Mariana quer consumir a existência de seus pais?

Oh! O holocausto devia ser perfeito! A menina dizia: “Eu quero atravessar os mares e em terras longínquas, longe da carne e do sangue, só consagrar-me ao amor de meu Jesus”.

Oh! Que espada de dor para o Sr. Diogo e Da. Maria ter que sacrificar sua terna filha. E o que parece humanamente crueldade foi Providência divina para a cidade de Quito: trazer essa planta em solo equatoriano, essa açucena espanhola a qual, com sua fragrância requintada, recreou ao próprio Deus, perfumando o ambiente dos claustros concepcionistas, nos quais brotaram flores delicadas e frutos de heroica santidade ao longo dos séculos.

Tendo triunfado na menina o amor e o sacrifício, deixando seus pais e irmãozinhos quase agonizantes de dor, começou sua viagem a Quito num mar de tormentos. Só as almas que passaram por este sacrifício sabem compreender o que o Amor Divino faz nestes casos. Como punhal tirano ele divide os corações dos pais e da filha; matando deixa a vítima viva, para só sofrer o martírio do amor filial. Em cada pulsação do coração da esposa de Jesus Cristo, em cada momento de sua existência, ela renova seu sacrifício. Imolando-se aos pés do Tabernáculo dá provas práticas de seu amor ao Divino Esposo, conseguindo para seus entes queridos inumeráveis graças e favores.

— Capítulo IV —

Mariana partiu da Espanha em companhia de sua tia, Madre Maria de Jesus Talvada e de outras quatro virgens, as quais reverenciando as cinco chagas de nosso Seráfico Pai São Francisco, quiseram fundar a Ordem da Imaculada Conceição sob a proteção do Seráfico de Assis, conforme prescreve a Regra.

Terrível tempestade sobreveio no mar

Tão logo embarcaram, sobreveio no mar uma terrível tempestade nunca vista: o navio já naufragava, o céu do dia claro obscureceu-se de repente, transformando-se na mais funesta noite; os marinheiros assustados não sabiam o que fazer e diziam que a borrasca já os tinha por perdidos no vasto túmulo em que ia sepultá-los.

Em meio a tanta amargura, Mariana — debilitada pelo sofrimento e confundida no abismo de sua humanidade — creu ser ela a causa desta terrível tempestade e disse à tia: “Minha mãe, serei eu a causa desta borrasca e como outro Jonas deverei ser lançada no mar para que este se acalme?” “Não, minha filha — disse a tia — para isso temos a oração que penetra o coração de Deus”, e tomando a menina estreitou-a em seus braços.

Aparição da serpente infernal: “Não permitirei a fundação...”

Ah! Que tremendas dores e amarguras foram as primeiras carícias de

Jesus Cristo para sua esposa Mariana! A seguir Madre Maria e a menina viram no mar uma serpente monstruosa de sete cabeças, que movimentando as ondas queria destroçar o navio. Com esta horrível visão, Mariana deu um grito e caiu como que morta. A Madre Maria — assustada — temendo a cada instante a morte da sobrinha, dirigiu a Deus esta humilde oração:

"Tu sabes, meu Deus, que não vou por minha vontade fazer esta fundação, mas é a obediência ao Rei, meu Senhor, que a isto me leva. Se é Tua vontade que nesta Colônia se funde a Ordem da Imaculada Conceição, faz desaparecer esta tempestade, esta escuridão, e que se acalme a tormenta".

Ó prodígio! Apenas Madre Maria terminou sua oração, a menina abriu os olhos; no mesmo instante se fez dia e ouviram uma voz terrível que dizia: "Não permitirei a fundação; não permitirei que progrida; não permitirei que se conserve até o fim dos tempos e a todo momento a perseguirei". Esta foi a voz da serpente no momento em que acalmou a tempestade. A Santíssima Virgem estraçalhou sua cabeça, como mais adiante se verá.

Mariana é arrebatada em admirável êxtase: Visão de Nossa Senhora

Serenada a tormenta, feito o dia, voltou Madre Maria a acolher em seus braços a sobrinha, e lhe disse: "O que te aconteceu, minha filha" — "Dir-te-ei a sós, minha mãe" respondeu, e quando chegaram ao primeiro "tanilo"[1] retiraram — se e tiveram uma conversa a respeito do sucedido. A Madre compreendeu que, ao cair como que morta, a menina havia tido algum êxtase admirável e cuidadosamente examinou-a dizendo-lhe:

— "Minha filha, dize-me o que te aconteceu".

— "Não sei, minha mãe, em que outros mundos estive. Vi que alguma coisa, que não sei o que é, se retorcia".

— "Que coisa é essa que se retorcia?", perguntou a Madre.

— "Era uma serpente — respondeu a menina — maior que o mar e uma senhora de incomparável formosura, vestida de sol, coroada de estrelas, com um Menino precioso nos braços. No peito da Senhora havia um ostensório com o Santíssimo Sacramento; em uma das mãos uma grande

1 TANILO – Palavra quíchua, com a qual os incas designavam certos lugares que serviam de postas, os quais utilizavam para descansar, durante seus deslocamentos.

cruz de ouro que terminava em lança. Com esta Ela sujeitou a enorme serpente, que possuía na língua também uma lança de dois gumes. A Senhora apoiando a Cruz no Santíssimo Sacramento e na mão do Menino, golpeou com tanta força a cabeça da serpente que a estraçalhou: nesse momento ela deu esses alaridos que não permitiria a fundação da Ordem da Imaculada Conceição".

Madre Maria compreendeu o que isto significava, e em tempo oportuno fez executar, segundo esta admirável visão, a Imagem da Santíssima Virgem que as concepcionistas trazem no peito.

Mariana comunicou à sua tia as inumeráveis dificuldades e sofrimentos que padeceriam pelo caminho, e que uma vez fundado o Mosteiro, na cidade de Quito, a Comunidade seria vítima, pelo ódio da serpente, de perseguições e imensas tribulações ao longo dos séculos; isso Deus permitiria para a glória de Sua Santíssima Mãe.

O dom de Profecia

Ela conheceu muitas coisas que se passariam na Comunidade: as religiosas santas que floresceriam neste Mosteiro e as almas ingratas que incorrespondendo à graça da vocação seriam infiéis.

Madre Maria, assustada e aflita ao ouvir esta narração, disse à sobrinha: "Minha filha, se tanto se há de padecer na fundação e tão combatida será a Comunidade das Concepcionistas, não façamos, nem continuemos a viagem; voltemos a Espanha" — "Não, minha mãe — respondeu a invicta menina. É verdade que sofreremos muito e que haverá almas ingratas, mas também haverá religiosas santas que com sua vida interior, sofrimentos e humilhações darão glória a Deus e à Sua Mãe Imaculada, conservando, assim, o Mosteiro em todos os tempos".

"Minha filha — retornou a Madre — tu serás uma dessas almas?".

A menina, com candura angelical e profunda humildade, respondeu: "Sim, minha mãe, e chegará um dia em que a Rainha dos Céus comunicar-se-á comigo".

A Madre Maria admirada, mas sem manifestar-lhe admiração, pergunta: "E eu verei esse dia? Responde a menina: "Vereis os primeiros favores que o Senhor e Nossa Mãe Imaculada farão comigo, mas todas, parece que não, Mãe querida."

E assim se cumprirá tal profecia, como mais adiante se verá.

Crê-se nos sofrimentos atrozes que padeceram ainda no mar. Deus Nosso Senhor concedeu a Mariana o dom da Profecia. Aos nove anos, sem sabê-lo, sua alma foi adornada com o sublime grau da oração de quietude.

Oh! Nesta conversa com sua tia, como estariam suspensivos os anjos esperando o "fiat" de Madre Maria para a fundação do Mosteiro a fim de levá-lo, contentes, ao Trono da augusta Majestade; ao mesmo tempo enfurecidos os demônios estavam fazendo guerra cruenta para impedir tanto bem.

Quando a Madre Maria de Jesus, convencida pelas razões expostas pela sobrinha, resolveu prosseguir a viagem para efetivar em Quito a fundação, sacrificou-se como vítima em aras de amor a seu Divino Esposo Jesus e à sua Mãe Imaculada. Então os anjos coroariam as duas triunfadoras e os coros celestes cantariam um hino de amor à Maria Imaculada; ao mesmo tempo os protetores das futuras religiosas, que ao longo dos séculos deveriam santificar, preparariam neste momento coroas de flores imortais para cingir as frontes das ilustres e heroicas virgens concepcionistas.

Madre Mariana de Jesus é o escudo de fortaleza no combate que sustentou Madre Maria; honra e glória da Ordem de Imaculada Conceição e firmíssima coluna que conserva o Mosteiro, sendo de se notar que a Ordem foi perseguida pela serpente infernal desde o berço de sua fundação.

O demônio fez naufragar no mar as Bulas da Fundação para que elas não chegassem a Toledo, mas elas foram salvas por mão de anjos e entregues à Santa Madre Beatriz da Silva, Mãe e Fundadora de toda a Ordem Concepcionista.

— Capítulo V —

Findas as dificuldades no mar, chegaram à terra, e quando esperavam algum descanso começaram novos sofrimentos, pois — por instigação do demônio — algumas vezes não tinham os cavalos necessários para continuar a viagem. Não é possível expressar o que sofreram essas virgens ternas e delicadas por caminhos escabrosos.

O Divino Esposo, premiando seus trabalhos, presenteavam-lhes com dores e cruzes, a fim de construir desde os fundamentos o edifício formoso, espiritual e material, da Ordem das Concepcionistas.

A Fundação do Mosteiro

As ilustres fundadoras chegaram a Quito no dia 30 de dezembro do ano do Senhor de 1576. Foram recebidas pela Real Audiência, pelo governo Eclesiástico com grandes manifestações de júbilo. As nobres e piedosas matronas distinguiam-se em reverenciar e amar nossas fundadoras, as quais foram hospedadas nas casas que lhes tinham sido reservadas naquele Mosteiro. Como as paredes da clausura ainda não estavam concluídas, tiveram que sofrer muita penúria. Porém os frades Menores fortaleciam o espírito delas, ensinando-lhes as virtudes religiosas e a seráfica pobreza. Dispostas as coisas, fixou-se o dia para fundação.

No dia 13 de janeiro do ano de 1577, fundou-se o Mosteiro, entregando-se ao Revdo. Padre Antonio Jurado o governo espiritual e temporal das religiosas. Não mencionamos aqui essa cerimônia, porque isto está escrito no livro da fundação e nas crônicas da Ordem; só diremos que nesse dia professaram as sete religiosas fundadoras, nas mãos do Revdo. Padre

Vigário Provincial da Ordem Seráfica. Madre Mariana de Jesus não pode professar nesse dia por insuficiência de idade, pois só tinha treze anos e alguns meses.

Manifestações de regozijo pela Fundação

A cidade de Quito foi toda iluminada, e soleníssima a festa.

Como nesse tempo por ocasião dos grandes festejos o povo se rejubilava com as corridas de touros, um rico fazendeiro forneceu um bom número deles em sinal de júbilo pela fundação do primeiro Mosteiro na Colônia.

Os habitantes da cidade exultavam de alegria reverenciando, amando e obsequiando as esposas de Jesus Cristo.

— Capítulo VI —

Uma vez fundado o Mosteiro e feita a profissão das Madres Fundadoras, as virgens de Quito, como diligentes abelhas, voaram ao jardim das concepcionistas para alimentarem-se com o requintado néctar das primeiras flores religiosas.

As melhores jovens, nobres e virtuosas, ingressaram no Mosteiro e com o noviciado começaram a vida claustral. Mariana, desde o momento em que pôs seus pés nesse bendito solo, redobrou seu fervor e começou uma vida angelical. Como era muito menina fora separada das outras noviças e durante um ano e meio esteve ajudando sua tia nas fainas domésticas e na instalação dos locais de trabalho da Comunidade. Assim, tanto no material como no espiritual, ela foi a mais formosa coluna do Mosteiro.

A Revda. Madre Maria de Jesus ia firmando, ou melhor, aperfeiçoando a sobrinha nas virtudes religiosas, onde a jovem era um modelo da mais perfeita observância, pois parecia um serafim que só se alimentava do amor Divino.

Como nos primórdios faziam muitos gastos nas obras da Igreja e do Mosteiro, faltava-lhes dinheiro para a alimentação e o Divino Esposo exercitava-as na seráfica pobreza. Por vezes o alimento era muito pobre e escasso, e em tal penúria Madre Maria sofria muito pela delicadeza e tenra idade de sua sobrinha, a qual em certa ocasião lhe disse com muita graça: "Minha Mãe, não se preocupe com as jovens porque vivemos; preocupe-se com as mais velhas". Por isto se vê que ela era o consolo da tia.

Noviciado e profissão de Sóror Mariana de Jesus Torres

Quando completou 15 anos encerraram-se no noviciado, começando seu ano de provação, sob o governo de tia e a direção dos padres Menores.

Seu diretor atuou com tanto acerto junto a esta cândida e inocente alma, que vendo os progressos que fazia na virtude considerava-se indigno de dirigi-la. Suas companheiras de noviciado admiravam seu fervor e se guiavam por suas instruções, porque muitas vezes viam-na absorta na oração de quietude.

Nos exercícios espirituais que fez para a profissão, Deus Nosso Senhor comunicou-lhe grandes graças. Passou um desses dias inteiro como que morta. As religiosas assustadas chamaram o médico, Sr. Sancho, que ao examiná-la disse admirado: "Posso assegurar que essa enfermidade não é natural. Deixem-na tranquila, pois juro que é coisa sobrenatural e não tenho nada a fazer com ela".

Este dia era a véspera de sua profissão, por onde se vê que o médico compreendeu que ela estava recebendo graças extraordinárias de Deus.

Quando voltou a si, Madre Maria perguntou-lhe: "O que te aconteceu, minha filha?". "Minha mãe — respondeu — Nosso Senhor, garante que me receberá por sua esposa. Conheci as dificuldades que passará nossa Ordem ao longo dos séculos, haverá no Mosteiro religiosas santas e em todos os tempos almas ocultas e desconhecidas que, com seus sacrifícios e sofrimentos, sustentarão esta Comunidade; mas também haverá religiosas ingratas e hipócritas, que serão infiéis e sairão do Mosteiro. Nosso Senhor, de cinquenta em cinquenta anos, dizimará a Comunidade, arrancando o joio do formoso trigal, e em fins do século XIX uma religiosa sofrerá a enfermidade da elefantíase (espécie de lepra que torna a pele negra e rugosa como a do elefante) e a santificação recomeçará neste Mosteiro. Ela terminará seus dias no lugar destinado aos que padecem dessa enfermidade. Vi a glória imensa que terá no Céu.

Enquanto houver sacrifícios e sofrimentos no convento ele não desaparacerá.

Quando chegou o dia tão desejado do desposório, Madre Mariana de Jesus fez sua profissão religiosa nas mãos de sua Priora e tia, a Revda. Madre

Maria de Jesus Talvada. O ato foi soleníssimo. Os frades Menores ensinaram as cerimônias e práticas da profissão; a Revda. Madre Maria dirigiu à noviça um pequeno sermão — o mesmo que permanece até hoje na Comunidade —e concluído este, Mariana professou.

Ao terminar de pronunciar os votos, foi ao Céu arrebatada em êxtase e ouviu que Madre Maria aceitava sua profissão, o Padre Eterno repetia as mesmas palavras da tia: "Se guardares isto, Eu te prometo a vida eterna".

Viu e seguiu a Pessoa do Verbo Divino, a Santíssima Humanidade unida à Divindade e o Homem Deus belíssimo Jovem, em sua rica idade de trinta e três anos. Com inefável Majestade e doçura desposou-se com ela, colocando em seu dedo da mão direita um anel formosíssimo com quatro pedras preciosas. Em cada pedra vinha escrito em latim e castelhano um dos quatro votos: pobreza, obediência, castidade e clausura. No meio do anel, primorosamente esmaltado, havia uma estrela com o monograma do nome de Maria.

Neste inefável desposório foram padrinhos a Santíssima Virgem e seu castíssimo esposo São José. Nesse momento o Divino Esposo Jesus presenteou sua Cruz — com todas as dificuldades e penas que padeceu em sua vida mortal — à sua esposa Mariana.

"Minha esposa — disse-lhe — quero que sigas a vida de imolação. Tua vida será um martírio contínuo. Fez-lhe conhecer toda espécie de tribulações, tentações e perseguições que haveria de padecer, preservando-a somente das tentações contra a angelical pureza. Disse-lhe que sofreria perseguições terríveis da parte das criaturas, como também de pessoas boas e justas. Conheceu as desolações espirituais, desamparos de Deus e ausências de seu Amado, em uma palavra o martírio prolongado e cruel de sua vida de amor crucificado. Com profunda humildade, respondeu a seu Amante: "Aceito agradada e agradecida, como dom precioso, os sofrimentos com os quais me presenteias. Ofereço-me a imitar tua vida, mas como miserável criatura, embora a vontade esteja pronta, temo que minha natureza desfaleça e rogo-te que me assistas com tua graça".

O Divino Esposo promete ajuda-la e mostra veladamente as graças que lhe tinha preparadas. A aparição da Santíssima Virgem do Bom Sucesso, ela também conheceu envolta em véus, e a medida em que transcorriam seus dias, se esclarecia o significado de tudo quanto num êxtase inefável havia visto.

A Santíssima Virgem corta-lhe uma das veias do coração

A seguir a Santíssima Virgem dirigiu-lhe palavras de doçura maternal: "Minha filha — disse-lhe — tu és minha predileta e não só viverás coberta sob meu manto, mas escondida dentro de meu Coração e para que não tenhas afetos terrenos e só amor a meu Filho Santíssimo e a mim, cortarei esta veia de teu coração". E aproximando sua mão do coração da nova esposa de Cristo fez tal corte, não tendo Mariana nunca sentido dor tão aguda e tenaz, a qual permaneceu até sua morte. Ela sentiu que a veia cortada estava retorcida no peito.

Depois aproximou-se seu padrinho celestial, o glorioso São José, colocando-lhe no peito uma açucena e dizendo fazer isto para que nunca tivesse nem um pensamento, nem movimento algum contra a angelical virtude da pureza.

A Revda. Madre não teve nenhum afeto terreno. Seu amor foi tão somente a Deus e ao próximo.

Quando ia voltar do êxtase sentiu que o Divino Esposo tirava-lhe o anel e sofreu uma dor tão veemente que pareciam lhe arrancar o dedo.

É de se notar que durante o tempo em que ficou arrebatada, seu corpo permaneceu flexível e podiam movê-la para fazer todas as cerimônias da profissão. Seu rosto estava como uma rosa, iluminado, algumas vezes alegre e outras vezes derramando torrentes de lágrimas.

Ao voltar a si, a Priora chamou-a, dizendo-lhe a sós: "Agora que professaste em minhas mãos, vais exercitar-te no voto da obediência. Nunca te mandei em nome da Santa obediência, agora sim o faço, ordenando-te que me contes tudo o que te aconteceu hoje".

Respondeu a recém-professa: "Oh! Minha Mãe, quão dura é a perseguição dos justos e dos próximos!" e começou a relatar-lhe o admirável êxtase que teve no momento de sua profissão e o que Deus lhe havia comunicado.

Oh! Incompreensíveis segredos do amor divino para com esta virgem cândida, que acaba de celebrar seu desposório com o Divino Amante!

Oh! quantos acúmulos de graças e como prepara Sua esposa para a vida

de imolação e sacrifício.

A profissão desta heroica Virgem concepcionista foi no dia 4 de outubro de 1579, tendo recebido o hábito no dia 8 de setembro de 1577. Por tudo seja Deus louvado e glorificado em seus santos.

— Capítulo VII —

Após a profissão e depois de haver tomado o nome de Mariana de Jesus, começou uma vida mais angélica do que humana. Voava no exercício de todas as virtudes, cumprindo dili-gentemente as ordens de seu Divino Esposo.

A Madre Priora exercita Mariana na virtude da humildade

Sendo a Priora também Mestra de Noviças, encarregou a sobrinha de ajudá-la a cuidar das outras noviças. A jovem ajudante desempenhou-se com perfeição nessa obrigação, servindo-lhe isto para se exercitar mais ainda na virtude da humildade.

A Revda. Madre Maria, querendo vê-la progredir na virtude, a castigava e humilhava em público com rigor, mesmo pelas coisas boas que fazia. No refeitório, dava-lhe severas penitências e repreensões, de tal modo que, vendo-a sofrer com tanta paz, doçura e sorriso nos lábios, não podendo conter seu pranto, ia prosternar-se diante do Santíssimo, e com a fronte em terra dizia: "Senhor, faço tais coisas com esta criatura porque quero que algum dia suba aos altares, pois conheço seus méritos e virtudes".

Nos dois anos de "jovenado"[2] foi um modelo de todas as virtudes e da mais estrita observância. Completado o tempo prescrito pela regra, no dia 8 de dezembro, festa de Nossa Mãe Imaculada, retiraram-na do "jovenado". Ela, com profundíssima humildade, prosternou-se no refeitório diante da

2 **JOVENADO** – Período em que as religiosas — depois de professado estão sob a direção de um diretor, em algumas coisas.

Comunidade, confessando suas faltas e pedindo perdão por seu mau comportamento nesse período. Agradeceu a caridade com que as religiosas a suportaram e com amor seráfico beijou-lhes os pés.

Assim esta pomba inocente sempre se cria criminosa e dizia às irmãs: "apesar de já me retirarem do 'jovenado', eu sempre serei a última de todas"; e o foi efetivamente.

O Divino Esposo a favorece com novo êxtase

Após este ato de humilhação, Nosso Senhor arrebatou-a em êxtase, ficando como que morta. Nessa ocasião as religiosas mal se assustaram, porque sabiam que ela descansava nos braços de seu dulcíssimo Esposo. Nesse delíquio inefável, Deus Nosso Senhor comunicou-lhe o horário que devia observar nas horas livres dos atos da Comunidade, e as penitências a praticar durante cada semana; comunicou-lhe ainda os pontos de meditação nos quais devia se exercitar.

Quando voltou a si, Madre Maria obrigou que ela lhe comunicasse o que havia acontecido, porque tudo deve ser — disse-lhe — com minha benção e licença; ouvindo o que Nosso Senhor ordenava a essa alma acrescentou: "Faze, minha filha, o que teu Deus prescreve". Mas horrorizada com as penitências atrozes disse-lhe: "Diga a Nosso Senhor que tua Priora teme que percas a saúde pelo rigor das penitências".

Nosso Senhor coloca-lhe nos lábios uma gota de licor Divino

Madre Mariana, obediente, deu o recado a seu Divino Esposo no dia 19 de dezembro, ocasião em que foi novamente favorecida pela Divina Majestade e o Senhor, que não quer que suas esposas nada façam sem licença e benção da Priora, respondeu benignamente:

"Não te acontecerá nada, minha filha; pelas penitências, sempre estará fresca e viçosa como uma rosa de abril e assim como transladei minha casa de Nazaré a Loreto, assim farei contigo".

É o prodígio do amor divino! O Esposo Celestial que lhe apareceu-lhe nesta ocasião mais formoso do que o Céu, em Sua rica idade de trinta e três anos, embriagado de amor por Sua pomba tirou de Seu Santíssimo Lado

uma gota de água cristalina colocando-a nos lábios de sua amante Mariana, dizendo: "Isto te fortalecerá em toda sua vida de penitência.

Ao saborear o licor divino, essa virgem casta sentiu nos lábios uma doçura inefável e inexprimível, e em sua alma delicias tão celestiais que só as almas que recebem tais graças podem compreender e exprimir o que Deus Nosso Senhor presenteia aos que se sacrificam por seu amor. Assim, ficou fortalecida em seu corpo para praticar as penitências atrozes ensinadas por seu Amado.

— Capítulo VIII —

A regra das concepcionlstas não prescreve penitências austeras, porque poucas jovens quereriam abraçá-las; permite que as alunas amantes as pratiquem conforme as inspirações divinas e segundo as vias a que estão chamadas.

Madre Mariana de Jesus foi uma heroína praticando penitências atrocíssimas: usava cilícios em todos os menbros do corpo, portando arozinhos de penitência até mesmo na língua e nas orelhas, só ficavam livres, a público, o rosto e as mãos.

As rigorosas disciplinas

Exceto aos domingos, todos os dias aplicava-se três disciplinas, uma das quais sanguinolenta. No advento e na quaresma eram três sanguinolentas e outras seis também muito dolorosas, pois usava bastante urtiga. Na semana santa eram nove vergastadas diárias e todas as sextas-feiras do ano atormentava seu paladar colocando alguma coisa muito amarga na boca.

Não satisfeita com o rigor com que se martirizava, fazia-se açoitar por mão alheia. Para isto valia-se de uma mulher robusta que vivia no Convento, chamada Martina Ceferina de la Vega. Esta jovem foi ensinada e doutrinada em nossa fé pela Madre Mariana de Jesus e recebeu no Mosteiro o Santo batismo, aos doze anos de idade; ela era a confidente para suas penitências.

Aparição da Sagrada Família no exercício da "Via Crucis"

Nas noites das sextas-feiras fazia pelos claustros inferiores o exercício da Via Crucis, até o raiar da aurora. Numa das noites em que entrava pelo Coro inferior, carregando a Cruz, apareceu-lhe a Sagrada Família: Jesus, Maria, José e o Menino Jesus presenteou-lhe flores.

Ainda nas sextas-feiras não comia absolutamente nada, por ter os condutos fechados. A Priora ordenava que comesse algo e ela por obediência punha a comida na boca, mas não conseguia engolir. O confessor — frade Menor — ordenou-lhe o mesmo, e vendo que não podia comer entrou com o médico, Sr. Sancho, para examiná-la. Este, examinando-a diligentemente, encontrou seus condutos fechados; e calou-se na presença de soror Mariana, apenas meneando a cabeça. Mas ao retirar-se disse às religiosas e ao confessor: "Isto é coisa sobrenatural, deixem-na quieta". E assim continuou sua vida de sacrifícios. É fora de dúvida que a violência do sofrimento pela Paixão do Senhor, impedia-lhe de comer.

Aos sábados, penetrava tanto nas dores da Santíssima Virgem, que não havia o que a consolasse, e a duras penas bebia um pouco d'água. Todos os dias se crucificava por um quarto de hora, em uma grande cruz, que tinha guardada em seu quarto escuro de sua cela, onde reunia todos os instrumentos de penitência e martírio para seu corpo inocente.

Nessas crucifixões pendia sustentada apenas por alguns cordéis.

Todas as sextas-feiras do ano, após as Vésperas e Completas, fechava-se em sua cela e fazia uma hora de penitência, acompanhando Nosso Senhor quando fora açoitado na coluna. Passava então longos períodos crucificada.

— Capítulo IX —

Nas horas da sesta, as penitências atrozes

Quando descia da cruz, se disciplinava, esbofeteava-se ou ainda andava de joelhos martirizando-se todos os dias na hora da sesta. Algumas religiosas aplacavam a justiça divina, com o rigor de suas penitências. Madre Mariana, qual vitima inocente, se fechava em sua cela, penetrando nos tormentos de seu Amado, e começava a acompanhá-Lo quando Pilatos sentenciou os açoites, introduzindo-se no Coração de Nosso Senhor e participando dos seus sentimentos nesse momento.

A esposa amante se compadecia de seu Senhor desfalecido, dilacerando-se com três espécies de atrocíssimas disciplinas, para imitar a Jesus, que foi fustigado com três tipos de crudelíssimos açoites.

A cândida pomba, destroçada e banhada em sangue, passava toda a hora de silêncio na altíssima contemplação dos tormentos de Jesus, e tocando o sino para Vésperas, saía de sua cela dirigindo-se para o Coro, com um rosto de bem-aventurada, em tão profundo recolhimento, que até mesmo os Anjos a admiravam.

Quais seriam os castos abraços, os ternos ósculos que esta alma extática daria na própria Pessoa do Jesus Cristo presente no Sacramento de seu Amor?

Oh! só almas que saborearam as delícias da penitência podem exprimir as riquezas do amor com que Jesus Cristo as trata!

Os jejuns e os desamparos no decurso da Semana Santa

Os jejuns da Igreja e os da regra, ela observava rigorosamente. Aos domingos comia tudo o que lhe serviam no refeitório, inclusive a fruta que costumavam dar nesses dias, por que se rejubilava pela Ressurreição do Senhor. Assim como Ele lhe comunicava as dores e aflições de sua Paixão, fazia-lhe participar também das alegrias de sua Ressurreição.

Na semana santa, essa heroína amante pedia a seu Divino Esposo lhe tirasse toda consolação espiritual e que lhe deixasse desamparada, para poder participar do desamparo e agonia que Jesus Cristo padeceu na Cruz; isto lhe era concedido, e ela passava esses dias aniquilada e desfalecida pela violência da dor que seu Senhor lhe comunicava.

Dormia só três horas por noite, sempre sobre uma pele de carneiro lisa e em cama dura, porque jamais conheceu a suavidade de um leito, e tratava seu corpo com tal rigor, como se este fosse seu maior inimigo.

Assim, esta virgem inocente se valeu de sua natureza para só imolar-se como vítima nas aras do sacrifício e do amor. Para imitar seu Amante crucificado usava coroa de espinhos e correntes no pescoço, com as quais a tinha cativa o próprio Deus, concedendo-lhe em sua misericórdia o que pedia. Deste modo Ele premeia os sacrifícios dos que O amam.

A vida da Madre Mariana de Jesus foi uma oração continua. Correntemente rezava quatro horas, além das duas horas de oração diária prescrita pela Regra: da meia-noite à uma da manhã; das três às quatro da madrugada, e em outras horas livres. Nosso Senhor lhe disse que as pessoas que têm por devoção rezar à meia-noite receberão muitas graças, sendo acompanhadas, nessa hora, pela Divina Majestade.

No êxtase que teve no segundo ano de sua profissão, Nosso Senhor prescreveu-lhe o seguinte método para rezar:

SEGUNDAS — O lava-pés de Nosso Senhor a seus discípulos e instituição da Sagrada Eucaristia...

TERÇAS — A oração de Nosso Senhor no Horto e a prisão do Salvador...

QUARTAS — Apresentação de Nosso Divino Redentor diante dos Pontífices e Juízes e os açoites que padeceu por nosso amor, atada à coluna....

QUINTAS — A coroação de espinhos, o "Ecoe Homo", e como levou a cruz às costas até seu crucificado;

SEXTAS — O sagrado mistério da cruz de Nosso Divino Redentor, as sete palavras e sua morte;

SÁBADOS — A lançada que Lhe deram quando já morto, dor e pranto de sua Mãe Santíssima e as cerimônias.

DOMINGOS — Como a alma de Nosso Divino Redentor desceu ao Limbo, sua gloriosa Ressurreição, suas aparições a Nossa Senhora, a Madalena e a seus discípulos.

Madre Mariana meditava esses pontos toda a semana, começando a partir de onde havia ficado na semana anterior. Assim cultuava a Sagrada Paixão de Nosso Senhor de quem era devotíssima.

MEDITAÇÃO DAS TARDE SEGUNDAS — O conhecimento de si mesmo, recordação dos pecados e sua gravidade;

TERÇAS — A condição e miséria da vida humana;

QUARTAS — A morte;

QUINTAS — O JUÍZO Final;

SEXTAS — O Inferno;

SÁBADOS — A Bem-Aventurança da glória;

DOMINGOS — Os benefícios divinos recebidos, tanto gerais quando particulares, e a divida infinita de gradidão para com Nosso Deus amantíssimo.

Sua profunda intimidade com o Anjo da Guarda

Estes pontos, Madre Mariana os meditava, com seráfico fervor. Deus Nosso Senhor concedeu-lhe tivesse muita intimidade com seu Santo Anjo da Guarda, que lhe aparecia figurado em um jovem belíssimo de dezoito anos. Tinha no peito um relicário com os sagrados nomes de Jesus e Maria; os reflexos divinos que dali irradiavam, comunicavam à Revda. Madre as

luzes celestiais que a iluminavam. O Anjo estava como que armado para um combate. A visão de seu Santo Anjo Custódio a fortalecia contra a terrível serpente, que visivelmente a perseguia, retorcendo-se atrás dela e dizendo: "Não te deixarei com vida".

A virgem inocente sorria e o Anjo a defendia, de modo que o demônio, em figura de serpente, atormentava muito Madre Mariana e seu Anjo Custódio a fazia sair sempre vitoriosa no combate, porque combatia com as armas da humildade e prática de todas as virtudes, sendo a oração e a penitência os dardos que faziam a serpente retorcer-se.

Como mais adiante se verá, o amor a Jesus Sacramentado feria o monstro infernal.

— Capítulo X —

A paixão dominante da Madre Mariana era o amor a Jesus Sacramentado. Não contente em passar a seus pés nas horas comuns de oração, empregava todos os momentos que podia para aliviar sua alma enamorada junto de seu Amante, comunicando-Lhe suas penas interiores e exteriores. Levava os seus trabalhos à Sua Santíssima presença para que até nessas coisas seu Amado lhe ensinasse.

Aos pés do Tabernáculo confia a seu Amado seus segredos de dor

A Santa Religiosa sofria as injúrias de suas irmãs sem abrir os lábios para desculpar-se ou queixar-se, e só aos pés do Tabernáculo confiava a seu Amado seus segredos de dor. Um dia em que ocorreu com suas irmãs uma coisa muito grave, Madre Mariana a sofreu em silêncio, e indo aos pés de Jesus Cristo, comunicar-Lhe seus tormentos e pedir-Lhe fortaleza, Este lhe disse:

"No dia em que Te desposei, experimentei com cuidado tua vontade, e agora estás na plenitude de teus padecimentos".

Ao que respondeu a cândida virgem: "Senhor, minha vontade está pronta, mas a carne é fraca..;" E Nosso Senhor lhe disse: "Não te faltará fortaleza, assim como não falta nada à alma que Me pede".

Nisto ouviu um ruído espantoso, vendo que toda extensão do Templo estava imersa numa escuridão, como que de pó de fumo. Assustada, creu que o edifício viesse por terra e se perguntava: "Que é isto?", pois não tinha havido tremor de terra.

Repassando sua consciência não encontrava nada que lhe arguisse de pecado, e em sua profunda humildade julgava-se culpada.

Aparição de Nosso Senhor Sacramentado, da Santíssima Virgem e da Madalena

No meio da escuridão da Igreja, viu o Altar-mór claro como em pleno dia, e estando ajoelhada, de repente o Sacrário se abriu, saindo o Santo Cristo, no tamanho em que estava no Gólgota, a Santíssima Virgem aos pés de São João e a Madalena, vertendo lágrimas de pérolas.

O Santo Cristo, que estava sem a Chaga do Lado, começou a agonizar.

Vendo isto, a virgem humilde, crendo-se culpada, prosternou-se em terra com os braços estendidos em forma de cruz, clamando: "Senhor, sou eu a culpada, castiga-me a mim e perdoa teu povo".

Então, seu Anjo da Guarda levantou-a, dizendo: "Não és tu a culpada, levanta-te e vem, que vão te comunicar um grande segredo".

Levantou-se e viu a Santíssima Virgem: "Minha Senhora — disse-lhe — sou eu a culpada?" Ao que Esta lhe respondeu:

"Não, não és tu, mas o mundo criminoso". Então o Senhor começou a agonizar, e ouviu a voz do Padre Eterno que dizia:

"Estes castigos são para o século XX". Viu três espadas sobre a cabeça do Santo Cristo, e que em cada uma dizia: castigarei a heresia, a blasfêmia e a impureza. Conheceu, então, tudo o que aconteceria nesse século. A Santíssima Virgem prosseguiu:

"Queres, minha filha, sacrificar-te por esse povo?" Ao que respondeu: "Minha vontade está pronta". E imediatamente as espadas se desprenderam do Santo Cristo, cravando-se no coração da Madre Mariana, a qual caiu morta pela violência da dor.

A morte de Madre Mariana

Como era sempre a primeira em todos os atos da Comunidade, as re-

ligiosas vendo que não aparecia foram buscá-la, encontrando-a morta e gelada no coro inferior. Levaram-na até sua cama, trocando a pele lisa de carneiro por um colchão suave. As freiras culpadas, que a atormentaram pela manhã, vendo que não dava sinais de vida, cercaram-na, beijando-lhe as mãos e dizendo: "Perdoai-nos, Madre Mariana, porque não sabíamos o que fazíamos".

A Madre continuava com a fisionomia de um cadáver. Chamaram o médico, Sr. Sancho, que a examinou aflito por não encontrar sinais de vida. Depois de várias tentativas médicas, disse com lágrimas nos olhos: "Madre Mariana está morta, sua bela alma deixou a formosa residência de seu corpo. Chamem um pintor que a retrate antes de ser enterrada".

Despediu-se da comunidade manifestando seu profundo pesar, e aproximando-se da defunta disse: "Virgem religiosa, lembra-te de teus devotos, que ficaremos peregrinando neste mundo". O médico saiu e tornou pública na cidade a morte de Madre Mariana.

Com a notícia o povo agitou-se, golpeando as portas da Igreja e clamando lhes fizessem beijar as mãos de seu precioso tesouro. Entretanto, acorreram os melhores teólogos da Ordem Menor, com o Padre diretor da Revda. Madre. Quando chegou o pintor não pode entrar, porque uma força irresistível o detinha.

Os frades menores, aproximando-se do leito da defunta, fizeram várias experiências, e como não dava sinais de vida as religiosas culpadas entraram para confessar seu delito. O Revdo. Padre Provincial repreendeu-as severamente, impondo-lhes penitência. Nesse Ínterim, o frade Diego rezava num canto da cela e foi arrebatado em êxtase. O Padre Provincial censurou-o com acrimonia, mandando-lhe, em nome da Santa obediência, que voltasse a si, dizendo: "Saia do Mosteiro e vá para seu convento, sem perturbar as monjas no canto de sua cela" assim fez o frade osculando a mão de seu Prelado.

Mariana apresenta-se diante do Trono da Santíssima Trindade

Oh! juízos incompreensíveis de Deus aceitando o sacrifício da vítima inocente! Morreu verdadeiramente a Madre Mariana, apresentando-se ao juízo de Deus, que não encontrando nela culpa alguma disse:

"Vem, bendita de meu Pai, receber a coroa que te preparamos desde o

princípio do mundo, porque em teus ternos anos ouvistes minha voz e deixando teu solo pátrio viestes a terras longínquas para sacrificar-te por meu amor". Dito isso, apresentou-se diante do Trono da Santíssima Trindade, compreendendo algo desse mistério inefável. O Padre Eterno regozijou-se por tê-la criado; o Filho Divino por tê-la redimido e tomando por sua esposa, e o Espirito Santo por tê-la santificado.

No Céu, a alma de Madre Mariana estava nessas delícias inefáveis, enquanto na terra se elevavam orações fervorosas pela sua vida, especialmente as da Madre Maria, a qual como solitária gemia por não ter quem formasse suas noviças, pois tinha posta na sobrinha a esperança de prosperidade das Concepcionistas. Chamava a Deus pela preciosa vida de tão santa e ilustre religiosa. As freiras também oravam em união com os Revdos. Padres Menores, que não abandonavam seu leito, colocando em seus pés fumos quentes para ver se voltava a si. Vendo-a completamente morta redobravam seus rogos, especialmente frei Diego.

Nosso Senhor apresenta-lhe duas coroas

Nosso Senhor, querendo atender as súplicas humildes de seus servos, faz a Madre Mariana ver como a oração pela sua vida subia ao trono de Deus, e apresentou-lhe duas coroas: uma de glória imortal, cuja formosura ela não podia exprimir e outra de açucenas cercadas de espinhos, e lhe disse:

"Esposa minha, escolha qualquer uma destas coroas", fazendo-lhe entender que com a mortal ficava na glória e com a outra voltava a padecer no mundo. A Virgem humilde disse, então, a seu Amado, que escolhesse sua Divina Majestade e não ela.

"Não, disse-lhe o Senhor, porque quando te tomei por esposa provei tua vontade, e agora faço o mesmo".

Essa alma bem-aventurada, absorta e embriagada de alegria, conheceu todas as religiosas concepcionistas de seu Mosteiro, com seus nomes e ofícios que desempenhariam, as graças que receberiam e como haveriam de corresponder até o último dia do mundo. Viu que alguns ofícios seriam contrários à vontade de Deus e que religiosas não tendo graças para desempenhá-los cometeriam muitos deslizes. Rogou por todas, e conhecendo as que seriam infiéis gemeu por elas diante do trono de Deus. Viu que a algumas mestras de noviças se condenariam não por pecados próprios, mas pela má formação das noviças. Foi-lhe revelado que, retornando ao mundo, desempenharia esse difícil cargo. Viu que os frades Menores seriam afasta-

dos do governo do Mosteiro, e todos os sofrimentos que, em razão disso, padeceria a comunidade.

Em nosso modo de entender essa alma feliz estava absorta, sem escolher a coroa que Nosso Senhor lhe apresentava.

Oh! como resolveu este problema tão grave e de suma importância para a Ordem das Concepcionistas?

Parece que Madre Mariana deveria ficar no Céu, assegurar seu destino e gozar o imenso prêmio eterno, merecido por seus sofrimentos, dentre os quais o de haver suportado as perseguições e injúrias que suas irmãs lhe ocasionaram. Por que expor-se a novos combates, horríveis padecimentos neste mundo miserável, ela que goza as carícias do Esposo?

Por que se sujeitou a ver seu amor Sacramentado oculto sob um véu, ela que contemplava face a face em inefável deleite o mistério da Eucaristia?

"Eu deixei as glórias do Céu e desci a terra para proteger meus filhos"

Oh! heroína! como vais descer do Céu, deixando tantos gozos para padecer? A vítima seráfica, por amor a sua Ordem Concepcionista, compreende estes segredos inefáveis. Para este combate, sua Mãe amante, a Imaculada Conceição, aproximou-se dizendo: "Minha filha, eu deixei as glórias do Céu e desci à terra para proteger meus filhos. Quero que me imites nisso também, e tornes a viver, pois tua vida é muito necessária para a Ordem da minha Conceição".

Ai da Colônia no século XX! No já então culpado Equador, se não houver almas que com sua vida de imolação e sacrifício aplaquem a Justiça Divina, choverá fogo do Céu e consumindo seus habitantes purificará o solo de Quito. Uma dessas almas neste meu Mosteiro em todos os tempos, os quais, imitando-te, aplacarão a justiça Divina".

Conhecendo ser esta a vontade de Deus, pelo sacrifício de sua Mãe Imaculada, a humilde religiosa disse:

"Minha Senhora e Mãe, cumpra-se em mim a vontade Divina. Ai! como minha alma se estremece em vista do perigo iminente de perder-me, voltando à vida e tendo que desempenhar os cargos delicados de Priora e Mestra de Noviças. Como Priora devo ser mãe carinhosa como tu és, mas

ao mesmo tempo devo ter fortaleza, para não deixar decair a única observância regular que conserva os Mosteiros, sobretudo o estrito silêncio que manda minha santa Regra, irmanado com a união e caridade, que em certas ocasiões devem chegar até o heroísmo.

Como Mestra me dais a conhecer a formação que devo dar a cada alma a mim confiada, estudando o caráter e rezando incessantemente para compreender o grau de virtude a que cada qual é chamada para ocupar aqui e no céu, sob teu manto azulado, o lugar que lhe é devido; colocando por alicerce de tudo isso aquela profundíssima humildade, da qual Tu, Rainha das Virgens, nos deste exemplo.

Sei que devo praticar as virtudes, com cada noviça, desde a base até a mais elevada santidade, conforme os vôos do espírito de cada uma, a fim de que, sem mácula, sejam dignas imitadoras de sua Mãe.

Suscitando religiosas santas para a conservação do meu amado Mosteiro, eu rezarei e me sacrificarei a fim de que a Mestra seja outra de minhas irmãs, pois todas são melhores do que eu. Por falta de virtude não me considero apta para tal função. E como, Virgem casta, formarei aquelas jovens que, tendo pedido a virgindade, me entregas para esposa d'Aquele que se recreia entre lírios e açucenas?

Mariana: "Tu não serás propriamente a Mestra, mas sim Eu..."

Ao que a Senhora Imaculada respondeu: "Filha de Meu Coração, não temas, tu não serás propriamente a Mestra, mas sim Eu. Por teu intermédio, transformarei as tuas noviças em santas religiosas. Esta jovem, a quem Jesus chamou para seu jardim fechado, trata, educa e forma como as outras, pois já chorou seu pecado e qual amante Madalena se lança aos pés do Divino Mestre. Esta alma está fundada na humildade e será religiosa de muito espírito, a quem meu Divino Filho muito ama, e levando-a logo da terra a introduzirá no Céu para reunir-se com suas irmãs concepcionistas. Só não poderá cantar o cântico novo".

Enquanto isto se passava no Céu, ela escolheu humilde e resignada, a coroa de açucenas coroada de espinhos e voltou ao mundo para sofrer. Neste mesmo momento, o Revdo. Pe. diretor, inspirado por Deus, aproximou-se do leito da Madre Mariana e lhe disse:

"Madre Mariana ordeno-te, em nome da Santa obediência, que, se es-

tás morta, tua alma volte ao corpo para que viva, e nos preste conta do que te aconteceu".

Oh! prodígio! No mesmo instante exalou um leve suspiro, abriu seus olhos ainda vidrados pela morte e disse: "Padre! porque mandaste, embora com tanto desprezo a Frei Diego, no momento em que nos comunicávamos".

A ressurreição de Madre Mariana

Chamado o médico, Sr. Sancho, este entrou no quarto e perguntou: "O que aconteceu?". Respondeu a Madre Maria: "Madre Mariana esta viva". "Está "morta", replicou; e entrando apressadamente na cela, encontrou-a viva com suas costumeiras faces rosadas. Assustado deu dois passos para trás, pensando tratar-se de uma ilusão.

Então, os frades Menores animaram-no, dizendo-lhe: "Madre Mariana está viva. Aproxime-se e veja". Ele aproximou-se e examinando-a disse, meneando a cabeça: "Padres meus, nada tenho que receitar-lhe. Isso não é comigo, mas sim diz respeito a Vossas Paternidades". Só receitou uma bebida fresca, para a secura da boca, e despediu-se imediatamente.

O Padre diretor ficou a sós com Madre Mariana pedindo-lhe explicação pelo que havia passado. Humildemente ela comunicou-lhe tudo. Chegando no ponto em que dizia que ela seria Mestra de Noviças, rogou ao diretor lhe impusesse, sob obediência, não comunicasse isso a Madre Maria:

Padre meu — disse-lhe — temo que isto seja ilusão", e se humilhava profundamente, temendo caísse sobre seus ombros cargo tão delicado.

O Padre atendeu sua súplica, dizendo à Madre Maria que sóror Mariana lhe contaria tudo, exceto um ponto que lhe tinha proibido sob obediência.

Madre Mariana disse a seguir:

"Padres meus, muito lhes agradeço sua assistência e tudo o que fizeram por mim, mas agora já não é necessário que aqui permaneçam. Podem ir para o convento". Os frades saíram imediatamente, edificados pela delicadeza de consciência dessa santa religiosa.

Um confrade é arrebatado em êxtase, vendo a glorificação da santa no Céu

Logo que chegaram ao convento, o provincial foi procurar o confrade Diego, encontrando-o trabalhando em Sua cela. Repreendeu-o severamente perguntando como pode dormir na clausura, inquietando as freiras. O confrade respondeu: "Padre meu, não era sono natural, mas místico" O provincial aumentou sua repreensão, dizendo-lhe que era um sonho. De fato este irmão era um santo.

Então penitenciou-o, fazendo-lhe comer pão e água no refeitório e beijar os pés dos religiosos, o que fez com santa alegria, sendo presenteado por Nosso Senhor com grandes favores.

O provincial, desejando saber o que se passara no êxtase que teve na clausura das monjas, perguntou-lhe: "Irmão, o que sonhastes, pois, quando dormistes no Mosteiro?". Com santa simplicidade, respondeu "estava rogando a Deus pela saúde e vida da Madre Mariana e vi que morreu, apresentando-se sua alma ao Juízo de Deus. O Senhor, vendo-a limpa de toda mácula, disse-lhe: "Vem, bendita de meu Pai, receber a coroa que te preparamos desde o principio do mundo, porque em teus ternos anos ouvistes minha voz e deixando teu solo pátrio viestes a terras Iongínquas para sacrificar-te por meu amor". Dito isso, apresentou-se diante do Trono da Beatíssima Trindade. O Padre Eterno regozijou-se por tê-la criado, o Filho por tê-la redimido e o Espírito Santo por tê-la santificado.

"Vi também a glória imensa que esta feliz alma receberia pelos sofrimentos e injúrias, sofridas em silêncio e motivadas pelas suas irmãs. Nisso Imitava Jesus Cristo, seu Esposo, que sofreu por essas situações, quando padeceu nos tribunais, durante sua dolorosíssima Paixão.

"Vi ainda que as orações da Comunidade pedindo sua vida, em especial as de Madre Talvada, subiam ao Trono de Deus, e que Nosso Senhor apresentou-lhe duas coroas: uma imortal formosíssima, se ficasse na glória celeste e a outra com açucenas cercadas de espinhos, se retomasse à vida. O Senhor fez-lhe escolher, mas nesse momento Vossa Paternidade me chamou, e não soube o que aconteceu". Com isto o Padre Provincial certificou-se mais da santidade da Madre Mariana.

Assim que os Padres saíram do Mosteiro, as religiosas foram abraçar Madre Mariana, e ela estendia seus braços a cada uma com um amor tão

acalorado, que parecia descido do Céu, desdobrando-se assim em afetos fraternais em relação a suas Irmãs.

A Madre Maria quis, a seguir, falar-lhe a sós. Esta virgem prudente lhe diz: "Minha Mãe, antes de mais nada devemos dar graças a Nosso Senhor, aos pés do Santíssimo Sacramento".

Ato contínuo prosternaram-se diante de Jesus Sacramentado e concluída a ação de graças, Madre Mariana retirou-se a sós com a superiora para prestar-lhe contas de tudo o que havia acontecido. A Santa Priora lhe disse: "Minha filha, disseste-me tudo?", "Sim, Minha Mãe, exceto um ponto, que por obediên-cia não posso dizer-lhe".

Atormentada, a Madre Maria diz-lhe: "Minha filha, tenho um espinho em meu coração. Temo perder-me por não ser apta para governar. Talvez a comunidade se acabe e devemos dispor os meios para voltarmos a nossa terra natal, Espanha". Madre Mariana sorriu, respondendo:

"Não é nada disso, Minha Mãe, é algo que diz respeito a minha pessoa e que saberás quando Deus quiser". E para tranquilizá-la disse ainda:

"Minha Mãe, não te aflijas a situação do Convento; nem pense em irmos para a Espanha, porque este Mosteiro nunca se acabará".

— Capítulo XI —

Retornada ao mundo, por amor a suas Irmãs, dedicou-se com maior empenho a praticar a vida monástica do sacrifício e do amor. Desempenhou os ciclos que a obediência lhe confiara com extraordinária prontidão e com incêndios de amor seráfico. Fizeram-na enfermeira, e assim desdobrando-se em afetos amorosos para com seu Amado, servindo as enfermas como se verdadeiramente em cada uma estivesse padecendo Nosso Senhor Jesus Cristo.

Oh! Com que humildade, compaixão e caridade servia e consolava os membros padecentes de seu Senhor Crucificado; que torrentes de consolos derramava no leito de dor.

Certa ocasião, uma jovem acidentou-se, queimando a metade da face e todo um braço. Entrando o médico, Sr. Sancho, viu que a avaria era mortal e que não viveria, por ter queimado até os ossos. Madre Mariana, em lágrimas, curava-a de joelhos. Vendo isto, o Sr. Sancho disse: "Se a Madre Mariana fizer um milagre salvar-se-á". Com efeito, depois de um mês, ficou completamente sã. E diante do prodígio o Sr. Sancho exclamou: "Madre Mariana é uma santa. Se os seculares soubessem disso levá-la-iam para os hospitais de empestados, e a todos curaria. Assim como a sombra de São Pedro sarava os enfermos, assim também a sombra da Madre Mariana curaria todos os que dela se aproximassem".

Oh! Como o Sr. Sancho conhecia a virtude desta aromática açucena, examinando os êxtases dessa criatura angelical desde menina, compreendendo a fragrância de sua penitente e inocente alma!

Madre Maria, temendo que a sobrinha se envaidecesse pela cura estupenda, disse-lhe: "quão atinado é o Sr. Sancho, tem muitos conhecimentos, que cura bem feita". Madre Mariana respondeu sorrindo: "A misericórdia de Deus fez essa cura".

Ofício de Provedora

Madre Mariana desempenhou-se prodigiosamente no ofício de provedora. Quando o pão não bastava ela o multiplicava com sua mãos. Muitas vezes, devido à pobreza do Mosteiro, faltava o necessário para o sustento das religiosas. Então a santa prosternava-se aos pés de Jesus Sacramentado, tirando desse rico tesouro o socorro para sua Comunidade. Levantava-se dos pés de Jesus Cristo, e ato contínuo vinham de fora as doações de alimentos.

Oh! Com que gratidão, alegria e humildade, Madre Mariana recebia o presente que seu Divino Esposo dava para suas irmãs! Ela mesma o distribuía, e tudo era suficiente, porque passava por essas mãos criadas por Deus para instrumento de suas misericórdias.

Oh! claustros benditos, testemunhos de tantas maravilhas; benditos locais de trabalho, santificados com as virtudes heroicas de Madre Mariana; benditas religiosas, que tantas vezes saciaram a fome e as necessidades com os milagres conseguidos pela oração a penitência de sua santa provedora.

Ofício de Sacristã

Esse ofício ela o desempenhou prodigiosamente como um serafim.

Oh! que afetos ardentes, que fé tão viva, que humildade tão profunda para servir ao Cativo de seus Amores. Quando em seus incêndios seráficos via-se desolada, com essa confiança que o amor inspira, dizia-Lhe:

"Se precisas de mim, Amor meu, porque pareceis dormir? Até quando? Que sono tão pesado tens! desperta-te, pois teu sono já se faz longo, afogo-me em um mar de tribulações, e tu dormes? despertar-te, Amor meu, socorre-me". E outras vezes, aos pés do Tabernáculo, dizia: "Pensas que não precisas de mim. Amor meu?" Tratava, assim, com filial confiança a Jesus Sacramentado.

Quando a lamparina do Santíssimo se apagava, rogava ao seu Anjo da Guarda fosse acendê-la, o que este fazia prontamente. Às vezes pela noite, quando a virgem enamorada dormia, seu Anjo a despertava, dizendo-lhe: "minha Irmã, a lamparina de teu Amado está apagada", e ela, repreendendo-o, dizia: "por que ao invés de despertar-me não a acendestes com teus resplendores?" e correndo em direção ao Coro, encontrando seu Amado às escuras, fazia seu Anjo acender a lamparina.

Como esta humilde religiosa ficava desagravando a Nosso Senhor Sacramentado! Como seu coração se desfazia pelos gemidos do amor seráfico que o consumia, e o Divino Prisioneiro que doces colóquios teria com sua amada?

Oh! Noites felizes passadas em delícias inefáveis, nas grades do coro, com a humilde virgem concepcionista.

Aqui bem se pode exclamar como São João da Cruz:

"*Oh! noche en que uniste Amante con la amada!*

Oh! noche tan feliz clara cual la alloradal"

Ofício de Irmã Rodeira

O ofício de rodeira desempenhou-o como um Apóstolo do Divino amor. Os pecadores que vinham a roda atraídos pelo ímã suavíssimo de suas palavras, retiravam-se compungidos, feridos pelo timbre dessa virgem caritativa e se convertiam.

Oh! quem poderá compreender as conversões miraculosas que Madre Mariana conseguiu na roda? As almas que dali se aproximavam melhoravam. Se o coração da rodeira era uma fornalha ardente de amor Divino, não é de estranhar que as almas tíbias se acalentassem ao se aproximarem dela e que as amantes também se afervorassem.

A santa rodeira era toda caridade. Quando não tinha a quem mandar para satisfazer as necessidades de suas Irmãs, rezava ao Anjo da Guarda para que trouxesse o que fosse mister. Então a serpente, que sempre a perseguia, se retorcia junto à roda e Madre Mariana lhe dizia: "Ociosa, porque não tens o que fazer estás aqui te retorcendo", e ainda outras palavras humilhantes: "Vai-te daqui" e fechava a porta, dando a serpente alaridos terríveis.

Retornando o Santo Anjo, trazendo o que precisava, avisava-lhe onde estavam as freiras para que lhes fosse entregar.

É fácil compreender a paz, caridade e união em que nesses tempos ditosos vivia a Comunidade, santificadas as rodas e cumprida ao pé da letra a Santa Regra, deixando Madre Mariana em todos os ofícios santos modelos para serem imitados.

Ofício de Vigária do Coro

Desempenhou o ofício de Vigária do Coro com um zelo pelo culto Divino que invejaria os próprios Anjos. Que recolhimento, humildade e fervor no Ofício Divino! que pontualidade na recitação das horas. Se ela viu no Céu como os Anjos louvam a Deus três vezes Santo, como imitaria na terra a salmodia Divina, alternando o Coro de Concepcionistas com o Coro Angélico?

Certa ocasião em que limpava as cadeiras do Mosteiro, apareceram-lhe religiosas falecidas, que estavam penando no Purgatório, por terem quebrado o silêncio no Coro, ou por várias distrações na recitação do Ofício, ou ainda por faltas nas orações. Madre Mariana, com seus rogos e súplicas, aliviava as suas penas.

Desempenhava-se do culto divino primorosamente. Os Revdos. Frades Menores lhes ensinavam a música e o canto gregoriano. Madre Mariana, dotada de voz melodiosa, cantava e tocava o órgão alternando com suas Irmãs. Não é possível externar os afetos amorosos com que esse seráfico cisne cantava a Jesus Sacramentado e à Sua Mãe Santíssima, sendo essa, virgem santa a peça mestre que instruía suas Irmãs, a fim de que pudessem desempenhar o culto Divino.

Esta humilde religiosa, quando saiu do "Jovenado" disse que seria sempre a última de todas, e assim o foi. Aos sábados, dia da limpeza geral, ela varria por quatro religiosas e quando Madre Maria mandava que não se agitasse tanto, respondia com humildade: "Minha Mãe, é melhor servir um dia na casa do Senhor, do que passar longos anos nas do mundo".

Preferentemente varria os claustros inferiores, porque por ali fazia, às noites, suas penitências ocultas. Os demônios, querendo assustá-la, espalhavam uma quantidade enorme de vermes, os quais deitavam imundície

asquerosa pelos claustros. Somente ela via esse enxame de animais, e com o sinal da Cruz todos desapareciam, deixando limpo o local que havia varrido.

Certa ocasião, vendo Madre Maria que o piso já estava limpo, perguntou-lhe: "Já está bem limpo?" Madre Mariana fez então o sinal da Cruz e os vermes desapareceram com estrondo. A Superiora assustou-se, perguntando: "O que aconteceu? " Ela respondeu com um leve sorriso.

Oh! claustros felizes, campo dos combates e triunfos desta heroína. Locais floridos por sua terrível penitência!

É de se notar que tendo desempenhado os ofícios do Convento, desde os mais humildes até o mais elevado de Priora, portou-se sempre com humildade e docilidade, como se fosse a última noviça leiga. Seu trato era doce e suave, prudente, discreta, afável de tal modo que as próprias religiosas que a atormentavam e perseguiam, chegaram a conhecer o tesouro precioso que tinham nela. E como Madre Maria soubesse que estas a estavam estimando, afligiu-se muito, rogando a Nosso Senhor não lhe privasse do sofrimento e das injúrias, porque sabia o prêmio imenso que tem no Céu a alma que padece unida à Paixão de Nosso Senhor, e seu Divino Esposo concedeu-lhe o rico tesouro das humilhações, sofrimentos e desprezos.

— Capítulo XII —

Os anos desta vida mortal corriam céleres e Madre Mariana de Jesus, como valente guerreiro, combatia os combates do Senhor, adquirindo triunfos e honras em cada batalha. Sua vida, toda morta para o mundo, estava escondida com Cristo em Deus. A cada momento ascendia a maiores virtudes. Progredia até chegar aos altos cumes da perfeição, à qual Deus a chamava.

Quando a Santíssima Virgem comunicou-lhe, no Céu, que seria Mestra de noviças, esta humilde violeta, que em si só via indignidade e miséria, não cessava de chamar a seu Divino Esposo, com terno gemido, dizendo: "Amor meu, afaste de mim este cálice tão amargo".

Madre Mariana é escolhida para Mestra de Noviças

Mas Jesus não a escutou, e chegando o tempo destinado por Deus, as religiosas escolheram unanimente Madre Mariana de Jesus para Mestra de Noviças, e sem atender os ternos gemidos e arrulhos da humilde pomba puseram sobre seus ombros a pesada cruz. Parece que este foi o maior sacrifício a que Deus a sujeitou. Não tendo outra vontade que a de seu Divino Esposo, devia submeter-se, imitando suas próprias palavras, "não se faça minha vontade, mas a Vossa".

Na noite em que recebeu o noviciado em presença de suas súditas — três noviças e quatro pretendentes — prosternou-se diante delas, como se fosse confessar suas culpas, dizendo com suma humildade:

"Minhas irmãzinhas, a Comunidade incumbiu-me deste Ofício, não

porque tenha algum mérito, mas para que venha aprender consigo as virtudes. Peço-lhes me olhem e tratem como irmã. Sou uma Irmã mais velha, e enquanto tal me terão confiança. Venho formar suas almas para que sejam religiosas santas e chegará o dia em que saberão que não sou eu a Mestra, mas sim a Santíssima Virgem. Sou um débil instrumento d'Ela. E só disporei o que Ela disponha".

Com estas e outras razões de humildade começou a governar as noviças, fazendo-se toda para todas. A cada uma dirigia conforme o grau de virtude a que Deus lhe chamava. O número das jovens multiplicava-se prodigiosamente.

Seu noviciado foi só de almas escolhidas, pois não permitia entrar quem não tivesse vocação. Madre Mariana formava suas noviças de tal modo, que todas saíram excelentes religiosas e muitas santas. Assim, a santa Mestra formou uma geração de religiosas de tão bom espírito, que até hoje existe a semente preciosa dessa frondosa arvore de virtudes.

Oh! tempos felizes: em que nossa santa Irmã fazia de seu noviciado um paraíso de delicias, no qual passeavam o Divino e Sua Mãe Santíssima, servidos em espírito e verdade.

Conhecia a fundo o interior de cada religiosa

Quando as noviças iam professar, a santa mestra as preparava dirigindo-lhes práticas, conforme o espírito de cada uma. Na véspera da profissão lhes comunicava tudo o que teriam que passar segundo o caminho que Nosso Senhor lhes traçava. Avisava-lhes também como e quando morreriam, e para as que deixariam esta vida antes dela, dizia: "Minha filha, eu não me separarei de teu leito até te entregar tua alma nas mãos de Deus Nosso Senhor. E dizia para as que morreriam depois dela: "Minhas filhas, quando se aproxime minha morte, não vos esqueçais de vossa Madre". Deste modo comunicava às filhas as coisas futuras que viriam, tendo-as preparado com a prática de todas as virtudes, porque conhecia o interior de cada uma.

Por vezes, quando alguma freira lhe ocultava as faltas cometidas no dia, chamava-a a sós, dizendo: "Minha filha, cometeste hoje tal falta, quebraste o silêncio em tal lugar dizendo tais palavras... façamos agora a penitência" e junto com a noviça se ajoelhava e pedia perdão a Nosso Senhor pela sua falta. Deste modo nada podiam ocultar-lhe, e amando-a como Mãe, veneravam-na como santa.

Oh! feliz noviciado! ante-sala do Céu, ou melhor dito, delicioso Céu na terra onde se adorava, louvava e amava a Deus, por meio da observância monástica, praticando a vida do amor sacrificado, cumprindo a santa Mestra rigorosamente as menores regras e santas observâncias da Comunidade.

Seu noviciado era o primeiro a levantar pela manhã, e a rezar o Ofício Parvo de Nossa Senhora. Certa manhã em que as noviças não estavam dispostas para madrugar, Madre Mariana saiu só para rezar o Ofício. Tinha o costume de, ao passar pelo edifício onde ficava o coro, disciplinar-se pelas almas abandonadas. Concluída a disciplina encaminhava-se ao Coro, e quando ia dar um passo, acha-se impedida por profunda e horrível depressão do terreno, de cujos abismos se ouviam gemidos espantosos. Assustada, Madre Mariana pensou estar fora do Convento e deu um grito, dizendo: "Meu Deus! onde me encontro? Ai, meu amado Convento!".

Investida infernal contra a recitação do Ofício Parvo de Nossa Senhora

Viu a seguir a cabeça de um dragão assombroso — tão grande como a casa de seu noviciado — que abrindo a boca lhe mostrava uma multidão de almas, dizendo: "todas essas almas eu as engoli e são minhas e tu também serás minha". Foi tal seu susto, que desmaiou, e quando voltou a si sentiu que a tomavam pelos braços e a conduziam. Era seu Anjo da Guarda, o qual disse: "Esposa do Senhor, por que temes? Viste o inferno! isso foi feito pelo demônio para impedir a recitação do Ofício Parvo", e ouviu outra voz, que dizia: "Virão tempos amargos em que se terá deixado o Ofício Parvo, e se terá enfraquecido o espírito! Ai daqueles que tenham tomado parte nisso".

Viu que seu Anjo a conduzia pelos braços em levitação até pô-la no piso, conduzindo-a ao Coro. Num degrau que havia, ouviu uma voz horrível que dizia: "Com todo meu poder impedirei a reza deste maldito Ofício Parvo, porque com isto debilitam minhas forças e me destroem" e caminhando alguns passos viu uma luz que iluminava todo o Convento. Elevando as vistas em direção ao teto da Igreja viu uma estrela formosíssima com o nome de Maria. Entrou no Coro e ali a Santíssima Virgem cumprimentou-a pelo triunfo obtido, tranquilizando-a interiormente.

É de se notar que Madre Mariana, vendo a depressão do terreno, perturbou-se, perdendo sua paz ordinária, pois se perguntava porque Nosso Senhor teria permitido tal sofrimento e se teria ocultado seu Santo Anjo da Guarda; mas no Coro a Santíssima Virgem a tranquilizou.

A seguir as freiras foram chegando para rezar o Ofício Parvo, pois parece que nessa época toda a Comunidade o rezava às quatro horas da manhã. Isso era obrigatório às noviças e recém-professas, até o sexto ano de profissão. As demais religiosas rezavam-no por devoção. Bem se pode compreender o fervor extraordinário com que Madre Madre Mariana rezaria o Ofício naquela manhã. Como seu diretor, o Revdo. Padre Antonio Jurado, ordenou-lhe que certificasse sua Priora de tudo o que se passasse, afim de não privar a posteridade desses ricos tesouros, terminados os atos da Comunidade foi avisar a Madre Maria do ocorrido, e ambos tiveram grande pena pelo que ia se passar no século XX.

As religiosas, ao longo dos séculos, mantiveram o Ofício Parvo da Santíssima Virgem, o qual jamais deixou de ser rezado, porque nisto a Comunidade das Concepcionistas tinha cifrada a felicidade do Mosteiro.

— Capítulo XIII —

Na vida de Madre Mariana de Jesus há fatos tão estupendos e extraordinários que se não estivessem certificados, sob juramento, pelos frades Menores, o médico e as religiosas, seriam incríveis para algumas pessoas; a saber, os prodígios de amor e sofrimento com que Deus Nosso Senhor presenteou e provou a esta esposa querida.

Madre Mariana recebe os Sacratíssimos estigmas de Nosso Senhor...

Com efeito, no dia 17 de setembro de 1588, estava fazendo sua oração ordinária às doze da noite, prosternada em seu dormitório. Deu-se um estremecimento espantoso em todo corpo, e não conseguindo manter-se deu um grito. Madre Maria acorreu logo para vê-la: "O que te aconteceu, minha filha?", perguntou. "Saiamos logo, minha Mãe, porque toda a casa vem abaixo, é um terremoto", respondeu.

A Priora abraçou-a e tremendo junto com ela levou-a para a cama. As outras religiosas se levantaram. A Madre Francisca dos Anjos, que era enfermeira, pegou em suas mãos e viu que tinham nas palmas algo semelhante a balas, querendo ser expelidas. O mesmo ocorria com as plantas dos pés, nos mesmos locais em que Nosso Senhor havia sido tradeado pelos cravos. No coração havia uma mancha roxa e um risco vermelho, como se tivesse sido ferido a espada. Suas batidas tinham um som terrível, que se ouvia ao longe. Crê-se, por isso, que interiormente Nosso Senhor lhe imprimiu suas sacratíssimas chagas. Nessa época seu tamanho diminuiu, ficando tesa como um pau imóvel, só, movendo os olhos e a boca. Passou a noite em um prolixo martírio.

... e adoece gravemente em razão da vida de penitência

Pela manhã entrou o médico, Sr. Sancho, e examinando-a diligentemente disse que, pela vida penitente, a medula de seus ossos havia secado, e só tinha vida no coração.

Com essa sentença, a enfermeira disse à Priora: Minha Mãe, cumpramos a regra e passemo-la para a enfermaria". Madre Maria responde: "Minha filha, como nos crivaremos de nosso pára-raio no dormitório? passemonos todas à enfermaria".

Não, minha Mãe, retrucou a enfermeira, pois a Regra ordena que a Priora durma no dormitório".

Quando transladaram a enferma, retiraram da cama um couro cru semeado de percevejos ensanguentados. Esse couro foi recolhido e guardado pela Priora, e quando iam substituí-lo por um colchão suave, o médico, se opôs, dizendo que as pessoas acostumadas à penitência, quando passam da cama dura para leito suave, adoecem. Ordenando, então pusessem um colchão de palha.

O médico receitou um banho quente aromático, sem nenhum efeito. A enfermidade se prolongou, consumindo-a. Sua cor rosada convertera-se em cor de cera. Seu rosto se enrubescia, entretanto, quando a movimentavam para limpeza ou para curá-la, vertia copiosas lágrimas em vista dessa humilhação.

Madre Francisca dos Anjos consolava-a nessa circunstância, dizendo: "Por que te envergonhas, irmãzinha querida? Se somos irmãs de um mesmo Pai, somos filhas do Serafim de Assis; isso que agora faço contigo, tu o farás depois comigo; não sofra, irmãzinha", e outras palavras dulcíssimas de alento.

Madre Maria disputava para fazer esses serviços para a sobrinha: "Isso toca-me a mim, como Priora, pois devo ser a serva de minhas súditas" e assim servia às demais religiosas. Madre Francisca dizia: "Isso toca-me a mim como enfermeira" e nessas disputas amorosas para servi-la seu corpo transformou-se numa chaga. Revolviam-na como se fosse um pau para banhá-la e aliviá-la com alguns pós. Já não podia engolir os alimentos, sendo sustentada só com líquidos.

Em meio a esta terrível doença era vítima de dores atrocíssimas. E sua paciência foi provada por seu Divino Esposo, durante os cinco anos que durou a enfermidade. A Divina Majestade retirou-lhe suas luzes e consolos celestiais e, por assim dizer, abandonou-a para sofrer as penas de um condenado.

"Todas as tuas coisas foram ilusão, engano e mentira..."

O demônio, figurado em serpente, vendo-a só, pois até seu Anjo da Guarda se ocultava à sua vista, martirizava-a rigorosamente, dizendo: "todas as tuas coisas foram ilusão, engano e mentira, tu és minha" e apresentando-se com uma terrível crista na cabeça em forma de serra, prosseguia: "com isto hei de te esmigalhar". A serpente mostrava uns olhos horríveis, saltava na cela e quando a doente despertava, encontrava-a querendo subir na cama.

A vista desse monstro causava à santa doente um tormento inenarrável e quando a Priora ia visitá-la, perguntava: "Minha filha, a serpente está aqui?" (pois ela não a via) ao que Madre Mariana respondia: "Sim minha Mãe, está retorcendo-se por aí". Madre Maria pedia então, que alguma outra religiosa a acompanhasse, pois tinha medo.

Nessa noite escura de tribulações, Madre Mariana não abandonava as orações da meia-noite e três da madrugada, mas, Ai! sofria cada dia mais as desolações interiores, convencida de que toda sua vida não tinha sido senão engano, ilusão e mentira. Via-se condenada para sempre. Recorria à Paixão de seu Amado, e lhe parecia que por justiça a condenava; chamava à estrela dos Mares, sua Mãe Maria Santíssima, e como esta lua durante a noite da dor se ocultava, lhe parecia que também Ela, em sua justiça, a condenava.

Agrava-se a noite escura de tribulações

Desamparada, assim, do céu e da terra, sofria sem nenhum alento. Os frades Menores entravam, celebravam a Santa Missa em sua cela e obrigavam-na a comungar, porém, quando seu Diretor se aproximava com as Sagradas Espécies, encontrava-a com os lábios fechados, não podendo abri-los. Ordenava-lhe, em nome da santa obediência, que abrisse a boca e comungasse, o que fazia, então, a duras penas.

Seu esposo atormentava-a ainda mais e ela se convencia de ter cometido novo sacrilégio e a serpente dançava alegremente, dizendo: "tenho mais outro sacrilégio para o inferno", e a vítima inocente sofria os maiores tormentos.

Às vezes seu diretor exorcizava a cela, para que a serpente se retirasse, e vendo seus sofrimentos chorava sem poder aliviá-los, porque quando Deus quer purificar uma alma, só Ele próprio, por Sua vontade, pode aliviá-la. E, devido ao alto grau de perfeição que Deus chamou Madre Mariana, eram grandes os sofrimentos e provas a que era sujeita nesta noite escura.

Em meio às atrocíssimas dores de alma e corpo, chamava a Deus, e por vezes não conseguia falar, dada a extrema intensidade de seus sofrimentos e apenas as lágrimas exprimiam seu martírio. Na solidão, compôs estes versos que indicam sua cruel desolação.

"Oh! encanto de mi amor, Jesús del alma!

Por que me dejas en amarga pena?

Cual tortolilla solitária lloro

Em plena noche de Dolores llena.

Allá en el fondo de mi amor activo

No encuenta calma, ni el menor reposo,

Vuélvete, disse, a estar conmigo

Oh! De mi alma, Celestial Esposo!

Si, de mis culpas tu justicia clama

Yo ya humillada tu perdón imploro,

Y confundida con el polvo yo te adoro

Oh! Fino amante del corazón que te ama!

Tu puesto en mi alma está vacio

Mi vida es um vasto cementerio

Do se hallan sepultados, Amor mío,

Tu recuerdo, tu hermosura y tu cariño.

Y aunque la luz de mi ardiente fé

Me hace entrever tu bondade inmensa,

Mi alma se seca cual una flor marchita

Faltando el Riego del que la dió vida.

En esto viene la espernza bela

Cual mensajera del amor Divino,

Y pressurosa hacia mi se inclina

Para alentarme em mi amarga pena.

Oh! Fuego de caridade, Dios escondido!

Se abrasa mi alma em tu Divino ardor

Ni mis Dolores, ni tu aparente olvido

Me alejarán de Ti que eres mi amor.

Protrada vivo en doloroso lecho

Esperando la caridade de mis Hermanas

Oh! Tu que vives bajo un mismo techo!

Bendice aquellas a quienes tanto amas.

Y cuando libre del pesado cuerpo

Mi alma feliz tienda hacia Ti mi vuelo

Entonces, ábreme, Amado mío

De tu mansión las puertas del Cielo.

Entonces, Madre del Amor hermoso,

Oh! Mi bela y celestial María!

Presente Tu misma el alma mía

A mi amado y celestial Esposo".

Madre Mariana fez sua santa enfermeira, Madre Francisca dos Anjos, escrever esses tocantes versos, porque não podia mexer sequer os dedos. A santa doente os ditava, e junto os cantavam, pois apesar de extremamente extenuada, conservava sua voz melodiosa. Feriam, assim, o Coração de seu Amado, uma vez que Madre Francisca também possuía um espirito seráfico e provada santidade, e quando cantava com a vítima aflita era um concerto celestial.

Madre Maria às vezes encontrava essas duas hóstias de agradável dor, nessas melodiosas lamentações, e seu coração se desfazia de ternura, sem poder aliviar o terrível cerco diabólico que sua santa sobrinha padecia com tanto rigor. Apesar do temor que naturalmente tinha da serpente a amante Priora acompanhava Madre Mariana, em todos os momentos em que estava livre do desempenho de suas funções. Deixo a consideração de minhas Irmãs o que se passava nesses seráficos corações.

Era 2 de fevereiro de 1589: Havia raiado a aurora, mas a noite escura da Madre Mariana prosseguia ainda. A enfermeira caritativa, depois de prestar-lhe seus serviços, deixou-a a fim de assistir a Santa Missa e comungar, conforme ordena a Santa Regra. Madre Mariana ficou na companhia de seu Santo Anjo da Guarda, do Seráfico Pai São Francisco e aos cuidados de sua Mãe de Céu.

Permanecia imóvel em seu leito de dor, quando ouviu em sua cela um barulho terrível. Madre Mariana, que rezava e interiormente sofria grandes amarguras, abriu os olhos, vendo a horrível e assombrosa serpente dando voltas em sua cela, arrastando-se pelas paredes, como se alguém a perseguisse para tirá-la dali.

Nesse momento, as penas de alma dessa virgem invicta aumentaram, o desespero apoderou-se de seu espírito, todos os atos heroicos de sua vida lhe

pareciam criminosos; suas boas obras, obras de perdição; sua própria vocação, engano e ilusão, com o qual tinha assinado sua perdição. Nesse triste estado interior, quando lhe parecia que, pela violência do sofrimento, sua alma se desprendia do corpo para cair como chumbo no inferno, esforçou-se, gritando:

"Estrela do Mar, Maria Imaculada, a débil embarcação de minha alma naufraga; as águas da tribulação me afogam, salvai-me, pois pereço".

No auge das provações, refulgente aparição de Nossa Senhora: a serpente é precipitada no inferno

Mal acabou de pronunciar essa última palavra, viu-se rodeada por uma luz celestial, e que uma mão carinhosa a tocava na cabeça, ouvindo ao mesmo tempo uma voz doce que dizia: "Porque temes minha filha? Não sabes que estou contigo na tribulação? Levanta-te e olha-me!"

A humilde religiosa, com suas próprias forças levantou-se na cama, e viu uma Senhora cheia de majestade e grandeza, a qual respirava doçura e amor, e vendo-a perguntou: "Quem és, formosa Senhora?"

"Eu sou a Mãe do Céu, que invocastes; dissiparam-se as trevas de tua mente, vistes o que é o inferno, sentindo-o e agora tirando-te dali, colocar-te-ei no Purgatório, a fim de que termines de purificar tua alma, porque teu Senhor e teu Deus te destina para grandes e felizes sucessos durante a vida.

"Diga a tua Mãe da terra que se prepare para viajar para a eternidade, pois é chegado o tempo de que, saindo deste mundo, receba o prêmio por tantos sacrifícios e sofrimentos, padecidos pela fundação deste Convento, o qual amo com todo meu Coração".

"Este Mosteiro será muito perseguido nos séculos vindouros, chegando a perseguição ao extremo de atentar contra a vida de minhas filhas. Não conseguindo isso, trabalharão, com tena-cidade infernal, pela sua extinção, valendo-se de religiosas e da autoridade Superior. Porém, como nada podem os homens contra as obras de Deus, terei neste mesmo solar filhas dignas de meu amor, mártires de espírito, as quais, desprezadas pelos outros e por si mesmas, serão muito amadas por Deus e as firmíssimas colunas que sustentarão a então agonizante Comunidade. Comunico, agora, vida a teus nervos, veias a artérias, e afastando daqui a maldita serpente, ficas em doce tranquilidade, como ficam as almas no local de expiação".

Ao dizer essas palavras, a enorme serpente deu um grito horrível de desespero e precipitou-se ao inferno, com grande estrondo que produziu um tremor de terra na cidade e no Convento.

Madre Mariana estava como que morta. Assim encontraram a enfermeira e sua Priora, que acorreram para assistí-la ao sentirem o tremor, e orando junto dela, viram que voltava a si, movendo todos os seus membros, os quais tinham estado secos e sem vida durante cinco meses, e abrindo seus olhos formosos lhes disse: "Madres, já estou com movimento em todo meu corpo, quão boa é a Rainha do Céu, Ela me curou e me salvou, rezemos o Santo Rosário". Madre Mariana fê-lo rezar, então, mas notava-se em sua alma uma tristeza profunda, e ao mesmo tempo a paz e tranquilidade do justo que sofre unido a Deus, sem temor de cair em desgraça.

Concluída a recitação do Rosário cantavam a Ladainha Lauretana. Madre Mariana, que deu a entonação, foi seguida com grande alegria pelas presentes, as quais asseguraram nunca terem sentido seus corações tão abrasados no amor a Deus, como nessa ocasião em que cantaram com a santa.

Trouxeram-lhe, a seguir, uma travessa de sopa com pão e carne, comendo ela por si mesma, sem necessitar de ajuda. Deu graças ao doador de todo bem e ficou a sós com a Madre Maria, a fim de prestar contas do que havia passado em sua alma. A Priora recebeu pouco depois o Padre Confessor, dizendo-lhe: "Padre, meu desterro já termina, ajuda-me a preparar minha alma para, o grande salto do tempo para a eternidade" O Padre perguntou como sabia disso e ela guardou silêncio. Após ouvir a Madre Mariana, o confessor disse a Madre Maria: "Valor, minha filha, valor. O Céu está próximo para V. Revda. Quando estiver sob o manto azulado de Nossa Mãe Imaculada, não esqueça de suas Irmãs e de seus Irmãos Menores, os quais em todos os tempos favorecerão este nosso Convento da Imaculada Conceição".

"Jesus Cristo sofreu bem mais do que eu..."

Prosseguia Madre Mariana em sua cama sofrendo indizivelmente em sua alma e corpo, mas com a tranquilidade de uma alma justa. Tinha, por outro lado, o consolo de mover-se por si mesma. No decurso desse purgatório teve exemplo prático de como devem as religiosas receber as provações interiores e as enfermidades corpóreas, animadas pelo espirito de sacrifício exercitando, para edificação de nossas Irmãs, as virtudes da Fé, Esperança, Caridade, Paciência, Tolerância e silenciosa resignação, com os quais nos

converteremos em verdadeiros Apóstolos de Jesus Crucificado, Divino Modelo dos predestinados, a cuja Imagem nos devemos conformar para sermos reconhecidos por nosso Pai Celestial. Isso o compreendia bem nossa humilde religiosa, em meio às maiores penas, às quais sofria multo bem, pois era um Anjo da dor.

Embora o Senhor tivesse afrouxado suas mãos, deixando-lhe o livre movimento para atender-se a si mesma, ela conservava em todo vigor as dores e incômodos próprios a uma doente. O médico, Sr. Sancho, via-se perdido em sua medicina, sendo de se notar que era o médico mais famoso do país, a quem acorri-am doentes também de fora da cidade. Dizia a Madre Maria que estava desenganado quanto ao estado de saúde da Madre Mariana, o qual piorava dia a dia. Insistia que sua morte era inevitável e que teríamos no Céu uma amiga, Irmã e medianeira.

As forças físicas desse anjo de dor se exauriam paulatinamente, chegando ao extremo de não poder engolir nenhum líquido, sem perder por isso a doce tranquilidade de uma alma abnegada e santa. Quando a Priora e suas Irmãs perguntavam como se sentia, respondia com um sorriso celestial: bastante mal, creio que meu desterro já termina, mas Jesus Cristo, o Amado de minha alma, sofreu bem mais do que eu, e nisto está minha felicidade.

Morte mística de sóror Mariana de Jesus

"Bendita vontade de Deus tão cheia de doces encantos para minha alma!". Permaneceu nesse estado até princípios de setembro de 1589, quando na segunda quarta-feira desse mês, às nove horas da manhã, começou sua agonia. Nesse dia pela manhã celebraram a Santa Missa em sua presença. Recebeu a Extrema-Unção com edificante e admirável fervor, e com a imensa alegria de quem se vê no termo de seus sofrimentos. Ao toque do som lúgubre do sino, a Comunidade e os Menores em lágrimas rodearam sua cama. Ai permaneceram até meio — dia, e vendo que não morria, retiraram-se para tomar seu alimento, ficando ao lado somente a santa enfermeira.

À tarde, as Irmãs e os frades retornaram, acompanhando-a até o toque das Ave-Marias, ordenando-lhe, em nome da santa obediência, que não morresse, senão em sua presença. Como estavam convictos da obediência dessa religiosa exemplar, passaram a noite tranquilos.

Nas manhãs seguintes a encontraram na mesma agonia. Ao meio-dia

de sexta-feira começaram as convulsões de seu corpo. Seu formoso rosto desfigurou-se, apoderando-se dele a palidez e o frio da morte. Madre Maria e os frades disseram, então:

"Irmãs e Madres, rezemos com fervor, a fim de que o Senhor seja servido levando essa bendita alma de seu corpo, pois já não há coração para vê-la sofrer mais". E puseram-se a rezar, encomendando sua alma a Deus.

Às três e meia da tarde levantou seus olhos ao céu, baixando-os logo, olhando o crucifixo que portava nas mãos. Estreitou-o contra seu coração, derramando sobre ele algumas lágrimas. Inclinou ligeiramente sua cabeça sobre o Cristo e dando um suspiro morreu. Os frades diziam chorando:

Foi-nos nossa angelical Irmã, pobres de nós que ainda ficamos no desterro da vida. As religiosas que se convenceram de sua morte choraram, e os frades lhe cantaram o último responsório. Chamaram o Sr. Sancho, que testemunhou que ela estava morta. Saíram do Mosteiro e as freiras amortalharam seu cadáver gelado, floreando-o nas andas que tinham para esse efeito, conduzindo-a ao Coro inferior.

O povo e a nobreza, que velaram seu corpo na sexta-feira e no sábado, choravam e clamavam para ver sua Madre, dizendo aos gritos: morreu a santa, se nos foi o nosso Anjo. As religiosas revezavam-se dia e noite, mantendo acesas as velas, que a iluminavam. Temiam a decomposição de seu cadáver, mas quando se aproximavam e nela tocavam, convenciam-se de que a corrupção ainda não tinha invadido seu corpo gelado.

Na noite de sábado. Madre Maria disse às freiras: "Minhas filhas, nossa Irmã já não necessita de nós. Estamos sofridas e cansadas. Deitemo-nos todas, deixando-a sob os cuidados do Solitário do Sacrário, a quem nossa Irmã amou com delírio. Recuperemos nossas forças para rezarmos o Ofício Parvo, que é e sempre será para as filhas da Imaculada Conceição, o sustento da observância regular e da conservação do fervor do espírito religioso, assim como o viu nossa santa Irmã, a qual sepultaremos na segunda-feira". As religiosas se recolheram tristes e chorosas; o sono se apoderou delas, e dormiram profundamente.

Sua ressurreição

Pela manhã, levantaram-se fervorosas para o Ofício e encaminharam-se ao Coro. Quando aí chegaram vêem que a Madre Mariana estava rezando e ia abraçá-las, dando-lhes o Aleluia. As freiras, assustadas, começaram a

correr e ela lhes disse:

"Minhas irmãzinhas, estou viva. Porque tendes medo, quando me queríeis tanto?" Todas saíram e foram ao dormitório avisar Madre Maria, e reunidas em Comunidade voltaram ao Coro superior. A Priora, encontrando Madre Mariana aí, pensando que fosse sua alma, disse:

"Em nome de Deus e da santa obediência mando que me digas de que necessitas?".

"Madre, não tenhais medo — respondeu — estou viva e quero estar com minhas Irmãs e viver com elas"; dizendo isso foi abraçar Madre Maria, a qual se esquivava por temor, mas Madre Mariana insistia: "Veja-me, Madre, sou eu mesma; estou sã e robusta".

Rezaram a seguir o Ofício Parvo, e como Madre Mariana estivesse com elas, permaneciam com medo. Concluída a recitação foram todas ao Coro inferior para ver se o cadáver ali se encontrava. Viram somente as andas vazias, as mortalhas e as velas, convencendo-se, então, de que ela havia ressuscitado.

Avisaram os Frades que a viram expirar, os quais ficaram abismados pelo portento. Madre Mariana foi comungar, prestando contas a seguir a seu diretor, o Revdo. Pe. Antonio Jurado e a Madre Maria, do que havia ocorrido.

Disse que Deus Nosso Senhor, quando ela morreu, colocou sua alma em outra purificação, por onde ela via como estava seu cadáver, padecendo um purgatório místico. E que permaneceu nesse sofrimento até às três horas da madrugada de domingo e que na hora em que Nosso Senhor ressuscitou, sua alma voltou ao corpo, comunicando-lhe o vigor e a robustez de antes. Levantou-se, desceu das andas e apagou uma vela, que em virtude de um tremor de terra havia caído, ameaçando incendiar o Convento. Apagada a vela e liberta das mortalhas, foi ao Coro superior esperar suas Irmãs para lhes dar o Aleluia, dizendo-lhes que Nosso Senhor lhe havia concedido a vida porque é doce e meritório padecer e sofrer por amor a Cristo."

Com este relato ficaram admiradas, pois viram a Madre Mariana, que durante um ano esteve prostrada na cama tão extenuada, agora robusta, cheia de carne e com suas maçãs rosadas como antes. Chamaram o médico, Sr. Sancho, avisando-o do sucedido, mas ele não quis entrar tachando-as de dementes por causa do cansaço, e foi aos franciscanos para dizer aos frades que enterrassem logo o cadáver da Madre Mariana, pois senão as religiosas ficariam dementes; não encontrando os frades no Convento, entrou

no Mosteiro e vendo Madre Mariana viva e robusta admirou-se, dizendo: "Como são incompreensíveis os juízos de Deus!". E declarou sob juramento o ocorrido, juntamente com os Revdos. Padres e a Comunidade de religiosas. Estas declarações existem nos arquivos do Mosteiro.

Madre Mariana prosseguiu em sua vida penitente e não é fácil exprimir o que aconteceria nessa santa alma, que retorna à vida para padecer, deixando à consideração de nossos leitores a alegria da Comunidade, ao se convencer de que ela estava viva, pois acharam o tesouro por cuja perda tanto choraram.

Oh! Deus imenso. Tu és admirável em teus santos!

— Capítulo XIV —

Corriam os anos do Senhor de 1592 e Madre Maria, esmagada pelas dores, tinha sua enfermidade do coração agravada. O médico Sr. Sancho, disse aos Frades Menores que a Madre Fundadora necessitava de tranquilidade e descanso.

Ao ouvir isso, o Revdo. Pe. Provincial da Ordem Seráfica reuniu os Frades do Definitório, e conferenciando a respeito, resolveram fazer o capítulo para que se elegesse nova abadessa, a fim de preservar a vida da fundadora. Os Frades vieram imediatamente ao Mosteiro e reunida a Comunidade o Provincial falou às religiosas comunicando a determinação médica, e de como Madre Maria iria deixar o Priorato, e que no dia seguinte, após a Santa Missa, seria eleita a nova Priora. Encarregou-as de rezarem muito a Deus Nosso Senhor na intenção do feliz acerto da eleição e lhes fez uma amorosa prática. Dito isso, na presença dos Revdos. Padres, a Madre Maria despediu-se da Comunidade com as referidas palavras:

"Queridas filhas e irmãs minhas; a bondade amorosa de Deus em relação a estas terras fez vir da Espanha esta vossa Madre para a fundação deste Mosteiro da Imaculada Conceição de Maria Santíssima.

"Como são doces as recordações do que passei no meu Mosteiro da Espanha, onde reinava a fiel observância monástica! Encontrava-me tranquila em minha mais rica idade, e quando menos imaginava a obediência mandou-me que atravessasse os mares e viesse fazer esta fundação; lágrimas, rogos, empenhos, tudo fracassou; rendi-me sob o peso desta obediência, e inclinando minha fronte sobre a Santa Cruz abracei-a com o ânimo preparado para todo pesar amargo. Desde o momento em que navegava em alto mar, quando a serpente infernal suscitou aquela tormenta, até hoje, o coração de vossa fundadora tem sido vítima de martírios cruéis; quantos

sacrifícios, penúrias e pobrezas para vos prover do necessário!... Chega por fim a hora do adeus final, temporal mas vos esperarei no Céu, mas, antes de partir, a vós confiarei um segredo: é que morro de dor ao ver que muito rapidamente repelireis a obediência aos Menores, mudando incautas de jurisdição, no fim vos direi..., ai!, filhas minhas se conhecêsseis o dom de Deus que agora tendes! amanhã vossas Menores chorarão sobre Vós, e essas lágrimas chegarão ao trono do Senhor. Rogo-vos uma vez mais que penseis em assunto tão grave sob a luz da eternidade. Em fim, vossa Madre prostrada em terra, pede perdão por todo o mal exemplo e falta de virtude, e em penhor do amor maternal vos deixo minha sobrinha. Mariana de Jesus, e a benção; rogai por mim."

Aqui as lágrimas das religiosas corriam como uma torrente. Todas abraçavam a Madre Fundadora, e era de se ver essa cena lastimosa entre a Madre e as filhas, das quais parecia-lhes arrancar o coração. Cada qual prometia fidelidade submetendo-se aos Menores. Chegando as quatro religiosas descontentes, a-braçaram em silêncio sua Madre e esta lhes disse entre soluços: "Filhas minhas, como quisera lhes dar meu coração em penhor do meu amor".

Ah! que ternura! E que lágrimas de compaixão derramariam os Frades Menores ao ouvir o lamento das religiosas, não podendo confortá-las, deixando ainda como priora a fundadora entre gemidos, as religiosas rogavam ao Provincial que não lhes tirasse sua Madre, e que não se fizesse o capítulo, mas o Revdo. Padre lhe fez ver que isso era impossível, e que no dia seguinte seria a eleição da nova Abadessa. Os padres se retiraram, ficando as religiosas gemendo pela próxima separação do sol que lhes dava vida. Bem se pode compreender como passariam aquela noite, invocando o Divino Esposo, para que as iluminassem a fim de poder eleger a Priora que fôsse de Sua santa vontade.

Madre Mariana é eleita como Priora

Com efeito, Deus ouviu seus gemidos, iluminando-as para que vissem quem deveria ocupar o lugar da Fundadora.

No dia seguinte, após a Santa Missa, foi feito o Capítulo presidido pelos Revdos. Frades Menores, e na primeira votação, com unanimidade de votos, saiu canonicamente eleita a Revda. Madre Mariana de Jesus Torres. O regozijo das religiosas foi geral, ao ver que Deus lhes dava por Abadessa uma Madre tão digna e santa, sobrinha de sua Madre Fundadora.

A humilde pomba, confundida e envergonhada, ao confrontar sua pequenez com tão alta dignidade, não queria aceitar o cargo, chorando desconsolada, parecendo uma triste menina nos braços da Madre Maria.

A santa Fundadora a acariciava, dizendo-lhe que ela mesma deveria desempenhar esse Ofício, acrescentando outras palavras de consolo; e vendo que a sobrinha não aceitava razões, disse-lhe com ares de autoridade: "Minha filha, é isto ser religiosa?" e revestindo-a com a capa magna, obrigou-a carregar a Cruz, enquanto Madre Mariana renunciava repetidas vezes o Ofício diante do Provincial, dizendo, banhada em lágrimas, que não tinha a idade que prescreve a Regra, e que havia outras religiosas melhores e mais dignas.

A isso o Revdo. Padre, respondeu: "Renuncie também à vocação religiosa". "Isso não, Padre meu — replicou — jamais o farei". Prosseguiu, então, o Provincial: "Se tens amor a obediência, em nome do Seráfico Pai São Francisco e da santa obediência aceite o Ofício de Priora".

Com esse preceito submeteu-se, chorava recebendo o cargo. Sentada na cadeira abacial recebeu a obediência de todas as religiosas. A primeira que ajoelhou para prestar obediência foi a Madre Fundadora a qual abraçando-a, disse: "Minha filha, agora és minha Mãe, e tu fecharás meus olhos".

A seguir prestaram obediência as demais religiosas e a cada uma o Revdo. Pe. Provincial dava uma estampa de Nosso Pai São Francisco. Concluída essa comovente cerimônia, o Provincial dirigiu-lhes uma prática eloquente explicando como deve ser reverenciada e acatada a Priora e o significado do ato. Terminado a prática entraram pelos claustros em procissão, e os Frades Menores cantaram o "Te Deum Laudamus".

Durante a procissão, o rosto da Madre Mariana, que era sempre rosado, empalideceu-se como cera, embora conservando sua formosura. Acabada a procissão, os frades dirigiram belas palavras às religiosas na sala capitular, deixando a seguir o Mosteiro.

Ao meio dia dirigiram-se para o refeitório e, ao mesmo tempo, na porta tocavam o sino. Eram os Menores que lhes enviavam a refeição, tal era o amor que devotavam à Comunidade e em especial às Fundadoras. Eles haviam pedido esmola e fizeram preparar a comida para a nova Abadessa e suas filhas.

Oh! com que ternura e gratidão a Madre Fundadora, a nova Abadessa e as demais religiosas receberam o obséquio de seus Irmãos Seráficos, os quais, depois de haverem alimentado o entendimento e o coração de suas Irmãs com formosas práticas e demonstrações de afeto paternal, — oferecendo-se para ajudar a nova Priora servir e proteger a Comunidade até quando Deus quiser —, desejaram também oferecer-lhes nesse dia o delicado alimento para suas existências desfalecidas.

Assim, o regozijo da Comunidade, festejando sua nova Priora, nesses benditos claustros, foi todo seráfico e inigualável. No Céu, a união e a caridade resplandeciam, e a Imaculada Conceição se gloriaria de ter como Priora a filha primogênita de seus amores, manifestando-se da seguinte maneira:

Nossa Senhora envia à Madre Mariana um manjar celestial

Na tarde desse mesmo dia, um desconhecido, chamava as religiosas na roda. Madre Maria atendeu-o, recebendo este recado: "A Senhora, sabendo que Madre Mariana de Jesus foi eleita Abadessa, lhe manda este manjar, dizendo que a tem sempre presente". A dádiva era de tal maneira grande, que a superiora foi chamar suas Irmãs, para que a ajudassem transportá-la. Perguntando quem era a Senhora que enviava tão requintado obséquio, ficou sem resposta, e recolhendo-o com suas brancas e formosas mãos foi apresentá-lo, cheia de contentamento, à Madre Mariana, dizendo:

— "Minha Mãe veja este delicado presente que te mandam", e deu o recado da Senhora.

— "Que Senhora?", indagou Madre Mariana.

— "Não dá o nome", respondeu Madre Maria.

— "Sem dúvida será a Marquesa", prosseguiu a santa.

Madre Mariana fixou-se, então, com suma atenção no obséquio, sorrindo docemente. Distribuíram o manjar entre as religiosas, e na medida em que faziam esse ia se multiplicando, sendo a quantia de cada qual tão grande, que por si só bastava para saciar um faminto. As freiras garantiram jamais ter comido alimento tão "exguis".

Sem dúvida alguma a Santíssima Virgem enviou para sua filha esse manjar celestial, por isso Madre Mariana sorriu, pois devia compreender que era sua Mãe que o enviava.

Confundem a Santíssima Virgem com a Marquesa

No segundo dia, Madre Maria foi à roda receber os ricos presentes enviados pela Marquesa e também alguns patacões[3] para o sustendo da Comunidade. A Marquesa, sabendo que Madre Mariana havia sido eleita Priora, quis felicitá-la, vindo pessoalmente ao Mosteiro. Madre Mariana não pode recebê-la nesse dia por indisposição.

A Marquesa respondeu, então, que voltaria no dia seguinte, mandando que dissesse à Priora que enquanto essa sua jovem amiga estivesse como abadessa, as dispensas do Mosteiro estariam sempre providas.

Madre Maria agradeceu-a, então, por tudo quanto havia enviado, especialmente o requintado manjar do dia anterior.

"Não, Madre — disse a Marquesa — estás equivocada; não enviei nada ontem. Envergonho-me disso, mas não haviam chegado ainda os alimentos de minhas terras, e não pude preparar nada" e como Madre Maria insistisse, a Marquesa perguntou qual era a natureza do presente. Recebendo a explicação, ela respondeu: “Isso não foi preparado em minha casa, nem servido na minha mesa".

Com isso Madre Maria compreenderia, sem dúvida alguma, como a Santíssima Virgem presenteava sua sobrinha, começando assim os sucessos de amor e misericórdia para essa Comunidade.

Na noite do dia em que foi eleita, Madre Mariana permaneceu cinco horas como que morta. As religiosas assustadas quiseram chamar o médico, mas Madre Maria disse-lhes que não o fizessem, e que deixassem. Quando voltou a si, derramou uma torrente de lágrimas e as freiras falaram a sós com a Fundadora, rogando-lhe que permanecesse governando-as, pois Madre Mariana, de tanto chorar acabaria ficando doente.

3 Patacão: Antiga moeda de prata, do peso de uma onça.

"Não, minhas filhas — respondeu — isso passará; essa é a vontade de Deus" e ficando a sós com a sobrinha, de joelhos lhe disse:

"Minha Mãe, tu és minha Mãe e Priora, mas sendo eu a Fundadora, tenho o direito, por seres minha filha, de que me comuniques o que te aconteceu".

Madre Maria recebe a notícia de sua morte

Madre Mariana tomou Madre Maria pela mão, e estreitando-a contra seu peito beijou-a, dizendo em prantos: "Minha Mãe, eu te vi morta e que me deixas quando mais necessito de ti. Prosternei-me diante do Trono de Deus, sacrificando minha vida no lugar da tua; mas não fui digna de que Ele me aceitasse, pois a fruta já está madura para o Céu".

Madre Maria, trêmula, pergunta: "Quando será isso, minha filha?" "Logo, Madre, - respondeu a sobrinha - e oxalá possa eu acompanhar-te".

"Não, minha filha — retomou a primeira — quando chegar no Céu, prostrada diante do Trono de Deus. rogar-lhe-ei que te dê longa vida, afim de que mantenhas a santa observância e governes o meu Mosteiro".

"Ai, minha Mãe, — prosseguiu Madre Mariana — logo os Menores se separarão da Ordem. Tu não poderias resistir a esse sofrimento, ele ficou, então, só para mim" e comunicou a tia todos os padecimentos que nesse êxtase viu e que teria de sofrer: "serei perseguida, encarcerada e atormentada".

Madre Mariana viu que o rosto de sua tia se transformava em profundo sofrimento, e sentiu uma inspiração secreta que lhe dizia para não continuar comunicando-lhe suas penas futuras, a fim de não agravar o mau estado de sua saúde, e ficou calada.

Prognósticos sobre o relaxamento da vida em comunidade

Madre Maria disse à sobrinha: "Minha Filha, a vida comum se relaxará e clamo ao Senhor que isso não aconteça em teu tempo". "Não, minha Mãe — disse Madre Mariana — isso não se dará em meu tempo e quando

estiverem em vida particular, haverá ainda almas, que com seus sacrifícios conterão a ira Divina.

Com efeito, a profecia da Madre Maria se cumpriu. A vida comum durou cento e dezoito (falta algo no original) depois da fundação, quando já estavam mortas.

Madre Maria deu para a sobrinha, a seguir, regras de governo da Comunidade, confiando-lhe vários segredos e os grandes sofrimentos que padeceram desde a fundação. Separando-se da sobrinha, após tê-la abraçado, foi falar com o Revdo. Pe. Provincial, banhada em prantos: "Meu Pai, temo muito os deslizes da santa pobreza que há nos franciscanos. Contenhas, trabalhes e elimines todos os abusos".

— Capítulo XV —

De como Madre Mariana de Jesus continuou governando o Mosteiro com acerto — Última enfermidade da Madre Fundadora e sua preciosa morte — Lamento de sua Comunidade.

O governo da Madre Mariana de Jesus foi de paz, doçura e estrita observância, desde o momento em que aceitou a cruz do Priorato. Imitou a seu Divino Esposo com suma diligência e heroica fortaleza para zelar pela honra de seu Amado, promovendo o culto divino. Em uma palavra, a Santíssima Virgem governava o espírito de Madre Mariana.

Ora, em todas as dificuldades, consultava ela a sua santa tia, Madre Maria, sendo seu único consolo comunicar-lhe suas dúvidas e tribulações. Mas como Deus Nosso Senhor quis que a alma dessa jovem Priora subisse ao Calvário sozinha, permitiu Ele que a dura prova da morte da Madre Fundadora purificasse a alma de Madre Mariana, a fim de que, na solidão e no desamparo, fosse a vítima do Mosteiro da Imaculada Conceição.

Agrava-se a enfermidade de Madre Maria

Corria o ano do Senhor de 1593 e a saúde de Madre Maria agravava-se sensivelmente. E era tal a sua fraqueza e a violência que ela se fazia para assistir aos atos da Comunidade, que suas filhas lhe rogavam que tivesse algum descanso, porque seus achaques não lhe permitiam já a estrita observância.

"Minhas filhas — respondia a Madre — sou Fundadora deste Mosteiro, e quero deixar às minhas filhas como fundamento da observância, a violência que me faço, e não me admitirei descanso senão no Céu, pois a vida é para trabalhar".

Com efeito, esta hóstia puríssima se ia consumindo nos altares da caridade para com suas filhas presentes e futuras, até que chegou o dia 17 de setembro, festa dos Estigmas do Seráfico Pai São Francisco. Nas segundas vésperas acometeu-lhe um acesso da doença, mas apoiada em sua cadeira e sustentada por Madre Mariana, ficou até que se acabasse a Divina Salmódia. Terminou-a nos braços de Sua Priora e sobrinha; saiu então do Coro e foi conduzida a enfermaria, onde Madre Mariana lhe disse:

"Minha Madre, é a primeira vez que vos ordeno, por obediência, que descanse na cama e não assistais aos atos da Comunidade".

Madre Maria acatou a ordem de sua Priora, correram-lhe lágrimas dos olhos e, beijando o escapulário de sua sobrinha, permaneceu na cama por alguns dias.

Chegou a novena de Nosso Pai São Francisco, e nesses dias, vestiam-na e levaram-na ao coro. E quando passava o dia na cama, estava sempre rodeada de suas filhas, pois elas não podiam desprender-se de sua Madre Fundadora. Num dos dias da novena sofreu um agravamento tão violento, que ouviu-se o estremecimento de seus ossos e nervos; fechou os olhos e começou a agonizar.

Três horas durou esta agonia e as religiosas choravam sem consolo pensando que já estivesse morta. Madre Mariana as consolava: "Não choreis — dizia — Madre Maria há de permanecer conosco ainda alguns dias".

Sucedeu que antes dessa última crise, Madre Maria dirigira-se, um dia, às religiosas que rodeavam o seu leito: "Minhas filhas, como Funda-

dora vou pedir-vos um favor: e é que até que eu morra, durante estes dias, não permitais que a Madre Abadessa, minha sobrinha, saia de meu lado; e que a Madre Vigária presida em tudo a Comunidade". Todas as suas filhas acederam com gosto ao que se lhes pedira, e Madre Mariana não se separou uma só vez do leito da santa enferma, a qual lhe dava regras para corrigir as culpadas:

"Minha filha — disse-lhe num desses dias — nunca corrijas levada por teu zelo enquanto a culpada não se acalme e reconheça sua falta. Então, tu, prostrada a seus pés, lhe rogarás que se emende — assim fiz eu".

Oh! que momentos de divinos colóquios entre a Fundadora e a Priora da nascente Comunidade da Imaculada Conceição.

Madre Mariana passava as noites em oração junto à santa doente e até a pequena refeição tomava consolando sua Madre Fundadora. Quando rezava, pedia ao Senhor que lhe concedesse a vida de sua Madre e afastasse o amargo cálice de sua morte, levando-a em seu lugar. Porém, em seu interior, sentia que não era essa a vontade de Deus; e, com as palavras do seu Divino Esposo, dizia: “Não se faça a minha vontade, mas a vossa".

Profecias da Madre Fundadora a respeito da Ordem

Oh! crudelíssimo martírio padeceu Madre Mariana na enfermidade de sua Madre e Fundadora!

Quando Madre Maria se refez do acesso, ficando a sós com a sobrinha, Madre Mariana de Jesus lhe disse: "Minha Madre, até agora só eu vos comuniquei meu interior: agora vós me ireis contar o que se passou contigo".

"Minha filha — disse-lhe a Madre — os Frades Menores vão logo separar-se do governo de meu Mosteiro. Ai! algumas almas ingratas repelirão a sujeição aos filhos do Seráfico Francisco. A Ordem da Imaculada Conceição está inserida na árvore de nosso Pai São Francisco e ele mesmo sacudirá esta árvore para que caiam as folhas podres e secas; ela será podada para que floresçam as flores e isto ocorrerá com mais força no século XX. Esta árvore frondosa e robusta da Imaculada Conceição de tempos em tempos será sacudida por Nosso Pai São Francisco, a fim de que florescendo, as flores dêem frutos maduros de virtudes. Haverá almas ingratas que, rejeitando a sujeição aos Frades Menores, perderão sua vocação".

Neste êxtase viu a Madre Fundadora tudo o que devia acontecer nos

séculos vindouros. E comunicando a Madre Mariana muitas coisas que não é possível expressar aqui, estas almas se uniram mais estreitamente com o espírito de profecia que Deus lhes comunicou.

A saúde de Madre Maria agravava-se cada vez mais. Chamaram D. Sancho que, ao vê-la, meneou a cabeça, dizendo: "Madre, no Céu recordai-vos de vossos amigos", e saindo da cela da enferma, disse à Madre Mariana: "Madre Maria morre!" E deu-lhe os mais sentidos pêsames.

Chegou o dia 4 de outubro, festa de nosso Seráfico Pai, e a santa doente amanheceu muito animada e cheia de vida. As religiosas julgaram que Nosso Pai São Francisco havia escutado seus rogos e iria curar sua santa Madre Fundadora. A Comunidade estava muito contente. Entrou o Revdo. Padre Provincial, celebrou a santa Missa na cela da doente, deu-lhe a Comunhão e depois se aproximou do seu leito e lhe tocou o pulso, e imediatamente disse a Madre Mariana: "O pulso já parou, a Madre morre".

Últimas palavras e bênção da Madre Fundadora

Madre Mariana aproximou-se e lhe disse: "Minha Madre, que se passa convosco?

— "Adeus, minha filha, eu me vou" — respondeu-lhe.

Deram-lhe novamente a extrema-unção, o Padre Provincial pediu a cera benta e pôs-lhe na mão, dizendo: — "Madre Maria, teu Divino Esposo te espera, já vais ao Céu, e agora, como Fundadora deste Convento, abençoa as tuas filhas e dize as últimas palavras".

Então Madre Maria sentou-se: os sinais da doença desapareceram de seu rosto e ela ficou formosíssima, como uma rosa encarnada, tal como estava na idade de trinta e três anos, quando fundou a Ordem. Em seus olhos vivíssimos, um olhar de doçura e afeto para suas filhas. Pediu que lhe passassem o Crucifixo e com amor recebeu-o das mãos do Padre Provincial; começou então a despedir-se de suas filhas. Pediu-lhes perdão por tudo o que lhes houvesse causado escândalo e sofrimento, e dirigindo-se a quatro religiosas inobservantes, fez-lhes ver que para o bem delas havia tido fortaleza em sujeitá-las a obediência dos Menores, falou ainda outras palavras cheias de unção e amor. Enquanto isso, a Comunidade chorava a gritos e os Frades Menores que rodeavam seu leito as acompanhavam no pranto.

— "Minhas filhas — disse-lhes a Madre — tende presente quanto me

custou a fundação", e exortou-as à santa observância da Regra. "Não vos esqueçais de vossa Madre. Adeus, minhas filhas. Eu cuidarei de vós lá do Céu, e de lá vos repreenderei".

As religiosas disseram que nada tinham que lhe perdoar, mas que ela sim, perdoasse a cada uma por tudo quanto lhe houvesse ofendido. Dito isto acercou-se Madre Mariana para receber sua bênção; a Fundadora abençoou-a com o Crucifixo, e fazendo as religiosas beijarem as sagradas chagas, estendia sua mão a cada uma para que a osculassem.

Acabando de abençoar a Comunidade, chamou a sobrinha dizendo: "Que se aproxime a Madre Abadessa". E lhe disse: "Minha filha, adeus. Deixo-te por herança o meu coração, o meu espírito, todos os meus sofrimentos e a Paixão de Meu Divino Esposo; e te entrego a minha grei para que cuides da estrita observância; eu que tive e tenho que dar estrita conta da alma de cada uma de minhas filhas, sustentei-me com fortaleza para o cumprimento da santa Regra". Aqui a Fundadora disse palavras de muito peso e edificação, novamente abençoou Madre Mariana, encarregando-a de suas filhas: "Tu, minha filha, beija a chaga do Lado". E parece que nesse ato ela entregou a sobrinha ao Sagrado Coração de seu Divino Esposo; aí a Fundadora deu-lhe o ultimo abraço.

A seguir, Madre Maria levantou o Crucifixo e disse: "Abençôo a minha Comunidade presente, abençôo a todas minhas filhas futuras até a última que há de ser fiel à sua vocação neste mesmo lugar; conheço a todas, com suas fisionomias, seus caracteres, suas virtudes e defeitos, e vejo através dos séculos o que lhes há de passar; abençôo este Mosteiro, abençôo estes benditos claustros que tanto me custaram; abençôo estas muralhas e abençôo este lugar. Estas coisas ficam escritas no coração de todas as minhas filhas aqui presentes, elas transmitirão a minhas sucessoras, as quais, sabendo e lendo isto, me amarão — então eu estarei no Céu, de onde lhes darei uma benção especial. E isto se saberá quando minha Comunidade estiver agonizante no século XX e como débil barquinha combatida por furiosas ondas, porque neste tempo terei filhas dignas de sua vocação.

"Nesta difícil e angustiosa situação a Estrela dos Mares, Maria Santíssima, as salvará do naufrágio e o sopro do Espírito Santo acalmará a tormenta deixando-as em tranquila paz, calma e bonança".

Dito isto deu a ultima benção com o Crucifixo a todas as suas sucessoras. Deu também uma bênção especial à Ordem Seráfica dizendo: "Bendita sejas de Deus mil vezes, Seráfica Ordem e Mãe minha, a cuja sombra vivi, em cujos braços morro tranquila e em cuja sombra bendita se acolham todas as minhas filhas, até o último dia dos tempos, para serem resguardadas

do milhano infernal e de seus enganos e sugestões. Aquela que a ame, seja bendita de Deus e aquela que a despreze e dela se afaste, seja maldita. Oh! meu Seráfico Pai, São Francisco guardai sempre em vosso seráfico coração todas as vossas filhas concepcionistas".

Este parece ter sido o último "élan" de seu inflamado amor a Deus e à sua Seráfica Ordem. Sua mão trêmula deixou cair o Crucifixo e o Provincial pôs a cera benta em sua mão. Começou a agonia.

A agonia

Até aqui sua voz esteve sonora. Começando a agonia deu um suspiro e rezava amorosamente as jaculatórias que lhe sugeriam o Padre Provincial e Madre Mariana: "Jesus, Maria, José e Francisco", repetia docemente enquanto calavam o Padre e Madre Mariana, a moribunda as continuava repetindo.

Seus olhos formosos tinha-os elevados ao Céu. Madre Mariana lentamente os cerrava com a mão, conforme iam se definhando, até que, fechando-os por completo, ouviu-se sua última palavra, que mal se entendeu: "Francisco!"

Sua Morte e sepultura — O juízo de Deus

Os Frades rezavam as orações dos agonizantes e quando cantavam o Credo, ela exalou seu último suspiro com um doce sorriso, como se visse algo celestial. Neste momento sua preciosa alma separou-se de seu corpo virginal e Madre Mariana viu como sua alma se apresentou ao tremendo juízo de Deus — tinha o aspecto de uma branca e formosa névoa com apenas uma ligeira mancha um tanto escura.

Ao mesmo tempo Madre Mariana viu no Céu, o trono de glória, de grande Majestade e formosura que a Madre Maria estava destinada num coro especial que só as Fundadoras das Ordens religiosas ocupam. O trono de Madre Maria era de grande glória e resplendor por ser ela a Fundadora do Mosteiro da Imaculada Conceição de Quito.

Deus Nosso Senhor fez ver a Madre Mariana como sua tia foi ao Purgatório por oito dias, e como não sofria a pena do fogo, mas somente a do dano. Isto ela viu no próprio instante em que expirou a Fundadora, enquan-

to os Frades rodeavam seu leito e a viram morrer.

Quando eles a viram morta, quiseram cantar o responsório, mas as religiosas se opuseram, sem dúvida pensando que ela estivesse em um dulcíssimo êxtase, porque seu rosto estava formosíssimo, as maçãs do rosto e os lábios como se fossem rosas, a boca esboçava um sorriso, entreaberta como se fosse falar; pensavam que estivesse viva.

Os Frades, desde que começou a agonia, temiam que Madre Mariana devido ao sofrimento morresse junto, mas Deus fortaleceu Sua esposa, que sofria neste momento um duplo martírio, por ver morrer sua Madre e por vê-la na prisão do Purgatório. Ela sabia que Madre Maria já estava morta, mas não disse uma palavra, só a beijou na fronte, nas mãos e nos pés. Os Padres instavam para cantar o responsório, mas a Comunidade se opunha. Assim ficaram todos rodeando o leito de seu tesouro.

Procuraram D. Sancho, e como não o encontrassem em diversas partes da cidade, tiveram de fazer soar o toque de sino que as religiosas usavam para chamar o médico. Ele chegou então, e examinando a Fundadora disse aos Menores: "Meus Padres, a Madre está morta há duas horas". Assim sendo, cantaram o responsório e, transpassados de dor, saíram os Frades, ficando a comunidade inconsolável, chorando a morte de sua Madre.

Madre Mariana não permitiu a ninguém que amortalhasse sua tia. Ela mesma, com amor de sobrinha, ternura de filha e reverência a uma santa, amortalhou seu santo cadáver.

Oh! quais seriam os afetos de suas filhas; com que ternura osculariam estas mãos benfeitoras! E desafogando em tristes lamentos, os corações órfãos cobriram de flores a falecida e a levaram para velar no coro inferior. Formoso e como em êxtase, semelhante a uma rosa, seu corpo permaneceu três dias sem decompor-se, nem exalar mau odor, de morta só tinha o frio. Suas filhas não podiam separar-se de sua Madre; dia e noite passaram junto a seu cadáver, revezando-se, e julgavam até que estivesse viva. Madre Mariana, que tudo sabia, deixava que desafogassem seu sofrimento aos pés de sua Madre.

Ao terceiro dia viram que em sua mão havia se engrossado uma veia, e ainda que todo o corpo estivesse flexível e formoso o seu rosto, foi necessário sepultar seu cadáver. Sepultaram-na no coro inferior com um sinal indicando que foi a Fundadora. As exéquias e todos os funerais foram feitos pelos Frades Menores.

Madre Mariana, que tinha seu coração transido de dor, quando já es-

tava sepultado o cadáver de sua amada tia, deu rédea solta a sua aflição; fechou-se para chorar sua orfandade e rezou a Seu Divino Esposo, dizendo que não podia suportar mais ao ver sua Madre no Purgatório.

Madre Mariana liberta a alma de Madre Maria do Purgatório

— "Meu Amor — disse-lhe — se me tirastes minha Mãe, na terra, fazei que a veja no Céu; dai-me a alma de minha Mãe, e assim saberei se Vós me amais; apagai antes a mim do Livro da Vida, mas que a sua alma voe ao Céu".

A estes amorosos rogos, do Sacrário lhe respondeu o Senhor: "Minha filha, aplica tuas lágrimas, tuas penitências e tudo o que fizeres nessa intenção durante cinco dias, e a alma de tua Madre voará ao Céu". Oh! com que fervor ofereceria isto Madre Mariana para tirar do cárcere do Purgatório a sua amada tia!

Ao quinto dia depois da Comunhão foi a Priora arrebatada em êxtase, na hora da Santa Missa, e quando o sacerdote elevou a Sagrada Hóstia viu sair uma alvíssima e formosa pomba que se subia ao céu. Era a alma de sua tia, Madre Maria, que, aproximando-se de Madre Mariana, lhe disse: "Graças te dou, minha filha, já vou ao Céu e de lá te abençoarei e ajudarei". Dito isto, voou ao Céu, ficando Madre Mariana a agradecer a Seu Divino Esposo o haver livrado da prisão do Purgatório a alma de sua amada tia, e vendo a imensa glória que gozava. A partir desse dia, quando era vontade de Deus, a alma bem-aventurada da Fundadora se comunicava com Madre Mariana, e esta a consultava sobre suas dúvidas, sendo a tia seu consolo na triste orfandade, ajudando-a e consolando-a do Céu.

Oh! como paga Deus Nosso Senhor os sacrifícios feitos por Seu amor e como na divina presença a mais ligeira mancha é purificada para a união com Deus!

Madre Maria foi uma alma puríssima e quando teve grande temor da morte, perguntou-lhe a Priora por que a temia, se talvez tivesse algum apego a algum bem terreno. —"Não, minha filha, — respondeu — pois tendo deixado minha Pátria e tudo o que tive na Espanha, a nada tenho afeição nem apego. Temo a morte porque a dor que a alma sente ao separar-se do corpo me faz temer que me falte a fortaleza nessa hora". Esta foi a tentação e sofrimento que padeceu esta alma seráfica e sendo um serafim no amor, foi purificar-se no Purgatório.

Madre Mariana, depois da morte de sua tia, ficou só, padecendo indizíveis sofrimentos e sua alma magnânima suportava em silêncio seus pesares, sendo o consolo das religiosas, que iam a ela lamentar a perda de sua Fundadora. Consolava também as pessoas seculares que, na cidade, choravam a morte de sua santa Madre benfeitora.

Para todos a Madre Priora tinha o bálsamo que cura as feridas do coração, pois a caridade seráfica a fazia com que se desse toda para todos, e somente ela sofria em silêncio a imensa falta de sua Madre e Fundadora. As virtudes de Madre Maria, os benefícios imensos que fez ao Mosteiro e à cidade de Quito serão relatados na Crônica e na biografia de sua vida. Aqui só se registram aquelas coisas que dizem respeito a Madre Mariana.

Após a morte dessa ilustre Fundadora, Madre Mariana continuou governando o Mosteiro com prudência, doçura e suavidade, aliadas a fortaleza, a fim de manter a observância no seu primeiro rigor. Foi ela uma vítima do amor ao seu Convento e a heroína para conservar o fervor da Fundadora em sua Comunidade.

Madre Maria de Jesus Taboada, Fundadora, morreu no dia 4 de outubro do ano do Senhor de 1593 com a idade de 49 anos, dezesseis anos após a fundação do Mosteiro.

— Capítulo XVI —

Sofrimentos da Madre Mariana ante o anúncio da separação dos Frades Menores — De como suas ações protelaram por algum tempo a separação — Admiráveis sucessos com que Deus consola a sua esposa.

Anúncio da separação dos Frades Menores

Após a morte da Madre Fundadora começou a agonia da separação dos Frades Menores. Nessa época estavam um tanto relaxados os Mosteiros e Conventos, especialmente a Ordem dos Pregadores e a de Santa Catarina. Houve alguns deslizes entre os Franciscanos, pelo afrouxamento da seráfica pobreza e por ter decaído a observância religiosa, mas não ao ponto em que chegaram as outras Ordens acimas referidas.

Os Frades Menores que governavam o Mosteiro da Imaculada Conceição eram religiosos de muita ciência, virtude e santidade, e não podendo conter a inobservância das religiosas, resolveram prudentemente retirar-se da direção das concepcionistas, mas não quiseram renunciar inteiramente à jurisdição do Mosteiro, a fim de ter a santa liberdade de poder voltar quando chegasse a hora de Deus[4].

4 Havia no Mosteiro da Imaculada Conceição uma ala de religiosas contrárias à estrita observância da Regra, as quais se esforçavam para fazer com que o Convento ficas-

Nessa época a Igreja sofreu muito com o governo eclesiástico, pois havia discórdias entre o Bispo e os Cônegos, e bem se pode compreender o sofrimento das religiosas tendo que sujeitar-se ao Ordinário, que estava necessitado.

Chegou, enfim, o dia tão temido pelas filhas da Imaculada Conceição. O anúncio da separação dos Menores partiu o coração das religiosas; nesse dia até o Céu parecia acompanhar o pranto das concepcionistas, pois chuviscou todo o tempo. Madre Mariana parecia um cadáver tal o seu sofrimento, e caminhava como no ar. Tratando com várias pessoas, pôde adiar por algum tempo mais a completa separação dos Menores. Não referiremos aqui os pormenores disso, pois não queremos impressionar os corações das religiosas mais novas, que lerão estas linhas.

Oh! que terrível sofrimento para as cândidas pombas que fizeram seu ninho nas chagas do Serafim de Assis.

"Os Menores voltarão"

Numa dessas noites de tanta amargura, levada pela dor, Madre Mariana levantou-se de seu pobre leito e desceu ao coro e prostrando-se sobre o sepulcro de sua tia, Madre Maria, qual outro Eliseu, queria dar vida a sua Fundadora, unindo seus membros aos do cadáver. — "Não resisto mais, minha Madre, levantai-vos e favorecei-me".

Falou-lhe, então, a Fundadora através de seu cadáver: "Minha filha, por enquanto é necessária a separação dos Menores. Nosso Pai São Francisco tanto ama sua Ordem e Nosso Senhor de tal modo quer a esta família seráfica, que não permitiram se cometessem nela maiores desvios como nas outras Ordens religiosas. Chegará pois o tempo de ouro em que os Menores voltarão a governar o meu Mosteiro. Então as religiosas santas da Imaculada Conceição levantar-se-ão. Sofra, minha filha. No decurso dos séculos muito sofrerá esta Comunidade, pois deixei como herança para minhas filhas o sofrimento e o auge da dor.

"Virão tempos em que as religiosas serão despojadas de todos os bens

---

se subordinado ao Bispo de Quito e não mais aos Franciscanos, pois estes lhe imprimiam uma orientação verdadeira, conforme o espírito da vida monástica. Foi em razão da força desta ala que os Frades Menores julgaram prudente consentir a contragosto em deixar o governo das concepcionistas, como ficará claro no decorrer deste e dos dois capítulos seguintes.

temporais. Nesta época, a Comunidade receberá muitas graças de Deus Nosso Senhor diretamente por meio dos Frades Menores e também pelos da Companhia de Jesus. Haverá um membro da minha Comunidade que levará a coroa das religiosas, por sua irreflexão e sua inteligência desprovida de espírito — estará cega, sem luz para ver as coisas de Deus, e com fingida virtude e zelo mal entendido fará sofrer muito a Comunidade, queixando-se ao Prelado. Ela se gloriará disso; mas a hora de Deus chegará, porque essa religiosa terá um coração nada espiritual. As religiosas serão mártires místicas.

"Quando os Menores se separarem, não será no tempo em que tu estiveres governando, e a Abadessa que isso fizer ficará no Purgatório até o dia do juízo".

Comunica-te tu com as Fundadoras, pois todas recebem visitas celestiais. Trate especialmente com a Irmã Francisca dos Anjos porque ela será tua sucessora e te ajudará em tudo. Levanta-te e continua cumprindo tuas obrigações de Superiora".

Levantou-se então Madre Mariana e foi prostrar-se diante do Santíssimo Sacramento, e lhe rogava que a pusesse junto de sua Madre, enviando-lhe a morte. Uma luz refulgente saiu do Sacrário, e falando-lhe disse: "Convém, minha filha, que por ora os Menores se separem do Mosteiro, mas isto não ocorrerá em teu tempo de Priora". Madre Mariana pediu a Nosso Senhor, então, que não lhe tirasse Madre Francisca, a que o Senhor respondeu: "Manda-a, por obediência, que não me peça a morte..." Essa religiosa havia pedido a morte a Nosso Senhor, a fim de não sofrer a separação dos Menores.

Madre Mariana saiu do coro, dirigindo-se até onde estava Madre Francisca, e com autoridade de Priora, ordenou: "Mando-te, por obediência, que não peças a morte a Deus Nosso Senhor, e tu me ajudarás em tudo". Madre Francisca inclinou a cabeça e osculando o escapulário da Abadessa, acatou a obediência. Madre Mariana comunicou de modo especial a essa religiosa os sofrimentos que as aguardavam e, unidas em espírito, eram as vítimas do amor seráfico.

Investida satânica e aparição de São Gabriel Arcanjo

Certa noite, estando Madre Mariana, como de costume, fazendo o exercício da Cruz ou de penitência, dirigiu-se à porta do coro inferior car-

regando a Cruz, usando a coroa de espinhos e a corrente, para imitar a seu Divino Esposo. De súbito, no claustro inferior que conduz ao coro, surgiu-lhe à frente um mar de fogo, uma terrível fogueira sem fundo e de largura incomensurável que lhe deteve a passagem.

Assustada por ver-se em tão terrível conflito, a cândida virgem ouviu umas vozes horríveis que saíam desse mar de fogo e diziam: "Aqui, neste lugar, queremos sepultar este maldito Convento. Mas essas malditas não nos deixam, especialmente essa maldita semente que aqui queremos sepultar". Nesse momento, dois mastins horríveis e enormes postaram-se nos dois lados de Madre Mariana, querendo sufocá-la. Ela gritou, então: "Estrela dos mares, Maria Santíssima do Bom Sucesso, socorrei-me!"

"No mesmo instante, eu vi — narrou posteriormente a Priora — uma estrela do tamanho do teto do coro, muito refulgente e despedindo raios. No centro da estrela havia um letreiro com o nome de Maria. Dela saiu uma canoa de ouro com esmeraldas e pedras preciosas; dentro dela estava um Anjo, que conduziu a pequena embarcação para junto de mim, e me disse: "Sou Gabriel Arcanjo, enviado por tua Mãe, Maria do Bom Sucesso, para socorrer-te". Ele tomou-me tal como estava, com a Cruz e as insígnias da Paixão, pôs-me na canoa e acrescentou: "Esta canoa significa tua longa vida".

O Arcanjo fê-la passar pelo mar de fogo, onde padeceu os mesmos sofrimentos e combates padecidos no oceano, quando veio da Espanha. Uma vez atravessado esse mar, o Arcanjo a recolocou no chão firme do claustro, ajoelhou-se e rezou a Ave-Maria. — "São tantas as grandezas que se encerram na saudação angélica — explicou São Gabriel — que os mortais não as conseguem compreender". Dito isso, desapareceram o Arcanjo e todo o mar de fogo, e tudo retornou a paz. Madre Mariana foi para o coro superior esperar suas irmãs para a recitação do Ofício Parvo.

Oh! quanta guerra o inferno inteiro move contra a recitação do Ofício Parvo de Maria Santíssima; e com quantos prodígios essa grande Rainha a protege para que não se deixe de o rezar!

Ah! as santas Fundadoras, que tanto sofreram para rezá-lo, garantem que essa salmodia matutina sustenta o Mosteiro e quando isso faltar, perderão o espírito religioso.

Ai! se, quando nossas irmãs mais novas lerem estas linhas, não se conservar tão santa devoção e costume, rogamos a todas as nossas sucessoras que sacrifiquem seu descanso para rezá-lo às quatro da manhã, com a devoção e o fervor das Fundadoras. Verão como o espírito da Comunidade, que

talvez se encontre agonizante, se renovará.

Madre Mariana ouve uma vez mais o timbre de Nosso Senhor Sacramentado

Noutra noite, a santa Priora foi rezar no coro superior, e ouviu um estrondo e ruídos tão terríveis que pareciam derrubar os alicerces do templo. Assustada, começou a sentir um desespero terrível e correu para prosternar-se aos pés do Sacrário e, com a fronte sobre o chão, clamava a seu Divino Esposo pedindo misericórdia: "O que é isso que ouço?" — perguntava.

Nosso Senhor do sacrário lhe respondeu: "Minha filha, isto que escutas espiritualmente sofrerão materialmente tuas sucessoras, pois chegará o tempo em que os demônios quererão demolir este Mosteiro e se valerão dos bons e dos maus para acabar com este lugar; mas não o conseguirão enquanto exista o espírito de sacrifício. Para isso é necessário que haja vítimas internas; e tu, minha filha, prepara-te para receber a visita de minha Mãe Santíssima com A qual quero favorecer-te".

Madre Mariana foi cheia de gozo ao coro superior e Madre Francisca lhe perguntou: "O que vos aconteceu, minha Madre, para estardes tão contente?" E comunicando-se essas duas almas seráficas, ajudavam-se no cumprimento da vontade divina.

Nosso Senhor comunicou ainda, posteriormente, a Madre Mariana como a santa pobreza estava relaxada entre os franciscanos. — "Fala, — minha filha — disse-lhe — com os Frades e procura remediar o que se passa, por meio de teus sacrifícios". Assim fez Madre Mariana e foi a vítima do amor a sua Seráfica Ordem.

— Capítulo XVII —

A Santíssima Virgem do Bom Sucesso começa a pedir a Madre Mariana a execução de sua Imagem para governar o Mosteiro — Segunda aparição desta soberana Imperatriz.

Nesse tempo o estado da pobre Colônia era de tristeza e aflição, principalmente, porque os governos eclesiásticos e civil davam muito o que dizer. As incursões que os espanhóis faziam pelo Sul causavam grandes transtornos e se cometiam crimes tais que recordá-los causa horror.

Assim a Igreja e a Pátria tinham grande necessidade de almas heroicas, as quais com a prática de virtude sólida se interpusessem entre a Colônia e a Justiça Divina, a fim de evitar que essas terras fossem sepultadas por uma inundação como justo castigo de seus crimes, pois nem as Comunidades Religiosas, sobretudo as masculinas, eram observantes e santas como pede o estado sacerdotal e religioso.

A causa desses relaxamentos nos conventos masculinos se devia ao fato de que, da Espanha e de outros países em geral, se enviavam para os mosteiros desta Colônia frades indisciplinados, os quais nos seus conventos não se sujeitavam às regras monacais, sendo enviados para cá por castigo. Em vista

disto, considere-se como eram os membros de tais comunidades.

Neste estado de coisas estava a Colônia, quando no silencioso recolhimento do claustro da Imaculada Conceição viviam almas verdadeiramente santas, sem as quais Quito já não existiria; e dentre estas, destacava-se sobretudo Madre Mariana de Jesus Torres, essa heroína espanhola que se ocultou entre quatro paredes como uma humilde violeta, e embalsamava com seu perfume o corrompido ambiente da Colônia em geral.

Ela padecia pelas ofensas feitas à Divina Majestade, pela perdição de tantas almas e pelo estado interno do seu Convento, onde não faltavam, embora poucos, membros adversos a Família Seráfica, os quais trabalhavam sem o menor disfarce para sacudir sua obediência, com muita tenacidade, desde a morte de Madre Maria de Jesus Taboada, a insígne Fundadora.

Corria o ano de 1594 e Madre Mariana de Jesus estava à testa da Comunidade da Imaculada Conceição, governando-a com tanto tino, prudência e caridade, como seria capaz de fazê-lo uma Abadessa de madura experiência.

Ah! essa jovem religiosa havia recebido o dom de governar diretamente de Deus e de sua Mãe Imaculada! Podemos dizer que Jesus e Maria governavam esse mosteiro, tão querido da Bondade Divina e sempre perseguido e caluniado até a consumação dos séculos.

Em meio aos amargos sofrimentos que pesavam quais ferros candentes sobre a santa Priora, acudia ela como um ramo robusto da Árvore Seráfica. E ainda que combatida por terrível vendaval, permanecia imóvel unida ao seu tronco, cuja seiva lhe dava vida, recorrendo a Jesus, a Maria e a seu Pai, o Serafim chagado, à busca de luz, consolo, fortaleza, sustento e remédio.

Nesse estado de alma, no dia 2 de fevereiro de 1594, a uma hora da manhã, com o coração repleto de amarguras e penas, pôs-se a rezar no Coro superior deste bem-aventurado Mosteiro, prosternada com a fronte contra o chão, pedindo ao Senhor que por intercessão de sua Bendita Mãe pusesse fim a tantas provas pelas quais passava seu Convento tão querido, e a tantos pecados no mundo.

Aparição de Nossa Senhora do Bom Sucesso

Depois de longo exercício de penitência assim prosternada, percebeu alguém diante de si. Perturbou-se seu coração e uma voz doce chamou-a pelo nome. Levantou-se rapidamente e encontrou uma belíssima e formo-

síssima Senhora, que tinha em sua mão esquerda o Menino Deus e na direita um báculo todo de ouro polido, adornado com pedras preciosas nunca vistas aqui na terra.

Seu coração — conforme relatou a seu diretor espiritual — encheu-se de indizível e santa alegria, e de um amor tão intenso a seu Deus, que teria morrido ali mesmo. Nesses santos transportes de alegria e felicidade, perguntou o seguinte: "Formosa Senhora, quem sois e o que quereis? Não sabeis que não sou senão uma pobre monja, cheia do amor de Deus, e verdade, mas sofrida e amargurada até o extremo?".

Ao que lhe respondeu a Senhora: "Sou Maria do Bom Sucesso, a Rainha dos Céus e da Terra. Precisamente porque és uma alma religiosa, cheia de amor a Deus e a tua Mãe, que agora te fala, vim do Céu consolar teu coração aflito. Tuas orações, lágrimas e penitências são muito agradáveis a nosso Pai celestial! Aquele que te infunde seu Espírito Consolador e sustenta os justos atribulados, formou de três gotas do Sangue de Meu Coração o mais formoso dos filhos dos homens, o qual, durante nove meses levei em meu seio puríssimo, e dei-O à luz no portal de Belém, reclinando-O nas palhas frias e permanecendo Eu, Virgem e Mãe de Deus. Como Mãe tenho-O aqui, em meu braço esquerdo, para com Ele suster o braço da Divina Justiça sempre pronto a descarregar o castigo sobre o mundo infeliz e criminoso.

"No braço direito tenho o báculo que vês, pois quero governar este meu Mosteiro como Priora e Madre. Os Menores estão para deixar o governo deste Convento, o qual necessita mais do que nunca, nesta dura prova que durará séculos, do meu amparo e proteção. Com isso Satanás começa a querer destruir esta obra de Deus, valendo-se de filhas minhas ingratas, mas não o conseguirá porque sou a Rainha das Vitórias e a Mãe do Bom Sucesso, sob cuja invocação quero fazer em todos os séculos prodígios em favor da conservação deste meu Convento e de suas moradoras.

"Até o fim do mundo terei filhas santas, almas heroicas, que na vida obscura de seu Convento, sofrendo perseguições e calúnias no próprio seio de sua Comunidade, serão objeto das complacências e do amor de Deus e de sua Mãe. Nós as consolaremos pessoalmente, pois serão destinadas a nos tratar familiarmente por meio de manifestações externas. Elas sustentarão a Comunidade em amargos tempos, como colunas fortes e robustas. Suas vidas de oração, ascese e penitência serão de suma necessidade em todas as épocas, e após terem passado despercebidas na terra, subirão ao Céu para ocupar um alto trono de glória, empunhando a palma e coroa das virgens e mártires da penitência, ascese e amor de Deus.

"Agora quero que fortaleças teu coração e que o sofrimento não te aba-

ta. Tua vida será longa para a glória de Deus e de sua Mãe que te fala. Meu Filho Santíssimo te presenteia com a dor em todas as suas formas, e para infundir-te o valor que necessitas, toma-O de meu braço e recebe-O nos teus; e estreita-O contra teu coração tão débil e imperfeito".

A Virgem Santíssima colocou então o Divino Menino nos braços desta feliz religiosa, ela O estreitou contra seu coração e O cumulou de carinhos, sentindo-se desde logo tão forte quanto desejosa de sofrer.

O contacto com a Rainha dos Céus durou até às três da manhã. Durante toda a aparição, luzes emanavam de Maria Santíssima, a Aurora, e do Sol de Justiça, Seu Filho, refulgia uma claridade nunca vista — quando esta Aurora e este Sol se ocultaram tudo ao redor era obscuridade e trevas.

Levantou-se então do lugar onde rezava, a poucos passos da grade do coro superior, entrou à direita e tomou seu assento de Priora para aguardar suas irmãs que vinham rezar o Ofício Parvo, tão do gosto de Maria Santíssima.

Ao chegarem as religiosas e darem início as suas orações matutinas, notaram a Abadessa como que transformada. Sem saberem por que, sentiam seus corações abrasados de amor de Deus e para com Maria Santíssima, e rezavam com um fervor maior que o ordinário.

Madre Francisca dos Anjos, enquanto rezava, compreendeu por inspiração que sua Madre e irmã acabava de receber alguma graça muito insígne. Dando graças à Bondade Divina, ainda neste dia, pediu à Priora que a fizesse participar de tão grande privilégio. Madre Mariana de Jesus contou-lhe muito por alto o ocorrido e essas duas almas seráficas se disputavam em afeição e santidade para agradecer ao Senhor tanto amor pelo Convento.

Desde o feliz dia 2 de fevereiro de 1594, em que se deu a segunda aparição da Santíssima Virgem à sua filha primogênita, Madre Mariana de Jesus, a santa religiosa ficou renovada e inflamada no amor de Deus, revelando em seu corpo e em sua alma a grandeza do dom que recebera, gozando de uma inalterada paz celestial.

Estava então para terminar seu triênio como Priora, cargo que ele ia entregar sem haver cumprido nenhum deslize, pois observou irrepreensivelmente o mais estrito silêncio monástico, a pontual observância da Regra, os votos e, especialmente, a clausura perfeita.

Oh! Como esta santa Priora governou o Mosteiro da Imaculada Conceição com doçura e fortaleza, fazendo reinar nestes benditos claustros a

Jesus, Maria e José, convertendo este santo convento na casa de Nazaré ou mesmo na antessala do Céu! Oh! Tempos felizes nos quais o Divino Esposo era servido em espírito e em verdade!

Madre Maria ouve o timbre do Divino Espírito Santo

Nove dias antes da eleição da nova Priora, Madre Mariana começou uma novena ao Espírito Santo, rogando-lhe que iluminasse as almas para o acerto da escolha. Estando no sétimo dia, em meio ao fervor de sua oração, sentiu um vento impetuoso, semelhante ao que ouve no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos, e viu refulgentes raios de luz que entravam pelas janelas do coro, iluminando todo o pavimento.

Envolta nesta luz, ouviu Madre Mariana uma voz que dizia: "Eu sou Aquele que dá os dons e os frutos. Descanso nas almas puras como num leito de rosas e açucenas. Eu sou O que te dei meus sete dons e meus doze frutos; e agora, venho com o dom da fortaleza dar nova têmpera à tua alma, porque já chegou o tempo dos teus sofrimentos, em que, passo a passo, deverás imitar a vida de teu Esposo Crucificado. São tantos os padecimentos que te aguardam que se não te confortasse com o dom da fortaleza tua vida se dissolveria. Em breve os Menores deixarão o governo do Mosteiro da Imaculada Conceição, e tu serás perseguida, caluniada e aprisionada". Dito isto desapareceu o Espírito Consolador e Madre Mariana caiu desfalecida.

As religiosas ao verem que sua Priora não aparecia, procuraram-na por toda parte e, não a encontrando, agitaram-se muito, até que Madre Francisca dos Anjos a encontrou estendida no chão de uma tribuna, como se estivesse morta. A visão, sem dúvida, dera-se no coro inferior onde a Revda. Madre fazia suas penitências e orações; mas dali ela devia ter conseguido sair e chegar até a tribuna, onde voltou a cair sem sentidos — ali as religiosas a encontraram.

Chamaram a enfermeira, Madre Francisca, para que a curasse. Madre Francisca aplicou-lhe algumas essências aromáticas a fim de que ela voltasse a si, mas dizia interiormente: “Faço estas coisas inutilmente, porque a Madre sofre de algo sobrenatural”. Ela demorava tanto a recobrar os sentidos que as religiosas se afligiram muito. Madre Francisca rezou então a Deus Nosso Senhor para que a fizesse voltar a si. Imediatamente Madre Mariana abriu seus belos olhos e os fixou nas quatro religiosas inobservantes que ali se encontravam: Elas não puderam suportar seu olhar e saíram lentamente. O mesmo fizeram as que participavam das ideias de inobservância.

Quando Madre Mariana ficou a sós com Madre Francisca, repreendeu-a docemente: "Para que curar-me com estas coisas, minha filha? Com isso podes ofender a pobreza que tanto amou nosso pai São Francisco!" Ao que respondeu Madre Francisca: "Por acaso as religiosas sabem o que tendes? Rogo-vos que me conteis o que ocorreu convosco, pois vosso semblante estava pálido como o de uma morta". — "Minha filha — retomou Madre Mariana — nosso Pai São Francisco está indignado e tem uma queixa contra o Mosteiro, pois algumas filhas ingratas vão já sacudir o jugo da obediência à Seráfica Família, dada por Nosso Pai Julio II na Regra das Religiosas da Imaculada Conceição". Ao ouvir isto, Madre Francisca começou seu pranto, desfeita em união com Madre Mariana, e depois que estas duas almas seráficas desafogaram seus corações aos pés do Tabernáculo, saíram da tribuna. Madre Francisca levando em seus braços Madre Mariana, a qual não podia andar, de tão fraca. À hora do coro, Madre Mariana saiu para presidi-lo.

— Capítulo XVIII –

Da eleição de Madre Magdalena de Jesus Valenzuela como Priora — Madre Mariana entrega com sua humildade o cargo e começa seus terríveis sofrimentos em união com as Madres espanholas — Separação dos Menores — De como se prestou obediência ao Ordinário.

Chegou o dia da escolha da nova Priora, e ainda que as religiosas conhecessem os relevantes méritos da Madre Mariana — que deveria ser repetidas vezes reeleita a fim de se conservar o esplendor da observância — deixaram-se enganar pelo demônio, que obscurece essa mesma luz.

Foi sob a influência das religiosas inobservantes, que desejavam maior afrouxamento do rigor monástico e do favoritismo de parentes de Madre Valenzuela, os quais dirigiam o governo eclesiástico, que se fez a votação, havendo só duas candidatas — Madre Mariana de Jesus e Madre Valenzuela. Com pesar e lágrimas, os Menores receberam a notícia da escolha da Madre Valenzuela como Abadessa, pois prezavam muito Madre Mariana e o Mos-

teiro da Imaculada Conceição.

Madre Mariana com profunda humildade prestou obediência e entregou o cargo à Madre Valenzuela, e desde então foi o objeto do desprezo, da mofa, da perseguição e da calúnia do Mosteiro que ela fundou; acusaram-na de graves omissões em seu Priorato, mas esta virgem prudente selou seus lábios e não se defendeu.

Os Frades Menores despedem-se do Mosteiro da Imaculada Conceição

Madre Valenzuela, por sua vez, com a rapidez do raio, trabalhou para sacudir a obediência aos Menores e sujeitar-se ao Ordinário. E realmente, ela o conseguiu: chegou afinal o dia funesto em que vieram os Frades Menores despedir-se. Fizeram no coro inferior uma terníssima prática à Comunidade, fazendo ver como sob sua direção, desde o dia da fundação, a santa observância progredia e que se eles se separavam não era por ordem da autoridade eclesiástica, mas para evitar maiores males às inobservantes.

Em seguida o Provincial se pôs de joelhos e com os braços em cruz agradeceu à Madre Mariana e a todas as observantes; deu-lhes uma benção especial e lhes disse: "Nossa separação não durará para sempre, nós não o veremos, mas nossos sucessores voltarão em tempos melhores que estes para governar nosso amado Mosteiro da Imaculada Conceição; cumprir-se-á a regra dada pelo Santíssimo Papa Julio II e haverá religiosas santas".

Madre Mariana se desfazia em lágrimas em união com as observantes, especialmente as espanholas Fundadoras, e o Padre lhes disse: "Estas lágrimas, esta data e este fato conservar-se-ão em nossos arquivos da Ordem Seráfica. E depois de haver abençoado com ternura as religiosas observantes, especialmente Madre Mariana, voltou-se às inobservantes e dirigiu-lhes palavras de maldição, as quais se cumpririam, para algumas ainda em vida e para outras na hora da morte.

As inobservantes pediram ao Padre Provincial para falar a sós com ele, mas o Revmo. Padre se negou voltando-lhes as costas, e proferiu estas últimas palavras: "Ninguém é profeta em seu povo". Retirou-se depois deixando Madre Mariana e as demais Fundadoras em uma cruel agonia. Parecia que até os elementos da natureza acompanhavam o gemido das inocentes rolas que choravam sua orfandade. O tempo era triste e o sol parecia não querer iluminar esse dia mal fadado.

Depois da separação dos Menores, a obediência foi dada ao Ordinário, e Madre Mariana e suas companheiras se submeteram docilmente a essa dura prova, pois as inobservantes se viram então livres dos Menores que as vigiavam com caridade seráfica. A observância começou a decair, desapareceu o silêncio estrito e passou-se a cometer deslizes em matéria de clausura. Em uma palavra, começou o relaxamento da perfeição monástica.

Encarceramento de Madre Mariana: desprezos e mofas

Ao ver isso, Madre Mariana chorava em seu coração e querendo conter tal situação, como Fundadora e ex-Priora, foi à Madre Valenzuela, sua Abadessa, e com profunda humildade lhe fez ver como devia refrear as inobservâncias. O resultado foi que o Prelado, tomando conhecimento disso, mandou um auto ordenando que se encarcerasse Madre Mariana por três dias, que lhe tirassem o véu, que fosse conduzida todos esses dias ao refeitório, onde lhe seria dada uma disciplina em público, e que comesse no chão.

Com efeito, a cândida pomba foi trancada num cárcere baixo, perto do coro inferior. Todos os dias levavam-na ao refeitório sem véu e davam-lhe uma disciplina em comunidade. A seguir, faziam-na comer no chão cobrindo-a de desprezos e mofas. A inocente virgem não levantava seus formosos olhos e fixando-os no solo se humilhava para imitar a seu Divino Esposo. Nestes três dias, viu-se privada da Santa Missa e da Sagrada Comunhão.

Cumpridos os três dias, tiraram-na da prisão e puseram-na em um quarto desprezível, proibindo-lhe a comunicação com suas irmãs, vigiando para que ninguém lhe falasse. Mas as Fundadoras espanholas não resistiram a esse sofrimento e foram desabafar suas penas com Madre Mariana até que veio nova ordem do Prelado para que se encarcerassem, por um mês, todas juntas.

Assim, as cândidas pombas foram presas nesse cárcere baixo e escuro, privadas dos Sacramentos, da Santa Missa e do Ofício Divino. As monjas quiseram tirar-lhes os hábitos e véus, mas o Prelado não permitiu, dizendo que não podiam tirar-lhes os hábitos por serem Fundadoras, e só lhes privaram dos véus.

Passavam as heroínas cativas em orações e recolhimento, fazendo do cárcere a antessala do Céu. As vítimas saiam apenas para o refeitório. Iam como noviças, e faziam-nas comer em terra um pouco de alimento, em meio a desprezos e escárnios. Depois voltavam ao cárcere para seguir a sua

via dolorosa.

Apesar de Madre Mariana ser o consolo de suas filhas, não podia vê-las privadas da Santa Missa e da reza do Ofício Divino. Dirigiu uma nota ao Prelado pedindo-lhe que lhes concedesse assistir a Santa Missa e rezar o Ofício Divino. "— Se fosse por mim só, dizia-lhe, suportaria em silêncio como suportei até aqui. Mas não posso ver sofrer minhas filhas e irmãs toda essa injustiça com que se trata as Fundadoras espanholas nesta Colônia". Madre Mariana pediu também seu passaporte para, em companhia de todas suas fundadoras, voltar para a Espanha, levando os restos de Madre Maria Taboada, sua tia.

As monjas não quiseram entregar essa nota ao Prelado. Então Madre Mariana saiu do cárcere e com toda humildade foi a Abadessa, dizendo que não podia impedir-lhe de dirigir-se ao Superior, e que ela, como Fundadora, podia fazer extinguir o Mosteiro. Ao ouvir isso, as monjas começaram a temer e concederam-lhe o que pedia, isto é, ir pessoalmente à roda e ela mesma mandar a nota ao Prelado, e que a resposta lhe fosse dada em mãos. Assim se fez, e o Prelado na resposta disse-lhe que sendo tantas e tão graves as queixas que delas tinha recebido, que até nova ordem permanecessem presas no mês ordenado, mas lhes permitia assistir à Missa e rezar o Ofício Divino. Com essa licença, alegraram-se as inocentes cativas, as quais eram quinze, sendo sete as Fundadoras espanholas mais oito religiosas observantes educadas pela Madre Mariana.

As demais observantes sofriam muito com as injustiças e tormentos que se impunham a Madre Mariana e suas companheiras. Iam elas pelo claustro inferior e, aproximando-se do cárcere, faziam ruídos para fazer-se ouvir pelas prisioneiras. Aflitas, pediam à Priora que suspendesse tanto rigor. Vendo tanta humildade, modéstia e santidade naquelas religiosas acusadas de criminosas, as próprias monjas que lhes eram contrárias sentiam inclinação para aderir a elas, mas não o faziam por respeito humano. As que aderiam às santas virgens cativas eram também levadas a prisão, de modo que se elevou a vinte e cinco o número das religiosas encarceradas por amor à santa observância da Regra das Concepcionistas.

Rezavam em comunidade; iam à Santa Missa no coro inferior; no refeitório eram penitenciadas como se fossem noviças, depois de comer em terra recebendo opróbrios e desprezos; beijavam os pés da Comunidade com tal humildade e amor fraterno que as próprias perseguidoras se impressionavam ao ver esses rostos com a paz e serenidade do Céu, sofrendo com alegria perseguições, desprezos e calúnias de suas próprias irmãs. Depois do refeitório voltavam ao cárcere e se consolavam na recreação com sua santa Madre Mariana, que lhes dirigia palavras celestiais. Trabalhavam nas horas

de labor e com um heroísmo de almas bem-aventuradas mandavam pedir à Priora que lhes mandasse serviços do Mosteiro para fazerem. De fato ela lhes mandou, e essas abnegadas esposas de Cristo trabalhavam as roupas de suas êmulas e perseguidoras.

Oh, que abismo de humildade, obediência, abnegação e amor nas filhas da seráfica Madre Mariana de Jesus Torres!

Rezavam o Ofício Divino em coro e cantavam os divinos louvores alegrando o Coração do próprio Deus. Privadas da Santa Comunhão, sofriam um indizível martírio, sem abrir seus lábios para a mais ligeira queixa. Todo seu consolo era a oração e o sacrifício. Nutridas com o suavíssimo leite do seráfico amor, que comunica doçura e suavidade em meio aos padecimentos mais terríveis, com sua resignação e prática de todas as virtudes converteram o cárcere em um Céu, cujos moradores eram Anjos.

Madre Magdalena de Jesus Valenzuela, então Abadessa, possuía um coração terno e devia compadecer-se dos sofrimentos de suas filhas, mas lhe faltava caráter e era muito mole, de modo que condescendia com as exigências das inobservantes para atormentar as inocentes vítimas. Contudo, ia às vezes visitá-las no cárcere e consolá-las. Era recebida com grande amor. As prisioneiras se prostravam a seus pés e os banhavam com lágrimas. Enternecida, a Priora chorava também, mas não aliviava seus tormentos porque com essa dura prova quis Deus santificar suas esposas. Quando já estavam para sair do cárcere, foi a Priora presentear-lhes com frutas — esse foi o refrigério que tiveram as vítimas da observância e do amor seráfico.

Foi tal a perseguição às virgens concepcionistas que, ao saber do fato, um Sr. Cônego veio à roda querendo tirá-las do cárcere e levá-las ao Norte, porque era riquíssimo e dizia que no melhor de seus terrenos edificaria um magnífico convento e lhe proveria de todo o necessário, contanto que Madre Mariana e suas vinte e cinco companheiras fossem ali, no Norte, fundar o Mosteiro da Imaculada Conceição, pois grande era a fama da alta santidade que Madre Mariana e suas filhas possuíam. Declarou que, para isso, escreveria ao Rei de Espanha a fim de poder levá-las.

— "Sei — disse-lhes este piedoso Sacerdote — que Madre Mariana de Jesus encontra-se presa com suas companheiras. Como pudestes fazer isso"? As monjas negaram dizendo que não era verdade, ao que o Eclesiástico replicou: Pois então, que Madre Mariana venha falar comigo". As freiras alegaram que ela não podia sair em virtude de algumas ocupações...

O Sr. Cônego se retirou, mas voltou ainda repetidas vezes com o mesmo assunto; as monjas, porém, lhe disseram para se entender com a autoridade eclesiástica.

— Capítulo XIX —

Sobre as graças especiais que Deus Nosso Senhor concedeu a suas esposas no cárcere em que, por seu amor, estavam cativas — Visitas celestiais que receberam.

Enquanto as criaturas se conjuravam para atormentar as filhas da Imaculada Conceição com desprezos, perseguições, calúnias, cárceres e outros sofrimentos que as monjas inobservantes lhes causavam, as esposas amantes do Cordeiro imitavam, na prisão, a Seu Divino Modelo e, com sacrifícios, penitências e orações, vida de contínua de imolação, aplacavam a Justiça Divina, irada por tantos crimes que se cometiam no mundo e pelos relaxamentos do Mosteiro. As vítimas clamavam para suas irmãs perdão e misericórdia. Foi assim que se conservaram estes sagrados claustros da Limpia Concepción.

O cárcere escuro foi visitado e santificado pela presença do próprio Deus, de sua Bendita Mãe, a Imaculada Conceição, do Nosso Seráfico Pai São Francisco, do Apóstolo do Amor, São João Evangelista e dos Anjos, como se verá adiante.

Milagrosa cruz dos fulgores celestiais

O coro de virgens e mártires concepcionistas oferecia a seu Amado Esposo a requintada mirra da dor. Certa noite, enquanto Madre Mariana orava em seu humilde leito, uma pequena Cruz, pintada na concavidade da parede junto a pobre cama, iluminou-se com fulgores celestiais, comunicando ao cárcere resplendores mais brilhantes que os do sol. Com esta claridade despertaram todas as felizes cativas e perguntaram a Madre Mariana: "Minha Madre, o que está acontecendo?" — "Minhas filhas, respondeu-lhes, agradeçamos a Deus Nosso Senhor que assim consola as que sofrem perseguição pela justiça".

A Cruz ia crescendo até tomar o tamanho natural daquela onde foi crucificado o Homem Deus. Nesse momento entraram em êxtase todas as Fundadoras espanholas e viu cada uma algo diferente das demais.

Palavras de Nosso Senhor a Madre Mariana

Madre Mariana viu a Nosso Senhor Crucificado, como estava no Gólgota, agonizante e escorrendo Sangue de Suas chagas — ouviam-se os impropérios e as blasfêmias dos judeus. Nosso Senhor vendo que Suas lágrimas causavam imensa dor a Madre Mariana, disse-lhe: "Estas chagas Me foram abertas pelas reli-giosas inobservantes que repeliram a obediência aos Menores e esta dor a sentirei em todos os séculos vindouros enquanto o Mosteiro se conservar separado da jurisdição dos Menores, porque em todos os séculos haverá almas ingratas, contrárias à Ordem Seráfica. Mas também haverá almas muito amantes da Seráfica Família, que se esmerarão no cumprimento de sua Santa Regra".

São Francisco pune religiosa inobservante

Madre Francisca dos Anjos viu a Nosso Seráfico Pai São Francisco indignado contra o Mosteiro e que, portando um arco em suas mãos chagadas, andava pelo claustro, atirava flechas à direita e à esquerda. Uma dessas flechas atingiu o coração de uma freira, que morreu instantaneamente, sem que ninguém lhe soubesse a causa. E disse o Seráfico Pai a Madre Francisca: "Esta freira é a principal causa da separação dos Menores e do relaxamento do Mosteiro: sobre ela pesam todos os sofrimentos e inobservâncias dos séculos futuros até que se volte à jurisdição da Seráfica Família, cumprindo-se

exatamente a Regra dada pelo Papa Julio II. Eu vigiarei para que haja em todos os tempos almas amantes da Ordem Seráfica, as quais com sua vida penitente e abnegada, sustentem a observância regular do Mosteiro".

Pela manhã, quando as felizes cativas foram à Santa Missa, ouviram um tumulto na Comunidade e viram que entravam médicos e sangradores para examinar a defunta, julgando tratar-se de um ataque, pois o rosto da morta estava negro e arroxeado. Ao declararem os médicos que ela estava morta, as inocentes cativas foram soltas para que carregassem o cadáver e o transladassem para os funerais. Parece que fizeram isto por ignomínia e desprezo para com suas santas irmãs. Ai! Qual não seria a dor da Madre Francisca ao levar em seus ombros o cadáver de sua perseguidora, a quem amava com amor seráfico!

Nossa Senhora apaga a lamparina do Santíssimo

Madre Ana da Conceição viu nossa Mãe Imaculada apagar a lamparina do Santíssimo, dizendo-lhe: "Minha filha, assim estará apagado o espírito de minhas filhas em todos os séculos até que volte o governo dos Menores, porque sempre terei filhas ingratas, contrárias à Seráfica Família — umas, por inexperiência, outras induzidas a tal e outras por malícia. Mas também terei filhas santas que, amando a minha Imaculada Conceição, amarão meu servo Francisco, e serão elas as colunas firmíssimas que conservarão o Mosteiro neste mesmo lugar em que foi fundado, no coração da cidade, para aplacar a Divina Justiça pelos crimes que nela se cometem. A serpente infernal quererá destruir este Mosteiro, valendo-se de pessoas autorizadas em ciência e virtude; mas Eu não o permitirei porque em todos os séculos terei filhas inocentes, penitentes, abnegadas e observantes que atrairão os olhares de Deus e de Sua Mãe Imaculada e serão conhecidas só por Deus".

Oh! Quantos mistérios foram conhecidos apenas naquela obscura prisão em que as vítimas concepcionistas sofriam um mar de tormentos!

Pela manhã, quando foram à Santa Missa, viram a lamparina do Santíssimo apagada. E, por mais que as pessoas de dentro e de fora do Convento se empenhassem, durante um dia e uma noite, as inobservantes não puderam acendê-la; e embora trocassem a lamparina, o pavio e o azeite, não o conseguiram. No segundo dia, a lamparina se acendeu por si mesma, sem dúvida pelo sacrifício matutino das vítimas cativas, que atraíam as misericórdias do Senhor para este Mosteiro.

Nosso Senhor aparece à Madre Lúcia da Cruz

Madre Lúcia da Cruz viu a Humanidade Santíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo e no formosíssimo Homem Deus, o Coração Santíssimo do Divino Peito pulsar pela violência do amor aos homens. O Divino Coração estava rodeado de espinhos e o Sangue corria em caudais até inundar os pátios e os claustros do Mosteiro, convertendo-os em um mar de Sangue. Disse-lhe, então, o Senhor:

— "Neste mar de Sangue do Meu Coração estou pronto a lavar as culpadas que recorrerem a Mim com coração contrito". A serva de Deus viu então todas as religiosas que haveriam de habitar estes claustros até o último dia dos tempos; dentre estas, algumas religiosas culpadas, no decorrer dos séculos, haveriam de lavar-se no Sangue do Divino Coração.

Aparição do Apóstolo do Amor

Madre Magdalena de São João viu o Apostolo do Amor, São João Evangelista que, amável e risonho, queria falar com ela. Ele lhe revelou que na noite da Ceia, quando estava reclinado ao Peito de seu Mestre, um dos segredos de que teve conhecimento foi o da fundação deste Mosteiro que Ele tanto amava, e Que ali haveria almas eucarísticas que tomariam sobre si a reparação dos sacrilégios cometidos contra a Vítima Divina.

Entre estes Madre Magdalena viu o sacrilégio enorme que se cometeria na cidade de Riobamba. A que seria então República do Equador figurou-lhe como o Calvário, e a cidade de Riobamba o Gólgota onde expiava a Vitima Eucarística nas violências de doloroso amor, sob os imundos pés de filhos desnaturados que dariam morte cruel e ignominiosa a um Padre Jesuíta, cuja formosa alma penetraria imediatamente no Céu sem passar pelo Purgatório, antes mesmo que se concluíssem na terra as profanações eucarísticas que se seguiriam ao seu Martírio.

Nessa mesma manhã viu ela uma pessoa que passeava pelas ruas da cidade de Riobamba e que, perguntado por seus amigos como estava, respondeu alegremente: "Muito bem, porque passei a noite mais entretenida de minha vida agarrando Frades!" E continuando o passeio nas cercanias da cidade, junto a uma construção caiu-lhe uma viga na cabeça matando-o instantaneamente, descendo sua desgraçada alma ao Inferno.

Madre Magdalena viu também as reparações que as pessoas simples do

povo faziam. Apareceu-lhe ainda o Mosteiro de suas Irmãs Concepcionistas de Riobamba com todas as pessoas que lá estavam naquela época. Nele as lágrimas, orações e desagravos que faziam as esposas do Cordeiro sem mancha nos silenciosos muros de seu claustro, subiam como o fumo do incenso na solidão de um templo, aplacando o Senhor. Os elementos da natureza manifestavam a tristeza do dia, que era chuvoso, e choravam o sacrilégio sem nome que sofria seu Criador.

Comunicou-lhe, então, São João que esse sacrilégio público de certo modo se fez necessário para reparar as muitas profanações ocultas de que era vítima a Sagrada Eucaristia. E conheceu que era este o Mosteiro da Imaculada Conceiçao escolhido por Deus para estabelecer o desagravo do dia 4 de Maio[5]. Viu então todas as penitências e atos públicos de humildade que as religiosas faziam e como com isto muitas faltas foram perdoadas. Viu a Procissão da Penitência e como as religiosas levavam as insígnias da Paixão, e, em um transporte de gozo. Madre Magdalena dizia: "Quem me dera viver nesses felizes ternpos para unir-me às minhas irmãs e tomar parte ativa e pessoal com elas, nesse ato?"

Conheceu também que, se não tivesse havido tais desagravos, teria sobrevindo um grande castigo à culpada República do Equador, com uma total inundação. Mas que os sacrifícios das virgens concepcionistas deste Mosteiro aplacaram a cólera divina e Deus Nosso Senhor se comprazia com esses desagravos anuais.

Conheceu ainda que, com o correr do tempo, o mal se apoderaria de uma religiosa, a qual, com sua habitual astúcia, interessar-se-ia em acabar com os desagravos e penitências públicos no refeitório e também com a Procissão da Penitência, coisas que sustinham o Mosteiro. — Praza a Deus que ela caia em si e peça a Deus misericórdia!

O Santo Apostólo lhe disse que Deus se comprazia com essa procissão, e prometia nada negar sempre que ela fosse feita com verdadeiro espírito, e que estarão escritos os nomes das religiosas e das pessoas que tomassem parte nela usando as insígnias da Paixão. Com essas insígnias, essas almas serão apresentadas diante de Deus na hora da morte para receber grandes prêmios e o galardão delas sobre a Terra será o sofrimento e a dor.

Disse-lhe por fim o Santo Apóstolo que o mundo não acabaria antes que os Frades da Família Seráfica voltassem ao governo do Mosteiro da Imaculada Conceição. E que, então, resplandecendo o espírito religioso, haveria religiosas santíssimas. — Assim terminou a visão.

5 Não se vê bem mesmo pelo texto a que Mosteiro se refere aqui: se o de Quito ou de Riobamba. O contexto parece mais indicar ser o primeiro.

Aparição angélica e o tormento da roda

Madre Catarina da Conceição viu que os Anjos do Céu instalavam nos claustros e nos pátios do Mosteiro umas rodas, e se postavam em diversas partes do Convento. Aproximando-se as religiosas dessas rodas, os próprios Anjos as giravam, torturando as monjas até despedaçá-las. Eles então lhes entregavam a palma e a coroa, com que suas almas voavam para o Céu.

Isso feito, outros Anjos punham novas rodas e, aproximando-se as religiosas, ouviu-se uma voz que disse: "Estas são as almas heroicas da penitência, que com seu martírio voluntário lavarão suas culpas e as de seus irmãos, os pobres pecadores, e com isto apressarão a hora venturosa para esta Comunidade".

Visão mística e Mistério da Encarnação

Madre Maria da Encarnação contemplou o Consistório da Santíssima Trindade enquanto deliberava como redimir o homem decaído: a Pessoa do Verbo Divino ofereceu-Se para resgatá-lo e nesse momento, o Verbo Divino fez um ato de humilhação tão profundo, que jamais voltará a ser repetido por criatura alguma. Tal ato teria bastado para remir mil mundos, mas Deus quis fazer-Se Homem.

Nesse instante a Beatíssima Trindade enviou do Céu o Arcanjo São Gabriel para anunciar o Mistério da Encarnação a humilde Virgem Maria que orava em seu retiro de Nazaré. E a Santíssima Trindade permaneceu estática, esperando o "fiat" da humilde Virgem. E quando Ela com humildade o pronunciou, o Eterno Padre e o Espírito Santo operaram o inefável Mistério. O Divino Espírito comprimiu tão fortemente o Coração da Santíssima Virgem com o Amor Divino que, ao impulso desse amor, destilou três gotas de sangue com as quais o Espírito Santo formou um Corpo perfeitíssimo do tamanho de uma fava e a esse Corpo se uniu a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. — Tinha-se efetuado o Mistério da Encarnação.

Nesse Corpo tão pequeno Madre Maria da Encarnação viu o Coração do Menino Deus pulsar de amor pelo homem e o Verbo Divino unido a Humanidade crescer sem dependência alguma no seio de Maria Santíssima, onde se prostrava em cruz. A religiosa olhou para as sagradas mãozinhas do Divino Infante, e percebeu que elas seriam transpassadas com duros cravos.

Seguiu-se ainda a visão do Seu Nascimento e de como Ele foi reclinado num presépio. A humilde religiosa viu depois a vida oculta em Nazaré e conheceu que em todos os séculos haveria filhas da Imaculada Conceição que, imitando a vida retirada e oculta de Nazaré, sustentariam o Mosteiro. Recebeu também a revelação de que essa vida se aperfeiçoaria quando os filhos do Serafim de Assis voltarem a governar o Mosteiro. E ao ver estas coisas, a santa religiosa teria morrido com a violência do amor, se Deus não lhe houvesse mantido a vida.

Todas as Fundadoras comunicaram a Madre Mariana essas inefáveis visões que ao mesmo tempo tiveram nessa noite feliz, cada uma diferente das outras e as declararam sob juramento nos relatos que por escrito se conservam nas estantes do Mosteiro.

Outras visões menores — castigo das freiras inobservantes

Sucedeu também que, indo nessa noite a Comunidade das inobservantes rezar o Ofício Parvo da Santíssima Virgem, que — apesar de tudo — não se havia deixado de rezar, ouviram, vindas do cárcere, melodias celestiais e viram refulgentes luzes.

Nessa mesma noite, em que as Madres Fundadoras foram favorecidas com as mencionadas visões todas as demais religiosas que se achavam encarceradas viram o triste castigo de suas perseguidoras. À Madre Mariana foi revelado que a atual Abadessa, Madre Magdalena de Jesus Valenzuela morreria dali a poucos anos, atingida no coração, e que ficaria no Purgatório até o dia do Juízo. Todas as outras freiras viram que as inobservantes mais culpadas — causadoras dos relaxamentos dos séculos futuros — se perderiam. Outras sofreriam o Purgatório no próprio Mosteiro — e quando no pátio do coro houver jardins e roseiras, em um lugar desses elas estariam recebendo as imundícies, e dali passariam a outros lugares de imundícies no mesmo Mosteiro, caminhando sua via dolorosa. E as religiosas menos culpadas sairiam do Purgatório quando os Frades Menores voltarem a governar o Mosteiro da Imaculada Conceição e se cumprir a regra do Santo Padre Julio II e florescer a santa observância.

Pode-se supor os sofrimentos que tiveram com esta visão as heroínas do seráfico amor na sua prisão, e quanto trabalharam para aplacar a Justiça Divina e para salvar suas queridas irmãs. Que humilhações, penitências e sacrifícios não fariam aquelas cândidas virgens? E ao ver o castigo que es-

perava as que sacudiram o suave jugo dos Menores, que graças não deram a Deus Nosso Senhor por havê-las preservado? E com que temor e tremor não trabalhariam na sua santificação, clamando a Deus Nosso Senhor para que acelerasse o dia em que os Menores voltariam a governar esta Comunidade?

Ai! quanto pesam as inobservâncias, relaxamentos e tantos males sucedidos desde esse dia, levando sobre si as lágrimas e os sofrimentos de todas as religiosas vítimas do amor seráfico, e que produziriam todos os relaxamentos de todos os tempos vindouros! Pois — como disse a Santíssima Virgem à Irmã Ana da Conceição — o relaxamento dos séculos futuros dever-se-ia ao fato de terem entrado no Mosteiro aquelas freiras que, se os Menores estivessem governando o Mosteiro, de nenhum modo teriam sido aceitas na Comunidade da Imaculada Conceição.

Oh! como chora a Santa Religião por causa dessas filhas que se desgarraram do Coração do próprio Deus, causando tantos sofrimentos a suas esposas fiéis!

— Capítulo XX —

As ilustres Prisioneiras saem do cárcere — Deus Nosso Senhor vindica a inocência de suas esposas.

Prosseguiam os sofrimentos das vítimas concepcionistas, as quais, privadas do manto e do véu, padeciam a humilhação e o desprezo da Comunidade.

Contudo, durante todo o tempo que durou essa injusta prisão, as inobservantes sofreram na alma e no corpo, pois eram tais as enfermidades que então as acometeram que o Mosteiro tomava ares de um hospital. E enquanto elas assim estavam, as ditosas cativas gozavam de completa saúde e seus rostos pareciam rosas. Dir-se-ia que Deus Nosso Senhor havia comunicado às inocentes e amantes esposas a saúde das perseguidoras.

Madre Valenzuela atua pela libertação das prisioneiras

A Madre Abadessa não podendo suportar mais os sofrimentos das santas prisioneiras, em um Capítulo de Culpas, assim falou à Comunidade:

"Minhas irmãs, não é possível que nossas irmãs inocentes continuem presas. Peçamos ao Prelado que as liberte: elas fazem muita falta no coro para a recitação do Ofício Divino e eu sinto sua ausência". E não pode prosseguir, pois irrompeu em prantos, sendo acompanhada por algumas religiosas. Outras, entretanto, continuavam duras como um pedernal.

Do refeitório a Priora foi visitariar as cativas, sendo recebida com amor filial. Todas se sentaram a seus pés e ela lhes disse: "Minhas filhas, a prova já vai terminar. Logo vos porão em liberdade". Madre Mariana cerrou seus lábios e todas, com os olhos fixos no solo, imitaram-lhe o silêncio, e nada responderam.

A Priora enviou uma nota ao governante eclesiástico pedindo, entre outras coisas, "a liberdade para as santas presas, porque padecem inocentes tantas injustiças. Ninguém, a não ser Madre Mariana de Jesus, deve governar o Mosteiro, pois que ela tem sido o modelo de santidade e observância. Eu, por falta de caráter e por moleza, deixei-me levar pelas demais monjas na má conduta em relação a Madre Mariana, pelo que lhe peço mil perdões. Reconheço que não tenho aptidões para governar e apresento-vos minha renúncia ao Priorato. A isso some-se também a necessidade de reparar minha saúde, a qual está muito enfraquecida".

A resposta do governante eclesiástico foi a seguinte: "Senhora, as palavras que me dizes em tua carta, feriram meu coração. Tu devias ter percebido antes o alcance do que fazíeis e não atormentar as inocentes, expondo a que se acabe o Convento, pois as espanholas são muito queridas por sua santidade e nobreza. Saibais que deviam ter ocupado os melhores postos de preeminência na Comunidade. Saibais que entre as damas da Rainha, minha Senhora, há uma parenta muito próxima da Madre Mariana e já me reclamam por ela e pelas demais espanholas. Daqui em diante não permitirei que nenhuma das "criollas"[6] sejam Mestras, nem tenham ofícios de dignidade, pois os postos de preeminência devem ser das espanholas. Ponde-as imediatamente em liberdade e que gozem de todas as vossas primazias. A respeito de vossa renúncia, cumpra com vossa regra e termine vosso tempo".

Com esta nota do governante eclesiástico não é fácil compreender o sofrimento de Madre Valenzuela, que reuniu a Comunidade e a leu em público, dizendo a seguir: "Irmãs, nós merecemos isso mesmo. Vamos agora em Comunidade tirar nossas irmãs do cárcere". E como viu que algumas monjas resistiam, deu um grito e acrescentou: "Sob preceito da santa obediência, mando que todas vamos em comunidade libertar nossas santas irmãs". E se dirigiram ao cárcere. As que tinham resistido seguiam de longe.

6 Criollas — São os filhos de espanhóis casados com índios.

Chegaram ao cárcere, bateram, abriram e entraram. As tímidas presas, vendo que entrava a Priora com a Comunidade, puseram-se a tremer de medo, temendo maiores sofrimentos ou que lhes quisessem tirar Madre Mariana. E, todas rodearam este seu tesouro, fixando os olhares nela.

A Priora comunicou-lhes então que o Prelado já as pusera em liberdade e dirigiu-lhes uma prática, pedindo que perdoassem tudo o que haviam sofrido.

As santas prisioneiras deixam o cárcere

As vítimas inocentes se humilharam, oscularam o solo e os pés da Priora. Também oscularam os pés de cada uma das religiosas presentes e as abraçaram. Nenhuma saiu da prisão até que a Priora lhes dissesse para sair. Foram conduzidas em procissão até o coro inferior onde as virgens-mártires se prosternaram em cruz sem pronunciar uma palavra. Quando elas se levantaram, o piso estava molhado com as lágrimas que derramaram aos pés de seu Esposo Sacramentado.

Esse dia foi de regozijo para a Comunidade. Deram-lhes algum descanso e chamaram o Confessor, que confessou todas as prisioneiras então já libertas, as quais comungaram no dia seguinte, retomando sua vida de fervor e observância. Não lhes faltou também os sofrimentos causados por suas perseguidoras.

Oh! Como seria o fervor dessas amantes vítimas na primeira Comunhão que fizeram nesse dia! E qual seria o abraço inefável que lhes deu o Esposo Celestial como prêmio pelo que haviam sofrido por seu amor.

Estas heroínas mártires foram as primícias da Ordem e a glória e a honra do Mosteiro da Imaculada Conceição de Maria Santíssima. Com razão afirmou o Prelado que ordenou sua libertação, que se as Fundadoras espanholas não tivessem sofrido esta provação não teria havido santas no Mosteiro da Limpia Concepción.

Oh! Esse cárcere escuro e baixo foi o lagar onde se preparou o precioso vinho do Amor Divino, confeccionado com a mirra da dor, para ser oferecido ao Divino Esposo e refrigerar a Sua misteriosa sede no transcurso dos séculos, com tantas almas religiosas que, imitando o heroico martírio de suas Fundadoras, seriam também vítimas do Seráfico Amor.

— Capítulo XXI —

Madre Mariana de Jesus é novamente eleita Abadessa — Favores que recebe de seu Divino Esposo — Das calúnias que sofre e de seu novo encarceramento.

Transcorria o ano de 1598 e Madre Mariana de Jesus sofria terríveis tormentos, perseguições e calúnias causadas por suas irmãs, sem abrir seus lábios à mais ligeira queixa, imitando assim a seu Divino Esposo que na Cruz perdoou e orou por seus próprios inimigos.

Reeleição de Madre Mariana — Repreensão de Nosso Senhor

Chegou por fim o término do priorato da Madre Valenzuela, tempo tão nefasto para as Madres Fundadoras, e procedeu-se a nova eleição. As religiosas inobservantes, com astúcia, logo puseram em jogo todos os meios possíveis para fazer eleger uma companheira sua, que lhes permitisse maior liberdade em seu relaxamento da vida monástica. Trabalharam tanto nesse sentido que já estavam certas de conseguir seu intento. Qual não foi, porém, sua surpresa ao ver que a votação saiu em favor de Madre Mariana de

Jesus, faltando-lhe apenas os votos das inobservantes... Diante da vitória de sua adversária, algumas dentre elas, de susto, sofreram ataques e outras perderam a fala pelo sofrimento que lhes adveio.

Logo que Madre Mariana de Jesus foi eleita, Madre Valenzuela, antecipando-se as cerimônias, apressou-se a prestar-lhe obediência, como quem estivesse desejosa de entregar o cargo em mãos daquela que tanto queria fosse sua Superiora. Com efeito, ao prestar-lhe obediência disse: "V. Revma. será minha Madre".

Madre Mariana viu-se confundida, desorientada e ia pedir a renúncia. Mas ao querer dizê-lo, Deus Nosso Senhor tirou-lhe a fala e ela ficou sem poder mover-se. Nesse instante viu uma luz que saía do Sacrário, inundando e iluminando todo o templo e o coro inferior. Conheceu então todos os sofrimentos, calúnias e prisões que a esperavam em seu Priorato; ela entretanto insistia interiormente em renunciar ao cargo. Nisso viu a Nosso Senhor saindo do Sacrário, carregando uma enorme Cruz, coroado de espinhos, coberto de chagas e com os olhos cheios de lágrimas. Aproximando-se dela, Nosso Senhor lhe disse: "Eu não retrocedi no caminho do Calvário com esta Cruz tão grande e pesada, que por teu amor e de todos os pecadores carreguei — e tu queres deixar-me só, ingrata? Ai de ti, se voltares à Espanha!"

Nosso Senhor estava também amarrado com algumas cordas. Ele sentou-se junto a ela com uma corda no pescoço, sustentando a Cruz. Isto reconfortou Madre Mariana. Enquanto isso, as religiosas lhe prestavam obediência, osculando seu escapulário; mas elas, sem o perceberem, de fato osculavam a corda do Senhor. — "É a minha corda que elas osculam", disse-lhe Nosso Senhor.

Oh! como não deveria ficar seu coração vendo as lágrimas de seu Divino Esposo que lhe rogava aceitar a Cruz do Priorato!

Ao ser revestida com as insígnias de Priora, Madre Mariana sentiu em sua alma uma humildade tão profunda que acreditou ser ela a criatura mais abjeta do mundo e dizia: "Com justiça sofri tudo o que me fizeram minhas irmãs — elas tiveram razão".

Nosso Senhor pune tentativa de cisma das inobservantes

Realizou-se em seguida a procissão com a nova Priora e depois levaram-

na para as comemorações. Todas estavam cheias de regozijo, com exceção das inobservantes, e dentre estas especialmente aquela que se queria eleger Priora. Essa infeliz monja havia estado desejosíssima do cargo e manifestava uma tristeza mortal.

Madre Mariana, que penetrava o que se passava nesse coração, em meio ao regozijo de suas filhas, aproximou-se de sua perseguidora, dizendo-lhe com rosto maternal e palavras dulcíssimas: "Minha irmãzinha, por que estás assim? Qual é o sofrimento ou tristeza interior que tens?" — Ela, contudo, respondeu-lhe com altivez e atrevimento: "Nada tenho; gozai-vos o que tanto buscastes". Madre Mariana retirou-se com humildade sem dizer palavra, mas Madre Valenzuela repreendeu a atrevida dizendo: "O que é isto, irmã? Como te portas assim nesta reunião? Pois se te sentes melhor fora, retira-te para tua cela". — "Sim, Madre — replicou a monja —, muito agradecida". E saiu, levando atrás de si todas as inobservantes, as quais se reuniram para entoar canções tristes a fim de manifestar seu pesar.

Madre Valenzuela, impressionada com o fato, desmaiou. Madre Mariana amparou-a e, reclinando-a em seus braços, mandou Madre Francisca trazer água. Esta não foi caminhando, mas voando, e trouxe água e outros remédios, com os quais procuraram fazê-la recobrar os sentidos. Suas primeiras palavras quando voltou a si, foram: "Ai! minhas pobres irmãs!"

As religiosas continuaram festejando sua Priora, até que, chegando a noite, sem que ninguém o soubesse, morreu repentinamente a monja que respondera insolentemente a Madre Mariana, e que era a mesma que havia desejado ser Superiora do Convento. Porque com essa cabecilha, as inobservantes tencionavam formar outra comunidade e assim dividir o Mosteiro, — mas Deus Nosso Senhor não permitiu tal divisão, pois "todo reino dividido será destruído", e tirou a vida da infeliz cabecilha.

Quando suas companheiras a viram morta culparam Madre Mariana dizendo que ela devia ter feito alguma coisa para que a religiosa morresse, mas a inocente Priora não abria os lábios para defender-se. Oh! terríveis são as paixões desenfreadas em pessoas religiosas! De que formas são capazes de perseguir e atormentar as inocentes vítimas de sua inveja!

O Divino Esposo, porém, fez ver sua justiça: pois que as inobservantes estiveram a cantar seus cânticos de luto, Deus fez com que tal luto fosse na verdade pela morte da cabecilha que quiseram ter por Priora. Mas nem isto lhes abriu os olhos, pois a serpente infernal as mantinha cegas, e em seus conciliábulos de iniquidade tratavam de caluniar e perseguir sua santa Priora, Madre Mariana, a qual sofria duplo martírio, por ver as maquinações das inobservantes e pelos contínuos sofrimentos que elas lhe causavam, como

adiante se verá.

Com a morte dessa pobre monja terminaram os festejos na Comunidade e se fizeram seus funerais.

Maquinações das inobservantes contra Madre Mariana

Madre Mariana penetrava o que se passava no coração das inobservantes e procurava satisfazer seus desejos antes mesmo que elas os manifestassem. Pessoalmente levava-lhes o que necessitavam com uma doçura e humildade celestiais. Elas, contudo, com altivez e soberba algumas vezes aceitavam com desprezo e punham de lado o que ela lhes trazia; outras vezes lhe diziam: “Põe então aí".

Sendo Madre Mariana o objeto de suas iras e desprezos, ao fim do primeiro mês de seu Priorato, as inobservances foram ter com Madre Valenzuela para pedir-lhe que escrevesse ao Bispo a fim de conseguir ordem de prendê-la, acusando-a de alvoroçar o Convento, e dizendo que já não podiam tolerar o rigor com o qual ela as tratava. Acrescentavam que, passado apenas um mês de seu governo, a vida já era intolerável e pediam que se pusesse fim a este governo tão hostil.

Madre Valenzuela respondeu que escreveria, disse-lhes que deviam assinar a carta, e que para isto ela as esperaria mais tarde. A Madre redigiu então, expondo que as inobservantes é que alvoroçavam o Mosteiro e que a Priora pedia que fossem encarceradas, e citou o nome de todas elas. Quando estas foram assinar e leram o que Madre Valenzuela havia feito, indignaram-se e retiraram-se para fazer, por si mesmas, o que adiante se dirá.

Madre Mariana, que não podia tolerar a inobservância, empregava os meios mais suaves para corrigi-las, dizendo-lhes com doçura: "Irmãzinhas, esquecemo-nos que em tais locais estamos obrigadas ao silêncio, vamos ter mais cuidado”. Mas nada conseguia, sofrendo com isso um tormento indizível.

As ordens do Prelado, que possuía a jurisdição do Convento, pioravam ainda mais a situação, pois eram de um teor tal que o obedecer-lhes comprometia a consciência. A observância ficara reduzida ao estado como que de uma parede desaprumada que desmoronava pela falta do governo dos Frades Menores, os quais, como a crianças, haviam ensinado com doçura a mais estrita observância. O Prelado secular, pelo contrário, nem entendia a

regra, nem podia conter a inobservância.

Madre Valenzuela era boa religiosa, mas não tinha os dons do governo, faltava-lhe caráter e sendo muito débil, deixava-se governar pelas inobservantes. Bem se pode compreender seu sofrimento por ter sido ela quem pediu a separação de Menores, a fim de agradar as inobservantes. — Sobre sua consciência caía todo o peso da inobservância.

Vendo que Madre Mariana não podia sujeitar as inobservantes com a humildade e a doçura com que governava, Madre Valenzuela caiu doente em razão de seu pesar e nesta enfermidade Madre Mariana foi todo seu consolo.

Madre Mariana é encarcerada

Entretanto, o conciliábulo das inobservantes escreveu ao Prelado uma nota com o seguinte teor:

“Madre Mariana de Jesus quebra o silêncio onde quer, não assiste aos atos da Comunidade, encerra-se com as suas para comilanças; o Convento é um jubileu dos Frades Menores, onde se conversa até altas horas da noite. Madre Mariana, além disso, trabalha para suprimir a jurisdição de Vossa Senhoria Ilustríssima. Suplicamo-vos encarcerá-la". E outras coisas mais puseram nesse estilo.

Enviou-se a nota fechada, porém Deus Nosso Senhor avisou Madre Mariana sobre o que ela continha.

Veio em seguida duas notas do Prelado, uma secreta, para as inobservantes, cujo conteúdo Deus Nosso Senhor também comunicou à Madre Mariana, e outra para ela mesma, na qual dizia o seguinte:

"Senhora, por haver faltado gravemente à vossa regra e ter estado em conversas com os Frades Menores até tarde da noite, ordeno-vos que fiqueis suspensa do cargo de Abadessa, permanecendo esta sede vacante até nova ordem e que sejais encarcerada imediatamente".

Madre Mariana chorou ao ler essa nota e Madre Francisca vendo-a assim indagou: "Que aconteceu, minha Madre?" Ela não lhe disse uma só palavra, e dirigiu-se ao coro inferior. Entretanto, suas perseguidoras procuravam-na, e encontrando-a no coro, disseram em tom de triunfo: "Sai, Madre, e vem ao cárcere obedecer a ordem do Prelado que manda prender-te".

A vítima inocente saiu no mesmo instante dizendo-lhes: "Vou pegar o Breviário em minha cela". "Não — disseram as perseguidoras — o Ofício Divino é para as observantes, não para ti", e encarceraram-na.

As religiosas, sem nada saber, procuravam sua Priora e não a encontravam. Uma das perseguidoras lhes disse então: "Já não temos Abadessa; haverá nova eleição, pois Madre Mariana está no cárcere".

Oh! que espada de dor para as espanholas! Foram vê-la no cárcere. "Nossa Madre — diziam-lhe de fora — o que há?" "Minhas filhas —respondeu-lhes — deixai-me e rogai por mim".

— Capítulo XXII —

Madre Mariana continua no cárcere — As demais Fundadoras juntam-se a ela — Sofrimento que tiveram as prisioneiras — Terceira Aparição da Santíssima Virgem do Bom Sucesso à Madre Mariana de Jesus.

Enquanto a Comunidade das observantes lamentava a prisão de sua Priora, as perseguidoras andavam triunfantes e procuravam a saúde da Madre Valenzuela para fazê-la Priora. Na nota que escreveram ao Prelado pedindo a prisão da Madre Mariana uma das calúnias era de que Madre Valenzuela havia caído enferma em virtude do rigor com que Madre Mariana a tratava.

As inobservantes circundavam seu leito, o que lhe causava grande desgosto, pois Madre Valenzuela já conhecera seu erro e delas havia se separado, unindo-se a Madre Mariana e às demais Fundadoras.

Acamada, Madre Valenzuela ignorava a prisão da Madre Mariana. Como todo o seu consolo consistia em tratar com sua Priora, a qual procurava sua saúde de todos os modos, tratando-a com doçura, caridade e amor materno, vendo que ela tardava em vir, fê-la chamar dizendo que necessitava falar-lhe. As perseguidoras responderam que ela estava ocupada, e como a doente instasse em chamá-la e a Madre não vinha, começou a chorar, dizendo que Madre Mariana havia morrido. As inobservantes disseram então: "Não está morta, mas encarcerada".

Com essa notícia Madre Valenzuela desmaiou. Dois dias passou como morta vítima de um terrível ataque, e as religiosas pensavam que realmente ela havia morrido.

Quando voltou a si, cadavérica, os médicos disseram que era um milagre, pois o ataque tinha atingido não só o cérebro, mas também o coração, e que se isso se repetisse ela morreria.

A Comunidade pôs-se em grande alarme. Chorando, já podendo falar, a doente rogava que a vestissem e a levassem ao cárcere: "Quero estar presa dizia — com minha Abadessa, eu devo estar com ela". As inobservantes não sabiam o que fazer e conversando entre si, não quiseram levá-la.

As demais Fundadoras Espanholas também são encarceradas

Madre Valenzuela se restabelecia com o correr dos dias e sendo Madre Francisca sua enfermeira, encarregava-a de escrever algumas coisas secretas. Ao ver sua melhora, as perseguidoras inventaram que tal se operava por milagre de Madre Mariana e da enfermeira, a qual foi por elas insultada e aprisionada.

Madre Valenzuela chamou depois Madre Maria da Encarnação, que era a secretária, mas as inobservantes também a ela prenderam. Esta santa religiosa, quando a conduziram ao cárcere, perguntou: “Com que ordem me levais?” Responderam-lhe: “Com ordem superior”. A religiosa resistiu, pois viu que não era ordem do Prelado, porém para evitar maiores escândalos entrou no cárcere. E a cada dia iam encarcerando as outras Madres Fundadoras.

Madre Valenzuela sabendo que Madre Encarnação e as demais Fundadoras estavam presas, indignou-se com as inobservantes e saindo de seu leito com suas próprias forças repreendeu-as aos gritos dizendo: “Como fazeis estas injustiças com nossas santas Fundadoras? Por vossa causa o Convento vai acabar, e seus nomes ficarão escritos para a posteridade com ignomínia”. Dirigiu-lhes ainda outras palavras muito graves, porém as inobservantes não cediam. Esta foi a primeira vez que se ouviu a Madre faltar ao silêncio.

"Madre — diziam-lhe — não defenda as espanholas, pois elas são culpáveis". E proferiam palavras caluniantes contra as vítimas inocentes. — “Madre Valenzuela delira", diziam.

Quando, trêmula e débil, Madre Valenzuela pôde levantar-se, foi ao cárcere, e, golpeando a porta, querendo rompê-la, disse: "Quem tem a chave deste cárcere para eu entrar neste Céu?" Chamou a Madre Abadessa aos gritos. Madre Mariana por respeito aproximou-se da porta e Madre Valenzuela perguntou-lhe: "Que é que acontece, minha Madre?"

Madre Mariana informou-a então da nota que as inobservantes dirigiram ao Prelado, bem como da que este lhe dirigiu, ordenando a prisão. Madre Valenzuela manifestava profundo sentimento. As inobservantes foram vê-la e julgaram que estivesse demente. No próprio claustro do cárcere entretanto, as inobservantes disputavam entre si: "Isto aconteceu por tua causa, pois tu escreveste a nota". A outra retrucava: "Tu é que me disseste para escrever"; e outra dizia ainda: "Foste tu que me disseste para acrescentar tal coisa"; e deste modo se desgostavam entre elas mesmas e se dividiam.

Madre Valenzuela já podendo escrever, redigiu uma comunicação ao Prelado pedindo liberdade para sua Abadessa e as demais Espanholas, protestando que eram inocentes; porém como o governo do Mosteiro estava em poder das inobservantes, estas não enviaram a nota, mas rasgaram-na, e mentindo à Madre Valenzuela, disseram que já a haviam mandado. Quando a Madre perguntava pela resposta, respondiam: "Ela chega logo, Madre". Porém, estranhando a demora, acabou por chamar o confessor a fim de fazer-lhe ver a inocência das prisioneiras e a injustiça que se cometia contra elas. O confessor, mal informado das inobservantes, disse-lhe: "Eu não posso fazer nada, pois o Prelado está indignado contra as Espanholas".

* * *

Esta situação causava à Madre Valenzuela tormentos indizíveis, pois via que ela era a causa de tantas injustiças cometidas contra as Madres ino-

centes. Outro consolo ela não tinha senão o de ir ao cárcere das vítimas inocentes, buscando refúgio no claustro da prisão. Ali, ela era encontrada sentada nos bancos de pedra junto ao cárcere, onde iam juntar-se a ela as boas religiosas observantes, que entre si disputavam a primazia de fazer companhia às santas prisioneiras. "Esta tarde a senhora vai para o cárcere" — diziam, ou ainda: "Irmã, a senhora amanhã irá para o cárcere, as outras amanhã também irão para o cárcere".

Ainda assim as inobservantes atormentavam as cativas, na presença mesma da Madre Valenzuela, que não podia conter a torrente das iras, invejas, calúnias e relaxamento das inobservantes que governavam por si o Mosteiro. Faziam o que queriam, e nesse mês aziago, a vida nestes santos claustros foi muito amarga, porque a serpente infernal tinha o poder, sendo de se notar que essas pobres monjas inobservantes, por mais que estivessem com os seus confessores, não puderam comungar um só dia — sem dúvida alguma porque a consciência as atormentava em razão de tantas calúnias, injustiças e sofrimentos que causavam à santa e ilustre Priora, Madre Mariana de Jesus, às demais Fundadoras e outras religiosas observantes.

Oh! que época tão triste e lamentável passou o Mosteiro da Imaculada Conceição quando a serpente infernal apoderou-se das monjas nativas para destruir, pela divisão e inobservância, a casa mãe da Ordem da Imaculada Conceição no Equador. Esses anais devem ser borrados com lágrimas de sangue; e somente são escritos para que resplandeça a misericórdia de Deus e da Santíssima Virgem em conservar este Mosteiro, o qual, se não se desfez nessa época tão lamentável, foi sem dúvida alguma pelas penitências, orações e contínua imolação da santa Abadessa Madre Mariana de Jesus Torres, a qual com suas amigas Espanholas aplacava a ira divina. Era no cárcere que resplandecia nesse tempo a estrita observância da regra. Madre Francisca, quando foi presa, levou consigo o breviário da Madre Mariana e com os das demais religiosas que iam entrando, rezavam e cantavam a salmodia divina, a melodiosa cítara que consolava o coração do Esposo Divino, despedaçado pelas inobservantes.

Ai! este cárcere foi o para-raio da justiça divina e as santas prisioneiras o altar dos holocaustos, em que, consumindo-se as vítimas, exalava-se o incenso de suave odor. Ai! das concepcionistas se não tivesse havido estas castas pombas, as quais com doce arrulho recreavam o Divino Amante. Felizes espanholas que fundaram este ninho da Imaculada Conceição, mil vezes felizes e benditas espanholas, as quais gemendo como rolas solitárias aplacaram o Divino Esposo, conservando no Mosteiro a violência do sacrifício e do amor.

Uma noite no cárcere, luz e vozes vindas do Céu

A santa e angelical Priora achava-se no cárcere com suas filhas e irmãs, as Fundadoras espanholas, privadas de todo consolo humano e cheias de opróbrios, cumuladas de mil privações e sacrifícios, sofrendo as injustiças das monjas inobservantes. Mas a Rainha do Empíreo não se esquecera de suas filhas fiéis. Com seu humilde e silencioso sofrimento, e fervor sem igual, elas Lhe obsequiavam todos os dias no cárcere com a recitação do Ofício Parvo matutino; esposas dignas de um Deus Crucificado, permaneciam em sua cruz ínclitas e valorosas.

À meia-noite, como era seu costume, a santa Priora punha-se em oração, enquanto suas irmãs dormiam tranquilas o sono dos justos. Prostrada com a fronte por terra, ela se humilhava na presença de seu Deus e Senhor, e, crendo que suas muitas culpas eram a causa da indignação divina sobre seu querido Convento, como se fosse a pessoa mais culpável do mundo, pedia-Lhe misericórdia e perdão.

Foi assim que na madrugada do dia 16 de janeiro, à uma hora, no auge de sua oração, ouviu o canto de uma voz melodiosa, acompanhado por uma cítara que soava como se viesse do Céu, enquanto o cárcere se iluminava com uma luz toda celestial. Com a velocidade do raio, caiu de joelhos, chamando por diversas vezes as suas irmãs que dormiam profundamente, a fim de que também elas pudessem se consolar com tão celestial harmonia; elas porém não despertaram.

Madre Mariana permaneceu ajoelhada diante da cruz que tinha pintada na parede. De repente viu diante de si o Seráfico Pai São Francisco, tocando a cítara, e Madre Maria de Jesus Taboada, sua Madre e Fundadora, que, acompanhada por este som celestial, entoava algumas coplas do amor doloroso.

Ébria de alegria, Madre Mariana não conseguia articular palavra e seu coração anelava fazer companhia em seu gozo celestial a sua Madre Fundadora, que falou-lhe da seguinte maneira:

"Minha filha e sobrinha, nunca foste tão feliz e agradável ao Senhor como na presente época, na qual a dor te circunda. Ah! se soubesses o quanto vale sofrer injustamente por amor à observância monástica! Para premiar tua constância e teu padecimento humilde, viemos, meu Pai Seráfico e eu, para deleitar teu ouvido e encher teu coração de consolos celestiais".

O Serafim Chagado tomando a palavra disse: "Filha fiel e querida espo-

sa do Esposo das virgens, teus sofrimentos, os de tuas filhas e minhas, assim como as lágrimas e orações que saem desse cárcere, chegaram ao Coração Magnânimo de Deus e de sua Bendita Mãe, e em seu amor infinito a ti, nos enviou para dilatar teu coração abatido. Olha esta cítara: é a mesma que um espírito alado tocou-me outrora quando eu vivia na terra e fiquei em êxtase de amor e de alegria. Agora que estou no Céu, toco-a para meus filhos e filhas, a fim de alentá-los nas perseguições injustas de que são objeto. Alguns a ouvem como sentido corporal como tu, e outros só sabem ouvi-la no fundo de seus espíritos. Toma ânimo e prossegue invicta no sofrimento pela observância monástica, pois o prêmio que lá no Céu aguarda as observantes e seráficas religiosas é grande. Quem me ame será amado e bendito de Deus, e aquele que se afastar de meu espírito, eu não o conhecerei nem advogarei por ele no Supremo Tribunal. Este Convento tão querido para mim será privilegiado. Eu velarei sem cessar por ele até o fim dos tempos, pois em todos os séculos terei filhas fieis e amorosas. Agora dilata teu coração e prepara-te, pois nossa Soberana e Rainha vem visitar seu cárcere. Nós só fomos seus mensageiros".

Dito isto ocultaram-se o Pai e a filha!

TERCEIRA APARIÇÃO DA SANTÍSSIMA VIRGEM EM 16 DE JANEIRO DO ANO DO SENHOR DE 1599

Então apareceu, numa claridade maior que a anterior (a da aparição de São Francisco com a Madre Fundadora), uma formosíssima e linda Senhora com um preciosíssimo Menino no braço esquerdo e um báculo no direito. No báculo havia uma cruz de diamantes os quais reluziam, cada um como um sol, e no meio da cruz uma estrela de rubis, tendo gravado o nome de Maria, que despedia um conjunto de luzes, cada uma mais brilhante que a outra.

A humilde Madre Mariana, confundida em seu próprio conhecimento, não se cria digna de tal favor. Seu coração, purificado de vãos afetos, era uma brasa ardente de Amor Divino, mas receava que fosse alguma ilusão fantástica causada por seus grandes sofrimentos; e recobrando forças vitais ergueu seus braços dizendo:

"Formosa Senhora, quem sois e o que quereis de mim neste lugar obscuro em que me encontro com minhas filhas sofridas? Talvez algum pecado oculto à minha vista provoca a ira divina contra este ameno vergel? Se assim é, que eu morra, a culpada, mas salvem-se as inocentes e este lugar querido. E se estou diante de uma ilusão fantástica, peço-Vos que pelo Mistério da Santíssima Trindade, da presença real de Jesus Cristo na Eucaristia e da Maternidade Divina, Vos afasteis de mim, deixando-me nas obscuridades da Fé, tão doces e encantadoras para mim! Não recuso o sofrer, nem nunca o recusei, porque amo a Jesus, e esse amor me faz querer assemelhar-me

a Ele. Só peço força e valor: longe da Seráfica Família, a vida religiosa é obscura e difícil".

Nossa Senhora Se apresenta — Desígnios de Deus sobre o Mosteiro da Imaculada Conceição de Quito

Então a visão divina falou desta maneira:

"Minha filha muito amada, porque és 'lenta e pesada de coração'? Não é ilusão fantástica o que tens diante da tua vista. Sou Maria do Bom Sucesso, tua Mãe do Céu, a quem recorres sempre sob esta invocação conhecida na Espanha; não há pecado oculto em ti, nem em nenhuma das observantes que amam o meu servo Francisco e sua Seráfica Família. A tribulação com que hoje te presenteia meu Filho Santíssimo é um dom celestial com o qual as almas se aformoseiam e contém a ira divina, pronta a descarregar um castigo tremendo sobre a ingrata Colônia. Quantos crimes ocultos se cometem na sua população e na das circunvizinhanças! Precisamente por esse motivo se fundou o Convento neste local, a fim de que o Deus do Céu e da Terra fosse desagravado no mesmo lugar em que Ele é ofendido e desconhecido; e por essa razão o demônio, inimigo de Deus e dos justos, tanto agora como nos séculos futuros porá em jogo toda a sua maliciosa astúcia para acabar com este Convento, minha fundação e minha própria herança, valendo-se de pessoas de autoridade e dignidade, e muitas delas sob o pretexto de melhorar a situação e a tranquilidade!

"Oh! ignorância dos sábios e estultícia dos mortais que não conhecem os secretos desígnios de Deus em suas obras! Recorda-te que o Real Profeta cantou: 'Quão maravilhosas são as obras do Senhor! E bem convencida desta verdade, instrui tuas filhas e inculca nas presentes e nas que virão, o amor à sua divina vocação e ao lugar que Deus e Eu escolhemos para nossa posse e herança. Deus, o absoluto, Dono de tudo quanto existe, em Seu livre alvédrio escolhe o lugar que quer para o cumprimento de seus secretos desígnios, e nenhuma criatura pode opor-Lhe resistência se não quiser cair na maldição divina. Em todos os séculos, eu viverei aqui exteriorizada em algumas de minhas filhas — aqui, em meio ao bulício do mundo ingrato. Deus terá algumas contemplativas e esposas dignas de sua Majestade, as quais, na obscuridade, no silêncio, na humilhação e no desprezo até no próprio seio de sua Comunidade, serão poderosas para aplacar a justiça divina e conseguir grandes bens para a Igreja, a Pátria e as almas. Sem elas, Quito não subsistiria".

Profecias sobre o futuro da Colônia e do Mosteiro

“Dentro de pouco tempo a pátria em que vives deixará de ser Colônia e será República livre. Então, conhecida pelo nome de Equador, ela necessitará de almas heroicas para sustentar-se através de tantas calamidades públicas e privadas. Aqui Deus encontrará sempre essas almas, à maneira de violetas ocultas. Desgraçado seria Quito sem este Mosteiro. E nenhum monarca poderoso da terra poderá com seus tesouros edificar novos edifícios neste lugar, que é possessão de Deus, da mesma forma como Juliano, o Apóstata, com seu poder mentiroso não pôde reedificar o Templo de Salomão. Os esforços dos homens contra o Cordeiro de Deus são vãos! Eu cuidarei com solicitude maternal deste local e de suas dependências, e se for necessário sustentar com milagres as muralhas que guardam a clausura, Eu as sustentarei. Benditos serão de Deus e de sua Mãe, que te fala, todos quantos procurarem edificar, sustentar e conservar este lugar querido; seus nomes ficarão escritos na refulgente estrela de rubis que vês na metade deste báculo, sinal de meu poder e autoridade nesta minha casa, e os que trabalharem para destruí-lo, a uns lhes tirarei a vida quando menos esperarem, a outros lhes sobrevirão grandes dificuldades e todos receberão na eternidade o que tiverem merecido.

"No século XIX virá um presidente verdadeiramente cristão, varão de caráter a quem Deus Nosso Senhor dará a palma do martírio na praça onde está este meu Convento. Ele consagrará a República ao Divino Coração de meu Filho Santíssimo, e esta consagração sustentará a Religião Católica nos anos posteriores, os quais serão aziagos para a Igreja. Nesses anos — em que a maçonaria, essa maldita seita, se apoderará do governo civil — virá uma perseguição cruel a todas as Comunidades religiosas e se lançará também violentamente sobre esta minha. Para esses homens desgraçados o Mosteiro estará acabado, mas vive Deus e vivo Eu, para suscitar entre eles mesmos defensores poderosos, colocar-lhe-emos dificuldades impossíveis de vencer, e o triunfo será nosso”.

"Nessa ocasião haverá neste Mosteiro almas formosas, as quais como rolinhas solitárias, com seus gemidos de doloroso amor, atrairão as misericórdias de Deus sobre seu Convento, sobre sua desgraçada pátria e sobre a Igreja combatida; almas tão desconhecidas e por todos ignoradas que elas mesmas não saberão como seu Dono e Senhor as lavrará".

Nossa Senhora do Bom Sucesso ordena a execução de sua Imagem

"Por isto é vontade de meu Filho Santíssimo que tu mesma mandes executar uma estátua minha, tal como me vês, e a coloques sobre a cátedra da Priora para que eu daí governe meu Mosteiro, colocando em minha mão direita báculo e as chaves da clausura em sinal de propriedade e autoridade. Ao meu Divino Menino farás colocar em minha mão esquerda:

"— primeiro, para que os mortais entendam que Eu sou poderosa para aplacar a justiça divina e alcançar piedade e perdão a toda alma pecadora que a mim acorra com o coração contrito, porque sou a Mãe de Misericórdia e em mim não há senão bondade e amor;

" — e segundo, para que, em todos os séculos, minhas filhas compreendam que Eu lhes mostro e lhes dou como Modelo de sua perfeição religiosa a meu Filho Santíssimo e seu Deus; venham elas a Mim para que Eu as conduza a Ele; quando as tribulações do espírito e as dores do corpo as oprimirem e parecerem naufragar nesse mar sem fundo, um olhar para minha santa Imagem será para elas como a estrela do náufrago, sempre me terão pronta para ouvir seus gemidos e acalmar seus prantos. Dize-lhes que acorram sempre à sua Mãe com fé e amor, é para isto que eu quero viver com elas e nelas — com seus sofrimentos de toda espécie, conservarão seu Mosteiro para sempre. Dize-lhes que imitem minha humildade, minha obediência, meu espirito de sacrifício e minha absoluta dependência da vontade divina; estas são as asas com que minhas filhas, que honram o mistério de minha Imaculada Conceição, haverão de voar em todo o tempo com misteriosa agilidade ao mais alto cume da santidade, nos retiros silenciosos de seus claustros, sob o puro olhar de Deus".

O Prelado que virá restaurar a Comunidade agonizante

"A separação de meus Menores neste tempo é permissão divina. Ai daquelas que diretamente trabalharam para obscurecer a luz deste meu Mosteiro! Mas, passados poucos séculos eles voltarão a governar esta minha querida grei, a qual para sempre lamentará sua ausência, e sentirá sua falta inalienável. Então, este meu vergel amado será o jardim fechado onde o Celestial Esposo encontrará para seu recreio fragrantes e preciosas flores e frutos requintados.

"Nem tu, nem tuas filhas e irmãs atuais lograrão tanta felicidade vendo vir a luz para este bendito claustro, mas sacrifica-te e pedi, tu e tuas filhas fiéis e observantes, que Deus acelere esse verdadeiro dia aqui na Terra, porque hoje principiou a noite escura. Vindos os tempos de ouro para este meu Mosteiro, será feliz e premiado de Deus aquele Prelado, filho meu tão querido, o qual — conhecendo com luz divina a necessidade da sujeição imediata aos Menores para a santificação e perfeição das filhas de minha Imaculada Conceição, no exato cumprimento de sua regra — pedirá ao Vigário de meu Filho Santíssimo aqui na Terra, que os Menores governem este Mosteiro.

"Este dia virá quando a corrupção dos costumes no mundo parecer chegar ao ápice, e quando minha Comunidade agonizante se encontrar desprovida de bens terrenos e saturada de dores e amargura. Os Menores levantarão seus espíritos abatidos, atrairão vocações verdadeiras e santas, e formarão religiosas dignas de seu nome.

"Nessa ocasião a Comunidade dos Franciscanos, filhos diletos de meu Coração Imaculado, será observante até nos pormenores; não haverá entre eles nenhum infiel ao seu Seráfico Pai, cuja virtude será conhecida e amada por todos. Eles atrairão os corações dos bons e dos maus, e todos os respeitarão porque o Deus três vezes santo e o Seráfico Pai Chagado já terão retirado de seu seio o que era só palha e deixado apenas o verdadeiro trigo e a uva requintada, para alimentar, com o pão saboroso do ensinamento prático, as delicadas almas de suas irmãs, as religiosas observantes, tão necessitadas nesse tempo, e embriagando-as com o vinho generoso do Divino Amor, nas alturas da seráfica e humilde contemplação e íntima união com Deus, fundadas na sólida virtude.

"Felizes e bem-aventuradas e muito amadas de Deus serão as minhas filhas desse tempo que, com humildade e simplicidade, manifestarem o desejo da sujeição a meus Menores, em cumprimento de sua regra àquele Prelado, filho meu tão querido. Seus nomes serão escritos no Coração Santíssimo de Jesus, seu Esposo Divino, e no meu, elas terão um prêmio especial entre as filhas do meu Seráfico Servo Francisco. Aquelas que a isto se opuserem, serão contadas como palha inútil, só dignas do fogo de expiação".

De como se tomou a medida da Mãe de Deus

A humilde religiosa encheu seu espírito com o espírito de Maria Santíssima, sua Mãe Celestial e Priora, e disse-lhe com timidez:

"Formosa e linda Senhora, Vossa formosura me encanta. Oh! se me fora dado deixar a terra ingrata para elevar-me convosco ao Céu!. Mas, permiti que Vos faça saber que nenhuma pessoa humana, por mais entendida que fosse na arte da escultura, poderá trabalhar em madeira Vossa encantadora Imagem, tal como me pedis, com todos os detalhes. Enviai para isto a meu Seráfico Pai a fim de que ele lavre Vossa santa Imagem em madeira seleta, tendo como oficiais os Anjos do Céu, porque eu nem saberei me explicar e menos ainda saberei dar a estatura do Vosso talhe". Ao que a visão respondeu:

"Nada te atemorizes, minha filha, aprazar-te-ei no que me pedes: meu servo Francisco com suas mãos chagadas trabalhará minha Imagem, e os espíritos angélicos serão seus oficiais, e ele mesmo me colocará seu cordão, símbolo de que todos os seus filhos e filhas a mim pertencem bem de perto. Quanto a altura de meu talhe mede-a tu mesma com o Seráfico Cordão que trazes na tua cintura..."

Respondeu a religiosa: "Linda Senhora, minha Mãe querida, atrever-me eu — que ainda sou viandante — tocar Vossa fronte divina, quando nem os espíritos angélicos podem fazê-lo? Vós sois a Arca viva da Aliança entre os pobres mortais e Deus — e se Oza, só pelo fato de ter sustentado a Arca Santa para evitar que tombasse no solo, caiu morto, quanto mais eu, mulher pobre e débil?"

Maria Santíssima respondeu então: "Alegra-me teu humilde acanhamento e vejo o amor ardente a tua Mãe do Céu que te fala; traze e põe na minha mão direita teu cordão e tu, com a outra extremidade toca em meus pés".

A feliz religiosa fez o que Maria Santíssima lhe ordenava, tremendo de júbilo, de amor e reverência, e a Santíssima Virgem prosseguiu:

"Aqui tens, minha filha, a medida de tua Mãe do Céu, entrega-a a meu servo Francisco del Castillo, explicando-lhe minhas feições e minha postura: ele trabalhará exteriormente minha Imagem porque tem consciência delicada e observa escrupulosamente os mandamentos de Deus e da Igreja, nenhum outro será digno desta graça. Tu, de tua parte, ajuda-o com tuas orações e com teu humilde sofrimento".

Últimas palavras — Bênção de Nossa Senhora do Bom Sucesso

"Logo sairás deste cárcere, o qual ficará sendo um lugar privilegiado neste Mosteiro meu e teu, por haver sofrido aqui a inocência. Bem-aventurados os que padecem perseguições pela justiça, pois deles é o Reino dos Céus. Isto o digo a ti, a tuas filhas e companheiras de cárcere atuais, e a todas minhas filhas que no transcurso dos séculos sofrerem pela Seráfica Família e pela observância regular. Eu receberei em minhas mãos as suas lágrimas e os seus sofrimentos secretos, e os converterei em formosas pérolas para apresentá-los a meu Filho Santíssimo, a fim de que se apresse o dia de sua seráfica liberdade, pois hoje começou o cativeiro. Alenta a tuas filhas sofridas, e agora recebe tu, e todas as minhas, minha bênção maternal.

"Desperta-as já de seu sono a fim de que em tua companhia elevem a recitação matinal do Ofício Parvo que tanto me compraz, sendo ao mesmo tempo o sustentáculo do espírito nessa minha Comunidade, de modo que faltando-o, falta ao espírito religioso em seus membros, que se verão como plantas desgastadas em áspero inverno".

Ditas essas palavras, tão cheias de Mistério Divino, a visão divina se ocultou e a feliz Priora acendeu sua luz terrena a fim de despertar suas filhas, as quais dormiam placidamente. À voz de sua Priora todas despertaram — eram 4 horas da manhã. Após dizerem ajoelhadas as primeiras orações do dia e receberem cada uma a bênção de sua Priora, que nela lhes dava a bênção de sua Mãe do Céu, com fervor extraordinário puseram-se a rezar o Ofício Parvo. Os anjos, como nunca, elevavam ao Céu Empíreo as orações fervorosas das filhas de sua Rainha, orações provindas de corações purificados pela dor, as quais eram poderosas para aplacar a ira divina e conseguir perdão e misericórdia para a culpável Colônia espanhola.

Visão do Dragão Infernal

Apenas haviam concluído as Matinas e as Laudes, quando sem abandonar a oração, Madre Mariana de Jesus viu no Mosteiro um horrível dragão, imenso e muito gordo, cujos olhos, grandes e redondos, lançavam fogo por todos os lados. Este fogo se consumia nas inobservantes, cujas mentes cavilavam, sem dormir durante toda a noite, a maneira de desterrar para sempre os Menores e de oprimir as santas Fundadoras inocentes. Este dragão se arrastava por todas as partes, mas não podia entrar no coro e no cárcere, pois ao aproximar-se desses lugares, tremia e se agitava e fugia espavorido.

Madre Mariana, terminada a hora Tercia do Ofício Parvo, antes de dar início à recitação da Sexta, disse a suas irmãs:

"Minhas filhas, as horas restantes apliquemo-la por nossas pobres irmãs que estão na obscuridade e nos perseguem injustamente. Olhai como o dragão infernal as está atiçando. Contrista-me que essas almas, esposas de meu Deus e Senhor, se percam; as lágrimas, os sofrimentos e a falta de espírito de nossas irmãs nos séculos vindouros, pela ausência dos Menores, pesam sobre elas. Oh! Se elas disso tivessem conhecimento como nós agora!"

Então, durante a recitação do restante do Ofício Parvo, sem interrompê-lo, todas as Fundadoras viram o horrível dragão, tal como o havia visto e o via sua santa Priora. Terminada esta formosa oração matutina, as religiosas disciplinaram-se em união com sua santa Priora e, concluída a disciplina, começaram a oração mental da Regra. Nisso, todas viram que nosso Seráfico Pai São Francisco, com um arco em suas mãos chagadas, lançava flechas acesas contra o dragão. Este queria fugir, mas não sabia por onde; mal ferido e coberto de flechas, deu um grito horrível e fazendo um esforço supremo, abriu a terra e sepultou-se no abismo. Nesse momento sobreveio um longo e forte tremor de terra. Eram 5 e 15 da manhã desse dia e os habitantes da cidade comoveram-se. Ouviam-se lamentações, gritos, pedindo misericórdia, e no convento, Madre Valenzuela, lívida e muito sofrida, atribuía este justo castigo às injustiças cometidas contra suas santas Madres Fundadoras. As inobservantes amanheceram todas acamadas, sentiam fortes tremores em seus corpos e davam gritos dizendo que as paredes do Mosteiro caíam e elas não podiam mover-se. Somente uma delas, a mais empenhada em oprimir as inocentes Fundadoras, com grande esforço levantou-se, a fim de impedir que Madre Valenzuela retirasse as inocentes do cárcere. É de se saber que nesse tempo aziago do Mosteiro, Madre Valenzuela não mandava. Esta pobre monja inobservante havia assumido por si mesma e injustamente a direção do Convento, e nem as insinuações e repreensões de Madre Valenzuela eram poderosas para ajuizá-la. Aflita e em extremo sofrida, Madre Valenzuela, juntamente com as observantes, refugiaram-se na porta do cárcere. Consolavam-se com sua Madre Fundadora porque nela encontravam todas as virtudes que faltavam às monjas inobservantes.

Vida no cárcere

Madre Valenzuela empregava todos os meios ao seu alcance para tirar do cárcere as santas prisioneiras; não comia nem dormia em paz. Estas por sua vez, haviam convertido o cárcere num verdadeiro Céu, tanto mais que

foram visitadas aí pela Rainha do Céu. Em união com sua Madre Priora, pediam luz e misericórdia para suas pobres irmãs, as quais amavam com toda alma. Como generosas e fiéis filhas de um Deus Crucificado, de Maria Imaculada e do Serafim de Assis, não conservavam em seus corações nenhum ressentimento. Desprovidas de tudo quanto necessitava a natureza humana — até a alimentação era reduzida e frugal —, sofriam mil penúrias. Almas menos virtuosas, cansadas de tanto sofrer, já se teriam rendido e cedido, alegando extrema necessidade, a inobservância de suas incautas irmãs. Elas porém, invictas imitadoras de Cristo e de sua Mãe, conservavam a alegria, a paz, a tranquilidade e a santa imperturbabilidade na prisão.

Sua santa Priora, com o coração magnânimo e grande, melhor dizendo, coração varonil, procurava distraí-las e alegrá-las, fomentando-lhes o amor a Maria Santíssima e ao Seu Convento e animando-as com a esperança do Céu. Era digno de se ouvir como esta alma feliz narrava as belezas do Céu às suas irmãs e filhas. Ah! é que ela já tinha ido antes ao Céu e sabia como era esse lugar ameno, único local onde reside a verdadeira alegria e felicidade.

Como o Autor de todo dom perfeito havia adornado Madre Mariana com a beleza de alma e de corpo, ela exercia em todas um grande atrativo. Deus acresceu a isso uma voz preciosa, suave e melodiosa para o canto, e ela sabia ainda tocar vários instrumentos. A Marquesa, amiga sua tão afeita a ela, havia mandado trabalhar para ela em Valladolid uma muito bonita harpa, tendo-lhe obsequiado já no tempo da fundação do Mosteiro. Madre Mariana tocava-a primorosamente. Toda vez que era encarcerada levava a harpa consigo para distrair-se santamente, distraindo também as suas irmãs. E, coisa curiosa, sempre que as monjas inobservantes colocavam-na no cárcere, elas mesmas lhe levavam a harpa.

Quando ela tocava e cantava, iam também ouvir sua voz formosa que até a elas atraía, como outrora o espírito mau de Saul fugia com as vibrações da harpa do jovem Davi. As religiosas observantes e sofridas também iam consolar-se com a voz melodiosa de sua Madre, vertendo lágrimas de compaixão e anelando a hora de estar na companhia de sua santa mãe e Priora.

Nessa ocasião Madre Mariana de Jesus compôs os comovedores versos, cheios de unção divina, que se transcrevem a seguir. Ao som da harpa ela cantava à sua Mãe do Céu, ensinando-os às suas filhas, que a acompanhavam. Todas cantavam, com a diversidade de nota segundo cada voz, e era um formoso concerto de vozes angelicais. Pois é sabido que as Madres Francisca dos Anjos, Lúcia da Cruz e Maria da Encarnação possuíam também vozes muito formosas para o canto e a salmodia — depois de Madre Mariana eram as melhores vozes. O tom tão triste e que eleva o coração e a alma ao Céu colocou-o a santa religiosa em sua prisão.

Versos que Madre Mariana de Jesus Torres compôs na prisão, no ano de 1599

Hermosa doncella

Delicia de Dios

Camina hacia mi alma

Con paso veloz.

En cruel amargura

En pena y dolor

Sois vos mi Consuelo

Y dadme valor.

Cual hoja marchita

Del árbol de Dios

Me arrastro muy lejos

Del arbol Menor.

Oh árbol bendito!

Querido de Dios

Faltando tu sombra

Me falta el amor.

Cual débil barquilla

En mar tempestuoso

Fluctua mi alma

Sin remo y sin luz .

Pidiéndote, Madre,

Sostén em mi lucha

Consuelo en mi pena

Alivio en mi mal.

Que salves tu casa

Fundada por ti

Do ocultos residen

La paz y el amor.

Oh Padre llagado!

Francisco de Asís

Sed vos mi abogado

En lance fatal.

Cuidad de tus hijas

Que tristes llorosas

Te piden ansiosas

Valor y fervor.

Maldito mil veces

Quien no ame a Francisco

Alferes de Cristo

Mi Padre y mi amor.

Madre Valenzuela, ao ouvir tal melodia, não pode resistir. Falou então às monjas inobservantes com uma energia pouco habitual, dizendo que, mais do que elas, ela tinha o direito de governar o Convento, pois havia sido Priora, e arrebatou, quase com violência, as chaves à incauta que tinha assumido por si mesma o governo do Mosteiro. Escreveu imediatamente uma nota muito formal ao Prelado Ordinário vindicando sua inocente Priora e mãe e suas Madres Fundadoras.

— Capítulo XXIII —

O Prelado tira Madre Mariana e as demais espanholas da prisão — Em triunfo conduzem-na à sede abacial — Prisão da monja culpada.

Quando Madre Valenzuela tomou as chaves da clausura, enviou ao Prelado uma nota, dizendo-lhe que, estando Deus irritado com tanta injustiça cometida no claustro, temia que a cidade fosse destruída por um terremoto vindo do Pichincha, o qual tanto ameaçava com seu feroz vulcão. Dizia que tinha querido colocá-lo ao corrente do que se passava o quanto antes, mas as religiosas inobservantes não lhe havian deixado. Mas que, nessa ocasião, tirando forças de sua fraqueza, fez-se respeitar, e arrebatou-lhes as chaves a fim de comunicar-lhe o que acontecia.

Pedia-lhe que respondesse, de imediato, a sua nota, ordenando, por escrito e assinado de seu próprio punho, a liberdade para as santas e inocentes prisioneiras, juntamente com a ordem de que Madre Mariana de Jesus Torres, tão digna por sua virtude, graça de governo, inteligência viva e clara, prosseguisse governando até concluir seu tempo.

Chega a ordem de libertação para Madre Mariana e as Madres Fundadoras

A petição de Madre Valenzuela, cujo nome será grato à posteridade (ela pecou por falta de caráter e não por malícia), foi ouvida e despachada como ela pedia. O Prelado ordenou-lhe, por santa obediência, que uma vez recebida e lida a nota, descesse imediatamente com toda a Comunidade, sem exceção de ninguém, nem mesmo das doentes de cama e de espírito, para tirar do cárcere as inocentes com triunfo e regozijo. E que todas reconhecessem Madre Mariana de Jesus Torres como sua legítima Priora, lhe prestassem obediência, tomando ela o assento de Priora no coro superior do Mosteiro, e que lhe sejam entregues todas as chaves da clausura e demais dependências do Mosteiro. O Prelado dispunha ainda que só as Fundadoras ocupassem e manejassem os altos postos e as rodas, pois que tudo isso cabia somente a elas. Ordenava ainda que as "criollas" incautas fossem colocadas nos últimos lugares e a mais culpada trancada num quarto inferior e escuro, com um Cristo e uma caveira, a fim de que ela caia em si mesma, mas que não a colocassem no cárcere por ser indigna de habitar o lugar onde a injustiça manteve encarceradas as religiosas inocentes.

Madre Valenzuela, assim que esteve de posse da nota, ébria de satisfação, tocou o sino da Comunidade. Ao ouvi-lo, as religiosas tiveram um sobressalto. Madre Valenzuela fez trazer as enfermas, e leu para todas a nota terrível. As observantes choravam de gozo e as inobservantes de cólera e nojo. As enfermas, entre elas a inobservante mais culpada, queriam voltar para suas camas alegando enfermidade. Porém, Madre Valenzuela, revestindo-se de energia, disse-lhes que ou obedecessem ao Prelado, ou elas iriam saber bem o que faziam. E, pondo as doentes na frente, foram todas ao cárcere libertar triunfalmente as cativas inocentes.

Rosas do Céu

Neste momento o sino exterior soou. Madre Valenzuela acercou-se da roda e aí encontrou uma porção de rosas e açucenas. Correu apressadamente com essas flores vindas de Deus (pois ninguém foi encontrado fora), para libertar as Fundadoras e ornar com flores suas cabeças. Todas colheram essas flores com grande alegria, mas não as inobservantes, as quais não foram obrigadas a isso.

As santas prisioneiras, ao ouvir tanta alegria e algazarra, assus-taram-se, mas, sua mãe e Priora lhes disse: "Minhas filhas é hora de sair desse bendito lugar, vossa preferência e minha, para deixá-lo às nossas pobres irmãs culpadas, as quais estenderemos nossos braços, estreitando-as contra nossos corações. Rezemos uma Ave-Maria e osculemos este belo piso que nos fez adquirir tantos méritos para nossas almas. Vede que tudo na vida passa; não nos esqueçamos, isso sim, de instar a bondade de nosso Deus que apresse para nossas futuras irmãs o dia de sua liberdade, com a sujeição aos Menores, assim como para nós chegou o dia e a hora de sair de nosso cárcere".

Ao acabar de dizer estas palavras, Madre Valenzuela chegou às portas do cárcere e, abrindo-as como desesperada, penetrou com as demais religiosas neste lugar bendito. Todas disputavam em ser a primeira a abraçar sua Madre Priora, porém Madre Valenzuela sobrepujou as demais e, em meio a um mar de lágrimas, estreitou-a em seus braços. Abraçou a seguir cada uma das Fundadoras. Madre Mariana estendeu seus braços primeiramente à mais culpada e a seguir às demais inobservantes. Estas porém, corresponderam com um abraço político.

Prisão da cabecilha inobservante

As observantes, uma a uma, cheias de amor abraçaram a sua Priora cativa e as outras Madres Fundadoras, e atirando-lhes as flores que traziam em suas mãos, dirigiram-se processionalmente ao coro, cumprindo todas as ordens do Prelado.

Quando se leu aquele ponto que ordenava encerrar a mais culpada em um quarto inferior e escuro com o Santo Cristo e a caveira, Madre Mariana não pôde conter suas lágrimas. Quis impedir tal afronta e sofrimento para sua irmã culpada, porém, Madre Valenzuela, energicamente, disse que ela tinha que dar cumprimento exato à ordem do Prelado. Ato contínuo a culpada foi conduzida ao lugar determinado, e ali trancada com um grande ferrolho. Madre Valenzuela entregou a chave à sua Superiora.

Procedeu-se a entrega das demais dependências às Madres Fundadoras. Tudo foi regozijo como no primeiro dia da eleição. As inobservantes, alegando doença, separaram-se em extremo amarguradas sem poder ocultar seu pesar.

Do modo como Madre Mariana tratava as inobservantes

A santa Madre Mariana visitava as inobservantes muitas vezes, presenteava-as com tudo quanto podia, falando-lhes sempre de Deus e de Maria Santíssima, jamais mencionando nenhum de seus sofrimentos nem o seu mês de cárcere.

Quando se levantaram da cama, essas monjas foram aos atos da Comunidade. Madre Valenzuela teve o cuidado de fazê-las ocupar o último lugar conforme a ordem do Prelado. As inobservantes, envergonhadas e sofridas, tiveram que obedecer.

A santa Priora visitava a cada instante a culpada que estava encarcerada. Mandou colocar em seu quarto assoalho, mesa, cadeira e um bom estrado. Cuidava com grande esmero do abrigo e do alimento e ela mesma fazia-lhe todos os atos de humildade que uma pessoa no cárcere ou reclusão requer ou necessita. Levava-lhe frutas, pão e gelo doce (leite açucarado e congelado), para que sua vida não fosse em extremo aflitiva. Em uma palavra, fazia tudo quanto uma mãe carinhosa pode fazer para uma filha muito querida. Esta monja, se assim se pode chamá-la, recebia-a com carranca e frieza. Diversas vezes lhe fez a acusação de que ela, tendo-a deixado mal diante do Prelado, havia negociado sua reclusão injustamente, e que portanto fazia bem em lhe proporcionar algum alívio; mas que chegaria o dia em que ela a veria outra vez no cárcere justamente.

A Abadessa não abria os lábios, ajudava-a a rezar o Ofício Divino, falando-lhe de Deus, da Santíssima Virgem e das maravilhas que Deus Nosso Senhor tem reservadas no céu para seus fiéis servidores.

Madre Mariana obtém liberdade para a monja cativa

Oito dias passados, Madre Mariana dirigiu-se ao Prelado suplicando-lhe a liberdade para essa irmã sofrida, pois não tinha coração para mantê-la em reclusão por mais tempo, advogando que a fragilidade humana é grande e capaz de muitos erros. O Prelado respondeu que essa monja permaneceria um mês completo em reclusão. — Que prazo longo este pareceu à caritativa Priora, cujo coração, vulcão de caridade, lançava fogo divino capaz de comunicar-se àqueles que lhe rodeavam e lhe falavam!

No final do mês, ela voltou a pedir ao Prelado autorização para retirar

a monja inobservante da reclusão. O Prelado respondeu que se o quisesse poderia fazê-lo, mas que se julgasse conveniente poderia também mantê-la trancafiada o tempo que lhe parecesse necessário. Lendo a resposta, comunicou-a a Madre Valenzuela, a qual opinou que a religiosa deveria permanecer presa por mais algum tempo pois transtornava o ânimo das demais.

"Não, Madre, respondeu a Abadessa, meu coração não pode manter esta pobre irmã reclusa por mais tempo. Ela sofre sem consolo, e eu faço todo o possível para aliviar sua cruz, impedindo que caia em desespero, pois uma virtude débil, qualquer peso, por menor que seja, a faz sucumbir".

Madre Valenzuela lhe disse: "Vossa Reverência é muito caritativa, pratica a caridade além dos limites. Retire-a, eu porém não irei fazê-lo".

Ato contínuo Madre Mariana desceu até a câmara da reclusa e penetrando no quarto encontrou-a estendida no estrado, dando ais em virtude de uma cólica que lhe havia acometido. A santa Superiora, aproximando-se, abraçou-a dizendo: "Minha irmãzinha, deixe já de sofrer. Eu obtive permissão do Prelado para retirar-te da reclusão hoje mesmo. Uma vez que estás enferma vou preparar-te imediatamente uma cama lá na enfermaria, para que passes para lá a fim de ser atendida melhor".

"Podes fazê-lo", respondeu secamente a religiosa. E deixando-a com a chave, Madre Mariana subiu depressa a enfermaria, chamando apressadamente a Madre Francisca dos Anjos, dizendo-lhe: "Sabes, filha, que a pobre irmãzinha reclusa está mal, com cólica. Preparemos uma cama e todo o necessário para curá-la aqui. Já obtive permissão do Prelado para retirá-la da prisão. Pobrezinha! Uma vez que ela é e será quem nos lavra para o Céu, devemos amá-la muito. Veja: se as formosas estátuas tivessem razão, elas amariam em extremo os instrumentos que as lavraram e as poliram. Nós que a temos, façamos o que as estátuas não fazem.

Ingratidão da inobservante

E juntas prepararam com a maior brevidade possível a cama e os demais utensílios necessários para a cura da doente tão querida. Isto feito, desceram ambas ao cárcere e nela entraram.

A santa Priora disse a reclusa: "Minha irmãzinha, tudo está pronto na enfermaria, aqui tens também em pessoa a enfermeira para levar-te, pois te ama como a uma irmã querida. E aproximando-se da enferma. Madre Francisca dos Anjos abraçou-a dizendo: "Pobre irmãzinha, está suando frio.

Eu vou já curá-la". Mas a doente contestou: "As Senhoras é que me deixam assim".

As duas religiosas estenderam um lençol no chão e puseram-na aí para levá-la pois ela não podia dar sequer um passo por causa das dores. No trajeto, encontraram-se com Madre Ana da Conceição e Madalena de São João, as quais, inteiradas do que sucedia, aproximaram-se da doente e com palavras doces ajudaram a levá-la. Na enfermaria, colocaram-na numa cama bem arranjada e em seguida aplicaram-se na cura.

Madre Francisca dos Anjos preparou um unguento com gordura, macela e anis do país, e a santa e caridosa Priora, com suas formosas mãos friccionou-a no ventre, ajudada por Madres Ana da Conceição e Madalena de São João, enquanto Madre Francisca dos Anjos e Lúcia da Cruz aprontavam um enema para o mal. Aplicados os remédios, a doente pôde mover-se e, aliviada das dores terríveis, agradeceu a cura. As Madres abraçaram-na; ela, porem, correspondia secamente aos seus desvelos e carinhos.

Assim se portam os santos com seus êmulos. As santas Fundadoras deste nosso Convento da Imaculada Conceição de Maria Santíssima deixaram grande ensinamento prático às suas irmãs futuras. Lição deram de que elas deveriam fazer o mesmo quando, no transcurso dos séculos, tiverem irmãs bastardas que teçam sua coroa de espinhos. Irmãs que, por disposição divina, não faltarão para exercitá-las nas virtudes da paciência, caridade, humildade e tolerância, tão necessárias nas filhas do humilde Serafim de Assis.

Restabelecida de sua doença, esta monja não se emendou. Sempre inquieta e buliçosa, perturbava o ânimo das suas irmãs, e não as deixava em paz. Madre Mariana, neste tempo de seu Priorato, teve muito que sofrer e merecer, bem como as religiosas observantes e boas e todas as Fundadoras. Graças a Deus, a maior parte era de observantes, formadas por Madre Mariana. E tudo quanto vinha sobre esta Priora modelo, ela o sofria com um silêncio e uma humildade exemplaríssimos, em que, no transcurso dos séculos, ela deve ser imitada por todas as felizes religiosas deste Convento, tanto as Prioras como as súditas.

— Capítulo XXIV —

O Priorato de Madre Mariana de Jesus — Do seu governo cheio de admirável prudência e santidade — Seus sofrimentos e, pela quarta vez, é encarcerada.

Assim cheia de tantas amarguras interiores, esta santa Priora prosseguiu no seu governo com humildade, prudência e suavidade, e verdade, mas sem permitir, nas menores coisas, que se faltasse à santa regra. Humilde de coração ela se cria a mais pobre em virtude e escassa de inteligência, chorando na presença de Jesus Sacramentado sua insuficiência e atribuindo às suas faltas, as faltas das observantes. Não omitia, por isso, todas as noites, seu exercício da Cruz, o qual terminava no coro inferior.

As segundas e sextas-feiras beijava os pés das religiosas de sua Comunidade, crendo-se feliz por poder tocar com seus lábios os pés de suas santas imãs, como ela dizia. Às quartas e sábados comia no solo sem véu e com uma corda no pescoço, considerando-se indigna de comer em companhia de suas irmãs no refeitório. Às quintas-feiras estendia-se por terra para que sua Comunidade crescida passasse sobre ela, julgando-se feliz por poder habitar nesta santa casa onde seu Deus, e sua Mãe do Céu, havia dispensado tantos favores, não olhando sua baixeza e seu absoluto nada. Às terças-feiras punha sempre alguma coisa amarga em toda sua comida. Comumente divi-

dia assim os dias da semana e se Madre Valenzuela lhe ponderava que podia impressionar-se e deixá-la só no mundo, ela respondia cheia de vergonha e afeto: "Ai, Madre querida! Vossa Reverência me deixará só, eu não; além do mais o pobre pó quer pelo menos por alguns momentos estar onde deve, pois se os santos se tiveram por nada, quanto mais eu que na realidade sou nada".

Como Madre Mariana corrigia as faltosas

Sua prudência era admirável e digna de ser imitada não só por suas irmãs presentes e futuras, mas também pelos varões Prelados. As diversas vezes que, como Priora, tinha que corrigir os abusos, colocar freio as inobservantes, advertir algo em comunidade, dispor alguma coisa, consultava primeiro a Jesus Eucarístico, chorando como uma criança, e aplicando-se uma disciplina, fazia o que devia cheia de amor e com as faces rosadas, que a tomavam mais formosa, atraindo o coração de suas filhas que a amavam com paixão, à exceção de muito poucas incautas. Nunca lhes lançava em face seus deslizes passados ou presentes, nunca as recebia com carranca, nem lhes falava com império de autoridade. Fazia-o, isto sim, com uma bondade encantadora: quando estava a sós na cela de alguma faltosa, primeiro a abraçava, depois falava-lhe da sublimidade do estado religioso e da glória que aguarda no Céu a religiosa boa e mortificada e em seguida lhe dizia:

"Minha irmãzinha, parece que não te lembraste de tal e tal coisa, porque estas faltas se repetem muitas vezes. Temos uma memória tão frágil que tudo se nos escapa, faço-te uma lembrançazinha para que ponhas sumo cuidado em evitar estas coisas, pois vivendo em comunidade tudo e muito delicado pelo bom exemplo que somos obrigados a dar mutuamente. Quando estivermos no Céu muito nos alegraremos pelo bom exemplo que tivermos dado as nossas queridas irmãs. Recordemos a vida do Menino Jesus na humilde casinha de Nazaré. Quanto temos que imitá-Lo em nosso claustro! Só duas palavras de Jesus em Nazaré nos diz o Evangelista — "Et erat subditus illis"[7] . E elas nos dizem muito.

"Quantos livros volumosos poderiam se escrever da vida interna de Jesus em Nazaré. Porém Ele não quis que se escrevesse nada sobre essa parte de Sua vida, porque isso devia estar vivo em todos os claustros de Suas queridas esposas, de maneira que quem quiser saber da conduta de Jesus em Nazaré, não tenha senão que olhar os claustros religiosos e ali verá o que quiser a respeito de Jesus. Por isto, eu, sua pobre Madre e irmã, rogo-te e exijo-te que ponhas em tudo, cuidado para que sempre Jesus esteja vivo

7 "E Ele era-lhes submisso" (Lc. 2, 51).

em nós. Eu te ajudo com minhas pobres orações e pequenos sacrifícios. Se algo te faltar ou te causar dúvida, não temas em manifestar-me. Quiçá possa eu ajudar-te e resolver tuas apreensões, porque por menor, mais humilde e ignorante que seja a Priora, o Espírito Santo a assiste e governa por amor as almas das virgens esposas de Jesus Eucarístico".

A suavidade, aliada a admirável firmeza, das suas admoestações e repreensões era tal, que nem as inobservantes, nessas horas, podiam opor-lhe resistência. Tudo quanto faziam de mal era feito fora de sua presença.

Neste tempo, Madre Valenzuela conheceu quem havia sido a humilde Madre Mariana. Por vezes ela repreendia sem falar, apenas com um olhar — doce, amável e atraente para as religiosas observantes, mas terrível para as inobservantes. Vedes já, futuras religiosas da Imaculada Conceição de Quito, o tão formoso quanto valioso tesouro que possuís em vossa Madre Mariana de Jesus Torres. Já vês, Ordem das Concepcionistas em geral, a filha santa que tens para tua glória. E tu, Ordem Franciscana, mãe minha muito amada, reconhece a filha que te deu nosso pai, o Serafim Chagado. E nós todos, seus irmãos, nos gloriamos no Senhor por ter tal irmã. Mil vezes bendito seja Deus, que nos chamou e predestinou para filhos do Serafim de Assis, porque toda a Família Seráfica e santa; imitemos a nossos antepassados e seremos fiéis aqui e na eternidade.

Nova ordem de prisão para Madre Mariana

A vida de Madre Mariana era toda de sofrimento e contradição, sinal distintivo dos servos de Deus. Ela, tão humilde, tão prudente, tão suave, tão mortificada, tão observante, era acusada e repreendida repetidas vezes pelo Prelado ordinário.

O Prelado, como não conhecia os meandros internos da vida no Convento, deixava-se orientar pelos ditos das monjas inobservantes. Para chegar a crer em tantas acusações, ele deveria ter, primeiramente, visto e examinado as coisas muito de perto, e então teria conhecimento da verdade. Mas Deus, em seus desígnios secretos, dispôs as coisas deste modo para que a Seráfica Família tivesse um herói de sofrimento e humildade nesta filha concepcionista.

Feita a visita pastoral, por ansiosa petição das religiosas inquietas, e sendo Madre Mariana a Priora, foram tantas as acusações contra ela, que, digamos assim, umas poucas venceram a muitas. Vacilante, o Prelado não sabia que fazer, nem que dispor. O agente encarregado disto lhe disse:

"Veja, V. Excia., o que delibera neste assunto. Da. Mariana de Jesus Torres é muito acusada!" E — ó desígnios de Deus! — o Prelado ordenou que lhe retirassem o selo e a colocassem como reclusa em sua cela, passando o governo do Convento, nesse ínterim, para a Vigária.

Recebida a ordem e retirado o selo, essa humilíssima religiosa e santa Priora disse: "Madres e irmãzinhas, eu vou para minha cela, reclusa. Deus faz-me o grande favor de chamar-me por algum tempo à ansiada soledade de meu coração. O trato com as criaturas me é molesto, pois eu nasci para sempre obedecer e nunca para mandar. Conheço minha insuficiência para tudo. Rogai por mim, que vos amo a todas sem exceção, como a queridas e prediletas esposas do Senhor; perdoai-me todos os maus exemplos que vos dei. Eu, de minha parte, nunca esquecerei de vós na presença de meu Senhor.

"Contudo, se devo dizer-vos que minha consciência não me argui de nenhuma das queixas levantadas contra mim, pelas quais não mereço castigo, é verdade que devo expiar meus pecados nesta ou na outra vida. A respeito de meu empenho pela observância da regra e do cuidado solícito que tive, admoestando em particular e em comunidade, não me arrependo; pelo contrário, tenho minha consciência tranquila por haver cumprido meu dever. E se por causa disso alguém se ressentiu, embora prefiro que o mundo inteiro se ressinta, antes que meu Deus e Senhor.

"O cargo de Priora é delicadíssimo e muito grave, pelo qual muitas grandes almas se perdem, e a minha, tão pequena, não quer agravar-se por almas alheias".

Concluído o discurso. Madre Valenzuela soltou um pranto, e abraçando a Superiora dizia com voz entrecortada: "Vossa Reverência não irá só, eu a acompanharei. Como é perseguida, caluniada e castigada a inocência?" A Madre Vigária perguntava: "Madre, quais são as insensatas que assim procedem?"

O resto da Comunidade chorava. A monja capitã e as que a seguiam chegaram até Madre Mariana e disseram-lhe: "Vamos logo, Madre, ao cárcere, é esta a ordem do Prelado; não é reclusão na cela, entendestes mal".

Madre Valenzuela, tendo ouvido algumas dessas palavras, chegou indignada dizendo: "Que dizem as atrevidas?" E separando-as de sua Priora disse: "Não, não lhes basta a reclusão na cela, querem-na pior, no cárcere? Para estas o cárcere". Madre Valenzuela, a Vigária e outras quiseram usar de violência para com estas monjas incautas, mas a prudente e humilde Abadessa disse: "Deixai, Madres e irmãzinhas, elas não são senão instrumentos

do Artífice Divino; lêde porém, em alta voz, a ordem do Prelado". Madre Valenzuela fez uma das inobservantes ler. Houve grande alteração na Comunidade. Bendito seja Deus que a maioria era observante! Contudo, essas poucas inobservantes transtornavam o Convento.

Em meio à provação, visão de Nosso Senhor

Ficou claro que a inocência teria saído livre se a humilde Madre Mariana tivesse se defendido e consentido no que Madre Valenzuela, a Vigária e as demais pretendiam fazer. Deus, porém, manifestou-lhe nesse momento que, por esses meios, todas essas inobservantes se teriam perdido, e que era necessário que ela sofresse e se humilhasse para salvar o Convento fundado por sua santa tia, pelas outras Fundadoras e por ela mesma, bem como para salvar as almas dessas pobres monjas.

Neste instante, apareceu-lhe em visão Cristo Nosso Senhor, atado e preso pelos bárbaros judeus depois da traição de Judas. Viu-O acusado e caluniado injustamente nos tribunais dos iníquos Pontífices, tratado com crueldade e ignominiosamente. Ao mesmo tempo viu o que se passava nesse Divino Coração: seus sentimentos de amorosa magnanimidade em relação aos próprios perseguidores, o heroísmo com que oferecia de bom grado Paixão tão dolorosa por tantas almas ingratas, Sua profunda dor pela perdição de tantas dessas almas e pela negra ingratidão de seus ministros e de suas esposas no transcurso dos séculos até o fim do mundo. Viu como o Divino Mestre sofria sua Paixão interior e exterior, e que voltando-se para ela, lhe disse com amorosa ternura:

"Minha esposa, não me deixes só com tanta dor e amargura; se me amas deveras peço-te que inseparavelmente me acompanhes durante teus dias mortais. Faço-te saber que este sacrifício e generosidade serão germe e semente para que neste Convento tão querido de Meu Coração haja, em todos os séculos, almas vítimas do sofrimento e da dor, as quais, somente debaixo do Meu olhar, viverão na prática da mais sublime perfeição, sendo colunas de tua Comunidade e pára-raios que deterão a ira divina nos tempos aziagos pelos quais atravessará a Igreja neste solo. Vamos à tua reclusão, que ali quero falar a sós contigo e fazer-te partícipe de Minhas penas".

Madre Mariana é encarcerada pela quarta vez

A santa Priora levantou-se de seu assento toda cheia de amor de Deus

e ajoelhando-se entregou as chaves à Vigária, beijando-lhe os pés e as mãos. Cobriu seu formoso rosto com o véu e com passo grave encaminhou-se à sua cela, a qual dava de frente para a igreja. Tinha aí seu retiro com suas preciosas variadas joias em instrumentos de penitências e sua enorme cruz, na qual se crucificava frequentemente. Deixou a chave por fora para que a trancassem, se quisessem. Madre Valenzuela e a Vigária, porém, temendo que assim fizessem as incautas, deixaram a porta aberta e guardaram a chave. Madre Mariana colocou grande aldrava interior da porta e iniciou sua reclusão.

Versos que Madre Mariana cantava estando reclusa na cela

Nesse tempo Madre Mariana compôs estes muito significativos e sentidos versos, pois sua inteligência e unção eram raras, ao par do profundo conhecimento que tinha da ascética e da mística,

Isso bem pode assegurar à Seráfica Família que Madre Mariana de Jesus Torres, Abadessa e Fundadora do Convento da Imaculada Conceição de Quito espanhola de nascimento, pode rivalizar com a espanhola Fundadora do Carmelo, a primeira como oculta violeta no fecundo jardim seráfico de Maria, Nossa Senhora Imaculada, e a segunda como sonoro clarim na Igreja de Jesus Cristo.

En sauce extranjero

Colgando mi lira

Me miro cautiva

Y empiezo a llorar.

Mas allá en lantananza

Pasados los siglos

A Francisco y sus hijos

Los veo venir.

Tayendo la dicha

La paz, la ventura

Que en tanta tristura

Se encuentra mi hogar.

Oh dia dichoso!

De santa alegria

Venid presuroso

Que ansio por ti.

Mas yo en este suelo

De tanto quebranto

Do bebi el llanto

No espero gozar.

Cuando haya acabado

Mis dias mortales

Terminan mis males

Y empiezo a gozar.

Y yo desde el cielo

Con santo desvelo

La santa observancia

De aqui celaré.

Y en todos los siglos

Tendré buenas hijas

Que amantes prolijas

A Dios servirán.[8]

* * *

Realmente muito privilegiado de Deus reconheço ser este local e o Convento, porque aí se operaram grandes maravilhas e nele viveram e viverão religiosas santas. Sobretudo almas ocultas, esquecidas e desprezadas pelos seus e pelos estranhos, em seu retiro silencioso. Almas, entretanto, que aos olhos de Deus são heroínas de seu povo as quais com sua oração humilde, fervorosa e incessante, ao lado de sua penitência austera e secreta, constituem outros tantos pára-raios ante a justiça divina.

Bendito sejais, Deus meu, que em Vossa misericordiosa sabedoria e poder criastes os mosteiros para ter neles tais almas! Débeis mulheres convertidas em esposas Vossas, as quais atraem e causam admiração a homens sábios e robustos! Confesso que minhas irmãs da Imaculada Conceição são muros de fortaleza, e para seus irmãos, os Frades franciscanos, estímulo para o progresso na perfeição religiosa.

Lava de calúnias

Durante o tempo em que permaneceu reclusa em sua cela por ordem do Bispo, esta santa e humilde Priora praticou em grau heroico todas as virtudes. Sua vida foi a de um anacoreta enclausurado. Que penitência tão rígida, conforme nô-lo asseguram seus diretores! Que humildade tão solida, que generosidade tão magnânima, que simplicidade e candura infantis, que ardente amor a Jesus e a Maria!

8 Os confessores e diretores desta grande alma asseguram que ela recebeu o dom da ciência infusa, conforme atestam seus famosos escritos sobre os dons e frutos do Espírito Santo, sobre o Mistério da Imaculada Conceição e ainda sobre a Infalibilidade Pontifícia. Escritos que a Seráfica família enviou a Roma para aprovação e impressão. Mas, o naufrágio fatal desse ano submergiu nas profundezas do mar estas maravilhas, bem como outras coisas de importância da Ordem Franciscana. Segundo referências de pessoas fidedignas, sabe-se que Madre Mariana conservou os rascunhos dessas obras e que os mesmos existem ainda hoje em armários, juntos com o "Cuademón" de sua vida e as biografias das demais Fundadoras.

Por ocasião da visita pastoral, a humilde Abadessa permaneceu reclusa. Tiraram-lhe o selo e destituíram-na do Priorato com ignomínia. Foi objeto do desprezo das suas e do Prelado, porque nesse tempo, por permissão divina, o inferno vomitou uma lava de calúnias grosseiras, valendo-se das monjas inobservantes influenciadas pela capitã, a quem desgostava a observância regular e as virtudes práticas.

Longas e penosas dificuldades, sofridas em silêncio e com humilde resignação, santificaram a alma de Madre Mariana de Jesus Torres, espanhola e uma das Fundadoras do Mosteiro da Imaculada Conceição de Quito, e a prepararam para receber uma enorme afluência de graças especialíssimas, com a comunicação e trato íntimos com Deus e Sua divina Mãe. — Trato e comunicação que lhes mereceram aquele alto trono de glória que hoje ocupa na Jerusalém Celestial!

Prece

Ó invicta heroína e cara irmã minha! Do Céu onde gozais com Cristo, o Casto Esposo das almas castas, não desdenheis volver até nós vossos formosos olhos azuis, que significam profundidade no amor de Deus. Olhai-nos e enxugai o pranto de vossos irmãos, os Frades Menores, e de vossas irmãs concep-cionistas, que gememos ainda no desterro do tempo mortal. Alcançai-nos a uns e a outras o fervor diário no cumprimento de nossas santas regras, animados pelo espírito seráfico, que nosso Chagado Pai, o Serafim de Assis, nos deixou por herança. E a este vosso irmão, que a largos traços e com rústica pena escreve vossa vida, abençoai-o do Céu, e alcançai-me a humildade, a fortaleza na atual prova do espírito em que me encontro, e, por fim, uma morte tranquila e santa, a fim de que do meu pobre leito passe a fazer-vos companhia no Céu, onde, junto a nosso Seráfico Pai, reinais gloriosa com Cristo e Maria por toda a eternidade. Amém.

— Capítulo XXV —

Madre Mariana sai com triunfo da prisão — Prodígio que se operaram com a Santíssima Virgem da Paz na eleição de nova Priora

Naquele tempo de tão tristes recordações para minhas irmãs, as religiosas da Imaculada Conceição da cidade de Quito, um encarregado do Bispo fez uma visita secreta ao convento. Nessa ocasião. Madre Valenzuela, a Vigária e as observantes falaram-lhe de sua digna Priora e manifestaram-lhe que tudo não passava de um sem-número de calúnias, que causa admiração o fato de elas partirem de pessoas religiosas, pois somente a inveja e a inimizade poderiam querer obscurecer essa luz deslumbrante de santidade da Madre Mariana de Jesus Torres, que como súdita e como Priora, era modelo quase inimitável de perfeição religiosa. "Quem de nós — diziam — poderia ter sofrido tanto e com tanta doçura, silêncio, paciência, resignação e prudência?"

O encarregado do Bispo quer libertar Madre Mariana

Ao ouvir opinião tão geral e veraz, o encarregado do Bispo admirou-se e ofereceu colocar todo seu empenho para dar a liberdade a tão boa e santa Priora que sofria injustamente. De fato, expôs tudo ao Bispo que,

admirando tanta virtude numa jovem, mandou uma nota formal a Madre Vigária para que a pusesse em liberdade e a acatassem como Priora e Madre da Comunidade, o que foi cumprido imediatamente com regozijo geral por todas as religiosas.

No dia seguinte pela manhã, o mesmo encarregado do Bispo veio falar em segredo sacramental com Madre Mariana. Essa alma tão simples e tão santa, ao mesmo tempo inteligente, humilde e digna, apresentou-se ao confessionário, e com a integridade de uma alma inocente respondeu a tudo o que lhe foi interrogado com palavras comedidas, sem loquacidade, nem incriminando ninguém. Ela desculpava a todas sem mentira, atribuindo o ocorrido à permissão divina e assegurando ser inútil esperar conseguir o Céu sem sofrer durante a vida mortal.

O encarregado do Bispo admirou-se ao ver a virtude desta religiosa. Causou-lhe sobretudo impressão essa admirável tranquilidade e inteireza de ânimo depois de padecimentos tão terríveis pelos quais havia passado. Ele asseverou depois ao Bispo que lhe parecera ter tratado verbalmente com aquelas heroínas mártires dos primeiros tempos da Igreja, e que em consciência, o Prelado devia repará-la por todos os castigos injustos que se lhe haviam infligido.

Nota do Bispo à Madre Mariana

O Bispo, que tinha o coração terno porque — a verdade seja dita — foi um varão justo, sofreu ao ver que ele mesmo havia oprimido uma alma justa por injustas maledicências, e tomando a pena, escreveu a seguinte nota:

"*Reverenda Senhora Dona Marianade Jesus Torres, Digníssima Abadessa das Senhoras Monjas da Imaculada Conceição desta cidade de São Francisco de Quito.*

Senhora:

Tendo sido eu mal informado a respeito de Vossa Reverência com grosseiras calúnias daquelas pobres senhoras que não deveriam chamar-se monjas, cometi a grande imprudência de proceder à sua reclusão sem prévio interrogatório. Hoje, que a verdade está inteiramente esclarecida, ordeno que Vossa Reverência seja sempre e em todo tempo quem governe e mande neste Mosteiro, e ainda sobre todas as Prioras, por que essas deverão em tudo consultá-la e tomar seu parecer para qualquer procedimento, acatando-a como Madre e Fundadora. Todas, sem exceção, devem reverenciá-la e obedecê-la e Vossa Reverência terá toda autori-

dade e direito, em todo tempo, para repreender e castigar as culpadas. Por tudo quanto até aqui fez V. Revcia. no Convento dou-vos as graças devidas em nome de Deus, porque tudo o fez bem, imitando a seu Divino Esposo, que passou pela terra fazendo o bem e aqueles seus próprios favorecidos foram os seus perseguidores. Coisa análoga passou-se com Vossa Reverência, pelo que deve santamente gloriar-se no Senhor, que envia a cruz aos Seus muito amados, porque os crê dignos de dom tão soberano. De hoje em diante, quem me delate V. Revcia. será encarcerada e aplicar-se-ão nela imediatamente penas maiores, sem ouvir-lhes as desculpas, essas filhas de intenção desleal. Mas como o seu tempo de Priorato está por se concluir, prossiga governando sua Comunidade até a época da eleição canônica, com aquele especial dom de governo ao par da inteligência com que Deus, pródigo em suas graças, a dotou. Bendizendo a Vossa Reverência em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, firmo-me como seu pai e Prelado.

O Bispo".

* * *

Uma vez posta em liberdade, a santa Priora, com a anterior nota do Bispo, seguiu governando a Comunidade, com essa humildade própria de sua grande alma. Sem demonstrar em nada todos os seus padecimentos anteriores, tratava a suas êmulas com afabilidade e doçura que lhe faziam dona dos corações de todas suas filhas.

Essas pobres monjas não eram consequentes nem consigo mesmas: sempre inquietas, sempre perturbadas, sempre desgostosas entre si, acudiam continuamente com queixas a Madre Mariana. Ela como mãe carinhosa, acalmava-as, consolava-as e aconselhava-as, e como Priora, lhes impunha obediência e ordens pessoais sem distinção nem acepção de pessoas. Ela se fazia amar, mas também respeitar.

Dificuldades em se eleger nova Priora

Terminado o tempo do Priorato de Madre Mariana, chegou a época da eleição canônica. Veio ao Convento um representante do Bispo. As monjas se dividiram tanto que, após dois dias de eleição, não conseguiram eleger a Priora. Era uma confusão muito molesta. Madre Valenzuela falando com a

Superiora lhe dizia:

— “Madre, Vossa Reverência, como Fundadora, deve continuar Abadessa".

E esta lhe respondia: "Não, Madre, segundo a regra as Prioras não devem passar de três anos, tanto por si próprias como pelas súditas. Por ora seria necessário que Vossa Reverência seja a Priora a fim de acalmar tantos desgostos e também porque nas presentes circunstâncias necessita-se de uma pessoa digna e experimentada para o governo monástico, e essa pessoa é Vossa Reverência".

—"Madre — retrucava a outra —, eu não tenho caráter, nem forças. Seria muito acertado que elegêssemos por Priora a qualquer uma das Fundadoras. Todas são senhoras aptas e de virtude. A mim me parece que ficaria muito bem no governo Madre Francisca dos Anjos. Eu serei por ela".

— "Madre — retomou a primeira —, se quereis uma das Fundadoras, seria melhor Madre Lúcia da Cruz, ou Catarina da Conceição, ou Madalena de São João, pois Madre Francisca dos Anjos, por agora, não convém. Ela já sustenta com outras o culto nascente, e devemos esmerar em conservá-lo pois disso depende nossa felicidade. O ofício de Priora requer muita vigilância sobre todo o Convento, escritórios e pessoas, e Madre Francisca dos Anjos, com dois pesos enormes, não poderá levar nenhum, agravando sua alma com graves omissões de um e outro. Para se eleger a Priora, devemos sempre proceder com muita caridade para com as pessoas; Madre Francisca será Priora quando as outras, adestrando-se, possam exercer com perfeição o cargo do Culto Divino. Atualmente não é conveniente".

— "Madre — perguntou Madre Valenzuela —, Vossa Reverência por quem vai optar, para que eu faça o mesmo?"

— "Madre — respondeu Madre Mariana —, como Vossa Reverência sabe melhor que eu, não devemos manifestar nossos mútuos pareceres, mas sim obrar em consciência segundo Deus a fim de que não resulte nula a eleição. O que direi a Vossa Reverência é que devemos rezar muito para evitar escândalos em nossa Comunidade".

Procissão das inobservantes

No terceiro dia o Bispo voltou para nova eleição, fez-lhes uma prática de muito peso, porém não obteve nada. As inobservantes faziam o quanto

podiam para eleger sua capitã como Priora, chegando até mesmo algumas a votar mais de uma vez. Era uma verdadeira confusão e acaloramento. Nesse dia não se chegou a nenhum resultado e o Bispo retirou-se para voltar no outro dia.

Entretanto no Convento as inobservantes eram a própria inquietação. Procuravam conquistar-se umas às outras e, tomando por sua conta as irmãs leigas e devotas, resolveram apresentar-se processionalmente diante do Bispo e pedir-lhe que confirmasse a eleição da capitã, por ser — diziam elas — "Madre ..... pessoa muito apta para esse cargo, superando Madre Mariana por sua inteligência e rica virtude. Que Sua Excelência, por não conhecê-la, nem ocupar-se dela, não a estimava como devia e que Madre Mariana não era inteligente mas sim muito vivaz de caráter".

Isso o afirmaram todas essas ovelhinhas sem pastor, desgarradas porque queriam sê-lo. Como por outro lado elas tinham de seu lado as irmãs leigas, as quais, sem humildade, convertem-se em gente insubordinada e fátua — cheia de inveja luciferina porque ensimesmada e orgulhosa, crendo tomar-se algo afastando-se de sua condição humilde de servir as monjas —, as inobservantes consideravam-se poderosas para lograr seu intento. Assim, tomaram por seu próprio arbítrio a Cruz grande e, de velas nas mãos, formaram uma procissão para sair pelo coro inferior indo até o Bispo. Uma delas garantia que tinha chaves para abrir a porta. E diziam elas: "Vendo-nos com tantas formalidades, as outras terão medo e não se atreverão a impedir-nos a marcha. Assim conseguiremos nossos intentos. De outro modo é impossível, e teremos de prosseguir nesta vida. Agora nem mesmo Madre Valenzuela é nossa. Que esperamos?"

Formada a procissão em dois coros, rezavam o rosário, pois as leigas não sabiam outra coisa. Ao ouvir um alvoroço de vozes, Madre Valenzuela saiu de sua cela e qual não foi sua surpresa ao ver semelhante coisa. Perguntou o que significava aquilo e ninguém lhe respondeu. Todas as religiosas usavam véus, inclusive as leigas.

Mas uma das devotas, introduzida no Convento por Madre Valenzuela, respondeu-lhe que iam até o Bispo. Cheia de santa indignação, a religiosa tomou pelo braço essa devota e trancou-a em sua cela. Perguntou-lhe o que faziam, e essa pobre moça, tremendo de medo, vendo a Madre erguer o braço com a disciplina, tendo já recebido um golpe, contou-lhe tudo. Madre Valenzuela tirou-lhe o véu, a touca e o escapulário e, manifestando sua indignação, disse: "Por ora, até que eu volte, deixo-te trancada. Esta noite mesmo, depois de dar-te o que mereces, ponho-te para fora". E trancando-a, caminhou em busca de sua Priora a quem não encontrava; procurava desalentada e fatigada, com aspecto cadavérico.

A "Patronita"

Ao ouvir a reza de tantas vozes, as Fundadoras e as observantes saíram apressadamente para perguntar o que acontecia e ninguém dizia palavra. Pareciam tão devotas que nada as perturbava. Finalmente encontraram-se com Madre Valenzuela, que lhes disse: "Madres e irmãs, ajudem-me a achar a Madre Abadessa, porque estas loucas dizem que tem a chave e pelo coro inferior irão processionalmente falar com o Bispo. O resultado do encontro não me inquieta, mas sim, e muito, as consequências para as almas dessas senhoras incautas. Cada uma buscava com afã a Priora e não a encontravam. Vendo que não aparecia, Madre Valenzuela chamou a todas para o coro inferior para ali esperar as inobservantes, fazendo-lhes violência se necessário para impedir que saíssem. Entraram todas chorando e diziam:

"Minha Mãe da Paz[9], a quem trouxe da Espanha nossa Madre Fundadora, salvai-nos nesta situação. Madre Fundadora, levantai-vos deste sepulcro e sujeitai essas incautas". Nesse instante, divisaram próximo da grade e em silenciosa contemplação, sua Madre e Priora tão procurada. Ninguém atreveu-se a interrompê-la, a não ser Madre Valenzuela quando ouviu que a triste procissão já se aproximava do coro inferior. Aproximou-se agitada da Madre e lhe disse: "Que é isso, Madre, levantai-vos e olhai que essas senhoras incautas se vão. Para impedi-las usaremos se necessário de atropelos e empurrões. Vossa Reverência, por ser Abadessa, veja como procede. Aqui tendes essa disciplina". E apresentou-lhe uma, muito grossa e forte.

Madre Mariana enfrenta as inobservantes

A santa Priora deu um suspiro que penetrou no íntimo dos corações de todas elas, e osculando o chão, levantou-se. Todas a rodearam; olhando-as com carinho, ela disse: "Por que temeis, não sabeis que Deus vive no Céu e no Santíssimo Sacramento?" E tomando a mão da Madre Valenzuela, que

9 A Imagem de Nossa Senhora da Paz, ou "Patronita" do Mosteiro da Imaculada Conceição de Quito, foi trazida da Espanha por Madre Maria de Jesus Taboada, Fundadora do Convento. Após o prodígio de transformação, luzes e demais maravilhas que o leitor interessado poderá ver no livro da fundação do dito Mosteiro, no qual se conserva, com todas as averiguações jurídicas, permaneceu na igreja e só a tomavam mãos sacerdotais. Porém como o Convento internamente estava muito necessitado, o capelão, por petição das monjas, fê-la entrar na clausura, a fim de satisfazê-las e colocou-a num formoso nicho no coro inferior. Ali acorriam para derramar lágrimas amargas, todas as monjas boas, em situação deveras tão lamentável desde que seus irmãos, os Frades Menores, se ausentaram.

tremia de medo, estreitou-a contra seu peito, osculou-a, dizendo: "Madre a situação teria sido muito lamentável a não ter intervido a misericórdia de Deus. Vossa Reverência sabe que há duas chaves das grades. Uma tenho eu e a outra as inobservantes tentaram obter com astúcia e manha, porém conseguiram uma trocada, e isso se deve a nosso bom Deus. Já vereis o que se sucede".

Madre Valenzuela aquietou-se um pouco. A procissão dessas pobres almas cegas adentrou nesse momento.

Reverentemente entraram elas processionalmente, dirigindo-se às grades. Madre Mariana então se levantou e, parando na porta da primeira grade, disse-lhes com gravidade:

— "Aonde ides, minhas irmãs, que cadáver levais e para onde? Melhor vos direi que vós todas sois cadáveres". Então as inobservantes com sua capitã começaram a tremer de pavor, mas tirando força de sua fraqueza disseram com palavras entrecortadas: "Não estorve Vossa Reverência nossa marcha, vamos até o Prelado para que nos faça justiça".

— "Não ireis" — disse com grave acento a Superiora. E fazendo violência, as inobservantes agarraram o ferrolho da primeira porta e não podendo abri-lo com a chave, romperam-no.

O Milagre da "Patronita"

Madre Mariana levantou então seus olhos à Virgem da Paz e não articulou palavra, enquanto Madre Valenzuela, com incrível valor, continha as inobservantes, arrebatando-lhes as velas das mãos e lançando-as longe. A Abadessa mandou as observantes recolherem as velas acesas que Madre Valenzuela deitava fora com violência e que, apagando-as, guardassem em um só lugar.

Quando as monjas revoltosas já começavam a romper o ferrolho para sair à igreja, vendo que não podiam abrir a porta e sentindo-se acuadas por Madre Valenzuela, ouviram um ruído que lhes causou medo. — Olharam para trás e viram a "Patronita", que lhes virava as costas. Assustaram-se sobremaneira e detiveram-se em silêncio; a santa Imagem então lhes falou:

"Infelizes, que fazeis? Ide, se quereis, em boa hora, mas não tereis para onde regressar, pois Eu volto para a Espanha com as Fundadoras e observantes. Tarde chorareis vossas loucuras e, para perpétua memória deste caso,

ficarei assim voltada de costas para vós, para que sejais o escarmento de vossas menores".

E levantando a vista na direção da santa Imagem, todas viram-na pálida, cheia de luzes e com o rosto severo. Tentaram falar não se sabe o quê, mas todas caíram ao solo sem sentidos e cadavéricas.

Madre Mariana, Madre Valenzuela e as demais observantes ajoelharam-se, cheias de temor, diante da santa Imagem, e contemplaram-na de frente. E ela as fixou com seu olhar tão doce, tão cheio de amor e graça dessa Imagem bendita e prodigiosa, e com um sorriso amoroso alentou seus espíritos tímidos. Então todas se levantaram e procuraram fazer voltar a si as suas nobres irmãs culpáveis inobservantes, bem como as leigas e devotas, que ao todo eram em número considerável.

Aqui me parece ver renovada a cena do Horto das Oliveiras, quando, na prisão de Cristo Nosso Senhor, todos os culpáveis caíram por terra, mas não os Apóstolos. Nos primeiros vejo todas as incautas e nos segundos Madre Mariana e todas suas filhas fiéis observantes.

As lágrimas da Virgem da Paz

Madre Francisca dos Anjos subia e descia, entrava e saía do coro inferior trazendo remédios para fazer as inobservantes voltarem a si. Estas roncavam e lançavam espuma pela boca e pelo nariz e tinham os corpos gelados e seu aspecto era de cadáveres. Madre Valenzuela e as observantes choravam de susto, pena e medo. Somente Madre Mariana e as Fundadoras conservavam a serenidade e a calma, aplicando pessoalmente os remédios às suas pobres irmãs culpadas, feridas pela mão de Deus.

A santa Superiora depois de fazer as religiosas rezarem três Ave-Marias à Santa Virgem da Paz com os braços em cruz, foi até onde estavam as inobservantes e fazendo-as sentar, soprou-lhes. Isso as fez voltarem à vida. A seguir fazia-as ficarem em pé, tomando-as pela mão direita. Quando todas já estavam de pé e refeitas daquela como que espiritual dolência, tomaram a olhar para a Santíssima Virgem, cheias de susto, confusão e medo, e viram-na de costas para elas.

Madre Mariana ordenou-lhes que se retirassem. Elas caminhavam com dificuldade, e ao passar diante do rosto da santa Imagem, viram-na — o que também foi notado pelas observantes — com o rosto pálido e expressão severa; de seus olhos formosos se desprenderam três grandes lágrimas, que

lentamente deslizaram pelas faces.

O perdão das irmãs leigas

Toda esta comunidade de enfermas e culpáveis saiu do coro inferior como um exército derrotado. As leigas não sabiam como reparar sua falta, uma vez que ali estavam para servir as monjas e não para se levantarem com atrevimento contra elas. Creram, e com razão, que a santa Priora as repreenderia me-recidamente por tal ousadia, desconhecendo os seus lugares. Débeis como estavam, umas a outras se diziam: "Depois de termos cometido semelhante falta, com que cara iremos para cama, ajudadas pela Madre Francisca? Continuemos servindo pois para isso aqui entramos". E envergonhadas, esforçavam-se para voltar aos seus trabalhos diários, mas a debilidade as impedia.

Madre Mariana que a tudo observava sem ser vista por criatura humana, acorreu logo e de improviso apresentou-se diante delas. As pobres leigas puseram-se a tremer porque a respeitavam muito e a amavam também. Caíram a seus pés esperando o castigo. A santa Priora, com aquela amabilidade tão própria de sua grande alma, as levantava dizendo: "Vós, minhas irmãs, necessitais refazer vossas forças. Mando-vos a cada uma que vá para cama. Vou a seguir ter com Madre Francisca dos Anjos para que, como enfermeira, vos atenda. Refazei tranquilas vossas forças materiais; e ao mesmo tempo reparai vossas almas, caindo em vós mesmas e pedindo a Deus misericórdia e perdão por vossos pecados, com o coração contrito. Ele vos receberá com os braços abertos como o filho pródigo foi recebido pelo seu bom pai. Em verdade vós sois filhas pródigas. Levantai-vos e voltai à casa paterna".

Essas pobres leigas, prostradas aos pés de sua Madre Priora, choravam e tremiam de medo, e com palavras entrecortadas pelo pranto pediam-lhe perdão. Esta santa Priora acariciava-as assegurando-lhes que estavam perdoadas, e que ela esqueceria tão grave falta. Ordenou-lhes, porém, que não se comunicas-sem com ninguém porque tinham sobre si a excomunhão, até que o Bispo a levantasse. E acrescentou: Algumas de vós, preparai-vos para morrer, pois já chega vossa hora. E para assegurar-vos da verdade vereis, com vossos olhos, convertidas em ossos e com vossos nomes, a vela que cada uma levava na mão em tão indiscreta quanto culpável procissão.

As inobservantes, obedecendo a Madre Mariana, retiraram-se para a cama recebendo sua benção e osculando-lhe as mãos, pés e escapulário. A caritativa Priora partiu pressurosa em busca de Madre Francisca dos Anjos,

que encontrou no coro inferior ajoelhada diante da Santíssima Virgem da Paz. Ali mesmo disse-lhe: "Minha filha, os Corações Santíssimos de Jesus e de Maria são vulcões ativos de amor divino, e não desprezam jamais as pobres culpadas. Ide imediatamente curar as pobres irmãs leigas, as quais mandei para cama em razão de sua muita debilidade. Fareis primeiramente em quantidade suficiente água de anis do país e lhes dareis para beber. Depois vereis o que lhes convém. Já sabeis que não deveis falar a não ser o estritamente necessário até que o Bispo as absolva de sua excomunhão. Depois sim, alentareis a esses espíritos tímidos e temerosos; vós sois chamada para isso".

Osculando imediatamente o solo, Madre Francisca foi cumprir sua obediência e seu dever de caridade para com essas pobres enfermas com aquele gosto e encantadora doçura que, ao lado da graça, acompanhavam esta seráfica alma.

Trama das inobservantes

No outro dia, bem de manhã, a caritativa e santa Priora visitou uma a uma as pobres leigas, deu-lhes sua benção e ordenou-lhes que se levantassem ao nascer do sol. Elas garantiram que estavam muito melhor com a água e os remédios administrados com tanta caridade por Madre Francisca.

Entretanto, as inobservantes com sua capitã continuavam agitadíssimas pela eleição, que seria no dia seguinte, pois naquele o Convento teria que se ocupar de assuntos importantes com a Real Audiência. Elas aproveitaram todo esse dia para sustentar desordens e litígios. Foram apressadamente até as leigas incitando-as a engrossarem suas fileiras e fazerem-se de procuradoras. Elas, porém, responderam-lhes que deploravam o seu atrevimento e ousadia passados e que, conhecendo suas atribuições, jamais tomariam parte em coisa alguma; tanto mais que percebiam a suma injustiça com que essas senhoras monjas procediam em assunto tão grave, desconhecendo os méritos de sua Abadessa, cujo comportamento era como línguas mudas que pregavam sua santidade. Lembraram ainda que, por terem dado ouvidos às inobservantes, estavam excomungadas, e esperavam ser absolvidas para continuar ocupando-se de seus humildes deveres. — "Mas, advertivos, senhoras — acrescentou uma das leigas — que vós como nós estamos excomungadas, e portanto moderai-vos um pouco, para que Deus não vos castigue aqui e na eternidade".

Ao ouvir resolução tão enérgica da parte das leigas, as inobservantes se envergonharam, e dirigindo-lhes palavras depreciativas afastaram-se.

A santa Priora e o resto da Comunidade se ocupavam em pedir a Deus e à Santíssima Virgem Nossa Senhora o remédio de tão graves necessidades, e um raio de luz divina para essas pobres monjas que estavam em completa cegueira espiritual; e para isso acrescentaram mais algumas penitências às que já estavam acostumadas. Assim, no refeitório umas osculavam os pés das demais; outras, com uma corda ao pescoço e sem véu, comiam em terra; outras ainda, enquanto as demais comiam, permaneciam prostradas; e coisas do gênero que, com muito exemplo para as Comunidades, são costume em minha Seráfica Família — a qual, graças a Deus, caracteriza-se pela penitência e humildade de coração e de entendimento, legado que nos deixou Nosso Pai, o Serafim Chagado.

Mais outra eleição

No outro dia, veio o Prelado novamente presidir a eleição. Os votos se dividiram muito. As inobservantes todas queriam sua capitã como Abadessa; as observantes repartiram sua escolha entre diferentes Madres, todas boas, é verdade, mas com o que a eleição se tornava difícil. E como não havia meio de fazer-lhes ponderações por ser a eleição muito secreta e em consciência, as circunstâncias se agravavam a cada momento. As inobservantes, que não eram muito numerosas, nesses sagrados momentos influíam no ânimo das observantes, que elas viam divididas e sem coesão. Elas desprezavam suas vozes com o silêncio absoluto. O certo é que reinava séria divisão.

O Prelado, depois do meio-dia, retirou-se desgostoso para tomar sua refeição, advertindo que voltaria três horas depois; e que, se não elegessem então a Priora, ele mesmo nomearia aquela religiosa que ele conhecia tão apta para o governo, por ser a única que governaria com seu tino, santidade, prudência e extrema tolerância, como o havia feito até o presente.

A crescida Comunidade retirou-se para o refeitório. A santa Priora, sem véu e com a corda ao pescoço, beijou os pés das religiosas e comeu em terra. Era de se ver essa formosa criatura cheia de vergonha, com as faces rosadas, fazendo esses atos de humildade, brotados com simplicidade do amor de Deus, a quem pedia o remédio em meio a tão grande necessidade de sua querida Comunidade.

Madre Valenzuela imitou-a, comendo em terra. Todas as Fundadoras fizeram o mesmo. As inobservantes riam. Estas boas criaturas tiveram bom exercício de paciência. Madre Valenzuela, do chão em que comia, olhava-as

com caridade e lhes dirigia palavras de repreensão para silenciá-las.

Ainda sem resultado a eleição para nova Priora

No meio da tarde, o Prelado retornou, dirigindo-lhes uma prática severa, na qual fê-las ver as circunstâncias amargas pelas quais passava o Mosteiro de fundação quase recente. Ordenou que se procedesse à eleição, na qual ele não interviria enquanto julgar conveniente. Caso a indecisão persistisse, ele mesmo nomearia a religiosa que deveria governar por três anos consecutivos e ninguém teria direito a reclamações nem porfias.

Começou a votação, e tudo se passou como das outras vezes. O Prelado, já cansado, disse: "Se persistis em vossos caprichos eu farei o meu, que será acertado". E golpeando a mesa procedeu a nova eleição. Desta feita faltou muito pouco para se reeleger Madre Mariana, mas como ela não obteve maioria de votos, o Prelado disse que iria descansar por uns momentos e que lhe levassem algum cordial.

A santa Priora chamou Madre Valenzuela para em sua companhia preparar o estimulante. Enquanto isso as religiosas vinham uma a uma ver sua Priora querendo investigar se ela estava desgostosa com elas. Essa santa criatura recebia a todas com a mesma bondade e com aquele ânimo imperturbável que conservava em todas as circunstâncias.

Madre Valenzuela, com seriedade e autoridade, disse-lhes: "Minhas irmãs, porque quereis acabar com o Convento? Olhai bem o que fazeis com vosso capricho, pensai com cordura e uni vossas vontades: outra Priora como a atual, não encontrareis".

"Madre — retrucou-lhe a humilde Priora —, Vossa Reverência pode governar esta Comunidade muito melhor do que eu. Atentai, minhas irmãs, que a santa Regra determina que a Superiora só permaneça por três anos. Tendes a Madre Valenzuela, pessoa muito apta para governar".

A solução do Prelado

O Prelado, após tomar o cordial, voltou a reunir-se com as assistentes e deu-se início à votação. Nesta faltaram só dois votos para Madre Mariana ser eleita. Então as inobservantes tomaram a palavra e disseram: "Não queremos que Madre Mariana governe por mais tempo. É pessoa inútil para

tudo e cheia de defeitos. Mesquinha como ela só, quer ajustar-nos todas à sua medida; queremos um pouco de liberdade e por isso optamos por Madre ...", nomeando sua capitã.

Esta, tomando a palavra, disse:

"Excelentíssimo Sr. Prelado, para aquietar lágrimas eu aceitaria o Priorato, certa de que a vida é insuportável com essas espanholas, em relação as quais é necessário mão de ferro e para as demais brandura. Lembre-se bem Vossa Senhoria que a letra mata e só o espirito é que vivifica. Essas espanholas, com a Regra na mão, querem fazer cumprir tudo, pensam que todas podemos o que elas podem. Seja esta a ocasião em que todas pedimos que as espanholas voltem para sua terra, ou sejam encarceradas perpetuamente. Assim nos deixarão livres e "tranquilas".

Nem bem esta incauta senhora acabou de pronunciar estas palavras nas quais se demonstrou seu curto entendimento e ausência total de virtude, o Prelado disse indignado: "Estas 'criollas' são a pior gente, ignorante, viciosa e de juízo obtuso. Ordeno em nome da santa obediência que a esta se encarcere imediatamente, colocando-lhe mordaça em sua língua solta; e para as suas companheiras incautas, anulo o voto para esta eleição, contando só com a nobreza de coração do restante da Comunidade; só assim a eleição se fará em paz e como Deus quer. Quanto ao mais, a Priora que sair eleita deverá manter no cárcere a esta senhora louca e pretensiosa e sobre as demais deitará mão dura, ocupando-as com os ofícios mais baixos e humildes, encarcerando a cada uma das que resistam em obedecer. Levem-na ao cárcere, pois não farei votação enquanto não se cumpra minha ordem".

Com esse desaire afrontoso que recebeu em público, essa pobre monja ficou muda. Queria falar e não podia, acontecendo o mesmo às suas incautas companheiras, verificando-se aqui o episódio de Aman com Mardoqueu, o pobre e bom judeu (cfr. Ester, 6,1-12).

Madre Valenzuela encarregou-se de fazer cumprir esta ordem. Levantando-se de seu assento, fez uma vênia ao Prelado, e, tomando pelos braços a capitã, disse: "Caminha pressurosa ao cárcere e deixa-nos em paz; é preciso que obedeças ao Prelado já que te jactas de ser tão sabida".

E já a levava quando o Prelado lhe disse: "Madre, agrada-me o seu comportamento e não procederei à nova votação enquanto não tiver aqui a chave do cárcere". E dizendo isso, ele dava golpes sobre a mesa.

Visão de Madre Mariana sobre o destino eterno das inobservantes

A infeliz tremia de ira, e ao mesmo tempo de vergonha, porque para uma alma orgulhosa como esta, a humilhação era um sofrimento sem consolo e um golpe mortal. Nem sei como ela pôde resistir com vida. — O fato é que enquanto esta pobre monja falava com o Prelado, Madre Mariana viu que dela se aproximaram uns macacos que vomitavam fogo pela boca, olhos e narizes, e o depositavam em seu coração e nos de suas companheiras de inobservância. À medida que o fogo se apoderava desses corações, a paixão da ira e da inveja ferviam contra a Priora e as espanholas, extinguindo-se nelas o fogo do amor de Deus. E ficando vazias de boas obras, agravavam suas almas com o peso imenso de tantos pecados, cujas consequências eram gravíssimas para a eternidade.

A santa concepcionista viu que essa pobre capitã não se salvaria, assim como muitas de suas sequazes, arrastadas pelo seu mal exemplo. A essas melhor teria sido ficar no mundo do que entrar na religião para levar uma vida de tanta dissipação e soltura, introduzindo o bulício onde deviam ter assento o silêncio, a paz, a união fraterna, a caridade, o desinteresse, a mortificação e a humildade, com a exata observância da regra monástica, cuja prática diária é muito fácil para o bom religioso. Aquele dito desta pobre monja de que a letra mata e o espírito vivifica, não é conforme a nenhuma das regras dos institutos monásticos pois da literal observância da regra depende a vida eterna da pessoa religiosa que a professou. Exemplo prático disso temos em nosso Seráfico Pai São Francisco a quem o próprio Deus dirigiu, a propósito do cumprimento da Regra; estas palavras: "À letra, à letra, à letra, sem glosa, sem glosa, sem glosa".

No falso raciocínio desta pobre monja deixava-se conhecer o mal espírito que a animava e sua carência total de virtude.

Prossigamos pois a visão de Madre Mariana. Ela viu que a capitã não se salvaria com várias de suas sequazes pela evidente vida relaxada que levavam, e que as graças divinas, que as boas religiosas recebem torrencialmente em seus claustros, se convertiam em veneno para estas deploráveis criaturas, cegando-se suas almas e mais e mais no foco de vívida luz e morrendo de sede na fonte de água viva. Viu como se precipitariam de abismo em abismo o resto de sua vida, pondo em risco, de certo modo, o Convento, arrastando com seu mau exemplo várias religiosas, sendo isto um hábil e sutil instrumento do qual se serviria a serpente infernal para conseguir o seu intento de destruir a obra de Deus e de Maria Imaculada na fundação e conservação deste Convento.

Holocausto pedido por Nosso Senhor

A esta caritativa e santa esposa de Jesus doeu-lhe na alma este gênero de desgraças tanto para seu amado Convento — pelo qual estava disposta a dar sua vida se necessário fosse —, como pelas almas das religiosas, suas irmãs, que tanto custaram ao Divino Redentor. As lágrimas corriam pelas suas faces como duas torrentes surgidas de seus formosos olhos, e sua oração fervorosa e silenciosa subia ao Céu como o fumo de requintado incenso, queimado no templo de seu puro coração, no turíbulo de sua profunda humildade. Sem outras testemunhas que não seu Deus, sua Divina Mãe e os Anjos, que, admirados, contemplavam o conjunto das virtudes dessa jovem religiosa.

Neste momento, apareceu à Madre Mariana Jesus Cristo Nosso Senhor, como Ele esteve no Horto de seus sacrifícios, em sua dolorosa e ao mesmo tempo fervorosa oração. Foi manifestada a ela acerbíssima dor que se apoderou de Seu Santíssimo Coração nos momentos em que, sentindo o tédio da vida, disse: "Meu Pai, se for possível afastai de mim este cálice tão amargo, fazei-o... mas não se faça minha vontade mas sim a Vossa". E viu ela que os maiores tormentos interiores do Santíssimo Coração de Jesus eram a ingratidão e a indiferença daquelas almas que, escolhidas entre milhares para serem suas esposas e seus ministros, deixavam-nO na mais absoluta solidão. E isto, apesar de Ele viver sob o mesmo teto com Suas esposas; e vir às mãos de Seus Sacerdotes à simples voz de um apelo, no soleníssimo momento da Consagração da Santíssima Hóstia e Cálice.

Madre Mariana viu então o Amado de sua alma exclamar em sua dolorosa agonia: "Ai, consoladores busquei, e não os encontrei, criei filhos e eles Me desconheceram e desprezaram! E tu, minha esposa, que farás por mim, uma vez que muito fiz por ti? Ó, se a custas de tuas amarguras interiores me desses estas almas religiosas, tirando-as da fauce do lobo infernal! Como me dói perdê-las!"

Imediatamente esta heroica concepcionista respondeu: "Meu amado, que quereis, que pedis de mim? Nunca até o presente Vos neguei nada, e estou resolvida a não negar-Vos nada, até o último suspiro. Dizei-me, meu Bem: quereis que eu viva e morra no cárcere, em um isolamento absoluto de criaturas, sem possuir nenhuma em meu favor, sofrendo o dobro do que até aqui tenho sofrido, nas repetidas vezes que ali Vos fiz fiel companhia, junto a Vossa encantadora imagem cuja ternura me arrebata o coração?... Aceito, sim, aceito, não em um impulso de fervor momentâneo, mas sim

pensando com a maturidade que tal assunto pede. Aceito, aqui estou... Tirarei a minha irmã culpada e ficarei eu sofrendo por ela... minha natureza se horroriza, mas meu espírito está pronto para o sacrifício, domando este horror da minha natureza com o fogo de Vosso amor atuante, que arde em meu pequeno coração".

O Senhor respondeu-lhe: "Não é a vida, nem a saúde, nem o cárcere que quero de ti, minha amada Mariana, mas sim o sofrimento pelo período de cinco anos consecutivos das penas do Inferno que a alma desta tua pobre irmã teria sofrido por toda a eternidade. Marco-te cinco anos em memória das cinco mais notáveis chagas de minha humanidade dolorida, durante minha paixão. Vê porém, que durante este tempo eu Me ausentarei de tua vista material e não te darei o menor consolo, nem alívio para tuas dores, assim como a alma desta tua pobre irmã absolutamente não os teria tido no obscuro cárcere do Inferno. É certo que interiormente Eu estarei contigo fortalecendo-te, porque de outro modo nem tu, nem qualquer mortal, por santo que fosse, poderia tolerar sequer um minuto tais penas. Dize-me: aquiesces a meu pedido?"

E o Divino Mestre mostrou-lhe estes cinco anos, nos quais Madre Mariana não viu cinco anos de sofrimentos, mas sim uma eternidade. Estremeceram sua carne e seus ossos, e comprimiu-se-lhe o coração de tal modo que ali mesmo teria morrido pela violência da dor, se Deus, pródigo em suas graças e misericórdias, Senhor absoluto de suas criaturas, não lhe tivesse conservado a vida milagrosamente.

É eleita Priora Madre Valenzuela

Ela caiu, num desmaio que não foi notado por nenhuma de suas irmãs. Estas, e também o Prelado, só perceberam que ela tremia como se a sacudissem fortes frios num lugar malsão. O Prelado, atribuindo tal reação de Madre Mariana ao espanto ante o rigor do castigo que havia imposto à capitã das inobservantes, disse-lhe: "Valor, Madre, valor! É necessário castigar as culpadas para escarmento das demais, eu serei inflexível nisto". E ordenou-lhe que temperasse sua dor. Imediatamente este tremor cessou, e ela despertou como de um sonho.

Entretanto Madre Valenzuela conduziu a culpada com violência ao cárcere e retomou ao local da votação, onde ainda se encontravam as inobservantes, mudas de pesar. Algumas religiosas lhes diziam para que se fossem, mas elas não fizeram o menor caso. Madre Valenzuela aproximou-se do Prelado, colocou a chave do cárcere na mesa, dizendo: "Já podemos votar

em paz, de outro modo Deus não estará conosco". E dito e feito: tomando as inobservantes pelos braços, foram uma a uma expulsas por ela. Aspergiu em seguida água benta e disse-lhes: "Ide em paz, senhoras buliçosas, chorar vossos pecados", e fechou fortemente as portas.

O Prelado agradeceu-a e louvou sua energia. Invocaram ao Espírito Santo, a Virgem das Luzes, e ao Serafim Chagado, e fizeram correr uma nova lista para a votação. Fez-se o escrutínio e foi eleita Madre Magdalena de Jesus Valenzuela, com cinco votos a mais que Madre Mariana. O Prelado e as assistentes manifestaram-se muito satisfeitos e contentes, e se diziam: "Se tivéssemos retirado as culpadas mais cedo, não teríamos perdido tanto tempo; mas, estamos felizes e damos por bem empregados esses amargos instantes, convictos de que o maior número das monjas são observantes e unidas! Que para lá permaneçam as buliçosas, e sobretudo sua capitã de tão escasso siso!"

DESCRIÇÃO DO CÁRCERE

Este lugar tão necessário e tão sagrado para todas as Comunidades religiosas, que nunca pode faltar nas de verdadeira observância, encontra-se localizado, no Mosteiro da Imaculada Conceição de Quito, no claustro inferior, contíguo ao coro inferior.

Tem por fora uma porta bem forte, resistente e dupla. Numa das folhas tanto em baixo como em cima há duas grandes trancas. Colocadas estas, fecha-se a segunda folha correndo-se um grande ferrolho de ferro e passando-se depois a chave. Ninguém por maior violência que fizesse poderia abri-la.

No alto de ambas as folhas há, à altura de quarenta centímetros do teto, uma armação feita de pequenas barras de ferro cruzadas, recoberta por uma tela de arame, capaz de permitir a entrada de alguma luz no cárcere, não muita obviamente, mas o suficiente para se poder fazer algum trabalho manual, ou também se ler e rezar o breviário, sendo impossível contudo, fazer passar através dela qualquer papel por menor que seja.

Em frente da porta, à distância de cinco metros, vê-se uma janelinha

de quarenta centímetros por cinquenta, armada do mesmo modo que a anterior, também com o objetivo de iluminar o cárcere.

O interior do cárcere

À esquerda de quem entra há na parede um pequeno nicho no qual está pendurado uma cruz redentora para lembrar a culpada de que a Santa Cruz é tábua de salvação, e, ao justo, o leito florido no qual descansou o Esposo das almas justas e no qual elas também devem descansar, tendo presente que sob a cruz se repousa com plena segurança.

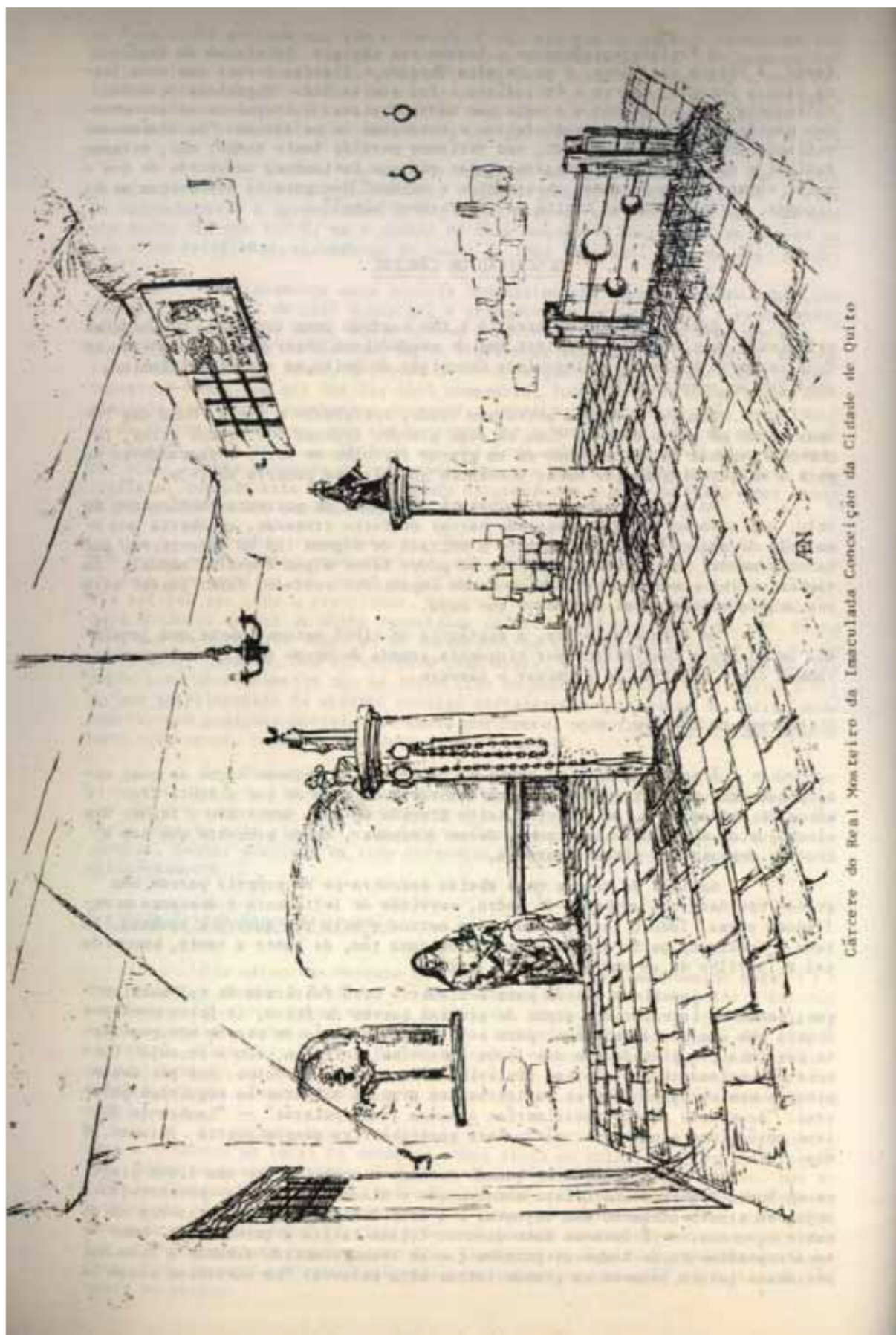
Ao lado da cruz e mais abaixo encontra-se na própria parede uma grande cavidade com um banco de pedra, servindo de leito para o descanso da religiosa presa. Todo o cárcere mede oito metros e meio por quatro e noventa. Em toda a frente da porta e toda a frente da cama tem, de canto a canto, bancos de cal e ladrilho de um metro e dez de largura.

A janelinha que dá para o claustro está fabricada de tal maneira que, tendo no interior uma grade de grossas barras de ferro, se fecha ainda por dentro com uma porta de tábua, para evitar a penetração do sereno noturno. Esta portinha tem pintada num dos lados a Santíssima Virgem, com o Arcanjo Gabriel anunciando-Lhe o sublime mistério da Encarnação do Verbo. Aos pés desta pintura bem embaixo lêem-se em letras bem grandes e claras as seguintes palavras: "Acuerdate de tus postrimerías e nunca jamas pecarás" — "Lembra-te de teus novíssimos e nunca pecarás". Esta portinha fica sempre aberta durante o dia.

Do outro lado dela, quando fechada à noite, vê-se uma linda pintura de Nosso Senhor Jesus Cristo encarcerado e atado com grossas correntes, dois anjos em pranto olham-nO com ternura, e a Seus divinos pés, há um jardim de rosas e açucenas. — É formoso este quadro: Cristo incita à ternura, ao amor e ao arrependimento de todos os pecados que se tenha cometido durante a vida. Aos pés deste jardim lê-se em grande letras esta palavra: "La muerte es eco de la vida" e abaixo a seguinte estrofe:

"*Mira que Ce mira Dios / Mira que te esta mirando*

Mira que deves morir / Mira que no sabes quando".

No centro do aposento pende do teto um nervo de boi grosso e retorcido que sustenta um gancho com três candeias para a iluminação a velas durante a noite.

Cárcere do Real Mosteiro da Imaculada Conceição da Cidade de Quito

Duas colunas

À distancia de um metro e trinta do banco que fica em frente à porta, está plantada na terra uma grossa coluna de pedra à maneira de pilar circular, medindo um metro e setenta de altura, tendo em cima uma tábua redonda de oitenta centímetros de diâmetro, como se fosse um altarzinho, sobre a qual se encontra uma preciosa estátua de Cristo Senhor Nosso encarcerado e amarrado numa coluna sobre a qual está um galo. Aos pés de Nosso Senhor, uma comovente estátua de São Pedro Apóstolo, retorcendo-se, e que olha para Cristo, chorando seu pecado de negação; ele incita as almas culpadas à penitência proveitosa, ao mesmo tempo que ao amor e à confiança na bondade de Cristo Senhor Nosso.

A imagem de Cristo é comovedora. Basta olhá-la e o coração de quem a fita se enche de ternura e amor. Ao justo e inocente parece dizer-lhe: "Olha que eu padeci primeiro para dar-te exemplo e infundir-te valor". Ao culpado parece dizer: "Alma querida, olha-me que aqui estou contigo, fazendo-te fiel companhia neste lugar onde justamente expias tuas culpas. Volta-te para mim e, com ilimitada confiança, lança-te a meus pés como meu Apóstolo penitente para chorá-las. Olha-me bem: tenho atadas as minhas mãos a esta coluna para não te castigar como pedem tuas culpas. Dá-me amor e lágrimas para misturá-las com as minhas e apresentá-las ao meu Pai Celestial, e conceder-te o absoluto perdão".

Num dos lados desse pilar de pedra há três argolas de ferro das quais pendem três longas correntes também de ferro, dotadas na extremidade de uma espécie de algemas de ferro flexíveis que se fecham com chave nos pés, mãos ou cintura da prisioneira. Estas algemas são de vários tamanhos para serem aplicadas às culpadas segundo a necessidade ou natureza das faltas.

O outro lado desta coluna é liso; serve para que a presa a ela se ate voluntariamente, se quiser, para fazer penitência e rezar com Cristo dolorido e sofrido. Tanto a coluna como o piso em torno acham-se ensanguentados pelas penitências que a grande Madre Mariana aí fazia nas repetidas vezes em que foi encarcerada. Sangue também das penitências das santas espanholas, suas companheiras de virtude e de cárcere.

A dois metros e meio de distância desta coluna, há uma outra, também de pedra, semelhante a anterior em cujo topo existe uma bela estátua de Maria Dolorosa. Esta imagem é terna e encantadora; e incita ao amor, à ternura, à compaixão e à dor pelos pecados. Seus olhos, belos e voltados

para o alto como quem olha para o Filho de Seu amor e de Sua dor, vertem lágrimas ternas. Nesta coluna há as mesmas argolas e correntes e também o lado liso semelhante ao da coluna anterior.

No cárcere há cepo, grilhões e correntes. Não falta nada. É um lugar muito respeitável. Quem nele penetra enche-se de um santo pavor e teme ocupá-lo. Contudo aí padeceu a inocência como se vê no relato da vida de Madre Mariana de Jesus Torres.

Do lado direito de quem entra, há também os mesmos bancos de cal e ladrilho semelhante aos que ficam à frente. A seguir existe um armário comprido para guardar alimentos, costuras, livros e também instrumentos de penitência; o banco de pedra continua além do armário, até chegar à parede na qual está a referida janelinha. O piso é de ladrilho e o quarto é muito seco.

* * *

Os Padres Isquierdo e Jurado — ambos Frades Menores —fizeram trabalhar com sem igual afã, este lugar venerável. O Padre Isquierdo acompanhou pessoalmente a execução das imagens do Senhor e da Virgem, indicando ao escultor Francisco de la Cruz del Castillo o modo de trabalhá-las, afim de que ficassem adequadas para tal lugar, comunicando-lhes também essa unção mística que o sacerdote possuía tanto no púlpito quanto no confessionário; dom que Deus Nosso Senhor lhe concedera para atrair as almas a Ele; as culpadas pelo arrependimento e as justas pelo amor de gratidão.

Este é o cárcere no Convento da Imaculada Conceição de Quito. Lugar necessário como ao princípio foi dito, dada a fragilidade da natureza humana, mas que foi santificado por ter ali padecido a inocência antes que a culpa.

Considerações

Oh, se a mim fosse dado ocupá-lo depois de tê-lo ocupado Madre Mariana de Jesus Torres! Local onde ela recebeu da bondade da Rainha do Céu graças tão particulares, que em Céu se transformou aquele lugar de pena. Nossas irmãs, as religiosas da Imaculada Conceição devem considerar-se muito felizes em possuir este lugar tão sagrado em seu Convento, e devem amá-lo e respeitá-lo, ao mesmo tempo que conservá-lo com veneração. Quando no transcurso dos tempos alguém o ocupar, tenha-se por muito feliz porque é lugar santificado; se for culpada, chore sua culpa e, converten-

do-se, mude de vida; se for inocente lembre-se de Madre Mariana de Jesus Torres e suas Fundadoras e de como souberam fazer do cárcere um Céu e, imitando sua conduta, aperfeiçoe cada vez mais sua alma, atraindo sobre si, sobre seu Mosteiro e sobre esta cidade tão culpada, as misericórdias e graças de Deus que só as almas santas e humildes podem atrair. É uma verdade tão palpável em todos os séculos, e o será até o ultimo, que Deus resiste aos soberbos e desce para conversar e unir a si os humildes de coração.

Tenho por certo de que ainda quando todas as criaturas terrenas, tanto boas quanto más, pretenderem acabar com o Convento da Imaculada Conceição de Quito, valendo-se inclusive de meios prudenciais, não o conseguirão. Por que esse lugar bendito e consagrado com o finíssimo incenso de uma oração altíssima e com o óleo do sangue de virgens inocentes — que, dilacerando seu corpo inocente com golpes de severas disciplinas, regaram com ele suas paredes queridas —; e porque é edificado sobre o profundo cimento da humildade admirável, sendo as sólidas virtudes o material do que é constituído, desde suas santas Fundadoras até a última muito boa religiosa que aí viverá. Pois estou seguro de que estas almas grandes e ocultas não faltarão ao longo dos tempos: elas serão lavradas no próprio seio de sua Comunidade com instrumentos irmãos, o que é mais sensível e doloroso que se fossem lavradas por instrumentos estranhos.

Mil vezes bendito sejais, meu Deus, que fizestes Mãe fecunda de filhos e filhas santas a Religião Seráfica em suas três Ordens.

Imaculada Menina, que oculta no seio de Vossa mãe e minha senhora Sant'Ana, éreis o encanto de Deus e o terror dos demônios; bendita sejais de Deus porque quisestes que as filhas da Imaculada Conceição fossem íntimos ramos frondosos da Seráfica Família.

E vós, ó Serafim humano, Francisco de Assis, meu Pai, bendito sejais também, porque soubestes corresponder com perfeição ao chamado divino, fundando uma Ordem mendicante que, alastrada pelo universo inteiro, atrairá muitas almas a Deus por meio da humildade, mansidão e pobreza. A essa primeira Ordem pertenço eu, o último de vossos filhos, que quero exceder a todos meus irmãos em amar-vos e imitar-vos, cumprindo com perfeição a regra que nos destes; mas como minha virtude é pouca e as minhas forças são como as de um débil menino, acendei vós mesmo, santo Pai meu, em meu coração o fogo ardente do amor de Deus pois o vosso era um vulcão ativo no qual incendiastes a vossos filhos e filhas, em todos os tempos, desde o trono de glória que ocupais no Céu por vossa humildade. Bendizei a vossos filhos, os Menores, e a vossas autênticas filhas, as religiosas da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, Nossa Senhora, para que um dia todos os irmãos e irmãs, unidos convosco no Céu, cantemos as bondades de nosso

Deus, e o perfeito: "Ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum. Assim seja”.

— Capítulo XXVI —

Priorato de Madre Magdalena de Jesus Valenzuela

Terminada a eleição, Madre Valenzuela foi confirmada com muito agrado pelo Prelado, e ato contínuo procedeu-se ao solene ato da prestação de obediência à nova Priora. Para principiar, Madre Valenzuela, com palavras entrecortadas por soluços, disse ao Prelado que para realizá-la em completa paz e harmonia, haveria por bem trazer à sua presença a encarcerada, bem como as demais culpadas, e que lhes fosse levantada a excomunhão que tinham sobre si. O Prelado acedeu satisfeito e ordenou às Madres Mariana de Jesus, Francisca dos Anjos e Lúcia da Cruz que tirassem a culpada do cárcere e a trouxessem à sua presença, fazendo o mesmo com todas as demais.

Madre Mariana, com essa doçura tão própria de uma alma tão grande como a sua, foi com suas companheiras em busca das culpadas, avisando-as da ordem do Prelado, e desceu ao cárcere.

A capitã, ao vê-las entrar disse: "Que quereis, senhoras? Se vindes para ficar em meu lugar, fareis bem, pois os santos verdadeiros ficavam eles no cárcere para libertar os encarcerados".

As Madres com amável serenidade disseram: "Irmã, o Prelado te chama para suspender-te a excomunhão e para que prestes obediência à nova Priora que saiu eleita, e que é a Reverenda Madre Magdalena de Jesus Valenzuela".

A capitã animou-se como quem possuísse alguma esperança e disse: "Vamos". Quando todas chegaram na presença do Prelado, tiveram medo. Este fez-lhes uma breve exortação para que conhecessem seu mal procedimento e as terríveis consequências que isso acarretava para a eternidade. Suspendeu-lhes a excomunhão, ordenando, contudo, que a capitã voltasse ao cárcere até nova ordem, o que se cumpriu a seguir, e a culpada voltou novamente ao cárcere osculando antes o escapulário da nova Priora.

Alegria no Mosteiro da Imaculada Conceição

Tendo as Madres retornado do cárcere, procedeu-se à prestação da obediência, uma a uma, segundo a ordem de precedência. Terminado ato tão sério, o Prelado fez-lhes uma magnífica prática, exortando-as ao amor de Deus e a mútua caridade. E publicamente disse-lhes que Madre Mariana conservaria todos os privilégios de Priora e Fundadora, e que a atual Madre Abadessa não deveria resolver nenhum assunto, por menor que fosse, sem consultá-la e obter-lhe o consentimento. Ela teria também pleno direito para castigar e aprisionar as insubordinadas inobservantes. E abençoando-as, deixou-as.

Era imensa a alegria que reinava entre as nossas irmãs da Imaculada Conceição de Quito, festejando sua Priora que, triste e chorosa, não queria separar-se de Madre Mariana de Jesus considerando-a como o Anjo da Guarda de seu Priorato.

Esta, por sua vez, com essa atividade e humildade, ao lado da graça e doçura, procurava consolar sua Priora e era a alma da alegria de suas irmãs. Este anjo de inocência tocava com primor sua harpa de falda, cantando com melodia celestial cânticos ao divino. Isso constituía incentivo de novo fervor para suas irmãs que a amavam sobremaneira. Somente as inobservantes se manifestavam algo tristonhas e taciturnas. Quando ela deixava de cantar, conversavam sobre a formosura do Céu e a felicidade dos bem-aventurados, que, na companhia e na posse de Deus, se alegram com eterna e santa harmonia, naquela felicíssima Pátria. Outras saíam até do local onde estavam as irmãs leigas para ajudá-las e fazer o refresco e preparar a comida. Se chamavam na roda. Madre Mariana também descia, e sempre voltava com novos temperos para a comida, porque aqueles com quem tratava ofereciam-lhe dinheiro e comestíveis, tão amada era dos de dentro e de fora.

Preparado o refresco, ela mesma foi ao refeitório para servi-lo, e tomando a parte que correspondia à encarcerada, pediu a chave do cárcere

à Madre Abadessa e foi levar-lhe para tomar. Esta pobre monja, ao vê-la, tratou-a mal por palavras, dizendo que com seus embustes e hipocrisias haviam lisonjeado o Prelado a fim de que ele oprimisse as monjas, mas que algum dia teria o consolo de vê-la encarcerada e então se gloriaria. A humilde Madre abraçou-a e saiu para junto de suas irmãs.

Durante os três dias que durou o festejo. Madre Mariana esteve bem — parece que Deus Nosso Senhor tinha-lhe dado mais formosura do que de costume, faces cheias e rosadas, que comunicavam maior brilho à simpatia de seus olhos azulados e à igualdade e brancura de seus dentes.

Concluído o festejo, Madre Valenzuela — que passaremos a chamar simplesmente como a Abadessa — comunicou a Madre Mariana sua determinação de reunirem-se o quanto antes para a designação dos ofícios, dizendo-lhe que a queria como Vigária ou Mestra de Noviças. A humilde religiosa esquivou-se de todo ofício de dignidade alegando que, tendo concluído seu Priorato, era muito justo recolher-se dentro de si mesma para reparar as horas de indispensável distração, decorrente de tal encargo. Distribuíram-se os ofícios do Convento em caridade, paz, união e acerto; e não era de se estranhar que isto assim sucedesse, pois uma santa era membro daquele feliz definitório.

O misterioso conteúdo de uma caixa

Feita a distribuição dos cargos, quando cada uma estava de posse da função que lhe competia, as inobservantes, a quem não se havia dado nenhum ofício, procuraram conquistar para si a Madre Abadessa. Visitavam-na e, com palavras melosas, como soem dizer as pessoas desprovidas de espírito, lisonjeavam-na, e falavam muito bem de sua capitã, dizendo que padecia só por ser muito boa e que, ignorando sua virtude, oprimiam-na até esse extremo, e que se ela se exprimira daquela forma no Capítulo não era por maldade, mas santo zelo. E que como a Madre tinha sido sempre delas, pediam e esperavam que a deixasse em liberdade, colocando em seu lugar a grosseira espanhola que tanto havia se aproveitado do seu Priorato, a ponto de agora estar cheia de vida, procedimento que, em consciência, exigiria alguma penitência.

"Ademais, Madre, disseram-lhe um dia cautelosamente, ela escondeu para si uma caixa de zinco de um metro e vinte de largura por um metro e vinte de altura que mandara trabalhar não havia muito, enchendo-a de vistosas e variadas jóias, doadas por pessoas que a querem bem, sem mesmo saber quem ela é. Ali estão guardadas também diversas espécies de doces e

licores. — Joias que ela envia secretamente à sua terra; os doces e licores para regalar o paladar, fingindo contudo mortificação diante da Comunidade. E o pior, Madre, é que esta caixa ela a colocou no coro inferior para ali comer e embriagar-se à vontade sem ser notada, tendo a aleivosia de comer e beber diante de sua Majestade Sacramentada; é por isso que toda vez ela sai dali tão corada e ébria, fingindo santidade com semelhante hipocrisia. Parece que já é tempo de desmascarar essa espanhola e fazê-la cair em si".

A Madre Abadessa interiormente contristou-se, receando ser isto verdade, e temia vir a descobrir. Retrucou-lhes dizendo que não podia crer em tanta maldade numa criatura humilde, angelical, mortificada e paciente a toda prova; mas que averiguaria o caso. As inobservantes retorquiram: "Sim, Madre, com muito empenho e cautela, a fim de que ela não perceba, e possamos apanhá-la de surpresa e ela não tenha como escapar".

Velas que se convertem em ossos

Com essa suspeita no espírito, a Madre Abadessa procurava segui-la aonde ia, de modo especial ao coro inferior. Como o seu ofício de Priora não lhe permitia demorar-se ali tão largamente como o fazia Madre Mariana, nunca coincidiu de ambas saírem juntas. Ela pôde notar, entretanto, que a antiga Abadessa, ao entrar no coro aspergia sempre esta caixa com água benta. Muitíssimo sofrida, a Madre Abadessa disse consigo mesma certa manhã em que Madre Mariana ia rezar no coro: "Neste momento vou fazê-la revelar-me o conteúdo desta caixa tão ambicionada destas monjas; mas se porventura for verdade o que elas dizem, não avisarei a ninguém e guardarei o segredo em meu coração. Muito a quero; ela ainda é jovem e a natureza pode lhe pedir guloseimas, pobrezinha. Mas é um anjo". Ao entrar no coro inferior, a Superiora, estando sozinha, chamou-a e disse:

— "Madre, que tem Vossa Reverência nesta caixa? Talvez seus instrumentos de penitência ou algo reservado? Eu quisera ver o que contém. Talvez Vossa Reverência tenha-se esquecido de avisar-me ou entregar-me. Agora que estamos sós e na presença de Jesus Sacramentado, eu o verei".

— "Não é esquecimento, muito menos reserva, Madre, respondeu com humilde gravidade a santa criatura, pois não cabe reserva em uma súdita para com sua Priora. Eu tive desejo imenso de mostrar o conteúdo no próprio dia em que fostes escolhida por Deus para governar esta Comunidade. Mas, como amargar os dias de júbilo? Dia após dia, premeditei comunicar o conteúdo a Vossa Reverência, mas como a tenho visto tão sofrida, não o fiz, e hoje mesmo não me parece prudente que o vejais".

Com este raciocínio avivou-se o pesar e a curiosidade da Superiora que lhe disse: — "Não importa, Madre, que eu esteja sofrida. Vê-la-ei porque assim me convém".

— “Bem, Madre, respondeu a obediente religiosa, mas pedi ao Senhor fortaleza e valor". E chegando perto da caixa, disse-lhe: "Madre, lembrai-vos da indigna procissão que nossas pobres irmãs fizeram com velas acesas, querendo sair por esta bendita porta?"

— "Lembro-me bem, respondeu a Madre Abadessa, e eu me indignei tanto que, agarrando-as com violência, tomei-lhes as velas e lancei-as longe. Mas o que há sobre isto?"

— "Madre, volveu a humilde Madre Mariana, todas essas velas transformaram-se em ossos de canela de morto, e estão aqui com os respectivos nomes das religiosas que as portavam. Por isso eu cautelosamente os recolhi com Madre Francisca dos Anjos e Lúcia da Cruz e os guardei sigilosamente; e sem perda de tempo mandei fazer esta caixa para que nela se conservasse e passasse a posteridade o acontecimento. Porque satanás em todos os tempos fará guerra cruel para extinguir este querido Mosteiro e este grave sucesso será um freio para nossas menores".

— "Veremos, Madre", disse emocionada a Madre Abadessa. E abrindo a tampa da caixa, deu um grito e empalideceu-se, com os olhos fixos nos ossos; queria falar mas não podia. Madre Mariana amparou o corpo da Superiora e suavemente a depositou no solo, sustentando sua cabeça, junto à caixa. Entrementes pedia a Jesus Sacramentado que enviasse alguma religiosa para atender a Madre.

Prepara-se uma grande cena

Nesse momento Madre Francisca dos Anjos e Ana da Conceição dirigiam-se ao coro inferior para visitar a Jesus Prisioneiro. Ao ouvirem o grito da Madre Abadessa, apressaram o passo e, entrando, viram a Madre estirada no chão, com a cabeça amparada por Madre Mariana. Esta lhes disse: — "Vinde logo". —"O que aconteceu?", perguntaram as Madres.

— Recordar-vos-eis — respondeu ela — de que as velas daquela procissão converteram-se em ossos, e que as guardamos para que se conservem sempre e o caso passe a nossas menores. A Madre Abadessa apressou-se em ver o conteúdo da caixa e não podendo resistir, caiu desmaiada. Agora

vós, Madre Francisca, correi depressa trazer lã, para, queimando-a, fazê-la cheirar, e uma xícara de água de anis do país para ela tomar. Enquanto isso, eu e Madre Ana da Conceição friccionaremos a Madre. Avisa também as demais".

Madre Francisca dos Anjos saiu apressada. Ao vê-la assim, as religiosas umas após outras entraram no coro inferior, e ali encontraram a Madre caída, desmaiada junto a caixa. As inobservantes também foram e com risos nos lábios diziam: "Pobre Madre! Tomou um choque ao apalpar com seus próprios olhos tamanha maldade; por fim desmascarou-se a hipocrisia".

As demais religiosas não sabiam o sentido dessas palavras, mas nesse momento Deus Nosso Senhor revelou o segredo de seus corações peçonhentos à sua suave esposa Madre Mariana, e ela viu o modo como lhe haviam caluniado junto a Madre Abadessa. Perdoou a todas as suas pobres e cegas irmãs e rezou por elas, pedindo luz, misericórdia e perdão.

Quando Madre Francisca dos Anjos trouxe-lhe os remédios, ela aplicou-os pessoalmente. Voltando a si, a Superiora soltou um profundo suspiro e, apertando a mão de Madre Mariana, olhou-a com ternura e amor; ela a fez tomar a água de anis.

As inobservantes começaram a se aproximar pressurosas, e agradando a Madre Abadessa com palavras melosas, disseram: "Vede, Madre, o acerto de nosso relato. Madre Mariana é a causa da enfermidade de Vossa Reverência. Tivestes este forte ataque devido à impressão de ver descoberta a horrível hipocrisia de tanto tempo. Agora sim, pedimos para ela o justo castigo do cárcere, tirando a Madre ....., que injustamente permanece encarcerada".

Ao ouvir estas palavras, a Madre Abadessa exaltou-se em santa impaciência, e lhes disse: "Retirai-vos deste santo lugar, mentirosas e caluniadoras, já recebereis vosso castigo".

Entretanto, a humilde Madre Mariana, com seus olhos fixos no solo, sem nenhuma alteração em seu semblante e com seu coração tão cheio de amor a Deus e a suas irmãs culpadas, procurava restabelecer por completo a sua Priora. Esta, com a fisionomia severa, alterava-se cada vez mais, vendo aproximarem-se as inobservantes, que insistiam para que se mostrasse de público o conteúdo da caixa. A Madre Abadessa lhes replicou:

— "Sim, vereis com vossos próprios olhos o fruto de vossos pecados. Olhai para dentro de vós mesmas e pedi a Deus perdão". Com essa resposta, estas pobres monjas ficaram pensativas sem imaginar o que iriam ver.

Reúne-se a Comunidade

Completamente restabelecida a Madre Abadessa deu ordem à secretária para que tocasse o sino, convocando a reunião de toda a Comunidade no coro inferior. Enquanto isso, falou com Madre Mariana, opinando que lhe parecia ter chegado a hora de revelar a toda a Comunidade a transformação das velas da procissão em ossos de mortos, com os nomes das culpadas. A humilde religiosa respondeu que estava bem e que assim Deus o queria, mas que também era vontade divina que tudo isso se conservasse para a posteridade naquela caixa com o relato minucioso deste caso terrível e excepcional. Foi conhecendo a divina vontade que mandara trabalhar a caixa que guardava os ossos.

Reunida a Comunidade, presidida pela Priora e seu digno Conselho, a Abadessa deu ordem a Madre Lúcia da Cruz para que a acompanhasse ao cárcere a fim de trazer a prisioneira. Saíram juntas e entraram no cárcere, que ficava junto ao coro inferior. Ao vê-las, a encarcerada apressou-se ao encontro da Priora e lhe disse com amabilidade e lábia:

— "Benvinda sejais. Madre, espero que vossa caridade já me tire deste lugar, onde sofro inocente, e que Vossa Reverência fará ocupá-lo a culpada Madre Mariana, ela que é a única causa de tantos distúrbios na Comunidade"

A Superiora lhe disse: "Tu, irmã, és a única causa de tudo. Converte-te deveras se queres salvar-te. Inquieta, revoltosa, inobservante, ambiciosa, que levas atrás de teus exemplos a muitas irmãs incautas, à semelhança de Lúcifer, que arrastou atrás de si a terça parte dos Anjos. Por mim, quisera ter-te encarcerada perpetuamente ou que saias do Convento para ficarmos em paz; membro podre que és, deves ser afastada para que não contagies as demais. Agora levo-te ao coro inferior onde está reunida toda a Comunidade para que vejas com teus olhos o que Deus faz em favor da inocente e santa Madre Mariana e como reprova tua rebelião e pretensão. Vamos".

A inocência de Madre Mariana é vingada

E fazendo-a adiantar-se, entraram no coro inferior. A Madre Abadessa e Madre Lúcia da Cruz ocuparam seus respectivos lugares, à presa foi designado o último lugar, depois das leigas, e no chão. Fechadas as portas, a

Priora tomou a palavra e disse:

"Madres e irmãs, Deus Nosso Senhor nos congrega para vingar a inocente Madre Mariana, tão caluniada há tempos e sempre tão injustamente perseguida e castigada. Acabam as pobres irmãs revoltosas de dizer-me que aqui, no coro inferior, nesta caixa de zinco que vedes, ela havia guardado várias joias para enviar secretamente à sua família, assim como licores e guloseimas para embriagar-se e dar prazer ao sentidos, fingindo virtude com enorme hipocrisia. Eu não dei crédito a isto, mas veio-me a dúvida cruel, e meu coração sofreu o indizível, até que surpreendendo-a desprevenida, vi o conteúdo da caixa; e não podendo suportar tanto sofrimento caí desmaiada.

"Recuperada, quis imediatamente que toda a Comunidade visse e tremesse à vista do que se passou conosco. Que as culpadas peçam a Deus misericórdia e reparem tantos sofrimentos ocasionados à Madre Mariana, que durante seu Priorato foi vítima inocente e sempre desculpou e amou as suas irmãs culpadas. Digno rebento de nossa inesquecível e santa Madre Fundadora, Madre Mariana sabe cumprir o que sua tia, ao despedir-se desta terra, encarregou a ela e a todas as suas filhas, para fazer-nos felizes no tempo e na eternidade. Agora, Madre Francisca, Madre Lúcia e Madre Ana da Conceição, juntamente com a presa e as inobservantes, trazei para o centro do coro a caixa de zinco.

Insatisfeitas, as inobservantes trouxeram a caixa ao lugar assinalado pela Priora, enquanto nas três outras religiosas notava-se a tranquilidade das almas justas. Madre Valenzuela desceu de seu lugar, dizendo à presa e às inobservantes que a acompanhassem. Elas se aproximaram pressurosas, acreditando ainda sair vencedoras em suas calúnias. A Madre Abadessa acercou-se da caixa e levantou a tampa, dizendo:

— "Vede, irmãs, as velas que trazíeis na mão durante a procissão, há poucos dias. Converteram-se em vossos próprios ossos e com vossos próprios nomes. Lêde cada uma. E vós, que tivestes a ousadia de caluniar assim a vossa inocente Madre e irmã, servi-vos agora das joias, licores e manjares que dissestes que ela aqui guardava. Regalai-vos se quiserdes".

Ao ver o que a caixa continha, todas deram um grito que reboou por toda a igreja. As três Madres que as acompanhavam, por ordem da Priora, despejaram no chão o conteúdo, deixando-a em pé e vazia. Então todas as religiosas culpadas, trêmulas e estupefatas, olharam com medo. Aquelas que, a força ou por falta de caráter, tomaram parte no caso, choravam e diziam:

— "Mãe Santíssima da Paz, misericórdia; 'Patronita' caritativa, mi-

sericórdia. Pecamos. Perdão, Madre Mariana de Jesus, perdão, mil vezes perdão. Não tivemos maldade culposa; o respeito humano nos arrastou, pedi misericórdia a Deus por nós para nunca mais tomarmos parte em motins. Essa irmã ..... é a culpada de tudo; ela nos conquistou com ameaças e promessas. Misericórdia, misericórdia".

E cada uma, chorando, publicamente confessava seus extravios. As leigas diziam: "Misericórdia, Senhor, nós não somos senão pobres leigas que, segundo nossa santa regra, só devemos servir com humildade a nossas Madres; e nós, conquistadas pela Madre ....., tomamos parte contra nossa inocente Madre e Fundadora, Madre Mariana de Jesus, para fazê-la sofrer. Perdão, Senhor, perdão, perdão'. 'Patronita' nossa, que nossos nomes se apaguem desses ossos, pois foi em má hora que tomamos as velas em nossas mãos, misericórdia".

Eram gritos de confusão e de medo. A presa e as caluniadoras nada diziam. Remordiam-se e, por mais que quisessem ocultar seu temor, Deus não o permitia porque seus rostos estavam lívidos e tremiam sem controle.

Como as inobservantes reagiram face ao castigo

A Madre Abadessa ordenou a Madre Mariana que descesse de seu lugar e, tomando os ossos, indicasse a quem correspondiam segundo seu nome. Assim fez ela, enquanto a Priora colocava cada osso nas mãos ou no colo das culpadas. As caluniadoras e a presa quiseram falar, mas não puderam. Caíram sem sentidos sobre esses ossos, nos quais estavam escritos seus nomes, em letras grandes e coloridas. As demais choravam e pediam humildemente misericórdia.

Madre Mariana, cujo coração compassivo e caritativo não podia ver suas irmãs sofrerem, tornou a recolher os ossos, colocando-os no chão, no centro do coro; e acorreu para ajudar as monjas desmaiadas. Estas estavam cadavéricas e tinham, muito a contragosto, bem apertados em suas mãos os tais ossos. Talvez fosse o dedo de Deus que assim o fazia.

Ela tomou-as em seus braços, friccionando-as a seco, enquanto Madres Francisca dos Anjos, Ana da Conceição e Lúcia da Cruz corriam para trazer água de anis do país e lã para fazer voltarem a si as suas irmãs culpadas. Com tantas atenções voltaram a si uma a uma, e seus primeiros olhares encontraram-se com a benfeitora que delas tratava. Envergonharam-se e grossas lágrimas rolaram por suas faces; assustadas jogavam os ossos de suas mãos, os quais eram recolhidos por alguma Madre e recolocados com os

demais no centro do coro.

A última que voltou a si, com grande dificuldade, foi a pobre prisioneira, a quem julgaram morta. A Madre Abadessa encarava-a com severidade; quando ela se refez, viu-se nos braços da humilde Madre Mariana e com os ossos ainda nas mãos. Assustada, lançou-os de lado e fez um gesto de desprezo à santa religiosa que a sustinha, dizendo: "Embusteira!"

Todas se escandalizaram e a Superiora, que tinha um gênio violento, chegou perto e fez menção de dar-lhe um golpe, exclamando: "Atrevida!" Madre Mariana porem se interpôs, e evitou o golpe que seguramente a capitã teria recebido.

É lavrado documento dando conta de todo o sucedido

Como o ambiente era de susto, confusão e vergonha, onde algumas, em voz alta, pediam sem cessar misericórdia a Deus, à "Patronita" e a Madre Mariana, a Priora ordenou silêncio e todas se calaram. Ela dirigiu-lhes então a palavra: voltou a encarecer a união, a paz, a caridade e exortou as culpadas à conversão para que possam salvar-se. Algumas das inobservantes correram para abraçar Madre Mariana que as recebia com essa amabilidade toda dela, estendendo-lhes os braços, e elas lhe beijavam os pés. Outras, porém, e a capitã, nada diziam, mas estavam muito contrariadas.

A Madre Abadessa, acompanhada da Madre Lúcia da Cruz, conduziu a capitã novamente ao cárcere, onde a trancaram, saindo sem dizer palavra.

Retornando ao coro inferior com pergaminho e tinta, a Madre Abadessa fez a secretária escrever todo o ocorrido, acrescentando que aquela caixa de ossos e todo o seu conteúdo deveriam conservar-se em todos os tempos no coro inferior, para escarmento das menores. E assinando o documento a Priora, seu conselho, a secretária e toda a Comunidade, encerrou-se o pergaminho na caixa, que foi trancada à chave. Colocaram dentro também um pequeno Cristo de metal, para eterna memória. Tanto a caixa como o cárcere são tesouros preciosos que estão em poder de nossas irmãs, as religiosas da Imaculada Conceição de Quito.

Aparição da Virgem da Paz a Madre Mariana

No dia seguinte, quando Madre Mariana foi ao coro inferior para sua oração mental de costume, sentiu algo de extraordinário em seu coração, no que sua sensibilidade tem de mais atilado. Ouviu um rumor suave saído do nicho onde estava ainda a Virgem da Paz, e ao mesmo tempo a melodiosa voz de sua Mãe Santíssima que lhe dizia:

— "Filha de meu Coração, sou a Rainha da Paz e a Mãe do Belo Amor. Prepara teu coração e dilata teu espírito para que com teu heroísmo salves a alma de tua irmã que está no cárcere. Já é tempo que te sacrifiques por ela, ou a alma dela se perderá. Mas quanto Me faz sofrer a perdição de uma alma religiosa!" E grandes lágrimas correram pelas formosas faces da Rainha da Paz, cuja preciosa Imagem tomou vida para falar com Sua filha muito querida.

Madre Mariana inflamou-se no amor de seu Deus e de sua Mãe Santíssima, e pela salvação das almas — anelos que a consumiam. Ela se ofereceu para tudo que Deus quisesse dela, sem lembrar-se do que o Senhor já lhe pedira e ela aceitara: os cinco anos de inferno para salvar esta alma.

Cinco anos de inferno pela alma da capitã inobservante

Continuando sua oração, viu a Jesus Cristo cheio de mortais angústias, coroado de espinhos. Grossas gotas de sangue corriam-Lhe sobre a formosa fronte e desciam pelas faces. Nosso Senhor deu um terno suspiro e lhe disse:

— "Esposa minha, já é tempo de cumprir o oferecimento que me fizeste para salvar a alma de tua irmã ....., sofrendo os cinco anos de inferno para que ela não o sofra eternamente. Ou cumpres tua palavra ou a divina justiça cairá sobre esta alma culpada. Olha-a neste momento..."

E Madre Mariana viu que a encarcerada estava como fora de si, desesperada, descontente com a vida em razão dos terríveis remorsos de sua consciência, e que procurava algo com que se matar. Tinha ao seu lado dois negros descomunais, que despedaçavam seu coração, e cochichavam-lhe ao ouvido que para ela não havia mais remédio, e que ou se matasse ali mesmo para acabar com tão triste vida, ou saísse ao mundo onde poderia distrair-se, respirar e sentir algum prazer. Pois no mundo — diziam-lhe — ela viveria mais livremente e sem tanta opressão, porque isso de viver encarcerada toda a vida é intolerável; tanto mais que no Convento ela teria por inimigas todas as espanholas, as quais com seus embustes conquistaram o ânimo de

toda a Comunidade, a qual, doravante, a olharia com ódio e horror, como a um dedo doente, conseguindo desta forma perder sua salvação.

Acossada por estas ideias, que para esta pobre religiosa eram realidades, dava voltas dentro do cárcere como uma louca, querendo despedaçar-se, e, cansada, caía por terra lançando espuma pela boca e soltando gritos. Corria depois à porta do cárcere e tentava rompê-la para sair.

Com esta visão Madre Mariana sofreu o indizível e rezou por esta sua pobre irmã com grande fervor. A seguir lembrou-se perfeitamente da visão que teve no Capítulo e da promessa formal que fez ao Senhor de sofrer o inferno por cinco anos para salvar essa alma. Volveu o Senhor a lhe mostrar estes cinco anos — que mais pareciam séculos — com toda a intensidade de seus dolorosos padecimentos, sem alívio nem consolo divino, quanto mais humano, porque para essa sorte de sofrimentos de nada serve qualquer consolo humano. Deixou-lhe novamente o Salvador a liberdade para aceitar ou recusar tal tormento, de sacrificar-se ou não pela salvação dessa alma.

Essa religiosa, que por si mesma estava morta espiritualmente, necessitava de uma vítima humana que, unida à Vitima Divina, fizesse violência para arrancá-la das garras do demônio, o qual já se considerava dono dela pelos muitos pecados que, em religião, durante anos, ela havia cometido.

Ah! A vida religiosa é muito delicada em toda sua essência: doce, consoladora, cheia de indizível paz e gozos puros, inocentes e divinos, a alma fiel sente as graças de sua vocação divina, as quais, como chuva torrencial, caem no ameno vergel dos claustros. Porém, para a alma infiel dissipada, essa mesma chuva de graças converte-se em veneno, deixando-a cada vez mais lânguida, mais seca e com uma indiferença que assombra ao se vê-la e ao se tratar com ela. Para essas almas, nem os ternos mistérios do Calvário, a Eucaristia e Belém, têm o menor atrativo, nem sentem a ternura que a alma fiel neles goza. Pobres almas, Santo Deus! Não permita Deus que se repita esta espécie de almas no Mosteiro da Imaculada Conceição de minhas irmãs queridas.

Aceitação heroica

O coração de Madre Mariana estremeceu e vacilou ao ver tamanha intensidade de penas. Mas recordou os padecimentos indizíveis de Jesus Cristo no Horto e na Cruz, ao ver que, depois de tantos sofrimentos internos e externos de Sua Santíssima vida e Paixão, um grande número de almas se perderia, malogrando-se nelas a Redenção tão copiosa. Ao ver também a

ingratidão e a perfídia dos que se dizem seus amigos e daquelas almas prediletas de seu amor, as quais condecorou com o belo título de esposas suas muito amadas. Apoderou-se então de seu coração tal amor a seu Divino Esposo, que se considerou feliz em poder, sofrendo, associar-se a Jesus e salvar almas, especialmente aquela sua pobre irmã, que havia se afastado de Jesus Cristo, seu Divino Esposo, pela soberba de seu coração, não reprimida em suas primeiras manifestações.

Em seu amoroso fervor ela disse: "Meu Divino Redentor, Pai e Esposo querido de minha alma, eu, a predileta de vosso amor, esqueci logo a gênerosa resolução e oferta que Vos fiz para salvar esta alma irmã; mas hoje, quando volto a olhar Vosso Divino Coração, solícito em salvar as almas, e sobretudo esta, não posso senão oferecer-me com agrado para sofrer os cinco anos de inferno para que ela possa conseguir sua salvação eterna. Bem compreendo o quanto de amargo e terrível nisto se encerra. Temo e estremeço ao considerar-me tão fraca e escassa em virtude, mas confiando em Vossa força divina e no amor que me tendes, não só aceito, mas, humilhada em Vossa presença, com a fronte em terra, peço-Vos por caridade, que me ponhas viva para padecer os cinco anos de inferno, a fim de que minha pobre irmã desgraçada se salve; ela, que como ovelha desgarrada afastou-se de Vosso formoso redil de Pastor Divino.

"Unida a Vossos padecimentos internos e externos, e fazendo meus os Vossos méritos, não temo, contando ademais com o favor de minha Mãe Imaculada e de meu Seráfico Pai São Francisco, o Serafim Chagado.

"Como é duro ver-me privada de Vossa presença sofrendo tão penosa ausência! Mas como Vós sofrestes, nas três horas de Agonia na Cruz, também a pena de perdição dos condenados, sabeis por experiência própria o que é esta pena; espero, portanto, que me sustentareis".

O Senhor aceitou tão generoso amor e lhe disse: "Corações como o teu, amada esposa minha, desejo para a salvação das almas. E estes corações encontrá-los-ei sempre neste meu querido Convento. Não temas nada, Eu serei tua secreta fortaleza. Tu sofrerás os cinco anos de inferno, e em troca já está salva a alma de tua irmã. Ela sofrerá primeiro forte doença, na qual tu a servirás para conquistá-la e convertê-la, sofrendo a dureza de seu gênio, e quando ela sarar, depois de apresentar-se no juízo e conhecer sua má vida, começará teu Inferno".

Madre Mariana conheceu tudo o que sofreria nesta enfermidade de sua irmã, sua ingratidão e aspereza como resposta ao seu serviço cheio de grande abnegação. Viu ela também o juízo pelo qual essa religiosa passaria, onde seria condenada a permanecer no Purgatório até o dia do Juízo Final,

mas que, em virtude de seu heroico sacrifício, ela se salvaria.

As estranhas vozes que saem do cárcere

Voltemos à prisioneira: A Madre Abadessa, que sempre vigiava toda a casa e continuamente passava diante do cárcere, ouvia contínuos ruídos e gritos, que muito a assustavam. Ela era por índole medrosa, razão pela qual nunca entrou sozinha no cárcere. As Madres e irmãs que frequentavam o coro inferior para visitar o Santíssimo e rezar — pois era grande o fervor que reinava, neste tempo, entre as religiosas, minhas irmãs — comunicavam-lhe, bem como a Madre Mariana, que ouviam os mesmos ruídos.

Um dia iam juntas ao coro a Superiora e a ex-Priora, quando ouviram gritos descompassados e vozes roucas e feias de pessoas que falavam dentro do cárcere. A Abadessa assustou-se sobremaneira, e perguntou: "Madre, ouvistes? Jesus e Deus! O que está acontecendo aqui?"

Madre Mariana suspirou, dizendo: "Madre, esta pobre irmã é vítima do diabo. Visitemo-la e retiremo-la um momento para o claustro inferior, para que não desespere. Zelemos por sua alma".

A Madre Abadessa disse: "Madre, seria melhor retirá-la do Convento e livrarmo-nos completamente dela, pois creio que está louca".

— "Não, Madre, respondeu Madre Mariana. Se ela sair do Convento, esta pobre irmã perderá sua alma. É preciso conquistá-la para Deus".

— "Se Vossa Reverência se considera com forças para acompanharme, retomou a Abadessa, farei o que diz, do contrário, não!

— "Sim, Madre, farei tudo".

— "E se fordes agredida?"

— "Abraçá-la-ei e estreitá-la-ei contra meu coração. Felizmente ela é de corpo muito pequeno", concluiu Madre Mariana. Então, as duas religiosas, persignando-se, abriram a porta do cárcere e entraram.

Ao vê-las, a presa correu gritando: "Estou morrendo, morrendo! E o demônio me leva!" Corria por toda a prisão, batendo a fronte e a cabeça

contra as paredes.

A Madre Priora olhou para Madre Mariana, que, em segredo, orava por sua pobre irmã, renovando o oferecimento de padecer o inferno, a fim de que ela se salvasse. Sua prece foi ouvida, e a cativa veio cair sem sentidos diante da coluna encimada pela imagem de Cristo flagelado.

— "Vamos, Madre!", exclamou a santa religiosa, dirigindo-se à Superiora, que tremia. Esta lhe disse: — "Vá Vossa Reverência sozinha".

Ela aproximou-se e levantou-a. A presa estava de bruços, deitando espuma pela boca e sangue pelo nariz, com a fisionomia muito amedrontada. A humilde Madre limpou-a com muita caridade e friccionou-a, tentando fazê-la recobrar os sentidos. A Abadessa, de pé na porta do cárcere, trêmula de medo, disse: "Madre, se ela voltar a si, eu me abalo para longe!"

Madre Mariana chorava e suas lágrimas banhavam a cabeça, fronte e face da pobre presa, que de quando em quando era agitada por fortes convulsões, até dar um grito e estender-se por completo. Madre Mariana sustentou-a pela cabeça e braços em seu colo, e voltou-se para a Abadessa:

— "Madre, seria bom pedir a Madre Francisca água de anis do país, e lã para queimar, e avisá-la de que aqui há uma doente em estado grave. Sabendo disso ela virá com outras para cuidar de nossa pobre irmã".

— "Vou pedir tudo isto e avisar Madre Francisca, mas se ela voltar a si, o que fareis só?"

— "Não vos preocupeis. Madre, Jesus e Maria me acompanham".

O exorcismo

A Madre Abadessa retirou-se apressada, enquanto Madre Mariana fazia o possível para restabelecer sua pobre irmã. Nisto ela viu os dois negros, que tímidos estavam colados na parede como quem se esconde. Avistando-os Madre Mariana gritou-lhes: "Bestiagas vis e abomináveis, que fazeis aqui? Ide a vossa cruel morada, que este é lugar santo e casa de oração e penitência.Todos os esforços para levar a alma de minha irmã serão vãos. Jesus Cristo morreu por ela e, apesar de vós, ela se salvará. Ordeno-vos em nome do Mistério da Santíssima Trindade, da Divina Eucaristia, da Maternidade Divina de Maria Santíssima, de Seu glorioso Trânsito e Assunção em Corpo e Alma aos Céus, que imediatamente desocupeis este lugar santo e nunca

mais volteis a mortificar com vossa abominável presença a nenhuma de minhas irmãs, que justa ou injustamente aqui estão".

Caso admirável! Nem bem a humilde religiosa havia acabado de pronunciar a última palavra, quando escutou-se um estrondo espantoso: a terra tremeu e ouviram-se uivos horríveis. A Abadessa chegava nesse instante com as Madres Francisca dos Anjos, Ana da Conceição, Lúcia da Cruz, Magdalena de São João e Catarina da Conceição, trazendo os remédios. Assustaram-se todas muito, especialmente a Superiora.

As demais religiosas tomaram ânimo e disseram à Priora: "Madre, não vos assusteis. Algo de diabólico deve estar se passando no cárcere, mas Madre Mariana é muito boa e com ela os demônios nada podem. Vamos sem temor e depressa. Veremos o que acontece. Ademais, como a irmã ... é de corpo pequeno e delgado, no caso de ter querido fazer algo à Madre Mariana, não o teria podido, pois ela é alta e cheia de carnes".

As Madres apressaram o passo sem temor, enquanto a Abadessa as seguia de longe, cheia de medo. Madre Francisca entrou com as demais religiosas, e notaram o cárcere obscurecido por espessa fumaça. Chamaram a Madre Mariana, que lhes disse: "Chegai aqui logo. Uma de vós dizei à Madre Abadessa que traga água e perfumador bentos". Madre Lúcia da Cruz apressou-se do encontro à Priora, transmitindo-lhe o pedido de Madre Mariana, e foram ambas providenciar.

A Madre Abadessa transpôs a porta do cárcere e viu-o ainda escurecido pelo fumo. Madre Lúcia queimou o perfumador, enquanto Madre Magdalena de São João, por ordem de Madre Mariana, aspergiu água benta pelos contornos do cárcere, bem como as paredes. Isto feito dissipou-se o fumo e todas se acercaram da pobre doente, que Madre Mariana sustinha semimorta, em seu colo. Todas friecionavam-na, moviam-na, soprovam-na. Por fim abriu os olhos e sentou-se de súbito.

Ingratidão da prisioneira

Encontrando-se em meio a suas boas irmãs, as religiosas espanholas, a quem ela não queria, pareceu envergonhar-se e disse: "Sinto-me mal". Madre Mariana aproximou de seus lábios a xícara com água de anis e fê-la tomar, traçando-lhe o sinal da Cruz. Nisto chegou a Madre Abadessa e disse: "Vamos levá-la um momento ao sol". — "Obrigada, Madre", respondeu a prisioneira. Mas ficando em pé nao conseguiu andar, nem apoiada nas religiosas.

Estas, durante todo o dia, iam visitá-la e fazer-lhe companhia, consolando-a como verdadeiras Madres e irmãs. No dia seguinte, a Abadessa desceu ao cárcere com as Madres Mariana e Francisca. A presa mostrou-se cheia de carrancas a estas e só dava atenção a Priora, que lhe disse com seriedade: "Irmã, deves ser agradecida a estas duas Madres tão boas e caridosas que vêm levar-te".

As revelações de Nosso Senhor começam a se realizar

Na manhã seguinte despertou com dores e pontadas de pneumonia e bastante febril. Vendo-a nesse estado, a Priora pediu conselho a Madre Mariana. Ao ouvir o relato, Madre Mariana soltou um suspiro e grandes lágrimas escorreram por suas faces rosadas; e respondeu imediatamente à Abadessa: "Madre, vou à enfermaria avisar Madre Francisca que lhe prepare boa cama, para ali curá-la com esmero. Pobrezinha, é nossa irmã e alma redimida com o precioso Sangue de Nosso Divino Redentor".

— "Se julgais conveniente, fazei-o. A depender de mim, curá-la-ia no próprio cárcere". A Abadessa foi para junto da presa, enquanto Madre Mariana apressou-se em dar notícia a Madre Francisca. Colocou-a ao corrente da doença, como também da necessidade de conduzi-la à enfermaria e curá-la com diligência.

— "Bendito seja Deus, que nos propiciou meios de praticar a caridade com nossa êmula" — dizia Madre Francisca, e ambas preparavam a cama e todo o necessário para transladar a doente. E conversando assim, grossas lágrimas surgiram nos olhos de Madre Mariana. Madre Francisca notou-o e lhe exclamou: "Ânimo, Madre e irmã! Chegou o tempo do heroísmo de Vossa Reverência, pois com vosso indizível padecimento salvaremos esta pobre alma. Saiba V. Rcia. que o Senhor comunicou-me, quando O tive em meu coração na Comunhão, o sacrifício que vos havia pedido em favor desta alma e o heroísmo com que Vossa Reverência o havia aceito. Disse-me ainda que vós éreis a mais preciosa joia que possuía no deserto árido desta Colônia espanhola, para aplacar a Justiça Divina irritada por tantos crimes e para salvar as almas. Pediu-me que vos animasse e consolasse em vosso árduo padecer. Revelou-me que isso começará tão logo principie a enfermidade da pobre presa; e quando ela sarar, sofrereis as penas do Inferno que ela padeceria eternamente. A duração de vossas penas não me foi comunicada. Espero que não receieis vossa irmã que quer compartilhar vossos sofrimentos e aliviar vossas penas".

— “Ai, irmã! — exclamou Madre Mariana com lágrimas nos olhos — nenhum mortal poderá aliviar meus cinco anos de sofrimento no Inferno. Cinco anos, em que para mim, cada dia será séculos. Pobrezinha de mim! Pedi ao Senhor força, valor e humildade para que não desfaleça, pois sou criatura fraca e miserável, que vive em carne humana. Mas não comuniqueis isso a ninguém, nem mesmo ao confessor”.

— “Madre — retomou Madre Francisca — ao confessor e à Comunidade não, porém as Madres Maria da Encarnação, Ana da Conceição, Lúcia da Cruz, Magdalena de São João e Catarina da Conceição já sabem, pois o mesmo Senhor comunicou-lhes na Comunhão. Elas nada dizem porque receiam ser ilusão. E se fosse mesmo verdade — pensam de si para consigo — não teriam coração para sofrer assim a uma criatura inocente e inofensiva. Cada uma espera de outra que toque no assunto, mas nenhuma o fez por não estar segura dessa verdade aflitiva. Eu não duvidei um só momento, e porque cri, sofro e manifesto-vos isso”.

Abraçaram-se e choraram diante de um piedoso crucifixo. Madre Mariana ofereceu-se novamente como vítima expiatória para salvar essa pobre irmã.

Quem tratará da enferma?

Arrumada a cama e todo o necessário, Madre Mariana disse a Madre Francisca: "Chamai as Madres Fundadoras para que desçam ao cárceree tragam nos braços nossa querida irmã. Eu me adianto, pois a Priora deve estar lá sozinha e é de natureza medrosa. Não podemos deixá-la sofrer só". E encaminhou-se ao cárcere.

A Madre Abadessa vendo-a disse: "Madre, vinde logo, demorastes muito!" — "Que há, Madre? Demorei-me por estar aprontando o local na enfermaria onde nossa irmã doente deve ser curada". E contou-lhe as providências tomadas.

A Priora abraçou Madre Mariana, dizendo em lágrimas: "Madre, encanta-me vossa humildade, mas temo que vos rebaixeis demais!" Ao que ela respondeu:

— "Jesus Cristo, Nosso Mestre e Modelo, humilhou-se mais do que nós. Já que somos suas esposas devemos imitá-Lo e segui-Lo muito de perto. Depois de termos feito tudo quanto nossas forças permitam, ainda di-

remos: somos servas inúteis, pois não fazemos o que devemos e apenas que podemos".

Nesse momento Madre Francisca entrou no cárcere acompanhada das Fundadoras, as quais saudaram e pediram a benção à Priora. Aproximaram-se também da prisioneira, cumprimentaram-na e, com carinho, abraçaram-na, manifestando seus sentimentos pela enfermidade que a acometia, animando-a, dizendo que já melhoraria e que para conseguir isso vinham levá-la nos braços à enfermaria, onde tudo estava disposto para o seu tratamento. Agasalharam-na bem, colocaram-na sobre uma maca, e foi conduzida ao lugar destinado.

No trajeto, os olhos das Fundadoras estavam fixos em Madre Mariana, que manifestava profunda dor, mas ao mesmo tempo imperturbável, como era próprio a essa grande alma. Sua beleza física não era senão débeis sombras da beleza de sua alma.

Chegadas à enfermaria, chamaram o médico, que diagnosticou pneumonia, complicada por febre infecciosa. Deu a receita, advertindo que a moléstia era grave e contagiosa. Recomendou que nenhuma religiosa — e em especial as mais jovens, por terem a saúde mais vulnerável — penetrasse no aposento e que as encarregadas de atendê-la não passassem de três, em rodízio, e tomando as maiores precauções, porque qualquer uma que se contagiasse — jovem ou anciã — não salvaria sua vida. Acrescentou que como a doença era gravíssima, por precaução e prudência, era melhor que viesse uma mulher do século, de meia idade, mais franzina que gorda, para cuidar da doente. Caso contrário, correr-se-ia o seríssimo risco de as religiosas contagiarem-se umas às outras, transformando-se logo o Convento num hospital, o que seria muito de se lamentar. — "Nada tem — disse o médico — que morra uma só monja, mas não todas as deste Real Mosteiro". Ademais, não julgava a enfermaria o local adequado para se tratar da doente, por estar contíguo ao serviço, e que convinha percorrer um pouco o Convento à procura de lugar melhor.

Percorreram o Mosteiro, então, a Abadessa, Madre Mariana, as Fundadoras e o médico, e encontraram um quarto de tamanho comum, retirado e ventilado. O facultativo determinou:

— "A doente deve passar para cá, ainda que seja muito penoso em razão das distâncias. Deve haver duas mulheres como já indiquei, uma para atender a enferma bem de perto, e a outra para, sem entrar no aposento, proporcionar a primeira todo o necessário para a cura. Mas imediatamente, pois a coisa urge". E despediu-se.

Consulta a Jesus Sacramentado

A Superiora chamou Madre Mariana a sós e disse: "Madre, compadeço-me dessa irmã, mas tenho muita apreensão em contagiar-me. Como Priora tenho que atendê-la muito do perto e por mais violência que me faça não posso vencer-me. Minha natureza não me permite. Vou renunciar ao cargo de Priora; que a nova Abadessa se incumba de achar as duas mulheres que o médico pede, pois eu não consigo. Ademais, introduzir no Convento pessoas estranhas e completamente desconhecidas não parece convir. — Nesse caso, que morra esta irmã, pois não nos fará nenhuma falta; pelo contrário, sem a revoltosa, gozaremos de paz. Deus mesmo quer livrar-nos desse estorvo e nós ainda queremos curá-la com tanto empenho? Não me parece prudente.

"Vossa Reverência, que pensa a esse respeito? Que faremos? Peço-vos conselho, Madre. Primeiro porque conheço vossa virtude, tino e prudência. Em segundo lugar, porque sois Fundadora e o Prelado vos deu direito de aconselhar e mandar no Convento".

Madre Mariana, como humilde religiosa e virgem prudente, respondeu: "Madre, o assunto é delicadíssimo. Vossa Reverência em parte tem razão. Mas junto com a abnegação e a humildade, a caridade é virtude fundamental da vida religiosa. Para não errarmos nessa questão, vamos juntas ao coro inferior por uma meia hora, e ali em silenciosa oração, de coração a coração, falemos com Jesus Eucarístico ao pé do Sacrário. Perguntemos-Lhe com filial confiança seu divino parecer e façamos o que Ele nos disser. Jesus é muito bom e não se faz surdo às humildes súplicas dos corações que O amam".

— "Muito bem, Madre — respondeu a Madre Abadessa. Vamos, mas Vossa Reverência peça-Lhe com ênfase, que nos manifeste Sua vontade. Temo introduzir gente desconhecida no Convento".

Desceram ao coro e prosternaram-se aos pés do Divino Prisioneiro das almas, que dia e noite permanece com os seus muitos queridos, velando sobre eles com solicitude verdadeiramente paternal. Durante a meia hora de oração, a Abadessa olhava de quando em vez para Madre Mariana, que parecia estar absorta em doce e suave contemplação, muito distante desta mísera terra de pranto e dor. E considerando-a tão formosa e santa, dizia a si mesma: "Ai! Como são felizes as almas verdadeiramente boas. Esta sim, que é santa!. Quantos sofrimentos lavraram esta alma tão bela! Eu não seria

capaz de sofrer tanto, e com que paz! Deus meu, por esta criatura, peço-Vos luz e acerto neste assunto”.

Concluída a meia hora, a Priora tocou no ombro de Madre Mariana, dizendo: "Vamos, Madre, já é hora". A humilde e obediente religiosa, ao ouvir a voz da Superiora, deixou tranquila sua deliciosa oração e, osculando o chão, acompanhou-a para fora. A Abadessa perguntou:

— "Madre, o que respondeu Jesus Sacramentado? Não mo oculteis".

— "E a Vossa Reverência, o que respondeu? Como Priora, tendes o direito de manifestá-lo primeiro".

— "Madre — retomou a Abadessa — Jesus Cristo não me inspirou nenhuma resolução categórica. Eu flutuo nas águas da tribulação. Desinteressar-me por completo da cura desta irmã seria manifesta falta de caridade que desagradaria a Deus. Introduzir gente de fora não me parece nada conveniente. Contudo, não tenho coragem de sacrificar algumas religiosas mandando-as, por obediência, cuidar da doente. Resolvi, falando com Vossa Reverência, pedir minha renúncia ao Prelado, pois minha saúde está certamente bastante quebrantada, o coração me mortifica muito e necessito de calma. Isto é impossível em uma pobre Priora. Não vos parece, Madre, que é muito acertado e de Deus o meu modo de pensar e a minha resolução? Respondei, Madre, rogo-vos".

Madre Mariana propõe a si e as Fundadoras para servirem de enfermeiras

Madre Mariana deu um profundo suspiro e grossas lágrimas escorreram por suas rosadas faces. E enxugando-as, respondeu: "Madre, o Santíssimo Coração de nosso Divino Redentor é fornalha de ardente caridade e essas ativas chamas não podem permanecer nessa esfera divina, mas querem cemunicar-se a suas criaturas para viver nelas e por elas, como quando Ele viveu em Sua vida mortal. Assim, pois, não é vontade divina que renuncieis ao Priorato isto patentearia que não quereis levar a Cruz com Cristo, vosso Divino Esposo. Tampouco é vontade de Deus que introduzais gente alheia no jardim fechado do claustro, porque o espírito das mulheres do século e do serviço é nocivo às delicadas esposas do Senhor. Muito menos é Sua vontade que abandonemos essa nossa pobre irmã enferma.

"A vontade de nosso Divino Esposo é que eu assuma o encargo de proximamente tratar da cura dessa doente de alma e de corpo, em união com

Madre Francisca e as Madres Fundadoras, e mais nenhuma outra religiosa. Tende por certo, Madre, que nenhuma de nós se contagiará pela doença, pois esta é a vontade de Deus. Além disso, por este meio, salvaremos a alma dessa pobre irmã".

Nem bem terminou sua narração, quando a Abadessa retrucou assustada: "Como Vossa Reverência pode aceitar do Senhor semelhante coisa? Heroísmo semelhante, não o posso compreender. Refleti, Madre, no que vais fazer, no que tereis de sofrer com o gênio de tal criatura".

— "Vejo tudo, Madre, mas vejo também que meu aparente egoísmo não se assemelha ao de meu Senhor Jesus Cristo, que orou pelos seus próprios perseguidores, verdugos e caluniadores. Morreu por todos eles, dando Sua preciosa vida, e ainda está disposto a morrer de novo, se possível fosse, para que todas as Suas almas se salvassem. E eu, que não significo nada no mundo, monja desconhecida de todos, por que regatear ao meu Deus pequenos sacrifícios? "Ai, Madre". O Céu custa muito! Por que não trabalhar com assiduidade quando estamos de dia antes que chegue a noite da morte, em que ninguém pode trabalhar?"

"Assim, as Fundadoras e eu não necessitamos senão da bênção de Vossa Reverência e a ordem formal que nos imponha como Priora, para fazer tudo com grande merecimento. Não temais o contágio de ninguém. A respeito da apreensão pessoal de Vossa Reverência, não vos inquieteis, pois é efeito de vossa doença. Ficai tranquila e não vades até onde está a enferma. Eu, ou alguma das Fundadoras, informar-vos-emos minuciosamente de tudo o que acontecer com ela. Madre Francisca, religiosa de grande virtude e espírito, avisar-vos-á sobre as coisas necessárias à cura dessa irmã, a fim de que nada lhe falte, pobrezinha!"

— "Madre — retorquiu admirada e confusa a Abadessa — como imporei tão rigorosa obediência às Madres Fundadoras? Elas não saberão que é essa a vontade de Deus e com razão ficarão ressentidas comigo".

— "Madre, as Fundadoras ja sabem qual é vontade de Deus e só esperam ordem de Vossa Reverência para se convencer inteiramente dessa verdade e ir, alegres, servir sua pobre irmã. Além disso, são grandes almas e vivem de sacrifícios, de maneira que esta obediência será para elas doce, porque verão nela o mandato formal do próprio Deus. Elas não conhecem o ressentimento, pois vivem na terra a vida do espírito".

Madre Valenzuela ficou admirada, confusa e edificada vendo o heroísmo dessa categoria nas próprias Fundadoras, que por sua posição deveriam eximir-se de ofícios tão humildes. Mas é assim que pensa o mundo sober-

bo, pois carece, em sua ignorância crassa, das soberanas luzes do espírito. Só as almas que vivem em meio à luz refulgente do Santíssimo Coração do Homem Deus vêem, sem sombras nem véus, o valor da humildade; e sabem que quanto mais uma criatura ocupa um alto posto na Casa do Senhor, tanto mais se deve humilhar para tornar sólido seu grande edifício de perfeição, ideal a que as religiosas aspiram para serem grandes no Céu, enquanto na Terra é sua tarefa consolidar sua virtude.

Pois, sejamos francos, quanta edificação causa e quanto amor à virtude se tem, quando se vêem Prelados — e os que com eles ocupam os ofícios de dignidade e autoridade — sempre humildes, suaves e insinuantes com cada súdito. Repreendendo em segredo sua falta, com suavidade e humildade, conseguem eles pronta e imediata emenda do pecador, além de incutir-lhe santa vergonha pelo mau procedimento e nele suscitar o amor filial.

A experiência diária nos mostra que o abuso de autoridade perde muitos súditos e também vocações. Recordemos aquela bela sentença de um grande santo: cem moscas se colhem com uma gota de mel, mas nenhuma com um tonel de vinagre.

— "Madre — prosseguiu a Priora — Vossa Reverência mesma providencie que as Madres Fundadoras venham até mim para impor-lhes a obediência, o que farei acanhada e pesarosa, mas fico enormemente edificada e lamento estar, tão escassa em virtudes, a testa da Comunidade, onde eu deveria ser o modelo. Rezai por mim a Deus Nosso Senhor".

— "Vou imediatamente, para iniciarmos logo a cura de nossa irmã, pois a coisa urge" — disse Madre Mariana; e retirou-se da presença da Abadessa que não se cansava de admirar tanta virtude em uma pessoa tão jovem e formosa, pois Deus Nosso Senhor, que se esmerou tanto em conceder-lhe os dons da natureza, não conheceu limites ao comunicar-lhe os da graça.

O júbilo das Fundadoras

A operosa Madre Mariana não tardou em encontrar suas irmãs de religião e de virtude, as Madres Fundadoras. Reuniu-as e revelou-lhes que o Senhor lhe havia manifestado que elas, em sua companhia, deveriam se encarregar da cura da pobre irmã, e que ela já sabia ter Nosso Senhor lhes comunicado isso, a cada uma, na Comunhão daquela manhã, e que elas não aguardavam senão a ordem formal da Priora para certificar-se dessa verdade e prestar imediatamente os serviços àquela doente. Convidou-as a se apresentarem à Priora, perguntando-lhe pela enferma e oferecendo-se para

o que ela julgar conveniente em favor daquele membro doente do Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo.

As Madres Fundadoras encheram-se de júbilo, dizendo: "Certo que assim é, Madre e irmã. O Senhor também a todas nos comunicou o quanto padecereis com esta pobre irmã, e o inferno que aceitastes para salvar sua alma. Nós sentimos enormemente e nos oferecemos para tomar parte em vossa dor e aliviar-vos um pouco.

"Ó bondade de Deus! Ele nos comprouve, dispondo que vos ajudemos a curar esta pobre irmã. Contai com nossa boa vontade e com o afeto fraterno que a todos nos une, filhas de uma mesma mãe. Se nossa inesquecível Madre Maria de Jesus Taboada, nossa Fundadora e vossa tia, ainda vivesse, quanto padeceria ao ver-vos sofrer; mas, agora que no Céu ela descansa de todos os seus trabalhos, gozando o prêmio de suas virtudes, nós que aqui ficamos vos amamos, vos fazemos companhia e sempre haveremos de participar de vossas alegrias e vossas dores, querendo-nos mutuamente e pedindo juntas nossa santificação. Agora vos damos um forte abraço e vamos à presença de nossa Priora receber com alegria essa tão desejada obediência".

E tendo abraçado uma a uma a Madre Mariana, esses anjos humanos encaminharam-se a seu heroico sacrifício. Sem dúvida, os espíritos angélicos contemplariam abismados aquele cortejo de virgens esposas do Cordeiro Imaculado que na terra porfiavam com os angélicos habitantes da celestial Jerusalém.

A Madre Abadessa dá obediência às Fundadoras espanholas

Na presença da Abadessa, as Madres Fundadoras saudaram-na cheias dessa santa alegria própria das almas justas e perguntaram pela enferma, dizendo: "Madre, compete-nos a nós, como Fundadoras, enquanto Deus Nosso Senhor nos conserve a vida, atender a doente e servir nossa irmã. Que podemos fazer em favor dessa nossa pobre irmã gravemente adoecida? Ordene Vossa Reverência o que julgue conveniente, que prontas estamos a obedecê-la, convencidas de que pelos lábios da Priora nos fala o próprio Deus. Assim, mande Vossa Reverência com toda a liberdade". E todas se ajoelharam com Madre Mariana para receber a ordem.

Era de se ver essas jovens religiosas a quem Deus Nosso Senhor tinha favorecido com tantos dotes da natureza e da graça, ajoelhadas recebendo a obediência de sua Priora para ir ao sacrifício, com uma santa alegria como

se algo atraente lhes fosse concedido. A Abadessa quis ajoelhar-se também, mas elas disseram:

"Madre, não consentimos nisso! A nós, súditas, isso cabe; a Vossa Reverência, não. Fazei-nos o favor de impôr a obediência que quereis sentada ou de pé!"

A Madre enrubesceu-se e pondo-se de pé disse: "Queridas Madres e irmãs, a santa vontade de Deus vos pede um sacrifício e vossa Priora um favor: e é que em virtude da santa obediência, vós todas com Madre Mariana de Jesus Torres tomeis sob vossos cuidados a pobre religiosa doente e a cureis com esmero pagando o mal com o bem, imitando assim vosso Divino Esposo, certas de que Ele vos protegerá e guardará, e que eu com lágrimas nos olhos e o coração cheio de ternura, vos abençôo e peço que rogueis por mim ao Senhor".

As religiosas inclinaram suas cabeças, oscularam o chão, o pé e o escapulário da Priora, dizendo: "Agradecidas, Madre, por nos ter considerado dignas de prestar nossos serviços a esta pobre irmã. Devemos muito a ela, pois que nos proporcionou meios eficazes de adquirir grandes méritos para o Céu, sem os quais talvez nada tivéssemos. Aceitamos alegres e vamos servir e curar com dedicação nossa enferma".

A Abadessa abraçou a cada uma das Madres, as quais, tranquilas e contentes, saíram em direção ao aposento da doente.

Chegando aí, rezaram uma Ave-Maria e aproximaram-se da enferma. Esta ralhou-as perguntando por que a deixavam de lado sem nenhum cuidado, quando o médico deixou tantas receitas; reclamou que elas tinham obrigação de curá-la o quanto antes, posto que com seus embustes haviam-na feita encarcerar e sofrer tanto. Dizia ainda que desejava melhorar logo para poder obter o encarceramento delas, e que só assim se daria por satisfeita.

As humildes religiosas, sem alterar-se e com uma paz edificante que despertava a virtude em quantos as vissem, disseram: "Tem paciência, irmã, já vamos aplicar-te todos os remédios. Deus Nosso Senhor e a Santíssima Virgem são a bondade em essência e hão de te fazer melhorar para que melhores também em tua alma".

A Marquesa teve um sonho

Arrumaram a cama, que se havia desarranjado de tanto ter se agitado a impaciente doente, e prepararam o necessário para a cura, enquanto as Madres Mariana e Francisca providenciavam os remédios receitados, entre os quais um banho geral em tina com água bem quente. Ora, tina não havia no Convento e Ma-dre Francisca foi expor a dificuldade à Priora que não soube também o que fazer.

Nesse momento, a irmã rodeira veio chamar com pressa a Priora, e comunicou-lhe que a Marquesa queria falar e saudar Madre Mariana. A Abadessa chamou-a e ambas foram falar-lhe.

A senhora, muito impressionada, contou às Madres um sonho que havia tido. Nele, viu e reconheceu Madre Mariana, tão bela, risonha e graciosa, trabalhando incansavelmente em favor de não se sabe que pessoa doente, e que esta, descontente e manipulada por dois negros enormes que tinham olhos de fogo, tratava-a mal por palavras e obras, a ponto de agredi-la várias vezes. Numa dessas vezes Madre Mariana caiu morta e sua alma saiu de seu corpo em forma de uma branca e belíssima pomba levando um cacho de riquíssimas uvas em direção ao Céu, dizendo-lhe: "Obrigada, obrigada, boa senhora, pelos favores que me prestastes. Agora entrego-vos meu Convento para que o favoreçais com vossas esmolas. Do Céu, para onde vou velarei por vós e corresponderei às vossas delicadezas". Neste momento a Marquesa deu um grito e despertou.

Os criados, às pressas, levantaram-se para atender sua ama, enquanto ela, perturbada por aquela impressão, não podia falar. Chamaram o médico, que rápido acudiu e aplicou-lhe vários remédios. Ela volveu a si, mas muito sofrida, e esperou amanhecer para falar com Madre Mariana e assegurar-se de que ela ainda vivia, pois absolutamente não se conformava com a morte de sua santa amiga, que com seus conselhos e orações lhe havia feito tantos favores espirituais, sustentando-a em suas lutas de alma. Dizendo isto, a Marquesa chorava desconsolada.

Madre Mariana confortou-a: "Não choreis, minha boa senhora. Em sonhos não se crê. Ainda vivo para comprazer-vos no que posso. Devo viver ainda longos anos nesta terra. Ai de mim, que se prolonga tanto meu desterro! Conversaremos longamente outro dia; hoje despeço-me logo por ter no Convento ocupação urgente. Asseguro-vos meu afeto e gratidão, e como sois tão boa, pedir-vos-ei um favor.

— "Madre, o que quiserdes! Minha maior alegria e felicidade é poder comprazer-vos. Que necessitais?"

— "Sabei, senhora, que uma de nós está gravemente doente. O médico receitou banho quente em tina e não a temos no Convento. Quiçá Vossa Mercê nos possa fornecer".

— "Contentíssima e considerando-me feliz em poder servir-vos, vou sem tardança enviar-vos a tina, e para a cura dessa doente deixo-vos trinta patacões[10], rogando-vos preferir-me a mim antes que a qualquer outra pessoa, solicitando-me o que necessitar para a santa enferma". A Marquesa despediu-se pedindo a benção às Madres.

Como esta boa senhora nada sabia sobre a culpada doente, chamava-a santa, pois estava persuadida de que absolutamente todas eram como a grande Madre Mariana...

A enorme paciência das Madres espanholas em curar a doente

Esta santa religiosa apressou-se ao lugar do sacrifício. Foi ver a água e encontrou, junto ao fogo, preparando a água quente, Madre Francisca, que lhe indagou: "Madre, o que é feito da tina? Já vedes que a água está quase pronta".

— "Minha irmã muito querida! Deus é tão bom! Quando me chamastes para falar com a senhora Marquesa, Ele já nos preparava o presente da tina. Ela ma ofereceu para nossa doente e não demora em enviá-la". E veio logo o recado de que a tina já estava no Convento.

Madre Mariana e Madre Magdalena de São João foram buscá-la, e quando estava tudo preparado, Madre Francisca disse: "A água já está pronta. Vamos banhar nossa enferma", e entrando no aposento disseram: "Irmãzinha, já está disposta a água e todo o necessário para o banho, prepara-te". Ao que a doente respondeu: “Estou pronta; pensais que sou retardada e tonta como vós? O que tendes a fazer é tomar-me nos braços, introduzir-me na tina porque não tenho forças; ademais, esse serviço toca às espanholas".

Então, Madre Mariana e Madre Francisca aproximaram-se da cama, tomaram-na nos braços, e introduziram-na dentro da tina com imensa caridade. Enquanto isso, as outras Madres arrumavam a cama, preparavam e esquentavam os lençóis para retirá-la do banho e outras ajudavam-na a lavar-se.

10 Antiga moeda de prata do peso de uma onça.

A doente dizia: "A água está fervendo; não foi assim que determinou o médico; estas espanholas querem acabar comigo", e jogava água no rosto de Madre Mariana. E como o líquido entrava-lhe pelos olhos, provocava-lhe abundante lacrimação.

Vendo isso, a impaciente enferma dizia: "A água está gelada. Até parece que nem sequer foi aquecida. E a prova disso é que Madre Mariana está chorando, pois sua consciência a acusa; e porque é muito delicada e orgulhosa; sempre adulada e bem quista, não sabe o que é sofrer" e voltava a lançar-lhe água no rosto.

Madre Francisca disse-lhe: "Irmã, estás muito formal, sê religiosa alguma vez, que com esse comportamento não sararás. O tempo urge".

— "Ociosas como sois — respondeu a doente —, fazeis algo alguma vez?" E retorcia-se na tina dando imenso trabalho às Madres, que tudo sofriam com paciência e caridade edificantes.

Terminado o banho, tiraram-na da tina com mil dificuldades, pois parecia uma menina teimosa e puseram-na na cama. As outras Madres ja tinham pronta uma fricção bem quente que deveriam fazer-lhe em todo o corpo.

Madre Mariana friccionou-a, recebendo golpes e palavras duras. Essa pobre senhora, que não deveria chamar-se monja, gritava, chorava e se desesperava, dizendo-se tratada com rigor sem igual. As boas e caridosas Madres passaram toda a noite tratando-a sem dormir um só momento.

Trinta dias

A febre e a pneumonia agravavam-se rapidamente e, no delírio, ela dirigia-se ao Prelado incriminando Madre Mariana, e esforçando-se por fazê-la encarcerar. — "Só assim — dizia — ver-me-ei tranquila. Ela me repugna".

No dia seguinte o médico visitou-a e ela queixou-se, dizendo que nada do que ele tinha recomendado havia sido feito, e que, pelo contrário, as monjas fizeram o que bem entenderam, e por isso, ela estava pior. Dizia ainda que, como as Madres eram ociosas e ignorantes, iriam deixá-la morrer, e pedia que ele se entendesse com a Priora para colocar alguém que a curasse. "Enquanto eu sofria dores e sede — prosseguia —, as espanholas

dormiam prazenteiramente".

O médico, que muito conhecia as Madres e sobretudo Madre Mariana, a quem venerava, repreendeu-a severamente por palavras, mas as Madres desculparam a doente atribuindo tudo a delírios de febre. O médico fez novas receitas e retirou-se bastante sentido e ao mesmo tempo edificado vendo tanta virtude, caridade e abnegação.

As religiosas prepararam os medicamentos. Madre Mariana ao administrá-los, recebia-os de volta no rosto, lançados pela monja revoltosa. Aquela, com santa paciência e doce sorriso, enxugava-se e abraçando-a, fazia-a tomar nova dose. A doente cuspia-lhe o último bocado. Outras vezes, quando a chamava para suas necessidades corporais — que aumentavam por causa dos remédios — ao levantar-se, jogava sujeiras sobre Madre Mariana, emporcalhando-a.

A humilíssima religiosa, sem alterar-se, nem articular a menor palavra de queixa, trocava-se e continuava atendendo-a por amor de Deus, a quem amava com a intensidade do seráfico amor, pois era digna filha do Serafim de Assis.

Oh! quanto sofreu esta invicta e inofensiva criatura da parte dessa doente, cuja enfermidade durou trinta dias, com suas noites!

Meu Deus! Mulheres débeis dão exemplo de heroísmo a homens robustos. Sois admirável em Vossas criaturas, eu Vos louvo e dou graças, porque em Vossa bondade destes tal membro à Seráfica Família.

Não é possível narrar todos os vexames e padecimentos de Madre Mariana de Jesus e das Fundadoras neste período. Seria demasiado longo.

Morte, juízo e... conversão da monja inobservante

No trigésimo dia a doente esteve muito mal e parecia morrer. Rosto pálido, desfigurado e aterrado como o de uma agonizante desesperada. Os cabelos curtos e eriçados, e olhos que pareciam saltar fora de suas órbitas. Gritava, retorcia-se e dizia:

"Já é tarde para mim. Não posso querê-la nem perdoá-la. Quero salvar-me, mas assim como estou não posso. Que esses negros se vão embora! Favorecei-me, espanholas, que eles me levam!" E abraçava Madre Mariana, que em silêncio vertia um caudal de lágrimas sobre a cabeça e o rosto

da doente. Com esse banho saudável acalmava-se um tanto e prosseguia: "Continue aplicando-me esta coisa fresca que me alivia. Isto sim, é prescrito pelo médico. Finalmente moveram-se à compaixão e me aplicam algum remédio, estas senhoras espanholas".

Chamaram o confessor, que assustado não quis permanecer muito tempo dizendo: "Esta pobre monja morre impenitente. Não voltarei para vê-la; não me chamem outra vez. Ela devia confessar-se e reparar suas faltas em vida. Pobre! Quanto trabalhei por ela em vão. Vós, perdoai-lhe e rogai por ela, que está agonizante.

Madre Mariana mantinha-a nos braços, rogando à Divina Majestade que não permitisse que essa alma fosse lançada de seus braços ao Inferno. E recordando-Lhe seu sacrifício, renovou-o. Neste momento, a pobre doente experimentou fortes convulsões e estremecia com violência. Começou sua agonia de dois muito dolorosos dias. Por fim deu um grito, abriu os olhos e a boca, da qual expelia espuma, e distendeu-se.

Como Madre Mariana a sustinha nos braços, as Fundadoras lhe disseram: "Madre, já morreu; é tarde. Não continueis com o cadáver nos braços. Esgotamos os meios para curar sua alma e corpo. Quanto a aconselhamos, quando a tratávamos com tino e caridade, e nada conseguimos!"

— "Minhas irmãs e Madres, não esqueçais tão cedo meu sacrifício que foi aceito para salvar essa alma. Rogai, instai ao Senhor por ela. — Está agora diante do juízo de Deus e já está compreendendo todo o mal que fez. Ela voltará a viver. Não vos assusteis, acalmai-vos, pois então ela se emendará. Depois morrerá mas salvar-se-á, e seu purgatório durará até o dia do Juízo Final. Assim me revelou o Senhor nesses momentos".

Isto dito a doente estremeceu e voltou a si. Olhou todo o aposento e a cada uma das Madres, parecendo procurar alguém. Finalmente fitou Madre Mariana, que a sustentava nos braços, e apertando-lhe a mão, quis falar mas a voz lhe faltou. Seus olhos eram caudais de lágrimas. A caridosa Madre Mariana enxugava-as com amor de mãe e lhe dizia palavras ternas, infundindo-lhe grande confiança na bondade de Deus, fazendo-a sentir o quanto ela a amava.

A santa religiosa pediu a Madre Francisca um pouco de água de anis do país e com os dedos umedecia os lábios secos da enferma. Por fim, fê-la beber, e a ressuscitada pôde narrar que vinha da eternidade, melhorada e conhecendo quem era Madre Mariana.

Parecia envergonhar-se, mas a caridosa Madre lhe disse: "Não te agi-

tes, irmãzinha. Necessitas tranquilidade e calma para fazeres tua confissão geral com um Padre Menor. Para isso, primeiro te curaremos e repararemos tua debilidade. Muita confiança e amor em nosso bom Deus. Ânimo, todas as tuas ir-mãs te amam e querem tua saúde física e moral".

Reparação e penitência

A doente, desde esse momento, não deu mais trabalho algum; sua docilidade era como a de uma menina. Recebia todos os remédios com gratidão e cheia de santa vergonha, e manifestava seu profundo reconhecimento a Madre Mariana, de quem não queria separar-se um só instante, bem como das outras Madres que a atendiam e curavam. A melhora progredia e ao cabo de um mês estava restabelecida.

Suplicou que lhe chamassem a Madre Abadessa, que foi cheia de medo do contágio, e apresentou-se com seriedade: "Que queres de mim, irmã? Continuas a mesma ou pior que antes?"

A pobre religiosa lançou-se a seus pés, dizendo: "Perdoai-me, Madre, meu mau procedimento, e me perdoem as Madres Fundadoras e toda a Comunidade a vida escandalosa que até aqui levei. Sobretudo perdoe-me Madre Marianita, que tenha compaixão de mim".

— "Não basta que te humilhes e peças perdão aqui. Fá-lo-ás em Comunidade e depois voltarás ao cárcere de onde só sairás morta".

— "Sim, Madre — respondeu a pobre monja —, Vossa Reverência tem razão. Bem mereço a prisão perpétua, pois livrei-me, por misericórdia de Deus, do cárcere eterno do inferno, pelos rogos de Madre Marianita. Voltarei ao cárcere hoje mesmo se assim ordena Vossa Reverência e ali farei penitência de meus pecados. Fora desta vida mortal, recebi também uma forte e justa repreensão de Nossa Madre Fundadora, mas ela não me afastou de seus pés. Sou o filho pródigo". E a pobre irmã chorava sem consolo.

Descreverei aqui suas feições: era bem pequena de corpo; sua cor não era nem morena nem branca; olhos, nariz e boca grandes; cabelo negro mais magra do que gorda — com a doença havia se enfraquecido muito e estava bastante pálida. Arruinou-se muito.

Vendo-a assim confusa e arrependida, Madre Mariana e as Madres Fundadoras advogaram por ela junto à Abadessa dizendo que, como estava tão melhor o estado de alma, já não havia necessidade de encarcerá-la. E como,

por outro lado, estava débil e quebrantada de saúde, era forçoso deixá-la livre. Garantiram que elas responderiam por sua conduta.

Madre Valenzuela acedeu, um tanto contrafeita, e disse que só para comprazer as Madres pediria ao Prelado que a tirasse do cárcere, mas que pela mais leve falta ela a encarceraria para sempre, e aí então não admitiria intercessoras, pois assim exigia a justiça e a razão.

A partir desse dia, essa irmã gozou de liberdade. O primeiro que fez foi acusar suas faltas no refeitório com uma corda ao pescoço, reparando-as por essa forma, e pedindo penitência pelos escândalos dados.

A Madre Abadessa repreendeu-a severamente. Aplicou-lhe uma disciplina em plena comunidade, mandando-lhe beijar os pés das religiosas e comer no chão durante nove dias. Ela tudo fez com humildade e Madre Mariana acompanhou-a muitas vezes.

Finda-se o primeiro ano do priorato de Madre Valenzuela

Todas essas coisas se passaram no Convento durante o primeiro ano de priorato de Madre Valenzuela. Ao findar o ano restabeleceu-se bem a ditosa enferma, que estava salva graças ao heróico sacrifício de Madre Mariana, a qual, além disso, atuou junto à Abadessa para obter a devida licença do Prelado, para que essa irmã fizesse uma confissão geral com um Padre Menor — o mesmo que ela própria consultava.

Concedida a licença, ela principiou sua confissão geral. O Padre ouvia-a com calma e muita caridade. Compadeceu-se de tantos males que sofria esta pobre ovelha desgarrada do redil de seu Pastor Divino. Com a absolvição, deu-lhe o perdão de seus pecados, deixando-a livre desse enorme peso e reconciliada com Deus, que celebra, com os Anjos do Céu e os justos da terra, o retorno de seu filho pródigo, que incauto tinha abandonado a casa paterna para desperdiçar sua herança longe de seu bom Pai, e acabou tendo que, em completa miséria, matar a fome com as sobras das bolotas que os porcos deixavam...

Ai! Quanto vale domar no princípio e a tempo as paixões que a nós, filhos de Adão, nos acometem, se descuidarmos. Adeus, virtude e perfeição religiosa. Adeus, vocação, e adeus, Céu. Temamos deixarmo-nos levar pelas paixões no céu da religião, em meio aos Anjos da terra, pois não é de outro modo que de-vemos chamar e considerar nossos irmãos religiosos.

Pois em verdade existem nas Comunidades santos e santas, que, com suas virtudes e vida oculta, sustentam o braço da Justiça Divina e afastam os castigos dos povos traidores e culpados.

— Capítulo XXVII —

Inferno que Madre Mariana padeceu para salvar a alma de sua pobre irmã — Provas terríveis a que Deus a sujeitou durante cinco anos

Pelo fim do primeiro ano de priorato de Madre Valenzuela, Madre Mariana rezava certa vez como de costume no coro inferior, onde também estava a feliz convertida, quando foi arrebatada em espírito e viu a Jesus Cristo que, triste e amoroso, olhando-a disse:

"Esposa e querida minha, já é tempo de que sofras por cinco anos as penas do Inferno que aceitaste com caridade heroica para salvar a alma de tua pobre irmã. Prepara para isto teu ânimo e retempera teu espírito com o dom da fortaleza, pedindo-o com insistência a meu Divino Espírito. Desce ao fundo de tua alma, e, tomando-a com os braços da confiança em minha amorosa Bondade, encerra-a na chaga do meu flanco, que foi aberta para asilo de minhas almas prediletas, colocando-a sob o maternal cuidado de minha formosa Virgem Mãe.

"Purifica mais tua alma com a graça da absolvição que receberás, com aumento de fé e humildade, e amanhã, após permanecer contigo na Comunhão, ao se consumirem as espécies sacramentais, começarà teu inferno". E abençoando-a, o Senhor se escondeu em seu Sacrário, cárcere de amor.

Cessado o êxtase, Madre Mariana ponderou com a inteligência sutil que de Deus havia recebido, a gravidade de seus padecimentos: tremeu à

vista deles, mas alegrou-se por sofrer para salvar do eterno fogo do Inferno uma alma religiosa.

Chamou o Padre Menor que a ouvia em suas consultas íntimas e, comunicando-lhe tudo, confessou-se de uma maneira extraordinária para receber a absolvição. Essa alma humilde e santa não cometera em toda sua vida senão ligeiras imperfeições, próprias à vida mortal. Preparou-se todo o dia para receber, como se fosse pela última vez, a seu Deus na Eucaristia. Sentia afetos ardentíssimos de amor, de gratidão, de fé; foi um dia cheio de júbilo.

Após a Comunhão, o Inferno...

Quando, pela manhã do dia seguinte, aproximou-se da mesa dos Anjos para despedir-se, pelo longo período de cinco anos, da íntima união e trato familiar que tivera com seu Deus, a Quem amava com todas suas forças vitais, foi como se lhe arrancasse o coração. Não se cansava de estreitá-Lo contra seu peito, querendo se possível fosse, retê-Lo por mais alguns momentos. Mas sua hora havia soado.

Consumidas as espécies sacramentais, Madre Mariana sentiu uma forte dor no coração, parecendo que o tiravam com violência de seu peito, e ela ficou insensível a seu Deus... Veio-lhe o tédio em relação a Ele, e junto uma espécie de ódio, um desespero no qual não há o menor vislumbre de esperança. Procurava refletir sobre o heroico sacrifício que havia feito em favor daquela alma irmã para salvá-la, e ao invés de encontrar alívio, sentia raiva, desespero e total desconfiança de Deus. Queria lembrar-se de que o divino Coração amou-a até entregar-se por ela a cruéis tormentos e a humilhações infinitas, sentia, porém, sobre si o peso do Sangue de Deus derramado em vão por uma alma condenada!

Ela se recordava bem de todos os sublimes Mistérios do Deus humanado, de Sua Virgem Mãe, Pura e Imaculada desde sua concepção, mas estas recordações constituíam para ela fonte perene de incessante raiva e desespero — ela se sentia uma filha da Imaculada Conceição, mas agora condenada.

De sua mente a noção de cinco anos se esvanecia e, pela frente, não conseguia discernir senão uma eternidade de aflição. Queria animar-se pensando que algum dia terminaria seu inferno, mas ouvia vozes roucas e terríveis que lhe diziam descompassadamente: "Eternidade! ... Eternidade!... Para sempre, para sempre... No Inferno, nula é a Redenção! Monja que desperdiçou o tempo, que dissipou inúmeráveis graças, merece os tormentos inauditos e o mais horrível padecimento da pena de perdição..."

Os tormentos dos cinco sentidos

Recaíam sobre Madre Mariana os terríveis castigos dos sentidos. Seu corpo era como uma brasa viva que ardia sem se consumir, em meio a dores inauditas e indizíveis. Logo depois do calor, passava a um frio impossível de ser expresso ou descrito, muito mais intenso do que se estivesse enterrada sob uma colina de neve. Sua respiração era opressa por um peso imenso que vinha, ora pelo fogo, ora pela neve...

Ante seus olhos surgiam horríveis visões infernais; seus ouvidos eram fustigados atrozmente com as blasfêmias dos condenados e dos demônios; inundavam-lhe o olfato odores repugnantes, mais intensos do que se tivesse sobre si as imundícies de toda a humanidade; o tato era atormentado num como que leito em que ela parecia jazer, duro, com a dureza do Inferno, cheio de pontas agudas que a penetravam até as entranhas; e o paladar era torturado por um sabor horrível, completamente desconhecido para ela, além do enxofre derretido que, à força, os demônios faziam-na engolir, dando-lhe de rijo duros golpes que lhe vergavam o cérebro, removendo-lhe os miolos e incitando-a à raiva, à desesperação e à blasfêmia. Porém, durante esse tempo, nunca abriu os lábios para proferir a menor palavra sequer em que transparecessem suas amarguras à sua Comunidade. Só o sabia o Padre Menor que a assistia.

A rejeição de Deus

Sua memória era afligida pela lembrança das graças recebidas da amorosa Bondade de Deus e de Maria Santíssima, a Quem — na sua provação — parecia-lhe ter perdido para sempre. Causava-lhe também horror a recordação da graça da vocação religiosa e dos encantos da vida monástica, na qual sofrera padecimentos tão grandes, mas que, comparados com os que a atormentavam, pareciam-lhe verdadeiros gozos, pois era lhe dado então amar a seu Deus, o que já na situação em que se encontrava já não podia fazer.

Seu entendimento compreendia perfeitamente, e com maior clareza, quem era Deus e Maria Santíssima, e o que era o Céu e o êxtase eterno em que ali vivem os bem-aventurados. Mas sentia que para ela estava tudo acabado definitivamente, sem esperança nenhuma de possuí-los.

Sua vontade já não tinha liberdade para fazer o mal ou preferir a prática do bem como em sua vida mortal, pois estava cativa e presa, sofrendo os rigores da justiça divina. Queria recorrer à misericórdia e no fundo de sua alma atormentada ouvia estes ecos: "Ja é tarde, tudo passou, agora só te resta castigo eterno. A justiça vingadora pesa sobre ti. Ó Inferno!... Ó eternidade!..." — "Ó tempo tão malogrado, ela se dizia, agora vejo que errei a senda da verdade".

Madre Mariana carregava sobre si todos os pecados dessa sua irmã por quem sofria, como se fossem pecados seus, e que a atormentavam com seu peso e sua lembrança, na qual não havia esperança de alívio e menos ainda de perdão, porque via a Deus desgostoso e irritado com ela, enquanto Maria Santíssima demonstrava-lhe indiferença, assim como seu Pai, o Serafim Chagado, sua Mãe e Fundadora e todos os seus amigos celestiais.

Ela estava convencida de que era justa tal punição, tantos eram os pecados de sua irmã por quem devia expiar. Porém, o pensamento consolador de que, nesse estado, era sobre a terra a alma mais amada de Deus — e que, se sofria pelo espaço de cinco anos, foi por haver-se heroicamente sacrificado a fim de salvar uma alma irmã — escapava de sua mente e só lhe restava a ideia de que estava condenada para sempre. E essas sombras tão tétricas que lhe povoavam o espírito constituíam seu maior inferno.

Queria amar a Deus, elevar-se até Ele, e sentia-se repelida. Olhava para Deus e, contemplando Sua infinita formosura, que para sempre havia perdido, entrava num desespero tão angustiante, que vinha-lhe a vontade de acabar com a própria existência. Como, entretanto, a alma é imortal, isso enchia-a de um novo furor tão mais desesperador, que um inferno assim era simplesmente incompreensível e inexplicável. Numa palavra, não havia para essa criatura sofrida o menor consolo, a menor trégua em sua dor, nem qualquer forma de alívio físico ou moral.

Todas as criaturas sem exceção tornavam-se para ela fonte de grande tormento. As atenções e cuidados de sua Priora e da Comunidade aumentavam-lhe o sofrimento. Ela se considerava inteiramente só e irremediavelmente perdida, e além do mais vivia e respirava uma atmosfera de ódio.

Nosso Senhor esclarece as Madres Fundadoras sobre os padecimentos de Madre Mariana

Todos os tormentos que acima deixo descritos, e quantos outros mais esta santa criatura então padeceu, sofreu-os dia e noite, a toda a hora, em todo o tempo e lugar.

Durante esse período de dura expiação, era ela um modelo de doçura, de humildade, de mansidão e de exata observância da Regra. As religiosas tinham nela um espelho no qual mirar-se, um despertador contínuo e um modelo exemplar a imitar. Grave, digna, e docemente amável, manifestava em seu semblante uma mortal e profunda tristeza. Atraía os corações, o afeto e os olhares de sua Comunidade, mas ninguém se atrevia a perguntar-lhe a origem de sua dor.

Num dos primeiros dias em que estava em seu inferno, as Madres Fundadoras, estranhando vê-la tão aflita, perguntavam-se: "Que será? Estará já em seu inferno?" E rogavam ao Senhor que as esclarecesse".

O Senhor não tardou em responder às perguntas de suas fiéis esposas. Um dia em que todas comungaram juntas, comunicou-lhes que Madre Mariana, sua querida e fiel esposa, já estava padecendo o inferno que aceitara, pelo período de cinco anos, para poder salvar a alma de sua culpável irmã; que padecia sem o menor refrigério e ninguém poderia aliviar suas penas. Mostrou-lhes o coração de Madre Mariana, que Ele havia bem guardado, oculto, no Seu próprio Coração Sagrado, custodiado por sua Mãe Imaculada. Todo este tempo ela permaneceria sem coração, ficando privada assim de poder amar e distrair-se com Ele, em trato e comunicação íntimos. Pelo contrário, conservaria uma acuradíssima sensibilidade para padecer física e moralmente as penas de dano e de sentido de uma alma condenada. Ademais, como grandes crimes se cometiam nesta época na Colônia, somente esta heroína detinha o braço da divina justiça, para que toda aquela possessão hispânica não ficasse sepultada entre as ruínas do vulcão Pichincha, o qual sacudia com fortes tremores aquelas regiões culpadas.

A dor deixa suas marcas

Com esse grande padecimento. Madre Mariana debilitava-se rapidamente. Perdera a formosa cor rosada de seu rosto, já agora amarelado; os olhos sumidos e tristes, tudo nela exprimia uma dor íntima e profunda.

Ao notar isso, Madre Valenzuela, que muito a amava, disse-lhe: "Madre, que tem Vossa Reverência, que vos enfraqueceis rapidamente e perdeis vossa cor natural? Se estais doente é melhor que vos veja logo o médico

e vos cure o quanto antes. Eu não posso admitir a ideia de que morrais e me deixeis só nessa terra. Ninguém me afasta o receio de que a doença da irmã... tenha passado a vós pois a servistes de perto e aspirastes todos os seus maus humores. Eu bem quis que ela morresse, mas agora será o contrário. Vós morrereis e ela ficará sã. Morrerá a esperança do Convento e ficará viva o estorvo. Este pensamento me acompanha dia e noite e espanta de mim o sono.

"Por Deus, Madre! Reparai vossa saúde e enquanto vos restabeleceis, tomai um descanso completo. O frio da madrugada e da noite deve prejudicar vossa saúde. Levantai-vos tarde e dormi cedo, não jejueis, nem façais penitência alguma, pois já sois um cadáver vivo!" E abraçando-a, Madre Valenzuela chorava.

"Além do mais me assegurastes — prosseguiu a Priora — que ninguém se contagiaria. Não terá Vossa Reverência se sacrificado para que a doença não se passasse a ninguém e ficasse somente convosco? Se eu tivesse entrevisto isso, não teria permitido que vós a assistísseis, e até de vos aproximar para perguntar como ela passava, ter-vos-ia impedido".

Madre Mariana respondeu com a calma e a doçura de sempre: "Minha Madre, quanto vos agradeço vossos cuidados e temores, mas asseguro-vos que absolutamente não estou contaminada pelo mal de minha pobre irmã, mas sim é Deus Nosso Senhor que castiga por essa forma minhas ingratidões. Sua santíssima Vontade é que eu sofra — e sofrerei — o rigor da divina justiça. Como minha Priora e mãe, rezai e rogai por mim que muito necessito. A respeito do repouso e de eximir-me, ao menos em parte, da observância da Regra, não há razão suficiente, pois não me ressinto de nenhuma enfermidade física. Ficai tranquila e disponde de mim com toda a liberdade no que Vossa Reverência quiser".

Com este raciocínio Madre Valenzuela tranquilizou-se a respeito do temor de contágio da enfermidade, mas não deixava de sofrer muitíssimo, vendo-a definhar-se dia após dia, Procurava alimentá-la, e esta humilde e obediente religiosa tomava e comia tudo quanto sua Priora lhe dava e ordenava. A Madre Abadessa admirava-se desta obediência tão pronta, sua observância regular tão exata e sua conduta irrepreensível, mesmo nos pormenores, na vida de Comunidade.

Conforme exata e verídica conta prestada a seu diretor, sabe-se que a oração mental desta sofrida criatura, ao invés de lhe ser, como antes, um consolo, alívio e sustento, era seu inferno cruel.

Os que estudamos teologia mística, conhecemos os distintos meios

com que o Senhor purifica e brune as almas que quer elevar a um alto grau de sublime perfeição: mas o sabemos pelo estudo, não por experiência própria. Não somos capazes, por isso, de exprimir quantos e quais foram todos os padecimentos interiores desta religiosa concepcionista, mártir da caridade fraterna. Seria necessário que ela mesmo nos narrasse ou que os sofrêssemos nós mesmos, para podermos dar-nos conta da magnitude dessa dor interna e profunda e expressá-la algum tanto. Não há outro meio.

O confessor aumenta as provações interiores de Madre Mariana

A propósito da recepção dos santos Sacramentos da Penitência e Eucaristia, seu diretor garante que nesta época, como em nenhuma outra, era admirável a pureza de sua formosa alma e não havia matéria para absolvição. Ela, contudo, estava convencida de que era a maior das pecadoras, por ter malbaratado as graças tão singulares que a Bondade Divina lhe havia concedido.

Entretanto, o confessor da Comunidade, porque ignorava o estado de purificação desta heroica alma, aumentava seus sofrimentos, repreendendo-a com severidade: "Oh! que mudança tão brusca, Madre! Por que isso? Antes éreis uma alma simples, sem dissimulação, e agora não se vos entende; não sei o que me dizeis. Temo muito que algum pecado oculto seja a causa desse transtorno. Examinai-vos muito bem e voltai-vos para Deus. Se perdemos a inocência, temos ainda uma segunda tábua, a da Penitência, para salvar-nos. No estado atual de vossa alma, que eu não compreendo, não posso impor-vos que comungueis, pois temo tornar-me responsável por alma alheia. Vede se podeis ou não aproximar-vos para receber a um Deus diante de Quem estremecem as colunas do Céu e as do Inferno".

E o confessor nunca a mandou comungar. Era o Padre Menor, seu diretor, quem a obrigava, sob santa obediência, receber as Comunhões prescritas pela Regra, ordem que esta dócil e abnegada criatura obedecia sem retrucar. Nesses casos preparava-se com profundíssima humildade. Comungava, mas não sentia nem o amor, nem a doçura de outrora, nem a presença de seu amoroso Criador. Nesses momentos cessavam, é verdade, toda raiva e desespero, mas ela continuava numa indizível treva e desolação de espírito que ocasionavam incríveis sofrimentos interiores a esta alma seráfica, em cujo fundo ardia muito vivo o fogo do divino amor, sendo sua aparente situação espiritual a cinza que o mantinha oculto.

A convertida

Entrementes, a pobre irmã doente, pela qual Madre Mariana havia se sacrificado, emendava-se; não obstante, a Madre Abadessa tratava-a sempre com severidade e até aspereza. Muitas vezes, as inobservantes, que eram em número reduzido, procuravam sua antiga capitã com o fito de urdir novas revoltas. Diziam-lhe que afinal Madre Mariana ia desaparecer do Convento pela morte, pois dia após dia se arruinava mais, e que já era tempo de agir para colocar a ela como Priora e acabar com as espanholas.

Esta religiosa algumas vezes fazia-se de surda a vozes tão aliciantes, que, semelhante a incautas sereias queriam voltar a fazê-la naufragar no mar profundo do antigo relaxamento, de onde pôde se libertar às custas da inocência e caridade heroicas de Madre Mariana. Noutras ocasiões, ela tratava as inobservantes com desprezo. Porém em outros momentos, fraquejava e inclinava-se a ceder; quando isto sucedia, corria até Madre Mariana, sua segurança e refúgio, e, pondo-a ao corrente de tudo, pedia-lhe conselho, orações e fortaleza.

Esta santa criatura, com uma admirável calma e doçura, como se nada de adverso se passasse em sua alma, ouvia-a com caridade e dava-lhe conselhos práticos. Apenas com o falar-lhe, dissipava seus temores, fortalecia seu espírito e sustentava-a em sua perseverante conversão.

Em meio ao sofrimento, os festejos pela nova Priora

Passaram-se assim os anos do priorato de Madre Valenzuela, que de tão sofrida começou a adoecer do coração. Era acometida por frequentes ataques e andava muito mortificada. Não queria nesses momentos separar-se da companhia de Madre Mariana, pois só assim se consolava. Mas, por outro lado, seus pesares aumentavam ao ver Madre Mariana consumir-se, ela que, sempre humilde, simples, dócil e inteligente, distraía sua Priora que tanto a amava.

Chegou pois a época da nova eleição. As inobservantes votaram pela capitã, que naquele momento estava muito longe de pensar em novidades. Ela mesma votou, com Madre Valenzuela e outras, em Madre Mariana. Porém, o estado de extenuação e completa ruína desta última causava temor à Comunidade, e a maioria dos votos saiu em favor de Madre Inês Zorrilla, que foi confirmada como Abadessa. Prestaram-lhe obediência e festejaram sua eleição ruidosamente e com contentamento.

Nestes justos regozijos da Comunidade tomou parte ativa e pessoal a heroica Madre Mariana, mesmo estando em tão indizíveis e profundos sofrimentos. Quem o creria! Assim extenuada e sofrida, entretinha sua Comunidade festejando a eleição da nova Priora com sua harpa de falda e sua melodiosa voz, que parecia haver adquirido timbres celestiais nesta profunda dor, sendo exemplo e admiração para suas irmãs, as quais cada dia amavam-na mais.

Enquanto procurava assim infundir alegria em sua muito querida Comunidade, a alma dela estava bem longe de sentir o menor consolo pessoal. Sozinha em seu deserto interior, padecia seu cruel inferno, sentindo, de acréscimo, o ódio e o desespero, mas — coisa admirável e incompreensível — sem manifestá-lo exteriormente, onde era, para suas irmãs, toda doçura, amabilidade e bondade sumas.

Madre Inês Zorrilla queria-a muito, mas Madre Magdalena de Jesus Valenzuela avantajava-se sobre todas no afeto. Sempre que lhe acometiam os fortes ataques do coração, suplicava com insistência ter Madre Mariana por companheira. A Madre Abadessa pedia então a esta que fosse fazer companhia à antiga Priora, em relação a quem votava muita admiração. E esta dócil criatura, como se fosse uma recém-professa, obedecia sem a menor réplica a quanto lhe era insinuado, porque ela jamais esperou uma ordem formal, procurando sempre adivinhar os desejos de suas Prioras para executá-los prontamente. Madre Valenzuela amava-a cada vez mais e com profunda gratidão, pois, sem descuidar-se de nada, ela prestava-lhe todos os serviços como se fosse uma criada.

* * *

Meu Deus, que exemplos inimitáveis! Estivéssemos nós em tal estado interior, teríamos ficado inaptos para prestar qualquer desses serviços tão delicados a nossos irmãos, e, ainda que possuíssemos muita virtude, em algo teríamos demonstrado desgosto e cólera, por maiores esforços que fizéssemos para nos opor a isso.

Esta jovem heroína concepcionista sobrepujou os maiores entendidos em ciência teórica mística. E quanto à sua virtude, bastaria este cruel padecimento, conduzido do modo como ela o fez, para que — a seu tempo — a Santa Igreja, por meio do Soberano Pontífice, a elevasse à honra dos altares.

— Religiosa inimitável em seus caminhos extraordinários, nos quais ninguém, sem ser chamado por Deus, deve imprudentemente embrenhar-se, para não se extraviar. Porém, todos podemos e devemos imitá-la em sua humildade, obediência, doçura, silêncio, prudência e caridade, virtudes que tornam uma pessoa religiosa atraente e com as quais muitas almas podem aproximar-se de Deus, voltando para trás em seus passos, se tiverem caído em relaxidões, ou tornando-se mais perfeitas na virtude, se permanecerem fiéis a graça.

Feliz o Mosteiro da Imaculada Conceição da Cidade de Ouito, que abrigou dentro de seus muros tal criatura!

Felizes em todos os tempos as irmãs religiosas que, chamadas por Deus, residirem neste bendito lugar, santificado por esta santa criatura.

Feliz a Seráfica Família que conta com tal heroína entre suas filhas, e feliz mil vezes eu que, sendo Frade Menor, tenho tal irmã.

Passam-se mais três anos...

Transcorreram-se assim os três anos de priorato de Madre Zorrilla durante os quais houve alguma decadência na fidelidade do Mosteiro, por falta de prudência da Priora, não por maldade — porque minhas irmãs, as religiosas da Imaculada Conceição, nunca foram nem serão más. Isto, porém, não o relato aqui porque em tempo oportuno haverá quem o narre, e seria muito enfadonho fazê-lo agora que escrevo a vida de Madre Mariana de Jesus Torres. Passemos, pois, adiante.

Quando se concluiu o priorato de Madre Inês Zorrilla, Madre Valenzuela estava um tanto melhor de saúde por haver descansado do encargo de Priora, que tantos dissabores traz consigo. Madre Mariana, contudo, achava-se num total aniquilamento; era, sem o menor exagero, um cadáver vivo.

Chegado o tempo da eleição de nova Priora, Madre Valenzuela foi novamente escolhida com a maioria dos votos e foi confirmada pelo Prelado Ordinário. Essa religiosa relutava em aceitar tal responsabilidade, que para ela era um peso enorme. Madre Mariana porém disse-lhe estas poucas palavras: "Madre, aceitai, que Deus o quer; logo repousareis de tudo”. Palavras proféticas, pois aos três meses de seu priorato, Madre Valenzuela deixava a terra para elevar-se às regiões eternas.

Madre Mariana sai do Inferno

Confirmada essa eleição, Madre Mariana, como sempre, tomou a si a tarefa de oferecer entretenimentos à sua Comunidade em seus justos regozijos; mas não cessara ainda seu inferno. No décimo quinto dia após a eleição, a Comunidade fazia sua oração mental matutina, e com ela Madre Mariana, quando esta de repente deu um grito e caiu desfalecida. Madre Valenzuela recolheu-a em seus braços, friccionando-a para fazê-la recobrar os sentidos. Em seu semblante, notava-se uma profunda dor que lhe invadia a alma.

"Ela está morrendo" — dizia a Priora. "Meu Deus, não me tireis meu consolo! Morrerei tranquila se a tiver junto de mim," e chorava como uma menina.

Madre Zorrilla, juntamente com as Madres Fundadoras espanholas, saiu para obter remédios. Retornaram pouco depois ao coro e opinaram a Madre Abadessa que a prudência exigia que se levasse Madre Mariana ao dormitório para aí recebesse assistência, o que, de fato, se fez. A Madre Priora pôs-se junto a Madre Mariana, ainda inerte como se morta, e não permitia que ninguém, salvo as Madres espanholas, a tocasse.

Aplicaram-lhe canecas de água fervente e os cataplasmas. Quatro horas haviam se passado, e vendo que ela não voltava a si, chamaram o médico, o qual, tendo-a visto e examinado, meneou a cabeça dizendo: "Que lástima! Farei o possível, mas se dentro de uma hora não voltar a si, é um fato que ela se nos foi".

Madre Valenzuela, mais do que qualquer outra, não se conformava e chorava sem consolo, abraçada a Madre Mariana, que já não era senão pele e ossos. Mas três quartos de hora depois, lentamente abriu ela os olhos, e encontrou-se nos braços de sua Priora. Reclinou-se por si mesma em sua cama e vendo sua Superiora chorar tanto disse-lhe:

— "Madre, sinto ter-vos dado desgostos", e, apertando a mão da Abadessa junto a seu peito, exclamou: "Chega de lágrimas, nenhuma mais! Como é bom e digno de amor nosso bom Deus", e, vendo Madre Francisca dos Anjos, lhe disse: "Madre, fazei-me a caridade de trazer um pouco de água de anis do país, pois já sabeis que este é um soberano remédio para todo mal".

O espanto do facultativo

A humilde religiosa pediu então a bênção à sua Priora e licença para tomar a água, coisa que fez com um prazer nunca visto.

A Madre Abadessa inquietou-se com isso e ficou triste. Madre Mariana, porém, tendo-o notado, respondeu-lhe: "Madre, não sofreis, sinto tanto gosto porque estou sã, para a glória de Deus e consolo de Vossa Reverência a quem servirei com amor filial", e tomando a mão de sua Priora aproximou-a de seus lábios e osculou-a, banhando-a com suas lágrimas.

Dali a uma hora o médico apareceu e encontrou-a bem, com bom pulso, e disse admirado: "A ciência humana não chega a compreender o querer divino. Nada tenho que fazer, nem receitar. Muito me alegro de que esta santa criatura não nos tenha dado adeus; felicito-vos a vós, e a mim também. Continuo sempre às ordens". E retirou-se.

Depois de tomar a água de anis tornou Madre Mariana a Superiora: "Madre, já se aproxima a hora do coro para irmos louvar ao Senhor; depois, no refeitório, onde Deus, nosso bom e amoroso Pai, já nos tem posta a mesa, nos servirão hoje um pão muito excelente. E dizendo isso, ouviu-se bater na porta; a irmã rodeira foi atender e chegou trazendo alguns finos e grandes pães, muito raros, enviados pela senhora Marquesa, que os mandara fazer nesse dia especialmente para a sua querida Comunidade de concepcionistas.

Madre Valenzuela admirava-se de tudo. Parecia-lhe um sonho a repentina melhora de sua querida Madre Mariana e lhe perguntava amiúde como passava. "Bem, Madre", respondia ela invariavelmente.

As Madres espanholas se confidenciam

Veio a hora do coro e a Madre Abadessa receou que fizesse mal à recém-curada o esforço da oração depois de desvanecimento tão forte como aquele por que passara, e lhe disse: "Madre, eu quisera que hoje não fosseis ao coro; quando terminarmos, eu virei vos ver e iremos juntas ao refeitório".

Essa humilde religiosa respondeu: "Madre, não vejo inconveniente em ir assistir com minhas irmãs ao coro, mas se apraz à Vossa Reverência que eu fique fazendo companhia às Madres Francisca e Magdalena, que estão também impedidas de parcicipar, ficarei, pois meu prazer é obedecer-vos".

A Abadessa confirmou: "Sim, Madre, hoje não ireis. Nós nos veremos pela tarde, temos todo o dia". E com a tranquilidade de uma alma obediente Madre Mariana ali permaneceu, rezando com as duas religiosas.

Ela fez sua oração com aquele costumeiro fervor e devoção, que infundiam crescente ardor nessas almas seráficas. Então suas duas irmãs lhe disseram: "Madre e irmãzinha nossa, mil parabéns porque concluísces o tempo de vosso penar. Vossa alma está confirmada com o selo indelével da caridade divina, não é verdade? Na Comunhão de hoje, isto nos manifestou, a todas as espanholas, nosso bom Jesus, da mesma forma como, há cinco anos, nos revelou vosso padecimento. Crede-nos, muito sofridas fomos à santa Comunhão temendo que nos deixásseis órfas e sós, mas quando nos foi dado ver vossa glória, cessou nossa dor e deu lugar ao júbilo.

"Durante estes longos cinco anos, vos acompanhamos em vossos padecimentos, junto a vós estivemos em espírito, e não temos cessado de vos ajudar com nossas orações, sacrifícios e penitências, pedindo fortaleza e valor para vossa alma atormentada". E abraçaram-na.

Profecias sobre o futuro do Mosteiro: monjas no Purgatório e retorno dos Menores

Madre Mariana respondeu ao abraço dizendo-lhes: "Ai, minhas irmãs! Como é horrível o Inferno; não há palavras para exprimi-lo e só nele passando é que se pode saber o que é e no que consiste o Inferno. Mas também quão inefáveis são os gozos da glória do Céu, aonde fui levada por mãos de nossa Mãe Santíssima, a Virgem Maria, como sabeis, e onde estive toda a manhã de hoje.

"Vou confiar-vos um segredo, o qual devereis guardar como todos os demais, pois a vós não posso ocultar: e é que nossa irmã..., por quem expiei, morrerá ao cabo de um mês, e nossa boa Madre Priora depois de dois meses e quinze dias. Nossa Abadessa terá de passar um século no Purgatório, mas nós podemos minorar seus sofrimentos, e nossa irmã ali permanecerá até o dia do Juízo. Mas, igualmente, nós, e nossas sucessoras, podemos mitigar até certo ponto suas penas. Ela conhecerá algum alívio também quando, no transcurso dos séculos, nossos Frades Menores nos assistirem; do Céu, após ter deixado a terra, eu propiciarei essa assistência ao Mosteiro.

"Ainda longos anos vou viver e a todas vos enterrarei, mas haveis também de saber que muitas de nossas irmãs ficarão no Purgatório enquan-

to nosso Convento estiver sujeito ao Ordinário e sairão para subir ao Céu apenas quando retornar a jurisdição dos Menores. Isso ocorrerá depois de longos tempos. Nós o veremos do Céu, e ajudaremos nossas menores a conseguir esta graça, depois que elas tiverem sido provadas com grandes tribulações, as quais virão pelas mãos daquelas mais chegadas como de gente alheia.

"E sabeis porque essas nossas irmãs permanecerão no Purgatório até o retorno dos Frades Menores? Porque sobre elas pesa a vida particular que por muito tempo se introduzirá em nosso querido Convento, os relaxamentos de todos os tempos e os sofrimentos e lágrimas daquelas que, com coração reto, ansiarão cunprir a Regra ao pé da letra e por cujo cumprimento sofrerão humilhações, desprezos e calúnias. Porém, estas serão benditas do Senhor, que em suas almas derramará torrentes de graças divinas, as quais serão germens de grande e oculta santidade. Eu a todas conheci e me comprazo nelas, elas sustentarão em certas épocas esta nossa querida Comunidade que estará em agonia.

"Mas também, ai das hipócricas, das relaxadas que virão se fixar nas infidelidades! Serão poucas, mas sempre as haverá, assim como também haverá santas. Aquelas lavrarão a coroa destas do mesmo modo como a nós nos lavraram algumas de nossas irmãs. Bem empregados foram nossas dificuldades para a fundação e sustento de nosso Mosteiro. Feliz os trabalhos de nossa Madre Fundadora, que do Céu bendiz a todas suas filhas fiéis, filhas também nossas e irmãs de todos os tempos".

Concluída a oração da Comunidade, a Madre Abadessa veio pressurosa até Madre Mariana, e a encontrou bem contente e animada, já sem aquela palidez mortal. Cheia de gosto levou-a ao refeitório e tiveram algum descanso. A pobre irmã convertida — a quem, até sua morte, nos referiremos como a "capitã" — desfazia-se em gentilezas para com Madre Mariana, que a tratava com doçura e amor de mãe, pois lhe custara os padecimencos de sua alma; era pois verdadeiramente filha de suas dores interiores e por isso amava-a com ternura.

Nosso Senhor restitui o coração de Madre Mariana

Já se viu que Madre Mariana passou do Inferno ao Céu; ela mesma narrou às suas irmãs, as Madres espanholas. Acrescentarei apenas o seguinte:

Na manhã do outro dia, Madre Mariana aproximou-se da santa Comunhão radiante de alegria; seu rosto manifestava a glória de sua alma. Na tarde do dia anterior havia falado com seu diretor, o Padre Menor, narrando-lhe tudo que se passara em seu longo desfalecimento.

Na Comunhão pois desse primeiro dia de sua glória, viu que Cristo Nosso Senhor tirava de seu Coração Santíssimo o seu próprio, bem purificado, o qual, durante esses cinco anos de prova, Ele havia guardado sob o maternal cuidado de Maria Santíssima. Nosso Senhor, juntamente com Sua Mãe Puríssima, recolocaram o coração de Madre Mariana em seu peito, e tomaram novamente posse como de algo que, em absoluto, lhes pertencia. Com o coração, retornaram-lhe todos os afetos ternos e amorosos de antes e acrescidos.

Notou a santa religiosa também que os demônios tremeram, com todo o Inferno, ao ver que havia escapado de suas garras essa criatura inocente, a quem haviam atormentado como a uma condenada, e querendo arremeter-se contra ela não o conseguiam, pois sua simples presença bastava para pô-los em vergonhosa debandada em todos os tempos. Ademais ser-lhes-ia impedido fazer grandes males no Convento onde ela viveu, morreu e onde se conservariam seus restos, ainda que ocultos. Por um humilde pedido seu, Madre Mariana alcançou de Deus ser cimentada num dos arcos de seu Convento por ter-se assim se sacrificado para conservar seu Mosteiro, o qual será tão perseguido em todas as épocas pelos bons e maus, ignorando estes e aqueles a conveniência de permanecer no coração da cidade este bendito claustro, para ser o pára-raio de tantos crimes privados e públicos que pessoas de todo sexo e condição cometerão nessa cidade criminosa.

Ai de Quito, se perder este Mosteiro! Estremeçam seus moradores!

Morre a capitã

A partir desse dia, Madre Mariana começou a restabelecer-se como por encanto, seu rosto recobrou a antiga alegria, a cor rosada das faces e a vida em todo o seu ser. A saúde da Madre Abadessa entretanto se debilitava e a capitã amanheceu acamada muitíssimo febril; em seu delírio chamava Madre Mariana.

A Priora quis proibir a esta de assisti-la, mas ela afirmou-lhe que essa

era a vontade de Deus e que essa pobre irmã não se levantaria mais da cama. A Superiora, que cuidava de Madre Mariana com solícico afã, acedeu com dificuldade. Estava sempre atenta para ver como as coisas corriam e o modo de a capitã a tratar; ao certificar-se de que Madre Mariana recuperava-se dia a dia e que a enferma dirigia-se a ela com amor e respeito, tranquilizou-se, mas em nenhum momento a sua vigilância cessou.

Finalmente a capitã pôs-se às portas da morte. Confessou-se muito bem, recebeu com devoção os últimos Sacramentos, pediu perdão de seus desvios e maus exemplos, e, tendo Madre Mariana à sua cabeceira, morreu numa quinta-feira às três da tarde.

Madre Mariana viu o juízo desta irmã, e como ela soube então que cinco anos de Inferno, sofridos por uma alma inocente, haviam sido o preço de sua salvação. Ela levou para a eternidade essa profunda gratidão e frequentemente no Purgatório lembrava-se do heroico sacrifício feito em seu favor e pedia a sua benfeitora que, por meio de orações, Comunhão e penitências, aliviasse seus padecimentos. Madre Mariana sempre foi caritativa para com a alma desta capitã e, até o fim de sua vida, procurou aliviá-la e consolá-la. Depois, na sucessão dos tempos, essa alma desconhecida não teve mais quem dela se lembrasse. Até o dia em que surgirá uma alma irmã que tenha muito trato com Deus e, conhecendo vários segredos e comunicando-se com o Purgatório, obterá para esta, e para outras almas, grande alívio. Isto se dará — conforme deixou dito Madre Mariana — no século XX.

Fim de Madre Valenzuela

Transcorriam céleres os dias e as semanas; entretanto, o mal de coração de Madre Valenzuela, a Abadessa, ia se agravando. Passara já o governo do Mosteiro para Madre Mariana e, cuidada e assistida dia e noite por ela, sem separar-se um instante, já em seu último extremo, recebeu os Sacramentos e fechou seus olhos à luz material e abriu-os para a eterna claridade após três curtos meses de priorato.

Madre Mariana chorou-a muitíssimo. O adorno do cadáver não o confiou a ninguém, mas fê-lo pessoalmente, florindo-o e arranjando-o nas andas que para este fim existiam no Mosteiro, as quais Madre Mariana mandara fazer quando, pela primeira vez, fora eleita Priora, e que estrearam com o venerável cadáver de Madre Maria de Jesus Taboada. Descansaram nelas depois, sucessivamente, ao-longo dos tempos, os corpos de todas as Fundadoras e demais religiosas que iam morrendo, inclusive o próprio corpo de Madre Mariana de Jesus Torres. Com afeto filial esta religiosa chorou a

Madre Valenzuela, pois se amavam muito.

— Capítulo XXVIII —

Madre Mariana é eleita Abadessa pela terceira vez — Especiais favores que recebeu da Santíssima Virgem

Morta Madre Magdalena de Jesus Valenzuela após três curtos meses de priorato, Madre Mariana disso notificou o Prelado a fim de que este ordenasse o que no caso se deveria fazer.

O Prelado enviou uma nota secreta a Madre Mariana de Jesus Torres, constituindo-a Presidente-Abadessa por três anos. A humilde religiosa, ao ler esta nota, respondeu imediatamente fazendo ver ao Prelado a conveniência de se deixar livre o Convento na escolha da nova Priora, a fim de que as esposas de Jesus Cristo elegessem sem constrangimento aquela que com amor obedeceriam, evitando assim ressentimentos e receios, os quais são causa de grandes perturbações nas Comunidades.

Madre Mariana é novamente escolhida para Priora

O Prelado aceitou as justas razões desta religiosa desinteressada e humilde, em quem reconheceu, uma vez mais, o cúmulo de virtudes que adornavam sua alma; e veio presidir à eleição.

A primeira votação saiu dividida entre as Madres Mariana de Jesus, Magdalena de São João, Ana da Conceição e Inês Zorrilla; a segunda entre as Madres Mariana de Jesus e Magdalena de São João; na terceira, Madre

Mariana obteve a maioria. O Prelado confirmou-a com muita alegria, exortando as monjas a amá-la e obedecê-la como a cabeça e mãe da Comunidade. Ali mesmo, na presença do Prelado, as religiosas renderam obediência à Madre Mariana e saíram para festejá-la depois que o Prelado se despediu.

As inobservantes estavam sempre pouco contentes, mas como eram tão poucas e sem chefe, nada podiam fazer; pelo contrário empenhavam-se afincadamente para se mostrar alegres, mas era a abundância do coração que se lhes manifestava no exterior... Tudo quanto se passava em seus corações e os esforços que faziam eram vistos pela humilde Madre Abadessa, que as amava muito e repreendia-se a si mesma de sua pouca dedicação no serviço de Deus, quando estas boas irmãs trabalhavam assim por moderar-se e reprimir-se. Elas eram as prediletas de seu carinho maternal; procurava remediar suas necessidades antes mesmo que elas as expusessem, pois de tudo ela tinha conhecimento.

Intransigência de Madre Mariana

Quando se tratava, contudo, de algum relaxamento ou falta contra a Regra, imediatamente, sem deixar passar a ocasião, chamava-as em sua cela, ou ia até a delas; e, com uma encantadora doçura, fazia-lhes ver a felicidade temporal e eterna das religiosas observantes cumpridoras de sua Regra até nos mínimos detalhes. Dizia em seguida a cada uma em particular a falta cometida, abraçava-a com ternura rogando-lhe com humilde exigência que tal falta não voltasse a se repetir e rezava com a culpada uma Ave-Maria, depois da qual beijava-lhe os pés. Dava ela assim exemplo de sólida humildade e atraía as almas de suas filhas por meio da doçura própria que caracteriza as suaves esposas do amantíssimo e humilíssimo Jesus, com Quem vivem unidas pelos fortes e indissolúveis laços da divina e heroica caridade.

A Santíssima Virgem vem queixar-se de Madre Mariana

Corriam por este tempo os primeiros dias do ano de 1610; e cada dia deste feliz ano era uma série ininterrupta de forças sobrenaturais, tanto da parte de Deus como de Maria Santíssima, Mãe e Senhora nossa, a qual, repetidas vezes nesse período, admoestou sua predileta filha pela tardança em mandar executar Sua estátua, que deveria ser colocada sobre a cátedra abacial, de onde como Senhora absoluta do Mosteiro, Mãe e Priora, governaria Sua querida Comunidade até o fim dos tempos. E ameaçava-a, se isto

ela não fizesse, de escassear-lhe as graças e favores para dá-los a outra alma melhor, que soubesse corresponder e efetivar seu pedido de vários anos.

O coração da humilde religiosa ardia então de novos incêndios divinos e, qual uma terna menina culpada, pedia perdão à sua Mãe Santíssima, tomando-Lhe presente que ela se considerava incapaz de indicar ao escultor, por mais hábil que este fosse, as reais feições de Sua encantadora formosura. E que, além disso, ela temia não ser crida pelo Prelado e pelos Sacerdotes, e com isto iria a pique o seu muito querido Convento, para cuja fundação e conservação muito haviam sofrido sua Madre Fundadora, que, gloriosa, gozava a felicidade eterna, como também ela e as demais Fundadoras. Mas rogava à Rainha do Céu e da terra, conhecedora de todas as coisas futuras, que lhe indicasse os meios de que ela se valeria para obedecê-La e agradá-La, pois esta era a sua única ambição sobre a terra.

Vida Admirable de la Rda. Madre Mariana de Jesús Torres española y una de las fundadoras del Real Monasterio de la Limpia Concepción en la Ciudad de Quito

Escrita por el R. Padre Manuel Sousa Pereira de la Orden Seráfica de los Menores del Convento Máximo de San Fran.co de Quito en el Ecuador.

Tomo Segundo.

ÍNDICE

TOMO II

TOMO II

QUARTA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO À MADRE MARIANA DE JESUS[11]

A Colônia, neste tempo, era muito culpada diante do Senhor. O próprio Governo Eclesiástico deixava muito a desejar em razão da indiscrição do Bispo governante, e o Clero e os fiéis não o amavam como a um pai e ele era alvo de muitas críticas

Madre Mariana de Jesus Torres e as demais Fundadoras do Primeiro Mosteiro Real da Imaculada Conceição da cidade de São Francisco de Quito eram os pára-raios que se interpunham entre a Justiça Divina e a culpada Colônia.

Ah! Se esta tivesse sabido a quem possuía para seu sustento! Bem dito está de que no ato concluso das clausuras religiosas encerram-se plantas preciosas e requintados frutos de santidade. O mundo não os conhece e por isso não os ama; nem sequer é digno de os conhecer, porque suas máximas e torcidas ideias estão em oposição a elas.

A vida espiritual de Madre Mariana de Jesus Torres, Abadessa do Real Convento da Imaculada Conceição de Ouito, no ano de 1610 — que ora vamos narrando — era uma culminância de grande santidade e heroísmo religioso, aqui na terra. Sua oração era contínua, o exercício de sua humildade incessante. Comovia pois o Coração de Deus, que a regalava com inefáveis dons, diretamente, por intermédio de sua Mãe Santíssima, como breve iremos ver, na Quarta Aparição da Rainha dos Céus, Maria Santíssima do Bom Sucesso.

Depois de manifestar com filial confiança à Mãe do Céu sua insignificância e seus temores, rezava como de costume à meia-noite. Ao findar-se o

11 NOTA: O tomo II começa com a narração da 4.ª Aparição de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Curiosamente, a numeração dos capítulos só se inicia mais adiante, correspondendo o Cap. I à 5.ª aparição. Foi mantida a ordem dos capítulos segundo o original.

dia 20 de janeiro do ano já referido. Concluído seu exercício de penitência, terminada sua oração a uma da manhã do dia 21, dava graças pelos favores recebidos, e ia retirar-se para um ligeiro descanso. Ela voltaria novamente, como fazia sempre, às 3 da madrugada para uma nova hora de oração. Nisso sentiu seu coração palpitar de santa alegria e abrasar-se com transportes de amor, desejos ardentes do Céu e de sofrer muito mais do que até então havia sofrido, para assemelhar-se a seu Divino Esposo e Modelo, Jesus Cristo; e dar-Lhe ao mesmo tempo provas sensíveis de seu amor efetivo, o qual rivalizava com o dos próprios espíritos angélicos, que atônitos contemplavam esse abismo de santidade numa débil mulher. E, por disposição de Deus e de Maria Santíssima, Mãe de Deus e Virgem das virgens, creiam até ela como mensageira de sua Rainha.

Embaixada dos três Arcanjos

Inundou-se de súbito o coro, enquanto ali orava Madre Mariana de Jesus, de resplendores celestiais, os quais já não eram estranhos a esta humilde e santa religiosa, a quem o Senhor concedia muitos privilégios. E, como que saindo desses resplendores, viu chegarem os três Arcanjos — São Gabriel, São Miguel e São Rafael —, acompanhados de inumeráveis exércitos de Anjos.

Aproximando-se dela, tomou a palavra o celeste embaixador da Encarnação do Verbo Divino: "Privilegiada esposa do Verbo Divino, filha predileta das ternuras do Coração de minha Rainha, Maria Santíssima, e querida irmã minha: venho aqui dar-te a celestial notícia de que, dentro de poucos instantes, falarás com tua Santíssima Mãe e nossa Soberana Rainha. Para isto, venho iluminar tua inteligência, a fim de que conheças a veracidade desta e das demais aparições, e não dês jamais ouvido à dúvida, o que constituiria uma enorme ingratidão para com Deus".

O Arcanjo projetou então um raio luminoso, que penetrou na mente desta feliz religiosa e dissipou-lhe os temores e dúvidas, do mesmo modo como o sol de repente irrompe numa manhã escura e seus claros raios dão início a um novo dia.

Em seguida falou o Arcanjo São Miguel:

"Criatura feliz e muito amada da Santíssima Trindade, Deus esteja contigo!

Sou enviado do Alto para fortalecer teu pequeno coração, e ao mesmo tempo dilatá-lo, para que possas receber a afluência de graças divinas que terás com a comunicação de tua Mãe Santissima e minha Soberana Rainha. E, firmando-te em uma sólida humildade, confusos e inábeis ficarão, para fazer-te qualquer dano, os espíritos soberbos que, desobedecendo, precipitaram-se do Céu para o abismo profundo".

E lançou no coração de Madre Mariana de Jesus um raio luminoso, que lhe penetrou até as mais íntimas fibras, abrasando-o com um fogo sobrenatural. Sentiu-se ela capaz de empreender as maiores ações por amor de Deus e de sua Mãe Celeste, ao mesmo tempo que conheceu o nada do seu ser, bem como o infinito amor de Deus, que lhe havia predestinado o singular favor, de com familiaridade, tratar com a Majestade Divina e com Maria Santíssima. Pois a ela Nossa Senhora confiaria seus segredos e outros fatos para a propagação, nessa Colônia que se tornaria depois Equador e república livre, da nova e eficaz devoção mariana sob o doce e consoladora invocação do Bom Sucesso. Devoção através da qual faria o Senhor grandes prodígios, tanto espirituais quanto temporais: em primeiro lugar à sua Comunidade, que nela encontraria sempre salvaguarda; em segundo lugar, aos fiéis devotos, sobretudo do fim do século XVIII e no século XX, que seria o preferido de seu Coração, por haver o inferno nesse período se desatado para perder as almas.

* * *

Por último aproximou-se dela o Arcanjo São Rafael e disse:

"Feliz criatura a quem a liberalidade divina concedeu viver, ainda em carne mortal, como bem-aventurada. Pois tomou-te o Redentor Divino por esposa predileta desde teus tenros anos, e enviou-te cruzes e tormentos a fim de te purificar, preparando-te assim para tratar intimamente com Sua Majestade Divina e com minha Soberana Rainha, Maria Santíssima Imaculada, Virgem das virgens.

"O Senhor te incumbiu de mandar esculpir conforme Ela te indicar, a estátua de Sua Santíssima Mãe que será venerada sobretudo nos séculos futuros.

"Fui enviado para curar-te da cegueira da mente, a fim de que creias na

veracidade das aparições — tu que, incauta, duvidastes até agora. De hoje em diante verás muito claro, pois dissipar-se-á tua dúvida, que a Deus tanto aborrece".

E, desferiu o Arcanjo um raio claríssimo à sua mente e ao seu coração, o qual iluminou todo o seu ser. Viu ela então com clareza toda sua vida e, no decurso dela, todas as graças e favo-res que receberia da bondade de Deus e de sua Mãe Santíssima.

Conheceu também a veracidade de todas as aparições, e quão necessários haviam sido para ela todos os sofrimentos por que passara, inseparáveis de toda alma a quem o Senhor chama para um caminho extraordinário.

Resposta aos Divinos Reis

Cheia de gratidão a seu Deus e à sua bendita Mãe, disse aos três Arcanjos, mensageiros de Deus em presença dos angélicos espíritos que os acompanhavam:

"Príncipes santos e fiéis mensageiros dos Reis do Céu, dou-vos graças pelas luzes com que me haveis iluminado o entendimento e fortalecido o coração, dissipando-me a cegueira — a mim que sou a menor das criaturas que existem sobre a terra. Louvo-O Senhor pelas coisas e maravilhas que realizou em mim, sem nenhum merecimento pessoal.

Parti, pois, para o Céu e dizei a nossos Divinos Reis, que a pobre escrava de Suas Majestades, prostrada em terra, Os espera, para que façam dela o que desejam, pois meu coração e meu ser inteiro lhes pertencem, e que, qual pequena gota de orvalho, perco-me na imensidade do Ser Divino".

Os celestes mensageiros partiram pressurosos até a presença de Deus — da parte de Quem tinham vindo — e, apresentando a oração humilde e o aniquilamento em que ficara aquela feliz alma no seu claustro, se regozijavam por haverem sido designados para tal missão.

Entretanto, a humilde Madre Mariana de Jesus, prostrada em terra, os braços em cruz e a face contra o chão, meditava na sua insignificância e contemplava a grandeza de Deus, a verdade dos favores divinos, e dava graças ao Senhor por havê-la predestinado a tão altos benefícios, e oferecendo-se a Deus para tudo quanto Ele pedisse. Seu coração abrasava-se em amorosos incêndios, que se alastravam com tal intensidade que, não tivesse Deus lhe sustentado a vida por milagre, teria a natureza, cedendo a seus divinos

ardores, libertado sua alma das ligaduras da carne, porquanto esta em nada fazia peso àquela afortumada criatura.

Visita da Aurora Divina — seus segredos

Assim permaneceu ela, prostrada ao solo, em seu completo aniquilamento até às 2 horas da manhã. Apareceu-lhe então a Aurora Divina tendo em seus braços o Sol Divino da Justiça. E ela abriu seus lábios de rosa celestial e disse:

"Levanta-te da terra em que jazes, filha dileta de meu Coração maternal e esposa amada de meu Divino Filho. Teu humilde entendimento atraite meu coração, assim como o orgulho que reina nesta pobre Colônia quer afastar-me de si; mas como tenho neste meu Mosteiro filhas fiéis e amorosas, e, entre elas, tu, minha predileta, venho confiar-te como sempre, os meus segredos".

Madre Mariana de Jesus ergueu-se e encontrou diante de si, dentro do recinto do coro, à distância de um metro e meio, uma formosíssima Senhora, ornada de atrativos e encantos celestiais, aureolada por uma luz fulgurante como se estivesse no meio do sol. Trazia Ela seu preciosíssimo Menino no braço esquerdo e um lindo e vistoso báculo na mão direita, tal como já descrevemos anteriormente, quando das outras aparições.

No braço que portava o báculo havia também algumas pombas raquíticas que se debatiam para deixar o braço de sua Mãe, mas o Divino Menino as detinha e entretinha, agradando-as, acariciando-as e dando-lhes o Maná Eucarístico. Elas contudo voltavam-se de lado para não receber o Maná. A boa Mãe, Maria Santíssima, falava-lhes com maternal carinho; elas, porém, nem sequer Lhe prestavam atenção. Permaneciam junto à Senhora forjadas e iam se tornando cada Vez mais débeis. Diante de tanto desdém, e depois de esgotar os meios de caridade e de amor, o Divino Menino tomou-as e lançou abaixo, no mar tempestuoso do mundo, onde, baldados os esforços para se manterem na superfície, mergulhavam no abismo profundo. Deixavam apenas o eco de um lamento desesperado, de quem tarde reconhece que, por imprevidência, perdeu um bem que teria podido gozar duradouramente em completa posse, ao troco de apenas um pouco de esforço, sofrimento e sacrifício.

Absorta estava a virgem religiosa em tudo quanto via —sobretudo na singular beleza de sua Mãe do Bom Sucesso, que já conhecera em outras ocasiões.

Ao vê-La novamente diante de si, lembrou-se de quantos sofrimentos padecia seu coração, por ver Deus ofendido na ingrata Colônia, e também das necessidades de seu Mosteiro tão querido. Pensou em manifestá-los à sua Mãe e Rainha poderosa.

Bem convencida estava de que era realmente Nossa Senhora que lhe aparecia, mas a humilde Madre Mariana de Jesus falou desta maneira:

"Bela Senhora, que atraís meu coração e o elevais até Deus, dizei-me: Quem sois e o que quereis? Não vedes o abismo que medeia entre Vós e esta vilíssima criatura?"

A Rainha do Céu, abrindo seus lábios divinos, respondeu:

"É verdade, querida filha, que medeia um abismo profundo entre as criaturas e o Criador, mas para que elas pudessem chegar até Ele sem temor, tomou carne, sujeita a sofrimento e a morte em meu seio puríssimo. E, sem deixar de ser Virgem, tornei-me Mãe de Deus; e sou também Mãe de todos os mortais, tanto justos quanto pecadores".

Continuou a falar Nossa Senhora:

"Aos justos Eu me manifesto e comunico. Aos pecadores, Eu os atraio até Deus e a Mim, por vezes com secretas inspirações, ou então com grandes atribulações. Tu não podes compreender quanto amamos as almas. Deus e Eu! — Criadas que foram todas para o Céu, uma grande multidão delas, entretanto, se perde por não padecer e violentar-se um pouco.

Vês estas pombas raquíticas? Hás de saber, minha filha, que são as religiosas infiéis à vocação, que, no decorrer dos séculos, passarão por este meu Mosteiro querido.

Viste quanto com mimo e carinho as temos tratado meu Filho Santíssimo e Eu? Assim agiremos sempre, atraindo-as e alimentando-as com o Pão Eucarístico. — Mas, ai! que ingratas! Voltaram-nos as costas. Cansadas a misericórdia e a paciência de meu Filho Santíssimo, foram abandonadas no turbulento mar do mundo, onde, opressas por sofrimentos e dores, atormentadas pelo verme roedor de suas consciências, quantas delas não acabarão suas vidas miseravelmente e se perderão!

Repara-as bem, para que conheças a todas".

Então Madre Mariana de Jesus olhou-as e com uma luz claríssima co-

nheceu a todas e a cada uma das religiosas infiéis que haveriam de existir em seu Mosteiro tão querido, desde a primeira até a última, ao longo dos séculos.

Sua maternal caridade quis intervir junto à Justiça Divina e rogou por elas, mas a Rainha dos Céus prosseguiu desta ma-neira:

"Filha, nem Eu e nem tu podemos impedir tal desgraça, posto que Deus mesmo respeita o livre arbítrio em suas criaturas. Não lhes faltam luzes, graças, inspirações, os avisos caritativos e repreensões das Superioras, nem o exemplo de tantas boas irmãs que por elas oram e as admoestam com doçura. Elas se fazem, entretanto, surdas e cegas a tudo.

Por causa de sua tibieza inveterada, Deus justamente abandona tais almas, que voluntariamente se fazem indignas da sublime graça da vocação religiosa, tendo, como vês, seu justo castigo.

Mas modera tua dor, filha querida, considerando este enorme número de almas fiéis que neste meu Mosteiro querido viverão e morrerão esquecidas de si mesmas e isoladas, praticando as sólidas virtudes em heroica e oculta santidade. Através delas, nas épocas futuras como através de vós, atualmente, se sustará a Justiça Divina".

Uma grande crise durará até pouco mais da metade do século XX

"Porque te faço saber que, do término do século XIX até um pouco mais da metade do século XX, na hoje Colônia e então república do Equador, extravasarão as paixões e haverá uma total corrupção de costumes por reinar quase satanás nas seitas maçônicas, a qual visará principalmente a infância, a fim de manter com isto a corrupção geral. Ai dos meninos deste tempo! Dificilmente receberão o Sacramento do Batismo, nem o da Confirmação. O Sacramento da Confissão, só enquanto permanecerem nas escolas católicas, que o diabo porá todo empenho em destruir, valendo-se de pessoas auto-rizadas.

O mesmo sucederá com a Sagrada Comunhão. Mas, ai! quanto sinto ao te manifestar que haverá muitos e enormes sacrilégios, públicos e também ocultos, de profanações à Sagrada Eucaristia! Muitas vezes, nessa época, os inimigos de Jesus Cristo, instigados pelo demônio, roubarão nas cidades as hóstias consagradas, com o único fim de profanar as Eucarísticas Espécies! Meu Filho Santíssimo Se verá jogado ao chão e pisoteado por pés imundos.

"Mas neste mosteiro conservar-se-ão almas fiéis, esposas amantes e fervorosas que O desagravarão com amorosa ternura, sofrendo por vê-Lo assim odiado por seus ingratos irmãos, os pecadores, cujos corações parecerão não ser mais humanos. Por eles rezarão e farão grandes penitências de todos os modos, outras carregarão também a pesada cruz das enfermidades com as quais Deus lavra suas almas, e com isso desagravarão tantos crimes e sacrilégios cometidos no mundo. Até isto o astuto demônio procurará impedir, pondo na imaginação de minhas sofridas filhas ideias desesperadoras com o intuito de fazê-las perder o mérito.

“Mas nesses tempos já te conhecerão a ti, e conhecerão os favores que te tenho dispensado. — Quanto amo aos felizes moradores deste recinto sagrado! — E junto com este conhecimento virá também o amor e culto à minha Sagrada Imagem, que te ordeno hoje terminantemente: manda fazê-la tal qual me vês e coloca-a sobre a sede abacial, para que dali Eu governe e dirija minhas filhas e sustente este meu Mosteiro, pois satanás, valendo-se dos bons e dos maus, empreenderá dura batalha para destruí-lo.

"E o mais pungente nesse combate dar-se-á em razão de algumas religiosas incautas, que sob aparência de virtude e zelo mal intencionado, corroerão a existência de sua Mãe, a Religião, que as aconchegou em seu seio. Assumirão elas sobre si grandíssimas responsabilidades, as quais, só por compaixão divina, o fogo do Purgatório poderá purificar.

“Tremam todas estas quando disso souberem! E caindo em si, esforcem-se por reformar a sua comunidade, reformando-se a si mesmas, tendo antes de tudo uma heroica caridade, guardando, com cuidado e amor, dentro do coração, as fraquezas que descobrirem em suas irmãs. Sem esta divina caridade não pode jamais existir virtude alguma, nem caridade, nem profunda humildade, as quais são os únicos fundamentos sólidos da perfeição religiosa. Faltando isto, não haverá senão simulacro de virtude, deixando à vista a putrefação das almas.

"Por este tempo o Sacramento da Extrema Unção, posto que faltará nesta pobre Pátria o espírito cristão, será pouco considerado. Muitas pessoas morrerão sem recebê-lo — seja por descuido das famílias, seja por um mal entendido afeto para com seus enfermos, outros também por irem contra o espírito da Igreja Católica, impelidos pelo maldito demônio —, privando as almas de inumeráveis graças, consolos e força, para darem o grande salto do tempo à eternidade. Contudo, algumas pessoas morrerão sem recebê-lo por justos e secretos castigos de Deus.

"Quanto ao Sacramento do Matrimônio, que simboliza a união de

Cristo com a Igreja, será atacado e profanado em toda a extensão da palavra. O maçonismo, que então reinará imporá leis iníquas com o objetivo de extinguir esse Sacramento, facilitando a todos o viverem mal, propagando-se a geração de filhos mal-nascidos, sem a benção da Igreja. Irá decaindo rapidamente o espirito cristão, apagar-se-á a luz preciosa da Fé até chegar a uma quase total e geral corrupção de costumes. Acrescidos ainda os efeitos da educação laica, isto será motivo para escassearem as vocações sacerdotais e religiosas.

O Sagrado Sacramento da Ordem Sacerdotal será ridicula-rizado, oprimido e desprezado, porque neste Sacramento se oprime e conspurca a Igreja de Deus, e a Deus mesmo, representado em seus Sacerdotes. O demônio procurará perseguir os Ministros do Senhor de todos os modos, e trabalhará com cruel e sutil astúcia para desviá-los do espírito de sua vocação, corrompendo a muitos deles. Estes, que assim escandalizarão o povo cristão, farão recair sobre todos os Sacerdotes o ódio dos maus cristãos e dos inimigos da Igreja Católica Apostólica Romana. Com este aparente triunfo de satanás, atrairão sofrimentos enormes aos bons Pastores da Igreja, e à excelente maioria de bons Sacerdotes e ao Pastor Supremo e Vigário de Cristo na terra, que, prisioneiro no Vaticano, derramará secretas e amargas lágrimas na presença de seu Deus e Senhor, pedindo luz, santidade e perfeição para todo o Clero do Universo, do qual é Rei e Pai.

"Ademais, nesses infelizes tempos haverá um luxo desenfreado que, por ser laço de pecado para os demais, conquistará inúmeras almas frívolas e as perderá. Quase não se encontrará inocência nas crianças, nem pudor nas mulheres, e, nessa suprema necessidade da Igreja, calar-se-á aquele a quem competia a tempo falar".

Nossa Senhora do Bom Sucesso ordena a execução de sua Imagem e o modo como dever-se-á proceder

"Isto tu verás do Céu, ó filha querida, onde já não poderás sofrer; mas sofrerão tuas filhas e sucessoras, essas almas queridas, por ti já conhecidas, que aplacarão a Ira Divina, recorrendo a Mim sob a invocação do Bom Sucesso, cuja Imagem peço e mando que faças executar para consolo e sustento do meu Mosteiro e dos fiéis desse tempo, época em que haverá grande devoção a Mim, que sou a Rainha da Igreja debaixo de várias invocações.

"Esta devoção será o pára-raio colocado entre a Justiça Divina e o mundo prevaricador, para impedir que se descarregue sobre esta terra culpada o formidável castigo que merece.

Hoje mesmo, quando amanhecer, irás ter com o Bispo e lhe dirás que Eu te pedi e mandei fazer esculpir minha Imagem para ser colocada à testa de minha Comunidade, a fim de tomar posse completa daquilo que, a tantos títulos, me pertence. E, como prova da veracidade do que lhe dirás, morrerá ele dentro de dois anos e dois meses, devendo desde já preparar-se para o dia da eternidade, porque sua morte será violenta.

"Ele deverá consagrar minha Imagem com o Sagrado Óleo, e pôr-Lhe-á o nome de Maria do Bom Sucesso da Purificação ou Candelária. Nessa ocasião solene, ele mesmo colocará na mão direita de minha Imagem, junto com o báculo, as chaves desta clausura, como prova de que entrega a Mim o governo das esposas de meu Filho Santíssimo, transferindo todos os seus cuidados para minha maternal e amorosa proteção.

"Então, nesse momento, Eu tomarei posse completa desta minha casa, e obrigar-Me-ei a guardá-la ilesa e livre de todo atropelo até o fim dos tempos, exigindo de minhas filhas contínuo espírito de caridade e sacrifício.

"Com isto sustentar-se-á a casa e comunidade delas e minha, juntamente com uma humildade, obediência, paciência, silêncio no recolhimento e oração continua. Estes são os recursos espirituais com que se manterá o grande edifício da observância regular, à maneira dos elementos materiais com que os proprietários edificam suas casas e palácios. Desta forma conservarão elas estes muros queridos com o trabalho próprio e de todos os dias.

"Prometo-lhe, de minha parte que, enquanto se esmerarem mais e mais em santificar-se e edificar-se mutuamente com o bom exemplo, mutua caridade, e carregar as cruzes próprias da vida religiosa, praticando as virtudes que te indiquei — porque são as preferidas de meu Coração e do Coração Santíssimo de meu Divino Filho — prometo que as amaremos muito mais, e não haverá necessidade, acompanhada de pedido, que não seja remediada segundo o manejo e prática diárias destas virtudes. Isto se aplica a cada uma de minhas filhas que habitarem estes benditos claustros no decorrer dos tempos.

"Aquelas que mais humildes, dóceis, suaves e sofridas forem, serão as preferidas e mais favorecidas de seu Deus e de sua Mãe, que hoje te fala.

"Dize, ademais, ao Bispo governante, cujo zelo e indiscreto e é um semeador de dissenções e rancores entre o Clero e o povo: todo Prelado deve ser Pai para com toda classe de pessoas, sem acepção de nenhuma, à semelhança do Pastor Divino, Jesus Cristo, que disse: 'Aprendei de mim

que sou manso e humilde de Coração'. Todas as criaturas são iguais em suas almas, e o Céu foi criado para todos os que queiram ir para lá, pois meu Filho Santíssimo morreu como Redentor por todos num afrontoso patíbulo, sem exclusão de nenhuma alma, as quais só se condenam porque querem".

Sobre a separação dos Menores — Exemplo de um franciscano fiel

"A respeito das dificuldades pelas quais passa teu Convento, dir-te-ei, filha querida, que são muito necessários o padecimento e a dor para formar as almas religiosas, assim como, a golpes de martelo e com vários instrumentos, se fabricam sobre a terra as grandes obras de arte. A ausência do governo dos Menores, não obstante imprescindível, é a causa de tantos sofrimentos e o será até o século XX, quando voltarão a ter jurisdição sobre este meu Mosteiro, para elevar tantas almas a grandes perfeições e santidade. A separação dos Menores não foi vontade divina mas apenas permissão.

"Deves saber que a vida mortal é o tempo das criaturas. Mas que virá o dia e hora de Deus em que Ele tomará de cada uma de suas criaturas estreita e severa conta por todos os seus atos e consequências. Julgará e dará sentença com perfeita equidade. Tu mesma viste o que aconteceu a tuas irmãs que trabalharam pela separação dos Menores, e que passaram à eternidade. Quantas delas penarão até o retorno deles; e outras até o dia do Juízo!

"Tremam em todos os tempos as almas religiosas que vierem a trabalhar contra a observância e a perfeição de suas regras!

"Neste tempo em que nos próprios conventos está ausente o espírito religioso, tens ainda no teu ao meu servo Francisco de Assis, teu Pai; bem como os filhos dignos dele, que ama e servem a Deus com reto coração. E para que te convenças disto, quero que vejas o teu irmão leigo Frei Pedro de la Concepción, privilegiado filho meu, que por amor à minha Imaculada Conceição, assim também quis chamar-se.

"Olha, filha, a formosura de sua alma, a sua humildade profunda, o fogo de seu seráfico amor! Por isso, ao mesmo tempo que falo contigo, obsequio também a ele que Me veja, a Mim e a ti, e sejam manifestado a ele os privilégios e favores que tu recebes, para que ele dê graças ao Altíssimo pelos dons que dispensa às suas almas queridas.

Este querido filho meu deixará a terra depois de quatorze anos e meio e tu o acompanharás nessa hora, para conhecer como premeia Deus a seus

servos bons e fiéis que, incansáveis, trabalham na aquisição e prática das sólidas virtudes".

Neste momento Madre Mariana de Jesus viu o rmão leigo Frei Pedro de la Concepción que, alheio às realidades que o rodeavam, contemplava tudo quanto fazia a ela a Rainha do Céu, arrebatado por um êxtase quando no seu convento estava humilde a rezar, ao pé do Sacrário, nessas primeiras horas da manhã, depois de concluído seus exercícios penitenciais, porque era varão de muita penitência.

Madre Mariana de Jesus disceriniu que o religioso a via e se alegrava com os favores que Maria Santíssima Rainha concedia à sua filha dileta. E admirou nele sua bela alma e o grau sublime de sólidas virtudes que havia adquirido. Deva ela graças ao Senhor, seu Deus, e à sua Mãe Santíssima, que mantinham sobre a terra suas almas justas, enquanto se cometiam tantos crimes.

Madre Mariana toma a medida da Mãe de Deus

Prosseguiu a Rainha do Céu: "Vês assim, filha querida, quantos favores e graças te dispensa Deus por meu intermédio! Agora é preciso que, dócil às minhas exortações, mandes ececutar com presteza a minha santa Imagem, tal qual me vês, e te apresses a coloca-la no lugar que te indiquei".

A humilde religosa respondeu: "Bela Senhora e Mãe querida de minha alma, a imperceptível formiguinha que tendes em vossa presença, não poderá referir a artista nenhum vossas belas feições, vossa peregrina formosura nem vossa estatura. Seria preciso que um dos três Arcanjos que vos acompanham como nobres de vossa Corte, viesse esculpir a santa Imagem que me pedis, para que a obra saia à semelhança de vosso desejo. Eu não tenho palavras para explicar, nem há na terra artista, fosse ainda o mais sábio, que seja capaz de fazer a divina obra que me solicitais".

Volveu a Rainha do Céu:

"Nada disto te preocupe, filha querida. A perfeição da obra corre por minha conta. Gabriel, Miguel e Rafael, com toda a angélica natureza, tomarão a seu cargo secretamente a fabricação de minha Imagem. Tu deverás chamar Francisco del Castillo, que entende de arte, e dar-lhe uma sucinta descrição de minhas feições, exatamente como Me vista, hoje e sempre, pois com esta finalidade apareci tantas vezes a ti.

Quanto à minha estatura, traze cá a corda que te cinge, e mede-a sem temor, pois a uma Mãe, como Eu, agrada a confiança respeitosa e humilde de suas filhas".

Madre Mariana de Jesus, então num instante tirou a corda, e com humilde recolhimento disse: "Rainha do Céu e Mãe querida, tendes aqui a corda para Vos medir. Quem a sustentará em Vossa formosa fronte, orndada por essa linda e vistosa coroa com que a Santíssima Trindade Vos coroou como Filha, Mãe e Esposa, instituindo-Vos Rainha do Céu, da Terra e do Abismo? Eu não me atrevo, nem aliás alcançar-Vos-ia a minha pequena altura".

A Santíssima Virgem respondeu com bondade própria de Mãe: "Filha querida, põe nas minhas mãos uma das pontas da tua corda, e Eu a colocarei em minha fronte, enquanto tu aplicarás a outra no meu pé direito".

E, tomando a celeste Rainha uma das extremidades das mãos de sua predileta filha, encostou-a em sua fronte cheia de beleza, enquanto Madre Mariana de Jesus punha a outra na ponta do pé direito. As medidas ficaram assim tomadas.

Nesse momento a Santíssima Virgem levantou a mão direita e, com ternura e todo amor, deu a bênção à filha do seu Coração, a qual, voltando a si, ou seja, ao uso dos sentidos, viu que eram três horas e meia da manhã.

Duas circunstâncias insignes

Aqui há que esclarecer duas circunstâncias.

A primeira é que para a Santíssima Virgem segurar em sua puríssima Fronte a extremidade da corda oferecida pela feliz Madre Mariana de Jesus, os três Arcanjos, Miguel, Gabriel e Rafael, ergueram sobre sua Cabeça a Imperial Coroa de sua Rainha, voltando a pousá-la com suma reverência depois de tomadas as medidas.

A segunda coisa é que a corda de Madre Mariana de Jesus era um pouco curta, mas foi se esticando, como se fosse elástico, até atingir a estatura de Maria Santíssima, Senhora Nossa, em cujo tamanho a corda se fixou.

Madre Mariana de Jesus guardou desde então essa corda com suma reverência, trazendo-a sempre consigo num dos bolsos, como preciosa relí-

quia, e que se conserva hoje no Mosteiro da Imaculada Conceição.

Finda esta aparição, tão cheia de graças e favores, não somente para ela mas também para a pobre Colônia e para a Igreja, Madre Mariana de Jesus permaneceu em oração, estando o seu coração repleto de amor de Deus e de sua Mãe bendita. Permaneceu assim, esperando no coro a sua comunidade, pois era chegada a hora da recitação do Ofício Parvo matutino, coisa que fez com crescente devoção e amor.

Da visita que Frei Pedro de la Concepción fez a Madre Mariana, e do êxtase que ambos tiveram

Às nove da manhã, a freira avisou a Madre Abadessa que Frei Pedro de la Concepción queria falar-lhe. Deu-se ordem de o conduzirem ao parlatório, para onde Madre Mariana de Jesus dirigiu-se também pressurosa.

Ao vê-la sair, o irmão leigo saudou-a desta maneira:

— "Ave Maria Puríssima! Muito bom dia tenha Vossa Reve-renda Madre Abadessa! Como está a Comunidade?"

Respondeu a Madre:

— "Sem pecado concebida! Bom dia, caro irmão, minha Co-munidade vai bem; e a vossa?"

— "Madre, não há maior novidade", respondeu o irmão, acrescentando: "Madre, que parece a Vossa Reverenda a formosura da Rainha nossa Mãe, Maria Santíssima, com cuja presença nos favoreceu hoje de manhã antes do surgir da aurora? Eu vi Vossa Reverenda cumulada de favores, inclusive o medir com sua corda a estatura da Rainha dos Céus".

— "Por certo, irmão — respondeu Madre Mariana de Jesus — esta vilíssima criatura, foi muito beneficiada com dons gratuitos. Ajudai-me pois a dar graças a Deus Nosso Senhor, rico e liberal em seus dons".

E isto diziam com palavras entrecortadas pelo pranto. Falavam somente da grandeza de Deus, de seus atributos divinos, da beleza e da maternal bondade de Maria Santíssima. Neste colóquio saíram ambos de seus sentidos, estando Madre Mariana de Jesus de um lado da grade divisória, e o irmão Pedro aquém delas; e, quais leves penas, elevaram-se no ar... Ante seus olhos descortinou-se novamente a visão daquela madrugada.

As monjas, ao se darem conta de que sua Superiora não aparecia, ficaram em extremo preocupadas. Procuraram-na pela casa toda, num coro e noutro, nas tribunas; e, vendo que não a encontravam em lugar nenhum, foram até às Madres Fundadoras, temendo que estas tivessem retornado a Espanha, mas acharam-nas e sentiram-se aliviadas.

Explicaram às Fundadoras que a Superiora havia sumido: fora vista, naquela manhã, com semblante mais formoso e um extraordinário comprazimento inundava seu coração. E quando, naquela ocasião se perguntou a ela o que se lhe passava, respondeu: "Minhas filhas, como Deus é bom! Amai a Deus, amai a Maria Santíssima, sêde filhas fiéis!"

As Fundadoras, que sabiam quanto de Deus era privilegia da aquela alma, pressentiram alguma nova visão, e acalmaram as monjas, a quem disseram:

"Não vos afligis, irmãzinhas; vamos procurá-la até encontrar. Certamente está 'dormida' em alguma parte, pois ela sofre de sono místico".

E saíram a esquadrinhar o Convento Madre Lúcia da Cruz, a Vigária, acompanhada de Madre Francisca dos Anjos e Madre Ana da Conceição dirigiram-se ao parlatório, enquanto as demais se dividiram pelo edifício, em busca da Priora.

Ao entrar no parlatório, as três religiosas sentiram algo incomum. Abrindo a porta, viram Madre Mariana de Jesus suspensa no ar, a altura da parte abaulada do teto, os olhos elevados para o céu, as mãos juntas. Viram também o Irmão Pedro; ele chorava e seus olhos eram mares de lágrimas que corriam pelas rosadas faces. As madres, cujos corações se abrasavam no amor divino, pararam a contemplar alguns instantes, e começaram a chamar em alta voz a sua Superiora, a qual da terra nada via.

Saíram e voltaram dali a pouco trazendo uma escada. E como Madre Mariana encontrava-se no mesmo estado, subiram pela escada até ela. Puxaram-na truculentamente e chamaram-na, mas vendo que ela permanecia imóvel, desistiram do intento, retiraram a escada e foram-se embora, deixando a porta fechada e recriminando-se a si mesmas pela imprudência cometida.

As outras Fundadoras e demais freiras cruzaram-se novamente com as três primeiras e disseram que a Madre Abadessa não aparecera em toda a casa. Estas responderam: "Ficai sossegadas e tranquilas. A Madre está ocupada, não a procureis mais; ela se desocupará logo e virá".

As monjas se acalmaram e afastaram. As Fundadoras, contudo, ficaram. Madre Lúcia da Cruz e as duas outras religiosas disseram: "Vamos ao parlatório para que vejais as maravilhas de Deus em seus servos. Não quisemos dizer-vos nada em presença das outras, porque devemos ter suma prudência nesse assunto".

Dirigiram-se todas então para lá, entraram e viram Madre Mariana de Jesus e o Frei Pedro ainda em êxtase. Após contemplarem por alguns momentos semelhante maravilha, cheias de reconhecimento a Deus, encaminharam-se ao coro para manifestar gratidão ao Autor de todo bem. Deixaram fechada a porta do locutório, lá permanecendo somente Madre Francisca para ver o desfecho.

Madre Mariana e Frei Pedro se comunicam revelações feitas por Nossa Senhora

Próxima já estava a hora do coro quando estas duas almas voltaram de seu êxtase. E as primeiras palavras, pronunciadas simultaneamente, foram:

"Oh! quão bom é o Senhor! Como corresponderemos a suas delicadezas?"

E o Irmão Pedro, dirigindo-se a Madre Mariana, disse:

"Madre, amando-O com todo o coração, força e sentidos, e sofrendo muito por Ele. Oh! como é belo e doce sofrer por Deus!"

Madre Mariana respondeu:

"Verdade, irmão meu, verdade. Oxalá o Senhor nos conceda sempre a sua Cruz!"

"Madre — disse o irmão leigo — que tem Vossa Reverenda para avisar-me? Pois a formosa Rainha do Céu e da terra, ao ocultar-se de nossa vista, disse-me ter incumbido a Vossa Reverenda de me comunicar uma notícia".

"Irmão meu — retrucou Madre Mariana de Jesus — também tendes uma notícia a transmitir-me, por assim tê-lo mandado nossa terna Mãe, Maria Santíssima, não é verdade?"

Replicou o primeiro: "Mas, Madre, exijo que antes me comunique

Vossa Reverenda".

"Está bem, irmão — disse a Madre — pois ficai sabendo que dentro de quatorze anos e sete meses, pouco depois de meados do mês de agosto, deixareis a mísera terra de pranto e dor, e ireis seguro até o Céu. Nesse ano estarei eu com a dura cruz de Superiora, e nossa Mãe Santíssima conceder-me-á o favor de vos assistir em vossa morte. Vós me vereis, porém ninguém mais em vosso Convento. Quando penetrardes nas Fortalezas da Glória, lembrai-vos de mim, e pedi que, quanto antes, deixe também eu esta miserável e triste terra para louvarmos, juntos, ao Senhor nosso Deus, e gozá-Lo em tranquila posse, sem temor nem possibilidade de perdê-Lo".

O irmão respondeu cheio de júbilo: "Ó Madre, que notícia alegre, fonte de tanta satisfação para mim. Mas, ai de mim! Ainda quatorze longos anos e alguns meses de cruel desterro! O fogo do Amor Divino me consome! Quem me dera acelerar o tempo e romper os liames que aprisionam minha alma e me impedem de voar até a região celeste, para ali ficar!"

"Ai, irmão — disse Madre Mariana — façamos o sacrifício de viver para, sofrendo, provar a Deus nosso amor. Vivamos peregrinos, alheios a esta terra, praticando as sólidas virtudes e desagravando a Deus, que é muito ofendido no mundo criminoso. No entanto, encomendar-nos-emos mutuamente a Deus, pedindo-Lhe nos sustente com sua graça a fim de não Lhe causarmos o menor desgosto.

Comunicai-me agora a mensagem que me tange. Por ventura terei sido ouvida na minha petição de sair desta terra antes de vós, e do Céu vir assistir-vos na morte?"

O Irmão Pedro de la Concepción respondeu:

"Não, Madre, Vossa Reverenda deve deixar a terra, e voar até ao Céu, para cantar o cântico novo, no ano de 1635, em meados do mês de janeiro, no qual tantas graças e favores haverá de receber de Deus e de Maria Santíssima, nossa Mãe. Esta é a feliz notícia que comunico a Vossa Reverenda da parte de Maria Santíssima, Senhora nossa.

Tenha pois, como a virgem prudente, sempre acesa e adornada a lâmpada. O Céu se conquista à custa de sacrifícios e também de ocultar-se à nossa vista.

"Disse-me a Rainha dos Céus que, após a minha morte, Vossa Reverenda terá um advogado e protetor em mim, e que eu estarei presente na hora de sua morte para acompanhá-la na sua entrada ao Céu, onde receberá

o prêmio e galardão de tudo quanto fez e padeceu por Deus em sua longa vida.

"E ainda que — acrescentou — nossa Mãe Santíssima já tenha mandado a Vossa Reverenda que faça esculpir a santa Imagem e fale com o Bispo, encareço também, de minha parte, Madre, que o faça sem demora, pois isto implica na glória de Deus, no culto e amor de Nossa Senhora, na salvação de muitas almas, por meio desta devoção, e na segurança e estabilidade deste bendito Mosteiro, o qual Deus e a Santíssima Virgem tanto amam".

Terminadas estas palavras, despediram-se aquelas duas almas irmãs, conservando-se unidas em espírito.

De como Madre Mariana voltou a estar entre suas religiosas

Ao sair, Madre Mariana de Jesus deparou-se com Madre Francisca dos Anjos, que a tudo presenciara e escutara. Com um amável sorriso, interrogou:

— "Como és curiosa, minha irmã. Dize-me quem te mandou aqui?

— "A vontade de Deus, Madre — respondeu Madre Francisca. Contarei o que fizemos: juntamente com a Madre Vigária e a Madre Ana da Conceição, trouxemos uma escada e pelos degraus subimos até onde estava Vossa Reverenda, e, chamando-a e puxando-a pelo hábito, vimos baldados nossos esforços. Tiramos, então, a escada e eu fiquei aqui para ver o final, porque sei muito bem que Vossa Reverenda não teria receio de nós, se com a maior cautela ocultarmos à comunidade o que vimos. Algumas monjas procuravam-na em toda a casa, mas a Vigária aconselhou que cessasem a busca, porque a Madre Abadessa deveria estar 'dormida', e não tardaria em aparecer. Agora, Madre, conte o que viu".

Madre Mariana respondeu: "Como são curiosas as minhas irmãs! Que boa paciência trazerem aqui uma escada! Pois, saiba, minha irmã, que novamente me visitou a Rainha dos Anjos, mas desta vez, não somente a mim, mas também ao Irmão Pedro de la Concepción, varão humilde e penitente — que bela alma ele possui!

"Hoje à tarde preciso ter todas as Fundadoras reunidas para relatar-lhes o sucedido e pedir ajuda e luz em uma obra que está a meu encargo. Entretanto, guarda segredo e vamos ao coro. Dito isto, dirigiram-se ao coro.

Ao vê-la, exclamaram as freiras: "Madre, onde se escondeu Vossa Reverenda? Durante toda a manhã procuramo-la, cheias de amargura. Mil pensamentos tristes nos vieram à mente, mas nos consolaram as Madres, esclarecendo-nos que como Vossa Reverenda padece do mal do sono místico, haveira de estar 'dormida', e logo apareceria.

"Mas, Madre, onde dormiu Vossa Reverenda? Queremos saber para, de outra vez, irmos diretamente despertá-la em vista de nossas necessidades, pois, já que é boa mãe, não há de se aborrecer por suas filhas aflitas lhe tirarem do sono".

Madre Mariana de Jesus, com a doçura de uma alma que imita a Nosso Senhor Jesus Cristo, respondeu com sorriso angélico: "Nunca posso aborrecer-me, minhas filhas, com nada desta vida. Tendes direito a meus afetos e considerações. Somente quando se falta à santa regra é que me desgosto. Ouanto ao mais, sou toda vossa e desejo servir e comprazer-vos".

Conselho das Fundadoras, hesitação de Madre Mariana

Na tarde deste dia 21, convocou a Priora, para consulta e conferência, as Madres Fundadoras às quais, uma vez presentes, falou-lhes desta maneira:

"Madres e irmãs queridas, sabeis que eu — a menor de vossas irmãs — nada vos escondo dos meus sofrimentos. E tendes compartilhado comigo as dádivas de Deus. Haveis, portanto, de saber que, antes de surgir a aurora do dia em que estamos, apareceu no coro de nosso claustro a Aurora Divina, a celestial Maria, Mãe e Senhora nossa..." E narrou toda a visão.

Ao final contou-lhes que a visão se repetira no locutório, mas desta vez juntamente com o Irmão Pedro de la Concepción, o qual, ao despedir-se — conforme ouviu Madre Francisca dos Anjos — suplicou-lhe que se dirigisse ao Bispo o quanto antes, e mandasse esculpir a Imagem que Nossa Senhora havia pedido. Ela entretanto tinha muito receio: pois, de um lado, achava que o Bispo não a creria, e, além disso, seria impossível descrever as feições da celestial visão. Por isso, pesava-lhe na alma o amargo sofrimento de não pôr em prática a ordem dada por Maria Santíssima. E, como se considerava criatura ignorante, pedia às demais Fundadoras luz em assunto tão delicado, para não errar.

As Madres ouviram atentas o relato da visão celeste e lágrimas de alegria lhes corriam pelo rosto.

Tendo Madre Mariana de Jesus acabado de falar, disseram-lhe todas: "Madre, somos da opinião de que Vossa Reverenda deve chamar o Bispo e lhe narre tudo, como fez conosco. Diga-lhe para ordenar logo o que convier e que, a depender de nós, hoje mesmo faríamos chamar aquele feliz homem, escolhido por Maria Santíssima para semelhante obra. — Rezaremos para que tudo se facilite e possamos ter o tesouro desta Sagrada Imagem, que legaremos a nossas sucessoras. Com isto morremos mui tranquilas, deixando assegurada a estabilidade de nossa Comunidade, que tantos padecimentos, lágrimas, perseguições e cárcere nos custa. Além do mais, temos o consolo de que algum dia os Padres Menores volverão a dirigir e governar o nosso Convento, e então impulsionarão o espírito seráfico, que deve animar a toda religiosa da Imaculada Conceição".

Madre Mariana ficou tranquila e satisfeita com a resolução das Fundadoras, em assunto de tanta importância.

Mas os dias passavam, e cresciam seus temores de que o Bispo não iria mesmo crer, pondo em risco o Convento. Por outro lado, ela conhecia muito bem que, nesta Colônia, os habitantes eram muito propensos à idolatria — não somente entre a gente de baixa condição, como também as pessoas de destaque. E este foi outro temor que a impediu de cumprir a ordem de Maria Santíssima e executar a resolução das Fundadoras.

E orando e chorando, apresentava sua súplica a Deus e à sua Mãe do Céu, enquanto as Madres Fundadoras lhe indagavam insistentemente se já havia chamado o Bispo, mas ela lhes repetia os mesmos motivos.

"Nada temais, Madre — respondiam — as coisas de Deus devem ser postas em prática. Deus mesmo iluminará ao Prelado, segundo a sua vontade. Temei muito, isto sim, Vossa Reverenda, desobedecer à Mãe de Deus".

Em meio a essas lutas e receios, Madre Mariana de Jesus passou todo o tempo que transcorreu desde o dia 21 de janeiro até o amanhecer de 2 de fevereiro de 1610.

* * *

— Capítulo I —

QUINTA APARIÇÃO DA SANTÍSSIMA VIRGEM DO BOM SUCESSO, A 2 DE FEVEREIRO DO ANO DO SENHOR DE 1610, À REVERENDA MADRE MARIANA DE JESUS TORRES

No dia 1.º de fevereiro de 1610, Madre Mariana de Jesus preparou-se, juntamente com todas as Fundadoras, através de uma purificação mais perfeita de suas almas e com exercícios penitenciais, para celebrar, condignamente a festa da Purificação, nome com que deveria ser batizada a santa Imagem. Mas não tomara nenhuma deliberação de falar com o Bispo, apesar da insistência das Madres Fundadoras, que nem um só dia deixaram de lhe lembrar a obrigação.

Como de costume Madre Mariana orava à uma hora da manhã do dia 2 de fevereiro, no coro superior próximo à grade. Conforme revelou mais tarde a seu confessor, sua meditação versava sobre a humildade de Maria Santíssima, no soberano mistério da Purificação. Mas, sem intervir a sua vontade, o fio do pensamento recaía na consideração da obediência de Nossa Senhora, como inseparável de sua humildade. Assim permaneceu até uma hora e meia, quando resolveu concluir sua oração e recolher-se a fim de descansar um pouco, porque andava um tanto desfalecida.

Nisso, sentiu-se apoderada por uma alegria mesclada de susto, e imediatamente viu-se em presença de sua Mãe, Maria Santíssima do Bom Sucesso.

Experimentou um ímpeto de sair do coro, mas o amor ardente à sua Santíssima Mãe a reteve. Estava Ela cercada de luzes, que espargiam inú-

meras e preciosas estrelas, em forma de um vistoso arco, emoldurando sua Soberana Rainha. Fixou seus olhos no rosto de sua Mãe, que a olhava com severidade amável e sem proferir uma só palavra.

Não podendo aguentar por mais tempo a seriedade de sua Mãe, Madre Mariana de Jesus disse: "Bela Senhora, Rainha e minha Mãe, vossa pobre filha não suporta por mais tempo ver-Vos assim. Acostumada a vossas maternais carícias, meu coração sente um vazio que nada, nem ninguém, poderá preencher. Cesse já o vosso justo aborrecimento, que eu obedecerei imediatamente vossa ordem, ainda que me custe a vida e mesmo o meu Convento .

"Acaso, não sabes que sou Rainha poderosa?"

Então tomou a palavra a Rainha dos Céus, e assim se expressou: "Criatura tarda e dura de coração, acaso não sabes que sou Rainha poderosa, e te impus ordens, conhecendo bem todas coisas? Por que duvidas? Por que temes, quando não há o que temer? O Convento é fundação minha e Eu o amo mais do que tu: e ainda quando se reunissem todas as potências da terra, não seriam capazes de destruí-lo, pois ante o poder divino todas as forças terrenas são débeis vermezinhos, que nada podem.

"Com a feitura de minha Imagem, não favoreço somente a ti e ao meu Convento, mas também ao povo — e ao povo em geral — através dos séculos; e, sendo este meu convento o sustentáculo, será para muitas almas salvação, porque as tirarei do abismo de culpas em que se encontrarem, Deus será glorificado nelas. Quantas conversões haverá!

"E queres tu tornar-te responsável por tantas almas, fazendo-te surda à minha voz e à minha ordem? E, se não a cumpres em seguida, retirar-te-ei os tesouros de graças que te cumulei, e os darei a outra alma melhor que a tua".

"Bela Senhora — respondeu Madre Mariana de Jesus — justa até o extremo é a vossa repreensão, o que reconheço humilhada diante de Deus. Inapreciáveis e incomensuráveis são os tesouros de graças que gratuitamente me haveis dado, e podeis tirar-me quando o quiserdes. Mas já vos peço perdão e misericórdia, prometendo-vos emenda.

"Hoje mesmo agenciarei com o Bispo para dar inicio à escultura de vossa santa Imagem.

"Mas como o amor e a confiança filiais são grandes, permiti-me, sem

aborrecer-vos, que eu repita os meus temores, e peça uma graça a Vós que, como Mãe, não haveis de me negar.

"O temor que Vos apresento é que, como as pessoas desta terra são tão inclinadas à idolatria, aproveitarão essa ocasião para entregar-se àquela prática. A graça que Vos peço é que oculteis o meu nome, como Soberana e Senhora que sois, a fim de que Vós, bela Senhora, sejais glorificada, e eu sempre oculta. Dai-me outrossim, novamente, a vossa medida, para que eu acerte ao menos a vossa estatura, uma vez que será impossível exteriorizar vossas feições, ainda que vossa santa Imagem fosse trabalhada pela natureza angélica".

Respondeu a Rainha dos Céus:

"Filha querida de meu coração, agrada-me tua humildade; estás já perdoada de tua falta contra a obediência. Vai o quanto antes falar com o Bispo, e dize-lhe, de minha parte, o que te ordenei e te falei na vez passada. Apressa-te em mandar esculpir minha Imagem, porque o tempo voa e só dispõe de dois anos de vida o atual Bispo governante, escolhido para a sagração da Minha Imagem com os santos óleos e a colocação no lugar indicado.

"Dize-lhe, ademais, que em sua última agonia estaremos, Eu e tu, à sua cabeceira para ajudá-lo naquele transe. Se ele te perguntar como tu te encontrarás ali, dirás que para Deus e Sua Mãe Santíssima não há impossíveis, porque são donos absolutos de suas criaturas".

As aparições de Nossa Senhora do Bom Sucesso e a vida de Madre Mariana serão conhecidas no século XX

"A respeito de teu nome, comprazo-me com o pedido; farei como pediste. Dize, de minha parte, ao Bispo, que é vontade de meu Filho Santíssimo, e minha, que teu nome se oculte a todo custo, tanto dentro quanto fora do claustro, porque no tempo atual convém que ninguém se dê conta de como e de onde veio o plano de se fazer a Imagem, porque este conhecimento está reservado ao público em geral no século XX.

"Naquela época a Igreja encontrar-se-á combatida pelas terríveis ondas da seita maçônica, e a pobre pátria equatoriana agonizante, pela corrupção dos costumes, o luxo desenfreado, a imprensa ímpia, a educação laica; e campearão os vícios de impureza, a blasfêmia e o sacrilégio naquele tempo de depravada desolação, calando-se quem deveria falar.

"Mas saibas, filha querida, que quando no século XX se publicar o teu nome, muitos não acreditarão, exigindo o que Deus não quer. Minhas filhas — e tuas — desse tempo com tal sofrimento darão a meu Filho Santíssimo e a mim, um concerto melodioso de humilde e silencioso padecer. O Esposo Divino, e Eu, sua Mãe amorosa e tu, do Céu, acompanhá-las-emos e guiá-las-emos pelo reto caminho que conduz ao Paraíso, e o que mais ferirá a essas diletas filhas será a dúvida de suas próprias irmãs, que aumentará seus padecimentos mas também seus merecimentos.

"A crença singela e humilde da verdade de minhas aparições a ti, minha filha predileta, fica reservada para as almas dóceis às inspirações da graça, humildes e fervorosas, porque nosso Pai Celeste comunica seus segredos aos simples de coração, e não àqueles corações inflados de soberba, presumindo-se que não possuem ou enfatuados com a vã ciência".

Nossa Senhora Se deixa medir novamente

"Não te preocupes com as feições de minha Imagem, porque sairá como eu quero, para os altos fins a que está destinada.

"Dá-me agora a extremidade do cordão que trazes em tua cintura, símbolo da pureza da esposa de Jesus Divino, para aplicá-la Eu mesma na minha fronte; tu, com a outra extremidade, tocarás a ponta de meu pé direito, e terás a medida de minha estatura marcada no cíngulo e cordão. E, sem exigir mais provas à tua Mãe do Céu, que agora te fala, manda fazer a minha Imagem".

Neste instante, a humilde religiosa, cheia de confiança e de amorosa gratidão à Virgem Santíssima, tirou o cordão que trazia na cintura e ofereceu uma das extremidades à sua Santíssima Mãe, enquanto ela punha a outra na ponta do pé de Nossa Senhora. O cordão esticou como se fosse elástico, até alcançar a altura da Rainha do Céu e da Terra.

Quando ergueu os olhos para contemplar a fronte de sua Mãe, viu o Divino Menino, em pé, segurando a extremidade do cordão que tocava na fronte de sua Divina Mãe, e fitando-A com amor de Filho, comprazido com a pulcritude desta Criatura, a quem havia adornado com todas as graças, dons e virtudes, para fazê-La sua Mãe eleita. Estendendo sua gentil mãozinha, entregou o cordão a Madre Mariana, dizendo:

"Amada esposa minha, aqui tens a tão desejada medida da estatura de

minha Mãe Santíssima. Conserva-a com veneração neste teu cordão. Quero que em todos os séculos se meçam as muitas esposas que aqui terei. A medida já esta dada.

"Sabes de que modo quero que se meçam? Escuta. Medirão sua humildade, seu silêncio, sua caridade, sua tolerância, seu amor a Mim e à minha Santíssima Mãe, em cujo espelho deverá todas mirar-se. E como cristãs, e mais ainda, como religiosas, quero que tenham meu espírito em todos os atos da vida. Meu espírito de paciência, de mansidão, de abnegação e de entrega total ao divino querer, servindo a Mim com aplicação e desinteresse, deixando mesmo sua felicidade eterna entregue à amorosa vontade de meu Coração divino.

"Para que Tu tenhas minhas delícias com as almas religiosas, minhas esposas tão queridas, fico oculto sob os acidentes de pão no Sacramento da Eucaristia, exposto à irreverência e profanação de meus inimigos. Se eles me atormentam muitas vezes dou-me por satisfeito com os desagravos amorosos destas almas tão diletas, com quem vivo debaixo do mesmo teto, recebendo seus carinhos e vivendo nelas através da dor, em todas as modalidades.

"Que lhes importa viver aqui na terra em obscuro esquecimento e abjeção, quando no Céu seus nomes reboarão entre o imenso número das filhas de minha Mãe Imaculada? Nestes primeiros séculos, quero que teu nome permaneça oculto assim como permanecerão em todos os séculos os nomes das almas heroicas, esposas minhas, que viverão neste Mosteiro para ajudar-Me a suspender o braço da Justiça Divina, pronto a descarregar-se sobre esta ingrata terra".

O Menino Jesus introduz uma cruz de ouro no coração de Madre Mariana de Jesus

"Quero dar a ti — e, em ti, a todas as religiosas fiéis que viverão neste Mosteiro até o fim dos séuclos — esta pequena cruz de ouro, símbolo dos padecimentos interiores e exteriores, insígnia com que se apresentarão em juízo no derradeiro dia de sua vida. Então Eu as reconhecerei como propriedade minha e as introduzirei no Céu, sua Pátria e lugar de eterno gozo".

E dizendo isto, o Divino Infante desceu do braço de sua Mãe Santíssima aos de sua esposa, Madre Mariana, e, abrindo-lhe o coração, introduziu nele uma cruz de ouro bem pequena, ornada com toda espécie de pérolas e pedras preciosas, cada uma reluzente como sóis.

E, cheio de complacência, voltou para o braço de sua Santíssima Mãe, a qual, depois de abençoar Madre Mariana de Jesus, desapareceu.

Ficou o coração da humilde religiosa inundado de amor de Deus e de alegria. Voltou a si, e encontrou-se com o cordão nas mãos e as Madres Fundadoras diante dela, perguntando-lhe se daria início ao Ofício Parvo. Ela dirigiu-se pressurosa ao seu lugar, e começaram todas o louvor matutino à sua Rainha e Senhora que, do Céu Empíreo, escutava comprazida, das filhas de sua Imaculada Conceição as fervorosas súplicas que com puro e reto coração lhe dirigiam.

As Fundadoras pedem o cumprimento urgente das determinações de Nossa Senhora

As Madres Fundadoras pressentiram algo de novo, e pediram a Deus e a sua Mãe Santíssima que as fizessem dignas de saber e contrihuir para o cumprimento da vontade divina. Com estas petições fizeram a oração mental da comunidade, e receberam a Sagrada Comunhão de regra, naquele dia.

Viram Madre Mariana de Jesus transformada como noutra criatura: era toda espiritual e amaram-na mais. Ouando tiveram em seus corações a Deus Eucarístico, foi-lhes comunicado que sua Superiora havia sido favorecida, naquela manhã, por sua Mãe Santíssima e por Ele mesmo, dando-lhe a medida da estatura de sua Mãe no cordão, para que ela mandasse esculpir a Imagem.

Elas deveriam animá-la para que agisse logo, porque o demônio queria impedir a fabricação da santa Imagem, por esse tempo, bem como ocultar nos séculos vindouros, pois o espírito das trevas percebia nisso um sério obstáculo para a realização dos seus planos de maldade neste Mosteiro e em tantas almas que se voltariam a Deus.

Veio a ocasião de falar com sua Superiora, e todas, à uma, perguntaram a ela o que o Senhor lhe havia revelado naquela manhã. Suplicaram que não lhes ocultasse nada dos favores recebidos de Nossa Senhora e de Deus. Madre Mariana de Jesus, com humilde simplicidade e confiança, relatou tudo o que se passou e mostrou-lhes o cordão, que as Madres veneraram com crescente amor. Elas estreitaram contra o coração essa joia, para elas de mais valor que todos os tesouros da terra; e suplicaram à Abadessa que, quanto antes, chamasse o Bispo e lhe revelasse todas as aparições, desde a

primeira até a última, daquele dia.

Frei Juan de la Madre de Dios Mendoza

Madre Mariana de Jesus falou, primeiramente, com seu diretor espiritual, um Frade Menor, chamado Frei Juan de la Madre de Dios Mendoza, dos mais nobres de Espanha e descendente da solarenga casa de Santiago de Galícia.

Religioso de grandes e relevantes virtudes, distinguia-se pelo amor à Nossa Senhora. Jamais A invocava por outro nome que não o de "minha Mãe Santíssima", e sempre que A nomeava era com abundância de lágrimas nos olhos. Amava as religiosas da Imaculada Conceição como filhas prediletas de Nossa Senhora e suas ternas "hermanitas". Quando se referia a elas em público, usava: "mis tiernas hermanitas, las ninas de la Limpia Concepción".

Este varão extático foi assistente provincial de São Paulo de Quito, na Colônia. Possuia o dom do discernimento dos es-píritos, e não havia pecador ou pecadora que resistisse à conversão ante suas mansas e doces admoestações.

Este frade, com o venerável Padre Jerônimo Tamayo, foram os que atenderam Madre Mariana de Jesus no tempo de seu inferno (Cfr. Tomo I, Cap. XXVII). Com Frei Juan de la Madre de Dios confessou-se a senhora Capitã, quando se converteu. Unidos os dois Sacerdotes em espírito, oravam e faziam penitência com Madre Mariana, para salvar a alma dessa pobre irmã, e conseguiram de fato arrancá-la das garras do lobo infernal.

Frei Juan faleceu em odor de santidade no ano do Senhor de 1636.

Ele, juntamente com Frei Francisco Angüita, assistiram a humilde Madre Mariana em sua morte. Enquanto ela agonizava, o Sacerdote, permaneceu junto ao pobre leito, de joelhos, com as mãos unidas e os olhos levantados para o Céu. Sua fisionomia denotava alegria e, no momento em que ela expirou, voltou a seus sentidos e com sorriso comprazido disse:

"A minha pequena irmãzinha já penetrou no Céu, dizendo-me que no ano seguinte segui-la-ei no dia da Purificação. Aleluia, aleluia!"

O Padre Jerônimo Tomayo foi religioso douto e cheio de virtudes. Andava tão absorto em Deus, que, muitas vezes, encontrando-se com seus

superiores, não os saudava, porque não os reconhecia. Morreu no ano do Senhor de 1628. Sua morte foi anunciada por Madre Mariana de Jesus, a quem este Padre votava paternal afeto e veneração, e, ao mesmo tempo, o respeito devido a uma santa.

Origem do "Cuadernón"

O Padre Frei Francisco Angüita foi quem escreveu a vida completa desta humilde e escondida serva de Deus. Testemunha ocular de sua vida e muito conhecedor de sua alma, escreveu com pluma ágil todos os favores que ela recebeu do Céu, os quais por serem muito contínuos parecerão incríveis às pessoas pouco versadas na vida sobrenatural. Mas a nós, religiosos que temos noção exata das intimidades da alma religiosa fiel, esposa de Jesus Cristo não os causam assombro, senão gratidão e amor a nosso bom Deus, cuja grandeza infinita encontra suas delícias e seus confidentes nos pobres e simples de coração.

Mas eu asseguro que, quem quiser achar heroísmo de santidade, encontra-los-á nos silenciosos recintos dos claustros, onde habitam seres angélicos, vítimas do amor divino, sob as mais diversas formas.

O Padre Francisco Angüita e o Padre Angel Francisco Perez, beneméritos religiosos de nossa seráfica família que viveram no tempo da Reverenda Madre Mariana de Jesus Torres e com quem muito trataram, eram os depositários das coisas íntimas de sua alma. Asseguram eles que Madre Mariana é uma santa do porte da insigne doutora do Carmelo e ainda com vantagens.

Felizes Sacerdotes, que tiveram a oportunidade de conviver com a invicta religiosa, de quem a seráfica família se honra de ter como filha, e eu de tê-la como irmã!

Eles, com hábil pena, escreveram a vida completa dessa santa Priora, e consignaram-na num grosso volume (conhecido como "Cuadernon"), guardado no Mosteiro de nossas irmãs concepcionistas de Quito, junto com o precioso Menino de marfim-vegetal que minha santa irmã possuía em vida, tendo-o trazido da Espanha, sua pátria-mãe, quando criança veio para esta Colônia.

Dois antepassados de mui grande virtude

Ao despedir-se dela, sua carinhosa mãe lhe havia presenteado essa preciosa imagem do Menino Jesus, como lembrança de seu carinho. A boa e virtuosa matrona guardara-a sempre com veneração, porteia herdado de um avô, de nobre estirpe, falecido na Província de Castela em odor de santidade.

Eram dois irmãos: Joaquim Álvaro e Santiago Álvaro.

Joaquim foi o avô de Dona Maria de Berriuchaoa Álvaro, mãe da ínclita Madre Mariana de Jesus.

Santiago foi um santo religioso beneditino, que padecia arroubos místicos em sua vida espiritual, varão de oração e penitências assombrosas e de profundíssima humildade. Tão hábil em toda arte, ele talhou, com suas próprias mãos, essa imagem do Menino Jesus, depois de um maravilhoso rapto no qual viu e afagou o Divino Infante reclinado nas palhas do presépio, numa noite de Natal. Fez também uma urna, em que depositou a imagem e ofereceu ao seu caro irmão Joaquim, proferindo estas palavras:

"Toma este precioso Menino, que será testemunha das heroicas virtudes de nossa bisneta em tempos longínquos".

Ao ver imagem tão preciosa, Dom Joaquim propôs a seu irmão Santiago de cinzelar um berço de prata o qual seria banhado de ouro e se incrustariam nele pedras preciosas e finas pérolas, que ele forneceria para a atavio da dita obra — coisa que aceitou com gosto o sábio, hábil e santo religioso.

Como já disse, Joaquim e Santiago eram irmãos, filhos do Conde Dom Santiago Álvaro y Vasconez e da Condessa Dona Maria Sola y Fernandez; senhores condes esses de nobilíssima linhagem e de grande fortuna.

Dom Santiago distribuiu a metade de seus bens aos pobres para fazer-se religioso. A outra metade dividiu em duas partes: uma destinada à conquista dos Santos Lugares; e a outra deixou a seu dileto irmão Joaquim. Pois, ao herdarem de seus pais a nobreza e a riqueza, herdaram ambos também as virtudes e o acendrado cristianismo.

Destes troncos deveria brotar o frondoso galho carregado de excelente frutos — a virgem concepcionista franciscana, Ma-riana de Jesus Torres, que a Colônia deveria encerrar em seus secretos seios, como joia de inestimável valor.

Prepara-se a conversa com o Bispo

Retomemos o fio da narração da vida de Madre Mariana de Jesus Torres, Abadessa.

No dia 3 de fevereiro de 1610, ela falou com seu Padre diretor, Frei Juan de la Madre de Dios Mendoza. Este religioso espanhol era de nobre ascendência, mas viveu escondido neste país, ocultando seu sobrenome e fazendo-se chamar apenas por Frei Juan de la Madre de Dios.

Varão enlevado, humilde e penitente, fugiu sempre das dignidades, tão ambicionadas pelos espíritos débeis e escassos de virtude. A duras penas conseguiu-se, através da obediência, que aceitasse ser assistente provincial de São Paulo de Quito, em 1605.

Sábio e versado nos caminhos da vida espiritual, este religioso orientou durante muitos anos Madre Mariana de Jesus, que lhe confiava toda sua alma. Cada graça que esta humilde religiosa da bondade misericordiosa de Deus recebia eram outras para esse frade também outras tantas luzes divinas. Amava Madre Mariana de Jesus como filha muito dileta de Nossa Senhora, e privilegiada esposa do Cordeiro Divino, que se apascenta entre lírios e açucenas.

Ele voltou a fazer novas perguntas e disse-lhe para, junto com sua Comunidade, rezarem todo aquele dia na intenção do bom desfecho desse assunto tão importante — a escultura da Imagem — não só para o Convento da Imaculada Conceição, mas também para a Igreja em geral, para a Colônia e para tantas almas que, por este meio, se voltariam até Deus e se salvarão.

Madre Mariana comunicou tudo as Madres Fundadoras, e com toda a Comunidade rogaram ao Pai das luzes e Deus de todo consolo que resolvesse, como lhe aprouvesse e fosse de Seu agrado e vontade, assunto que era todo seu.

O Padre, por seu turno, encerrou-se na cela, qual anacoreta, no deserto de seu convento, e passou todo aquele dia em oração, adentrando-se pela noite com exercício da mais austera penitência, exalando preces exigentes e humildes, ao pé do Sacrário, onde, vivo e glorioso, habita o Deus três vezes santo.

Às três horas da manhã perdeu o uso dos sentidos. Ali permaneceu ajoelhado, as mãos no peito, os olhos fixos no Sacrário. Depois de hora e meia, voltou a si cheio de gozo e santos transportes de amor, e preparou-se para a

celebração do santo sacrifício da Missa. Começou a oficiar, faltando quinze minutos para as seis horas; de seus olhos transbordavam mares de lágrimas, que iam molhar o altar. Parecia um Serafim. Poder-se-ia pensar que o nosso Seráfico Pai, ordenado Sacerdote, tivesse vindo a Colônia celebrar em seu convento.

Terminada a Missa, após uma longa ação de graças, já livre das ocupações deseu convento, dirigiu-se ao Mosteiro da Imaculada Conceição para tratar com Madre Mariana de Jesus, a qual havia também rezado e feito penitências austeras, segundo as mesmas intenções.

A santa religiosa foi até o confessionário falar com seu diretor, o qual lhe perguntou o que havia feito no dia e noite anterior, sendo-lhe dada conta exata de tudo.

Algumas novas revelações

Depois de ouvi-la com atenção e silêncio, o Padre abriu seus lábios e disse: "Filha e irmã minha, como daremos graças a Deus Todo-Podcroso por tantos benefícios que graciosamente recebemos do amor de seu Santíssimo Coração? Em minha oração, às três horas da manhã, saí dos meus sentidos e vi a Rainha do Céu e Mãe minha, tal como apareceu a Vossa Reverenda. Manifestou-me sua vontade, de que se mande trabalhar a santa Imagem o quanto antes, revelou-me os fins que nisto visa Deus até o último dia dos tempos, e os bens e graças que receberão as almas com esta devoção.

A Santíssima Trindade confirmou o desejo de minha Rainha, assegurando que serão benditos de Deus todos aqueles que, com seu empenho e seus recursos, concorrem para a execução da santa Imagem, bem como todos os que se aplicarem na propagação de sua devoção em todos os séculos, fazendo conhecer sua origem e aparições no século XX. Época em que haverá uma grande corrupção de costumes, e esta devoção será a salvaguarda desta terra, nesses tempos, quando já não for mais Colônia, mas república livre e libertina. Choremos, rezemos e façamos penitência para que não dure muito tempo. Madre, Deus quer isto de nós — isto Ele nos pede.

“Não tomarei mais tempo a Vossa Reverenda. Vou-me embora para pedir a Nosso Senhor Sacramentado que dê unção às palavras de Vossa Reverenda e docilidade ao Bispo. Mande chamá-lo imediatamente e exponha com simplicidade e clareza, como o fez comigo. Conte todas as aparições e responda a todas as perguntas que ele fizer. Voltarei amanhã para saber o resultado da conversa com o Bispo, e ver se posso ajudar em algo". E dando

a benção, este bom Padre voltou ao seu convento.

* * *

Havia ele trazido em sua companhia o Irmão Frei Pedro de la Concepción, que rezava e a tudo ouvia, enquanto conversava o Padre com Madre Mariana. A saída, Frei Pedro disse:

"Padre, bem falou vossa paternalidade. Daqui a um ano já teremos consagrada com o Sagrado Óleo a prodigiosa Imagem de nossa Rainha, que ficará formosa. Eu devo ajudar com minhas orações em trabalho tão esplêndido, feito não por mãos de homem mortal, mas por nosso Seráfico Pai São Francisco e pela ação sobrenatural dos três Arcanjos.

Ouando pregardes na novena de preparação à consagração desta santa Imagem, tornai patente aos fiéis a bondade de nossa Rainha para com os simples de coração, aos quais Ela trata com tanta familiaridade. O mundo em geral não tem uma fé viva no amor maternal de nossa Rainha, e por isso não A ama".

— Capítulo II —

MADRE MARIANA DE JESUS FALA COM O BISPO DOM SALVADOR DE RIBERA. — DE COMO SE DEU A ORDEM PAPA SE FAZER A SAGRADA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO

Madre Mariana de Jesus avisou às Madres Fundadoras toda a conferência que tivera com o Frei Juan de la Madre de Dios. Elas esperavam ansiosas a solução deste assunto, que tanto lhes interessava. Contentaram-se sobremaneira e insistiram para que ela chamasse o Bispo, se não quisesse comprometer a consciência, indo contra a vontade de Deus e de Maria Santíssima.

A Madre enviou incontinenti uma carta-bilhete ao Bispo, na qual manifestava a necessidade urgente de falar com Sua Excelência, se possível, naquele mesmo dia.

O Bispo estranha hesitação de Madre Mariana

O Bispo, ao reconhecer a letra de Madre Mariana, julgou tratar-se de novas perseguições contra ela. Exclamou: "Meu Deus! Esta angélica criatura sofre inocentemente! Vou atendê-la: ajeito as coisas e a mando de volta para a Espanha com as demais Fundadoras, avisando ao Rei quem são estas

espanholas e pedindo que ele extinga a fundação deste Convento da Imaculada Conceição, onde insubordinadas vivem as 'criollas'". E encaminhou-se apressadamente ao Convento.

Chamou a Madre Abadessa, a qual lhe disse que desejava falar no confessionário. O Prelado aquiesceu e dirigiu-se até lá, onde sua primeira palavra foi:

"Madre, que há de novo? Creio que outra vez se levantou forte perseguição contra Vossa Reverenda da parte das 'criollas'. Desta vez não as tolerarei e acabarei com elas".

— "Não, Excelência — respondeu Madre Mariana de Jesus — todas as minhas irmãs são anjos da paz, não há razão de sofrimento por parte do Convento; louvo a Deus e a Maria Santíssima que me pôs junto a almas tão justas e dóceis em tudo.

A premência de falar com Vossa Excelência se deve ao seguinte..." E lhe revelou todo o ocorrido na última aparição de 2 de fevereiro.

O Bispo ouvia atento e maravilhado; e disse:

"Madre, por que Vossa Reverenda não me chamou antes? É Deus quem assim dispõe e não devemos ficar surdos à sua voz e aos seus apelos. Ele é livre para pedir a suas criaturas o que Lhe prouver".

Mas profundos suspiros saíam do fundo do seu coração: "Madre, — acrescentou ele — duro é saber que breve vou morrer. Que são dois anos? Se fosse possível alcançar do Senhor que dilatasse minha existência, quão bom me seria! Peça Vossa Reverenda esta graça para seu Prelado. Ele tomará as providências sem pertinentes para dar cumprimento ao querer divino. Entrementes, peça muito a Deus por mim; recomende o assunto ao Divino Espírito; faça uma novena com a Comunidade. Eu, de minha parte, farei a novena, depois da qual voltarei a falar com Vossa Reverenda, para solucionar definitivamente o caso".

Assim o fez Madre Mariana de Jesus.

Primeiras providências

O Bispo ficou muito impressionado. Durante os nove dias não nutriu a menor esperança de viver mais de dois anos, e cuidou de sua viagem para a

eternidade, quando havia planejado viajar a Espanha dentro de três anos, a fim de descansar de tantas fadigas e incômodos de seu múnus pastoral. Reconheceu suas imprudências no governo da Diocese e decidiu emendar-se.

Ao cabo dos nove dias voltou a falar com Madre Mariana de Jesus, ocasião em que fez muitas perguntas, variadas e capciosas, para ver se em algo ela se contradizia e que espírito a animava. Cada resposta desta humilde religiosa constituía para ele uma torrente de luz, através da qual discernia o espírito de Deus. O Prelado conheceu uma vez mais a grande inteligência que o Senhor havia concedido a essa alma santa, e pediu-lhe conta de todas as graças e favores que o Senhor lhe prodigalizou ao longo de toda sua vida. Madre Mariana de Jesus, dócil e obediente, lhe comunicou tudo.

Acabando de ouvi-la, disse o Bispo: "Madre, reconheço que Vossa Reverenda sofreu injustamente aquilo que por justiça deveria sofrer um grande pecador. Confesso que eu não o teria suportado".

- "As penas, Excelência, — respondeu Madre Mariana — e as humilhações injustas são joias de valor inestimável que Deus põe em nossas mãos, para que com o preço delas compremoa o Céu — por que recusá-las? Jamais me queixarei de meus sofrimentos passados. Somente no caso de ver que meu Convento se estiola, aí então lembrarei a Deus os meus sofrimentos passados, manifestando que sofri em silêncio e com paciência, para conservar o Mosteiro até o último dia dos tempos. Do contrário, jamais os mencionaria, pois tenho certeza de que os mereci e com eles agradei a Deus".

Ao ouvir o Bispo raciocínio tão inesperado, conheceu mais uma vez que ela era uma alma muito grande. E disse: "Maduramente refleti, Madre, acerca da feitura da santa Imagem. Faça Vossa Reverenda conforme pediu a Rainha do Céu. As chaves de prata, mandarei fazê-las a minhas expensas e ordenarei que se coloque, na abertura das chaves, uma cruz, uma vez que sem ela não se abrem as portas do Céu, para nele penetrar. Mas minha impressão é grande ao ver que meu fim já está próximo".

Madre Mariana respondeu: "Viver no árido deserto da vida mortal não é viver, Excelência. Deixai esta vida mortal e voai às regiões da eternidade. Ânimo, valor! Ponde em ordem vossa alma em relação a Deus e dormi tranquilo o sono dos justos, para despertar na ressureição geral! Nós não vos esqueceremos em nossas orações. E eu no Céu vos aguardarei, pois embora deva morrer muito depois de Vossa Excelência, subirei antes ao Céu".

O Bispo despediu-se com sua benção, dizendo-lhe que o procurasse com inteira confiança em tudo que necessitasse para a grande obra pedida por Nossa Senhora. Rogou que não o olvidassem nas orações do Convento,

ao qual votava tanto afeto.

* * *

Tendo o Bispo se retirado Madre Mariana de Jesus mandou chamar seu diretor espiritual. Veio o Padre — acompanhado na ocasião pelo irmão Frei Pedro de la Concepción — e ela o pôs ao corrente de tudo que havia pouco se passara.

O Padre deu graças a Deus com lágrimas de ternura, e disse a ela: "Madre, mãos à obra! Hoje mesmo mande chamar o Sr. Francisco del Castillo para dar início à obra pedida por minha Mãe Santíssima. É ele um bom católico, de consciência delicada, que ama a Deus e a minha Rainha Imaculada. Eu os confesso, a ele e a esposa; por isso conheço a virtude que ambos possuem.

Frei Pedro de la Concepción manda recomendações a Vossa Reverenda e manda dizer-lhe que não perca tempo; ele e eu ajudaremos a obra com a oração e com o que pudermos e estiver ao nosso alcance".

Despediu-se o bom Padre, dando a bênção.

Madre Mariana de Jesus narrou tudo as Madres Fundadoras.

O escultor recebe a incumbência de fazer a santa Imagem

No dia 5 de fevereiro do ano de 1610, mandou a santa Priora chamar o Sr. Francisco del Castillo, que sem tardança se apresentou, e pondo-se às ordens dela, disse: "Madres, em que posso servir ao Convento da Imaculada Conceição?"

"Senhor — replicou Madre Mariana de Jesus — ciente de que o Sr. é antes de tudo bom católico, e depois hábil escultor, quero confiar-lhe uma obra mui especial que requer um aplicado esmero".

— "Qual será, Madre?"

— "Saiba que queremos fazer esculpir uma Imagem da San-tíssima Virgem Maria sob a invocação tão consoladora do Bom Sucesso. Não como aquela que se venera na Espanha, mas do Bom Sucesso nesta Colônia. A Imagem deverá ter feições celestiais, semelhantes às de nossa Mãe Santíssi-

ma que está no Céu, em corpo e alma. Esta não será uma Imagem qualquer: deverá ter vida. A medida darei eu, pois a Imagem terá a estatura exata de nossa Rainha no Céu.

Enquanto a Superiora assim falava, sentiu o artesão um quê inefável na alma, e seu amor a Deus e à Santíssima Virgem crescia rapidamente, com veementes desejos de melhor servir-Lhes e de morrer para contemplar face a face a beleza infinita de Deus e de Maria Santíssima.

* * *

Este homem era de nobre linhagem. Nasceu em Valadolid e vivia em Quito com sua mulher. Dona Maria Javiera Paredes. Ambos de morigerado costume e de provada virtude, amavam muito a Rainha dos Anjos e jejuavam em sua honra todos os sábados do ano, em conformidade com voto que fizeram quando contraíram matrimônio.

O Céu lhes concedeu apenas três filhos: Maria, a primeira, que depois de esculpida e consagrada a santa Imagem com o Sagrado Óleo, ingressou como religiosa no Convento da Imaculada Conceição de Quito, com o nome de Maria dos Anjos.

Francisco, o segundo, tornou-se franciscano e distingiu-se muito na devoção ao Santíssimo Sacramento e à Imaculada Conceição. Dotado por Deus de muitos talentos, foi enviado pelos Superiores a um dos conventos de Espanha, onde celebrizou-se como orador e homem de grande virtude.

Manoel, o último, uniu-se pelos laços do matrimônio, em Ouito, a uma moça nobre nascida na Colônia, e de grande virtude. Deste casal descende a família "del Castillo" que ainda hoje existe — e continuará a existir — nesta Colônia.

Eis a família do escultor que fez a santa Imagem, a qual parece em tudo coincidir com uma obra toda celeste. Era escultor afamado e muito procurado por causa de sua habilidade, honra-dez e delicada consciência.

* * *

Quando Madre Mariana de Jesus acabou de falar, o Sr. Francisco respondeu todo emocionado:

"Madre, eu não sei o que se passou comigo, nem posso exprimir o que palpita em meu coração. Creio bem que Vossa Reverenda sabe de algo divino, para ter falado assim a meu coração palavras de fogo. Nunca na minha

vida experimentei o que agora sinto ao tratar desta obra; e entretanto ela não é a primeira, nem será a última imagem que hei de fazer.

A medida da altura, quando Vossa Reverenda ma der, receberei com veneração, considerando-me ditoso por tal obra e grato por ter sido escolhido. De minha parte, esforça-me-ei do melhor modo: mas, feições celestiais, como são as da Rainha do Céu Empíreo, quem poderá transferí-los a um pedaço de madeira? Para isto Anjos devem vir, e, uma vez que se trata de obra tão extraordinária, quero também que seja numa madeira de todo especial, para que dure, se possível, até o último dia dos tempos".

Concluídos e entregues todos os serviços pendentes que anteriormente lhe tinham sido encomendados, ausentou-se de Quito em busca de madeira, tendo regressado com ela pelos fins de agosto. Falou então com Madre Mariana de Jesus e com as Fundadoras, e interrogado por elas quanto custaria a obra, respondeu: "Madres, tenha-me por muito bem pago — e até demasiadamente — pelo fato de haverem escolhido a mim e não a outro escultor para realizar esta obra. Entretanto, como são tão boas, peço e rogo que em suas orações nunca se esqueçam de mim. E que essas orações, por mim e minha família, se perpetuem com as sucessoras de Vossas Reverendas, assim como se perpetuará a santa Imagem a cuja escultura darei início no dia 15 de setembro depois de confessar-me e comungar, nesta Igreja da Imaculada Conceição, juntamente com minha esposa". E, de fato, assim o fez.

Entusiasmo no convento

As Madres Fundadoras, entretanto, sugeriram à Madre Abadessa que pedisse licença ao Bispo para que a santa Imagem fosse trabalhada no coro superior do convento, tanto por ter Ela aparecido ali, quanto porque escolhera aquele lugar para governar sua Casa.

Madre Mariana apresentou o pedido e os motivos ao Bispo, que atendeu com gosto. Determinou também que ele iria doar as chaves para a Imagem; a coroa seria presente do Cabido, que organizaria uma derrama, o báculo — tal qual foi visto numa das aparições — a própria Comunidade das Concepcionistas deveria providenciar, com a ajuda da Senhora Marquesa, que tanto afeto tinha pelo Mosteiro.

Com a resposta do Prelado, Madre Mariana de Jesus suplicou ao escultor que trabalhasse a santa Imagem no coro alto, com o que concordou de bom grado o Sr. Francisco del Castillo, o qual começou os seus trabalhos na manhã do dia 15 de setembro de 1610, depois de confessar-se e comungar

na Igreja da Imaculada Conceição e em companhia de sua mulher, pedindo a Deus luz e graça para fazer uma Imagem digna de sua bendita Mãe.

O escultor havia selecionado a melhor dentre as melhores madeiras que encontrara, após grandes buscas fora de Quito. Mas nem o peso do trabalho, nem as vergonhas que sofreu, foram penosos a esse bom homem e tudo dava por bem empregado.

Via-se o Sr. Francisco del Castillo durante a feitura da santa Imagem, como que transformado e não acontecia de nela trabalhar sem que seus olhos se inundassem de lágrimas.

Era de se admirar o entusiasmo reinante no Convento. As religiosas todas iam com frequência estar com o escultor para ver se havia algum serviço que pudessem prestar. As Madres Fundadoras acompanhavam sempre o trabalho. E todas se interessavam, ora levando algum instrumento necessário, ora recolhendo fragmentos de madeira, e outras coisas do gênero; e isto apesar de muitas ignorarem a razão de ser da Imagem. Só as Madre Fundadoras sabiam das várias aparições de Nossa Senhora. À Comunidade a Madre Abadessa disse apenas que era vontade de Deus e de sua Mãe Santíssima que se fizesse uma preciosa Imagem da Rainha do Céu e da Terra, sob a invocação do Bom Sucesso, a qual deveria ser colocada na sede abacial, sendo-lhe entregues as chaves da clausura e o báculo na mão direita, para reger e governar "in aeternum" a Comunidade. A Imagem traria o Divino Menino em seu braço esquerdo, para aplacar a Ira Divina e dar sempre e em todo tempo bons sucessos, não só ao Convento, mas a todos os povos que recorressem com fé e amor àquela santa Imagem tão vinda do Céu. E exortou a todas que orassem muito para a obra sair segundo o agrado de Deus.

O Bispo visitava pessoalmente a obra de vez em quando, e saía emocionado, pois tudo corria bem. Dizia ele: "Aplique-se, Madre Abadessa, até em seus detalhes ainda quando Vossa Reverenda não entenda de arte, mas vá indicando como esse senhor deve trabalhar. Que todas rezem muito porque lhes interessa em extremo".

A Marquesa oferece o báculo da Imagem

Ouando a Imagem estava da altura do cíngulo de Madre Mariana (era a medida dada pela Rainha do Céu e todas as monjas ajudavam a medir com crescente fervor apesar de desconhecerem a origem daquela medida), Madre Mariana chamou a Senhora Marquesa e lhe disse:

"Senhora, como sois muito boa comigo e solícita irmã, quero comunicar uma notícia que trará muita alegria ao vosso coração cristão e à vossa fervorosa aIma: convencida da vontade de Deus no Bispo meu senhor, determinamos fazer esculpir uma Imagem de Maria Santíssima, Rainha dos Céus e da Terra sob a consoladora invocação do Bom Sucesso para esta Colônia, mas diferente da santa imagem que com igual invocação se venera na Espanha.

Aquela porta o cetro de Rainha na mão direita. Esta terá o báculo e as chaves da clausura para reger e governar até o fim dos séculos esta casa, propriedade e fundação d'Ela. Terá no braço esquerdo o Divino Infante para aplacar sempre a Ira Divina e derramar graças e favores a todos os que recorrerem a Ela com coração contrito e humilhado.

As chaves, o Bispo meu Senhor as dará. A coroa será oferecida pelo Cabido, de acordo com o que me disse o Bispo. Quanto ao báculo, disse-me para mandarmos fazer com a ajuda de boas pessoas amigas do Convento.

E sendo, a Senhora Marquesa nossa maior amiga, decidi de comunicá-lo a vós, antes de qualquer outra pessoa, suplicando que me indiqueis com o que podeis contribuir, a fim de pedirmos o restante a outras boas pessoas amigas.

"Madre — respondeu a Senhora Marquesa — muitíssimo teria ficado ressentida se Vossa Reverenda não me tivesse avisado primeiro. Agradeço a sua atenção e carinho e digo que não consentirei em absoluto que ninguém mais contribua para o báculo da Imagem de minha celeste Mãe e Senhora. Eu fornecerei todo o material e mão-de-obra. Tenho o suficiente para isto, e ainda que não o tivesse, venderia meus haveres para mandar fazer o dito báculo. Peço só que Vossa Reverenda me indique como quer que se faça e nada mais. Eu me encarregarei de todo o resto.

Rogo também a Vossa Reverenda que deixe por minha conta as despesas da feitura da Imagem. Vou imediatamente chamar Francisco del Castillo, hábil escultor e muito bom católico, que fará uma coisa boa. Ele trabalhará em minha casa, sob as minhas vistas, e destinarei para esta finalidade um cômodo alto e mobiliado, com todos os serviços domésticos necessários".

Ao que respondeu Madre Mariana: "Deus Nosso Senhor re-compense sua largueza e devoção, com acréscimo, tanto em relação aos bens espirituais quanto aos temporais. Não esperava outra coisa da nobreza e piedade da Senhora Marquesa. Mas a santa Imagem já está sendo trabalhada pelo Sr. Francisco del Castillo no coro superior de nosso Convento, pois assim o

dispuseram as Madres Fundadoras e o desejou o Bispo, meu Senhor".

Quanto a escultura da santa Imagem, nada quer o Sr. Francisco del Castillo em pagamento, que se dá por muito bem pago por ter sido escolhido a ele, e não a outro, para tal obra, e também pelas orações que pediu à nossa Comunidade, e bem como às sucessoras nossas. A obra vai adiantada: já possui a estatura que a Rainha do Céu quis".

Replicou a Senhora Marquesa:

"Madre, o que ouço? Não voltarei para casa sem antes ver o porte dessa estatura. Meu coração não encontra calma dentro do peito, pois pressinto nisso algo de divino. Posso e devo participar das mercês de Maria Santíssima, posto que eu também me chamo Maria de Iolanda, filha e escrava da Rainha do Céu. Tenho o braço esquerdo inerte, em consequência de forte queda que sofri há três dias, numa dessas péssimas ruas da cidade, e eu quero voltar sã para casa. Mostre-me V. Revda. essa medida, que com este favor já serei muito bem paga pelo pouco que vou fazer!"

Pelo cíngulo opera-se um milagre

Madre Mariana de Jesus voltou com um dos cíngulos (por que ela possuía dois cingulos e dois cordões, com os quais medira a Rainha dos Céus em diversas ocasiões, conforme já temos narrado). Pôs em seguida o cíngulo nas mãos da Senhora Marquesa, que deu um grito de alegria e o comprimiu com ambas as mãos contra o coração.

Um momento depois como que voltou a si e disse: "Obrigada, Madre, por tanto favor. Devolvo-os agradecida".

A Priora recebeu o cíngulo e respondeu:

"A Santíssima Virgem retribua vossa fé e devoção, boa Senhora", e despediu-se.

Entrementes, o braço da boa Marquesa readquiria movimentos. Madre Mariana o havia percebido, mas não quis fazê-lo notar a dama, que, toda emocionada, retornou à casa sem se dar conta, nem se lembrava da fratura e das dores, mexendo o braço como se nada houvera acontecido.

Os criados, contudo se admiravam e diziam:

"O que se passou com a Senhora, que saiu má do braço e volta curada? A que santo a Senhora se recomendou?"

Neste ínterim chegou o médico para o exame rotineiro, mas, vendo-a sem faixas nem remédios, perguntou:

"Que é isto, Senhora? Hoje pela manhã estava medicada e enfaixada e agora nada tem?"

Só então a Senhora Marquesa deu-se conta do sucedido e respondeu ao médico:

"É verdade, senhor, que assim aconteceu. Mas fugiu-me do espírito a lembrança desta enfermidade e não me dei conta até o momento em que o senhor me fez notar. Veja que estou restabelecida, e esta cura repentina não atribuo senão à bondade maternal de Nossa Senhora, minha boa Mãe, a quem farei um pequeno obséquio com a Madre Abadessa do Mosteiro da Imaculada Conceição, religiosa muito santa, minha 'españolita".

O médico replicou:

"Senhora, certamente foi um milagre! Humanamente falando nada poderia curá-la desta forma. A enfermidade era grave e deveria estender-se por pelo menos três longos meses, acompanhada de veementes dores. Creio na virtude de Madre Mariana de Jesus Torres, porque aquela angélica criatura tem passado por grandes provas".

À tarde, a Senhora Marquesa voltou a falar com Madre Mariana de Jesus:

"Madre, bem antes de receber o pequeno obséquio, minha Rainha já me fez o pagamento. Saiba V. Revda. que me curei aqui esta manhã, quando estava tão má do braço: o mais interessante é que só fui me dar conta quando o médico chegou para fazer o tratamento. A Rainha do Céu não se deixa vencer em generosidade. Agora eu venho perguntar se o báculo deve ser de ouro ou de prata. A mim me parece que deve ser de ouro, pois tenho o suficiente para isto".

— "Mil graças, boa Senhora — retorquiu a Madre —, mas o Bispo, meu Senhor, disse que as chaves seriam de prata, banhadas de ouro".

— "Está bem, Madre, mas ao menos a estrela de rubi mandarei fazer de ouro. As demais pedras e pérolas finas, já as tenho prontas".

Isso se passou em fins de setembro de 1610.

* * *

A Senhora Marquesa procurou com muito empenho um ourives realmente hábil na arte, mas não encontrou quem satisfizesse. Por isso escreveu no primeiro dia de outubro à Espanha, onde residia toda a sua nobre e cristã família, que também era abastada.

Além disso a Senhora Marquesa tinha na Espanha numerosas posses que lhe proporcionavam considerável renda. Na Colônia ela possuía três casas, mas, por devoção ao Mosteiro da Imaculada Conceição, vivia nas suas cercanias. Tinha parentesco muito próximo com o Rei da Espanha. Gozava aqui de muitos privilégios e era sumamente respeitada.

Um pequeno parêntesis: a história do sapateiro injustamente condenado

Ainda que interrompa um pouco o relato da vida que escrevo, parece-me conveniente citar um fato dentre tantos que ocor-reram sob a influência desta dama para mostrar sua autoridade e valor.

Vivia um homem do povo, cristão e honrado, no bairro de São Brás, cujo ofício era de sapateiro. Sua mulher ganhava a vida fazendo comida para vender, ajudando assim o marido no sustento dos seis filhos.

Sucedeu um dia estar o nosso sapateiro a levar encomendas a algumas casas abastadas, quando cruzou por ele, como um raio, um homem que corria a toda a brida. Não conseguiu sequer divisar quem era e por isso correu atrás para ver se o reconhecia. Foi então surpreendido pela Justiça, que vinha no encalço daquele personagem, réu de cruel morte que acabara de dar a um homem, cortando-o em vários pedaços e espalhando seus membros em diversos lugares das cercanias.

Tomando-o pelo criminoso, prenderam-no indignados e conduziram-no às autoridades, que, inteiradas de tão atroz atentado, sentenciaram-no à morte imediatamente.

O pobre sapateiro protestava, chorava, jurava que não era autor de morte alguma. Contava com simplicidade para onde ia, por que correu, mas não acreditaram nele.

Chamaram seu confessor para que o atendesse antes de morrer. Era um Sacerdote agostiniano. O Padre, surpreso, disse "Que é isto, filho, tu, que sempre foste temente a Deus? Que te aconteceu?"

— "Padre, acusam-me do que não fiz e matarão um inocente. Lastimo, porém, por causa de minha mulher e filhos que ficarão mendigos, e por mim, que não sei sequer de que crime me acusam".

O Padre interviu junto às autoridades, mas não houve remédio. O infeliz iria morrer mesmo. O Sacerdote o confessou e o animou, lembrando-lhe o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu inocente pelos homens. Mas o desventurado respondia que Ele morreu pelos homens, é certo, mas morreu para nos redimir. — "Eu, porém, não vou redimir ninguém; pelo contrário, deixarei órfãos desvalidos. Tamanha injustiça clama ao céu".

A pobre esposa andava como louca de casa em casa, pedindo que a ajudassem e salvassem a vida de seu inocente marido. Bateu finalmente em casa da compassiva Marquesa. Relatou-lhe tudo e pediu que protegesse a inocência.

A Senhora Marquesa, que já sabia do caso, o qual a deixará horrorizada, perguntou: "Mulher, falas-me com verdade?"

"Oh, Senhora! — respondeu a atribulada mulher que falava amargurada e entre lágrimas — momentos antes meu marido já não estava mais comigo, pois passou trabalhando a noite inteira para poder entregar alguns serviços e obter com que pagar o aluguel do barracão, vencido há três meses. Nem tempo ele teria para produzir tal morte".

No dia da execução, a Senhora Marquesa dirigiu uma carta ao Presidente da Real Audiência, pedindo que suspendesse essa morte, porque a ela o assunto interessava.

O Presidente respondeu respeitosamente que não podeira atendê-la, pois a evidência já tinha sido estabelecida.

Ela replicou então ao Presidente, comunicando-lhe que iria escrever imediatamente ao Rei; com isto suspendeu-se a dita sentença. Ela, realmente, escreveu, sem delongas, ao Rei, no mês de novembro.

Enquanto isto, o pobre inocente continuava encarcerado e muito sentido porque o olhavam com desprezo, e receiava dia a dia ter chegada a sua

hora.

De como se resolveu o impasse

Nesse ínterim a Senhora Marquesa falou com Madre Mariana de Jesus a quem suplicou que rogasse muito a Nosso Senhor pelo caso, a fim de que se fizesse justiça a uma e outra parte: se o homem era culpado, devia pagar com a vida. Se era inocente, não podia deixar viúva e órfãos na indigência total.

Compadecida, a santa Superiora prometeu recorrer a Deus para que se manifestasse a inocência do pobre homem.

Nesta mesma noite entrou em agonia um artesão, acometido de cólica muito forte, e pediu confissão. Ora, levaram ao moribundo o mesmo Padre agostiniano que havia confessado o suposto réu.

E o enfermo acusou-se ao Padre como autor do crime, que, por vingança, longamente deliberada — ainda que injusta — praticara contra aquele pobre homem assassinado. Do pecado arrependeu-se quando o matou, e aumentou sua dor quando soube ter provocado a condenação de um inocente; e não sabia o que fazer em tão difícil transe.

Contou ainda o agonizante que fora nesse dia à Igreja da Imaculada Conceição ouvir Missa e pedir a Deus perdão e que lhe mandasse uma doença de morte, de modo a poder confessar-se e morrer tranquilo, e fosse libertado assim o inocente. Rogou ainda ao Padre que fosse a Autoridade Judiciária e lhe desse a conhecer que era ele o verdadeiro réu e, em consequência, ficasse livre quem injustamente tanto sofria.

O bom Sacerdote foi imediatamente ao Presidente da Real Audiência comunicando tudo quanto o culpado tinha autorizado que dissesse, pedindo a liberdade do sapateiro.

O Presidente ordenou aos juízes, à escolta que organizassem todo o aparato necessário para se proceder ao julgamento. Os juízes inteiraram-se de tudo e adiaram a sessão até a cura do doente. Este, porém, com boas disposições de alma, confortado com todos os auxílios da Santa Igreja, e pedindo perdão por todo o escândalo, morreu por volta das nove horas da manhã.

À noite, ao tomarem conhecimento do ocorrido, o Presidente da Real Audiência escreveu, ato contínuo, à Senhora Marquesa relatando o que

acontecera, e deu ordem de libertação do inocente.

Imediatamente o pobre homem saiu correndo até a casa da Senhora Marquesa. De joelhos deu-lhe graças por o ter livrado da morte. Narrou novamente como e por que andava por aquelas ruas, com o timbre de sinceridade próprio dos inocentes.

Ao ver isto, a boa Senhora disse: "Olha, homem, tu és muito pobre. Dou-te este dinheiro para que pagues o aluguel atrasado. Amanhã mesmo vou mandar desocupar uma de minhas casas para que nela passes a morar com tua mulher e teus filhos, sem nada me pagar. Exijo tão somente de ti e de tua mulher a freqüência aos Sacramentos e a suma honradez".

O homem agradeceu à sua benfeitora e correu até a casa onde estava sua triste esposa para comunicar-lhe o que se passara. Abriu a porta sem avisar e entrou correndo, encontrando a mulher com os filhos rezando o rosário por ele. Ao vê-lo, abraçou-o fora de si, e disse:

— "Filho, que é isto?"

— "Filha, — respondeu — agradeçamos a Deus e a Senhora Marquesa que é uma santa. Ela nos deu uma casa grande. Deu-me dinheiro para pagar os aluguéis já vencidos; amanhã mesmo devemos fazer o pagamento". E contou todo o modo através do qual havia sido revelada a sua inocência.

Mudaram-se logo para a casa oferecida pela Marquesa. E ela e seus filhos serviram-na fielmente até sua morte, legando-lhes ela uma boa fortuna.

* * *

Voltemos agora à feitura da santa Imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

A Senhora Marquesa escreveu a seus familiares na Espanha no dia primeiro de outubro dando a descrição de como queria que se trabalhasse o báculo com o maior esmero, pelo melhor ourives, e o mais rapidamente possível, sem ater a gastos.

Tendo sido avisada das providências, Madre Mariana de Jesus agrade-

ceu à Marquesa, dizendo-lhe que a Santíssima Virgem recompensaria esta generosidade.

— Capítulo III —

FAVORES INSIGNES QUE MADRE MARIANA DE JESUS RECEBE DE DEUS NOSSO SENHOR — DE COMO POR SUA ORACÃO NOSSO SENHOR CONCEDE UMA GRAÇA ESPECIAL AO SR. BISPO D. SALVADOR RIBERA

Enquanto na Espanha se lavrava o formoso báculo que a santa Imagem deveria levar na mão direita, eram feitas, em Quito, a coroa doada pelo Cabido e as chaves ofertadas pelo Bispo.

Certa noite — durando ainda a execução da Imagem — o Bispo D. Salvador de Ribera teve um sonho. Ele se viu acometido por uma violenta enfermidade, que em dois ou três dias o prostrou sem vida. Nessa última agonia veio à sua cabeceira Madre Mariana de Jesus Torres, que, com seus olhos azuis levantados ao céu, pedia misericórdia e piedade para seu Prelado, enquanto se o acusava de grandes faltas cometidas em seu governo. Conheceu quão tremendo era o juízo de Deus e, querendo alegar algo, nada encontrou. Nisso aproximou-Se a Santíssima Virgem, trazendo em suas mãos umas chaves de prata, e, ajoelhando-se no tremendo tribunal, disse:

"Este filho meu entregou-me as chaves da clausura do Convento de minha Imaculada Conceição, e portanto com estas chaves eu fecharei o tremendo Tribunal de Justiça para abrir a infinita misericórdia — pois estes são os rogos incessantes das filhas de minha Imaculada Conceição em favor deste meu servo.

E começou, então, um juízo com misericórdia, após o qual desfilou diante dele uma longa série de anos, que lhe era destinada para a purificação de sua alma no fogo da expiação antes de entrar no Céu. Viu também que nesse entretempo Madre Mariana de Jesus deixava a vida mortal e entrava no Céu antes dele, conforme ela mesmo lhe havia predito.

Sobressaltado de terror e de dor, o Bispo despertou dando um grito. Entretanto, não queria crer que estava vivo. E, para certificar-se, vestiu-se e começou a rezar o rosário, sua devoção predileta, que aprendera na Ordem de São Domingos, da qual se fez religioso professo em Lima.

Uma palavra sobre Dom Ribera

Entrou muito jovem na Ordem Dominicana, tendo-se tornado célebre por seus vastos conhecimentos em ciências eclesiásticas. Pela clarividência e perspicácia de seu engenho, ocupou várias cátedras não só dentro mas também fora do convento. Na sua comunidade exerceu todos os cargos elevados, gozando também da fama de insigne orador.

Nada disto, porém, lhe valeu no Juízo, porque são coisas que não contam aos olhos do Deus da Santidade e da Justiça.

Muito prejudicou Mons. Ribera a vaidade que nutria pela nobreza de sua família, o que o levou a pensar que em Quito só existia gente mestiça, ociosa e leviana, além de volúvel. Tinha os clérigos na conta de relapsos, e reputava os frades amigos das novidades. O resultado foi não ter amado a sua grei com esse amor de compaixão e de condolência sobrenatural, único sentimento que se assenta bem no coração de um Bispo. Em consequência, faltam-lhe o vinho de uma generosa caridade e o azeite da prudência para curar as chagas de seu povo. Seu zelo, como resultado, era duro e frio como o aço, o que, entretanto, ele não reconhecia.

Madre Mariana de Jesus, contudo, pessoa nobilíssima, ao mesmo tempo religiosa humilde e santa, penetrava o coração de seu Prelado. Quantas penitências e orações não fazia ela com o intuito de infundir-lhe luz e conhecimento adequado! Infelizmente já era tarde para emenda quando o Bispo caiu em si. Aquele sonho aterrador foi também um aviso salutar, e ocorreu no dia 15 de dezembro do ano de 1610, enquanto se trabalhava a sagrada imagem, como já se disse.

Nosso Senhor manifesta a Madre Mariana sua misericórdia para com o Bispo de Quito

Nessa mesma noite, Madre Mariana de Jesus rezava como de costume, depois dos exercícios penitenciais, diante do Santíssimo Sacramento, ilumi-

nado apenas pela tênue luz da lamparina que noite e dia arde ante o Deus da Majestade, que por amor a suas ingratas criaturas Se faz prisioneiro no estreito recinto do Sacrário, a espera da adoração e das carícias de suas almas prediletas, a quem Ele ama com especial vocação, para fazê-las partícipes no claustro, de suas dores e seus gozos.

Tal era Madre Mariana de Jesus rezando nessa noite, quando viu abrir-se o Sacrário e iluminar-se o recinto todo com claridade celestial. No meio dessa claridade contemplou ela a Santíssima Trindade presente na Hóstia, e o Verbo Divino, em sua idade perfeita, paramentado como Bispo e Pastor de sua grei querida, que lhe disse:

"Minha dileta esposa, quanto anseia meu Coração que os Prelados e Pastores sejam verdadeiros pais para com todos e cada um de seus filhos. Mas, ai dor! pois o vão comprazimento da ciência, nobreza e riqueza ofusca a mente dos Prelados, inclinando-os a fazer acepção de pessoas, derrubando por terra o grande edifício da Caridade Pastoral que deve alçar-se muito alto nos Pastores da Igreja, a quem entrego o cuidado das almas — todas, sem excetuar idade, sexo ou condição — que tanto Me custaram. A nobreza terrena não é senão fumaça de palha que se dilui na vasta região da eternidade na qual só tem valor a prática das virtudes e os deveres bem desincumbidos. Quantas vezes um pobre camponês, ignorante das ciências humanas, mas bom católico e cumpridor de seus deveres, têm mais glória no Céu que muitos sábios de alta condição que, envaidecidos com a nobreza, estudam os astros sem estudar-se-a si mesmos!

"Todas as almas, sem exceção, são seres nobilíssimos, saídos das mãos da Divindade, destinadas a um dia reinarem no Céu como Príncipes em suas possessões, porque, ninguém, afora os demônios, deixou de beneficiar-se com a Redenção. São filhos de um mesmo Pai, que está no Céu, e a cada um está designado um trono de glória, segundo a correspondência às graças que receberam para santificar-se, no estado em que à Divina Providência aprouve colocá-lo.

"Hoje Me vês revestido de Pastor e Bispo para manifestar-te o meu amor à minha grei querida, a humanidade em geral. E tratando-se em particular desta Colônia, que de tantos os modos sofre em decorrência das duras imprudências do atual Bispo; fazes bem por interessar-te pela salvação dele, porque sua dívida é grande.

"Foi, contudo, religioso da Ordem Dominicana, tão querida de minha Mãe Santíssima, onde aprendeu a melodiosa devoção do Saltério mariano (Rosário), mediante a qual a Justiça Divina não consegue resistir em perdoar os povos ou almas culpadas que a pratiquem com esmerada deligência;

o Bispo ama minha Mãe Santíssima, honra-A com o Saltério e o coloca em suas mãos quase onipotentes as chaves desta clausura por Ela tão amada. E por isso será olhado com misericórdia no dia de sua morte, que se dará no dia 24 de março de 1612, um ano depois de colocada neste coro a Imagem de minha Mãe Santíssima.

"Ele a consagrará com o Sagrado Óleo, a constituirá Superiora e Mãe desta minha Comunidade, a fim de conservá-la até o fim dos séculos, e para que neste Santuário todos os pecadores e almas atormentadas encontrem o perdão dos seus pecados, o consolo e o remédio de todas suas necessidades e atribulações. Para isso é que minha Mãe Santíssima quis tomar tão doce invocação do Bom Sucesso.

"Enquanto Eu te falo, esposa minha dileta, dou ao Bispo em sonhos uma graça e um auxílio. Ele sonha que morre repentinamente e se vê no Tribunal Divino para dar contas de seus atos e receber a sentença do fogo expiatório por longos anos, o que acontecerá realmente.

"Saibas que as orações das almas religiosas penetram o Coração de Deus, e obtém o que no mundo são impotentes. As filhas de minha Imaculada Mãe são sempre minhas preferidas, por serem muitíssimo atribuladas e perseguidas pela serpente traidora, a qual não logrará outra coisa senão fazê-las sofrer aqui na terra, mas cujos padecimentos serão meritórios para seu dia eterno.

"Minha Mãe Santíssima as ama com predileção e cuida delas com maternal amor. E como Ela é a Onipotência Suplicante, seus rogos em favor delas nunca são desatendidos. Roga, pois, tu, com tuas religiosas, pelos Prelados, pela Igreja e por esta culpada Colônia. Saibas que aqui vivo e viverei como as minhas mui amadas, que em nenhum tempo Me faltarão".

E proferindo estas palavras, esvaneceu-se a preciosa visão, e Madre Mariana de Jesus, restituída aos seus sentidos, com o coração repleto de amor de Deus e de seus semelhantes, con-tinuou rezando no coro até que sua fervorosa Comunidade chegasse para recitar à Sua Mãe Imaculada o Ofício Parvo, às quatro horas da manhã, segundo costume e promessa feita desde a fundação para durar até o último dia dos tempos. Esta devoção, que invisível sustenta o espírito religioso, atrai grandes bênçãos à cidade de Quito.

— Capítulo IV —

CHEGA DA ESPANHA O BÁCULO OFERECIDO PELA SENHORA MARQUESA. — COM MAGNÍFICO PORTENTO OS ANJOS CONCLUEM A SAGRADA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROM SUCESSO.

No dia 2 de janeiro do ano de 1611 chegou às mãos da Senhora Marquesa, em Quito, o belo báculo presente seu à santa Imagem, a ser oferecida no dia da consagração. Acompanhava-o uma presilha de ouro muito linda, em forma de pavoa, carregando no bico um pequeno cartão, também de ouro e adornado com pedras preciosas, onde se lia o monograma da Marquesa e a data "2 de fevereiro de 1611", dia em que deveria ser batizada e consagrada com o Sagrado Óleo aquela santa e veneranda Imagem com o nome de Maria do Bom Sucesso da Purificação ou Candelária.

A 9 de janeiro, a Senhora Marquesa foi ter com Madre Mariana de Jesus, levando o formoso báculo e a presilha. Ao abrir-se a porta regulamentar, entregou a Madre esses preciosos objetos, dizendo:

"Aqui tendes, Madre, o báculo prometido e este pequeno prendedor, para ser fixado no peito da santa Imagem, a fim de se conservar sempre a memória da Marquesa Maria de Iolanda, a menor das servas da Rainha dos Céus, lembrando as religiosas que morarem neste bendito claustro, toda vez que o virem, de elevarem a Maria Santíssima suas fervorosas e valiosas súplicas por minha alma.

"Oxalá pudesse eu fazer algo que enchesse a medida dos meus desejos, mas já que tão somente este pequeno obséquio me foi pedido, dou-o com a máxima boa vontade. Dotarei também nesse dia, com os patacões necessários, a cinco jovens que queiram abraçar o estado religioso neste bendito e querido Convento. Cinco dotes, em homenagem às cinco letras que compõem o nome de Maria Santíssima, minha Mãe. Posto que não mereço a ventura de ser monja, darei monjas a meu Convento".

Madre Mariana de Jesus recebeu em suas mãos tão valiosas quão preciosas jóias e trancou a porta em silêncio. Dirigindo-se depois à roda, suplicou à Senhora Marquesa que fosse ao parlatório, onde a aguardavam as Madres Fundadoras. Comprazida, a Senhora Marquesa subiu.

Madre Mariana, em companhia das Madres Fundadoras, foram falar com ela. Saudaram-na cheias de alegria e entre lágrimas agradeceram à sua benfeitora tamanha caridade. Madre Mariana de Jesus chorava, e a Senhora Marquesa, enternecida, também; e os Anjos, com gosto, haveriam de levar essas lágrimas ao trono da sua Rainha, para, em troca, trazer a essas boas criaturas a abundância de graças e a paz própria dos justos aqui na terra.

A Senhora Marquesa perguntou sobre o andamento da obra, e foi informada de que estava próxima de ser concluída, o que muito a contentou.

"Outro favor vos deveremos, Senhora — disse Madre Mariana —, é que vos digneis aceitar o encargo de ser madrinha da santa Imagem. Maria Santíssima, nossa Mãe, vos escolheu e pede vossa aquiescência".

Imediatamente respondeu a Senhora Marquesa: "Madre, que é que ouço? Não sou digna de tão alta honra, mas se minha Rainha me concede esta graça por meio de suas filhas queridas, estou pronta e vos agradeço. Então minha resposta é sim. E já o Céu tenho seguro, porque está em mãos da minha Afilhada e Ela mo dará... — Mil graças, mil graças", repetia ela.

No dia seguinte o Bispo foi ver a obra e a encontrou praticamente concluída. Muito lhe agradou o trabalho. Cumprimentou o artista e exortou-o a que esmerasse na última demão da pintura, para que a obra saísse digna da Mãe de Deus. Pois apenas faltava isso e a Imagem estaria terminada.

O Bispo se retirou, e o escultor disse às Madres que não havia mais o que fazer pelo momento no Convento. Para colorir a pele da escultura, nesta última demão iria pesquisar as melhores e mais finas tintas. E retornaria para executar essa operação — a mais delicada e que representaria quase tudo na grande obra trabalhada — no dia 16, depois de comungar.

Grande expectativa — louvor a Madre Mariana

As religiosas de tal modo regozijavam, que não podiam se conter. Diriam umas às outras: "Que felizes somos! A Rainha do Céu com seu Filho Santíssimo vai permanecer conosco, governando-nos. Pensemos agora,

mais do que nunca, em nos santificar deveras. Exemplo temos em nossa Abadessa, foi graças a ela por certo que a santa Imagem ficou tão perfeita".

Era ela — acrescentavam — quem ia indicando ao Sr. del Castillo as feições. Por indicação dela, o escultor refazia muitas vezes. A Madre é uma santa. — Basta recordar sua vida tão cheia de padecimentos incríveis, perseguições, cárceres e injustiças. E tudo isto sofreu com uma paz inalterável, sem abrir os lábios para queixar-se, menos ainda para murmurações. Vemos isso pelo seu modo de perdoar e de tratar com tanto amor e caridade a suas perseguidoras, sobretudo a pobre capitã, que deveu sua salvação à Madre Mariana: quanto ela fez para ganhá-la a Deus!"

Estes eram os temas das conversas entre as monjas durante aqueles dias, sem pensar noutra coisa. Cada uma esforçava-se por ser mais perfeita, e multiplicava as penitências e outros atos públicos de humildade no refeitório. Pediam a Deus que a última demão a ser dada pelo escultor saísse a melhor possível para que a Imagem de sua Santíssima Mãe fosse venerada em todos os séculos.

Chegou o dia 15.

"Madre, — disseram as monjas à santa Priora — amanhã ficou de vir o escultor para a conclusão da santa Imagem. Vamos rezar esta madrugada com redobrado fervor o Ofício Parvo, pedindo à nossa Santíssima Mãe que Ela mesma conclua a sua Imagem. Nossa Rainha é tão poderosa e tão boa, e jamais desampara as humildes súplices de suas filhas, sobretudo em se tratando de prestar-Lhe culto aqui na terra".

Respondeu a Madre:

"Ponderastes bem, minhas filhas. Pediremos isto com humilde insistência e far-se-á como queremos. Seu Filho Santíssimo está empenhado nisto e a Ele agradam nossas súplicas. Ninguém como Ele ama a sua Mãe Santíssima".

Os Anjos concluem a Imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso

No dia 16 de janeiro, bem de manhãzinha como de costume, levantaram-se para rezar o Ofício Parvo as fervorosas religiosas, cheias de santas emoções. Ao se aproximarem do coro, começam a ouvir melodiosas harmonias. Pressurosas entram no coro, e... — oh prodígio! O coro encontrava-se

todo banhado por uma luz celeste, ressoavam vozes de Anjos que, ao som de uma música celeste, entoavam com suave e arrebatadora harmonia o "Salve Sancta Parens".

A santa Imagem concluída estava pelos Anjos!

Do seu rosto partiam raios de vivíssima luz e se difundiam por todo o coro e igreja, tornando-se pouco a pouco mais suaves para que as religiosas pudessem acercar-se e contemplar muito de perto o prodígio operado por Deus, em favor do seu Convento e do povo em geral, através da conclusão angélica da santa e veneranda Imagem.

Aureolada por essa luz vivíssima, a fisionomia da santa Imagem não era severa, mas majestosa, serena, doce, amável e atraente, como convidando as suas filhas a se achegarem com confiança à sua Mãe vinda do Céu e dar o filial abraço de agrado e boas-vindas.

O Divino Menino era um primor. Seu semblante exprimia amor e ternura para com as esposas tão favorecidas de seu Coração e tão amadas de sua Mãe.

Os corações dessas felizes religiosas se derretiam com o fogo do amor e não sabiam como dar graças a Deus por tantos favores. Progrediram todas na vida espiritual e, recebendo luzes celestes no tocante à vocação, passavam a amar mais e mais a Deus e se empenhavam no cumprimento exato da regra, da observância regular e dos deveres particulares.

Nessa feliz manhã, cheias de amor reconhecidos a seu Deus e à sua Santíssima Mãe, recitavam com redobrado fervor o Ofício Parvo. Os Anjos do Céu certamente amparavam-nas durante o canto, porque tomadas por tais transportes de celestiais alegrias, humanamente falando, essas afortunadas monjas simplesmente não estavam em condições de cantar.

O escultor atesta ser a Imagem obra angélica

Na hora concertada, e depois de ter comungado, o Sr. Francisco del Castillo chegou ao Convento para dar a última demão à sua grande obra, provido das melhores e mais finas tintas que encontrou para aquele fim.

Madre Mariana de Jesus e as Fundadoras julgaram conveniente fazer o escultor entrar a fim de certificar-se do sucedido. Sem nada lhe dizer, introduziram-no na clausura.

Chegando ao coro, surpreendeu-se diante de tal maravilha e exclamou emocionado:

"Madres, que vejo? Esta primorosa Imagem não é obra minha! Não sei o que sente o meu coração: mas esta é obra angélica, pois um trabalho desse gênero não se pode produzir na terra com mão de frágil barro. Oh, não! Escultor aglum, por hábil que seja, poderá jamais imitar sequer tanta perfeição e tão peregrina beleza."

E caiu aos pés da santa Imagem, desafogando seu coração, por uma imundação de lágrimas que jorravam dos olhos, os seus sentimentos de fé e piedade, qual um verdadeiro católico o faz ante as maravilhas e grandezas de Deus.

Levantando-se em seguida, pediu papel e tinta para lavrar um testamento escrito, jurando não ser aquela bendita Imagem obra sua, mas dos Anjos, porque a encontrara acabada de outra maneira que não aquela deixada no coro superior deste Mosteiro da Imaculada Conceição seis dias antes, tendo se ausentado tão somente para buscar as melhores e mais finas tintas com a finalidade de voltar no dia 16 para, com elas, dar a última demão que faltava. Jamais havia visto — nem na Espanha, e em toda a sua longa vida, de já 67 anos — cor de pele igual à daquela milagrosa e bendita Imagem.

O Sr. Francisco del Castillo saiu do convento, todo emocionado, e pressuroso foi até o Bispo D. Salvador de Ribera e lhe contou tudo quanto ele havia feito para trabalhar da melhor maneira aquela santa Imagem; e que, uma vez acabada — conforme a viu Sua Excelência —, ausentou-se do Convento apenas para buscar as melhores e mais finas tintas para a última demão de encarne à sua grandiosa obra, e havendo entrado no convento para este fim no dia aprazado, eis que encontrou uma obra primorosa, mas não saída de suas mãos: nem a escultura, muito menos a pintura e a cor da pele. Que, ao ver tamanha maravilha, caiu quase inconsciente aos pés da santa Imagem, a qual, sem dúvida alguma, foram os Anjos que trabalharam e acabaram, como vassalos de sua Rainha. Acrescentou, por fim, que em assunto de tanta importância, pareceu-lhe dever este fato ser atestado através de juramento escrito, a fim de que consignado permanecesse através dos séculos, e fosse o documento guardado no privilegiado Mosteiro, do qual, se sempre lhe fora adicto, a partir daquele momento precisaria considerar-se servo. Estava disposto portanto a prestar seus serviços, da maneira que desejassem as Madres.

O Bispo impressionou-se em extremo, e levantando-se pressuroso disse: "Vamos, Senhor. Em sua companhia quero verificar com meus próprios

olhos a realidade, porque é verdade que eu também vi a obra há poucos dias e estou em condições de confirmar ou não o que viram os seus olhos e os das monjas".

O Bispo de Quito confirma o prodígio

E, tomando o caminho em direção ao Convento, num instante lá chegou. Chamou Madre Mariana de Jesus e disse-lhe que, acompanhado apenas do Sr. Francisco del Castillo, queria entrar na clausura para ver a obra, a fim de ordenar uma novena que precedesse a consagração do dia 2 de fevereiro, já tão próxima.

A Madra Abadessa e as outras religiosas abriram imediatamente as portas a seu Prelado que, acompanhado somente do escultor, penetrou na clausura e dirigiu-se ao coro alto, local onde se encontrava a referida obra.

Oh prodígio! Encontrou de fato a bendita Imagem modificada, conforme lhe dissera momentos antes o escultor, mas era muito mais perfeita do que se depreendia do relato do Sr. Francisco del Castillo. O coração do Bispo se comoveu tanto diante da prodigiosa Imagem de Nossa Senhora que, extasiado, ajoelhou-se a seus pés. Grossas lágrimas lhe corriam pelo rosto, e exclamou:

"Maria, Mãe de graça e Mãe de misericórdia, na vida e sobretudo na hora da morte, amparai-nos, Grande Senhora. Alcançai-me de vosso Santíssimo Filho, Senhora minha, que me conceda um tempo a mais de vida, porque dela tenho necessidade!"

Levantando-se em seguida, disse a Madre Abadessa para descer ao confessionário, onde queria falar-lhe sobre o modo com que se deveria fazer a novena, com vistas ao dia 2 de fevereiro seguinte. O Bispo pressentia que algo sobrenatural houvera entre Deus e aquela alma tão santa nessa milagrosa circunstância e queria saber.

Das coisas maravilhosas que Madre Mariana presenciou, quando por milagre a santa Imagem se concluiu

Madre Mariana de Jesus apresentou-se no confessionário, como sempre com aquela educação fina que possuía, com aquela doçura e simplicida-

de própria de sua grande virtude.

Disse-lhe o Bispo: "Que se passou. Madre, entre Deus e sua Mãe Santíssima, na mudança milagrosa da santa Imagem? Conte-me tudo como viu e ouviu, porque, como seu Prelado, tenho o direito de informar-me de tudo".

— "Excelentíssimo Senhor e Pai meu, — respondeu Madre Mariana — na oração da Comunidade da tarde do dia 15, preveniu-me Deus Nosso Senhor que, na madrugada do dia 16 eu presenciaria suas misericórdias em favor de nosso Convento e do povo em geral. Pediu que me preparasse para receber estas graças com a penitência e oração noturna.

Assim o fiz. E, quando, à meia noite, terminado o exercício da Via Sacra, entrei no coro, tendo-me posto em oração como de costume faço, vi o coro e a igreja se iluminarem com luzes ce-lestes. Meu espírito se perdeu nas imensidades de Deus, e o amor divino cresceu de repente em meu pequeno coração. Em seguida abriu-se o Sacrário e vi que na Santa Hóstia estavam o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Vi como se efetuou o sublime mistério da Encarnação do Vervo Divino no seio puríssimo de Maria Santíssima. Então, conheci o amor infinito das três Pessoas Divinas por Maria Santíssima, Senhora nossa, presente ali, tão formosa, bela e atraente.

Os nove coros angélicos aclamavam-na e a Ela rendiam homenagem como a sua Rainha e Senhora. A Santíssima Trindade punha toda sua complacência em tão formosa e santa Criatura, sem mancha do pecado original.

A um gesto da Santíssima Trindade, os Arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael colocaram-se diante do trono da Divina Majestade, preparados e prontos para alguma sublime embaixada. Eu não entendi o que lhes foi ordenado, mas vi que, inclinando-se numa profunda reverência, dirigiram-se para o trono da Rainha dos Céus.

São Miguel, saudando-A submisso, disse: 'Maria Santíssima, Filha de Deus Padre! E São Gabriel acrescentou: 'Maria San-tíssima, Mãe de Deus Filho! E São Rafael: 'Maria Santíssima, Esposa Puríssima do Espírito Santo!

E, convidando a milícia celeste, cantaram todos juntos: 'Maria Santíssima, Templo e Sacrário da Santíssima Trindade'.

Num instante, mais céleres que um raio, estava a Augusta Trindade no coro, onde se encontrava a Imagem por acabar e iluminaram-na com resplendores paradisíacos.

Nisto apareceu meu Seráfico Pai tão belo: de suas chagas reluziam raios

celestes que sem ferir a vista, atingiam o coração e o transportavam às regiões do Céu. Acompanhado pelos três Arcanjos — São Miguel, São Gabriel e São Rafael —, seguidos da milícia celeste, aproximaram-se da Imagem semi-concluída do Sr. Francisco del Castillo e num instante a refizeram.

Não tive luz para perceber como se opera essa transformação instantânea, mas ficou tão linda, como a viu V. Exa.

Em seguida meu Seráfico Pai tirou o cordão branco que trazia em sua cintura e cingiu com ele a cintura da santa Imagem, dizendo com amor e reverência:

'Senhora, entrego a vosso maternal amor os meus filhos e filhas das três Ordens que fundei e peregrinam no mundo. Entrego hoje e para sempre este meu Mosteiro edificado sob os meus cuidados. Tempos nefastos, de carestia e fome espirituais, virão sobre ele, retirando-se meus filhos por longo período. Durante essa ausência, sêde Vós a vida seráfica de minhas filhas que, nessa desgraçada época, povoarão estes claustros. Haverá bastardas — é certo — mas não serão felizes senão na aparência; no fundo não terão virtude, convertendo-se em afiados instrumentos para lavrar e polir as minhas verdadeiras filhas. Para estas, a minha benção e vosso amparo; para as outras, justiça no fim'.

Colocado o cordão na santa Imagem, meu Seráfico Pai se retirou.

Entrementes, a Imagem estava totalmente iluminada como se estivesse no meio do sol. A Santíssima Trindade olhava comprazida. Os Anjos cantavam o 'Salve Sancta Parens'.

A Rainha dos Anjos, no meio destas alegrias, achegou-se a Imagem e nela penetrou, à maneira de raios do sol que incidem em formosos cristais. Naquele momento a santa Imagem adquiriu vida e cantou com celestial harmonia o 'Magnificat'! Isto aconteceu às três horas da manhã".

"Ai das religiosas relapsas no século XX!"

"Vi então a minha Madre Fundadora Maria de Jesus Taboada, que ali comprazida estava, a olhar amorosa e reverentemente a santa Imagem. Volveu seus olhos para mim e disse:

'Minha filha, felicito-te pelas grandes graças que a bondade divina ora concede a ti e ao meu Convento. No tempo infausto da separação dos Me-

nores, um tal apoio e sustento será realmente necessário para que não se acabe este meu Convento, por mim fundado à custa de grande trabalhos e sacrifícios, como bem sabeis. Séculos transcorrerão, mas os Menores voltarão a ter jurisdição sobre ele. Enquanto esse dia não vier, as amarguras e as lágrimas serão o pão quotidiano de minhas boas filhas que habitarem estes claustros. A todas conheço e abençôo; escritos estão seus nomes no Coração de Deus e de Maria Santíssima, e no meu coração. Elas deitarão empenho por serem boas no meio de tempos estorvos à sua perfeição, e seus esforços serão benditos por Deus, que lhes recompensará com abundância.

Haverá também as filhas bastardas, que com hipocrisia simularão virtude, disfarçando no fundo um secreto orgulho.

Ai delas no século XX! Cerrando fileiras, quererão deixar de observar a Regra de Julio II, sob a qual fundei este meu Mosteiro, a pretexto de fingido rigor, quando de antemão já terão abandonado o Ofício Parvo matutino e outros tantos costumes santos, que são o sustentáculo do edifício espiritual.

Repito: ai daquelas, por cuja causa se derem estas coisas. Aflitas se verão no tremendo juízo de Deus, diante de Quem só é válida a virtude sólida, permanente e combativa, adquirida à força de renhida luta, travada debaixo do olhar santíssimo de Deus que vela pelas almas valorosas. Triunfarão na alegria, aquelas que, com valor e fortaleza, não desfalecerem na fiel observância de suas regras e constituições; suas lágrimas, derramadas na presença de Deus e de sua Mãe Santíssima, que do Céu os governa e cuida, os Anjos as recolherão e apresentarão ante o trono de Deus: serão de um valor imenso porque unidas aos padecimentos do Esposo celeste.

Ademais, por essa época sobrevirão grandes calamidades no povo. As orações das religiosas fiéis serão poderosas para sustar o braço da Justiça Divina.

São agora três horas e meia da manhã, vá logo ao dormitório, chama tua Comunidade, e vinde rezar o Ofício Parvo!

Voltei aos sentidos neste instante. Vi a santa Imagem belíssima, cheia de luzes como se estivesse no meio do sol.

Saí para despertar a Comunidade, sem contar-lhe absolutamente nada. Dali a pouco tempo subíamos ao coro para rezar o Ofício Parvo, ocasião em que presenciaram todas as melodias angélicas, entoando o 'Salve Sancta Parens', e tudo o mais, até a chegada do Sr. Francisco del Castillo, o qual, vendo tantas maravilhas, não reconheceu sua obra, declarando que era trabalho de inteligências angélicas, e deixou-nos por escrito e assinado o solene

juramento visto por V. Exa., e que se conservara para perpetuar e atestar a memória do ocorrido através dos séculos".

A vida de Madre Mariana será conhecida no século XX

"Este documento, bem como outras preciosidades, serão escondidos por minhas sucessoras num armário, embutido nalguma parede do meu Convento, por ocasião dos tumultos públicos de guerra, quando esta Colônia procurar fazer-se república livre. Elas temerão perder estas preciosidades porque não terão luz para compreender que ao meu Convento ninguém poderá fazer mal.

Por um lado, Excelência, isto será conveniente, porque minha vida deverá sair a lume no século XX. As outras coisas serão conhecidas quando voltarem os Frades Menores, a não ser que, com humildade, se faça violência ao Céu por encontrar, para guardá-las como preciosos tesouros neste meu Convento. Sem essa intenção, nenhum recurso humano será bastante para descobri-los".

O Bispo escutou todo o relato com lágrimas nos olhos e santas emoções. Perguntou a Madre: "Porque diz V. Revda. que escreverão sua vida e dela tomarão conhecimento no século XX?"

— "Porque minha pessoa e nome — respondeu Madre Mariana — são inseparáveis da aparição de Nossa Senhora do Bom Sucesso; e isto deve constar para certificar a verdade naqueles tempos de muita decadência da fé. No momento atual não convém transluzir nada em vista da propensão do povo à idolatria".

— "Madre, acrescentou o Bispo, parece-me ter ouvido que esta Colônia se tornará independente da Espanha, ficando república livre. Como assim?"

— "Excelência, isto ocorrerá depois de dois séculos. Não será na nossa época. Nós o presenciaremos do Céu".

— "Madre, se for preciso que os Frades Menores voltem a tomar conta deste Convento, como deverei eu agir? Mas isto é sumamente impossível, em virtude das circunstâncias tão críticas ora existentes".

— "V. Exa. fique tranquilo. Para V. Exa. esse tempo já passou. Sobra-lhe apenas o suficiente para se preparar a morrer".

O Bispo estremeceu.

— "Madre, não podemos alcançar de Deus a prorrogação de um tempo a mais?"

— "É tarde, porque todos temos fixos o dia e hora de terminar nossa carreira mortal. Além do mais, é melhor morrer que viver".

Novena e pregações

O Prelado retomou: "Agora, Madre, já é tempo de acertar os preparativos para a consagração da santa Imagem. A Senhora Marquesa, benfeitora deste Convento, deverá ser a madrinha, e eu o consagrante. O Cabido e as Comunidades Religiosas estarão presentes; dever-se-á convidar o povo em geral. Guardar-se-á reserva, por certo, de tudo o que convier no assunto. Quanto a mim, manterei esse sigilo, levando-o só e muito em breve para a eternidade.

Ordeno que se faça uma novena de preparação. Entrarei agora na clausura para benzer a santa Imagem a fim de expô-la ao culto público. Deverá haver, todos os dias, pregações instrutivas ao povo, sobre a grandeza e a virtude de Nossa Senhora para que Deus e sua Mãe Santíssima sejam conhecidos. Para tais práticas convide V. Revda. os clérigos e frades de todos os conventos".

Terminada esta conversa o Bispo entrou novamente na clausura das freiras, no coro alto, e benzeu com devoção, tomado de lágrimas e ternura, aquela milagrosa Imagem com o nome de Maria do Bom Sucesso da Purificação ou Candelária; e saiu do Convento para sua casa, encarecendo antes as monjas muito amor a Maria Santíssima e a imitação de suas virtudes. Recomendou-se às orações de todas elas, especialmente as da Madre Abadessa.

A Superiora tratou o assunto com as Madres Fundadoras .

E, unânime com sua amada Comunidade, determinou dar início a solene novena ordenada pelo Bispo, no dia 24 de janeiro.

Com diligência e boa graça, ao par de sua douçura e fina educação, Madre Mariana conseguiu que todos os sermões fossem gratuitos. No primeiro dia pregou um religioso mercedário. No segundo, um agostiniano. No terceiro, um dominicano. No quarto, um bom clérigo chamado D. Miguel Sanchez Salmorón. No quinto, um religioso menor nosso chamado Frei

Alonso de Salazar. No sexto, outro dos nossos de nome Frei Juan Farfan. No sétimo, o Padre Frei Juan de la Madre de Dios, diretor espiritual de Madre Mariana de Jesus, o qual sabia tudo a respeito das aparições. Foi uma sublime e devota prédica que arrancou lágrimas a todos os circunstantes. No oitavo falou outro dos nossos, Frei Pedro Flores. E no úl-timo dia pregou o Cônego Arcediago, D. Caspar Centurion Espínola, Sacerdote douto, que possuía a reputação de insigne pregador.

Este sábio varão disse, ao convidar o povo, que no dia 2 de fevereiro celebrar-se-ia na igreja do mosteiro a consagração pública e benção daquela santa e veneranda Imagem, à qual deveriam todos recorrer como o eficaz remédio de todas as tribulações. Era uma especialíssima graça da bondade de Deus, para consolo de todos seus sofrimentos. Ficavam, igualmente, obrigados a amar, servir e favorecer a estas boas monjas, em cujo poder se encontrava tesouros tão preciosos, devido às suas virtudes e ao amor que Deus tem a estas almas heroicas, as quais, abandonando suas casas, famílias e bens, se sepultam nos claustros para serem vítimas pelo povo. A elas deve a Colônia o bem-estar e a felicidade em tudo.

E, exaltando a sublimidade do estado religioso, terminou dizendo: "Felizes os povos que possuem estes tesouros dos claustros!" E lembrou ao povo que no dia 2 às nove horas da manhã, haveria lugar a consagração solene daquela bendita Imagem com o Santo Óleo. A consagração seria feita pelo Exmo. Sr. Bispo, nosso Senhor, e que a ela o povo assistisse com a consciência purificada nas águas da penitência e alimentada com o Pão dos fortes.

– Capítulo V –

CONSAGRAÇÃO SOLENE DA SAGRADA IMAGEM COM O SANTO ÓLEO — PROCISSÃO E ENTRONIZAÇÃO EM SEU NICHO — O EXMO.

SR. BISPO DOM RIBERA ENTREGA A NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO AS CHAVES DA CLAUSURA, CONSTITUINDO-A ABADESSA, PARA QUE GOVERNE ATÉ O FIM DOS SÉCULOS — MORTE DE DOM RIBERA.

Chegado o dia 2 de fevereiro de 1611, todas as monjas, sem exceção, levantaram-se fervorosas para a recitação do Ofício Parvo, bem de manhã, preparando-se para receber em seu coro aquele regalo que Nossa Senhora lhes oferecia. Sem dúvida, esses louvores matutinos saídos de corações puros, como os das almas religiosas, os Anjos levaram com alegria ao trono do Deus, trazendo, em troca, milhares de graças para elas e para o povo em geral. Depois da oração mental com que predispuseram suas almas para a Comunhão, com redobrado fervor receberam a Nosso Senhor e ouviram a santa Missa conventual.

O Bispo, de sua parte, convocou com antecedência o Cabido e a Real Audiência para esta solene e pública cerimônia. Todos assistiram. O Cabido nesse tempo se compunha de um número reduzido de eclesiásticos.

Às nove da manhã, que foi a hora marcada, o templo já não comportava a multidão, tal a aglomeração de pessoas de toda idade, sexo e condição. O Bispo chegou um pouco tarde e teve que passar quase suspenso pelo ar. A Senhora Marquesa ocupou um lugar de honra e usava vestido de gala, quase régio.

Terminada a Missa, cantada pelo Padre Frei Juan de la Madre de Dios, sendo acólitos dois religiosos também nossos, procedeu-se a Consagração daquela veneranda Imagem.

Solene Consagração

A Imagem foi descida do altar onde fora venerada durante a novena e posta no altar-mór, onde foi colocada também o formoso báculo, a coroa, a presilha, duas peças de uma cinta de pura seda de um palmo de largura e um precioso vestido, com manto dourado de seda entremeada por fios de prata,

que a Senhora Marquesa mandara fazer em sua casa, debaixo de sua vigilância, para a Santíssima Virgem, sua Afilhada. Havia também com um lindo colar de finas pérolas e três anéis de ouro, um deles com fina esmeralda, outro com diamante, e o terceiro ornado com rubis em forma de pequena coroa real; todos feitos com primor — oferecido igualmente pela Marquesa. Esses objetos foram postos numa conchazinha de ouro, confeccionado para esse fim, na qual estava gravada a inscrição: "Sou de Maria Santíssima do Bom Sucesso, ano de 1611, dia 2 de fevereiro", em letras esmaltadas com esmeraldas finas.

Os Cônegos e vários clérigos oficiaram no altar para esta Consagração, prestando auxílio ao Bispo. Os nossos religiosos, bem como os de outras Ordens, também ajudaram. Os mercedários se mostraram na ocasião muito dedicados e assistiram a Missa e a Consagração em grande número.

À Senhora Marquesa coube permanecer junto ao altar-mór, madrinha como era da santa Imagem e grande dama. Por ordem do Bispo, subiu ela àquele lugar de honra.

Terminada a cerimônia, toda ela repassada de muita termura, falou do púlpito um frade mercedário, muito virtuoso e sábio, cujo sermão chamou muito a atenção mesmo dos entendidos em oratória. Era ele um bom religioso, que trabalhava muito pela glória de Deus e salvação das almas, catequisando e civilizando as tribos selvagens do litoral, onde sofreu muito. Gozava aquele frade também de fama de orador insigne e virtuoso.

A procissão pelos claustros

Terminado o instrutivo e magnífico sermão, falou o Bispo: "Agora todo o povo rezará comigo três Ave-Marias, dizendo em cada uma delas: Deus Vos salve, Maria Santíssima, Filha de Deus Padre; Deus Vos salve, Maria Santíssima, Mãe de Deus Filho; Deus Vos salve, Maria Santíssima, Esposa do Espírito Santo; Deus Vos salve, Maria Santíssima, Templo e Sacrário da Santíssima Trindade.

E começará a solene procissão pelos claustros baixos do Mosteiro, terminando no coro superior, onde será entronizada a santa Imagem, que dali governará esta Comunidade e velará pelo povo em geral. Será conduzida pelos religiosos franciscanos e mercerdários, revezando-se no trajeto os clérigos e outros religiosos. Para esta procissão somente penetrarão na clausura os Sacerdotes e a Senhora Marquesa, como madrinha, por concessão

especial. O povo voltará a ver a santa Imagem no dia 2 de fevereiro do ano que porque doravante, ela será tirada somente por Sacerdotes nos dias de sua festa e novena e por eles reintroduzida no claustro logo a seguir".

Acabada esta curta explicação do Bispo, deu-se início a solene procissão com a cruz alta e velas acesas nas mãos. Como as velas não foram suficientes para todas, as monjas, algumas portavam ramalhetes de flores do campo — rosas, lírios e açucenas — ficando todo o chão dos claustros coberto, ora por tapetes, ora de flores, de maneira a compor um digno ambiente para a habitação das virgens esposas do Cordeiro Imaculado.

Penduradas nas clarabóias e nas balaustradas encontravam-se bandeiras de Espanha e escudos do Rei, bandeiras de cores branca e azul, outras inteiramente brancas, e outras ainda cor da aurora, munidas com grandes laços de fitas largas de seda; viam-se também armações feitas de flores do campo, juntamente com vistosas e valiosas colchas e cortinados de seda. Tudo isto emprestado pela Marquesa, madrinha da santa Imagem. Ela colocou todo empenho em dar solenidade ao batismo de sua Afilhada; aliás, era o que se poderia esperar de uma senhora de tanta fé e piedade.

Durante o trajeto revezavam-se clérigos e frades de todas as Ordens religiosas na condução da santa Imagem, e considera-vam-se felizes.

"O que se passou conosco?" — perguntavam baixinho uns aos outros. "É uma simples procissão, mas a alma se eleva até Deus! Algo de sobrenatural deve haver aqui. — Oh! é que estamos num claustro de monjas, onde se localiza o centro do vulcão do amor de Deus: daqui se comunicam para os que estão fora débeis centelhas, por certo".

A procissão prosseguiu com passo grave e pausado. O povo tentou burlar a ordem do Bispo, entrando no claustro para se-guir a procissão, mas prontamente os gendarmes entraram em ação.

Cantavam-se a ladainha lauretana e a Ave-Maria, respondidas por todos os Sacerdotes acompanhantes e as monjas, cujas vozes eram angélicas. O coro era composto pelos franciscanos e mercedários. A Senhora Marquesa, com sua voz muito melodiosa, respondia a todos os cânticos, cheia de piedade e fé, deixando transparecer pelo exterior a devoção e o fervor de seu coração. Caminhava com passo grave, os olhos baixos, as mãos cruzadas sobre o peito.

Tomada de posse da Rainha do Céu

No coro alto, já estava preparada a sede de Abadessa, conforme pedira a Rainha do Céu, para dali reger e governar sua Casa. Daquele nicho feito com tanto esmero pelo próprio Sr. Francisco del Castillo, pendia de cima a baixo um lindo cortinado de seda carmesim, com cordões e pingentes de ouro; cá e acolá figuras de anjinhos "voavam", suspensos, com tanta graça, que pareciam verdadeiramente pairar no ar. Conduziam uns no peito a inscrição "Viva a Rainha Maria Santíssima do Bom Sucesso"; outros: "Deus Vos salve, Maria Santíssima, Filha de Deus Padre"; ou então: "Deus Vos salve, Maria Santíssima, Mãe de Deus Filho"; e ainda: "Deus Vos salve, Maria Santíssima, Esposa do Espírito Santo"; e finalmente: "Deus Vos salve, Maria Santíssima, Templo e Sacrário da Santíssima Trindade".

A cortina estava colocada a partir do artesão, encimada por uma linda coroa imperial, donde pendiam os dois lados da cortina, de modo a deixar à vista todo o nicho dourado. Na parte superior deste havia uma cruz, ao pé da qual via-se um busto, representando o Padre Eterno entre nuvens, tendo em seu peito a Deus Espírito Santo, sob a forma de uma pomba branca. Eis o nicho da Virgem, executado pelo Sr. Francisco del Castillo, e entalhado ali. Todo o coro estava composto e adornado, dir-se-ia a ante-sala do Céu.

Ali entrou a procissão e a santa Imagem foi colocada em seu nicho por mãos sacerdotais. Feito isso, o Bispo, que fechava o cortejo, revestido de capa de asperges, cantou uma solene Salve Regina, seguida de uma preciosa ladainha, respondida também pelo povo, que na igreja esperava a procissão chegar ao coro. Finda a ladainha, cantou-se a oração final correspondente, e também o "Salve Sancta Parens". Enquanto isso, o Bispo subiu pessoalmente ao nicho onde fora instalada a santa Imagem pelos frades. Os clérigos levaram-lhe o báculo, a coroa e, depois, as chaves, os anéis, a presilha e o colar, arranjados pela Senhora Marquesa na pequena concha de ouro a que já nos referimos, e que estava no altar-mór para a benção e consagração.

O Prelado — com reverência e ternura, e derramando lágrimas — pôs primeiro a coroa na cabeça da santa Imagem, dizendo:

"Senhora, entrego-Vos a Igreja".

Depois o báculo na mão direita:

"Senhora, entrego-Vos o governo deste Convento e de minha grei em geral".

Colocou a seguir as chaves, na mesma mão do báculo, e disse:

"Senhora e Mãe minha, entrego-Vos minha alma; abri-me as portas do Céu porque muito em breve vou deixar a vida presente. Cuidai deste tabernáculo e desta clausura de vossas filhas com esmero e afã. Defendei-as sempre e conservai nelas o espírito religioso que deve caracterizar as esposas de vosso Filho Santíssimo".

* * *

Proferida esta oração, o Bispo determinou às religiosas que, todos os sábados do ano, em memória daquela solene procissão e benção, ficaria estabelecido o costume santo — que se deveria guardar "in aeternum" — de cantar com solenidade, após a Missa conventual, a "Salve Regina" e a ladainha, entoadas pelo capelão, revestido com capa de asperges. A ladainha deveria ser respondida pelos fiéis e o capelão cantaria também a oração correspondente a "Salve Regina". A isto deveriam assistir todas as monjas, portando velas acesas nas mãos, com fervor e devoção, agradecidas a Deus por tantos favores que elas — e nelas as suas sucessoras — haviam recebido de Deus.

Abençoou as freiras e, fazendo profunda reverência a santa Imagem, retirou-se, dizendo estas palavras:

"Rainha do Céu e da terra, Vós que permaneceis em vosso santuário governando vossa querida grei, não esqueçais de vossos pobres filhos que peregrinam pelo mundo, expostos a cair a cada passo. Que nos sustente o vosso braço, e nas fundas tribulações nos console vosso maternal Coração, com a doçura de vosso amor".

Cresce a Comunidade das Concepcionistas

Ao sair, a Senhora Marquesa deu um forte abraço à Madre Mariana de Jesus às Madres Fundadoras, e deixou nas mãos da Priora uma grande soma de dinheiro para os gastos daqueles dias. Mandou vir de sua casa toda a comida, doces, vinhos e quantos presentes pode, para que deles se servissem em nome da madrinha da Santíssima Virgem Maria do Bom Sucesso da Purificação ou Candelária.

O dia inteiro foi de santas alegrias para essa ditosa Comunidade, que com um só coração e uma só alma, se regozijava na posse de tal tesouro, que

a bondade de Deus prouve conceder-lhe.

No dia seguinte a Marquesa voltou a vê-las no parlatório. Protestou-lhes seu afeto uma vez mais e para sempre, e pediu-lhes o grande favor de que a contassem no número de suas ir-mãs; que, em qualquer necessidade, seja grande ou pequena, recorressem a ela com toda liberdade e confiança, na certeza de que jamais algo lhes seria negado. Porque tudo o que ela possuía devia ser considerado como propriedade de todas as filhas da Imaculada Conceição, e seu deleite consistia tão-somente em servi-las e comprazê-las.

Esta oferta generosa permitiu dotar a muitas jovens, que se fizeram assim religiosas nesse querido Convento, no qual vive Nossa Senhora governando suas filhas, cuidando delas com natural afeto e defendendo-as do milhano infernal, que se aproveita e aproveitará de qualquer pretexto e criatura para atormentar essas indefesas religiosas. Mas, resguardadas pelo poder e amor de sua Mãe do Céu, prosseguirão elas com ânimo o caminho de sua alta perfeição até o fim dos séculos.

Sua débil barquinha será fortemente combatida mas nunca vencida. Antes, elas verão contorcer-se moribunda, a seus pés, a maldita e astuta serpente, destruída e aniquilada em sua própria soberba. Sairão sempre vencedoras; e Deus e Maria Santíssima sempre glorificados e louvados. Neste mosteiro ver-se-á, através dos tempos, atuante e triunfador o poder de Deus sobre todos os poderes humanos.

O grande segredo que possui o Convento para assegurar sobre si o poder e amor de Deus e de sua bendita Mãe é a prática da humildade, da observância regular, da penitência secreta, e com estas virtudes, todas as demais que tornam fortes e poderosas as orações das boas esposas do Cordeiro Imaculado, apascentado entre lírios, rosas e açucenas, no interior dos claustros religiosos, seus melhores e preferidos jardins de entretenimento.

Estas almas — conforme afirmou Madre Mariana de Jesus, e a própria Rainha do Céu lhe manifestou muitas vezes — não faltarão neste Convento, até os últimos dias dos tempos. Qui-lo assim a bondade amorosa de Deus, para que sejam também os pára-raios deste ingrato povo e à semelhança da Rainha Ester, salvem da morte moral e física estas terras e as almas de seus irmãos, os desgraçados pecadores, tão abundantes em todas as épocas.

Com o correr dos dias e meses, ia aumentando a Comunidade, porque se multiplicavam as vocações, o que levou o próprio Mons. Ribera a suspender a admissão de noviças enquanto não morresse alguma religiosa antiga.

Do dia 2 de fevereiro de 1611 até dezembro do mesmo ano, morreram

cinco religiosas, logo substituídas por outras, que tomaram os mesmos nomes das falecidas.

Morre Dom Ribera — seus últimos dias

Por fim, a 24 de março, um sábado do ano de 1612, pela noite, extinguiu-se a vida do Exmo. Sr. Bispo D. Salvador de Ribera, quase repentinamente. De idade já avançada, parece que um descuido involuntário, acarretando forte pneumonia, foi a causa de sua morte.

Não foi sentido, muito menos chorada pelo seu povo. D. Ribera desceu ao sepulcro sem que uma só lagrima de seu rebanho fosse derramada, pois exerceu a autoridade com rigor e despotismo. Sua memória não foi de benção para os seus, e esvaneceu-se na mesma noite em que expirou, não tendo trilhado as vias adequadas para fazer-se amar pelo seu povo.

Quando se desceu a santa Imagem para a novena e festa em meados de janeiro de 1612, o Cônego Tesoureiro D. Jorge Ramirez de Arellano fez um magnífico panegírico, que se tornou notório dentro e fora da Colônia.

No dia 24 de fevereiro do ano que vamos narrando, entrou novamente em sua clausura e nicho a santa Imagem, por braço de Sacerdotes. Desta vez o Bispo quis entrar também, com capa de asperges, para recolocar a santa Imagem no seu trono, pressentindo ser aquela a última vez que penetraria nesse bendito santuário das virgens esposas de Nosso Senhor Jesus Cristo e filhas tão queridas de sua Mãe Imaculada.

O Bispo estava muito contrafeito e sofrido. Havia cometido uma imprudência, que o tornara objeto de criticas de sua grei, dilacerada agora em facções e partidos. Em consequência, carregava em seu coração um abismo de dor.

Ajoelhou-se por um momento aos pés da santa Imagem no coro alto, antes que a subissem ao seu nicho, e desafogou sua amargura em abundantes lágrimas. Madre Mariana de Jesus tinha conhecimento de tudo, e orava e chorava pelo seu Prelado. Sofria com o fato de que o Bispo, para fazer a vontade de sua sobrinha, tivesse desagradado a Deus, dando azo a que falassem mal de sua pessoa aquele povo, que esperava ver nos Prelados um modelo acabado de todas as virtudes. Muito contribuiu para agravar o conceito de Mons. Ribera o fato de ter sucedido ao Exmo. Bispo Solis, que foi verdadeiramente um santo Prelado, modelo de seu povo, desprendido de si mesmo e de toda sua família, enfim, um homem do Céu. Os fiéis comparavam as

consumadas virtudes daquele varão apostólico com os costumes de Mons. Ribera, e acabavam por julgar a este digno de censura, até nas coisas de si indiferentes.

Diante do cadáver de Mons. Ribera os ódios e os rancores se amainaram, e para ele começou a silenciosa e solitária paz do sepulcro.

80 anos no Purgatório

Madre Mariana de Jesus — segundo ela narrou posteriormente a seu diretor espiritual — encontrava-se à cabeceira Mons. Ribera, acompanhando a Rainha dos Céus, que, agradecida pelo culto que ele dera à sua santa Imagem foi ajudá-lo em seu último transe. Levava Ela em suas benditas mãos as chaves que o Bispo com tanto amor lhe ofertara.

E sucedeu tudo como D. Ribera tinha sonhado dois anos antes.

Desceu, pois, ao fogo expiatório pelo longo período de 30 anos, para purificar-se das dívidas contraídas nos seus curtos 5 anos de bispado. Melhor lhe fora que não tivesse sido Bispo. Para a eternidade só lhe valeu o ter sido frade dominicano e a devoção ao saltério mariano (Rosário) que ele tanto estimava.

Madre Mariana e a Comunidade religiosa choraram seu Prelado e Pastor. Recordavam todas as suas boas ações e o grande empenho que deitara para a escultura da santa Imagem, o afã em prestar culto e tudo quanto fez na benção e solene consagração, rezavam muito pelo descanso de sua alma. Umas mais, outras menos, todas procuravam tirá-lo o quanto antes do Purgatório, pois ignoravam o tempo assinalado para sua expiação. Disto só tinham conhecimento Madre Mariana de Jesus e as Madres Fundadoras, informadas pela primeira.

Desta forma, os rogos da humilde Madre Mariana, das Fundadoras e de toda a Comunidade de religiosas da Imaculada Conceição foram de muito alívio a Mons. Ribera no seu cárcere expiatório. Eram as únicas preces que sem cessar se elevavam ao Céu pelo seu repouso eterno, olvidado como foi por quase todos, mesmo nas orações.

Cumpriu-se assim o que Madre Mariana de Jesus lhe predissera que ela subiria primeiro ao Céu. Com efeito, em 1635, quando ela faleceu, eram decorridos apenas 23 anos da morte de Mons. Ribera.

Ah! é que Madre Mariana de Jesus Torres soube ser religiosa e Superiora ao mesmo tempo. Oxalá o Exmo. Mons. Ribera tivesse desejado ter ao menos um pouco da humildade, doçura, tino, prudência e suavidade que possuía Madre Mariana em grau heroico!

Não bastaram ao Mons. Ribera as virtudes comuns. Não havia nele as virtudes heroicas, indispensáveis a todo Prelado e Pastor para bem governar sua grei, harmonizando a firmeza com o espírito de doçura, suavidade e prudência. Pois é este o espírito de Jesus Cristo nosso Divino Redentor, que disse: "Meu jugo é suave e minha carga é ligeira aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração" (cfr. Mt. XI, 29-30).

Mas, afinal, ele já transpôs os umbrais da eternidade. Haja paz em seu túmulo!

— Capítulo VI —

Prossegue com esplendor o culto

de Nossa Senhora do Bom Sucesso —Termina o Priorato de Madre Mariana de Jesus Torres, que, três anos depois, volta a ser eleita Abadessa e continua governando o Mosteiro com destreza durante vários triênios — Favores e graças que recebeu de Nosso Senhor nesses tempos

Depois desta solene consagração, o culto a Nossa Senhora do Bom Sucesso progrediu, e, com grande solenidade, comemorava-se anualmente a festa no dia 2 de fevereiro, data fixada, no Convento e igreja das religiosas da Imaculada Conceição de Quito, para se honrar a Mãe de Deus, sob a invocação do Bom Sucesso.

A imagem era tirada do nicho e ali recolocada por mãos de Sacerdotes, que a conduziam em seus ombros pelos claustros, enquanto as freiras cantavam ladainhas e outros cânticos a Maria Santíssima.

Ao cabo de um século, por permissão divina, apagou-se o culto por algum tempo, devido à vida particular que se introduziu no Convento. Até o momento em que a Santíssima Virgem mesma repreendeu a uma de suas filhas fervorosas e santas, que em nenhum tempo faltaram nem faltarão no Convento da Imaculada Conceição.

É de se notar que, mesmo neste período a santa Imagem continuou sobre a Sede Abacial, lugar por Ela escolhido, onde permanecerá sempre, para que, como Mãe e Superiora, resida e governe sua querida grei. O seu culto, sua novena e festa são a segurança do Mosteiro. Quantas graças secretas e abundantes, à maneira de benéfica chuva sobre frutíferas plantas, recebem de sua boa Mãe do Céu as filhas concepcionistas! ...

Tranquilos e felizes transcorriam os três anos do governo de Madre Mariana de Jeus, de 1610 a 1613. As religiosas todas, sem exceção, eram muito fervorosas, amavam muito a Deus, a sua Mãe do Céu e a sua santa

Prioresa, em quem podiam imitar o exemplo de sólidas e heroicas virtudes, tornando-se assim agradáveis a seu Criador, que espera ter nos claustros almas verdadeiramente santas, para aplacar sua ira por tantos crimes cometidos no mundo.

Madre Mariana obtém não ser eleita Priora

Pelo fim de seu priorato, Madre Mariana sofreu uma forte queda da escada, em que machucou gravemente o braço esquerdo. Foi o demônio que lhe provocou este acidente, irritado por tanta santidade, como possuía aquela grande alma, com a qual ela impedia muitíssimos males que o maligno tentador procurava fazer às almas. A muitas delas livrou das garras infernais com sua humilde oração e insistente penitência.

No decurso do tratamento que lhe dispensou o médico, sofreu dores inauditas, num silêncio admirável, sem manifestar a me-nor queixa. Percebia-se, entretanto, a intensidade da dor pela abundância de lágrimas que, a contragosto, lhe saíam dos olhos, e por um ou outro suspiro que se lhe escapava.

Com isto edificava não só as suas irmãs religiosas, que se admiravam com sua mortificação e espírito de sacrifício, mas também ao médico que a atendia, o qual, encantado, dizia: "Homens robustos e fortes soltariam gritos desesperadores neste gênero de tratamento, mas esta invicta criatura, débil e fraca mulher, não externa uma queixa. Vê-se quão profunda é a sua heroica virtude, pois se assemelha aos mártires, imitando a Nosso Senhor Jesus Cristo como esposa fiel".

Em meio de tão cruéis dores, pedia com instância a seu divino Esposo, no mais íntimo de seu coração, que a aliviasse da dura cruz do priorato, a fim de que pudesse dedicar-se, com mais liberdade, e desvinculada de toda preocupação terrena, à vida espiritual, unida intimamente à sua Divina Majestade.

Sua oração foi ouvida, porque ao chegar o tempo do Capítulo, deixaram-na em sossego, e elegeram outra Superiora.

Com muita alegria Madre Mariana de Jesus deixou o governo oficial do Mosteiro, para se entregar, a sós com Deus, ao aperfeiçoamento cada vez maior de sua bela alma, oferecendo diariamente exemplos práticos de humildade, docilidade, obediência e abnegação de si mesma como se fosse a última das noviças. Com efeito, quem a visse no Convento, julgaria tratar-

se de uma religiosa qualquer, porque buscava entre as ocupações monacais aquelas mais pesadas e humilhantes, que tanto repugnam à fraca natureza. Era, além disso, de aspecto físico muito gracioso, sendo uma criatura que atraía o carinho de quem a olhasse: tão cortês, tão simples, tão amável e, ao mesmo tempo, tão digna. Assim são os santos!

Novamente Abadessa em 1616 — Responsabilidade das Superioras e Mestras de Noviças

Chegou o ano de 1616. Madre Mariana de Jesus Torres no-vamente foi eleita Abadessa do Mosteiro, para regozijo geral das religiosas. Humilde de coração, estava persuadida de que não devia ser ela a Superiora, e que havia na Comunidade esse único desacerto de sempre escolhê-la, posto existirem, no parecer dela, religiosas muito melhores, a quem o Senhor concedera dotes e aptidões de direção. E embora fosse ela uma das Fundadoras, não se considerava por isto apta para tão delicado cargo. Este foi o seu incessante sofrimento.

Mas como era humilde, sabia ser também obediente. E, compelida por esta, tomou sobre seus ombros, com edificante resignação, a pesada cruz do priorato.

Esta serva de Deus — tão experimentada não só nas altas vias do espírito como também em cargos terrenos elevados, tão cobiçados pelos espíritos fracos e orgulhosos — conhecia perfeitamente quanta responsabilidade estes encerravam para a eternidade. E confessava com simplicidade que os cargos de Superiora e Mestra de Noviças haviam sido para ela as cruzes mais pesadas de toda sua vida.

E acrescentava que a Mestra de Noviças arcava com maior responsabilidade ainda, pelo porvir da Comunidade e pelo seu destino eterno, do que a própria Superiora. Ela havia visto no decorrer dos tempos muitas Mestras de Noviças condenarem-se por não saberem sê-las. Pois tanto o rigor demasiado quanto a imprudente adulação, perdiam os espíritos das jovens que se asilaram nos claustros para servirem a Deus com perfeição, carregando todos os dias de sua vida a cruz da vida monástica, transformando-se desse modo em vítimas de seu povo para aplacar a Divina Justiça.

Defraudando os desígnios de Deus por culpa das Mestras de Noviças, tomam elas sobre si toda a responsabilidade do pouco ou nenhum espírito de suas discípulas ao longo de toda a vida. Esta é a causa de não haver religiosas santas, pois a santidade depende sempre da formação nos noviciados,

e esta é a base fundamental de todas as virtudes religiosas, sem a qual a pessoa religiosa não pode possuir nenhuma virtude sólida. Ora, sem virtudes sólidas dificilmente se consegue perseverar em religião, a não ser que os Superiores ou Superioras tenham que contemporizar com tais súditos, para evitar-lhes a desgraça de retornarem ao mundo. E estas pessoas com quem se contemporiza, são as mais relaxadas que existem nos conventos, os quais, como frutos podres, ameaçam contaminar os que estão sãos.

Queira a bondade divina preservar a Ordem Seráfica em todos os seus ramos de semelhantes indivíduos, tão nocivos às comunidades religiosas.

Semente de grandes santidades

No período deste seu governo — como em todos os anos de sua vida — Madre Mariana de Jesus manteve trato íntimo e comunicação frequente com Deus Nosso Senhor, que se queixava amargamente à sua fiel esposa de todos os ultrajes recebidos da ingrata e ao mesmo tempo favorecida Colônia. Pedia-lhe que desagravasse a Majestade Divina ofendida.

Certa noite, depois dos habituais exercícios penitenciais, rezava, a uma hora da manhã, no coro inferior, junto ao sepulcro da Madre Fundadora. Rogava que intercedesse junto a Deus para que encurtasse os dias de sua triste peregrinação sobre a terra e pudesse ela sair deste mundo para fazer-lhe companhia no Céu, já sem possibilidade de ofender à Divina Majestade.

Do sepulcro respondeu a Madre Fundadora:

"Minha filha, se, quando eu vivia na terra, te amei com amor quase materno, hoje que feliz minha alma se encontra no Céu, no gozo da Divindade Soberana, é redobrado o meu amor por ti. Como conheço o mérito do padecimento na vida mortal, não pedirei que se apresse a tua morte, mas que, enquanto durar tua vida, amealhes muitíssimos merecimentos para a eternidade. Certamente amarga é a vida para quem ama a Deus e se preocupa com as grandezas celestes, mas essa mesma amargura se converte em doçura e gozo no Céu."

"Paciência e confiança em Deus! Saibas, ademais, que é muito necessário que vivas e sofras a fim de que deixes a tuas continuadoras — tanto Superioras quanto súditas — exemplos práticos para imitação. Sem os quais, diriam no futuro: "não temos uma santa em nosso Convento". A santidade de tua vida será gérmen de grandes santas que haverá neste meu Mosteiro em todos os tempos.

"Empenha-te, filha querida, em educar bem as noviças, inculca nas Mestras a boa formação de suas discípulas, porque disto depende a observância regular e a manutenção deste nosso Convento"

"Dias de desgraça, tempos calamitosos sobrevirão a nosso Convento no século XX por haverem descuidado a formação das religiosas no noviciado. Do Céu nós velaremos pelo nosso querido Convento para que ele não se acabe. Por outro lado, haverá nesse tempo almas muito escolhidas que, no segredo de sua oração e de sua santa vida, chorarão o estado moral e material do Convento. E essas orações e penitências serão o suporte da agonizante Comunidade nessa época. De tua parte, faze violência a Deus para que se abrevie esse aflitivo tempo a nossas continuadoras".

Nossa Senhora do Bom Sucesso governa o Convento

A partir da consagração e colocação da santa Imagem no local pedido por Nossa Senhora, notou-se visivelmente o governo d'Ela sobre o Convento. Todas as religiosas, tanto em seus sofrimentos morais, como nos demais pesares que não faltam à vida, pelo simples fato de que somos peregrinos e transeuntes, acudiam a seus benditos pés para suplicar-lhe com instância e pedir-lhe, entre lágrimas o remédio para tudo. A Virgem Soberana, qual solicita Mãe, velava sobre suas ternas filhas; jamais deixava desatendidas suas preces e sobre todas derramava o bálsamo da consolação.

Madre Mariana de Jesus, sobretudo, como uma criança, recorria à sua Mãe Santíssima com queixas a todo momento. Quando ficava bem contrariada em razão das amarguras inerentes ao ofício de Superiora, e seu coração estava já cheio, não podendo mais suportar, corria aos pés de sua bendita Mãe, e, renunciando ao cargo entregava-lhe as chaves.

Mas — oh prodígio! — a bondade de Nossa Senhora, que Se compraz em comunicar-Se com as humildes filhas que procuram a imitação de suas virtudes, falava-lha através da santa Imagem e, consolando-a, ensinava como devia proceder em tal ou qual assunto, para obter bom êxito. E lhe arguia que se seu Divino Esposo levara com esforço e heroísmo sua pesada Cruz, movido pelo amor que teve a ela, muito justo era que ela levasse também sua pequena cruz, a fim de manifestar-Lhe seu amor, porque amor com amor se paga.

E isto não se dava em raras ocasiões, mas com frequência.

Nosso Senhor presenteia Madre Mariana com a Cruz dos padecimentos interiores

Terminando afinal o período de seu governo no ano de 1619, rogava instantemente a Deus Nosso Senhor e à sua Mãe Santís-sima que a poupassem daquela enorme cruz, cheia de tantas responsabilidades. Nosso Senhor a ouviu e, aparecendo-lhe do modo como Se mostrava em sua vida mortal, disse:

"Minha dileta esposa, tua humilde e insistente petição chegou aos meus ouvidos; e como é imenso o amor que tenho a ti, não posso negar-te o que Me pedes. Tuas religiosas quereriam que tu continuasses governando, mas Eu te atendo e te asseguro que deixarás o priorato.

"Mas nesses três anos em que descansarás do governo do Mosteiro, quero presentear-te com a preciosa cruz dos padecimentos interiores. No primeiro ano, minha querida, acompanhar-Me-ás na Oração do Horto, sofrendo o que Eu ali sofri; no segundo ano, far-Me-ás companhia na prisão; e no terceiro, nos sofrimentos, tão grandes e profundos quanto ignorados dos homens, que padeci quando Me apresentaram nas casas de Anás, Caifás, Herodes e Pilatos, como se Eu fosse um vil malfeitor.

"Eu estarei sempre contigo. Tua humilde e aflita oração subirá até o trono de Meu Pai Celeste como odor de suavidade, e os teus padecimentos todos serão apresentados por Minha Mãe Santíssima e tua. Com eles purificarás mais e mais tua alma e acumularás muitos méritos para teu dia eterno.

"Já poucos anos passarás nesta terra de pranto e dor. E no decorrer deles Me acompanharás em alguns passos mais importantes de Minha dolorosa Paixão, até entregar tua alma em Minhas mãos como Eu entreguei a Minha nas mãos do Padre Eterno. Une-te ao meu Coração dolorido e, em companhia de Minha Santíssima Mãe e tua, suporta estas atribulações e leva com valor e firmeza a cruz que ponho em teus ombros durante estes anos. Pois necessito em todos os tempos de almas valorosas para salvar Minha Igreja e o mundo prevaricador, ou seja, salvar as almas pelas quais tanto sofri estas dores inauditas; e como tantas se perdem, quero que tu Me ajudes, como boa esposa".

Madre Mariana conheceu, com um raio de luz celestial, a imensidade dos padecimentos interiores que a aguardavam. E Nosso Senhor Jesus Cristo, o Mestre Divino, o Esposo de sua alma, o Varão de Dor, silencioso

esperava a resposta de sua amada esposa, para comunicar-lhe suas dores, com as quais ela iria converter-se em apóstola de seu amor.

Madre Mariana de Jesus tremeu como criatura diante da magnitude de padecimentos, e refletindo um momento, titubeou em aceitá-los, temendo lhe faltassem forças e manchasse assim a alma com o pecado. Diante disso replicou Nosso Senhor:

"Não sabes, minha dileta, que sou a força dos débeis? E que quando peço o concurso de tua vontade para uma coisa tão árdua é porque sei que poderás sobrepujar tudo, estando Eu contigo? E que não somente não pecarás, mas também obterás grandes méritos? Ânimo, coragem!"

Ato contínuo Madre Mariana de Jesus prosternou-se em terra e disse:

"Meu amado Bem, aqui está vossa escrava. Fazei de mim o que quiserdes. Cumpra-se em mim a vossa santíssima Vontade. Aceito estes e quantos outros sofrimentos queirais enviar-me. Acradeço-Vos o dom precioso que pondes em meu coração. Só Vos peço força audácia e amor".

Nosso Senhor então, com um sopro, infundiu seu espírito de doloroso amor nesta cândida e humilde virgem.

Levantou-se ela da prostração, e sua alma estava cheia de Deus. Seu coração transbordava de alegria e ela se sentia feliz, muito feliz, ao considerar-se associada à Paixão do Divino Salvador — para salvar as almas de seus irmãos, os pecadores, a quem tanto amava.

Eleição de nova priora — Discernimento dos espíritos

Nestes sentimentos de gozo de que se via inundada, viu checar o momento da eleição da nova Superiora: pelo grande afeto que lhe tinham, as monjas acharam por bem deixá-la descansar um triênio, para elegê-la futuramente. Por isso votaram noutra religiosa, que foi feita Superiora.

Madre Mariana festejou a nova Prioresa com essa boa disposição tão natural que possuía seu elevado espírito, sempre alegre sem dissipação, triste sem abatimento e humilde sem afetação. Dava exemplos práticos de todas as virtudes a suas religiosas e a todos que com ela tratavam.

Como é verdadeiro que a santidade é comunicativa e atraente! Os de fora invejavam as monjas que tinham a felicidade de viver com uma santa.

Quantas pessoas desejariam estar no lugar dela?

Muitas jovens abraçaram o estado religioso depois de conversar com Madre Mariana, que possuía também o dom de conhecer os espíritos. Ela discernia quais as jovens dotadas com a sublime graça da vocação religiosa, e a estas falava da sublimidade deste estado e de quanto Deus Nosso Senhor ama as pessoas religiosas.

E aquelas que não possuíam essa vocação explicava que, para servir a Deus e alcançar a salvação, não era necessário serem freiras, mas importava, isto sim, conhecer o estado ao qual Deus chama cada criatura. E não as queria receber no Convento.

Muitas delas julgavam que Madre Mariana procurava dissuadí-las de seu intento apenas para não admiti-las em seu Convento Propunham-se, então, viajar à Espanha ou a outros países para, Ionge da carne e do sangue, servirem a Deus com liberdade.

Percebendo estas resoluções, Madre Mariana recomendava-lhes que não fizessem em vão viagens a terras estranhas, porque o Senhor não as chamava para o estado religioso, mas ao estado matrimonial Lhe agradariam e dariam filhos a Deus.

Tudo se cumpria ao pé da letra. Muitas dessas jovens acabaram viajando para claustros no estrangeiro, e se viram obrigadas depois, por diversas razões, a deixar a vida religiosa. Ficaram conhecendo então claramente que essa não era sua vocação. Retornavam ao seio da família, aguardando ocasião para contrair matrimônio cristão. Assim sucedeu, e estas jovens, que haviam desejado para si o estado religioso, tiveram muitas filhas que se tornaram freiras no Mosteiro da Imaculada Conceição.

Por uma claríssima luz saída do Sacrário, Madre Mariana começou a seguir as pegadas de Nosso Senhor na Paixão

No terceiro dia de comemoração da posse da nova Superiora, estava Madre Mariana de Jesus orando, às dez horas da manhã no coro inferior, quando saiu do Sacrário intensíssima claridade, à maneira de um raio luminoso, que lhe penetrou no coração. Sentiu fortalecer-se muitíssimo e prosseguiu na oração. Imediatamente apoderou-se dela uma tristeza mortal: era o início dos seus padecimentos internos, acompanhando os sacrifícios de Jesus Cristo no Horto das Oliveiras.

Teve consciência de que estava no Horto, conforme lhe anunciara seu Celeste Esposo, e resignou-se humilde e amorosa a todo sofrimento. Esta ínclita criatura padeceu, ano por ano, tudo quanto lhe fizera saber Nosso Senhor, mas sem nunca perder aquela santa paz, doçura e imperturbabilidade de seu espírito, o qual, entretanto, conforme as circunstâncias, se via afogado num mar de dores, porque as águas da tribulação chegavam até sua alma.

Desde esta ocasião até sua morte, a vida para ela constituiu-se numa prolongada agonia. Acompanhou a nosso Divino Reden-tor, ano por ano, em sua dolorosa Paixão, com muito poucas tréguas que o Salvador concedia a seu espírito, até que, no seu leito de morte, sentiu a gloriosa Ressurreição do Senhor, como o direi oportunamente.

Preciosos escritos de Madre Mariana

Decorrido o triênio, as monjas voltaram a reunir-se em capítulo para escolher nova Superiora. E elegeram Madre Mariana de Jesus Torres, com o comprazimento geral.

Profundo sofrimento tomou conta desta humilde religiosa por ver-se à frente da Comunidade, quando sua paixão dominante era ser sempre súdita. Dócil e obediente como sempre, inclinou seus ombros para levar a pesada cruz, unindo-se a Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Divino e Celestial Esposo, a quem amava cada dia mais, porque, à medida em que ela ia sofrendo o que Ele sofreu em Sua Santíssima Paixão, o amor dela ia crescendo, bem como a ternura e consideração à Sua Majestade Divina, a quem chamava de "Jesus Cristo, meu terno e doloroso Amor". Seus olhos eram então mares de lágrimas, que faziam chorar a quem os fitasse. E isto sucedia sempre que falava da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nos entretenimentos ou reuniões com suas religiosas, tratando da Paixão dolorosa de Jesus Cristo Senhor Nosso, fazia belíssimas aplicações à Eucaristia, as quais foram escritas pela própria Madre Mariana de Jesus a pedido das freiras. Conservam-se elas no Mosteiro, junto com a narração de sua vida e de alguns outros escritos. Espero que, ao longo dos tempos, elas sejam postas à luz para proveito espiritual não só das religiosas, mas também dos demais fiéis e mesmo dos Sacerdotes, porque contém muita doutrina salutar e profunda, acerca dos Dogmas da Fé e sobre Ascética e Mística — ciências tão conhecidas desta tão grande alma que a Mãe Espanha presenteou a esta sua Colônia.

É impossível narrar extensivamente todas as comunicações paradisíacas desta alma privilegiada com Deus Nosso Senhor. Só citaremos nesta pequena biografia as coisas de mais monta. Quanto ao mais, remeto o leitor curioso ao "Cuardenón" que existe no Convento da Imaculada Conceição de Quito, onde encontrara tudo pormenorizadamente a respeito desta admirável vida.

Trégua dos sofrimentos por ocasião do Natal

No ano de 1622, pois, era Superiora esta santa religiosa a qual, ano a ano, como já se disse acima, ia acompanhando a Nosso Senhor Jesus Cristo em sua dolorosa Paixão.

Durante estes anos de governo recebia sempre muitos favores celestes na noite de Natal, que ela comemorava com indizível ternura e fervor. Dava gosto vê-la tão cheia dessa santa alegria contagiante, pois, durante estes anos de dor, Nosso Senhor lhe dava trégua durante o santo Tempo do Advento, Natal e Epifania, para depois, voltar a mergulhá-la no mar de suas dores.

Existe no convento uma sala grande e bem proporcionada, que foi destinada por Madre Mariana de Jesus para se montar o presépio. Todos os anos as monjas se esmeravam para nela compor um presépio vistoso, e ao mesmo tempo devoto. Para isso a Senhora Marquesa provia o necessário sem que lhe fosse necessário pedir, porque desde os primeiros dias de dezembro ela já mandava ao Convento o que era preciso para esse fim: cortinas, enfeites de Natal, musgos, flores e ramagens silvestres, bem como dinheiro para a compra do que mais se fizesse mister.

Possuíam também um gracioso Menino Jesus, que a Senhora Marquesa oferecera no ano de 1610 à Madre Mariana de Jesus, ao qual puseram o nome de "Niño de la Calenda", porque para esta imagenzinha cantavam, com indizível solenidade, a "Calenda" do Natal.

A noite do dia 24 as monjas passavam junto ao presépio: exprimia cada uma o seu louvor ao Menino, cantavam bonitos motetes diziam-se coisas graciosas, faziam-se festas e se riam com gosto. Elas também dançavam nas loas, como fazia nosso Pai São Francisco nessa noite tão verdadeiramente boa. Que ninguém se escandalize com isto, pois lemos na Sagrada Escritura que o Santo Rei Davi tocava harpa e dançava diante da Arca da Aliança. E minhas boas irmãs, as religiosas da Imaculada Conceição dançavam diante do presépio nesta noite — não com bailados profanos, mas como religiosas

esposas de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, cheias de júbilo, festejavam o Nascimento temporal do Filho de Deus. Dançar de si não é pecado. É o mundo perverso que, em sua habitual torpeza, tudo corrompe e perverte, introduzindo a sem-vergonhice e vomitando seu infernal veneno nos homens mundanos.

Esta noite era, pois, de grande e celestial alegria no Convento. Absolutamente ninguém dormia: enfermas e sãs, todas iam ao presépio para festejar o Natal com seus louvores, ações de graças, cantos e bailados.

Terminados os louvores e manifestações de afeto, Madre Mariana cantava a seguinte estrofezinha com sua voz maravilhosa, acompanhada de sua harpa "de falda".

"Albricias, albricias! / A la media noche

La flor ha nacido / Sin romper el broche!"

Tinha sequência então a procissão, em que se conduzia o Menino, muito composto e adornado com flores. Todos os anos, após a ceia no refeitório, eram designadas as religiosas que deveriam cantar a "Calenda", aquela que deveria trazer o Menino na "Noche Buena" (Vigília do Natal), as ceroferárias, as turiferárias, as cantoras da procissão, as que deveriam prover a iluminação e as que fariam o papel de pastoras. E como cada uma desempenhava primorosamente sua função, a procissão desfilava muito formosa.

Os claustros eram um Céu. De cada arco pendiam ramos e musgos. Parecia que se caminhava por áspera montanha. O solo era recamado de flores, em cada esquina a procissão se detinha e as turiferárias faziam uma profunda reverência ao Menino e O incensavam. Depois entoavam cânticos de Natal em espanhol e a procissão seguia avante, cantando o hino da Vigília do Natal das Matinas e Laudes, enquanto as "musiquistas" e luminaristas, que ocupavam os últimos lugares, não cessavam de tocar apitos, flautos, "rondines" e outros instrumentos próprios a esta festa.

Como era belo tudo isto!

As almas das monjas se elevavam a regiões paradisíacas. Julgavam-se verdadeiramente na mangedoura de Belém, donde traziam nos braços de uma delas, o Divino Infante para o coro de seu Convento, a fim de que não chorasse com o frio daquela noite.

Êxtases natalinos

Madre Mariana parecia em êxtase permanente. O colorido rosado vivo de suas faces, sua postura recolhida, revelando profunda contemplação, os olhos baixos e grossas lágrimas que lhe corriam pelo rosto: tudo isso conferia a ela um aspecto belo e atraente, o aspecto de uma santa que perscrutava o insondável daquele mistério tão terno de nossa santa Religião.

Depois de fazer todo o trajeto, a procissão chegava ao coro. Madre Mariana de Jesus tomava então o Menino dos braços da religiosa que o portava e o redinava numa mangedoura, montada pelas monjas no coro superior para o cântico das Matinas, e sua oitava até a festa dos Reis, que marcavam o fim, no Mosteiro, das alegrias e festas do tempo de Natal.

A imagem do Menino era de especial feitura, mas não muito bonita. Os olhos eram azuis, e, por estarem as mãozinhas pegadas às pernas, só podia ser vestido com uma túnica, que a Senhora Marquesa, até sua morte, dava todos os anos à religiosa incumbida de portar o Menino.

Estes vestidos eram solicitados pelas grandes damas para o Batismo de seus filhos. Diante das muitas insistências, as monjas os vendiam, com o conhecimento e comprazimento da Senhora Marquesa. Felizes se consideravam as mães que conseguiam, esta relíquia para o Batismo dos filhos, pois estavam persuadidas de que a criança que se batizasse com o vestido do Menino Deus seria muito feliz em todas as coisas.

Com a maior solenidade, devoção, fervor e fé vivíssima, toda a Comunidade, enfermas e sãs, cantava as Matinas e assistia a Missa. Depois da Missa rezavam as Laudes, ia sem a presença das enfermas, às quais se levava em seus leitos água quente, e um bom "cognac" enviado pela Senhora Marquesa. As demais tomavam esta bebida depois da recitação das Laudes.

A partir daí, as freiras que o desejassem podiam continuar no coro, iunto a mangedoura. Se não, podiam recolher-se. Madre Mariana de Jesus permanecia sempre. Ouando cantava as Matinas, sua alma se elevava até o Céu, e com um raio de luz celeste via o amor que Deus Nosso Senhor teve aos mortais, e como a Segunda Pessoa da Augusta Trindade desceu ao seio puríssimo de Maria Virgem para, tomando a forma de servo, redimir a linhagem humana. Ouvia a Missa com um fervor extraordinário. Quando comungava, via o Menino Jesus em seu coração e, entrando em êxtase, contemplava a beleza daquele Divino Menino, fazia-lhe muitas carícias e dEle recebia também outras. Ela se via transportada para junto da mangedoura, e ali pedia a Nossa Senhora e São José que lhe comunicassem seu fervor e

seus corações, para amar a seu Esposo, Amo e Senhor.

Muitas vezes, no tempo de Natal e Epifania, Madre Mariana recebia o privilégio de ter em seus braços o Menino Jesus. Numa destas ocasiões contemplou a Santíssima Trindade neste Mistério inefável e divino. Ficou submersa nesta luz incriada e as três Pessoas Divinas lhe manifestaram que o esmero na celebração do Mistério e festa do Natal, assim como das quarentas horas e da Semana Santa seria o penhor, naqueles tempos e no futuro, da conservação do Convento. Porque nestas três devoções se compendiam todas as que deve possuir uma alma religiosa que, deixando o mundo, enclausurou-se para viver só em Deus, por Deus e para Deus.

O retorno das tribulações

Terminadas as festas de Natal e Epifania, com sua oitava, esta serva de Deus voltava a submergir de cheio em sua amarga tribulação, acompanhando a seu Deus e Senhor nos dolorosos passos de Sua Santíssima Paixão. Redobravam-se as suas dores, angústias e atribulações na Semana Santa.

Durante os Mistérios da gloriosa Ressurreição, Ascenção e Pentecostes, o Senhor suspendia temporariamente suas aflições interiores. Fiel imitadora de sua Santíssima Mãe sem mancha — segundo reza a Regra das religiosas da Imaculada Conceição — esta grande alma participava muito de perto de todas as alegrias e dores da vida de Jesus Cristo e de Maria Santíssima.

Visão da Cruz que tocava o Céu

Neste mesmo período de priorato, orava certa vez Madre Mariana no coro inferior, ao pé do Sacrário, e entre humildes lágrimas rogava ao Senhor o remédio para as necessidades de seu Convento e do povo em geral. Pedia também que lhe tirasse a pesada cruz de Superiora.

De repente viu abrir-se o Sacrário e surgir de dentro uma Cruz magnífica, ornada com pérolas e pedras preciosas, e que ia crescendo e lançando-se para o alto até perder-se nas nuvens, conservando-se o seu tronco pousado na terra. Mas ela reparou que em vários pontos da cruz faltavam pérolas e pedras preciosas; ela notava visivelmente os vazios e anelava que a Cruz estivesse toda ornada, sem nada faltar.

Pensativa, contemplava esta linda cruz, não atinando porém com o seu significado, quando saiu do Sacrário seu Divino Esposo, tão formoso e belo quão doce e atraente, e lhe dirigiu a seguinte pergunta:

"Vês, amada minha, esta cruz tão preciosa que, tendo sua raiz ainda na terra, seus braços remontam ate os ceus? Saibas pois, minha dileta, que esta é a tua cruz, carregada por ti na vida. Mas como já é curto o tempo que permanecerás na terra, os braços dela já estão no Céu. Olha, entretanto, os pontos vazios: são os anos que te faltam de vida, para serem preenchidos com boas obras e no exercício, sem mais queixas, do duro cargo de Priora, que ainda ocuparás por um outro tempo, e será o último.

"Durante os anos que ainda viverás, aguarda-te a grande dor de ver morrerem as três últimas Fundadoras. Suas almas, repletas de grandes merecimentos, são já frutos maduros para o Céu: Lúcia da Cruz, Ana da Conceição e Francisca dos Anjos. Olha suas últimas provações e ajuda-as nelas com tuas orações, porque se destinam esses sofrimentos apenas para purificá-las inteiramente, a fim de que elas não conheçam nem passem pelo Purgatório.

E viu ela a prova da Madre Ana da Conceição, que se daria na hora de sua morte, bem como a dolorosa enfermidade que acometeria Madre Lúcia da Cruz, e as dúvidas quanto à salvação de Madre Francisca dos Anjos.

Madre Mariana de Jesus sofreu por elas como se fosse por si mesma, e rogava com instâncias ao Pai Celeste, que, por Jesus Cristo seu Filho e por Maria Santíssima, Se dignasse encurtar o tempo da grande provação de suas diletas Fundadoras, companheiras em seus sofrimentos e na fundação do Mosteiro.

E assim aconteceu. Cada uma sofreu bem aquilo que mostrara Nosso Senhor Jesus Cristo, mas Ele deu-lhes a graça de abrirem a alma à Madre Mariana de Jesus a quem tanto amavam. Esta as consolava com palavras cheias de unção sobrenatural, o que tornava leve a cruz e muito meritórios os sofrimentos, de maneira que, chegando a hora da morte, elas tinham a alma tão tranquila e serena, que seu trespasse não era senão o sono do justo, que vai despertar já no Céu para gozar a claridade do dia eterno.

Morte de Madre Lúcia da Cruz

No ano de 1622 terminou o tempo de direção de Madre Ma-riana de

Jesus Torres. Também neste ano faleceu Madre Lúcia da Cruz, santa religiosa, cuja vida, como a de todas as Fundadoras deste Real Convento da Imaculada Conceição de Ouito, se encontra no já referido "Cuadernón".

Foi ela prostrada em seu leito de dor por uma doença rara, que consistia em batidas violentas do coração que a sufocavam, fazendo-a suar e vomitar sangue em quantidade cada vez maior — o que provocava uma debilidade indizível. Não podia recostar-se porque lhe doía todo o corpo como se tivesse sido espantosamente flagelada; sofria de contusões generalizadas, que não lhe permitiam movimentar-se por si mesma, e para tudo ela dependia de braços alheios. Todas as vezes que se levantava, tremia terrivelmente derramava copiosas lágrimas, sem soltar, entretanto, sequer um gemido de dor.

Acrescia-se a isto uma cruel desolação de espírito que a fazia crer que em nada tivera méritos e portanto nada possuía para conquistar o Céu. Sua consciência, é verdade, não a argüía de nenhum pecado mortal, nem de pecado venial advertido, em toda sua longa existência de 78 anos. Contudo, sua alma sofria indizivelmente.

Madre Mariana de Jesus, que a acompanhava o mais possível, animava-a e consolava-a com a doçura e a unção de suas pala-vras, bem como com o seu trato deveras maternal. Via como esta grande alma se purificava no seu leito até de suas mais leves imperfeições, e como "pari passu" Nosso Senhor Jesus Cristo ia imprimindo em seu coração todas as insígnias de sua dolorosa Paixão. Era nesses momentos que ficava mais dolorida e desolada, suando e vomitando grande quantidade de sangue.

A ocupação desta santa enferma consistia em rezar e examinar sua consciência. Desabafando a alma à sua Superiora, dizia:

"O que se passa comigo, Madre? Sinto como se algo estivesse sendo fabricado em meu coração, causando-me dores e desmaios mortais. O fogo do amor de Deus quer fazer sua explosão, porque vivo e ativo se oculta debaixo das cinzas da dor, mas uma força irresistível o aquieta e deste choque resulta esta desolação tão dura que sofro sem que eu queira. Tal sofrimento constitui para mim um duro inferno. E depois o fato de o meu pobre corpo, pela razão ou pela força, ter de ser manejado e visto por minhas irmãs, isto me é um duro sacrifício, que me causa vergonha mortal. O que me sossega é que são esposas de Nosso Senhor Jesus Cristo, e saberão, nessa ocasião, conduzir-se como tais. Minha gratidão é grande e se for para o Céu, de lá lhes recompensarei a heroica caridade, alcançando para suas boas almas graças muito particulares!"

Madre Mariana a ouvia enternecida, e, estreitando-a contra seu coração, fazia-a ver como Nosso Senhor Jesus Cristo deposita uma confiança ilimitada em suas esposas, e por isso manda a elas muitas dores, e raras, para, desta forma, viver nelas. E que estivesse segura de que o Céu era para ela, uma vez que no claustro viveu amando-O e no claustro morria amando-O. E lhe falava das pulcritudes do Céu, deixando esta esposa amorosa ávida de abandonar a terra para unir-se, na Celeste Jerusalém, com aquele Amado de sua alma. E a sua enfermidade acabava mais sendo motivada pelo sobrenatural do que propriamente por uma doença do corpo.

Isto não deve causar estranheza a ninguém, porque é próprio das almas que trilham por um caminho extraordinário e tratam a sós com Deus, que lhes comunica seus íntimos segredos e as faz beber, até a última gota, o cálice da amargura que Ele bebeu durante sua vida mortal. A vida do Divino Redentor não foi senão uma ininterrupta agonia, desde o seio puríssimo de sua Virgem Mãe Santíssima até o momento em que, pendente de três grossos cravos no patíbulo da Cruz, entregou sua Alma santíssima ao Padre Eterno.

Trato com as enfermas

Terminado o seu priorato, esta alma verdadeiramente seráfica se dedicava por inteiro à vida interior, sem lembrança de criaturas nem coisas do mundo que pudessem inquietá-la. Gostava da doce quietude do espírito em seu anelado recolhimento, pois assim como as almas rasteiras vivem ansiosas na busca dos postos de honra, esta alma verdadeiramente grande procurava o último lugar na casa do Senhor. E fazia-o com tanta boa vontade, que lhe parecia realmente convir o último lugar.

Concluído pois o seu tempo de governo, vivia sempre dócil, humilde e obediente a todas, sem exceção. Só fazia uso da au-toridade de Fundadora para assumir algum encargo dentre os mais penosos e humilhantes. Ajudava na cozinha, na enfermaria, na rouparia, e varria cada dia uma determinada área do Convento, tudo com o mesmo gosto com que outra pessoa qualquer desempenharia um cargo honroso. Por um simples olhar, poder-se-ia conhecer, através do modo de ser desta formosa e tranquila criatura, o seu alto grau de santidade.

Era de se ver o seu trato com as doentes: a solicitude sem nojo nem medo nos atendimentos, as palavras cheias de unção divina, que convidavam a resignação e à união de todos os incômodos ao Esposo doloroso, em sua

Paixão e na Cruz.

E se ocorria de alguma das enfermas seja pela violência das dores, seja pelo prolongado da doença, se aborrecerem e impacientarem, não se contentando com os serviços prestados pela caridade de suas irmãs, então Madre Mariana de Jesus tomava essa doente a seu encargo, e lhe dizia que era por ocasião dessas enfermidades penosas que Nosso Senhor Jesus Cristo esperava especialmente o amor efetivo de suas esposas, as quais devem, em meio às dores pungentes, conservar a paz, a paciência, a santa imperturbabilidade de espírito, e não encher os ares com queixas impacientes, transformando-se em instrumentos de martírio de suas pobres irmãs, que suportam tudo isto pelo mero fato de serem religiosas.

"A doença, minha filha e irmã dizia ela — é o termômetro com que deve se guardar, sempre e em todos os tempos, a virtude de toda alma religiosa. Sentir e manifestar amor de Deus quando tudo sorri em torno de uma religiosa, não é amor de Deus, mas amor próprio. Sentir e manifestar amor de Deus com a paciência, doçura tolerância e bondade para com nossas boas irmãs que nos atendem em uma longa, grave e dolorosa enfermidade, isto sim é amor efetivo e grande. Nosso Esposo Celeste pede este amor às filhas da Imaculada Conceição de nossa bendita Mãe. E como Ele ama muito nosso Convento, jamais faltarão aqui, em todos os séculos, pessoas doentes e doenças raras, as quais serão o cadinho de purificação de minhas irmãs e filhas queridas, como também nunca faltarão santas.

"No momento, tu és a feliz alma escolhida que Nosso Senhor associa à dores e quer santificar. Queixando-te, tu lhe dizias: "Não poderia Nosso Senhor largar-me e buscar outra que saiba sofrer melhor?" — Oh! não o creio. Se ouvisse essa linguagem seria capaz de morrer de dor vendo a meu Jesus desprezado, quando Ele mesmo em pessoa vem obsequiar a sua dileta esposa, sem valer-se dos Anjos do Céu, seus fiéis servidores. Assim é que minhas filhas e irmãs de todas as épocas devem encarar as enfermidades dolorosas e os sofrimentos do espírito — e, por vezes, ambas as coisas juntas. Pois, quanto mais opressas pelos padecimentos, dores e tribulações, mais devem considerar-se felizes e mais próximas de Deus.

"É quando devem, alçando os olhos da terra em que jazem cheias de dores, fixá-los em Nosso Senhor Jesus Cristo pregado na Cruz, pendente de três grossos cravos: todo o seu Corpo santíssimo convertido em chaga, e sua Alma invadida por tão amarga desolação, que nenhum mortal, nem bem-aventurado, poderá compreender a intensidade desse sofrimento. Se compararmos isto com as dores que padecemos em nossos corpos e nossos espíritos, tê-las-emos por nada, e nos envergonharemos de nossa covardia e falta de amor a Deus que padeceu desse modo incompreensível, simples-

mente porque Ele ama a cada uma com o amor infinito de Deus Redentor".

Duas leprosas

"Para ti, e para as minhas futuras irmãs, — prosseguia Madre Mariana — a cruz consiste no leito em que jazes crucificada. As doenças e as dores são as chagas que sofreu Cristo, nosso Bem, em seu Corpo. Digo mais: pelo fim do século XIX, haverá em nosso Convento duas religiosas leprosas. A intenção de Deus Nosso Senhor e Amantíssimo Padre com isso é, primeiramente, dar ocasião para que nossas irmãs daqueles tempos exerçam a caridade em grau heroico para com essas criaturas provadas de Deus. Em segundo lugar, por que quer que, por este meio, as enfermas obtenham a palma do martírio. Terceiro, para aplacar sua justa Ira com o ingrato povo. E quarto, por altos desígnios que sua amorosa Providência tem em relação ao nosso Convento.

"Agora, vê: tu não estás leprosa. Por que então essas queixas, esses ais, essa aspereza com tuas irmãs? Agradece a bondade de Deus e dá-Lhe graças por todos os benefícios que te concedeu, chamando-te para o claustro. Pede-Lhe generosamente que te aumente as aflições do corpo e da alma. Considera que das duas irmãs leprosas que aqui teremos, uma morrerá no Convento e se sepultará conosco no coro inferior. Quanto a outra — meu Deus! — coroará seu martírio deixando o Convento para dar entrada num leprosário comum! Quanto, então, deverá sofrer essa invicta e querida irmã! Sua bela alma constituirá o encanto da Santíssima Trindade e sustentará o braço da Justiça Divina por tantos crimes secretos e públicos. E, em virtude de tal sacrifício, Deus não castigará a sua pátria com piores castigos, que, sem isto, deveriam descarregar-se sobre este ingrato solo".

As doentes, envergonhadas, silenciavam suas queixas e, vendo-se menos sofredoras que as leprosas preditas pela Madre Ma-riana, consideravam-se felizes, e a paciência e a conformidade pouco a pouco se assenhoreavam de seus espíritos. E sofriam com edificação suas dores e padecimentos.

Tal era a conduta deste anjo tutelar, que assim aquietava os queixumes e conduzia até Deus as almas de suas irmãs enfer-mas. Reputavam-se felizes as monjas que tinham a Madre Mariana de Jesus junto ao leito de dor, e diziam todas elas: “Meu Deus, concedei-nos a graça de morrer antes de Madre Mariana, para que tenhamos nela o Anjo de paz e caridade que nos acalme nossas últimas e tremendas dores, e suavemente nos introduza no Céu”.

* * *

Enquanto assim se conduzia com as doentes, esta santa criatura orava e fazia penitência pela tranquilidade, paz, paciência, conformidade e santa morte de suas irmãs. Ela, entretanto, permanecia mergulhada no mar de suas aflições interiores acompanhando a Jesus Cristo Nosso Senhor nos passos de sua dolorosa Paixão. Sofria na alma e no corpo, mais do que qualquer uma de suas irmãs contemporâneas e futuras. Seus conselhos não eram, pois, dados nas nuvens, mas tinham fundamento em sua própria experiência: ela sabia o que era sofrer.

No porvir, magníficas procissões de culto ao Santíssimo Sacramento — Revelações sobre a conjuração maçônica

Por essa época, num dia de Corpus Christi, fervorosa e humilde rezava Madre Mariana ao pé do Sacrário, enquanto na igreja maior prestava-se culto público a Jesus Eucarístico. Nisso saiu dos seus sentidos, e conheceu numa visão que aquela região seria muito favorecida com graças e misericórdias pelo culto público e soleníssimo que, em séculos futuros, seria prestado ao Santíssimo Sacramento. Viu a procissão tão devota que se faria pelas principais ruas da cidade, com a participação das Comunidades religiosas das crianças, da juventude e de todas as classes sociais. Viu o recolhimento de todos, o respeito e a devoção das Comunidades, das quais muitos membros levavam em seus corpos instrumentos de penitência. Viu a fé e a piedade dos fiéis, e o comprazimento com que Nosso Senhor Jesus Cristo passearia pelas ruas da cidade, naqueles felizes tempos vindouros.

Mas, ai dor! Também viu a fúria que teria o diabo por tudo isso, e como se empenharia para derribar, por terra o sólido edifício da piedade cristã, fundada sobre a fé dos filhos de Deus, valendo-se para conseguir tal intento, dos próprios filhos desta pátria que fossem perdendo os sentimentos de fé legados por seus pais e maiores. Eles mesmos trabalharão para oprimir a Igreja em seus Congressos, impedindo o culto público, por haverem passado já para o bando de satanás, inscrevendo-se nas lojas. Viu que essa geração de pais sem fé deveria ser constituída pelos filhos ingratos da Igreja Católica, os quais A oprimiriam sem piedade, dando fim às piedosas procissões, que atraíam as bênçãos de Deus. E que este tempo seria de pranto e dor para todos os filhos fiéis da Igreja, que numericamente seriam poucos com seus

Prelados e Pastores. E se lhe mostrou a vinha da Igreja florida e formosa, na qual, entrando o javali pestífero e horrível da maçonaria, deixá-la-ia arrasada e em completa ruína.

Viu também que no Convento haveria tempos felizes em que se prestaria culto ao Santíssimo Sacramento, conduzido em procissão pelos claustros, em cujas esquinas se levantariam vistosos e bonitos altares, nos quais descansaria comprazido a Majestade Divina. Conheceu o fervor das freiras dessa época em esmerar-se nesses arranjos e as inumeráveis graças que receberiam suas almas e o Mosteiro, bem como especial prêmio que as esperava no Céu. Porque aos devotos da Sagrada Eucaristia Deus reserva um prêmio especial no momento da morte e depois no Céu.

Mas viu igualmente que em seu Convento professariam pessoas não chamadas por verdadeira vocação, as quais, com seus gestos e maneiras — e também com ações secretas —, acabariam abolindo após alguns anos de vida religiosa, estas e outras práticas que mantinham o fervor. Por outro lado, viu o castigo secreto que elas receberiam durante a vida, e o que lhes estaria reservado depois da morte. Conhecerão então o mal que fizeram, mas como não souberam corresponder às inspirações e os bons exemplos de suas irmãs, atribuindo-lhes sempre e gratuitamente intenções malévolas, elas mesmas buscarão sua pena especial no lugar de expiação e a minguada glória da eternidade.

Nessa ocasião, mais do que em qualquer outra, Madre Mariana de Jesus conheceu — pois assim lhe revelou o Senhor — que as devoções à Paixão, à Sagrada Eucaristia e à Nossa Senhora constituíam o sustentáculo das comunidades religiosas, e da sua Comunidade em particular. O mesmo se diga da celebração do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Incorrespondência dos Ministros do Altar

Madre Mariana voltou a si nos braços de suas irmãs que a choravam, julgando-a morta, pois eram já cinco horas da tarde e não dava sinais de vida desde as nove da manhã. Seu aspecto era cadavérico, mas não causava medo. Quis falar, levantar-se e caminhar, mas não conseguiu por mais esforço que fizesse, porque seu corpo caía ao solo suas irmãs a amparavam, chorando pelo temor de perdê-la.

Subiu com dificuldade ao dormitório e deitou-se no seu pobre leito, e ali ficou, como morta, sem forças, em razão da dor incomparável que lhe embargava a alma. Seu coração batia com tal violência que se ouvia à dis-

tância.

Nada da terra preocupava sua imaginação abismada nas apreensões pelo seu Convento e por esta pátria. Sofria sem consolo, tanto mais que ela já havia experimentado e visto a dor de Nosso Senhor Jesus Cristo no Horto das Oliveiras por estas mesmas.

Nesse desfalecimento voltou a perder os sentidos, e viu desta vez a má correspondência dos Ministros do Altar à sua santa vocação, e a maneira indigna com que alguns se acercavam do tremendo Sacrifício. Pesou as causas e sua alma se afogou numa profunda dor, fora da terra. Passou assim toda aquela noite e todo o dia de sexta-feira até às seis horas da tarde.

O restabelecimento

As monjas, temendo tivesse soado a hora da despedida de Madre Mariana de Jesus, cuja alma voaria para o seio de Deus, choravam desconsoladas, buscavam entre os remédios algo suficientemente eficaz para detê-la mais tempo junto delas. Tudo inútil. O médico havia esgotado os seus recursos. Ele pensava, sofria também e se declarava impotente diante de tal caso.

E dizia: "Madres, se não se tratasse da pessoa da grande Madre Mariana de Jesus, eu lhes diria que já cuidassem de amortalhar este cadáver e fazer-lhe as exéquias e o enterro. Mas, como está em questão esta criatura singular, bem podemos esperar até três dias: pois como o Profeta Jonas, que passou três dias no ventre de uma baleia, Madre Mariana pode permanecer outros tantos viva nos braços da morte. Usaremos de todos os meios humanos e, com suas orações, também os divinos. Queira Deus conceder um tempo a mais para esta santa criatura, nosso consolo e alívio".

Às seis horas da tarde de sexta-feira, abriu ela seus formosos olhos e os fixou no crucifixo que tinha em sua cama. Era o crucifixo que lhe deixara o bispo D. Ribera. Seu olhar triste, acompanhado de copioso pranto, era a expressão muda do amor de que sua alma estava penetrada. Não alcançava articular palavra; quando o médico lhe perguntava se estava melhor, com a cabeça fazia sinal que sim. As freiras a rodeavam. Cada uma se esmerava em servi-la e atendê-la. Queriam levantá-la do leito para que as acompanhasse nos atos da Comunidade e as instruísse com seus exemplos e santa vida.

Madre Mariana percebia e compreendia tudo, mas ficava perplexa em sua humildade, vendo como essas santas religiosas demonstravam tanto interesse por ela, quando nenhum atrativo possuía, por causa de sua insufici-

ência e pouco valor. Assim pensam e discorrem os santos!

* * *

Ah meu Deus! quando contemplo uma alma deste porte, meu coração palpita de amor por Vós, Autor de toda santidade. Meu carinho e respeito redobram-se por essas afortunadas e santas almas, e eu quisera que assim fossem todos os habitantes da terra, para que vosso Santo Nome fosse conhecido, e Vós, Bem meu, fôsseis amado pelas criaturas, obra de vossas mãos.

Madre Mariana passou mais de uma semana muito debilitada e sem forças; depois do que, retomou a vida monacal com o vigor de sempre. Sua fisionomia nestes tempos era triste, sem, contudo, alterar a simpatia de suas feições e o rosado de sua cor. Era uma tristeza que elevava sua alma para longe das regiões inferiores da terra.

Isto aconteceu na quinta-feira de "Corpus Christi" de 1623.

Na Semana Santa

O que vou passar a narrar desenrolou-se na Quinta-Feira Santa do ano de 1624. Toda a Semana Santa, desde o Domingos de Ramos, era, para esta santa criatura, de dias muito cheios de tristeza e profunda dor. Sua alma amante e pura penetrava no mais íntimo do Coração de Deus-Homem, atribulado e morto em afrontoso patíbulo para salvar suas ingratas criaturas. Participava ela, muito de perto, de todas as suas aflições, tanto do corpo quanto da alma. Seu espírito desolado e cheio de amor buscava alívio e refúgio na oração contínua e na redobrada e ao mesmo tempo austera penitência, a qual se tornava mais severa nesses dias que de ordinário.

Diariamente, pela manhã e à noite, tomava uma disciplina que sangrava. Na Quinta-Feira Santa, depois dos ofícios da Igreja, quando se calam e morrem todos os sinos, também adormecia a sonora campainha do seu coração. E, suspendendo por completo o movimento de seu coração, vivia da vida sobrenatural e milagrosa — que é dada somente por Deus Nosso Senhor, dono absoluto de todas as criaturas, e que, pródigo em suas graças, concede este dom a quem Lhe compraz, e do modo como Lhe convém, para a realização de seus altos designios. Completamente abstraída da vida terrena, Madre Mariana de Jesus ficava toda penetrada de Deus, sem faltar,

entretanto, a nenhum ato da Comunidade, nem omitir o menor de seus deveres.

Seu corpo estava forrado com penetrantes cilícios; na sua fronte, um cilício para imitar a seu Divino Esposo na coroação de espinhos. Os pés desnudos pisavam a terra, do pescoço uma corda de crina. Os olhos fixos no chão, seu rosto era cheio de gravidade e doçura, inspirando veneração e amor de Deus.

Visitava diariamente o "monumento"[12] percorrendo em espírito as casas e lugares onde foi afligido e maltratado seu Esposo e Deus verdadeiro. Do coro superior dirigia-se para o inferior e depois para as tribunas. Por mais necessidade que alguma religiosa tivesse de tratar com ela, nenhuma se aventurava a interrompê-la, vendo-a absorta por inteiro numa amorosa e séria contemplação.

Tomava parte nas refeições com sua Comunidade, e sentava-se a mesa para comer sua frugal alimentação, depois de beijar os pés de todas as religiosas que, edificadas, contemplavam semelhante espetáculo.

Passado o dia, tal como narrei checava o momento do canto das trevas. Madre Mariana o entoava cheia de doloroso amor, com bela e delicada voz, lembrando um cisne misterioso que, ao morrer, celebra com cântico melífluo os amores de seu Deus.

"Ato de flagelação da Comunidade na noite de Quinta-Feira Santa"

Depois disto, desciam todas, uma corda ao pescoço e rezando o "Miserere", pelo claustro inferior penetravam no cárcere e ali se prosternavam. A Superiora ia então, uma por uma, descobrindo as costas, sob uma luz fraca, na qual mal se podia ver onde se pisava. Feito este ato de humildade, a Superiora, comovida e em lágrimas, lia a passagem da cruel, dolorosa e humilhante flagelação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Terminada a leitura, incitava-as a imitar pelo menos em algo ao Esposo Divino, tomando parte nas suas dores. E feita a prática, a Comunidade respondia: "Amém".

A Priora tomava em suas mãos ramos de urtigas maduras e, recitando

12 "Monumento" designa aqui o túmulo ou altar que na Quinta-Feira Santa se arma nas igrejas, no qual se recolhe, dentro de uma pequena arca em forma de sepulcro, a segunda Hóstia consagrada na Missa desse dia, com a finalidade de reservá-la para os ofícios da Sexta-Feira Santa, quando será consumida.

o "Miserere", ia açoitando com eles, nas costas e até a cintura, cada uma das religiosas que, estendidas no chão, esperavam esta penitência pública.

Após este ato detinha-se um momento para oração. A Superiora não podia conter o pranto e chorava fortemente. A Comunidade prostrada em terra banhava com lágrimas o solo do bendito cárcere. Concluída a pequena oração, a Superiora pegava um látego de couro e, recitando novamente o "Miserere", aplicava em todas severas disciplinas, com amargura de sua alma.

Todas as Superioras confessavam com simplicidade que o ato desta noite era o mais duro de todo o priorato.

Finda a flagelação, a Priora voltava a cobrir as costas das religiosas, inclusive das noviças, que sempre tomavam parte deste ato. Quando estavam todas cobertas, a Superiora dava um sinal para que, osculando o chão, se levantassem. De pé, cobriam-se por inteiro, velando também a face. A Superiora então dirigia-se para o meio da Comunidade e dizia:

"Madres e irmãs, esta vil criatura desempenhou o ofício de verdugo das santas esposas de meu Senhor Jesus Cristo. Cada golpe penetrou em meu coração, e como o meu amor a Deus não permite ver-me livre desta humilhação dolorosa, fazei-me também a caridade de participar de vossas penitências, porque se vós padeceis inocentes, eu quero sofrer como culpada".

Ato contínuo tirava o véu do rosto e mandava, sob obediência, que uma noviça a urtigasse e outra a açoitasse. Estendia-se no solo, no meio da Comunidade, que chorava alto; as noviças designadas, trêmulas, chegavam-se a ela, e uma passava a fustigá-la com as urtigas, conforme descrito acima; depois de curta oração, vinha a outra açoitá-la. Durava cada uma das flagelações o tempo dê três "Misereres" rezados pausadamente.

Feito isto, a Vice-Superiora aproximava-se, cobria-lhe as costas e mandava-a levantar, dizendo: "Levanta-se, Revda. Madre, da terra em que jaz prosternada. Que Deus Nosso Senhor receba de V. Revda. e de toda esta Comunidade a humilhação e penitência que unidas fizemos àquelas que Jesus Cristo, nosso Bem, fez em público por nosso amor, na coluna dos seus sacrifícios. Sirva-nos isto de freio para domar nossas paixões".

A Priora levantava-se, então, beijando o chão, e depois os pés das monjas.

Esta cerimônia denominava-se "ato da flagelação da Comu-nidade na noite da Quinta-Feira Santa", ato ternissimo com o qual estas santas criatu-

ras desarmavam a Ira Divina.

Penitências particulares

Encerrada esta cerimônia, as freiras iam tomar uma ligeira refeição, depois da qual ficavam livres para permanecer com Nosso Senhor Jesus Cristo, ou retirar-se para o repouso.

Das onze à meia-noite havia o exercício, em conjunto, da Hora Santa no coro superior. Algumas rezavam estendidas em cruz na terra, pois havia um fervor sem igual nesta santa Comunidade. Madre Mariana de Jesus tocava em sua harpa "de falda" uma música triste e terna, que elevava a alma e a remetia ao Horto das Oliveiras, para aí acompanhar a Nosso Senhor em sua oração.

Era sempre ela a encarregada de dirigir esta Hora Santa do Convento, porque era tal o fervor e amor com que fazia a leitura dos pontos de meditação, cada quarto de hora, que os comunicava a suas irmãs.

Depois da Hora Santa estavam novamente livres para recolher-se ou permanecer com Nosso Senhor. Madre Mariana de Jesus jamais ia descansar. Seu repouso era a oração e a penitência. Com antecedência, deixava preparada grande quantidade de urtigas.

À meia-noite, terminada a Hora Santa, as religiosas estendiam-se no chão, pondo-se em cruz, para que suas irmãs passassem sobre elas. Nisto Madre Mariana de Jesus era a primeira em se prostar e a última a levantar.

À meia-noite e meia saía do coro superior deixando nele seu manto azul. Forrado todo o corpo com ásperos cilícios e coroa-das as suas têmperas com um cilício à guisa de coroa de espinhos, pendurava ao pescoço uma corda de cerda, tirava os calçados e, com os pés desnudos, andava por todos os claustros inferiores carregando aos ombros uma pesada cruz. E assim caminhando, permanecia absorta na contemplação das dores que seu Esposo e Deus padeceu na noite de Quinta-Feira, véspera de sua dolorosa morte. Fazia também as estações da Via-Sacra, percorrendo-as do coro superior ao inferior. Em cada estação flagelava-se com disciplinas de couro. Às duas e meia da manhã terminava deste modo a visita das sete casas. Prostrava-se em terra, com os braços em cruz, no coro inferior e rezava sete Padre-Nossos e sete Ave-Marias, dizendo no lugar do Glória:

"Formoso Nazareno, amor de minha alma, adoro-Vos como a meu

Deus e como a meu Senhor absoluto e Criador. Peço-Vos misericórdia para mim, para meu Convento e para os pobres pecadores, meus irmãos; aliviai também as duras penas das almas do Purgatório, dai-lhes o descanso eterno".

Dirigia-se depois, com a cruz às costas, a um lugar escondido dos porões do Convento onde guardara de antemão grande quantidade de urtigas. Osculava a cruz e recostava, bem presa a parede com um grosso cravo ou por meio de tirantes. Em espírito de penitência, desnudava seu inocente corpo, e o urtigava desde a cabeça até os pés, depois do que se crucificava. Às quatro da manhã aplicava a si uma grande e sangrenta flagelação.

Em seguida despregava a cruz da parede e, levando-a às costas, voltava ao coro inferior para visitar novamente a seu Sa-cramentado Amor encarcerado. Dali subia para a oração da Comunidade e assistia a todos os ofícios da Sexta-feira Santa sem nenhum cansaço nem desfalecimento.

Seguindo os passos de Nosso Senhor na Sexta-feira Santa

Na Sexta-feira Santa Madre Mariana aplicava-se três flagelações sangrentas e passava o dia unida a seu Divino e doloroso Senhor. Não O perdia de vista em nenhum passo de sua dolorosa Paixão, contava as horas de seus inauditos padecimentos. Tudo o que Ele sofrera no dia de sua morte, pedia ela para sofrer também, em união com sua Divina Majestade.

E — coisa espantosa! — realmente ela sentia em si, segundo a hora do dia, aquilo que, na Sexta-Feira Santa, Nosso Senhor sofreu. A hora da flagelação do Divino Redentor, ela se infligia o segundo açoitamento sangrento do dia. O terceiro aplicava-se às onze e meia da noite. Toda a tarde desse dia passava em profunda contemplação e mortal tristeza.

Esquecia-me de contar que, a partir do meio-dia, ela padecia em seu corpo a Crucifixão do Senhor. Seus braços, como que deslocados, sofriam dores inauditas. Seus pés e suas mãos tomavam coloração arroxeada escura nos locais correspondentes aos cravos. A língua se ressecava, ficando quase colada ao céu da boca. Só conseguia articular algumas poucas palavras quando, por motivo urgente, lhe era perguntado algo. Seus tormentos interiores cresciam demasiadamente. De tal modo que sua alma e seu corpo logo se desprendiam das realidades terrenas, e ela se perdia na imensidade a-morosa de Deus, na qual contemplava a seu amor, Nosso Senhor Jesus Cristo, morto em afrontosa Cruz, sua Humanidade santíssima despedaçada;

bem como o pranto e a soledade de sua Rainha e Mãe, Maria Santíssima, a Quem João, o Apóstolo Virgem, a santa penitente Madalena e as devotas mulheres faziam fiel companhia.

Este desmaio durava até às cinco horas da tarde, depois do qual Madre Mariana se levantava e ia cantar o Ofício das trevas com sua Comunidade — porque ela era uma alma de canto e de música.

Convém esclarecer que todas as Madres Fundadoras sabiam canto e música, de modo que, estando uma impossibilitada, era substituída por outra sem nenhuma dificuldade. As Madres fundadoras ensinavam música e canto a todas as noviças para que o culto fosse sempre o mais digno possível do Deus de grandeza e soberana Majestade.

Depois das trevas, a Comunidade tomava o disciplinamento, que nessa noite não era longo. Durava apenas um "Miserere" e três “De Profundis", com a oração "Respice". Dirigiam-se em seguida ao refeitório para uma alimentação ligeira. A tudo assistia Madre Mariana de Jesus, sem faltar a nenhum ato da Comunidade.

Soledade de Nossa Senhora

Às oito horas da noite principiava-se a "Soledade de Maria", com triste e doce canto e silenciosa meditação, precedida da leitura de trecho de um devoto livro que, para este fim, tinha Madre Mariana. A obra fora lhe oferecida pelo Irmão Frei Pedro de la Concepción, e por ser ele um varão santo, ela conservava o livro com grande veneração.

Terminada a "Soledade de Maria", todos iam descansar. Madre Mariana recolhia-se mais tarde, depois de se flagelar ainda uma vez.

* * *

Passava ela todo o dia do sábado numa doce tristeza, acompanhando a sua Rainha em sua amarga solidão. Nesse dia ela não punha nenhum acréscimo às suas penitências, e se cingia apenas àquelas costumeiras. — E o leitor já terá presente o que significam as penitências diárias de costume desta invicta religiosa.

Causa admiração ver tanta penitência feita nestes dias por uma débil mulher. Depois de tudo isso, conservava-se bem disposta, de modo a não faltar a nenhum ato realizado em conjunto. De fato, percebe-se por aí o espírito assaz extraordinário com que Deus havia dotado, e que este era o caminho por Ele traçado, a fim de que esta firmíssima coluna contivesse a Ira divina, suspensa sobre esta Colônia tão culpada e criminosa. Espírito que deve ser somente admirado — e Deus Nosso Senhor louvado nele — mas não imitado, porque sem um chamado explícito de Deus, seria temeridade querer imitá-lo. O que devemos imitar nesta santa religiosa, isto sim é sua humildade profunda, seu amor a Deus e ao próximo, sua observância regular e seu espírito de ininterrupta mortificação no pouco e no muito.

A Ressurreição

Depois de um breve repouso na noite do sábado, levantava-se pressurosa e dirigia-se ao coro.

Às três horas da manhã via o Divino Salvador, seu Esposo sair glorioso e triunfante do sepulcro por sua própria virtude e poder. E parecia a ela que sua própria alma voltava ao corpo.

Cheia de uma grande alegria, rendia os louvores a seu Amado por ter ficado livre de todo sofrimento e dor. À sua Rainha Santíssima externava também mil e mil felicitações por ter já Filho ressucitado e glorioso. Rezava o "Regina Coeli Laetare" com grande devoção. Dirigia-se ao Apóstolo do amor São João, à Madalena e às santas mulheres, e lhes dava graças por terem companhado à sua Rainha e Mãe em sua amarga soledade.

E com tanta alegria ia voando ao dormitório para desperpertar suas irmãs, tocava a campainha de obediência que é tocada sempre muito cedo neste santo Mosteiro para levantar o silêncio da noite. Durante o ano inteiro essa sineta é tocada às quatro e meia da manhã pelas noviças, chamando para a recitação do Ofício Parvo. Neste dia, entretanto, Madre Mariana de Jesus tocava às três e meia da manhã, porque a Comunidade cantava as Matinas da Ressurreição às quatro horas em ponto. Não havia Ofício Parvo nesse dia.

A fisionomia de Madre Mariana de Jesus era bela. A palidez que revestia seu rosto nos últimos três dias da Semana Santa, cedia lugar a uma tez rosada, radiante em toda sua louçania. É que ela também ressuscitava com seu Divino e Celeste Esposo.

— Capítulo VII —

Novas graças e revelações concedidas por Deus

à Madre Mariana — Perseguições do demônio

Tudo o que ficou descrito na última parte do capítulo precedente repetia-se anualmente com Madre Mariana de Jesus. Na Quinta-Feira Santa de 1624 ela viu, durante sua oração de penitência, o que se contará a seguir:

Quase nos meados do século XIX, viu na noite de uma Ouinta-Feira Santa que o altar-mór de sua igreja ardia num terrível incêndio. Sua querida Comunidade desse tempo estava aflita até o extremo, pois pensava que tal incêndio destruiria todo o Convento, deixando as religiosas na rua. Seus rogos, lágrimas e orações subiram ao trono do Altíssimo como aroma de suavidade (porque existiam ali boas almas, de sólida virtude).

Num relance, Madre Mariana sentiu na alma este formidável incêndio, que, pelas suas proporções, bastaria para consumir em pouco tempo o quarteirão inteiro. E pediu ao Senhor que se compadecesse e não permitisse semelhante catástrofe para suas filhas e irmãs.

Então Nossa Senhora voltou a lhe aparecer e falou desta forma:

"Por que temes, minha filha, as chamas materiais? Eu, a Mãe do Bom Sucesso, do Belo Amor e da Santa Esperança, sou a Senhora absoluta desta Casa, com todas suas dependências, conforme já te manifestei noutras ocasiões. Amo muito este lugar e esta Casa e os guardarei em todos os tempos.

"Para que minhas filhas se saiam sempre vitoriosas, peço somente da parte delas a cooperação, ou seja, o exercício diário da humildade, da simplicidade, da obediência, desta santa lhanura que toda filha de minha Imaculada Conceição deve possuir, sem dissimulação nem enganos, porque uma alma falsa e mentirosa não pode acercar-se de Mim, que sou a Mãe da Verdade divina, que é luz e claridade.

"E se permito que assim se incendeie minha igreja é para que a edifiquem nova neste tempo favorável, em que ambas Autoridades não porão obstáculos. Depois disto não poderão edificá-la e surgirão graves contendas pelas quais se modificará a ordem da vida monástica — o objetivo que, incansável, o demônio busca. Ele não só procura tomar parte no incêndio, mas quer também acabar com o Convento. Isto, contudo, não consentirei,

enquanto for a vontade de Deus. Quero agora que vejas o que o demônio faz. Olha!"

Baixando os olhos na direção do altar em chamas, Madre Mariana viu o inferno inteiro fomentando o incêndio com archotes infernais, entre risos satânicos; e diziam os espíritos malignos:

"Por fim temos oportunidade de acabar com esta maldita fundação, que tanta guerra aqui nos faz. Essas Fundadoras vieram para o coração da cidade impedir com suas santas vidas os nossos planos; e não são somente elas, mas em todos os tempos inimigas aqui teremos. Elas nos desarmam e nos lançam longe, e o que é pior — isto é obra de débeis mulherzinhas. Não é possível tolerar tamanho atrevimento, nós que somos de natureza angélica. Esta é a única chance que está em nossas mãos, de acabar com esta casa queimando-a até os alicerces para que não se possa mais edificar novo convento de freiras neste local, que cada um de nós se esmere em tocar fogo com a nossa chama, aproveitando da circunstância de a Senhora nossa inimiga estar muito quieta, sem pensar sequer em defender sua propriedade porque do contrário nada poderíamos".

E os invejosos e furiosos demônios ateavam fogo no altar procurando queimar sobretudo o Santíssimo Sacramento.

Nossa Senhora inspira um soldado a retirar o Santíssimo Sacramento

Quando viu isto, Madre Mariana penetrou no fogo e abriu caminho do mesmo modo como fizeram os três mancebos que passeavam no forno (cfr. Dam. 3,24). Nisso a Santíssima Virgem comunicou a um soldado — homem do povo e bom católico — uma forte e irresistível inspiração da graça. Em virtude de sua dócil correspondência a tão santa inspiração, expondo sua vida para salvar do incêndio o Santíssimo Sacramento, sua família deveria ser privilegiada pela posse de uma grande devoção e amor a Nossa Senhora, bem como pelas graças que haveria de receber dEla.

Este bom homem penetrou intrépido no meio das labaredas, como se alguém o empurrasse, e seguiu por onde Madre Mariana o conduzia, sem se queimar nem asfixiar, cheio de fé e de amor a seu Criador. Tremendo, recolheu e estreitou contra o peito o vaso sagrado onde estava o Deus dos Céus e da Terra, prisioneiro por amor aos ingratos homens. Conseguiu sair do fogo sem lesão alguma, guiado, sem o saber, por Madre Mariana de Jesus.

Ao ver isto, os demônios todos o cercaram para consumi-lo em seu fogo, e enfurecendo-se com ira infernal, instigavam mais o incêndio do altar, cujas chamas subiam até o alto.

O feliz homem, trazendo consigo Aquele que é o Céu dos Bem-aventurados, a Ele pedia que o iluminasse, sobre o local onde deveria depositá-Lo, se na capela-mor, ou na companhia. Imediatamente veio-lhe à mente esta reflexão, que era a voz de Nossa Senhora no seu interior:

"Em nenhum outro local, a não ser nas mãos da Superiora, colocarei este grande Tesouro. Em tão grande sofrimento das Madres o Esposo deve ficar com elas para seu consolo". E discreta e cautelosamente, o homem procurou a Madre Abadessa, e logo que a encontrou, pôs enternecido nas mãos dela, o Deus dos Céus e da Terra.

Madre Mariana de Jesus inspirou à Abadessa, religiosa prudente e boa, que entregasse o Santíssimo Sacramento a uma freira doente recolhida à enfermaria.

Ouantos colóquios não faria essa alma fiel, que no duro leito da dor sofria unida a seu Amado!

"Ide, maldito, para o fogo eterno!"

A Santíssima Virgem continou a falar com sua predileta filha Madre Mariana, e lhe disse:

"Vamos, filha querida, prover a ordem das gentes para que nada se perca, e se veja que este incêndio não foi desgraça mas vantagem! E Ela passeava com Madre Mariana e as demais Fundadoras, por todo o Convento, recolhendo as menores coisas.

Quando chegou o momento determinado pela vontade divina para que o incêndio cessasse, a Santíssima Virgem, rodeada pelas Fundadoras do Convento, suas filhas, exclamou com majestade de Rainha:

"Ide, malditos, para o fogo eterno, onde sofreis vossa soberba. Assim vos ordeno em nome de meu Filho Santíssimo, que tenho em meus braços, como terno Menino, para salvação das almas!"

Imediatamente, com a velocidade do raio, precipitaram-se os demônios

com estrondo no inferno, enquanto desabavam o teto e as vigas queimadas do altar-mór.

A Rainha do Céu voltou a falar, desta vez para o fogo material:

"Fogo, elemento criado por meu Filho Santíssimo para be-nefício e também para castigo da humanidade, Eu te bendigo e ordeno que moderes tua violência para que sejas apagado. Cumpriste tua missão sem transpor os limites assinalados pelo Todo-Poderoso. Bendito sejas!"

Sem tardança, o fogo atenuou seu poder ativo, e os homens puderam apagar o incêndio, ficando incólumes o resto do Con-vento e dependências.

* * *

Eis o relato do primeiro autor da vida de Madre Mariana de Jesus Torres, biografia que se conserva no Mosteiro da Imaculada Conceição, juntamente com as das demais Madres fundadoras. Eu aqui conto em segunda mão, com o objetivo de facilitar a impressão e aprovação.

Tampouco viverei eu na época do incêndio referido, mas verei do Céu, segundo espero, a realização profética, ou melhor, o cumprimento da dita visão. Meus irmãos de Ordem e minhas irmãs, as religiosas da Imaculada Conceição, que viverão nesse tempo vê-lo-ão. E as monjas que lhes sucederem assistirão ao cumprimento de tudo, para que humildemente agradeçam ao Senhor, a sua Mãe Santíssima e às Fundadoras, que com solícito empenho velam por elas e pelo Convento. Também para que amem esta Fundação de todo coração e se esmerem no cumprimento de suas obrigações monásticas; bem como para honrarem a memória de sua santa irmã, Madre Mariana de Jesus Torres, sua mãe e Fundadora, procurando imitar suas virtudes imitáveis, quais sejam a humildade, a observância da Regra, a santa simplicidade, a caridade e amor a Deus, a par do absoluto desprendimento de todas as coisas da terra.

Súplicas

Ó minha santa irmã, quem me dera ter vivido no tempo em que vivestes "viadora" . Quem me dera a felicidade de introduzir-me no interior de

vossa bela alma, espelho claríssimo da Rainha das Virgens! Mas, do Céu, onde gozais feliz, sob o azulado manto de nossa Imaculada Mãe, volvei os olhos para vossos irmãos e irmãs, e conduzi-nos ao Céu para gozarmos em vossa companhia.

Bem posso assegurar, sem faltar à verdade, que sois da alta estatura dos santos, comparável à seráfica Teresa. Ela refulge no candelabro da Santa Igreja e sua voz repercute de um confim a outro. Mas vós, qual humilde e odorífera violeta, açucena e rosa do jardim da Imaculada Conceição, vivestes escondida e enchereis sempre com vossa fragrância os secretos recintos destes claustros, que se gloriam de possuir vossos restos mortais. Vossas virtudes heroicas serão nos séculos vindouros vozes que despertarão as almas sonolentas, para levá-las a Deus.

Mas, por que admiro tanta virtude? Basta correr os olhos pela Seráfica Família, para encontrar nela toda sorte de virtude e santidade.

Ó humano Serafim, Francisco de Assis, meu Pai — por cuja humildade o Senhor vos deu filhos e filhas para realçarem vossa Ordem e para viverem na terra quais outros Serafins, amando o Criador — peço-vos uma cintilação desse seráfico amor para a frieza do meu coração!

Mariano e Mariana

Retomo agora o fio do relato da vida de Madre Mariana de Jesus. E direi que do ano de 1624 em diante, a vida dela foi mais angélica do que humana.

Cada aparição, cada trato com Deus, tornavam-na mais santa. Sua ânsia de deixar a terra já não se podia conter no segredo de seu ardoroso coração. Quando tomava conhecimento de que em algum convento morria uma religiosa, chorava como uma menina, dizendo: Essa feliz esposa levantou seu vôo até as alturas onde se encontra seu Esposo. Mas eu, pobrezinha, fico aqui na terra. A irmã morte foge para longe de mim e não quer me dar o desejado abraço".

As religiosas desta época, e mesmo as pessoas de fora, já veneravam Madre Mariana como santa.

Quantas doenças curou, mandando água de anis do país feita por suas próprias mãos! Era esta sua receita predileta. Operava prodígios diariamente, sobretudo, nas parturientes, evitando a morte das mães e dos nascituros.

É a razão pela qual naqueles tempos muito se generalizaram os nomes de Mariano e Mariana, que as mães, agradecidas, colocavam nos filhos e filhas na pia batismal.

Pois quando vinham pedir-lhe orações, avisando de que uma criança não batizada estava em perigo de morte, corria pressu-rosa fazer a água de anis do país para mandar à doente. Voava depois ao pé do Sacrário a exigir, entre lágrimas, de seu Deus, que não permitisse descerem ao Iimbo essas almas inocentes que não tinham nenhuma culpa. E fazia muitas vezes sérias penitências para o bom êxito.

As vinganças do demônio

Tudo isto deixava mal a vontade o demônio, que, raivoso, corria atrás dela, buscando causar-lhe dano ao corpo, já que era sumamente impossível atingir-lhe a alma. Rolava-a nos degraus com crueldade; embaraçava-lhe outras vezes o passo e a fazia cair, mesmo durante os atos da Comunidade.

No refeitório era paixão dominante dela servir as mesas, ou fazer a leitura, ou beijar os pés da Comunidade, ou comer no chão. Em tudo isto o demônio se intrometia: quando ela servia, ele procurava derrubá-la com os pratos e banhá-la de comida; quando ela lia, ele borrava as letras; quando comia na terra, ou beijava os pés das freiras, ele fazia com que entornassem comida em cima dela, e mil outras coisas do estilo.

Mas esta invicta criatura, sempre serena, — vivendo em Deus, conservava, apesar dos demônios, aquela santa imperturbalidade própria às almas solidamente piedosas, várias vezes, estando seus formosos olhos cheios de lágrimas, perguntavam-lhe a causa, e ela respondia: "Ai, irmãzinhas! Choro porque não posso tornar felizes os pobres diabos. Choro porque eles são mais solícitos em nos perder que nós em nos salvar".

Seu espírito de oração era extraordinário. Em qualquer lugar que estivesse, podia rezar e contemplar, tudo lhe falava de Deus.

Sua caridade era admirável e rara. Usava de sua autoridade de Fundadora para tomar conta das doentes de morte, tratar delas e ajudá-las a bem morrer. Depois amortalhava os cadáveres e fazia todo o possível para tirálas o quanto antes do Purgatório. Seu zelo e caridade pela salvação das almas e conversão dos pecadores eram imensos e heroicos. Em suma, possuía ela todas as virtudes cristãs e religiosas que caracterizam as criaturas escolhidas pelo Senhor, para suas grandes obras.

— Capítulo VIII —

Nosso Senhor prediz a guerra da independência à sua esposa, Madre Mariana de Jesus Torres — Ela vê o que passará a Colônia — Admiráveis visões e graças extraordinárias

Corria o ano de 1628 e Madre Mariana de Tesus era Abadessa no Mosteiro da Imaculada Conceição. Pelo fim desse ano, quando prestes a terminar o seu triênio, sucedeu o seguinte caso:

Como de costume à meia noite, orava ela no coro superior e numa dessas vezes viu toda a Colônia em agitação. Fixou o olhar em Deus, que lhe revelou tratar-se de esforços no sentido de separar a Colônia da Metrópole, transformando-a em república livre. A razão prendia-se ao fato de que as autoridades enviadas pelo Rei, nosso senhor, para governar o país, havia tempo se arrogavam muitas liberdades e cometiam abusos, oprimindo inocentes gerando, por conseguinte grandes sofrimentos, sem que houvesse possibilidade de remediá-los.

Viu a guerra da independência os grandes sacrifícios dos heróis e a terra empapada de sangue.

Condoeu-se de tudo e pediu ao Senhor que favorecesse a causa do partido que fosse de sua santa vontade, e a este desse o triunfo.

Fim da bela aurora

Conheceu então que a Colônia deveria tornar-se independente da Espanha. Porém a bela aurora que todas as manhãs refulgia sobre esta terra — espetáculo tão encantador, que algumas pessoas se levantavam de madrugada para se entreter com esta obra do Creador — perderia o seu brilho. E esse favor cessaria porque, conforme lhe foi revelado, tornando-se a Colônia república livre, não transcorreriam duzentos anos de independência, e já ela seria criminosa e ingrata aos benefícios de seu Deus, a Quem ultrajaria com crimes secretos no Sacramento de seu Amor. Cresceria o número de Judas ingratos e maliciosos que O venderiam por poucas moedas, instigados e possuídos pelo espírito diabólico. Viu o miserável e desgraçado destino destas pobres almas por toda a eternidade.

Conheceu também os castigos secretos e públicos que sofreria nestes tempos essa pobre pátria, então com nome de Equador. Foi-lhe revelado ao mesmo tempo que a república teria sido tragada e soterrada debaixo dos escombros dum terremoto, não fosse a bondade divina ter suscitado essa

época almas heroicas e justas para de maneiras secretas diversas, serem vítimas incessantes, e aplacarem a Justiça Divina, como outros Moisés.

Haveria almas dessas tanto no mundo quanto nos conventos e claustros, e também neste seu Mosteiro tão querido, onde viu muitas coisas que encheram a princípio de profundo pesar o seu coração: o demônio, com aparência de bem e valendo-se de incríveis membros da Comunidade, ali, introduziria sutilmente o relaxamento do qual só se dariam conta quando o mal já tiver criado raízes profundas, e parecer irremediável à vista humana. Mas viu em seguida com regozijo no coração que à custa de enormes sacrifícios, Deus acabaria glorificado, e alegrou-se com a fundação deste Convento.

Guerra entre Anjos e demônios

Depois de ter presenciado o término da guerra, com a Colônia transformada em república livre, foi obsequiada ainda com outras admiráveis visões.

Na primeira, viu o Equador rodeado nas suas quatro extre-midades por uma nuvem negra, constituída de incontáveis demônios, os quais, com alarido, choro, risadas diabólicas e horríveis ademanes, procuravam apoderar-se da nova república para que ela fosse, desde o início, por eles governada e regida. E ali alicerçariam a maldade nos sete pecados capitais e o ódio a Nosso Senhor e a sua bendita Mãe — extinguiriam todos os conventos e claustros: e impediriam a existência de toda instituição piedosa.

Eles sopravam, e toda a atmosfera se poluiu de uma fumaça espessa, que obscurecia a luz preciosa da Fé nas almas, recen-dendo a blasfêmia e endurecendo os corações.

* * *

Na segunda visão o Céu se abriu de par em par sobre a república e uma luz clara e irresistível se apoderou de todo o Equador. De cada convento e claustro jorrava uma nuvem de estrelas que subia até os céus, e ouviu-se a voz do Príncipe São Miguel, que disse:

“Descei imediatamente ao fundo dos abismos, malditas e negras legi-

ões, porque aqui Deus vive, Deus triunfa, e Deus reina em todo tempo por meio de suas almas prediletas. E, quando mais triunfantes estiverdes, mais próxima estará vossa derrota. Ai desta nova república sem as Comunidades religiosas! Ela não subsistiria".

E pelas quatro extremidades desta terra, cruzaram-se neste momento raios, trovoadas, relâmpagos e espadas de fogo, que caiam à direita e à esquerda. Pareciam manejadas por mãos muito versadas na guerra, e iam derrotando as diabólicas legiões, as quais, ao desaparecerem, lançavam alaridos horríveis, como de alguém tombando mortalmente ferido, ao mesmo tempo que ameaçavam jamais cessar de mover cruel guerra a esta pequena porção da terra na qual tão venerada e querida será a Mulher, sua Inimiga. Porque — explicavam os demônios — se lograssem extinguir a devoção do povo a Ela, a vitória seria deles. E acrescentavam: "Virão tempos em que teremos muito bons agentes, que com força e violência ganharão para nós um bom pedaço. Serão por nós amparados e lhes proporcionaremos prazeres, comodidades, riquezas: e depois os atormentaremos no inferno porque, ingratos, desconheceram os benefícios de seu Criador".

Expulsos os demônios, viu Madre Mariana a terra retornar à calma. A atmosfera e o sol resplandeciam com luminosidade mais clara.

Visões do Menino Jesus do Cerro de Pichincha

Então, Nossa Senhora do Bom Sucesso apareceu-lhe com seu Doce Infante nos braços e disse:

"Pobre filha de meu coração, com visão tão formidável desfaleceu já tuas forças naturais, e se quisesses voltar à vida, humanamente não conseguirias. Mas ainda não é tempo de deixares a terra. Sete anos mais, em memória de minhas sete dores e alegrias, peregrinarás na terra, sofrendo e gozando em teu espírito. Depois teu Amor te chamará à sua Casa e companhia lá nos Céus, onde tua longa vida não parecerá ter durado senão um dia, e tu te rirás dos teus grandes sofrimentos desta vida, os quais se te afigurarão como insignificantes, e desejarás então voltar a viver para sofrer a merecer o dobro.

"Doravante a estima de tuas irmãs e dos devotos deste meu querido Convento será o maior dos sofrimentos para teu coração, que ansioso desejará, sem agora conseguir, os desprezos, as burlas e as calúnias, porque já passou para ti esse tempo de ouro. Ele entretanto, virá para minhas filhas e tuas em tempos futuros, pois almas muito formosas teremos neste lugar

querido.

"Secreto e oculto viverá teu espírito nelas, e serão o desprezo das próprias irmãs, cujas mentes obscurecidas por disfarçada soberba não compreenderão nem saberão dar valor ao tesouro que possuirão em suas irmãs santas. Quantas mencionarão o teu nome desejando ter vivido em teu tempo, e não se darão conta de que tu mesma estarás vivendo em algumas das irmãs, as mais esquecidas e oprimidas.

"Felizes as minhas boas filhas cujas almas unidas a Deus e à sua Mãe passarão esquecidas, e, tranquilas na obscuridade e na dor, farão o bem aos seus e a estranhos".

* * *

E prosseguiu a Rainha dos Céus:

"Levanta agora tua vista e olha para o cerro de Pichincha, onde verás crucificado este Divino Infante que trago em meus braços. Entrego-O à Cruz a fim de que Ele dê sempre bons sucessos a esta república, a qual será muito feliz quando, em toda sua extensão, Me conhecerem e Me honrarem sob esta invocação, pois terão bom sucesso nas almas, casas e famílias, e esta invocação será penhor de salvação".

Em seguida Madre Mariana de Jesus viu os três Arcanjos, São Miguel, São Gabriel e São Rafael, tomarem o Divino Menino dos braços de sua Santíssima Mãe e conduzirem-No ao cerro de Pichincha deixando-O ali com reverente acatamento, desaparecendo logo depois.

O Divino Menino parecia ter a idade de doze a quinze anos, formoso e cheio da Divindade, ainda que oculta sob sua santa Humanidade. Ele prosternou-se em terra, com os braços em cruz, e orou a seu Eterno Padre, dizendo:

"Meu Pai e Deus Eterno, considerai benigno esta pequena porção de terra que hoje Me dais, para nela reinar, como Senhor absoluto, o meu amoroso e terno Coração e o de minha Mãe Santíssima, criatura tão pura e tão bela qual outra não há.

"Neste lugar se dará liberdade de república nova, e meu Coração infantil se enche de infinita ternura ao olhar quantos herois perderão a vida temporal. Benditos seiam mil vezes por seus heroicos sacrifícios: sejam suas almas recebidas no Céu para que gozem o prêmio de seus esforços! É por isto que quero orar neste monte como orei em Getsêmani, pedindo-Vos para

Mim todas as almas que povoarem estas terras, livrando-as da ira diabólica que tanto as ameaça. Eu quero salvar a todos; e para isto tenho esposas virgens que, associadas a Mim, elevam suas mãos súplices ao trono de Vossa Majestade, quais rolas inocentes gemendo sempre ao pé do meu Sacrário.

"Sobretudo olhai minha Casa e Mosteiro, propriedade de minha Mãe Imaculada, fundada por vossa santíssima Vontade no próprio coração da cidade, para desagravo de tantos crimes que se cometerão em todos os tempos. Ali temos, e em todos os séculos teremos almas crucificadas e justas que imitarão a Mim e à minha Mãe sem mácula; elas sustentarão o braço encolerizado de vossa Justiça Divina para impedir grandes males físicos e morais em sua pátria querida.

"Por esta razão o Mosteiro será perseguido e o demônio procurará extingui-lo, valendo-se de bons e maus. Mas minha Mãe querida, qual Estrela luminosa, brilhará sobre ela em todos os tempos e será seu melhor arrimo, sua muralha impenetrável, e lhe dará sempre bons sucessos. Por isso tantas vezes ali estivemos, e deixamos na preciosa Imagem o melhor penhor de nosso amor e proteção. Abençoai-as e sustentai-as em suas lutas e sofrimentos.

Terminada esta oração, ouviu-se uma voz no céu que disse, cheia de afetuosa majestade:

"Este é meu Filho muito amado em Quem encontrei sempre minhas complacências. Ouvi-O e imitai-O, almas escolhidas e queridas".

No monte envolto de luz

E todo o cerro logo se envolveu de uma luz celeste. E o Menino Jesus, levantando-se da terra, encontrou diante de Si uma cruz de madeira lisa e achatada, não roliça, com a inscrição INRI no alto; no braço esquerdo pendia uma coroa de agudos espinhos, e no braço direito uma estola branca.

A seguir surgiram os três Santos Arcanjos: São Gabriel trazia reverente e muito devoto uma branca hóstia. São Miguel, uma longa túnica branca, salpicada de estrelas. São Rafael, um manto de uma cor rosada muito preciosa, nunca vista na terra.

O Menino Jesus, cheio de contentamento, vestiu-se por Si a túnica branca que tomou das mãos do Príncipe São MigueI, sobre a qual o Arcanjo ajustou a estola que estava no braço direito da cruz, segundo o uso dos

diáconos (dos ombros à cintura em diagonal). Por cima da túnica o Menino Jesus pôs o precioso manto, tomando das mãos do Arcanjo São Miguel.

Assim vestido, aproximou-se da cruz fixou-a com amor e, pelas rosadas faces correram grossas lágrimas, logo recolhidas pelos Areanjos São Miguel e São Rafael, que as aspergiram em toda a nova nação.

Tomando com amor a coroa de pontiagudos espinhos do braço esquerdo da cruz, colocou-a em sua santíssima Cabeça. Achegou-se à cruz e estendeu suas mãozinhas, ficando crucificado sem aparecer os cravos.

Ordenou em seguida ao Arcanjo São Gabriel que pusesse a hóstia por trás da nuca, à meia altura de sua divina Cabeça. Isto feito, apareceram sobre o Arcanjo da hóstia os três fachos de luz do resplendor, o que conferia um extraordinário realce porque a auréola era de ouro polido e lavrado com verdes e finíssimas esmeraldas. No raio vertical estava inscrita a palavra Amor, no raio do lado direito, Equador e no do lado esquerdo, Espanha.

O Menino Jesus assumiu um semblante majestoso e um tanto triste como refletindo a dor que intensamente afligia seus ternos e divinos membros. Mas ao mesmo tempo, mostrava-se comprazido em sofrer por quem a tanto amava. De sua coroa de pungentes espinhos saíam grossas gotas de sangue que corriam por sua fronte: de suas mãos, as feridas dos cravos também vertiam sangue e o mesmo se dava com seus pés que pisavam o solo daquele cerro. Contudo, não apareciam cravos nem nas mãos nem nos pés.

Seu olhar, da cruz, abarcava toda a nova pátria. Sua cabeça não se movia e permaneceu um pouco inclinada à direita: e soluçando repetia as seguintes palavras:

"Não posso fazer mais por ti para demonstrar-te meu amor. Almas ingratas, não Me pagueis com desprezos, sacrilégios e blasfêmias tanto amor e delicadezas de meu Coração. Pelo menos vós minhas mui amadas e escolhidas esposas, sêde meu consolo em minhas soledades eucarísticas: velai em minha companhia: longe de vós o sono da indiferença em relação a Deus, que tanto vos ama! Sêde continuamente as heroínas de vossa pátria em meio aos amargos e funestos tempos que a ela sobrevirão. Vossa humilde, secreta e silenciosa oração, juntamente com vossa penitência voluntária salvá-la-ão da destruição para onde a conduzirão seus filhos ingratos, pois estes, humilhando e desprezando os bons, exaltarão e louvarão os maus e adventícios satélites de satanás".

Em torno da cruz não havia senão arbustos de espinhos com graciosas flores. O Menino Jesus estava crucificado diante do grande Pichincha.

Sobre a futura decadência do Convento

Depois destas maravilhosas visões. Madre Mariana de Jesus voltou a si. Seu coração de espanhola sofreu, como criatura mortal e passível, pela separação da Colônia de sua mãe-pátria Espanha e a sós chorava como uma criança.

Por esse tempo já haviam morrido — ou melhor, já dormiam o sono tranquilo dos justos — quase todas as fundadoras, vivendo apenas Madre Francisca dos Anios que morreu, como adiante se dirá, um ano antes de Madre Mariana, ou seja, em 1634, às cinco horas da tarde, momento em que se canta, na Ordem Seráfica, o glorioso trânsito de nosso Seráfico Pai São Francisco. Coincidiram nessa ocasião circunstâncias muito raras, mas próprias a uma alma chagada de amor divino como era Madre Francisca dos Anjos. Deixemos, porém, para depois a narração de sua morte, ou mais adequadamente, o doce sono nos braços de seu Amado.

Madre Mariana se consolava pois com ela, porque estas duas grandes almas, irmãs em santidade, pátria e Religião, não guardavam entre si reserva alguma de nenhum favor que recebiam da mão de Deus Onipotente.

Certas vezes, Madre Mariana, menos idosa que Madre Fran-cisca, queixava-se como criança, e chorando dizia:

"Ai, minha irmã, eu pensava que estas terras haveriam sempre de ser espanholas. Mas chegará um dia em que se tornará independente da pátria mãe. E virão assim ao nosso amado Mosteiro a decadência e o desprezo. Deus não permita que ele se extinga, com a praga de gente tão ruim! E nem lhe possa ser fatal a imprudente conduta de nossas sucessoras daquela época, as quais introduzirão no Convento, cuja fundação tanto nos custou, gente sem vocação e sem espírito, movidas por uma falsa caridade, sem levar em conta que em primeiro lugar está o futuro da Comunidade e não a colocação e segurança individual de pessoas insensatas, hipócritas e orgulhosas, que sutilmente minarão, com aparências de virtude e falso zelo, a pura e verdadeira observância da Regra. Essa sorte de gente acabará por introduzir, segundo seus caprichos, costumes extravagantes, e eliminarão aqueles que nós, guiadas pelo espírito de Deus estabelecemos desde a fundação, por intermédio de nossa querida mãe, mestra e Fundadora, Madre Maria de Jesus Taboada, que em tudo se conduziu — como sabeis debaixo da obediência e submissão aos Frades Menores. E seja dita a verdade: a falta deles neste Convento foi lamentável e ainda o será muito mais depois.

"O consolo que nos resta é que do Céu governaremos este Convento que nos custa tantas lágrimas e sofrimentos, e velaremos sobre ele. Quando parecer que nossas irmãs e sucessoras fiéis estejam à beira da derrocada final, então a Estrela, Maria do Bom Sucesso, e nós, de um modo assombroso e providencial, salvaremos o Mosteiro e a Comunidade. Mas ai destas filhas bastardas! Melhor lhes fora que não tivessem espezinhado nosso Convento!"

Madre Francisca respondeu: "Minha Madre e irmã, consolai-vos. Pareceis sempre uma menina em vossos pesares. Aquilo que me dizeis da independência desta Colônia em relação à Espanha, nossa amada pátria, está bem: mas por que chorar o que nossos olhos não verão? Vamos! que coração pequeno é o de V, Revda! Os males dolorosos e dignos de serem lamentados são os de que padecerá nesse período a Igreja, e também o nosso muito amado Mosteiro.

"Mas olha para Deus Nosso Senhor: em sua amabilíssima bondade Ele se digna manifestar-nos o porvir de nossa Comunidade. Em primeiro lugar para que nos alegremos pelo fato de sempre haver boas almas. Depois, para chorarmos pelas filhas bastardas e pela insensatez das Mestras e Superioras em receberem essa categoria de almas. E finalmente para que peçamos misericórdia e piedade para essas Mestras e Superioras, e para essas pobres almas que professam sem autêntico espírito religioso, sem saber nem dar-se conta da gravidade das obrigações que contraem, mas como objetivos meramente humanos, fundados num falso espírito de piedade.

"Choremos, sim, mas rezemos para que a Bondade divina encurte o tempo de tais sofrimentos a nossas fiéis e sofridas filhas, libertando-as de tão duro cativeiro.

"Nessa época tão infeliz pela qual passará nosso Convento, nós velaremos do Céu sobre nossas irmãs para que sustenham a observância regular, mesmo à custa de grandes sacrifícios e sofrimentos. E de muitas delas conservaremos a vida, por milagre, porque, humanamente falando, seria impossível a uma alma que sabe ser religiosa e esposa de Deus crucificado permanecer saudável e viva no meio de tal cúmulo de padecimentos.

"Religiosas dessa têmpera tiveram os espíritos formados para serem filhas da Imaculada Conceição de nossa Mãe Puríssima. Foram preparadas, primeiro, no ambiente paterno; depois, no noviciado pelas Mestras e Superioras que souberam dar filhas a Deus. Por isso grande será a glória destas no Céu, porque, sem adulação nem respeito humano, infundiram nas almas confiadas pela bondade divina ao seu cuidado o verdadeiro espírito. E em todas as circunstâncias da vida, tristes ou alegres, portaram-se como frei-

ras e deixaram depois da morte o tesouro do bom exemplo às mais novas. Quanto bem farão aos espíritos daquelas que viverem a verdadeira vocação, as virtudes praticadas — seja na saúde, seja na doença, nas provações e sacrifícios — por estas santas almas que no claustro viverão. E essas virtudes serão continuamente o secreto sustentáculo da Comunidade. Estas boas almas velarão sempre conosco pelo Mosteiro.

"Ânimo, pois, Madre. Deixai a tristeza. Acalmemos nosso abatido coração e demos alento ao nosso espírito: toquemos a harpa e cantemos as tristes notas daqueles versos que V. Revda. compôs, quando era ainda jovem e já sofrida".

E consola-se ao som da harpa

E ambas, ao som da harpa tocada por Madre Mariana, cantavam com tanta melodia e doçura, que pareciam jovens de vinte e cinco anos. Entoaram o cântico "Hermosa doncella", bem como os versos dedicados ao Santíssimo Sacramento, e todos os que Madre Mariana havia composto em sua juventude, e nas demais circunstâncias de sua vida.

São muito ternos e cheios de unção divina, elevando a alma a paragens mais nobres, os versos compostos por ela em meados de 1634 para homenagear Madre Francisca dos Anjos, anunciando-lhe a boa nova do término de seu desterro, e manifestando-lhe que muito em breve ela também deveria segui-la.

Assim se consolam os santos!

Depois destas visões tão cheias de amargas dores para a santa espanhola, sua vida tornou-se mais angélica que humana. Sem-pre dócil e obediente como uma criança, com a alma continuamente serena e tranquila em meio às mais aflitivas circunstâncias, dava coragem a todos e era o consolo para os seus e para os estranhos.

Passava a vida fazendo o bem não só dentro dos estreitos muros do convento mas também à Igreja, à pátria, com a prática diária de sólidas virtudes, com a oração e austeras penitências, apesar da avançada idade das duas únicas Madres Fundadoras ainda sobreviventes.

Seu espírito, entretanto, conservava-se sempre jovem; e sua saúde, em-

bora um pouco quebrantada, não impedia as penitên-cias, a observância da santa Regra e a vida austera. Para as boas monjas de verdadeiro espírito religioso, a penitência é o melhor remédio para as doenças leves do corpo. Elas só a suspendem quando seu Deus e Senhor as prova com enfermidades graves, dores nas quais elas se comprazem, porque então se vêem cravadas, com os mesmos pregos, na mesma Cruz de seu esposo Jesus Cristo, Nosso Senhor.

— Capítulo IX —

Nova aparição da Santíssima Virgem do Bom Sucesso a Madre Mariana — O Divino Esposo mostra os sofrimentos de sua Comunidade no século XX e chora sua desolação

Chegou, afinal o ano de 1634, transcorridos os demais na prática das mais heroicas virtudes.

No dia 2 de fevereiro rezava Madre Mariana, à meia-noite, no coro superior de seu tão querido Convento. Derramando abundantes lágrimas, abria o coração a seu Esposo Jesus Cristo Nosso Senhor e à sua Mãe Santíssima do Bom Sucesso, pedindo a conservação, até o último dia dos tempos, desse pugilo de almas tão querido, recordando o muito que havia Lhes custado a fundação e a manutenção do Convento. Pressentindo, ao mesmo tempo, que seu fim se aproximava, assim orava, entre soluços:

Madre Mariana roga pelo seu Mosteiro: Prioras santas e castigo para as religiosas nocivas

"Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, Santíssima Virgem do Bom Sucesso, Mãe minha querida e Rainha do Uni-verso, eu, a mais vil das criaturas saídas de vossa mão onipotente, prosternada no pó do meu nada, dou-Vos graças por todos os benefícios que, sem merecimentos pessoais, recebi. Pois, apesar de ignorante e ingrata, fui favorecida com o trato familiar de Vossas Majestades Soberanas, e tendes me manifestado tantas maravilhas, que constituirão motivo de assombro dos séculos vindouros, aos quais está reservado o conhecimento de meu nome e dos grandes e admiráveis prodígios que se operaram neste Real Mosteiro da Imaculada Conceição de minha Puríssima Mãe, da cidade de Quito, edificado no próprio coração da cidade para ser sempre sua salvação. Conservai, rogo-vos, esse vergel tão querido, onde Vossas Majestades terão sempre preciosas e odoríferas flores nas santas religiosas que, até o último dia dos tempos, habitarão estes secretos muros. Mantende a observância da regra que é a alma da contemplação. Fazei reinar o santo silêncio, ornato das casas religiosas.

"Fazei que este meu Convento seja sempre governado por Superioras de uma caridade bem entendida, que corrijam os abusos com pulso forte, tendo nas mãos vara de ferro para com aquelas, que em tristes tempos aqui se infiltrarão, a fim de perturbar a santa caridade e união, que nós, suas Fundadoras, lhes legamos, bem como para perpétua lembrança, esta bela Imagem da Rainha do Bom Sucesso, a qual regerá sempre na Sede Abacial, porque assim ela o quis.

"Superioras que saibam também usar de brandura e suavidade junto

às humildes e sofridas religiosas que chorarão secretas lágrimas por ver, consternadas, os abusos corroerem, como invisíveis carunchos a vida de contemplação e solidão que deve caracterizar as religiosas concepcionistas franciscanas, herdeiras naturais de nosso Convento.

A santa Priora pede a dilatação de sua vida

“A visão desses espíritos estranhos e intrusos, que em épocas infelizes viverão aqui, consome de dor meu corarão. Quisera pedir-vos que me conservásseis a vida, para ao menos sujeitá-los ao justo santo e razoável quando não expulsá-los, sem comiserarão, membros podres e inúteis que são e arrojá-los no mundo, onde pagarão os abusos e infidelidades cometidos sob aparência de bem, no claro e azulado céu deste claustro de Maria imaculada. Claustro que é a divina cepa do Celeste Pai de famílias, da qual todos os sarmentos devem estar unidos à videira, que é Cristo Senhor Nosso, mediante a imitação de sua santa vida, no cumprimento da Regra que professaram neste santo claustro, ou então varar no fogo do mundo, onde campeia a dissipação e a vontade própria, caminhos que conduzem tantas almas aos antros infernais: porque ao sarmento convém unicamente a videira, ou o fogo.

"Temo que o mau exemplo, qual peste formidável, se propague sutilmente na minha dileta Comunidade, extinguindo a virtude e santidade de minhas hons e dóceis filhas, porque se não há correção e escarmento para as culpadas, o mal tomará conta e ínstalará seu assento no Governo do Convento. Receio que, então, o maldito demônio logre destruir o querido Mosteiro através de membros postiços e filhas bastardas, não o tendo conseguido por meio dos inimigos da Igreja.

"Oh! Deus meu! Isto é o mais doloroso! Não o permita vossa amabilíssina Caridade.

“Para impedir tamanha desgraça, peço-vos que o Convento seja governado por Prioras cheias de santa energia e isentas do maldito respeito humano, o qual sempre frustrou magníficos planos de vossa caridade em relação às almas, inibindo portentosas obras, que teriam sido germens de heroica santidade e Vos haveriam dado grande glória. É por isso que quero viver nesses tempos: para reprimir as insolentes com minha autoridade de Fundadora, e impedir os grandes males reservados para esses desditosos tempos.

"Ao atributo de vosso divino poder não é impossível fixar em idade mediana criaturas humanas, cuja longevidade se calcularia em séculos ao invés

de anos. Se minha humilde petição Vos agrada, animada sempre de amoroso zelo pela observância da regra de meu Convento, e queirais dilatar-me a existência terrena, manifestai-me a vossa vontade, que é minha vida, a fim de que eu vá ajeitando as coisas de minha Comunidade, de forma a tudo poder correr naturalmente, sem que ninguém perceba, nem dentro, menos ainda fora, algo de extraordinário".

Preâmbulo de Nova Aparição de Maria Santíssima do Bom Sucesso

Concluída esta formal e, segundo parece, dura petição, a santa Fundadora ficou inteiramente sem sentidos. E viu abrir-se o Sacrário, e inundar-se o recinto de uma claridade celestial, transcendente a esta mísera e tenebrosa terra, e perto da qual a luz do sol é obscuridade.

Com extraordinária doçura e suavidade de sua alma, conheceu ela como na santa Hóstia Eucarística estavam o Padre, o Filho com Sua Santíssima Humanidade, e o Espírito Santo, e o modo pelo qual dali o Deus Uno e Trino concedia às suas criaturas — segundo a correspondência e a docilidade de espírito e coração de cada uma — as graças de santificação e os sete dons e frutos para alcançarem a perfeição, e dos quais se beneficiavam com preferência as religiosas bem dispostas para isto.

Contemplou a Santíssima Virgem, como foi preservada da culpa original pelos méritos "ante praevisa" de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que nesta belíssima e imaculada Criatura se realizasse sem obstáculo nem resistência pessoal a vontade divina, na grande obra da Redenção e salvação das almas. Viu-A também enquanto Rainha, Mãe e Protetora da Igreja Católica, fundada por Cristo Redentor com tantos trabalhos e que se conservaria mediante a proteção e amparo desta Soberana Rainha, aformoseada pelo sangue dos mártires, que Lhe não faltará em tempo algum.

Foram-lhe mostradas também todas as instituições piedosas, congregações e comunidades religiosas que deveriam fundar-se até a consumação dos séculos, bem como as que iriam se destruindo, seja pela decadência de seus membros, seja pelo relaxamento resultante da indiscreta recepção de elementos inconvenientes, em razão da falta de correspondência à graça.

Teve igualmente conhecimento e deu-se conta exata e ine-quívoca dos tempos funestos que esta sua Comunidade e Convento tão queridos atravessariam, sobretudo em meados do século XX. Foi manifestado a Madre Mariana aí não ser necessária a conservação de sua vida material para essa

época, porque do Céu ela poderia favorecer com mais liberdade e autoridade sua tão amada Comunidade, abatida e sofrida por esse tempo, em que apenas o poder divino e o amor de Nossa Senhora a esta sua fundação poderiam mantê-las, se ao Céu se evolassem as orações das almas religiosas instas que, nesse período como em todos, existirão no Convento.

Viu a tempestade desabar-se sobre ele, provocada por membros indignos de conviverem dentro de seus muros. Conheceu também a falta de prudência e discernimento das Superioras para ter-se configurado tal situação, a opressão do Bispo e a perseguição dos maus. Sua amada Comunidade aparecia-lhe no meio de uma noite escura e na mais amarga solidão.

Diante desse quadro, suplicava em alta voz à bondade divina que enviasse a claridade do dia com o retorno dos Menores, cujo governo fizesse cessar o longo e cruel inverno, que impedia o crescimento e o viço das preciosas flores de virtudes, sob a benéfica sombra da meticulosa observância da Regra, tão cheia de suavidade. Pois somente com ela poderiam as religiosas entrar diretamente no Céu depois da morte, sem tantos tropeços e cargas pesadas impostas pelos homens.

Nossa Senhora põe o Menino Jesus nos braços de Madre Mariana

Nossa Senhora tomou então a palavra, e assim falou:

"Filha querida e predileta de meus amores, não é neeessário que teu desterro — nem o de Madre Francisca dos Anjos — se prolongue por tantos séculos. Para as duas únicas Fundadoras que hoje sobrevivem e chegado já o fim da vida. O Esposo as chama: saiam a recebê-Lo com a lamparina acesa.

"Hoje, que a Santa Igreja celebra o mistério de minha Purificação no Templo e a Apresentação do meu Divino Menino, quero pô-lo em teus braços como prova de que, daqui a um ano, estarás vivendo no templo da glória, onde acabará todo pranto e toda dor. Lembra-te de que esta data constituiu sempre para ti ocasião de muitos regalos e mercês por mim concedidos.

"Ficarei Eu a viver e governar este meu Mosteiro através da milagrosa Imagem que te ordenei fosse feita e posta no coro alto deste meu Convento, sobre a Sede Abacial: segura e firme está portanto esta minha dileta Casa. E tu deves sair tranquila da vida mortal, legando a tuas continuadoras este precioso Tesouro, que não foi dado, nem o será, a nenhum outro convento,

porque nenhum como este será tão perseguido pelos de dentro e de fora, chegando até a ser odiado, e, por isso mesmo, muito amado de Deus.

"Mas ai dos que o perseguem! Ai daquelas que, pela sua falta de virtude, forem causa de o Convento ser mal reputado. — Algumas pagarão ainda em vida, para escarmento de suas irmãs. Outras — ai delas! — fechar-se-lhes-ão as portas do Céu; quais virgens loucas, satisfizeram os próprios caprichos, enquanto viviam no paraíso de meu claustro, recebendo aplausos pelo seu enganoso e aparente bem proceder. Estas descerão aos abismos do Inferno e sofrerão por toda a eternidade, enquanto Deus for Deus, o merecido castigo por haver atormentado a suas santas irmãs em vida, as quais não possuíam outro asilo a não ser Jesus Sacramentado, ante Quem derramavam abundantes e ocultas lágrimas, sem apelação nem consolo humanos.

"Recebe em teus braços meu doce Infante como prova do muito que amo a este Convento, e de que sempre o guardarei. Prepara-te com isto para sair tranquila da vida mortal; tu continuarás presente na pessoa das boas religiosas".

E estreitando a Virgem Imaculada ao Divino Menino contra seu Coração virginal, pô-Lo comprazida nos braços de Madre Mariana, que O recebeu com presteza inimaginável e gozo inefável.

Início das profecias do Menino Jesus: as aparições de Nossa Senhora do Bom Sucesso serão postas em dúvida

O Menino Jesus, nos braços de Madre Mariana, acariciou-a e disse:

"Esposa dileta minha, como és formosa a meus olhos! Em tua longa vida somente Eu fui teu único amor; amaste a cruz como Eu a amei e a carregaste com paz, fazendo dela teu tesouro e tua riqueza. Justo é que logo te dê no Céu o gozo eterno, que tenho preparado para os meus eleitos que Me seguiram muito de perto.

Amo este Convento porque e fundação é propriedade de minha Mãe Imaculada, e também minha. Amo-o outrossim, porque tu viveste nele e te verei vivendo aqui em todos os séculos. Em períodos difíceis Eu o sustentarei.

"Concluído o tempo de prova, apanharei as varas secas com que açoitei esta minha Comunidade e as sepultarei no fogo sempiterno, e nascerá, então, o dia de sua liberdade, livre como um dia será esta Colônia de tua

mãe-pátria. Fugaz passará o inverno para dar lugar à primavera, e aí verão, dentro e fora, o precioso (tesouro) que tive, tenho e terei aqui, onde tu moraste. Mas até lá muito sofrerão minhas amadas esposas e filhas tuas, desse tempo.

"As freiras incautas e carentes de virtude sólida porão em dúvida tua maravilhosa vida e os favores muito especiais e raros com os quais Eu e minha bendita Mãe temos te regalado.

"As eminências do mundo moverão guerra implacável e mesmo entre a Seráfica Família — quem o diria — haverá dúvida, oposição e indiferença. Somente às almas humildes e simples de coração se franqueará a segurança, o conhecimento e a firme convicção de todo o referido em tua vida a qual permanecerá oculta durante os primeiros séculos desta Colônia, que se tornará nova pátria.

"Mas, como as minhas grandes obras trazem o selo da con-tradição, da oposição e mesmo da calúnia, quando isto acontecer, aquelas que o presenciarem não deverão inquietar-se. Pelo contrário, é a hora de cantar vitória, pois o dia se aproxima da mesma forma como a cruel e ignominiosa morte que Me foi dada precedeu o momento de minha Ressurreição. Ninguém depois pode tirar-Me novamente a vida nem o poder dos reis e príncipes pagãos foi capaz de impedir a fundação de minha Igreja, para a qual Me servi, entretanto, nem de ricos, nem de nobres segundo a carne, mas de uns poucos pescadores, simples e ignorantes, pessoas modestas que ganhavam a vida pescando à beira d'água.

"Esta Igreja tão querida, conservá-La-ei até a consumação dos séculos. Ela será fortemente combatida, jamais, porém, ven-cida, porque, se homens faltarem, do Céu trarei legiões de Anjos para sua conservação, defesa e triunfo.

"Nas épocas funestas Eu A regerei, segundo meu gosto e vontade, por meio de meus Vigários na Terra residentes em Roma, cidade dos Papas da invicta e intrépida Fé. Quem a ele se sujeitar, e o reconhecer como meu representante na Terra, e lhe prestar obediência cega, bendito será de meu Pai Celeste e reinará coMigo no Céu".

Previsões sobre os Dogmas da Imaculada Conceição e Assunção

"O Dogma de fé da Imaculada Conceição de minha Mãe será procla-

mado quando mais combatida estiver a Igreja e encontrar-se cativo o meu Vigário.

"Do mesmo modo o Dogma de fé do trânsito e Assunção em corpo e alma aos Céus de minha Mãe Santíssima. Mas tu, e as minhas esposas e almas escolhidas, deveis crê-lo sempre como se já fosse dogma. Nisto Me dão muito contentamento, porque é um ato de reconhecimento do meu poder e do meu amor de Filho à Imaculada Virgem Mãe, a Que por minha própria Honra e Dignidade, jamais houvera podido consentir que seu Imaculado e Bendito Corpo se reduzisse ao pó da terra, como sucede ao comum dos meus fiéis.

"Se, por desígnios meus, inacessíveis à compreensão dos homens, conservo incorruptos os corpos de alguns dos meus servos, com quanto maior razão não conservarei o Corpo de minha Mãe, Virgem Imaculada, levado com sua santíssima Alma à gloria, para gáudio da Santíssima Trindade e alegria acidental dos bem-aventurados!

"Constitui isto também, de certo modo, um ato de justiça para com minha Santíssima Mãe, a Santa dos Santos e Rainha de todos eles.

"Malditos mil vezes sejam os hereges e seus sequazes, que põem em dúvida os mistérios concernentes a Mim e à minha Mãe! Malditos sejam! E seja a sua morada eterna o centro da terra, junto com o pai da mentira, Lúcifer, e seus sequazes, no meio do fogo criado pela Ira Divina para os anjos rebeldes e os homens que a eles seguiram, apartando-se da verdade, fora da Igreja Católica".

O Divino Infante anuncia a morte de Madre Francisca aos Anjos —Visão do Purgatório

"Madre Francisca dos Anios, essa minha fiel esposa — em quem imprimí secretamente as minhas Chagas, verdadeira filha que é do Serafim Chagado, Francisco de Assis — encerrará no dia 4 de outubro, às cinco horas da tarde, sua vida terrena para ingressar na eternidade. Oito meses apenas de peregrinação e depois o Céu. Ela não deverá sequer ver o Purgatório, e para purificar-se do pó do caminho, padecerá, durante três meses (do amanhecer de 1.º de julho até findar-se o dia 30 de setembro), tormentos indizíveis de alma, tentações de toda sorte e contra todas as virtudes, sendo-lhe mais dolorosas aquelas contra a Fé do que as contra a santa pureza, por que estas não lhe serão muito manifestas, embora sensibilíssimas, em virtude de sua candura e castidade de alma.

"Nesse período, tão aflitivo para esta amada esposa minha, encher-se-á sua alma de grandes méritos. Porque quando a algumas almas muito queridas de meu Coração dou o purgatório ainda em vida mortal, e para que a purificação venha acompanhada de méritos, o que não ocorre no lugar de expiação, fora da vida mortal, onde as almas resgatam as faltas cometidas, sem, entretanto, adquirir nenhum merecimento pessoal, à espera, como mendigos indigentes, da caridade dos sufrágios da Igreja Militante.

"E como habitualmente sobrevém o esquecimento daqueles que sofrem na Igreja Padecente, ali tens, à tua vista, essa cidade de fogo, pranto e dor, composta por esse incontável número de espíritos, de toda idade, sexo, condição e estado que tiveram na vida terrena, sofrendo o que aos mortais é incompreensível. Mas, sendo já almas confirmadas em graça, possuem elas essa paz, essa resignação e essa paciência admiráveis, que glorificam a Deus; seu maior padecimento é esse mesmo amor sobrenatural de seu Deus e Senhor, e o desejo de contemplá-Lo quanto antes no Céu e de permanecer logo em Sua companhia".

Erguendo a vista, a santa monja espanhola descortinou essa cidade tão povoada de espíritos afligidos por tormentos indizíveis, e lhe pediam, este uma oração, aquele uma penitência, e todos, em altos brados, sufrágios. Seu coração compassivo condoeu-se desses entes sofridos e prometeu-lhes que, em pouco tempo que ainda lhe restava de vida, faria tudo quanto estivesse a seu alcance para aliviá-los e introduzir no Céu a quantos pudesse.

Continuou a falar o Menino Jesus:

"Madre Francisca dos Anjos não pode morar aqui nem um instante, tu tampouco, pois Me amastes com toda a alma durante a vida e não Me relegastes para trás das criaturas, nem as fizestes rivalizar coMigo. A concupiscência do olhar, a concupiscência da carne e a soberba da vida não mancharam vossas almas.

"Durante o intervalo dos oito meses restantes, dize a minha Francisca que se prepare com alegria para entrar, finalmente, em sua Pátria Celeste, terminado o seu desterro, dando-Me por isto repetidas graças.

"No tempo de sua purificação, os três últimos meses, ajuda-a com tuas orações, penitências, conselhos; dilata aquele coração, anima aquela alma, ampara aquele espírito fortemente provado com maiores atribulações.

"Eu darei unção a tuas palavras, e luz claríssima para que conheças suas penas interiores e vejas como as almas justas se purificam, antes de entra-

rem no gozo eterno restituindo até o último maravedio".

Ingratidões e traições

"Ai! se as almas religiosas prestassem um coração dócil às inspirações de minha graça, como Eu lhes faria ver — à maneira do que fiz contigo — a pureza de que necessita uma alma para entrar em minha glória! E daria a elas também estas graças tão particulares, que somente concedo às almas muito interiores e desvinculadas de todo o terreno a ponto de evitar até o menor laivo de obscuridade, já não digo dos pecados mas mesmo dessas faltas advertidas, dessas imperfeições frequentes com que se habituam as almas religiosas. Essas criaturas, tão caras ao meu Coração, causam-Me tanto desgosto, ferem-Me por vezes. Constrangem-Me elas assim a descer o braço de minha Justiça sobre meus claustros queridos — e até sobre as cidades —, quando aqueles que muito de perto Me pertencem, afastam-se do meu espírito, abandonando-Me sozinho nos Sacrários, raras vezes se lembrando de que Eu ali vivo especialmente por amor a eles, a mais que ao resto dos fiéis, abrigado sob um mesmo teto, e de que lhes reclamo amor e carícias quando o ingrato mundo Me atormenta. Me desconhece e quer expulsar-Me de suas cidades e aldeias, Como se Eu fora para eles um Ente nocivo. E é porque onde vivo sacramentado, tenho esposas nos claustros — esta cidade terá muitos claustros, porque nela haverá muitos Sacrários.

"Digo-te, contudo, que em alguns deles haverá na sequência dos tempos almas traidoras, ingratas, esposas infiéis que Me odiarão. E Eu não as suportarei por muito tempo em minha casa e companhia: com meu poder omnipotente, valer-Me-ei de mil recursos secretos, de vez em quando públicos, para acabar com esses seres sem coração.

"Mas neste meu Convento tão querido do meu Coração, tantas vezes visitado e santificado com minha presença e a de minha bendita Mãe, não toleraremos tais extremos. Não; aqui viveremos e reinaremos sempre, guardando e defendendo nossa porção querida. Aqui Me refugiarei quando o mundo Me perseguir. Aqui terei almas secretas, raras e sempre desconhecidas, com as quais Me comprazo e que Me desagravarão e desarmarão quando minha Justiça estiver saturada pelas maldades e sacrilégios do século XX.

O pecado das Prioras

"Não te aflijam ao extremo de desagradar-Me, os verdadeiros e calamitosos tempos pelos quais terá de passar este meu Convento bem-amado quando aproximar-se a metade do século XX.

"As injustiças internas; as delongas na admissão de jovens queridas de meu Coração, por Mim chamadas com verdadeira vocação; a injusta opressão daquelas que deveriam ser verdadeiras mães, cuidando com desvelo do aumento e perfeição do Convento, e que, cedendo a seus caprichos, deixar-se-ão levar pela injustiça e pelo dolo, chegando inclusive a despedir aquelas a quem Eu destinara, nos meus desígnios, para cooperarem tornando-se religiosas aqui, na salvação desta minha Comunidade diminuta naqueles tempos, e para, com suas orações, observância regular e deveres bem cumpridos, servirem de pára-raios da Cólera Divina sobre esta cidade.

"Verdadeiramente este é o pior dos castigos que Eu enviarei a meu dileto Convento, com dor para meu Coração. Saibas, entretanto, que este caminho foi preparado pela indiscrição, pela falta de zelo e de caridade verdadeira e bem entendida, por parte das Superioras. A elas Eu chamei para serem almas de oração; dissiparam-se porém com coisas alheias a Mim, que sou seu Esposo, Dono e Senhor. Acrescente-se-lhes ademais essa obstinação em admitir para o Mosteiro quem não devia, para o que não lhes faltarão nem luzes, nem avisos, nem graças. — Essas não são ramos de minha videira. Di-lo-ão suas obras e conduta.

"As Prioras e as religiosas responsáveis por estas admissões terão um juízo e um purgatório específicos, para punir sua falta de discrição e amor à Comunidade.

“Ai daqueles membros que não puserem de lado seus próprios interesses para fazer o que devem, abstendo-se de soberbas e vãs presunções: Melhor lhes fora não ter entrado, a profanar minha Casa tão querida. Ai delas! Ai!”

"Mas, como viste e conheces, terei também nesses tempos esposas fiéis e belas almas com quem desafogarei meu Coração.

"Suas imensas amarguras, sacrifícios, orações e penitências farão violência à Justiça Divina de meu Pai para que se abrevie o tempo de tanta desolação em minha muito estimada Comunidade, e, obtido o perdão, seja levantado o castigo. Ver-se-ão então livres dos opressores, de cujos malefícios ainda se ressentirão as posteriores gerações de religiosas.

"Uma só alma chamada por Mim a determinada Ordem religiosa vale tanto quanto uma Hóstia consagrada existente no cibório. A minha Pro-

vidência velará sobre elas para que não se percam uma vez que não foram culpadas.

Devoção ao Menino Jesus, símbolo da infância espiritual

"Já para ti se encerra o desterro. Daqui a um ano estarás no Céu, pois fecharás teus olhos à luz material para abri-los à luz eterna no dia 16 de janeiro do próximo ano. Após minha Fran-cisca, faltar-te-ão apenas três meses de peregrinação sobre a terra.

"Que o tempo que te resta de vida seja de uma união absoluta coMigo, com minha Santíssima Mãe, com meu servo Francisco de Assis, teu Pai, e com os cortesãos do Céu. Junto a eles viverás logo, sem jamais te separar e de lá cuidaras do tão amado Convento meu e teu, fundado deveras a custa de imensos sacrifícios.

"Deles, entretanto, as futuras religiosas — pelo menos as carentes de espírito e virtude — não se darão conta exata, e por isso malbaratarão os tesouros de graças que tenho reservadas para as pessoas favorecidas com o sublime dom da vocação religiosa neste claustro de minha Mãe Imaculada, onde Eu serei sempre servido, querido e adorado em espírito e verdade.

"É por esta razão que Eu mesmo inspirei a minha esposa, tua Madre Maria Taboada, quando veio edificar esta Fundação, que fizesse titular dela o meu doce nome de Jesus, e trouxesse de sua pátria-mãe uma minha imagem para ser venerada, querida e reconhecida como Titular deste Convento.

"Quero que saibas — e transmitas a tuas sucessoras pela tradição — que a devoção ao Menino Jesus será sempre, em todo conflito, a salvaguarda do Convento. Se faltar esta devoção, desaparecerá o belo espírito de infância espiritual, no qual se compraz meu Pai Celeste. Enquanto ele existir, não haverá poder humano capaz de destruir este Convento meu tão querido.

"Felizes mil vezes as almas religiosas que habitarem esta minha Casa: que Me amem e Me dêem culto! Eu as encherei de luzes e graças para que suas almas sejam preciosas ante meu Pai Celeste e a Santíssima Trindade; nelas Nós deleitaremos. Eu as assistirei na última agonia, e tornarei suave seu juízo, menor o tempo de sua purificação e grande o grau de glória que tiverem no Céu".

Sobre os membros podres e as admissões imprudentes

"Fixa bem e medita no teu interior: em todas as aparições com que minha Imaculada e Bendita Mãe te favoreceu, minha pobre esposinha, Ela sempre Me trouxe em seu braço esquerdo para, coMigo, aplacar a Justiça Divina; e o precioso báculo no braço direito para governar esta minha grei querida. Desse báculo, que minha Bendita Mãe traz em sua mão, Eu me servirei, em todos os tempos, para lançar fora, sem comiseração, — depois de esgotados os meios da graça, os bons exemplos, a correção e até tolerância por parte deste redil dileto — as ovelhas incautas, infiéis, maliciosas e culpadas, para que seu mau espírito não contamine as que procuram servir-Me com humilde singeleza e com as quais compartirei meus segredos e minhas delícias.

"Nas primeiras idades do século XX, quando, no conceito dos homens, estiver por extinguir-se este meu Convento, Eu mesmo farei uma nova fundação, começada por pessoas de coração dócil, humilde e hábil. Depois de imensas tribulações, (a primeira) levará o nome de Lúcia da Cruz, e todas as que forem entrando depois deverão tomar o nome de cada uma das Fundadoras.

"Aquelas que não o fizerem, não subsistirão aqui. E acaso permanecerem, em virtude algum apego humano induzido pelo espírito maligno, converter-se-ão depois num desses membros podres que farão cruel guerra contra esta minha Casa amada, onde quero que só reinem a paz, a união, a caridade bem entendida, sob o regime de Superiores que governem com doçura e suavidade, sim, para as de coração dócil, mas com severa austeridade para as que pretendam introduzir o relaxamento, e arruinem, com seus temperamentos domados, minha Comunidade querida".

"Volto a repetir: as admissões imprudentes são a ruína das comunidades, as quais só podem conservar-se, enquanto existi-rem aquelas, a custa de muita penitência, humilhações e prática diária e sólida das virtudes religiosas pelas boas irmãs.

"Ai daqueles membros podres nesses tempos de calamidade! Chora por eles, esposa querida, e pede que se encurte o tempo de tanto padecer para tuas caritativas irmãs e minhas esposas fiéis. Como tu, elas dependurarão nos salgueiros do espírito seu coração opresso — o coração, que alegra do mortal a existência — e cativas chorarão, pedindo ao Céu sua libertação. E dirão umas às outras:

"Como entoar nossos alegres cânticos, debaixo de duro ca-tiveiro? Oh! não. O cântico do Senhor entoá-lo-emos quando raiar o dia de nossa liberdade; quando virmos o nosso coro e claustro povoados de novos rebentos dotados de virtude a toda prova. Aí então cantaremos também o "Nunc Dimittis", e poderemos dormir tranquilas o sono do sepulcro".

A punição

"Quando estiver terminado o tempo do castigo desta minha Comunidade durante o qual o demônio trabalhará por destruí-la, impedindo a renovação das monjas e pondo mil outros entraves característicos de seu orgulho luciferino e invejoso, buscando inclusive levar minhas fiéis esposas ao desespero e à desconfiança de Mim que tanto as amo, vingar-Me-ei daquelas que se arrogaram injustas liberdades para oprimir a desvalidos seres que só possuíam lágrimas.

"E farei o mesmo com esses elementos podres, que causarão asco e horror a meu Coração de Menino, esgotados com eles todos os meios de apelo para a verdadeira conversão.

"A uns e outros punirei. Primeiramente, com castigos secretos, cegarei seu coração. Virá depois para alguns o escarmento público. Outros, entretanto, reservo para a eternidade. Estes verão, no momento da morte, com nítida luz, toda a enormidade de sua conduta no céu do claustro de minha Mãe Imaculada, as graças que receberam para se emendar, os auxílios que tiveram nos bons exemplos de suas irmãs, as orações que por eles e elas se dirigiram ao Céu, frustrando-se tudo pela sua recusa e soberba, por se vangloriarem de ser algo, quando qualquer mortal não passa de um saco de podridão e um punhado de pó.

"Nessa hora nada lhes socorrerá, porque no Tribunal divino não valem os subornos, as adulações — em suma, a Deus não se engana. Deus é claridade, Deus é Justiça, Deus é Amor, Deus é eterno e tem recompensas e gozos eternos para seus humildes e fiéis servidores, assim como castigos e tormentos eternos para os que, dissipando graças e dons divinos, a tudo desperdiçaram e encheram suas almas de negrume, ingratidão e infidelidade.

Sobre os tíbios

"Ai! se os mortais compreendessem — e sobretudo meus Sacerdotes e almas religiosas — quanto Me ferem e desagradam as distâncias, separações, desconfianças e pequenas imperfeições inveteradas, partindo deles, que tão de perto Me pertencem. Ninguém quiçá, ou muito poucas almas às quais Eu esclareço, fazem ideia de quantas vocações, tanto sacerdotais quanto religiosas, foram retiradas ao cabo de anos, por causa dessas entranhadas infidelidades. Querem servir-Me a meias, conservando seus caprichos e gênios, em tudo satisfazendo suas vontades e tomando liberdades incompatíveis com seu estado e profissão.

"Por isso, Eu não os tolero; nada pela metade Me agrada. Ou tudo ou nada, à minha semelhança, que, tendo-Me dado, não restou uma só gota de Sangue nem de água em meu Corpo destroçado na Cruz. Mais ainda: continuei a viver com estas almas escolhidas debaixo de um mesmo teto, no Sacrário, exposto a quantas profanações, ódios e sacrilégios! Pois a tudo que ia se passar em minha vida sacramental, Eu o conheci.

"E Eu as chamo para compartir com elas as minhas amarguras, para que alcancem o gozo eterno depois. Progredirem ao longo de anos, à custa por vezes de sacrifícios e heroísmo, para, justamente quando se aproxima o momento de cingirem as frontes com coroas de glória imortal, desviar-se do caminho, cansar-se de todo jugo de minha Cruz e, afeiçoando-se a criaturas mortais e pondo sua confiança no braço de carne que sucumbe com a morte, distanciar-se de Mim e perder seu espirito!...

"Então Eu as abandono e deixo que sigam todos os desejos de seu coração pervertido, para desconhecê-las diante de meu Pai Celeste, posto que elas em sua vida envergonharam-se da humildade, da obediência, da prática de virtudes, as quais, se fazem violência à natureza, tornam, entretanto, belas as almas, assemelhando-as a Mim, que sou o Modelo dos predestinados; e sem essa semelhança ninguém poderá salvar-se.

"Ai daqueles e daquelas! Ai!"

* * *

"Mas os Sacerdotes, e também Prelados, tanto religiosos como seculares que, amando a Ordem de minha Mãe Imaculada, se esmerarem pelo aumento e conservação deste meu Convento, e, procurando em tudo o seu bom nome, zelarem por ele e o defenderem, serão benditos de meu Coração e os recompensarei já nesta vida com graças e favores, e terão na outra sua recompensa reservada, fonte de glória maior aos bem-aventurados e gozo especialíssimo para si mesmos. E será tal essa magnificência, que desejarão

retornar à terra, e se empenharem muito mais ainda por este meu Convento, para acréscimo de seu esplendor na Pátria dos eleitos.

Predileção de Nosso Senhor pelos mercedários

"Faço-te também saber, esposa querida, que é grande o meu amor de predileção à Ordem de minha Mãe que leva o título de Mercês e Misericórdias.

"A esta Ordem dos Mercedários, unirei em santa irmandade este meu Convento e de minha Mãe Imaculada, cultuada por tantas Ordens religiosas, que A honram sob diversas invocações. E para que esses laços de união fraterna sejam indissolúveis, em todos os séculos haverá membros de uma Ordem vivendo no convento da outra, reciprocamente, para propiciar a prestação mútua de serviços.

"E, nos tempos calamitosos e aflitivos pelos quais atravessará este meu Convento, no mais encapelado da tempestade, esta Ordem Mercedária, a mim tão cara, virá engrossar suas fileiras, proporcionando membros deveras idôneos de espírito e dóceis de coração, e almas verdadeiramente contemplativas.

"Nela coloca minhas delícias, porque tenho muitos servidores fiéis nos lugares onde ela existe. E tive e terei nesta Colônia mártires que perderão a vida, em virtude de pregar no litoral a almas ignorantes e cegas.

"Assim como neste Convento terei sempre esposas fiéis, entre os mercedários terei Ministros fiéis, com sólida virtude, que ocultos aos olhos humanos, desprezados pelo mundo e, às vezes, pelos seus, sempre Me darão glória. Serão eles que trarão almas para este meu Convento.

"Reza tu com fervor por todos os mercedários que vierem a habitar estas terras em todos os séculos. Pede fervor, constância e perseverança a todos os que hão de dedicar-se por inteiro à santidade no silêncio de seu claustro, onde alguns terão que travar terrível e duro combate com o inferno. Olha e conhece a todos".

E passando os olhos, a monja espanhola, nos religiosos mercedários, conheceu a todos e a cada um, de todas as épocas. Ela se comprouve com as virtudes que, uns mais, outros menos, deveriam praticar em grau heroico, bem como os sofrimentos que haveriam de padecer, suas amargas provações e os combates renhidos que teriam de sustentar contra o inferno, e, final-

mente, a glória que dariam a Deus com valoroso triunfo, obtido com a graça de Deus e o amparo da Rainha Imaculada das Mercês, sua Mãe.

Madre Mariana deu graças ao Senhor porque sempre teria, em todas Ordens, almas formosas e queridas. A partir desse momento amou com especial dileção a Ordem dos Mercedários. E elevava fervorosas orações por todos os membros dessa Ordem, os do seu século e também dos tempos vindouros.

* * *

Assim terminou esta maravilhosa visão, na qual tão longamente, a nosso ver, o Menino Jesus falou e manifestou a essa santa Priora concepcionista muitos segredos, terríveis a maior parte, que se cumprirão em tempos por virem.

Eu não os verei realizados na minha vida mortal, mas vê-los-ão os meus futuros irmãos da Seráfica Família, e, muito mais, as minhas boas irmãs de então, as monjas da Imaculada Conceição deste Convento de Quito. Sabe-los-ão também os demais conventos, e a seguir toda a Ordem Concepcionista, para que louvem e dêem graças ao Autor de tantas maravilhas, e não sejam menos que as demais Ordens religiosas em seus santos e bem-aventurados.

— Capítulo X —

Novos favores concedidos a Madre Mariana — Outra aparição da Santíssima Virgem do Bom Sucesso

Madre Mariana de Jesus Torres, favorecida com inumeráveis e singulares dons do Céu, ela que conhecia até o futuro, era humilíssima, mansa de coração, e possuía ademais essa encantadora simplicidade de criança, que a fazia agradável às pessoas.

Lembremo-nos de que o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, no decurso de sua vida mortal, tendo os meninos em Seus divinos regaços, abraçava-os e se entretinha com eles, e tomando, em certa ocasião, a um deles, disse aos Apóstolos: "Se não vos tornardes como este menino não entrareis no Reino dos Céus" (cfr. Mt . 18,3). Pois essa inocência infantil ornava esta grande alma, dotada, além do mais, com os dons da natureza e graça que, pródigo, o Senhor lhe havia concedido.

Ela narrou a Madre Francisca dos Anjos toda a referida visão (cfr. Cap. IX). Deu-lhe a alegre notícia de que dentro de pou-cos meses subiria feliz e ditosa aos Céus. E com ternas lágrimas fazia-lhe suas recomendações a seu amado Jesus, à sua Mãe, Virgem Imaculada, a seu Seráfico Pai São Francisco, a São José, a quem professava terna devoção, e a sua Madre Fundadora, Maria de Jesus Taboada, bem como às demais irmãs santas que, felizes e venturosas, reinavam com Cristo nos Céus, sob o manto azul de sua Mãe Imaculada, cantando o cântico novo que só às virgens é dado entoar no Reino Celestial.

Madre Francisca recebeu a notícia de sua morte com a serenidade da alma justa, que anela desatar-se dos laços mortais para voar até a região empírea.

Manifestou uma vez mais sua gratidão a Deus Nosso Senhor por lhe ter avisado, e disse que sofria unicamente em considerar os três meses de dura prova que a aguardavam. Tremia ao pensar que lhe poderiam faltar as forças e, como frágil barquinha, naufragasse no proceloso mar de tantas tribulações internas, e perder a Deus para sempre.

Madre Mariana alentava-a argumentando que, se Deus Nosso Senhor não quer a morte eterna do pecador, mas sim, que ele se converta e viva a vida da graça, o que não será em relação a suas esposas, almas tão prediletas e queridas a seu Coração; e se a ninguém o Divino Mestre manda provas além da capacidade de cada um suportá-las, quanto mais em se tratando de suas amadas!

E prometeu-lhe que durante sua prova, ou purgatório, ela a assistiria constantemente, seja pessoalmente, seja espiritualmente. Exortou-a a avivar sua confiança em Deus e Nossa Senhora, pois lhe dariam feliz sucesso.

Por outro lado, pediu-lhe que, quando estivesse no Céu não se esquecesse dela e, junto com todas as Fundadoras, viessem assisti-la na morte, que ocorreria no dia 16 de janeiro do ano seguinte.

Assim o prometeu Madre Francisca.

* * *

Não narro aqui as virtudes praticadas por Madre Francisca, nem o modo de sofrer durante seu purgatório, para relatá-los depois numa biografia sumária. Sumária sim, porque o relato por extenso da vida de todas as Fundadoras, o Mosteiro da Imaculada Conceição de Quito conserva no famoso "Cuadernón".

Madre Mariana conta ao Bispo sua última visão

Voltando, pois, a Madre Mariana, combinaram ela e Madre Francisca de levar ao conhecimento do seu Padre diretor, um religioso franciscano, tudo quanto se passara na visão.

Assim se fez e o Padre mandou a Madre Mariana que tratasse com o Bispo, porque, segundo se vê, era necessário pintar quadros da mencionada visão, ainda que para não serem divulgados naqueles tempos, onde havia tanta tendência à idolatria, mas que seriam de grande proveito nos tempos vindouros, quando o culto de Nossa Senhora do Bom Sucesso ter-se-á propagado na então república livre, e será conhecido também o nome da religiosa favorecida.

Madre Mariana, humilde e sempre confiante em Deus e sua Mãe Santíssima, escreveu ao Exmo. Senhor Bispo, Mons. Pedro de Oviedo, que governava naquele tempo a Diocese de Quito, rogando-lhe que se dignasse vir falar com ela.

O Bispo, a quem não eram alheios nem desconhecidos o nome e as virtudes da Fundadora espanhola, veio prontamente. E disse:

"Estimada Madre, eis aqui seu Pai, Prelado e Pastor, disposto a favorecer V. Revda. em tudo que for segundo Deus. Fale-me com liberdade e con-

fiança do assunto que motivou seu chamado. V. Revda. sabe quanto apreço tenho pelas comunidades religiosas e por cada um de seus membros, muito especialmente as virgens consagradas a Deus em clausura absoluta. Admiro e venero a generosidade de tudo abandonar por amor de Deus. Além do mais, fui frade cisterciense, como sabe V.Revda., e entre os religiosos todos existe no fundo da alma um não-sei-que de simpatia tão arraigada, que roça já os laços de parentesco.

"Tendo Deus Nosso Senhor feito de mim Prelado para o go-verno desta Diocese, resolvi ser pai para com todos, consolando-os de tantas amargas provações passadas, tornando suportável a vida e fácil e suave o jugo do Senhor. Mas minhas deferências estão nas monjas contemplativas, sobretudo nas filhas da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, a Quem amei com especial veneração desde muito menino, na esperança de que assim esta devoção de amor me abra as portas do Céu".

Madre Mariana agradeceu tanta bondade paternal do Exmo. Sr. Bispo e manifestou-lhe que seu governo se prolongaria ainda por alguns anos, caracterizando-se pela paz, mansidão e, ao mesmo tempo, prudência. E o pôs ao corrente de toda a visão; esclareceu que já havia comunicado tudo a seu padre diretor, e que este a mandara levar ao conhecimento de S. Excia. para que, como Prelado, decidisse o que se haveria de fazer.

O Bispo ouviu admirado toda a descrição da longa visão. À medida que ela falava, o Prelado sentia-se inundado de emoções celestiais e ia conhecendo a admirável singeleza e ao mesmo tempo o alto píncaro de virtudes atingido por aquela grande alma tão favorecida de Deus Nosso Senhor e de sua Mãe Santíssima. E dava graças ao Senhor por encontrar criatura assim durante o seu governo.

O Bispo propõe uma novena para saber o que se há de fazer

Concluída a narração, disse o Bispo:

"Prezada Madre, o grande Apóstolo disse que não se deve crer em todo espírito, nem a mim agradam frivolidades pueris em assuntos graves e de muita transcendência como o presente, mas, como não é a primeira vez que trato com V. Revda., eu louvo ao Senhor pelas grandes maravilhas e misericórdias que gratuitamente Ele opera em nós, seus servos.

"V. Revda., eu e Madre Francisca iniciaremos amanhã mesmo uma novena a Deus Espírito Santo, foco de luz e de divina claridade, pedindo que nos ilumine sobre o que devemos fazer a respeito disto, que depois de séculos redundará em glória da Augusta Trindade. Uma vez conhecida a vontade de Deus, faremos o que Ele quiser e nos pedir, não importam quantos sacrifícios se nos exijam. E depois, el-Rei, nosso senhor, é de bom coração, e nos ajudará nesta empresa.

"Despeço-me, Madre. Daqui a dez dias, junto com V. Revda. Falaremos com Madre Francisca, que já está de partida para ir a regiões melhores; a ela dou a minha bênção. Deus esteja com V. Revda. e com todas minhas filhas. Recomendo-me às suas orações e lhes ofereço as minhas".

Depois que o Senhor Bispo se retirou, Madre Mariana transmitiu a ordem do Prelado à Madre Francisca, que a acatou com humildade.

No dia seguinte, as duas santas Fundadoras deram inicio à novena do Espírito Santo, redobrando o fervor e também as penitências, a fim de alcançar para o Prelado luz e discernimento claro da vontade divina.

Contaram também ao Padre diretor, que se ofereceu associar à novena, rezando-a em seu convento, e encomendando o assunto com vivo interesse no Santo Sacrifício da Missa.

Durante a novena as duas Fundadoras foram muitíssimo re-galadas pela bondade divina.

Nossa Senhora fala sobre a independência do Equador

Madre Mariana viu sua Mãe Santíssima do Bom Sucesso com o Menino Jesus no braço esquerdo e o báculo na mão direita —costumava vê-IA sempre— com semblante risonho e alegre lhe dizer:

"Filha minha mui dileta, a luz material se apagará em breve para minha Francisca e para ti. Ja é tempo de abandonar a terra de pranto e dor para com alegria e gozo entrar na verdadeira Pátria.

"Meu doce Infante te falou e mostrou a guerra que haveria para esta Colônia separar-se do Reino Espanhol, tornando-se república livre (cfr. tomo II, capítulo VIII). Conheceste a conveniência disto e, sofrendo teu coração por este rompimento com tua pátria-mãe, te submeteste humilde.

Justo foi teu pesar porque é grande virtude amar a pátria natal e interessar-se pelo seu bem público.

"Para teu consolo faço-te saber que é muito conveniente essa independência, a fim de diminuir as responsabilidades dos mo-narcas, que, mandando seus representantes para o governo, tornam-se ambiciosos, e arrogam assim liberdades indébitas, ofendem a Igreja, ultrajam os Ministros do Senhor e se julgam donos absolutos de tudo.

"A ti constam incontáveis males infligidos à Igreja de Deus nesta Colônia durante estes tempos, mesmo por parte dos representantes do poder eclesiástico, designados apenas em virtude do favor dos Reis. Por esta causa, quantos escândalos dados ao povo, quantas brigas e pendências, quantos pecados com os quais Deus tem sido ofendido!

"Amamos muito esta pequena porção de terra. Um dia será Equador. E levando em conta as almas verdadeiramente boas que habitarão aqui, empenhamo-Nos em fazê-la república livre, a qual será um dia consagrada solenemente ao Coração Santíssimo de meu Divino Filho. E a plenos pulmões repetirão de um confim a outro: A República do Sagrado Coração de Jesus".

"E qual terna menina, ressurgirá a Igreja, embalada em mãos do meu filho eleito muito querido"

"Tempos funestos sobrevirão, nos quais, cegando na própria claridade aqueles que deveriam defender em justiça os direitos da Igreja, sem temor servil nem respeito humano, darão a mão aos inimigos da Igreja para fazer o que estes quiserem.

"Mas ai do erro do sábio, o que governa a Igreja, do Pastor do redil que meu Filho Santíssimo confiou a seus cuidados!

"Mas quando aparecerem triunfantes e quando a autoridade abusar do seu poder, cometendo injustiças e oprimindo os débeis, próxima está sua ruína. Cairão por terra estatelados.

"E alegre e triunfante, qual terna menina, ressurgirá a Igreja e adormecerá brandamente, embalada em mãos de hábil coração maternal do meu filho eleito muito querido daqueles tempos, ao qual, se dócil prestar ouvido as inspirações da graça — sendo uma delas a leitura das grandes misericórdias que meu Filho Santíssimo e Eu temos usado contigo —, enchê-lo-emos de graças e dons muito particulares, fá-lo-emos grande na terra e muito

maior no Céu, onde lhe temos reservado um assento muito precioso, porque, sem temor dos homens, combateu pela verdade e defendeu impertérrito os direitos de sua Igreja, pelo que bem o poderão chamar mártir".

A Virgem Santíssima ordena que a visão do Menino Jesus de Pichincha seja representada em estampas

"Crucificado viste ao meu Divino Menino no Cerro de Pi-chincha. Não foi ao acaso. Como essa colina domina a cidade, meu Filho Santíssimo quis santificar este lugar, de onde o Coração Santíssimo de meu Jesus querido quer exercer seu domínio.

"E assim como, por mandato meu, deixaste minha Imagem so-bre a Sede Abacial, no coro superior deste meu Convento, para governá-lo e defendê-lo e fazer bem a todas as vilas e cidades, queremos igualmente que faças reproduzir esta visão em estampas, valendo-te do atual Bispo, Sacerdote prudente, virtuoso e cheio de suavidade no seu governo, escrevendo nelas as mesmas palavras que ouviste dos lábios de teu Amor Crucificado no Cerro de Pichincha. Essas estampas voarão pelo mundo inteiro e a todos impressionarão santamente, sem se saber, entretanto, no transcurso dos tempos, de sua procedência. Dia virá em que a conhecerão as irmãs deste Convento teu e meu — aquelas de coração simples e dócil, para as quais Eu reservo meus segredos .

"Agora o teu Bispo já tem luz necessária para ele mesmo te dizer que convém fazer essas estampas. Tu e minha Francisca, que está assistindo ao que te comunico, deveis apoiar a resolução do Prelado, a quem a bondade divina dispensará grandes favores, para sua alma e também ao seu governo. Dize esta última coisa a ele em meu nome.

"Não receies desvendar a ele toda tua alma. Ele resolveu entrar em teu interior, e quererá de ti que lhe reveles toda tua vida, tanto as alegrias quanto as amarguras. Não guardes nenhuma reserva. Abre teu coração. Confia-lhe toda tua alma e chama-o de pai, pois ele possui uma bela alma".

E dando a formosa Rainha sua bênção a Madre Mariana, a Madre Francisca, ao Convento e à cidade, desapareceu a visão, e ficaram as duas Fundadoras sem fala nem movimento durante um bom tempo. Porque tudo isto se desenrolou quando juntas oravam no coro inferior de seu Convento, encomendando com todo fervor o dito assunto a Deus e a sua bendita Mãe.

* * *

Saíram ambas da oração e foram conferenciar a respeito do que lhes havia sucedido.

Madre Francisca falou primeiro:

"Madre, não me prive V. Revda. da alegria de ouvir de seus próprios lábios as mercês que acaba de receber da Augusta Ra-inha e Mãe nossa. Também eu fui privilegiada com esta bela visão.

"Sim, Madre — respondeu Madre Mariana — com prazer narrarei, se bem que V. Revda. tenha visto tudo. Nós apoiaremos o Sr. Bispo para que mande fazer as estampas da visão do Divino Menino Jesus Crucificado em Pichincha, mas esperemos que S. Excia. tome a iniciativa. Não lhe parece prudente?"

Madre Francisca redarguiu: "Bem pensado, Madre. Esperemos que o Prelado nos dê seu parecer e então o apoiaremos. Como ele já tem inspirações e luz do Céu, tudo sairá direito e se dará glória a Deus.

"Aquilo que quiséramos presenciar ainda em nossa vida mortal, não o poderemos ver, pois a gente local se ressente de propensão à idolatria. Do Céu, porém, assistiremos, e, na ocasião oportuna interviremos para tudo facilitar. Uns crerão, outros não; mas isto é próprio da vida mortal. Em compensação, nosso Deus será glorificado por muitas almas e haverá conversões secretas e também públicas. O resto não tem importância.

"Felizes das nossas irmãs desses tempos! Sofrerão, porque esta é a herança que lhes legamos, juntamente com nosso Convento e nosso espírito. Desta forma, sustentarão a Comunidade quase extinta até o raiar da aurora, quando se acenderá a luz apagada no candelabro da Igreja. Então, estes claustros tão queridos se povoarão de boas e santas religiosas, como, melhor do que eu, sabe V. Revda".

O sonho de Dom Oviedo

No dia seguinte ao término da novena, o Sr. Bispo foi ao parlatório do Convento falar com as duas Madres Fundadoras.

Depois de saudá-las e dar-lhes a bênção, indagou: "Diletas Madres, que tendes resolvido a propósito do assunto por cuja intenção fizemos a novena no Divino Espirito Santo?"

Responderam ambas ao mesmo tempo: "Nossa resolução é de obedecer cegamente, como dóceis filhas, às ordens de nosso pai tornando nossa a opinião de V. Excía".

Agradou tanto o Bispo esta resposta que, não se podendo conter, disse:

"Verdadeiramente é o espirito de Deus que rege vossas almas. Pois bem, saibam V. Revdas. que durante a novena senti emoções celestiais, e, em sonhos, pareceu-me ver à minha Mãe Santíssima, que, cheia de amor e ternura maternais, me recomendava este seu Convento e me prometia, se A atendesse, especial recompensa.

"Além do mais, pareceu-me contemplar toda a visão de Madre Mariana de Jesus Torres referente ao Menino Crucificado no Cerro de Pichincha, com um acréscimo: pedia-me que mandasse gravar estampas da visão, as quais se espalhariam por todo o mundo, acompanhadas das palavras pronunciadas pelo mesmo Divino Menino. E tive a impressão de que elas nunca se perderiam; pelo contrário, seriam continuamente reproduzidas e teriam o dom de conquistar corações para amarem a Deus

"Vou mandar desenhar a aparição do Divino Infante e enviar à Espanha, com cartas de recomendação à Sua Majestade, pedindo para que empreste a força de sua autoridade a fim de se efetuar uma rápida impressão.

"Quando as estampas vierem cá, eu mesmo as distribuirei a todas as religiosas desta Comunidade e a vários Sacerdotes e religiosos. Com isto espero bem obter grandes bens públicos e privados durante meu governo".

Depois de longamente conversar com as duas Madres Funda-doras, despediu-se, dando a bênção episcopal. Disse-lhes para não se receiarem dele e sempre que desejarem, mandassem chamá-lo, pois com gosto as atenderia. Acrescentou em seguida: "Madre Mariana, dirija-se ao confessionário porque ali necessito tratar com V.Revda. de coisas internas da alma". E saindo do parlatório, o Sr. Bispo lá se encaminhou.

Madre Mariana narra sua vida ao Bispo

Ali chegando disse a Madre Mariana de Jesus que, na qualidade de Prelado, tinha necessidade de penetrar no interior de sua alma. E como pai, encarecia e mandava que, sem nada ocultar, lhe desse conta exata de sua vida, desde o uso da razão.

Sempre obediente e dócil aos representantes de Deus, a humilde e santa monja espanhola expôs ao Bispo toda sua vida com uma simplicidade e candura infantis.

Enquanto ela falava, o Bispo ia aquilatando a elevação de seu espírito, suas grandes virtudes, e conheceu que Deus mesmo havia regido e governado seus passos desde os primeiros anos, até atingir essa união consumada com o Divino Esposo, que ele tinha diante de si. E quando soube que no dia 16 de janeiro do ano seguinte ela deixaria a terra para remontar ao Céu, entristeceu-se, e perguntou: "Dileta Madre, não podemos alcançar da bondade de nosso Deus que Vos deixe algum tempo mais para amparo deste Convento?"

"Não, Excelência — respondeu ela — contados são os dias mortais das criaturas e a sentença está dada. É preciso marchar resoluto para nossa própria Pátria. Longo tem sido meu desterro, ele finalmente está por terminar".

O Sr. Bispo, extasiado, — este sim, era um varão de Deus — voltou para casa e a sós meditava e repassava no espírito a liberalidade e o amor de Deus para com suas criaturas, que Ele sabe escolher, para cumulá-las de graças e com elas Se comunicar. E como religioso que foi, e versado nos caminhos do Senhor, soube discernir e comprovar o bom espírito desta filha da Virgem Imaculada. E viu claramente quão verdadeiras eram todas as revelações dela, bem como o trato íntimo que tinha com Deus e sua Santíssima Mãe.

O Bispo manda imprimir as estampas na Espanha

Com a brevidade possível, agenciou na Espanha a impressão das referidas estampas. Até aquele dia, nada de igual, nem sequer parecido havia surgido.

Escreveu ao Rei um relato bastante extenso, pondo em realce o fato de a Colônia abrigar uma santa religiosa espanhola, uma das Fundadoras do Real Convento da Imaculada Conceição. Informou-lhe também a respeito

de Madre Francisca, dizendo que estas duas santas espanholas, as únicas sobreviventes da fundação de Convento, estavam prestes a passar para vida melhor, cheias de heroicas virtudes, e que a mãe Espanha deveria gloriar-se de filhas tão santas.

A partir desse dia, o Sr. Bispo, mesmo sem ser chamado, vinha frequentemente ao confessionário falar com as duas Madres, Mariana e Francisca, às quais deixou completa liberdade para que continuassem entendendo-se com o religioso franciscano todas as coisas de suas almas, mas sem nada esconder a ele. E deste modo procederam minhas santas irmãs.

— Capítulo XI —

Madre Mariana de Jesus Torres, do Céu, converte um militar e consegue de Deus que o militar se faça frade da Ordem dos Menores e proteja seu Mosteiro e escreva sua vida

Chegou o momento de narrar o motivo de meu ingresso na Ordem Seráfica, graças a Madre Mariana de Jesus Torres, Abadessa e uma das Fundadoras deste Real Convento da Imaculada Conceição de Quito, que do Céu velava por mim, sem que eu o soubesse.

No meu modo de entender, foi este Anjo que me protegeu desde os tenros anos e livrou-me da perdição na carreira das armas, onde tantos abismos de maldade se apresentam à vista que — dir-se-ia — o próprio estado militar parece conduzir à perdição das almas.

A escolha da carreira

Sou português de nação, nascido no povoado de Sotomayor, no Bispado de Braga. Criança ainda, fiquei órfão de pai e minha mãe não tardou em segui-lo. Fiquei então sob o cuidado e a tutela de um tio materno, militar e general no exército.

Ele cuidava de mim e da herança suficiente deixada por meus pais, sendo eu filho único. Meu tio era muito católico e militar de bons costumes. Confessava-se e comungava anualmente por ocasião da Páscoa da Ressurreição. Sua esposa, nobre matrona e muito piedosa, frequentava os Sacramentos, e com ela os filhos e eu.

Alguns da família queriam que eu estudasse Direito, outros Medicina, mas eu sentia arder em meu peito o amor à milícia.

Certa noite, estando reunida toda a família, disseram termi-nantemente que já era tempo de Manuel começar os estudos. Do contrário, ficaria sem benefício nem profissão, o que lhe seria doloroso, pois vivia sob a responsabilidade dos tios. Ao passo que para cursar uma universidade e arcar com os gastos decorrentes do estudo, havia a herança paterna, bastando-lhe apenas decidir a carreira.

Sugeriam-me uns que me tornasse advogado, outros propunham a Medicina. Apenas meu tio permaneceu calado e, quando todos resolveram fazer silencio à espera de minha resposta, tomou ele a palavra: "Manuel, para que carreira tu livremente te inclinas, sem te levar pelo desejo de compra-

zer a família? Fala, porque não deves submeter a mais delongas o tempo dos estudos."

Alentado por esta pergunta, que me deixava livre escolha, respondi: "Tio, eu não sirvo para médico nem para advogado. Escolho a carreira militar unicamente. E se não me dedicar a ela, não me dedicarei a nada mais".

A família ficou atônita. A Sra. esposa do meu tio ponderou preocupada: "Manuel, eu não te quisera militar porque te expões desta forma a perder a alma. Reflete bem no partido que abraças".

Mas eu respondi: "Vejo muito bem, Senhora. Estou muito firme na minha resolução".

Então meu tio sentenciou: "Se Manuel assim o quer, como contrariar os seus desejos? Um bom militar pode dar muita glória a Deus, e ainda reformar o quartel".

Vendo que ele apoiava minha escolha, disse categoricamente diante de todos: "Tio, sem perda de tempo inscreva-me na milícia e começareia minha carreira".

Meu tio, que era general, possuía muita influência junto aos grandes, dos quais era muito considerado e estimado. Tomou todas as prociências e tive a alegria de ser inscrito na milícia, sonho dourado de toda minha vida.

A família sentiu muito a minha despedida. Eu também me enterneci e agradeci a todos pelos cuidados, de modo especial à Sra. esposa do meu tio, que se havia feito para mim às vezes de mãe. E recebendo bênção, beijei-lhe as mãos e parti.

No quartel

Uma vez iniciado na carreira militar, sustentei-me nela com brio e esmerada aplicação, sem passar o tempo inutilmente, ao contrário de outros jovens, que acabaram ficando muito atrasados em relação a mim, apesar de ter eu entrado muito depois. Por seu turno, meu tio zelava pelo meu aproveitamento e para que nada me faltasse. Sua esposa continuou sendo sempre para mim uma verdadeira mãe.

O convívio demasiado com toda espécie de gente e a companhia de jovens sem moral dissiparam-me bastante. Sentia eu grande atração pelo

mundo e os seus prazeres.

Meus colegas, uns mais, outros menos, me falavam de matrimônio e indicavam esposas. Eu pensava no que me diziam, mas não sentia inclinação para me casar. A sós, eu comparava a minha propensão resoluta para as armas com a indiferença e a falta de gosto pelo casamento; e cheguei à conclusão de que não era chamado para este estado.

Passeando um dia com meu tio, ele me disse: "Manuel, tu estás em idade de tomar estado. Eu, que faço para ti as vezes de pai, tenho a obrigação de olhar para o teu futuro e assegurá-lo, procurando uma esposa adequada para ti. Conheço várias moças muito boas e entre elas sei qual melhor será a senhora de tua casa, que te faça feliz, como tenho sido com minha esposa. Creio que pensas do mesmo modo.

"Como nada me dizes — sem dúvida por timidez — falo-te em particular, para arranjar este assunto e dispor as coisas. Providenciarei tudo eu mesmo. Os padrinhos seremos nós, minha senhora e eu, que temos sido os teus pais. Quero apenas saber a tua decisão definitiva. Fala-me com liberdade e confiança. Tu sabes que te quero como filho, estimada joia minha idolatrada última irmã".

Então eu respondi: "Obrigado, obrigado, meu querido tio. Meu coração guarda em relação ao Sr. deveres de profunda gratidão. Na verdade, considero sua Sra. e o Sr. como meus pais. Como muito cedo fiquei órfão, aplicaram-se para que eu não sentisse a orfandade. Deus Nosso Senhor lhes pagará tudo com acréscimo, e muito mais em seus filhos. De minha parte, procurarei cumprir com os deveres de filho fiel e agradecido onde quer que me leve o destino.

"Uma vez que o Sr. me fala de abraçar o matrimônio para assegurar o futuro, direi com franqueza e resolução invariável que não sou chamado para esse estado. Tremo ao considerar-me casado, por melhor que fosse a esposa. Já pensei muito a respeito e chego sempre à mesma conclusão. Sob a proteção dos Srs. viverei até à morte, sendo filho deveras afetuoso e agradecido".

Meu tio estreitou-me em seus braços e disse-me:

“Muito me agrada tua franca deliberação. Não posso nem devo obrigar-te a casar. Quanto a mim, cumpri meu dever. Vejo tua resolução e acato. A partir de hoje te consideraremos ainda mais como nosso próprio filho, redobrando nossos cuidados paternais.

"No que te toca, sê sempre militar sério e digno de teu sangue. Não sujes tua alma com pecados feios, que tanto degradam as criaturas diante de Deus que é nosso Pai, sim, mas também nosso justo e severo Juiz. E as degradam também diante das criaturas, a quem se escandaliza e dando origem a uma prole desgraçada, acarretando o justo desprezo das almas sensatas e refletidas".

Eu guardei estes conselhos em meu coração, e eles me foram sempre proveitosos, nos momentos em que a má companhia de militares dissolutos procurava fazer-me cair nos laços em que tão amiúde caíam eles.

O jovem Manuel Sousa Pereira toma conhecimento da vida de Madre Mariana

Por vezes minha alma flutuava em perigos iminentes, especialmente uma ocasião em que, compelido por todos os lados a ceder e cair no laço, ia me estatelar. Nessa época eu era cabo-de-esquadra de uma das companhias destinadas "al para".

Ora, confessava-me sempre com um frade franciscano, mas naqueles últimos tempos já não recebia com frequência os Sacramentos, com o que minha alma ia se debilitando na robustez da graça. Afinal, com a cabeça cheia de tantos encantos vãos, resolvi falar pela última vez com o frade franciscano — meu confessor desde criança — para pedir-lhe que não me esquecesse em suas orações, e comunicar-lhe que não me seria mais possível voltar a vê-lo.

Eu conservava grande afeto por aquele religioso cujos conse-lhos, junto com os de meus tios, que eram como pais, me sustentavam nas lutas contra o mundo, o demônio e a carne.

Uma vez em presença daquele Sacerdote, gratas recordações do passado encherara-me o coração de inesperada ternura e, não conseguindo falar, chorei como um menino. A fisionomia venerável do Padre, o carinho com que me recebeu e a grande virtude que transparecia nele, eram mudas mas eloquentes repreensões do meu procedimento e do abismo definitivo no qual eu me ia precipitar com conhecimento de causa.

O padre abraçou-me e disse: "Manuel, meu filho, que passa? Talvez tenha morrido um de teus tios, e ficaste completamente órfão e só. Vamos, cobra ânimo e fala-me com confiança, como sempre fizestes desde criança.

E com muito afeto começou a enxugar meu rosto com o lenço.

Fiz então um sinal para que ele se sentasse e caí a seus pés em atitude de confissão.

O Padre me encorajava, me consolava e dizia: "Meu filho, tal-vez algum pecado grave tenha manchado tua alma no quartel. Vamos! A misericórdia de Deus é grande, um ato de contrição, a acusação humilde com o firme propósito de não voltar a cair, está tudo feito. A santa absolvição será o banho salutar com o qual tua alma será purificada e voltará à amizade de amor benévolo de nosso bom Deus. Fala, meu filho, fala a teu pai".

Um tanto reanimado, respondi: "Meu pai, não morreu ninguém de minha família, mas minha alma vai morrer. Vejo-me já precipitado no abismo e venho apenas me despedir do Sr. porque lhe quero, para nunca mais voltar a vê-lo. Não obstante, peça a Deus Nosso Senhor e à Santíssima Virgem, cuja devoção jamais perecerá em mim, que se compadeçam de mim e me salvem quando chegar minha última hora. Nada disto que se passa comigo, o meu tio conhece, e nem quero que saiba, pois ele sempre me aconselhou a ser um militar digno. Meus sofrimentos se redobram quando penso que ele poderá morrer com o choque, ao receber a notícia daquilo que vou fazer". E narrei tudo minuciosamente ao Padre, que me ouviu com muita serenidade.

Concluída a narração, ele me afagou a cabeça e disse: "Ora, ora, Manuel! Tu te afogas em pouca água. O mal não está consumado. Estiveste apenas propenso a fazê-lo. Eu me assustei, pensando que tivesses já cometido. Deixa isso de lado, que vou contar umas maravilhas que te distrairão a mente, pois ela vaga longe da verdade".

E levantando-me do chão, onde eu estava de joelhos, fez-me sentar em sua velha mas asseada cadeira. Pegou um livro de sua mesa e, sentando-me ao meu lado, disse-me: "Sabes, Manuel: o que vais ouvir não é um conto, mas a pura verdade.

"Uma 'nonjita' espanhola residente na Colônia de Quito, onde o Rei de Espanha estabeleceu um convento da Imaculada Conceição, e ela é uma das Fundadoras, 'nos tiene en movimiento'. Que criatura angélica! Torna-te devoto dela e serás feliz, porque ela do Céu velará por ti". E começou a ler.

À medida que ia lendo, minha mente se acalmava, meu coração sentia-se aliviado, e no meu espírito reanimava-se a confiança em Deus; sucedendo ao desespero de que se achava possuído.

Ouvindo que a Santíssima Virgem tratava com familiaridade esta criatura humana, interrompi a leitura do Padre e perguntei: "Permita-me, Padre, mas isto é verdadeiro?" Ao que me respondeu: "Sim, meu filho, é a verdade pura e sem enfeites. Deus Nosso Senhor e Maria Santíssima, nossa Mãe, têm prazer de comunicar-Se com os humildes de coração; e estes servos bons e fiéis são nossos intercessores no Céu. Por isso eu te dizia para te afeiçoares a esta santa criatura e invocá-la, a fim de que sejas feliz. Não é verdade que agora tu queres?"

Sim, Padre — respondi. Quero muitíssimo. Ouvindo a narração da vida dela, recobrei a paz perdida de minha alma, e vejo agora que, falando francamente, sou um tonto. Pois se o pecado não foi ainda cometido, por que esta desesperação? Eu não quero cometê-lo, e pronto! Não sou joguete de meus jovens companheiros, nem uma criancinha para que me manipulem como queiram. Mil vezes bendita a hora em que vim aqui: estou salvo e em paz com minha honra. Prossiga, Padre, à leitura, pois é o próprio Deus que me fala".

O Padre olhou o relógio e disse: "Meu filho, já é hora de ir para o coro. Vá em paz para o quartel, não peques e volta amanhã. Aí continuaremos a leitura e tu te confessarás, para comungares depois de amanhã". Em seguida elevou os olhos ao Céu e me deu uma bênção especial. Osculei-lhe a mão e afastei-me do convento.

Contra os companheiros

Entrementes a hora fatal para lançar-me no despenhadeiro havia passado sem que eu notasse. Meus companheiros me haviam procurado por todas as partes, inclusive na minha família.

Meu tio, ao saber que me buscavam com tanto empenho, ficou preocupado e passou a procurar-me também. Foi com ele que primeiro me encontrei. Com tom severo, ele me disse: "Manuel, onde te perdeste? Teus companheiros te procuram há horas. Como abandonas o quartel? Que militar és então? Esta conduta não é digna de um militar de honra. Dize-me francamente onde estiveste durante este tempo".

Respondi: "Senhor, mil perdões pelo incômodo que lhe causei. Fui ao convento dos franciscanos por uns instantes e não me dei conta da demora. Fui lá buscar consolo junto ao Padre com quem o Sr. sabe que me confesso, e obtive realmente. Além do mais foi uma providência de Deus minha au-

sência do quartel. O Sr. saberá oportunamente porque".

Ele então tranquilizou-se e acompanhou-me até o quartel.

Meus dissolutos companheiros, vendo-me entrar, vieram sobre mim. Dando, porém, com a presença do meu tio, contiveram-se pelo respeito que lhe dispensavam. Ele me desculpou ante meus chefes, que me admoestaram na ocasião, e nada mais disseram depois que meu tio se retirou.

Meus companheiros vieram então com arrogância me dizer: "Por tua causa tudo fracassou. Por esperar-te acabamos não indo, e uma hora depois essa família partiu para longe. Outra desta tu não farás porque te obrigaremos pela razão ou pela força".

Mas eu, com tom mais altaneiro — e talvez um pouco de ironia — repliquei-lhes:

Eu não sou joguete de vocês, para me deixar manipular como quiserem. Sou homem livre e jovem nobre. Não mancharei meu sangue com essas fealdades, nem perderei minha honra nem minha reputação, vão para onde vocês quiserem e não me digam uma só palavra, nem contem comigo para suas maldades, porque em outra destas torpezas que pretenderem fazer, delatarei ao meu tio, que é general, e farei com que recebam o merecido castigo".

Ao ouvirem minha categoria decisão, ficaram espantados e afastaram-se pensativos.

* * *

Aquela noite toda passei como se estivesse com febre. Que noite longa! Sentia meu coração bater de santo afeto pela feliz monja espanhola que estava no gozo de Deus no Céu. Eu ansiava que amanhecesse para poder voltar ao convento e ouvir novas maravilhas, que me entretinham e elevavam meu espírito a Deus.

Quando eu conseguia conciliar o sono, parecia-me ver uma monja concepcionista vestida de branco e azul, de formosa fisionomia e faces rosadas, que me dizia: "Manuel, jovem militar, deixa a milícia temporal e alista-te entre os filhos do Serafim de Assis, para que com proveito e vantagem com-

batas sob a sua bandeira. Essa milícia é superior à tua e não te arrependerás".

Eu acordava assustado e exclamava: quem ousou penetrar aqui? Olhando, contudo, em torno de mim, não via ninguém.

Adormecendo novamente, o mesmo fantasma surgiu diante de mim proferindo as mesmas palavras. Ao que, acordando, retrucava: "Que incauto ousou penetrar aqui? Cuidado!" Fazia menção de empunhar a espada.

Amanheceu o dia e chegou a hora marcada pelo Padre.

Pedi aos meus chefes permissão para ir até o convento de São Francisco, porque tinha ali um compromisso, dizendo-lhes para não estranharem minha ausência do quartel. Eles aquiesceram sem dificuldade, pela consideração que me tinham, tanto por causa do meu tio general, quanto por minha conduta irrepreensível.

Saí contente e apressei o passo para chegar o quanto antes. Entrei no convento e fui até a cela do Padre que saiu ao meu encontro com a amabilidade tão própria daquele santo religioso. (Na minha opinião ele é um dos santos ocultos que a Ordem Seráfica possui).

Estreitou-me entre seus braços e, tomando-me a mão, perguntou: Como vamos, Manuel? Como passaste a noite? Que impressões formaste sobre a 'monjita' espanhola? Dize-me, dize-me, que te ouvirei com gosto, pois se trata de uma irmã minha favorecida de Deus, cuja liberalidade e infinita para com suas criaturas".

Sentei-me ao seu lado e disse: "Padre, essa espanhola é demasiado valente, ativa e empreendedora. Saiba pois que, santamente impressionado e com a mente cheia de boas ideias, dormia eu tranquilo, quando a vi, vestida de monja concepcionista, de branco e azul, de bela fisionomia, com as faces rosadas etc. E contei-lhe tudo, bem como a minha conduta e resposta aos jovens militares no dia anterior.

O Padre me ouviu cheio de alegria. Aprovou meu proceder em relação aos companheiros, e acrescentou: "Ah, meu filho! Tu não sabes, nem podes compreender as delícias puras que goza um bom religioso, durante toda a vida, à sombra da cruz! Oh santa vida religiosa! A milícia de Francisco supera por certo em muito a milícia humana. Oh, se tu fosses chamado a ela!

"És jovem ainda e o bom Deus te dotou de muita ingeligência. Podes perfeitamente estudar com vistas ao sacerdócio — mas na Espanha por que lá existe muito campo para os estudos.

"Eu e tu pediremos ao Senhor que Se digne manifestar sua vontade por intercessão da 'monjita' espanhola e irmã; porque se é verdadeira toda essa vida dela escrita que tu irás ler, ela não cruzará os braços neste assunto".

"Por outro lado — posto que não és chamado ao estado matrimonial — terá sido providencial a resposta categórica e resoluta dada ao teu tio, no tocante à escolha definitiva de estado. Vejamos, pois, o que Deus quer de ti, Manuel!"

E tomando o livro, recomeçou a leitura.

Meu espírito, ávido de verdade, se encantava com o que ouvia. Minha alma parecia deixar a terra e meu coração pulsava com violência, aspirando a uma felicidade pura e estável, na qual, livre das preocupações e trabalhos humanos, vivesse sem nenhum brilho nem aparato exterior, aIheio ao desejo de honras e vaidades, nas quais ocultos os vícios se alojam para, quando o homem menos espera, fazer-lhe dura guerra e sepultá-lo nos abismos, afastando-o de Deus e acarretando, como consequência fatal, a condenação eterna.

Afinal, não podendo mais resistir, rompi o silêncio: "Padre, se uma débil menina ama a Deus assim com um coração tão grande, conforme se vê, e magnânimo e generoso, como não poderei eu, sendo homem e militar? Que vergonha para nós homens, que as mulheres nos sobrepujam em matéria de heroísmo!

"Olhe, Padre, o tempo voa e chegará logo a hora de V. Revcia. ir para o coro, e eu ficarei sem saber a conclusão desta bela vida. É melhor que me empreste o livro. Eu o lerei com meus companheiros em pleno quartel: quiçá alguns até se emendem e deixem a vida de vícios. Ademais, não me será fácil ausentar-me dias seguidos e por tão longos intervalos do quartel. Bem compreenderá V. Revcia. os deveres que ali tem o militar".

"Com muito gosto, meu filho — volveu o Padre. Tens razão de zelar pelo exato cumprimento dos deveres, pois nisto consiste a perfeição em todo estado. Aqui tens o belo livro escrito pelo grande Padre Bartolomé Ochoa de Alacano y Gamboa, espanhol de nascimento, lídimo filho de meu Seráfico Pai e, portanto, meu irmão.

"Ele viveu e morreu em nosso Convento Máximo de São Francisco de Quito, na Colônia da grande Mãe Espanha, cheio de méritos e virtudes, e de sabedoria e prudência, profundamente alicerçados numa sólida humildade.

"Foi esse Sacerdote quem, sete meses após ter sido escolhido para Provincial pela primeira vez, expediu nos primeiros dias de março de 1726 uma bela e afetuosa epístola aos religiosos subordinados à sua jurisdição, como, por exemplo, Superiores de conventos, Padres "doctrineros"[13] etc, encarecendo e mandando que, com zelo e solicitude, recolhessem esmolas para a causa de beatificação e canonização da Venerável Madre Maria de Jesus de Ágreda, ela também monja concepcionista franciscana, glória e honra de nossa Seráfica Família, cuja vida dela me encanta, porque vejo nela essa singeleza de criança irmanada com a sabedoria de um grande doutor místico. Daí ser muito proveitosa ao espírito a leitura das doutrinas que a própria Rainha do Céu e da terra, Maria Santíssima, nossa Mãe Imaculada, dignou-Se dar a essa sua muito amada filha: a "Mística Ciudad de Dios" — como ela intitulou a obra —. É digna de tal nome.

Esta obra será lida e estimada tão-somente pelas almas que no decorrer dos tempos, tiverem efetivamente muito amor de Deus e um coração limpo e puro para receber no fundo a verdade proveniente do espirito de Deus sobre uma sólida humildade. Manuel, sem esta virtude não pode haver nenhuma outra; e tudo não passaria de vã aparência de santidade, ou melhor, de um sepulcro caiado".

Tomei o livro de suas mãos e com muita alegria voltei para o quartel.

* * *

Os meus chefes, por me verem tão contente, perguntaram: "Que te aconteceu, para estares transbordante de alegria? Talvez o General, teu tio, te prepara as núpcias, sem dúvida alguma com uma moça excelente nobre e judiciosa, que te fará feliz. Nosso contentamento será indizível, participaremos de tua alegria".

"Não se trata de casamento — respondi — nem tenho vocação para isso. Eu nasci para o celibato. Saibam os Srs. que tenho um grande livro, escrito pelo Padre Alacano, frade menor, que relata a vida de uma monja concepcionista franciscana, espanhola de nascença, uma das Fundadoras do Convento da Imaculada Conceição de Quito, na Colônia, cuja fundação foi feita em nome do Rei, pelo ano de 1577. Se os Srs. quiserem, leremos todos no quartel, porque é mais que encantador".

Os chefes eram pessoas boas e de bons costumes; cuidavam para que no quartel prevalecessem a moralidade e a ordem em tudo. Eram também

13 São os Sacerdotes regulares que na América possuem a seu cargo uma "doctrina"; isto é, aldeia indígena recém-convertida sob a forma de paróquia.

católicos embora não fizessem a Páscoa anualmente. No quartel rezavam todos à Santíssima Virgem, invocavam a Deus e aos santos e jamais deixavam de ouvir Missa todos os dias de preceito. Havia, é verdade, jovens militares dissolutos, mas às ocultas dos chefes, e que somente assim cometiam suas negras torpezas.

Os superiores, com muita curiosidade e prazer, aprovaram a leitura pública, à qual deu-se logo início.

Como uma fagulha, o entusiasmo ganhou a todos, de tal maneira que se revezavam uns aos outros para não interromper a leitura. Lia-se até de noite e, de modo geral, todos se mostraram bem interessados. Ninguém falava de outra coisa. Todos admiravam o heroísmo dessa jovem religiosa espanhola no meio de tantos e variegados sofrimentos.

Notava-se a cada dia alguma mudança no quartel. E finda a leitura, todos, numa voz, pediram um retiro espiritual, que foi de alto proveito pelos grandes frutos obtidos em tantas almas cheias de vícios.

* * *

Durante os dias de retiro — ministrados pelos frades francis-canos, entre eles o meu confessor — a bela monja espanhola, com seu hábito mais branco que a neve e manto azulado, apareceu-me todas as noites, em sonhos, aproximando-se até diante do meu leito e dizendo: "Manuel, deixa a milícia da terra e alista-te sob a bandeira de Francisco, meu Pai, que precisa de valentes campeões para guerrear contra os vícios e salvar as almas. Tu és pessoa muito adequada para este exército e farás muito bem às almas.

Eu me despertava assustado. Santamente impressionado, inclinava-me a abandonar a milícia temporal e ingressar na de Francisco, nas não me resolvia porque via diante de mim montanhas de dificuldades, insuperáveis humanamente falando. Por fim, ao terminar o retiro, estava muito pensativo e com a atenção fixada nesse assunto, bem propenso a uma completa mudança de vida. Entretanto, faltava-me uma deliberação categórica.

Foi quando novamente vi a monja espanhola — mas desta vez com meus olhos corporais. Seu aspecto era idêntico ao das visões em sonho; com semblante sereno, ela me disse: "Manuel, jovem militar, porque és lento e pesado de coração? Ouve afinal a voz de Deus. Deixa o exército, o mundo e as loucas vaidades, e alista-te sob a bandeira do Serafim de Assis. Ali te espera Deus. Mas se desatenderes a voz divina e te mantiveres surdo a tantas inspirações, seguramente perderás tua alma, que cairá como chumbo no mais profundo do abismo infernal. E, para que te convenças disto, vê o lugar

onde irás parar por toda a eternidade”.

E apareceu então, aberto diante de mim, o abismo do inferno no centro da terra. Nele havia um lugar vazio, cheio de fogo e atrocíssimos tormentos, em torno do qual bailavam os espíritos infernais dando gritos e alaridos, esperando ansiosos a presa. E uns bradavam para os outros: “Este é o lugar para o militar Manuel Sousa Pereira, por não haver atendido a voz do Senhor, que o chamou à perfeição nas vias do “estomagoso” (causador de mal-estar) Francisco de Assis, meu inimigo, que me tem arrancado incontáveis almas. Trabalhemos todos com empenho para impedir que esse militar se torne Frade Menor. E, quando aqui vier, o atormentaremos sem compaixão”.

Voltei a mim como se acordasse de um sonho, mas inteiramente mudado e decidido a deixar de vez o mundo, aconteça o que acontecer.

Recomendei o assunto à santa monja espanhola desta forma: “virgem religiosa, se é verdade que estais no Céu, tendo levado a vida de fidelidade que aqui lemos, disponde vós mesma as coisas de maneira que sem dificuldade eu possa alistar-me sob a bandeira de Francisco, para com bater à sombra do estandarte da Cruz".

Mal acabara de pronunciar a última palavra, voltei a vê-la tão formosa como nas vezes anteriores. Com doçura e suavidade de voz, disse-me: "Manuel, meu dileto irmão, por fim Deus ganhou definitivamente teu coração. Não temas, tudo correrá bem. Não duvides da veracidade de minha vida; porque tu mesmo, dentro em breve, escreverás outra biografia minha em que narrarás também tua vocação e chamado à Ordem Seráfica.

"Agora vês que, se não ouves a voz divina, aguarda-te uma eternidade de tormentos. Se és sensato, faze agora o que na hora da morte gostaria de ter feito".

* * *

Quando o dia amancheceu, eu estava todo aterrado e confuso, mas decidido. Falei com meu confessor e o pus ao corrente de tudo que aconteceu. Disse-lhe que estava resolvido a deixar o mundo e inscrever-me no Exército do Seráfico Pai São Francisco de Assis sem tardança, a fim de garantir minha salvação eterna, posto ser-me impossível duvidar do que ao longo de semanas seguidas, se havia passado comigo.

O Padre ouviu-me com atenção e ternura. Com os olhos razos de lágrimas, disse-me aquele venerável ancião: "Não é ilusão o que se passou

contigo, Manuel. É Deus que te chama por meio de minha santa irmã.

Oh, se me fora dado viajar a Quito, a Colônia espanhola, rezar ante o túmulo da virgem espanhola Mariana de Jesus Torres, e também ante os venerandos restos de todas as virgens espanholas Fundadoras daquele feliz Convento! Mas em minha ancianidade não espero tal consolo; no Céu verei todas as minhas santas irmãs concepcionistas e me comprazerei com a presença delas.

"Não temas. Hoje mesmo falarei com o Superior do meu convento para que, terminado o retiro, passes da milícia humana para a divina. Depois de ingressares no convento, providenciaremos tua partida para Espanha, a fim de fazeres os estudos sacerdotais".

"Sim, Padre — respondi. Inscreva-me hoje mesmo na Milícia Seráfica. Prometo que lá serei melhor militar do que tenho sido aqui: ali, sim, terei como ponto de honra o cumprimento do dever".

O consentimento do tio

Ao concluir o retiro, todo o quartel fez a Comunhão Pascal com extraordinário fervor e entusiasmo. Confessaram-se militares que haviam deixado os Sacramentos havia dez, vinte, vinte e cinco anos. Todos eram entusiastas da santa monja espanhola.

Saindo do retiro espiritual, meu tio, que nele tomou parte com grande fervor, chamou-me de lado e, propondo-me um pequeno passeio, disse-me: "Manuel, meu filho, que preocupação tens? Vejo-te pensativo, meditativo, nada te distrai, tristeza parece ter-se apoderado de ti. Sentes-te doente? Fala-me com franqueza, pois sou teu pai".

Estávamos numa bela pradaria; assentos dispostos cá e lá pela própria natureza nos convidavam a neles descansar. Tomei então meu tio pela mão e nos sentamos debaixo de uma árvore muito frondosa, cuja sombra nos protegia das ardências do sol. Dei-lhe um abraço e respondi desta forma:

“Senhor, reconheço que é um bom católico; tenho ao Sr. como a meu pai, porque sob a sua proteção e custódia fui criado e do Sr. recebi esmerada e cristã educação. Seus conselhos me livraram várias vezes de cair em vícios degradantes, a que se é tão propenso na carreira militar.

"Acabamos de receber o dom de Deus em um dilúvio de graças, du-

rante estes dias de retiro. Predispostos nossos corações a fazer sacrifícios por Deus, quero pedir a sua benção e licença para abraçar o estado ao qual discirno de modo muito evidente e claro ser chamado.

"Antes, porém, quero relatar os antecedentes, para que o Sr. se inteire de tudo e, com sua experiência, juízo e prudência, pese as coisas, e não atribua minha firme e invariável resolução a um sentimento pueril, nem talvez a algum arrojo imprudente motivado por despeitos, que em mim não existem absolutamente".

E narrei tudo o que aconteceu, desde que me perdi do quartel. Disse em seguida: "Nosso bom Deus, pródigo em seus dons e graças, cumulou a santa monja espanhola de favores muito apreciáveis, como o Sr. deve ter constatado pela leitura do livro, que eu reparei ter dado ao Sr. bastante agrado. Pois bem, esta santa esposa de Jesus Cristo procura do Céu atrair e ganhar almas para o serviço de Deus e a renuncia às loucuras do mundo ingrato. E uma destas felizes almas sou eu. Percebo que sou chamado a lutar sob o estandarte da Cruz na milícia do Seráfico Pai São Francisco. Devo deixar, portanto, a milícia humana, na qual se expõe a alma a sérios riscos.

"O Sr., meu tio e pai, me acompanhará até os umbrais do convento dos franciscanos para encerrar-me lá, onde servirei a Deus e assegurarei a minha salvação. Até agora havia um vazio no fundo de minha alma e não sabia como enchê-lo, porque as coisas do mundo não eram suficientes para isto. Mas vejo que a vida religiosa preenche essa lacuna. Minha resolução é definitiva, irrevogável. Ninguém — nem coisa alguma — poderá fa-zer-me desistir. Já falei com meu confessor e amanhã saberei se me admitirão".

Meu tio ficou perplexo, abraçou-me e chorou de tal modo que suas lágrimas banhavam minha fronte. Entre soluços, disse-me: "Manuel, meu filho muito querido, sinto que meu coração de pai se parte em dois. Tu tens sido para mim o filho predileto. Pensava que tu cerrarias meus olhos e farias os funerais de meu cadáver, mas visto teres certeza de que Deus te chama à vida perfeita, sou incapaz de opor resistência. Vá e sê feliz, mas não te esqueças daqueles que foram para ti como pais e te amaram com predileção. Pouco tempo nos resta de vida; quando souberes que morremos não olvides o sufrágio de nossas almas. Assim como eu te insecrevi na milícia terrena, eu mesmo te acompanharei para alistar-te na milícia do Serafim de Assis, como tu desejas".

Entrevista com o Padre Guardião

No dia seguinte pedi permissão para ir ao convento dos fran-ciscanos. Falei com meu confessor que me recebeu com os braços abertos:

"Manuel, meu filho, foste recebido para Frade Menor. Vamos, apresentar-te-ei ao Padre Guardião (Superior de um Convento na Ordem Franciscana), ao qual responderás com simplicidade todas as perguntas que ele houver por bem fazer-te". E me levou.

Atravessamos alguns corredores, chegamos diante de uma porta onde o Padre bateu. De dentro respondeu uma voz suave e séria: "Adiante!" Entramos.

“Vi-me logo em presença de um religioso ainda na força da idade, alto e delgado. Seus olhos azuis, onde se revelavam santidade de vida e o discernimento das vocações, fixaram-se em mim. E ele perguntou, tocando-me nos ombros:

"Que necessidade te traz aqui, jovem militar?"

"Padre — respondi — para rogar, submisso aos pés de V. Revcia. que faça a grande mercê de admitir-me como religioso franciscano, porque descubro ser esta minha vocação. Asseguro a V. Revcia. que, com a graça de Deus, serei na Milícia Seráfica melhor soldado do que tenho sido na milícia humana".

— "Meu filho, poderá jejuar, obedecer, levar uma vida de contínuos sacrifícios e austeridades, sem nunca dar descanso ao corpo, e isto durante toda a vida, da manhã à noite? Terás ânimo para viajar a longínquas paragens a fim de evangelizar almas ignorantes, quando menos esperares, segundo disposição dos teus Superiores? Poderás viver sós e retirado da família, de amigos e conhecidos, ocupado em meditar nos novíssimos do homem, desempenhando as funções em que os Superiores hajam por bem empregar-te, quer gostes quer não, sem contestação nem desculpas?"

— "Sim, Padre, tudo isto é o que procuro. Apenas isto pode encher o vazio de minha alma. A vida no mundo não foi feita para mim".

— "Pois bem, respondeu o Padre, se te consideras com forças para tanto e te sentes chamado por Deus ao estado religioso na Seráfica Família, podes vir, hoje ou amanhã, para o convento, onde te sujeitarás a observância da Regra, no momento em que te tornares membro da Comunidade.

"Estás admitido. Mas se demorares mais de uma semana para entrar,

então as portas deste convento não se abrirão para ti. Precisamente nisto conheceremos se és ou não chamado por Deus. A Comunidade rogará por ti e eu te dou a minha benção".

Saí da presença do Padre Guardião mais cheio de entusiasmo. Conferenciei um pouco com meu confessor e contente voltei ao quartel, onde meu tio veio-me ao encontro. Contei-lhe o ocorrido e solicitei que me tirasse definitivamente da carreira militar e me levasse para casa a fim de preparar o ingresso na Ordem Franciscana. Ele atendeu a tudo quanto lhe pedi.

Despedidas

Dei, então, um adeus eterno ao quartel e a meus companheiros. Ninguém ousou dizer-me uma só palavra. Os oficiais, que tanto me estimavam lamentavam-se, sugerindo-me refletir um pouco mais, posto que eu seria mais feliz como militar que como frade. Ponderavam: com meus conhecimentos e modos militares, logo poderia ascender ao generalato, como meu tio. Eu, entretanto, agradeci suas amabilidades e me despedi.

Uma vez em casa dos meus tios, que se portaram em relação a mim como pais e em companhia de seus filhos, a quem eu chamava e reconhecia como irmãos — pois eu amava com amor fraterno — destinei a eles minha-herança paterna, deixando aos pobres a terça parte.

No terceiro dia de minha permanência ali, às quatro horas da tarde, tomei a palavra e disse:

"Pais e senhores meus, meus irmãos, minha família querida. Chegou a hora do abraço de despedida, a qual será eterna. Esta noite mesma, eu a passarei nas doces solidões do claustro franciscano. Já tudo arranjei e nada mais possuo no mundo. Agora que sou indigente mendigo não me resta senão reunir-me a meus irmãos para esperar o socorro diário da Divina Providência, encomendando-me ao Senhor para que antes morra do que ser-Ihe infiel".

Em seguida, ajoelhei-me diante de minha mãe, a esposa de meu tio, e lhe pedi a benção. O mesmo fiz com o meu tio; e abracei meus irmãos. Acompanhado por eles e por meu tio, segui alegre rumo ao convento. O trajeto pareceu-me longo, pois ansiava por me ver ali.

Ingresso no Convento

Puxei a corda da sineta. E ao inquirir-me o irmão porteiro quem eu era e o que desejava, respondi: "Irmão, sou o militar que, deixando o mundo, venho a este santo asilo. Abri-me as portas, que já tarda muito". Disse-me o irmão: "Está bem, mas vou avisar o Padre Cuardião. Aguarde um momento".

Dali a pouco a porta se abriu e o Padre Guardião acompanhado de outros Padres, saíram para me receber. Muito contentes, saudaram meu tio, irmãos, e fizeram-nos entrar. Após certo tempo de conversa, o Padre dirigiu-se a mim e perguntou:

"Meu filho, então vieste para ficar?"

— "Sim, Padre, respondi. Nada mais tenho no mundo: todos os laços já estão rompidos".

Meu tio disse:

"Aqui tendes, Padre, o meu filho querido, que me dá o adeus eterno. Mas como é Deus que me pede o sacrifício da separação, não o posso negar". E dizendo isto copiosas lágrimas correram por suas faces. Ao que o Padre lhe disse:

"Sr. General, o Sr. pode considerar-se feliz por deixar no claustro o seu filho: sua família será, assim, abençoada por Deus".

Dirigindo-se depois a mim, exortou:

"Pede a benção a teu pai, abraça teus irmãos e entra". Assim o fiz e os religiosos me conduziram para o interior do meu céu, enquanto o Padre Guardião permanecia com o meu tio e irmãos. A partir de então senti preenchido o vazio de minha alma, que com nada deste mundo se havia saciado. Tudo em torno de mim, parecia sorrir".

Missão nas Índias Ocidentais

O Mestre de noviços, religioso ainda jovem, embora extenuado pela vida penitente, pôs-me ao corrente de minhas obrigações e deveres. Dizendo-me que o jugo do Senhor é suave e seu peso leve; que para seguir a Nosso

Senhor Jesus Cristo era preciso apenas boa vontade e amor; e que com este espírito todas as dificuldades se aplainavam.

Religioso sempre austero para consigo mesmo, mas amável e suave para com os demais, conduzia-nos a nós, seus discípulos, sem que sentíssemos sequer a austeridade da vida monástica, entretanto, sem afastar-se, nem afastar-nos do cumprimento exato da Regra em todos os seus pormenores.

Passei ali três meses na observância de tudo, consolidando mais e mais minha vocação.

Durante esse período me dediquei a pedir a Deus que manifestasse Sua vontade, porque os Superiores queriam enviar-me para Espanha, com vistas aos meus estudos sacerdotais.

Vali-me, então, da intercessão de minha santa irmã, a concepcionista espanhola, com quem sonhava todas as noites. Num dos sonhos, ela disse :

"Manuel, meu irmão. Deus não te quer na Espanha, mas em Quito, a Colônia hispânica. Ali, na cidade onde vivi, farás muito e muito favorecerás o meu Convento. Pede que te mandem para lá; eu te farei companhia .

Lá tua alma aproveitará muito mais do que em minha mãe Espanha".

Contei tudo ao mestre de noviços, que prometeu rezar por mim. Eu não cessava de clamar ao Senhor e à Mãe Imaculada, de quem era filho tão amoroso, para que me fizesse conhecer com clareza qual era Sua vontade santíssima a respeito de minha vida religiosa, a fim de cumprí-la durante minha peregrinação na terra e merecer o Céu — único desejo ardente da minha alma sedenta de felicidade eterna.

Nas meditações ponderava eu as responsabilidades dos frades Sacerdotes e a sublimidade da Ordem Sacerdotal, razão que levou meu Pai, o Serafim Chagado, a não querer ascender a Ela, porque, humilíssimo como era, considerava-se indigno do Sacerdócio. Eu dizia para mim mesmo: se uma pessoa como meu Seráfico Pai renunciou por humildade ao Sacerdócio, que dizer de mim, que fui militar e vilíssimo pecador, chamado gratuitamente pela bondade de Deus à vida perfeita por intercessão e rogos dessa santa heroína espanhola, Fundadora do Convento da Imaculada Conceição de Quito, na Colônia? — Ah, não! Serei temerário e atrevido, se nutrir a pretensão de chamar ao próprio Deus, por meio da Consagração, para têLO em minhas mãos, que com destreza manejaram as armas. Melhor será que eu professe como irmão leigo, servindo humilde, respeitoso e ao mesmo tempo agradecido aos santos Ministros do Altar, manejando com maior

destreza ainda, em meu corpo rebelde, as armas da mais rígida penitência. Ouço dizer pelas crônicas que houve inúmeros irmãos leigos santos na Ordem Franciscana. Por que não posso ser como um deles? Saúde, força e boa vontade me sobejam. Vou pedir aos meus superiores que me mandem a Quito, na Colônia, para naquela cidade feliz, que possui os restos de minha santa irmã, madre Mariana de Jesus Torres, vestir o hábito franciscano na qualidade de irmão leigo.

Refletia sobre estas coisas, quando o Mestre de noviços, acompanhado do Padre Guardião dirigiram-se a mim, e conduzindo-me à horta do noviciado, disseram:

"Irmão tens saúde e capacidades para os estudos sacerdotais. Para que possas fazê-los desembaraçadamente e com tranquilidade, vamos encaminhar-te para a Espanha com a brevidade possível. Temos podido certificarnos de tua vocação para a nossa Ordem e queremos assegurá-la definitivamente. Muito provavelmente, tua partida será dentro de duas semanas.

Ajoelhei-me diante dos Padres dizendo-lhes:

"Padres, agradeço a caridade tão grande de V. Revcias. para comigo, mas pensando todo este tempo diante de Deus, vejo claramente que não devo cometer a temeridade de subir ao Altar. Pois, se meu Seráfico Pai São Francisco, sendo quem foi, resolveu não se ordenar Sacerdote, muito menos posso atrever-me a isto, eu que fui militar! Minha firme deliberação é pedir a Vs. Reva. que tenham a caridade de receber-me na Ordem como irmão leigo professo, a fim de servir-lhes como escravo e manejar com destreza as armas da penitência em meu rebelde corpo, assim como manejei as armas na carreira militar.

"Mas, conhecendo quão grande é a caridade existente na Seráfica Família, peço e rogo, prostrado aos pés de Vs. Revcias. — e não me levantarei até o conseguir — que me enviem para as Índias, ou seja, para Quito, Colônia Espanhola, país onde viveu e morreu a santa heroína espanhola, Fundadora do Mosteiro da Imaculada Conceição.

Ali, em nosso Convento franciscano, vestirei o santo hábito e professarei para o serviço, com toda a alegria de meu coração.

Vs. Revcias. bem sabem que devo minha vocação a essa santa heroína, Madre Mariana de Jesus Torres, a qual me prometeu acompanhar na viagem, e, revelou-me ser vontade de Deus que eu peça a meus superiores me enviem para Quito. Não tenho outra aspiração na terra que ser um santo e bom irmão leigo franciscano.

Não reconheço por família a ninguém, senão a Seráfica Família

Os Padres se enterneceram muito; abraçaram-me e levantaram-me, dizendo:

"Filho, que dirá teu tio, o Sr. General, quando souber que queres partir para tão longe e renunciar ao Sacerdócio para professar como irmão leigo? Dada a qualidade do teu nome, ele levará a mal tua decisão e porá a culpa em nós".

"Ah! Não, meus Padres, respondi. Não tenho mais nada nem ninguém no mundo. Ao transpor estes benditos muros, fiquei morto e sepultado em relação a toda carne e sangue. Eu me considero só no mundo, sem outra família que não a Seráfica, a qual coadjuvara meus santos propósitos e resoluções, fazendo-me feliz, proporcionando-me os meios necessários para alcançar a minha perfeição religiosa, em qualquer parte do mundo. Assim, pois, sem perda de tempo, peço que me enviem ao Convento dos Franciscanos de Quito.

Os Padres me prometeram; confiante esperava submisso que cumprissem a promessa.

Por aqueles dias chegou da Espanha um Padre para tratar não sei de que assuntos no Convento. Ele contou que seus Superiores haviam-no enviado naquele mesmo mês para as Índias, para o Convento dos Franciscanos de Quito, com o objetivo de lá passar algum tempo por motivo de saúde, pois o clima era muito benéfico e propício à sua recuperação.

Ele ia contente, mas faltava-lhe um companheiro.

Então, os Padres contaram minha história, acrescentando que ele viajaria satisfeito comigo. O religioso olhou-ne com atenção e disse:

“Padres, dão-me um excelente companheiro de viagem. Eu o levarei, apresentá-lo-ei à nossa Comunidade de Quito e ali ele será religioso”.

Devíamos partir por aqueles dias. Eu estava louco de contentamento, vendo meus anseios se realizarem.

Naqueles mesmos dias, meu tio veio visitar-me. Recebi-o com mais

afeto que outras vezes. Ao ver-me, assim, interrogou: “Manuel, que alegria nova recebeste?"

"Tio — respondi — meu coração exulta de satisfação por ver realizados os anseios de minha vida. Pedi aos meus Superiores que me enviassem às Índias, ao Convento de Franciscanos de Quito, para ali receber o hábito e fazer a minha profissão religiosa na qualidade de irmão leigo, porque para tal conheço ser chamado por Deus. E tudo favorece, pois neste momento está partindo um Padre vindo da Espanha, para Quito, a Colô-nia espanhola e eu vou com ele.

"Assim, o Sr. veio a tempo para eu poder lhe dar um último adeus e o abraço de despedida, que peço ao Sr. transmita à Senhora minha mãe, tua esposa, a meus irmãos e família, pois não terei tempo para fazê-lo pessoalmente".

Meu tio ficou hirto como um cadáver e entre soluços me disse: "Manuel, meu filho, tu me dissestes que querias ser Sacerdote. Os Padres me garantiram que te mandariam estudar na Espanha, e eu não cessava de lhes perguntar quando seria tua viagem, para poder acompanhar-te e deixar-te bem instalado e recomendado, como mereces por tua nobre linhagem e de conformidade com a minha condição social. Parece-me que ébrio de contentamento, não sabes o que dizes. Jamais consentirei que professeses como irmão leigo. Levar-te-ei novamente para casa e farei ali com que teu porvir seja brilhante já que renunciastes a carreira militar para a qual entendeste não ter sido chamado, sem te apartares, evidentemente, das sendas de uma vida muito cristã.

“Falarei com os Padres e hoje mesmo estaremos em casa onde choram tua ausência e ainda abrigam a esperança de ter-te conosco".

Neste momento chegaram os Padres para avisar que já era hora de despedir-nos, pois iria tocar o sino para o coro. Meu tio, muito contristado, manifestou aos Padres suas intenções e estes responderam que ele tinha razão e que se eu quisesse, poderia voltar com meu tio imediatamente, porque para a vida religiosa é necessária vontade espontânea.

Tomei, então, a palavra:

"Tio e senhor meu, sou órfão e só no mundo. Mendigo e pobre de Cristo estou neste santo asilo, esperando da misericórdia divina o sustento diário para o meu corpo, a virtude e a santidade para a minha alma que é eterna. Nem o senhor, com sua casa, família e toda sua nobreza, nem ninguém poderá arrebatá-la. E a mim tenham-me como morto e sepultado.

Nobreza, riquezas, aspirações humanas e mundanas acabaram-se para mim, da mesma forma como acabaram-se para meus pais, que jazem na obscuridade do sepulcro. Eu procuro a Deus, desprezando vãs aspirações e livre de parentescos, considerando que os piores inimigos do religioso são sua família. Por isso, vou para longe, a fim de que ninguém de casa interrompa minha solidão e ponha entraves à vida perfeita a que sou chamado por Deus.

"Terei a felicidade incomparável de fazer minha profissão re-ligiosa, na qualidade de irmão leigo, bem distante daqui, para que em casa não vos envergonheis. Tende-me por porto, rogo-vos. Nunca mais pergunte por mim visto que não reconheço por família a ninguém, senão e únicamente a Família Seráfica, que me fará feliz no tempo e na eternidade.

"Adeus, já é hora do coro! Adeus para sempre! Que Deus esteja com todos vós!"

E afastei depois de dar o último abraço a meu tio, que ficou chorando como uma criança. Os Padres continuaram atendendo-o. Satisfeito reuni-me aos meus companheiros para irmos ao coro. Ao fim deste ato, os Padres vieram-me contar quão impressionado saíra meu tio e me aconselharam:

— "Pensa bem, meu filho, no que vais fazer, para não arrependeres mais tarde. Ainda é tempo". Eu respondi:

— Padres, desde muito tenho o assunto bem maturado e não mudarei de resolução. Não sou criancinha, nem tenho a inconstância da mulher: sou homem feito e militar. Parto daqui — não há remédio! — vou para onde Deus me chama. Jamais poderei arrepender-me, sendo membro íntimo da Família Seráfica.

Entre os que vivem no mundo, mesmo os bons, existe muita vaidade e desejo de honrarias. A mim só me compraz a vida humilde — oculta como viveu meu Senhor Jesus Cristo ao longo de trinta anos. Meu Seráfico Pai São Francisco fundou sua Ordem segundo o Santo Evangelho. Nela quero viver e morrer oculto de todos, sem nenhuma ostentação. Enviem-me Vs. Revscias. quanto antes para onde Deus me quer".

Eles me abraçaram e cumularam-me de bênçãos, asseverando-me da parte de Deus que eu seria sempre muito feliz na Ordem Seráfica, pois nosso Pai São Francisco reconhecia-me como filho genuíno; e acertaram minha partida.

A partida

Bela manhã a do dia 10 de janeiro de 1777, contando eu 26 anos e um mês de idade!

Depois de comungar e ter tomado o desjejum com a Comunidade, abracei a todos e a cada um dos Frades, bem como a meus companheiros. Todos despediram-se de mim com lágrimas. O padre Guardião e o Mestre de noviços acompanharam-me até à porta.

Mal chegamos à portaria, quando a sineta tocou com força e adiantou-se o irmão porteiro para dizer ao Superior:

"Está aqui o Sr. General, tio do nosso querido irmão Manuel, pedindo para falar com ele".

"Paciência!" — suspirei eu. E saímos ao seu encontro.

Ele me estreitou nos seus braços e, chorando, dizia:

"Manuel, meu filho querido, tens coração tão duro para abandonar teus pais anciãos e já a caminho da sepultura? Não terias para esperar sequer cinco anos mais?"

Respondi eu com grande serenidade:

"Tio querido e pai meu, tenho por vós grande amor de gratidão. Por isso mesmo resolvi dar-me por inteiro à santidade a fim de poder alcançar-vos graças e mercês, no tempo e na eternidade.

"Neste preciso instante deixo este Convento rumo às Índias para tomar o hábito franciscano e professar na condição de irmão leigo em nosso Convento de Quito. Isto quer Deus de mim. Esta é a sua santíssima vontade.

"Abençoai-me sempre e rogai por vosso filho. Eu, de minha parte, jamais poderei esquecer-vos. Sereis os primeiros em minhas orações. Mas desistir de minha resolução formal e prorrogar minha viagem: isto não consentirei!

"O Sr. se recorda daquela passagem do Evangelho em que o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo chamou um jovem para que O seguisse? Ele respondeu que voltaria dentro em breve, em atenção aos seus deveres de filhos. Que aconteceu? Ele não foi admitido, e crê-se que acabou se perdendo, por

não ter atendido o apelo divino. "Não quero imitar este jovem. Deus me chama: adeus!"

Então meu tio disse ao Padre Guardião:

"Manuel está completamente tomado por esta resolução. Se é Deus Quem o chama, que parta para as Índias e seja feliz". E voltando-se para mim, acrescentou:

"Abençoo-te, meu filho, meu Manuel. Vai e segue a Jesus Cristo na Seráfica Milícia. Não te olvides de nós, nós não nos esqueceremos de ti".

Ajoelhei-me, pedi-lhe a bênção. Depois fiz o mesmo em relação aos Padres. E saí, então, do Convento, com o Padre meu companheiro, rumo à Espanha.

Eu viajava muito contente. A natureza parecia sorrir em torno de mim. As aves cantavam com especial melodia e meu espírito se elevava às alturas celestiais. Minha alma, tranquila porque eu ia realizar meus ardentes desejos, estava jubilosa.

O Padre Baltazar me dizia:

"Irmão, vejo em ti um predestinado para a Ordem. Nunca vi tamanha alegria em jovens que, sorrindo deixam o mundo; sobretudo em ti, que vi passar por grandes provas. Dize-me: não te pesa renunciar à nobreza, fortuna, e honrarias, para te ires esconder definitivamente num distante rincão do mundo, no humilde estado de irmão leigo?"

"Ah, não, Padre! — respondi. Nada me importam todas essas bagatelas: fogo de palha que o vento dissipa; brilho e ouropel (pechisbeque) enganador e mentiroso; vaidade das vaidades que, uma vez libadas, fazem sentir no fim este amargo horrível da consciência maculada.

"Oh! Santo estado religioso e mais perfeito ainda na humilde profissão de irmão leigo!"

Chegamos à Espanha.

Os Padres receberam-me com carinho, como se eu fora antigo membro da Comunidade. Permaneci ali uma semana, tão satisfeito como em minha própria casa, cercado daqueles solí-citos cuidados de uma família íntima.

Quito, afinal!

Finalmente, em meados de janeiro do ano do Senhor de 1777, despedi-me da Espanha a caminho das Índias, em companhia do Padre Baltazar, que me conduziu por diversos países, fazendo-me conhecê-los. Íamos sempre aos Conventos de nossa Ordem, onde nunca fui tratado como estranho. Realmente a Ordem Seráfica é uma solícita mãe para com seus filhos fiéis em todo mundo.

Em Quito fomos recebidos com indizível contentamento pela Comunidade, já informada de minha partida. Felicitavam-me todos pela resolução firme de alistar-me na Seráfica Família, renunciando à milícia terrena.

"Oh! — diziam-me — o Exército de Francisco de Assis é terrível contra o inferno e muito querido de Deus. Aqui se vive e morre com admirável tranquilidade. Ademais habitaram este Convento religiosos santos que edificaram com sua vida; e nestas terras a Seráfica Família tem engendrado santos irmãos leigos".

E chorando como um menino, eu desafogava meu coração.

"Mas veja, irmão — retornavam os religiosos — não seria melhor que estudasses e te ordenasses sacerdote para assim ganhar almas a Deus no púlpito e confessionário?"

"Ah! não, Padre! — respondi prontamente. Na humilde condição de irmão leigo ajudarei os missionários com minha oração e trabalho. Minha inabalável decisão ao deixar o mundo foi de que professaria como irmão leigo".

Noviciado e profissão religiosa

Dias de verdadeiro deleite espiritual são os que transcorrem felizes e céleres nos claustros religiosos. Assim passei meu noviciado degustando a verdadeira felicidade que os mundanos com ânsia procuram e jamais encontram, porque ela só habita onde mora Deus, de modo especial, no silêncio da vida austera dos claustros, as ante-câmaras do Céu.

Terminado o noviciado, tive a incomparável ventura de pronunciar os votos religiosos, no humilde estado de irmão leigo, considerando-me mais venturosos que o Rei da Espanha.

Na manhã do dia 5 de fevereiro de 1778, quando tinha 27 anos e dois meses de idade, a Comunidade franciscana, cheia de santos regozijos, presenciou o ato de minha profissão. Era tal a alegria de minha alma, que julgava estar em companhia dos bem-aventurados. Nada de terreno me preocupava nem obnubilava o límpido céu de minha vida monástica. Tudo se me fazia fácil; numa palavra, eu era feliz.

Assim, com este deleite inefável, eu vivia no Convento de Quito.

No Convento da Imaculada Conceição

Um dos nossos padres dirigia algumas religiosas no Convento das monjas da Imaculada Conceição e toda a vez que ia, levava-me em sua companhia, o que sobremaneira me agradava.

Enquanto o Padre atendia no confessionário, eu me aproximava das grades do coro inferior e, com uma santa inveja mesclada de religioso respeito, olhava e reolhava aquele bendito e privilegiado lugar, em que Deus e a Santíssima Virgem comunicaram-se com aquela angélica criatura. Parecia-me vê-la em todas as passagens que sua biografia narrava: esta humildade tão profunda, este ar circunspecto, esta gravidade no caminhar, numa palavra, a santidade que se refletia em seu aspecto exterior.

E eu dizia comigo: oh! se me tivesse sido dado vir aqui durante a vida terrena de minha santa irmã, Madre Mariana de Jesus Torres!

Em certos momentos, emocionado, meu coração, queria eu ressuscitá-la do sepulcro, dizendo com lágrimas:

"Madre Mariana de Jesus Torres, "nina" espanhola, já estou em vossa casa; deixai as mortalhas que vos cobrem, levantai-vos e acercai-vos destas grades; abençoai-me e falai-me palavras de fogo divino que abrasem meu frio coração. Ouvi o vosso irmão, pois vós o trouxestes de modo admirável de longínquas terras e satisfeito estou em Quito.

"Oh! quem me dera ter chegado aqui quando vivíeis a vida terrena, para ouvir o timbre de voz com a qual a semelhança de terna e casta pomba — cativáveis com arrulhos o Coração de vosso Amado Jesus Cristo e de vossa bendita Mãe, até que Suas Majestades descessem do Céu Empíreo para tratar familiarmente convosco e comunicar-vos os mais íntimos segredos, mesmo para os séculos vindouros.

"Felizes muros que vos guardaram, qual vermelha rosa e branca açucena, neste seráfico vergel da Imaculada Conceição da Rainha das Virgens. Lembrai-vos de mim, vós que gloriosa cantais o cântico novo no Céu, depois de haver cantado neste coro os louvores divinos.

"Virgem religiosa, minha santa irmã, vós nada ignorais da minha vida passada: tudo sabeis; fostes vós que me livrastes de cair no abismo. Seja mil vezes bendita e glorificada em mim a infinita misericórdia de Deus!

"Entretanto, agora que estou contente no humilde estado de irmão leigo, já os Padres me insinuam e insistem para que eu me dedique aos estudos, e me ordene Sacerdote. Minhas faces se enrubescem, porque não me considero digno e meu coração estremece quando considero que, se subir ao Altar sem ser chamado por Deus ao sacerdócio, eu me desviarei do reto caminho que me conduz ao Céu e me precipitarei no abismo do Inferno. Na Ordem Seeráfica, contudo, posso salvar-me com segurança, vivendo e rezando na condição de irmão leigo.

"Ademais, como subirei ao Altar e, chamando a Nosso Senhor Jesus Cristo com as sublimes palavras da Consagração, hei-de tocar no seu Santíssimo Corpo com estas mãos que manusearam armas quando militar?

"Falai-me de vossa sepultura, santa irmã. Dizei-me o que quer de mim o Senhor, pois não sou senão um vermezinho, um asqueroso lodo, um irmão leigo ignorante! Conhecida a Santíssima vontade de Deus, segui-la-ei sem poupar esforço algum, posto que Ele se sacrificou muito mais por mim, a ponto de deixar-se pender por três grossos pregos em uma Cruz, com todo o Seu Bendito Corpo feito chaga e correndo a caudais seu Sangue Divino só por amor de mim.

"Contemplando-O assim, devora-me o desejo do martírio para derramar também o meu sangue como prova de meu amor, como derramaram seu sangue tantos irmãos leigos deste Convento de Quito. Quem me dera isto conseguir acompanhando os Padres missionários, nas missões que pregam junto aos índios do litoral e de outros lugares destas terras!"

E, chorando, como um menino, desafogava meu coração junto às grades do coro inferior deste venturoso Mosteiro, onde repousam os venerandos restos mortais de minha santa irmã, retornando para meu Convento com o coração tranquilo, bem disposto para amar a Deus e resolvido a seguir Sua Santíssima Vontade em tudo que Ele queira e peça.

O Sacerdócio

Certa noite, dormindo eu profundamente naquela paz que proporciona o testemunho de uma boa consciência, voltei a ver minha "españolita", vestida de branco e azul, que formosa e sorridente, me disse:

"Irmão Manuel, dou-te mil parabéns porque ouvindo a voz de Deus deixaste o mundo com coragem de soldado; bendito serás no tempo e na eternidade.

"As santas emoções que sentistes nas grades do coro inferior não me foram alheias e nem passaram desapercebidas. Olho-te com ternura de irmão, e te respeito como Ministro do meu Senhor Jesus Cristo, que te escolheu para, subindo ao Altar, O chamares às tuas mãos e O manejares com ternura e amor agradecido.

"Meu Seráfico Pai São Francisco te escolhe como seu sucessor no governo deste Convento Máximo; nele farás oportunamente grande bem. Obedece aos teus Superiores e ordena-te Sacerdote sem temor de errar o caminho, porque não somente és chamado, mas também eleito.

"Ouando fores sacerdote, não esqueças de favorecer meu Mosteiro que necessitará sempre da intervenção de seus irmãos, os Frades Menores. Estes o sustentarão com seus conselhos, até chegar o dia tão desejado em que o Convento lhes pertencerá por inteiro".

Despertei do meu misterioso sonho. Senti meu coração cheio do amor de Deus. E estava resolvido a estudar para ordenar-me Sacerdote, ainda que tremesse pelo receio de não ser como devia para tratar e manejar o Corpo Sacratíssimo de meu Senhor Jesus Cristo.

O Padre Confessor insistiu cada vez mais para que eu começasse os estudos. Contei-lhe, então, o sonho e os santos propósitos que tive ao despertar.

Com vivo interesse e firme resolução ele me disse:

"Irmão, não prorrogues por mais tempo o atendimento do divino apelo, que te faz o Sacerdote Eterno para que subas ao Altar. Nada tens a temer, pois professaste como irmão leigo, e agora por meio de teus Superiores Deus manifesta sua Vontade e a confirma com a aparição daquela nossa irmã religiosa, que, para nossa ventura, é também espanhola. Seria pecado manifesto se fizesses ouvidos moucos".

"Sim, Padre" — respondi.

Afastando-me dele, encontrei-me com o Padre Provincial e alguns Definidores (religiosos que, em algumas Ordens religiosas, formam, com o Superior principal o Definitório, para govenar a Ordem). Todos foram unânimes em me dizer:

"Irmão Manuel, chega de temores. Tu queres brincar com Deus e omitir de fazer a Vontade divina. Amanhã começarão os teus estudos para te ordenares Sacerdote, sem mais desculpa, as quais deixam de ser virtudes para se converterem em tenaz porfia. Que isto esteja longe de um Frade Menor!"

Ajoelhei-me e osculei os pés de meus Superiores. Quando me levantaram do chão, respondi entre soluços:

—"Padres, seja feita a santíssima vontade de Deus obedecendo a vossa, com a certeza de contar com vossas orações".

* * *

Comecei os estudos que prosseguiram, com uma facilidade espantosa. Eu os havia recomendado à minha santa irmã Madre Mariana de Jesus Torres, dizendo-me que, se era Vontade de Deus que eu me ordenasse, e se era verdade o que havia lido de sua vida, que ela, então, me facilitasse todo o trabalho. E tudo se realizou conforme lhe pedira.

Concluídos os estudos, meus Superiores tomaram todas as providências para a minha ordenação. Sendo eu português, fazia-se mister que o Rei de Espanha, Sua Majestade Dom Carlos III, bem como o Revdmo. Padre Comissário Geral das Índias, Frei Manuel Trujillo, que incorporassem a esta Província de San Pablo de Quito. Tal incorporação foi aprovada em edito do ano de 1786.

Pude, assim, ordenar-me Sacerdote em 1787.

A partir de então deitei o maior empenho para que o Mosteiro da Imaculada Conceição fosse muito considerado e nada faltasse a essas virgens religiosas, herdeiras do espírito de suas ilustres e santas Fundadoras.

Padre Manuel de Sousa Pereira torna-se confessor das

religiosas do Mosteiro concepcionista de Quito

Numa visita canônica a este Convento, o Exmo. Sr. Bispo pediu que dois Frades Menores o acompanhassem. Eu fui um dos felizes escolhidos.

Meu devaneio foi grande, e longa, muito longa a noite que precedeu a visita. Fomos à igreja do Convento, onde ficamos à espera do Sr. Bispo, com quem, munido dos requisitos devidos penetramos na clausura.

No coro inferior meu coração saltou de alegria e quando cantaram os responsórios pelos defuntos, eu diria para mim mesmo: "o que se deveria cantar era o 'Te Deum'!"

Concluídos os responsórios, ao que assistiu a numerosa Comunidade das Filhas da Imaculada Conceição, minhas tão caras irmãs, todas se emulavam em atender seus irmãos, os Menores, revezando-se as que acompanhavam o Sr. Bispo. Interroguei pelo sepulcro das Fundadoras. Quando me disseram que ali jazia Madre Mariana de Jesus Torres, sem querer, ajoelhei-me e osculei aquele bendito lugar.

Perguntei às monjas:

"Como faremos para ver estes restos tão queridos? Quero oscular suas mãos".

"Padre, é impossível, responderam. O Sr. Bispo descobrirá e então..."

Enquanto percorriam todos o coro inferior não me movi do sepulcro de minha benfeitora irmã. Sentia eu a eficácia de sua virtude, e uma atmosfera de santidade e amor de Deus que evolava desta sepultura querida. Já haviam saído todos do coro, mas eu permanecia imóvel, até que o companheiro veio me chamar. Minha alma e meu coração, contudo, ali ficaram junto ao túmulo!

Quando nos mostraram o cárcere, meus olhos verteram lágrimas aos borbotões. Parecia-me ver minha santa irmã prisioneira e encarcerada. Vendo-me chorar, o Sr. Bispo perguntou:

"Por que este pranto, Padre?"

"Ai, Excelência! — respondi. Quantas santas recordações existem neste venerável lugar, santificado por haver sofrido nele a virtude. Aqui se imitiou a Nosso Senhor Jesus Cristo que sofreu inocente, mas como se fosse um criminoso".

Prosseguindo a visita, senti-me tomado por santas emoções, porque em todas as partes parecia-me ver minha angélica irmã.

Foi por ocasião desta visita que as religiosas me conheceram. Vendo-me tão adicto ao Convento, passaram-me a chamar-me ao confessionário. Eu ia com muito gosto e deixava todas as ocupações adiáveis, ainda quando tivesse de trabalhar à noite.

Minha alma se alegrava em encontrar virgens inocentes e muito favorecidas de Deus; e eu, com confiança de irmão, perguntava a elas que coisas sabiam de Madre Mariana.

As religiosas me relataram vários fatos que não constam da biografia que eu havia lido em minha Pátria.

Uma das monjas teve a fineza de me presentear, como seu diretor espiritual, com o diário que a santa virgem escrevera para sua meditação semanal. Eu levava sempre comigo aquele caderninho, que nunca trocaria por nada desta vida, por ser escrito dela. Era para mim preciosa relíquia.

Em todas as circunstâncias de minha vida costumava encomendar-me à minha santa irmã, cuja proteção a meu favor presenciei visivelmente[14].

Prece

Ó Anjo de inocência e candura, já na Pátria feliz onde morais, não esqueçais de vosso irmão, que navega nas ondas do mar tempestuoso da vida. Vós vedes do Céu as minhas dificuldades, necessidades e temores no desempenho de minha vida sacerdotal. Eu me ordenei, porque Deus o quis e vós vos empenhastes nisto. Cuidai de vosso irmão para que em tudo agrade ao Senhor e O glorifique. Estes são os meus únicos desejos nesta mísera terra de pranto e dor.

E quando chegar o fim de minha vida, favorecei-me, então, mais do que nunca, para que eu morra santamente e vá estar convosco para sempre no Céu, sob o manto azulado de nossa Mãe Imaculada, num êxtase eterno, contemplando e amando a nosso Deus, sem temor de perdê-LO.

14 Sabe-se que Madre Mariana favoreceu visivelmente a este religioso, aparecendo-lhe para defendê-lo dos perigos, sendo a estrela deste militar, santo religioso Menor.

— Capítulo XII —

Continuação da prodigiosa vida de Madre Mariana de Jesus Torres — Suas virtudes heroicas no últimos meses de vida

Até aqui, caro leitor, interrompi a vida de nossa heroína religiosa para narrar a minha, por ter nexo com a dela. Continuarei com prazer a narração dos últimos meses que esse anjo em forma humana passou sobre a terra.

Após a morte de Madre Francisca dos Anjos[15] última das Fundadoras, Madre Mariana de Jesus deu a conhecer sua sólida virtude e à grandeza de seu espírito. Porque sendo de tal forma indizível o amor fraterno que unia as Madres Fundadoras — como era justo, santo e natural, tendo elas passado tanta penúria, dificuldades e dor até deixar o Mosteiro não só fundado, mas plenamente estabelecido, cheio de vida e uma flor de sua existência — cada uma delas que morria arrancava com sua alma as fibras do coração das que ficavam. Como a Madre Mariana de Jesus era a mais jovem das Fundadoras, ela viu e preparou para a morte todas as outras. Mas com cada uma que se ia, também ela morria, de maneira que seu coração ia se ressentindo, sem ela se dar conta.

Madre Mariana promete que continuará no Convento após a morte — Uma nova fundação no século XX

Somente as freiras compreendiam e sofriam ao ver exaurir-se uma vida tão preciosa pela qual cada uma daria com gosto a sua. E com frequência lhe perguntavam:

"Madre, que tem V. Revda.? Como se sente de saúde? Vemo-la muito alquebrada e tememos que a cruel parca (a morte) a arrebate de nós, porque se V. Revda. morrer, tudo morrerá para suas filhas e o Convento cairá por terra".

Ela respondia:

"Filhas de meu coração, vossa Madre sente que por fim o pro-longado desterro vai se acabar. A irmã morte já se aproxima. Espero-a com alegria e chamo-a com ansiedade. Ela me abrirá as portas do Céu para que nele eu entre e me reúna com minhas Madres Fundadores, porque bem sabeis que sou a última delas.

“Quando eu deixar a vida mortal, não morrerei de forma alguma, nem

15 A sequência cronológica destes capítulos finais não é rigorosa. A morte de Madre Francisca dos Anjos será narrada com mais pormenores no Cap. XVIII.

para vós nem para as filhas de todos os tempos que me forem fiéis na vocação, menos ainda para o Convento, que nos custou indizíveis e inconcebíveis sacrifícios para fundar e constituir solidamente. Não morrerei. Pelo contrário, todas as Fundadoras viveremos aqui até o fim dos tempos, invisíveis aos olhos humanos de nossas filhas, sustentando a vida do claustro, vigiando a observância da Regra, e separando sempre o bom trigo da cizânia.

"Quando no plano humano tiver chegado à extinção, depois de purificar os espíritos no século XX, traremos jovens aptas para a nova fundação. Cada uma delas que corresponderem à graça da vocação, recebida de Deus por nossa intercessão, será cópia fiel de suas Fundadoras , cujos nomes portarão.

"No momento vós permaneceis bem organizadas e estabelecidas: minha presença não vos é necessária. Conheço vosso amor filial, que vos faz pensar o contrário, o amor materno que vos tive será aperfeiçoado no Céu, para onde levo a todas e cada uma de vós. Materialmente meu coração deixará de bater, mas meu amor não se extinguirá, nem entre as cinzas frias do sepulcro.

"Amai-vos muito umas às outras. Dissimulai vossas fraquezas. Recomendai, diariamente, a Deus umas às outras para que sejais boas religiosas. Amai e praticai com esmero vossa santa Regra e Constituições, a fim de que vivais tranquilas e felizes durante a vida e apôs a morte vos reunais com vossas Madres Fundadoras, que vos esperam no Céu."

Cada palavra sua era como dardo penetrante nos corações de suas filhas, que viam dia-a-dia extinguir-se aquela preciosa vida, como se extingue lentamente o azeite da lamparina que, solitária, vela e arde na presença do Divino Prisioneiro do Altar.

Cada vez mais viam nela a perfeição da vida religiosa existente nesta fiel esposa de Jesus Cristo, cuja vida era realmente uma prédica viva para suas súditas, conforme diz a Regra das monjas da Imaculada Conceição ao tratar das Superioras. Parecia mais anjo em carne humana do que criatura mortal. Sempre igual em seu temperamento, sempre humilde de coração e entendimento, sem fazer acepção de ninguém, sempre condescendente com todas as suas filhas em tudo aquilo que não implicasse na menor imperfeição de sua belíssima alma. Era a primeira na observância da Regra e nos trabalhos monásticos, e a última em descansar deles, de modo que, quando se desocupava de seus afazeres, ia pressurosa ajudar suas filhas, com aquela ternura e amor próprios tão somente de uma mãe carnal.

Quando falecia algum membro da família de suas monjas, ela se con-

doía como se tivesse sido algum familiar seu; chorava com elas e as consolava com palavras cheias de unção próprias dos santos, concedidas a eles pela munificência divina para alívio de seus semelhantes. Além disso, ela tomava a seu encargo os sufrágios para descanso eterno da alma dos defuntos.

— Capítulo XIII —

Caridade e amor maternal de Madre Mariana de Jesus para com as famílias de suas religiosas — Ela livra do inferno o parente de uma delas — Dom de bilocação que Deus Nosso Senhor lhe concede

Certa ocasião morreu o irmão de uma religiosa do Mosteiro da Imaculada Conceição de Ouito, assassinado por ladrões, quando retornava de uma viagem pelo sul. Era um jovem, chamado Roberto, um tanto dissipado e descuidado no cumpriento de seus deveres de católico.

Sua irmã, bem como Madre Mariana, trabalhavam com vivo interesse pela conversão daquela alma, que, entretanto, exigia muita paciência.

Quando ele veio despedir-se para a viagem. Madre Mariana dirigiu-lhe estas palavras:

"Vê, Roberto, que Deus Nosso Senhor muito em breve vai chamar-te em juízo e se tu não te emendas, pões em risco tua salvação. Que amargura para os teus se no estado atual a morte te surpreender!"

Estas palavras penetraram tão fundo no coração do jovem que, santamente impressionado, respondeu:

“Certamente, Madre, devo voltar atrás e emendar minha vida, segundo a norma do Evangelho. Se eu pudesse adiar minha viagem um só dia, eu o faria prontamente, mas já está tudo acertado e fixado. Sobretudo com os meus companheiros, pois é impossível viajar sozinho por esses caminhos infestados de ladrões.

“De regresso, os cuidados da alma serão a minha primeira ocupação. Para isso recomendo-me às orações de V. Revda., de minha querida irmã e da santa Comunidade, à qual trarei uma lembrança de minha viagem".

"Asseguro-te que te ajudarei em tua maior aflição — respondeu-lhe Madre Mariana — porque és uma das almas escolhidas de Deus para o Céu. Durante tua viagem não deixes um só dia de rezar o rosário nas contas que vou te dar. Reza com teus companheiros, rogando a Deus uma boa morte e a salvação de tua alma. Não deixes de examinar tua consciência, para confessar-te oportunamente".

O jovem despediu-se de sua irmã e do Convento muito impressionado. Fez tudo o que Madre Mariana lhe aconselhou. Na viagem portou-se como católico praticante. Seus companheiros relataram que ele ia pensativo. Quando procuravam distraí-lo, ele explicava:

"Viajo apenas impelido por necessidades urgentes e para apro-veitar

vossa companhia. Parece que minha morte esta próxima. Nada me agrada e a única coisa que anseio é reconciliar-me com Deus."

Uma monja da Imaculada Conceição me ampara

Chegado ao lugar do destino, agenciou todas as coisas com grande cuidado, preparou um pacote avisando que era para as "monjitas" da Imaculada Conceição, as quais queria com toda alma.

Quando tudo tínhamos arranjado para o retorno, dois compa-nheiros nossos adoeceram[16].

Éramos cinco os que viajávamos, sem contar os criados e pa-gens. Resolvemos, então, adiar a volta até que eles sarassem.

Roberto ficou inquieto, dizendo que precisava voltar logo, e que iria na frente. Deixou conosco suas mercadorias, os criados e um pagem, fazendo-se acompanhar apenas por um destes. Nós nos opusemos a que ele viajasse só, mas não conseguimos retê-lo. Partiu pois, após despedir-se com afetuosa cortesia e fina educação.

Ficamos impressionados pelo fundo de tristeza que havia em seu semblante. Desejávamos ardentemente que nossos companheiros recuperassem logo a saúde para apressarmos o passo e alcançar Roberto, porque ele não possuía muita agilidade em grandes travessias.

Dois dias após sua partida, ouvimos ao longe, ao anoitecer, alguém gritar por nós com grande aflição. Não sabíamos quem poderia ser, mas veio-nos à mente nosso caro Roberto.

Incontinenti dois companheiros, três pagens e cinco criados montamos e — por assim dizer — voamos na direção dos gritos.

Quando nos aproximamos, ouvimos e reconhecemos que era Roberto. Esporeamos desesperadamente as mulas. Qual foi nossa surpresa quando vimos uns três mulatos altos e fortes, que armados, o perseguiam a pé. Roberto, a cavalo, gritava por nós pedindo socorro, dizendo que estava ferido

16 A partir deste ponto até o 11º parágrafo da pagina 127, a narração passa, bruscamente, a ser feita na 1ª pessoa do plural, dando a entender que todo este trecho foi emprestado do testemunho de algum dos companheiros de viagem de Roberto. De entremeio há alguns parágrafos de comentários, cuja autoria parece mais bem do Pe. Manuel S. Pereira.

e as forças lhe faltavam, e que somente o sustentava uma monja da Imaculada Conceição.

(Convém esclarecer que Deus concedeu à Revda. Madre Mariana de Jesus Torres, em várias ocasiões, a graça da bilocação. Ela foi vista ora favorecendo ao Sr. Bispo; ora em São Francisco e em outros lugares que necessitavam de auxílio.)

Então, começamos a gritar: "Socorro, socorro", e outras coisas para ajudar Roberto. Os mulatos fugiram. Encontramos Roberto agonizante, que dizia: "Uma monja da Imaculada Conceição me ampara".

(O piedoso leitor se lembrará que, quando Roberto se despediu de Madre Mariana de Jesus, esta boa religiosa anunciou-lhe a morte, dizendo-lhe que rezasse todos os dias, o rosário que lhe daria, pedindo à Santíssima Virgem uma boa morte, e acrescentou: "Eu te ajudarei em tua maior aflição". Eis que aparece aqui a monja espanhola, sustentando a vida de Roberto até que se confessasse, pois ele já deveria ter morrido exangue apenas com os primeiros ferimentos. Mas, oh poder da oração! Como Deus Nosso Senhor atende as súplicas de Sua amada esposa!)

Grande foi a surpresa ao encontrar Roberto agonizante e a mula completamente despedaçada, com os intestinos fora do ventre, caídos pelo chão. Vendo-a neste miserável estado, admiramo-nos como o pobre animal pode caminhar tanto tempo carregando Roberto. Todos nós nos convencemos de que fora um milagre estupendo, operado em virtude de alguma devoção de Roberto ou de orações feitas em favor dele.

Como sabíamos que ele tinha uma irmã religiosa e que amava desmedidamente o Convento da Imaculada Conceição, demos por certo que as monjas o mantiveram vivo, a fim de que ele se pudesse confessar, e também comunicaram misteriosa força à mula para que o trouxesse até pô-lo à salvo.

Com profundo pesar conduzimos os cadáveres de Roberto, de seu pagem e também de um dos ladrões, a um povoado próximo para as devidas comprovações. Nossos companheiros já estavam sãos, mas tivemos de dilatar o tempo da viagem até estarem concluídos os assuntos mortuários e trazer todos os certificados, com testemunhos, para apresentá-los aos parentes, amigos, bem como à Real Audiência.

De como se deu a morte de Roberto

Agora, explicaremos como foi a morte.

Apressamos o passo, e, reunindo ao todo vinte e cinco pessoas, cercamos os ladrões para apanhá-los. Um dos caminhantes a quem pedimos auxílio matou com um tiro certeiro um dos ladrões. Os outros dois fugiram feridos, conforme as marcas de sangue que deixaram pelo caminho.

Aproximamo-nos de Roberto e ele nos estendeu a mão. Com cansaço mortal, deixou-se cair esmorecido sobre a mansa mula que cavalgava. Deitamo-lo no solo. Nosso pobre amigo, com olhos vidrados olhava-nos, queria falar mas não conseguia, apertava-nos a mão. Estava banhada de sangue.

Logo que o descemos da mula, esta caiu em terra, toda ensaguentada. Julgamos a princípio que era também sangue de Roberto, a quem atendíamos com dedicação. Conseguimos que ele tomasse alguns goles de vinho. Pôde, então, dizer com muita dificuldade e pausadamente estas palavras:

"Meus amigos, vou morrer. Tragam-me um Sacerdote para ouvir-me em confissão e me absolver".

Neste ínterim passavam vários grupos de transeuntes, entre eles alguns frades franciscanos, a quem rogamos que atendessem nosso pobre amigo. Pressurosos foram até ele.

Ao vê-los, nosso Roberto estendeu-lhes os braços e copiosas lágrimas rolaram-lhe pelas faces. Nós nos retiramos, ficando os dois Padres a sós com ele. Um o ouvia em confissão, enquanto o outro o sustentava nos braços, pois suas forças se esvaíam. Falou meia hora.

Terminada a confissão, os padres nos chamaram. Aproximamo-nos e ele nos disse:

"Meus amigos, sou feliz. Morro reconciliado com Deus, morro tranquilo. Nada me inquieta. Todas as minhas mercadorias rogo que entreguem à minha família. Mas um dos pacotes — sabeis qual é — destinai às monjas da Imaculada Conceição. Dizei a todos que não me esqueçam em suas orações, pois necessito de sufrágios para minha alma. Ide procurar o pagem que levava comigo, para que se estiver vivo, aproveite a ocasião para se confessar".

Dez caminhantes, três criados e um pagem saíram em seguida, e bem longe encontraram o pagem, morto e completamente despido. E morta também a mula que montava. Cobriram-nos com um poncho e trouxeram

até onde estávamos, mas não deixamos que Roberto o visse nem soubesse do seu triste fim. Os Padres examinaram-no, e na opinião de todos, estava morto havia algumas horas.

Roberto ia se consumindo lentamente. Os Padres começaram a recitação da Ladainha dos Agonizantes.

Após o ósculo do crucifixo apresentado pelos missionários franciscanos, deu um profundo suspiro e morreu nos braços dos Sacerdotes, sem convulsões nem trejeitos.

Estávamos nesta aflição e nos aproximamos da mula para levantá-la do chão e nela levar o cadáver de Roberto ao lugarejo próximo onde os nossos nos esperavam. Qual não foi nossa surpresa ao vê-la inteiramente dilacerada. E vimos que fora milagre o pobre animal ter conseguido carregar Roberto e percorrer um tão longo trecho.

Enquanto isso no Mosteiro da Imaculada Conceição...

Na tarde de uma sexta-feira do mês de dezembro, Madre Mariana de Jesus Torres chamou Madre Manuela, antiga noviça sua e lhe disse:

"Minha filha, sabes que meu coração é inteiramente de minhas filhas. Minhas são suas dores e meus são seus prazeres. Vou preparar teu coração, para que recebas tranquila o dom da tribulação com que o Esposo Divino te quer presentear.

"Oh! Quanto me interessei por Roberto! E hoje ele está ne-cessitado. Reza, clama e chora ao Divino Prisioneiro para que o ajude. Ele é uma alma querida por Deus e por esta razão, desde que ele se despediu de nós, não deixei de rezar muito por ele.

"Saibas, minha filha, que ao amanhecer deste dia[17] cairá nas mãos dos salteadores, que procurarão acabar com sua vida, mas eu e tu não haveremos de o permitir até que possa confessar-se e reconciliar-se com Deus, porque ele já tem preparada a confissão e está bem pronto para passar à eternidade. Além disso estarão com ele alguns dos nossos irmãos Menores, que o assistirão em sua última hora. Mas para se conseguir isto é preciso muita oração de nossa parte".

17 Não fica claro, no texto, se Madre Mariana se refere à manhã de sexta-feira ou de sábado. Ademais como ficou dito acima, Roberto parece ter sido assaltado já ao cair da noite.

A religiosa ficou trêmula ao receber tal notícia. Lançando-se nos braços de Madre Mariana, começou a chorar consternada e com palavras entrecortadas dizia:

"Minha Madre, fazei violência à bondade de Deus para que meu pobre irmão não caia nas mãos dos cruéis salteadores e ele possa regressar são e salvo ao seio da família. Bem sabeis que ele é o único filho varão e tem sido tudo para meus pais e irmãos. Sabendo que ele será as saltado, obtende de Deus que não o seja".

"Filha de minha alma — ponderou Madre Mariana — os desígnios insondáveis de Deus não podemos compreendê-los. Está decretado este gênero de morte para nosso caro Roberto. Ânimo e muita generosidade para com Deus. Não há que perder tempo chorando, mas sim rezar a Deus para que favoreça aquela alma querida".

E, abrançando-a contra o seu peito, cumulou-a de carícias e disse tantas palavras de alento, que acalmaram o primeiro impacto da dor e recobraram-lhe o ânimo para rezar fervorosamente. Madre Mariana ordenou que não revelasse o assunto a ninguém e que o conservasse em segredo.

A religiosa, triste e chorosa, assistiu a todos os atos da Co-munidade. Em sua amargura era doce lenitivo olhar para Madre Mariana, que procurava não separar-se dela.

Após a ação de graças do jantar, Madre Mariana disse em alta voz no refeitório:

Madres e irmãs minhas, soubemos que um parente muito chegado de uma de nossas irmãs está em grande angústia. Peço que vos esqueçais de vós mesmas, para rogar ao Senhor que favoreça e salve esta alma. Vamos aplicar nesta intenção tudo quanto fizermos até o dia de amanhã".

As religiosas amavam desmesuradamente a única Fundadora que ainda lhes ficava, e como, por outro lado, possuíam largos conhecimentos das virtudes e dons extraordinários que ela recebia de Deus, as palavras de Madre Mariana de Jesus causaram forte impressão no coração das religiosas. Cada uma oferecia tudo quanto fazia para a salvação dessa alma querida, interrogando-se se não seria um dos seus próprios familiares. Mas como não era menor que a medida de afeto, o respeito que tinham pela sua Superiora, ninguém ousava perguntar-lhe, esperando que Madre Mariana tomasse a iniciativa de chamar a religiosa cujo parente estava em grande perigo. Vendo, contudo que ela não o fazia, redobravam todas e cada uma de suas

súplicas e penitências por aquela alma necessitada.

Soada a hora do silêncio, todas se recolheram ao dormitório. Madre Mariana costumava zelar pelo silêncio todas as noites em companhia da Vice-Superiora a quem isto compete. Entrava na cela de cada doente para lhe dar a bênção, depois fazia o mesmo com a Comunidade do dormitório. E isto, mesmo quando não ocupava o cargo de Superiora, na sua condição de Fundadora. Era respeitada e obedecida, a começar pela Superiora, que contava com ela nas menores coisas. Ou seja, ela dirigiu o Convento até sua morte, seja diretamente, seja por meio das outras abadessas que se sucediam. A estas ela facilitava o exercício de encargo tão delicado, de forma que somente após a morte das Madres Fundadoras é que as Superioras, deram-se conta de quão duro era este múnus, tão cheio de responsabilidades, do qual dependiam a existência e conservação da vida em comum. É por esta razão que, alguns anos depois da morte das Madres Fundadoras, introduziu-se a vida particular.

Visão de Madre Mariana do assalto contra Roberto

À meia-noite, quando estava em meditação, Madre Mariana teve a visão de dez mulatos altos e fortes que se acometiam sobre o pobre jovem Roberto e seu pagem, procurando dar-lhes morte cruel e instantânea, a fim de apoderar-se, segundo diriam, da vultuosa soma de dinheiro que aqueles serranos deveriam levar.

Ao ver esta cena, Madre Mariana clamou a seu Divino Esposo e à Sua Mãe Santíssima do Bom Sucesso pedindo que não permitissem tamanha crueldade da parte daqueles homens sem Deus e sem consciência.

Neste momento foi-lhe descoberto o estado das almas daqueles salteadores. Horrorizou-se, por vê-las tão negras e degradadas. Viu que o pior dos criminosos havia, horas antes, assassinado a "própria mãe e os irmãos por não participarem de suas ideias, e que ele desceria ao Inferno antes mesmo de Roberto morrer.

Viu que o pagem era muito católico e temeroso de Deus. No dia da partida de Quito havia se confessado e comungado em San Agustin, cuja igreja frequentava e durante a viagem não perdera o estado de graça. Caindo nas mãos dos salteadores, ao tentar libertar seu amo, elevou o coração a Deus, perdoando os agressores, encomendou sua alma a Deus e à Nossa Senhora, pedindo-lhes que o salvassem. Quando ele morreu, Madre Mariana assistiu ao seu juízo favorável e viu o pouco tempo de Purgatório que

lhe foi imposto.

Na hora em que os salteadores iam apoderar-se de Roberto vi-ram todos uma luz muito clara e no meio uma pessoa vestida de branco e azul, que os aterrou por um momento. Isto foi visto também por Roberto que o relatou a seus amigos.

Os ladrões avançaram contra esta pessoa, descuidando-se de Roberto, que se aproveitou da ocasião para esporear a mula e afastar-se deles. Instantes depois eles saíram ao encalço de Roberto e de longe o feriram. Contudo, por mais que corressem não conseguiam alcançá-lo. Quando ele começou a gritar para seus companheiros, fugiram todos com exceção do miserável mulato morto pelos caminhantes que foram em auxílio de Roberto e o salvaram.

Madre Mariana viu como aquela alma tão celerada desceu ao fundo do Inferno com a velocidade do raio.

Madre Mariana tranquiliza a irmã de Roberto

Quando a Comunidade se reuniu pela manhã, às quatro horas, para a recitação do Ofício Parvo, já se encontrava lá Madre Mariana. As religiosas cravaram nela os olhos, à espera de algum aviso, mas ela baixou a vista com sua gravidade religiosa de costume.

Deu início ao Ofício com a devoção de sempre e todas rezaram com extraordinário fervor. Seguiram-se os demais atos da Comunidade.

No meio da meditação, Madre Manuela não pode resistir; lenta e timidamente aproximou-se de Madre Mariana chamando-a. Esta, com a bondade e doçura própria de uma alma santa, afagou-a, dizendo:

"Minha filha, tranquiliza teu coração. Dá graças ao Senhor e comunga fervorosamente pela alma de Roberto. Ele é feliz: morreu bem e se salvou. Deixa de chorar perdendo o mérito, pois o Esposo Divino se ressentiria. Não nos compete senão agradecer-Lhe. Continua tranquila tua oração".

A religiosa voltou ao seu lugar, sofrida sim, mas com o coração em paz, porque sabia que seu irmão estava salvo. Chorava em silêncio, resignada com a vontade de Deus.

Madre Manuela recebe instruções de como se portar com a família

Chegada a hora em que se podiam receber visitas, a família de Madre Manuela veio vê-la, manifestando-lhe que seus corações estavam abatidos e profundamente entristecidos por causa de Roberto. Havia dias não recebiam notícias dele, quando já era tempo de chegar algumas cartas. E a apreensão era tanto maior, porque vários mercadores recém-chegados informaram estar o caminho infestado de ladrões, dos quais só se livraram por viajarem em grande comitiva.

Antes de falar com a família, Madre Manuela foi aconselhada por Madre Mariana:

"Minha filha, vem visitar-te a tua família, com o coração so-bressaltado por causa de Roberto. Não fales a menor palavra a respeito. Consola-os e dize-lhes que, sendo Deus nosso absoluto Senhor e Criador, e amando-nos como nos ama, devemos esperar de sua amorosa bondade tudo de bom e de melhor".

Madre Mariana acompanhou-a até ao parlatório e, antes de en-trar disse-lhe:

"Ouve, filha de minha alma, Roberto te pede hoje um grande sufrágio, com que espera aliviar-se muitíssimo: é que não chores na presença de tua família demonstrando conhecer o seu triste fim. Esta mortificação será muito agradável ao Senhor e de muito proveito para a alma de teu irmão".

A boa religiosa obedeceu à ordem e conselho de Sua Madre, Mestra e Fundadora. Cumprimentou a família, a qual lhe manifestou amargura, como foi dito anteriormente. Madre Manuela, dominando-se heroicamente, animava aos seus com as palavras que Madre Mariana lhe recomendara. Compartilhou das dores da família, derramando algumas lágrimas em segredo e na paz.

Madre Mariana viu quanto Deus se comprouve com aquela alma realmente boa e o grande alívio que obteve para alma de seu irmão. E louvou ao Senhor, Autor de toda a virtude.

Madre Mariana dirigiu também à família palavras de alento e consolo, dizendo que, em todo caso, devemos estar preparados para aceitar à santíssima vontade de Deus, que nunca envia às suas criaturas provações superiores ao que elas podem resistir.

A família saiu do Convento sofrida, mas cheia de paz; e diziam uns para os outros:

"Que se opera em nossos corações quando falamos e tratamos com Madre Marianita? Que palavras tão cheias de unção divina, que tocam o coração e o tranquilizam mesmo em meio às dores! É verdadeiramente uma monja santa, feliz criatura e felizes as que vivem com ela".

Palavras de confiança à mãe de Roberto

Transcorridas algumas semanas, a mãe da Madre Manuela voltou ao Convento chorando desesperadamente. Contou que os companheiros de viagem de seu filho haviam chegado e narraram o triste fim de Roberto, assaltado pelos ladrões. E pediu com insistência para falar com a filha e com Madre Mariana.

Esta instruiu Madre Manuela sobre como deveria portar-se na-quela circunstância tão dolorosa, na condição de esposa fiel de Nosso Senhor Jesus Cristo. Dirigiram-se, então, ao parlatório.

"Quando ouviu a voz da filha, a triste senhora irrompeu em la-múrias dizendo entre soluços:

"Querida filha, teu irmão morreu, atacado por salteadores. Ai! Meu filho morreu longe dos seus! E sua alma? Isto é que me faz desesperar! Que será de meu Roberto? Salvou-se ou condenou-se? Ele foi bom católico, mas nos últimos anos dissipou-se muito e afastou-se dos sacramentos. Isto me mata e me consome. Minha dor se amainaria se soubesse que ele se salvou.

"Madre Marianita — prosseguiu — console o coração atribulado desta mãe desconsolada. Peça V.Revda. a seu Esposo que lhe dê a conhecer se meu Roberto se salvou. As esposas de meu Senhor Jesus Cristo são as pessoas que podem tratar com Ele e dar lenitivo aos corações angustiados dos que vivem no mundo. Deus tira o meu filho e com ele todo o meu apoio. Mas, se soubesse que ele está salvo, atenuada ficaria minha dor."

Madre Mariana abriu os lábios e de tal modo falou à consternada senhora, que suas palavras, cheias de unção divina caíram naquele coração destroçado pela dor como o orvalho em planta ressequida. Entre outras coisas, exortou-a a que tivesse fé na infinita misericórdia de Deus, de que Roberto tinha se salvo, pois as mortes repentinas e imprevistas dependem

de desígnios da Providência Divina.

Disse ainda que se fixasse nesta consoladora ideia, sem de-sesperar-se em nenhum momento. E não deixasse de sufragar quanto possível a alma do filho, a fim de que saísse quanto antes do Purgatório e voasse para o Céu, para gozar a Deus eternamente. E que ela se oferecia, por seu turno, para fazer o que estivesse ao seu alcance, com vistas ao descanso daquela alma querida.

Sobre a futura morte de Madre Manuela — A alma de Roberto sai do Purgatório

Madre Manuela, como fiel discípula de Madre Mariana, disse à mãe palavras animadoras e alentou seu coração abatido, de sorte que a nobre senhora voltou muito confortada para casa, onde consolou os seus.

Madre Mariana viu com suma complacência a bela alma de Madre Manuela, e o quanto aproveitava para si e para o sufrágio da alma de seu irmão, o seu sofrimento suportado com paciência e com uma resignação não apenas cristã, nas também religiosa. Madre Mariana louvava ao Senhor por isto, e todos os dias abençoava sua filha espiritual com amorosa ternura. Falava-lhe a respeito do Céu e lhe ensinava a ter a alma preparada para morrer a qualquer momento que aprouvesse a Deus chamá-la para prestar contas.

É que Deus Nosso Senhor havia revelado a Madre Mariana que aquela sua filha devia morrer de morte súbita, porque temia a hora da morte, por causa das tentações com que o demônio costuma assaltar no último transe, até mesmo as almas justas.

Após a morte do jovem Roberto, Madre Mariana encarregou-se de livrar logo do cárcere da expiação aquela alma querida, tanto mais que era irmão de sua Manuela. Penitências, orações, padecimentos interiores e todos os méritos de sua heroica vida, tudo aplicava, exigindo do Senhor que levasse quanto antes ao Céu aquela alma por quem ela se empenhava.

Tanto fez até que um dia, depois da Comunhão, Nosso Senhor lhe mostrou que a alma de Roberto se elevava ao Céu como uma branca nuvem. E este lhe dizia:

"Deus a recompense, Madre, vossa caridade e o afã de libertar-me do cárcere de expiação. A vós devo minha rápida libertação. Esperar-vos-ei no Céu".

Madre Mariana, com seu tino e cautela características comunicou a Madre Manuela que seu irmão estava no Céu. O amor e a gratidão a Deus aumentaram nesta alma religiosa, formada pela santa monja espanhola e admirável mestra de almas.

— Capítulo XIV —

Amorosos engenhos com que Madre Mariana e sua filhas se preparam para a Festa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo — Admirável aparição de Nossa Senhora do Bom Sucesso[18]

18 Nota do compilador: A aparição de Nossa Senhora do Bom Sucesso que vem narrada a seguir, está com a data do dia 2 de fevereiro de 1634. Ora, acontece que esta já foi relatada no Cap. IX do Tomo II. Assim, das duas uma: - ou é continuação do relato do Cap. IX, que nos aparece, agora, aqui inserido; - ou a presente aparição se deve ter dado na primeira quinzena de março de 1634, visto que Nossa Senhora anuncia à Madre Mariana que esta morreria "dentro de dez meses e alguns dias..." (cfr. pag. Deste Cap. XIV). Há, deste modo, uma imprecisão ou lapso cronológico, mas não há uma contradição na narração no texto de ambos os capítulos.

Era a tarde de uma sexta-feira do mês de dezembro, durante o Advento, período litúrgico precioso para as minhas irmãs concepcionistas, porque desde a fundação do Convento, as heroicas Fundadoras se esmeraram em santificá-lo, esperando ansiosas a vinda do Messias.

Recordarão os meus caros leitores, do que já narrei a respeito dos festejos de Natal, Circuncisão, Reis e suas oitavas.

Pois bem, neste período revive o fervor na Comunidade. Distribuem-se mediante sorteio, cartões de convite para a preparação do enxoval, fraldas, e presentes para o Menino Jesus. Nestes cartões indica-se a cada uma a peça de roupa que lhe toca preparar, junto com a recomendação de tal ou qual ato de virtude, mortificações, humilhações, penitências, etc., a serem praticados.

Minhas irmãs nesta matéria são extremadas, de modo que se tem por vezes, de moderá-las com energia. Como é belo ver a umas comerem no chão, sem véu e uma corda ao pescoço; a outras beijarem os pés da Comunidade no refeitório; a outras se prosternarem para que lhes passem por cima; a outras ainda comerem em pratos velhos de barro, tirados não sei de onde, e pedindo esmolas no refeitório. Enfim, inventam mil e mil formas de humilhação que o coração mais empedernido se comoveria ao vê-las.

Nisto tudo Deus se compraz e as ama como a nenhuma Cornunidade, porque elas o fazem ébrias do amor a seu Deus Infante, a Quem esperam e chamam com ternas palavras e vivos anelos, herança de suas Fundadoras, que já assim faziam.

Quando for narrar a pequena biografia delas, deter-me-ei com algum vagar nesses aspectos, para que meus leitores possam admirar a sólida virtude que as Fundadoras espanholas legaram a suas filhas de todos os séculos, de maneira a não poder faltar nada disso no Convento da Imaculada Conceição.

Como as Fundadoras prometeram viver em espírito nas suas filhas, haveria de conservar-se tudo isso, em qualquer circunstâncias, até o fim dos tempos, porque jamais faltarão almas fervorosas e amantes do Menino Deus, em cuja devoção está o penhor da manutenção do Convento.

Começa a Aparição de Nossa Senhora do Bom Sucesso a 2 de fevereiro de 1634

Transcorria o ano de 1634. Madre Mariana rezava com redobrado fervor de alma, no dia 2 de fevereiro, às três horas da manhã no coro superior do Convento e dizia, com os olhos fixos no Sacrário, a seu Amor Sacramentado:

"Jesus, meu Divino Amor, minha alma desfalece de amor por Vós, único Senhor de meu coração; compadecei-Vos de mim e levai-me a Vós, porque o meu desterro se prolonga demasiadamente. Os meus anelos são de ver-Vos, possuir-Vos e engolfar-me nesse amor tão próprio dos bem-aventurados.

Oh! quando chegará o momento em que, deixando a vida mortal voarei célere para região da feliz eternidade!

"Reconheço-me indigna do Céu e mais ainda de possuir-Vos, Meu dulcíssimo Bem, porque, ingrata a vossos benefícios e delicadezas, não sou o que deveria ser. Mas, prostrada no pó, adoro-Vos como a meu Deus, como a meu Juiz Supremo. Apoderam-se de mim o temor e o tremor, mas como a meu Pai e Esposo amo-Vos; o este amor sai vitorioso, na confiança dos vossos merecimentos e de que serei purificada com vosso preciosíssimo Sangue, pelas mãos da Imperatriz do Céu, Maria Santíssima, minha Mãe, a Quem peço o bom sucesso no transe de minha morte e na sentença definitiva da qual depende minha feliz eternidade.

"Ao concluir meu desterro da vida mortal, entrego-Vos, Amor meu, esta casa e Convento, com todas suas moradoras, não só as atuais, mas também as que haverão de vir, porque amo minhas religiosas dos séculos futuros com o mesmo amor com que amo as de hoje. São minhas filhas, minhas queridas filhas, irmãs e sucessoras. Amo, sobretudo, aquelas que, em todos os tempos se vejam em sofrimento, prostradas e perseguidas pelos de casa como por estranhos.

"Eu sei o que é sofrer na vida do Claustro. Por isso, muita ternura se apodera de meu coração para que todas, fiéis a Vós e a sua divina vocação sofram, e com os sofrimentos sustentem a Comunidade e a Fé nos desditosos períodos que virão. Como débeis criaturas, sentirão as forças desfalecerem, mas o poder de vosso braço e o amor de vosso divino Coração sejam o seu consolo e amparo nas horas de amarga tribulação.

Amor meu! Que nunca faltem santas ocultas neste meu amado Convento, para o qual Vos peço conservação e vida!"

A lamparina que se apaga

Pronunciadas estas palavras, viu a lamparina que ardia diante de Jesus Sacramentado, apagar-se, ficando o altar-mór inteiramente às escuras.

Madre Mariana quis levantar-se, deixando a oração, para acender uma vela que substituísse a lamparina. Mas não pôde: estava completamente sem sentidos.

Nossa Senhora aparece e explica os siqnificados do fato de a lamparina ter-se apagado.

Nesta situação ela viu uma luz celeste alumiar toda a igreja. E apareceu a Rainha dos Céus que, acendendo a lamparina, pôs-se diante dela, dizendo:

"Filha querida do meu Coração, sou Maria do Bom Sucesso, tua Mãe e Protetora que, trazendo meu Filho Santíssimo no braço esquerdo e o báculo no direito, venho dar-te a alegre notícia de que dentro de dez meses e alguns dias cerrarás por fim teus olhos à luz material deste mundo para abrí-los à claridade da luz Eterna.

“Meu Filho Santíssimo ouviu teus clamores e vai, enfim, pôr termo ao teu desterro. Prepara tua alma para que, purificada mais e mais, entre na plenitude do gozo de teu Senhor.

"Oh, se todos os mortais, e em particular as almas religiosas, o Céu conhecessem, o que é a posse de Deus! Como viveriam de outro modo e jamais poupariam qualquer sacrifício para possuí-Lo.

Mal gravíssimo que tanto dano causa aos conventos: a tibieza

"Entretanto, a uns cega o falso brilho das honras e das grandezas humanas e a outros o amor próprio não domado, origem da tibieza, mal gravíssimo que tantos danos causa nos claustros religiosos. Tu, ao despedir-te de tuas filhas, inculca-lhes o fervor, a humildade, o desprezo de si mesmo e a prática incessante das virtudes religiosas associadas a essa simplicidade

infantil que torna as almas muito amadas por meu Filho Santíssimo e por Mim, que delas sou a Mãe.

"Em todas as épocas esta minha casa será combatida com furor infernal e procurarão destruí-la e aniquilá-la. Mas Eu e a Providência Divina velaremos por sua conservação, com a cooperação das virtudes praticadas pelas moradoras desta casa, porque, ai! se isto faltasse...

"Faço-te saber também, minha dileta, que meu amor maternal velará sobre os conventos de toda a Ordem de minha Imaculada Conceição, porque esta Ordem me dará muita glória nas santas filhas que terei. Cuidarei, essencialmente, dos conventos fundados nestas terras pelas filhas desta casa. Muitas vezes eles estarão a ponto de extinguir-se, mas por milagre subsistirão. Um só perecerá por altos desígnios de Deus, que saberás quando estiveres no Céu.

Primeiro significado: a propagação de heresias nos séculos XIX e XX

"A lamparina que arde diante do altar e que viste apagar-se, possui muitos significados".

"O primeiro é que no fim do século XIX, avançando por grande parte do século XX, várias heresias se propagarão nestas terras, então, república livre. E com o domínio delas, apagar-se-á nas almas a luz preciosa da Fé, pela quase total corrupção dos costumes. Nesse período haverá grandes calamidades físicas e morais, públicas e privadas.

"O pequeno número de almas que conservará oculto o tesouro da Fé e das virtudes sofrerá um cruel, indizível e prolongado martírio. Muitas delas descerão ao túmulo pela violência do sofrimento e serão contadas como mártires que se sacrificaram pela Igreja e pela Pátria.

"Para a libertação da escravidão destas heresias, aqueles a quem o amor misericordioso de meu Filho Santíssimo destinará para esta restauração, necessitarão de grande força de vontade, constância, valor e muita confiança em Deus. Para por à prova esta fé e confiança dos justos, haverá ocasiões em que tudo parecerá perdido e paralisado. Será, então, o feliz princípio da restauração completa".

Segundo significado: catástrofe espiritual no Convento da Imaculada Conceição

"O segundo motivo é que esta minha Comunidade, estando com reduzido número de pessoas, será submergida no mar insondável de indizíveis amarguras e parecerá afogar-se nestas diversas águas de tribulações.

"Quantas vocações autênticas perecerão, por falta de discrição, tino e prudência das Mestras de Noviças em formá-las! Elas que deveriam ser almas de oração e conhecedoras das diversas vias espirituais. Mas, ai daquelas almas que voltarem à Babilônia do mundo depois de haverem estado no porto seguro deste bendito Mosteiro!

“Nessa desditosa época, até neste meu jardim fechado, entrará a injustiça, que revestida com o nome de falsa caridade, fará estragos nas almas. O invejoso demônio procurará semear a discórdia, lançando mão de membros podres, os quais, recobertos com a roupagem aparente das virtudes, não passarão de sepulcros caiados, donde emanará a pestilência da putrefação, causando numas a morte moral, noutras a tibieza e languidez. E em minhas filhas fiéis, em minhas almas ocultas, cravarão uma espada de dois gumes, que lhes farão sofrer um contínuo e lento martírio. Elas chorarão em segredo e se queixarão a seu Deus e Senhor e as lágrimas assim vertidas serão apresentadas por seus Anjos da Guarda a nosso Pai Celeste, pedindo que se abreviem tempos tão funestos por amor ao Divino Prisioneiro.

Terceiro significado: a sensualidade que varrerá o mundo

“O terceiro motivo pelo qual se apagou a lamparina é porque nesses tempos estará a atmosfera saturada do espírito de impureza, que a maneira de um mar imundo correrá pelas ruas, praças e logradouros públicos com uma liberdade assombrosa.

"Quase não haverá almas virgens no mundo. A delicada flor da virgindade, tímida e ameaçada de completa destruição, luzirá longe. Refugiando-se nos claustros, encontrará terreno adequado para crescer, desenvolver-se e viver sendo seu aroma o encanto de meu Filho Santíssimo e o para-raio da Ira Divina. Sem a virgindade seria preciso, para purificar estas terras, que chovesse fogo do Céu.

"O invejoso e pestífero demônio intentará, em sua maliciosa sober-

ba, introduzir-se nestes jardins fechados dos claustros religiosos para fazer murchar esta formosa e delicada flor. Mas Eu o enfrentarei e esmagarei sua cabeça sob meus pés.

"Mas, ai dor! Haverá almas incautas que, voluntariamente, se entregarão às suas garras. E outras, voltando para o mundo, serão instrumentos do diabo para perder as almas".

Quarto significado: a corrupção da inocência infantil...

"O quarto motivo da lamparina ter-se apagado é que a seita, havendo-se apoderado de todas as classes sociais, possuirá tanta sutileza para introduzir-se nos ambientes domésticos que perderá as crianças e o demônio se gloriará de alimentar com o requintado manjar dos corações dos meninos.

"Nesses tempos infaustos mal se encontrará a inocência infantil. Desta forma perder-se-ão as vocações para o sacerdócio, e será uma verdadeira calamidade.

"Restarão as Comunidades religiosas para sustentar a Igreja e trabalhar com valoroso, desinteressado empenho na salvação das almas. Porque nesse período a observância da Regra resplandecerá nas Comunidades, haverá santos ministros do Altar, almas ocultas e belas, nas quais meu Filho Santíssimo e Eu Nos deleitaremos, considerando as excelentes flores e frutos da santidade heroica. Contra eles a impiedade fará dura guerra, cumulando-os de vitupérios, calúnias e vexações, para impedir-lhes o cumprimento do Ministério. Mas eles, como firmíssimas colunas, permanecerão inabaláveis e enfrentarão a tudo com esse espírito de humildade e sacrifício com que serão revestidos, em virtude dos méritos infinitos de meu Filho Santíssimo, que os ama como as fibras mais delicadas de seu santíssimo e terníssimo Coração.

...A crise no Clero

"No clero secular haverá, nessa época, muito que desejar, porque os Sacerdotes se descuidarão do seu sagrado dever. Perdendo a bússola divina, desviar-se-ão do caminho traçado por Deus para o ministério sacerdotal e apegar-se-ão ao dinheiro, em cuja obtenção porão demasiado empenho.

"E como esta Igreja padecerá nessa ocasião a noite escura da falta de um Prelado e Pai, que vele com amor paterno, com suavidade, fortaleza, tino e prudência, muitos sacerdotes perderão seu espírito, pondo em grande perigo suas almas.

"Em sua mão será posta a balança do Santuário"

"Ora com instância, clama sem cansar-te e chora com lágrimas amargas no segredo de teu coração, pedindo a nosso Pai Celeste que, por amor ao Coração Eucarístico de meu Santíssimo Filho, pelo preciosíssimo Sangue vertido com tanta generosidade e pelas profundas amarguras e dores de sua acerba Paixão e Morte, Ele Se compadeça de seus Ministros e ponha termo quanto antes a tempos tão nefastos, enviando a esta Igreja o Prelado que deverá restaurar o espírito de seus Sacerdotes.

“A esse filho meu muito querido, amamos meu Filho Santíssimo e Eu com amor de predileção, pois o dotaremos de uma capacidade rara, de humildade de coração, de docilidade às divinas inspirações, de fortaleza para defender os direitos da Igreja e de um coração terno e compassivo, para que, qual outro Cristo, assista o grande e o pequeno, sem desprezar ao mais desafortunado que lhe peça luz e conselho em suas dúvidas e amarguras. E para que, com suavidade divina, guie as almas consagradas ao serviço de Deus nos claustros, sem tornar-lhes pesado o jugo do Senhor, que disse: "Meu jugo é suave e meu peso é leve".

"Em sua mão será posta a balança do Santuário para que tudo se faça com peso e medida e Deus seja glorificado.

"Para evitar que venha logo este Prelado e Pai, concorrerá a tibieza de todas as almas consagradas a Deus, no estado sacerdotal e religioso. Esta, aliás, será a causa de o maldito satanás apoderar-se destas terras, onde ele tudo obterá por meio de- gente estrangeira e sem Fé, tão numerosa que, como uma nuvem negra, toldará o límpido céu da então república consagrada ao Sacratíssimo Coração de meu Divino Filho.

"Com essa gente entrarão todos os vícios, que atrairão, por sua vez, toda sorte de castigos, como a peste, a fome, disputas internas e com outras nações e a apostasia, causa da perdição de um considerável número de almas, almas tão caras a Jesus Cristo e a Mim.

"Para dissipar esta nuvem negra, que impede a Igreja de gozar o claro

dia da liberdade, haverá uma guerra formidável e espantosa, na qual correrá sangue de nacionais e de estrangeiros, de Sacerdotes seculares e regulares e também de religiosas. Esta noite será horrorosíssima, porque, humanamente, o mal parecerá triunfante.

"Será chegada, então, a minha hora em que Eu, de forma maravilhosa, destronarei o soberbo e maldito satanás, calcando-o debaixo dos meus pés e acorrentando-o no abismo infernal. Assim a Igreja e a pátria estarão, por fim, livres de sua cruel tirania".

Quinto e último significado: a indiferença dos ricos diante da Igreja opressa e da virtude perseguida e a apatia do povo

"O quinto motivo porque se apagou a lamparina deve-se a esse desleixo, a essa negligência das pessoas detentoras de grandes riquezas, as quais assistirão com indiferença à Igreja oprimida, à virtude perseguida, a maldade triunfante, sem empregar santamente as riquezas na destruição do mal e na restauração da Fé. E deve-se também a essa indiferença do povo em deixar apagar-se, gradualmente, o Nome de Deus, aderindo ao espírito do mal, entregando-se, livremente, aos vícios e paixões.

"Ai, minha dileta! Se te fosse dado viver nessa tenebrosa era, morrerias de dor ao ver realizado tudo o que aqui te revelei. Tal é o amor de meu Filho Santíssimo e meu a estas terras, herança nossa, que queremos desde já a aplicação de teus sacrifícios e orações para encurtar a duração de catástrofe tão terrível".

Madre Mariana é encontrada sem sentidos

Após esta admirável visão, em que a Rainha do Céu mostrou à sua filha predileta o que a pobre pátria devia sofrer, passaram diante dos seus olhos, a maneira de uma representação muda, todos os males narrados por Nossa Senhora.

Teve conhecimento do número sem conta de almas que se condenariam pelas razões mencionadas. E seu coração, tão amoroso de Deus e da obra criada por suas mãos, ficou gravemente afetado. Permaneceu como morta ali no coro, e não se deu conta da hora de começar o Ofício Parvo.

As religiosas procuraram-na e a encontraram estendida no chão, com a fronte em terra e os braços em cruz. Levantaram-na e conduziram-na até seu pobre e austero leito, onde a recostaram, dando-lhe assistência.

Não manifestava sinais de vida, não tinha a mais leve respiração, e seguramente te-la-iam dado por morta se seu coração não batesse com violência.

Esgotados os meios que o amor das monjas lhes sugeria para fazê-la voltar a si recorreram ao médico.

Todo o Convento estava agitado. Por todas as partes eram ge-midos e lágrimas: "Apagou-se a luz dos nossos olhos"; "abandonou-nos nossa santa Madre a última das Fundadoras, o sustentáculo da observância a coluna desta casa"; "a quem recorreremos nós, órfãs, em nossas angustias? quem enxugará nossas lagrimas?" — comentavam as religiosas.

O facultativo empregou todos os recursos de sua ciência, porém tudo foi inútil. Retirou-se dizendo que não se deveria importunar mais a uma alma daquele porte, pois os fortes remédios aplicados teriam sido suficientes para fazer voltar à consciência qualquer pessoa. Recomendou que deixassem Madre Mariana entregue à ação divina.

Humanamente falando, sua vida terminaria tão logo o coração deixasse de bater, porque ele estava extremamente atingido, e ninguém por mais robusto que fosse, seria capaz de viver, após um ataque desses, um só dia.

As monjas se aproximavam, uma de cada vez, e a chamavam, friccionavam, moviam e abraçavam. Suas lágrimas caíam-lhe na fronte, nas mãos e no rosto, mas tudo era em vão. Assim ela passou três dias e três noites.

A recuperação

No dia 4 de Fevereiro, às três horas da manhã, exalou Madre Mariana um longo e profundo suspiro que penetrou no íntimo dos corações de suas monjas. Cruzou as mãos sobre o peito e sua cor, de lívida ficou rosada, tornando-a jovem e formosa. Dos olhos caíam grossas lágrimas, que banhavam suas faces, logo enxugadas ansiosamente pelas monjas. Chamavam-na, mas não respondia, não dava maiores sinais de vida, nem de ouvir nada.

Oh! é que ela estava gozando da vida sobrenatural, dessa vida tão ocul-

ta aos sábios entumecidos de soberba. O gozo celeste desta vida sublime é reservado apenas às almas dóceis às inspirações da graça, almas humildes, mortificadas, que desprezam a si próprias, cheias de amor de Deus, por Quem e para Quem vivem, conquistando-Lhe almas com suas penitências e perseverante oração. Por causa destas belas almas é que subsistem e subsistirão as nações em todos os tempos. Se elas faltassem, a iniquidade ultrapassaria a medida que Deus tolera sem intervir; e Ele sepultaria as nações, em ruínas, como sempre se viu e ouviu.

Todo o dia 4, Madre Mariana passou sem outra mudança.

No dia 5, às três horas da manhã, ergueu-se ela sozinha em seu pobre leito, dizendo:

“Sim, Serafim Chagado e meu Pai querido, graças vos dou". Depois de um momento de silêncio, a Priora tomou a palavra:

"'Que tendes, Madre?" E apresentou à Madre Mariana uma chávena de chá aromático:

"Tome este chá, que vou ministrar, pessoalmente, para molhar a boca ressequida, a fim de que V. Revda. possa falar um pouco e nos tranquilizar. Sofremos muito por ver V. Revda. doente".

A santa enferma levantou seus belos olhos, fitando-os na Superiora com um olhar doce, terno e cheio de paz, revelando que estava pronta para qualquer obediência. Em pequenos goles ia tomando o chá, apresentado pela Madre Abadessa, cujas lágrimas caiam dentro da xícara...

Depois a Abadessa abraçou Madre Mariana, dizendo:

"Madre Mariana, todas as vossas filhas estão aqui. São cinco horas da manhã".

Madre Mariana abriu os olhos, olhando a todas com ternura, disse:

"Como sois boas e caridosas, filhas e irmãs queridas. Como é grande vossa solicitude e amor para com vossa Madre, que vos tem nas fibras mais delicadas do coração! Agradeço vossas atenções e vosso amor. Que o Senhor vos pague. Agora manifestai-me vosso filial amor, dirigindo-vos ao coro para o cumprimento de vossos deveres. Ide tranquilamente e sem preocupar-vos comigo; não me vou ainda, por alguns meses mais estarei entre vós".

Irmã Rosa Mariana de Jesus

Retirou-se a Comunidade, rapidamente, para o coro, permanecendo apenas a enfermeira, a quem Madre Mariana amava muito especialmente em virtude de seu caráter angélico, sua humildade e docilidade.

Era filha de destacada família na Colônia. Quando ela estava para vir ao mundo, sua mãe achou-se às portas da morte, desenganada dos médicos. O último recurso da família foi pedir a Madre Mariana orações e a sua "água del anis del país".

Tranquila e sorridente ela deu o medicamento, dizendo aos fa-miliares que, na roda, esperavam chorosas e ansiosas:

"Levai o remédio à senhora. Fazei-a tomar dizendo-lhe que nada tema, mas saiba que a menina que nascerá está destinada a ser monja neste Convento, e será ela quem amortalhará meu cadáver".

Levaram a água de anis e deram à senhora para tomar. Pouco depois com uma facilidade prodigiosa, deu à luz uma bela menina, que recebeu o nome de Rosa Mariana de Jesus.

A família ficou afeiçoada e reconhecida à sua benfeitora. Quando a senhora saiu à rua, a primeira visita que fez foi à Madre Mariana, levando a menina para que a conhecesse, abençoasse e a encomendasse a Deus em suas orações.

Madre Mariana respondeu:

"Não tendes que pedir-me orações pela menina, porque ela é mais minha que vossa. É uma alma escolhida pelo Senhor para que, com o aroma de suas virtudes, perfume este claustro. Trazei-ma sempre porque quero vê-la".

E assim se fez. A partir dos dez anos de idade passou a viver no Convento, instruída e doutrinada por Madre Mariana, até alcançar a idade suficiente para vestir o hábito. O leitor bem poderá formar ideia da virtude desta jovem. Foi noviça exemplar, religiosa fervorosa e não perdeu até à morte a graça do Batismo.

* * *

Guando ela ficou a sós com Madre Mariana, disse:

"Madre, muito temos chorado por V. Revda. Julgamo-la morta. Eu sentia não ter recebido a última bênção e os conselhos de V. Revda. Mas agora que o Senhor, ouvindo meus rogos, vos concede ainda a vida, dizei-me o que aconteceu. Tiramo-vos do coro e assim permanecestes todos estes dias. É impossível que a bondade de nosso Deus não vos tenha concedido favores, ou então, tenha permitido ao maldito demônio travar convosco um combate renhido, para mais uma vez ser vencido e glorificado o Senhor".

"Filha — respondeu-lhe Madre Mariana — os desígnios do Se-nhor sobre as criaturas são imprescrutáveis e profundos. Abarcam todos os tempos. As almas religiosas, as felizes moradoras dos claustros, são para-raios da Justiça Divina. Como outros Moisés devem ter sempre os braços levantados ao Céu orando, rogando pelos pobres pecadores, seus irmãos, e para que a Divina Justiça Se digne perdoar os crimes cometidos por todas as nações.

"Tu, de tua parte, reza, geme e chora diante do Sacrário, para que neste nosso Convento reine sempre o amor de Deus e a santa caridade fraterna, juntamente com a santa observância da Regra. Pede, minha filha, não só para o tempo presente, mas sobretudo para o futuro.

"Ai se soubesses o amaríssimo cálice que nossas pobres su-cessoras terão de sofrer! Elas são outro eu. Suas futuras lágrimas se vertem em meu coração e choro com elas. Sabem Deus e minha Mãe Santíssima o quanto eu as amo".

— Capítulo XV —

Deus concede à Madre Mariana de Jesus admirável visão do Seráfico Pai São Franciscano — É nomeada Mestra de Noviças faltando apenas nove meses para a sua morte

Terminados os trabalhos da manhã, veio ver Madre Mariana e falar com ela, o seu Padre diretor. Ela então relatou a visão da Santíssima Virgem e acrescentou em sua "cuenta de consciência":

"Padre, no último dia em que permaneci sem sentidos, vi o meu Serafim Chagado que estendendo-me os braços, disse-me:

"Alvíssaras, alvíssaras, filha fiel e muito querida! Poucos meses te faltam para concluíres o penoso desterro e viajares ao porto desejado. Em teus

últimos momentos estaremos a teu lado, eu, Beatriz, a Fundadora da tua Ordem, bem como tuas irmãs de Ordem e todos os teus irmãos da Seráfica Família.

"Também estará presente o Beato Inácio de Loyola, a quem tu tanto amas, em virtude do ardente amor que durante a vida ele teve a Jesus Cristo, conquistando-lhe muitas almas à custa de grandes sacrifícios. Ele é um servo muito amado de Deus. E amada também será sua Companhia, animada em toda sua vida espiritual pelo caráter militar que seu santo Pai lhe legou. Na Companhia haverá sempre grandes sábios, grandes santos e invictos mártires. Possuirão como dom especial da Munificiência divina, a discrição e discernimento dos espíritos: a cauda da serpente não poderá esconder-se deles. Sábios, seus mestres espirituais dirigirão almas muito favorecidas de Deus, as quais, rejeitadas por outros Sacerdotes, ter-se-iam perdido sem luz nem guia, no intricado e desconhecido caminho da vida sobrenatural.

“A este Convento tão querido de Deus e de nossa Santíssima Mãe, aguardam grandes tribulações, perseguições e calúnias, que acrisolarão as almas fervorosas e fiéis, e expelirão as almas tíbias, indignas de receber estes dons valiosos. Pois são estas últimas como ramos secos, nesta vinha do Senhor que eu cuido com grande esmero, pois ela me pertence.

"Tenho e sempre terei filhas que me amarão. Nelas imprimirei o espírito seráfico para que amem a Deus com todo o coração e sejam para-raios da Justiça Divina. Procura inculcar em tuas filhas presentes e ausentes o amor a Jesus Cristo, a prática da santa virtude da humildade, sem a qual não pode existir virtude alguma, e essa santa simplicidade que é a característica distintiva de meus filhos. Nisto conhecerei os meus .

"Enquanto ainda não chega para ti o desejado dia da tua partida, exercita todas as virtudes religiosas com a maior perfeição possível, a fim de que o Esposo Celeste te encontre com a lamparina na mão, acesa com o amor e adornada com as obras meritórias das virtudes praticadas neste santo claustro religioso, ninho de brancas pombas, filhas da Imaculada Conceição de Nossa Imaculada Rainha".

Com o contentamento e ternura que se pode imaginar, o Padre diretor ouviu a "cuenta de consciência" desta seráfica alma. Depois de lhe dar a absolvição, retirou-se emocionado para seu convento, dando graças ao Senhor por havê-lo escolhido para confidente de suas prandes maravilhas em uma alma tão amada da Majestade Divina.

Exemplo na doença

A partir destas últimas visões — tão cheias de espanto para os tempos vindouros — Madre Mariana ficou muito debilitada. Seus olhos eram continuamente duas fontes de lágrimas e seu coração doente, apenas conservava um tênue movimento no peito. Viu-se obrigada a guardar o leito por duas semanas.

O médico visitava-a várias vezes ao dia e o Bispo ia vê-la, providenciando esmerado tratamento, pondo quantos meios estivessem ao alcance humano para prolongar a vida desta santa religiosa.

A Superiora e Comunidade eram muito dedicadas em servi-la, disputando-se entre si esta ventura.

Ela, porém, sempre igual em seu temperamento no trato com suas irmãs e filhas, agradecia-as, abençoava-as e dava-lhes bons conselhos e instruções. Sempre dócil e obediente como uma criança, nunca recusava qualquer remédio receitado pelo médico, ministrado pela Priora e suas irmãs. Agradecia, entre lágrimas, todos os serviços prestados e o amor que lhe manifestavam, considerando-se indigna de tudo.

Assim, na saúde como na doença, edificou sempre a Conunidade, através de seu exemplo eficaz. Nas intensas dores cardíacas, nas angústias e nas fadigas, ela era vista com o sorriso nos lábios, com uma admirável serenidade e ânimo imperturbável próprias tão-somente de uma alma santa, cuja vida desenrolou-se na paz à sombra da cruz, atravessando provações inauditas, tanto físicas como morais.

As freiras estavam sempre junto ao seu leito. Nas horas livres dos atos da Comunidade consultavam-na em suas dúvidas e pediam-lhe conselhos. Ela a todos atendia e consolava, conforme as nccessidades. As religiosas ficavam satisfeitas e tranquilas, embora sofridas no fundo, pois pressentiam que muito brevemente estariam sem sua mãe. Elas amavam deveras Madre Mariana com filial ternura, porque ela as conduzia para Deus e acendia em suas almas os seráficos incêndios nos quais ela se consumia como vítima voluntária, sempre unida à Vítima solitária, Jesus Sacramentado.

* * *

"Ó minha santa irmã! Quanto me lembro de vós nas minhas venturosas horas de solidão no claustro! E meu frio coração é tomado de santos enlevos.

Vos, débil mulher, quanto amáveis a Deus, e que provas tão efetivas desse amor destes em vossa longa vida, cheia de sofrimentos! E eu, homem robusto, e militar que fui, que faço por Deus, pelo próximo e por mim mesmo para satisfazer tantas dívidas?

"Ao conhecer vossa vida, envergonho-me de mim. Ao escrevê-la, meu coração incendeia-se em ardentes desejos de ser santo, imitando-vos. Mas, minha fraqueza e carência de virtudes não me permitem subir a alta esfera de santidade onde vivestes em vossa vida terrena.

"Considerai, entretanto, dileta irmã, que se de todos deveis lembrar-vos e a todos ajudar, do alto trono de glória que ocupais no Céu, preferidos devem ser vossos, irmãos da Seráfica Família que tanto amáveis. Enviai uma esmola de amor a Deus, mas ativo e generoso: uma fagulha só de vossos seráficos ardores como genuína filha de nosso Pai, o Serafim de Assis.

Retorno à vida da Comunidade

Depois de duas semanas de cama, esta santa religiosa levantou-se e seguiu a vida do Convento em tudo. Cada ato da Comunidade, cada item da Regra era para ela lei estrita, crumprindo-a com escrúpulo religioso, como se fosse noviça ou professa de poucos dias. E o fazia com aquela satisfação manifestada em seu exterior, com aquela humilde docilidade tão própria a ela.

Nas horas de expansão cantava e tocava harpa para alegrar suas monjas. Eram canções compostas por ela mesma, cheias de unção divina e muito amor, dedicadas ora ao Menino Jesus, a quem amava desmesuradamente; ora a seu Amor Prisioneiro no Sacrário; ora à sua Mãe, a Rainha dos Céus; ora a seu Seráfico Pai. Cantava-as com a voz melíflua que conservou até à morte.

Neste último ano de 1634 compôs Madre Mariana para a noite de Natal um belíssimo drama, onde se representaram os três Arcanjos São Miguel, São Gabriel e São Rafael. A peça era tão terna e tão espiritual que deixou as monjas encantadas. Afirmavam que em nenhum outro ano haviam feito Comunhão tão fervorosa à meia noite.

Madre Mariana fêz depois uma prédica, em que se queixava de seu prolongado desterro e manifestava ardentes desejos de ver e possuir, sem temor de perder, ao Menino Jesus. E concluiu despedindo-se da Comunida-

de, garantindo que no ano entrante não mais as acompanharia visivelmente, mas sim invisivelmente. Ao partir, contudo, levaria a todas em sua mente o coração.

Disse, ademais, que viveria naquela sua Comunidade em todas as épocas, para sustentar suas filhas nas horas de profunda dor que viviam. Ela velaria por toda a Ordem espalhada sobre o Orbe, e de modo especial pelos conventos fundados nestas terras (Equador) pelas irmãs deste meu amado Mosteiro, ao qual se referiu como a joia de seu coração", que ela deixaria guardada no Coração do Divino Infante, sob o cuidado de sua Mãe Santíssima, do Senhor São José e de seu Seráfico Pai, o Serafim de Assis.

Madre Mariana dedica-se à formação de noviças - Reflexões sobre a humildade

Nesta última fase de sua preciosa existência para o Convento da Imaculada Conceição de Quito, a obediência fê-la dedicar-se a formação das noviças a quem ensinava e instruía na vida religiosa.

Não foi designada oficialmente Mestra de Noviças, mas a Superiora e todo o Convento fizeram uma petição ao Bispo para que lhe concedesse o privilégio de instruir e doutrinar as noviças, sem a formalidade da nomeação, porque ela, mais que ninguém, conhecia, na prática, a ciência dos santos, aprendida e exercitada com heroísmo durante os longos anos de sua penosa vida.

Penosa, eu digo — e o leitor verá que realmente o foi se fizer a leitura de sua vida. E ali admirará o seu heroísmo no padecer e a firmeza desta alma na virtude da humildade, sem a qual o conjunto de virtudes é semelhante ao pó exposto ao vento. Quando a humildade fraqueja, o edifício das virtudes se converte em ruínas: todas as boas obras sem a humildade de nada valem. Mais ainda: sem a humildade as maiores virtudes degeneram em vícios, a mais austera penitência torna-se hipocrisia, e a mais alta contemplação não passa de uma ilusão perniciosa, transviando a tantas almas que pareciam adornadas com virtudes de certa forma heroicas.

Mas não era assim nossa santa monja concepcionista franciscana, que, à imitação do humilíssimo Serafim de Assis, seu Pai, soube procurar a semelhança com Cristo. Semelhança, sim, porque, tendo sido a humildade o sinal distintivo de Jesus Cristo na terra, a alma que possui esta insígnia, é como outro Jesus Cristo e a cópia mais parecida de tão divino Modelo.

Precisamente pela sólida humildade mereceu meu Seráfico Pai São Francisco o maior dos favores, isto é, receber, no Monte Alverne, a impressão das Chagas do Divino Redentor em seu bendito corpo.

E Madre Mariana, como sua autêntica filha, haveria de receber esses incontáveis favores, nos contínuos e admiráveis êxtases que vamos considerando. Favores tais que não seriam críveis, se não nos convencermos da sólida humildade desta grande alma, pois como atesta o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, as coisas que seu Divino Pai esconde aos sábios, Ele as revela aos que possuem olhos de pequeninos.

Notemos ainda, meus caros leitores: esse amor de Deus tão grande, tão insaciável, de Madre Mariana, esse amor a toda prova, de onde provinha? Precisamente de sua sólida humiIdade, que a fazia conservar a pureza absoluta de coração, evitando até, se lhe fosse possível, a menor sombra de imperfeições voluntárias. Em corações assim dispostos ateia-se duravelmente o fogo do amor divino, o qual não é compatível com o amor próprio, menos ainda com a secreta soberba, a traça que corrói as virtudes na vida espiritual, e tem derrubado esbeltos cedros que pareciam perder-se nas nuvens de graças e dons extraordinários.

Ouçamos as palavras de São João Evangelista, o Apóstolo do Amor, quando apareceu a uma Serva de Deus, devota sua: "A alma que conseguiu a perfeição da humildade, facilmente chegará a possuir o amor, sem necessidade de outros exercícios de piedade para obtê-lo. Nunca se encontrará um coração cheio de humildade sem que esteja cheio de amor, pelo qual se une perfeitamente a Deus, fazendo-se um com a Divina Majestade".

Se eu pretendesse falar de cada uma das virtudes que, em grau heroico, esta santa religiosa possuiu, embasada em sólida humildade, teria de escrever livros inteiros sobre cada uma delas. Deixo esta tarefa ao tempo e à pena de autorizados escritores, que com gosto — eu creio — se entregarão a este belíssimo, instrutivo e ao mesmo tempo ameno trabalho. Serão como a abelha operosa, sorvendo o mel e o delicioso néctar de tão variadas flores de virtudes, presentes nesta alma muito favorecida da Majesta de Divina e da Soberana Rainha do Empíreo, Maria Santíssima, Senhora e Mãe nossa.

Por enquanto, contento-me de haver empregado minha tosca pena para narrar, em grandes traços, uma vida tão digna de admiração — e imitável, até certo ponto. Desejo muito proveito aos meus leitores. A eles peço que não reparem em quem escreve, nem por qual conduto chegam estas águas de graças, mas recebam as palavras deste indigno Ministro do Altar como palavras que Deus dirige a cada alma que as lê com coração reto, tendo

presente aquele verso do belíssimo "Trísagio da Santíssima Trindade": "Por isso sois e fostes prodigiosos em vossos santos".

Consideração sobre as almas contemplativas e a vida mística

Salta à vista esta consoladora verdade: sendo Deus o Senhor absoluto e único de todas as criaturas, sempre haverá almas santas em sua Igreja Católica. Umas resplandecerão como luzes fulgurantes nos candelabros. Outras, quais humildes e ocultas violetas, exalarão sua fragância ante seu Deus e Senhor. É o caso da vida que escrevo.

Tenho a convicção de que os claustros de contemplativas são sempre sementeiras de santas ocultas, por mais que o mundo, e mesmo Sacerdotes e sábios, as ignorem e desprezem.

É verdade que o Apóstolo das Gentes disse que não se deve dar crédito a todo espírito, ou seja, com um simples conhecimento à primeira vista. Entretanto, quando se encontram almas favorecidas por Deus com graças extraordinárias, é preciso penetrar a fundo em seu interior, examinando-lhes o modo de ser, as inclinações naturais, e então ajudá-las a caminhar pelas altas esferas da sólida humildade, que lhes farão conservar a pureza absoluta de coração, por onde o Espírito Santo, grande Mestre das almas, as queira conduzir.

No meu entender, se os Sacerdotes desprezam, ou, aferrados, não querem crer em tais almas, pecam faltando com a caridade, e, mais ainda, frustrando grandes desígnios de Deus em relação a essas almas, não só para seu bem pessoal, mas também e muito mais para proveito e bem das nações.

A sublime missão do sacerdócio, a ciência dos Ministros do Senhor — tanto a adquirida pelo estudo, como pela prática das sólidas virtudes que eles, e em especial os religosos devem possuir eles a devem empregar na direção das almas. Não devem contentar-se a penas em ouvi-las em confissão e absolvê-las, mas devem dedicar-se à direção espiritual, a fim de aumentar o brilho daquelas belíssimas e rutilantes estrelas que reluzem no límpido e claro firmamento da Igreja Católica, e que são as almas obsequiadas por Deus, seu Criador, com dons sobrenaturais.

Tais almas não vivem no gozo, como se crê erroneamente. Elas carregam, na sua via mística, não apenas uma, mas uma série de cruzes, cada qual mais pesada que outra. Suas vidas são um ininterrupto calvário. Quan-

tas vezes o Sacerdote chora sozinho ao pé do Sacrário vendo tais padecimentos, sem poder sequer compreendê-los.

Os sofrimentos interiores das almas religiosas, dessas virgens e mártires — seja-me permitido chamá-las assim — são duas vezes maiores que o dos Sacerdotes e das boas e santas almas que vivem no mundo. Aqueles, com o estudo, com a consulta, no convívio com outros companheiros, podem consolar-se e receber luz. Estes podem e devem procurar, até encontrar, algum Sacerdote que as compreenda — há nisso sofrimento, é claro.

Porém, as heroínas mártires da vida contemplativa, encerradas nos claustros com clausura pontifícia, sofrem o indizível. Deus é a única testemunha de suas amarguras, de suas lágrimas e de seus incessantes martírios interiores, sem poder buscar um guia que as conduza.

Quantas vezes, sem o confessor destinado para cada Mosteiro, não se deparam senão com novos tormentos, seja por inexperiências, seja por falta de conhecimento especiais em assuntos místicos! Com muita propriedade se pode chamá-las mártires ignotas.

Exortação às religiosas da Imaculada Conceição

Ó religiosas contemplativas, vós sois a parcela seleta e escolhida pela Igreja Católica! Sois as flores mais preciosas e odoríferas do jardim de Cristo, onde Ele passeia comprazido, deleitando-Se entre lírios e açucenas, entre violetas, margaridas e rosas e entre o sem número de flores das virtudes religiosas que possuís. Eu vos admiro, amo e bendigo!

E se a respeito, de todas afirmo isto, que não direi de vós, filhas da Imaculada Conceição de rainha Imaculada Mãe, irmãs minhas muito diletas? Quando o coração se incandesce com os sentimentos do amor fraterno, é melhor calar, pois o silêncio nestes casos é eloquente linguagem. Assim faço eu agora...

Mas durante minha triste peregrinação sobre a terra, assistir-vos-ei; estudarei para consolar-vos, instruir-vos e ensinar-vos; dedicar-me-ei à oração a fim de que o espírito divino me comunique suas luzes para dirigir-vos, conforme permitam as circunstâncias atuais (pois já não estais inteiramente submetidas aos cuidados da Seráfica Família). Contudo, quando houver eu passado os umbrais da eternidade, então, livre de empecilhos materiais, serei vosso pai, irmão e protetor. Quando feliz gozar da visão beatífica do Céu eu vos olharei com dileção e solícito cuidarei de vós. Minhas são as vossas

dores, minhas as vossas alegrias.

Vivei, entrementes sempre alegres em vosso ameno horto concepcionista, levando em conta que as flores muito raras e preciosas devem, para sua conservação, estar forçosamente cercadas de pungentes espinhos, também raros e ocultos, a fim de que nenhum transeunte curioso se atreva a tirar o viço e menos ainda roubar a propriedade de Jesus Cristo e de Sua Bendita Mãe.

Nas horas de dor levantai vossos puros olhos ao Céu e estendei vossas mãos suplicantes com confiança e humildade, certas de serdes atendidas em vossos pedidos. Lá tendes a vosso Pai Celeste, a vosso Esposo Divino, o Verbo Eterno e do Espírito de Amor, que Se comprazerão em vossas puras almas. Tendes também a vossa Imaculada Mãe e a vosso Pai, o Serafim Chagado, que vos olha com inefável ternura e, recolhendo vossas lágrimas, apresenta-as ao Deus três vezes santo. Tendes vossos irmãos da Seráfica Família, tendes vossas mães, as santas Fundadoras, e sobretudo vossa santa Madre Mariana de Jesus Torres que prometeu viver convosco, invisível, até o fim dos séculos.

Segui os exemplos dados por ela, especialmente os de humildade tão profunda que torna as almas amáveis e atraentes.

Não temais vossos inimigos, sejam quais forem. Desafiai o inferno, certas do triunfo. Considerai que a infernal serpente perseguirá incansável a vós, mais do que a qualquer outra Ordem, por serdes filhas da Imaculada Conceição de Maria Santíssima. Assim prometeu a maldita serpente, quando vossas Madres Fundadoras vinham da Espanha para a fundação desta instituição, tendo ainda feito o mar se encapelar, tentando impedir a chegada delas a esta Colônia, segundo testemunhou vossa santa Mariana de Jesus Torres menina, conforme lemos nos primeiros capítulos desta admirável vida.

Mas Maria Imaculada esmagará a cabeça da serpente maldita, asquerosa e pestífera, que terminará sempre, de mau grado, a vencida e derrotada.

Quando chorardes as aparentes desgraças em vosso Convento, não desfaleçais. São provações enviadas por Deus. Recordai o Santo Jó, o Santo Tobias: justamente porque eram amados de Deus, foi preciso a prova da tentação. Assim será convosco, queridas irmãs.

— Capítulo XVI —

Admirável aparição de Santo Inácio de Loyola à Madre Mariana de Jesus Torres — Novos presentes de seu Divino Esposo e de sua Mãe Santíssima

A vida de Madre Mariana de Jesus nos últimos meses da existência terrena foi uma oração continua. Até as criaturas in-sensíveis falavam-lhe de Deus e elevavam seu espírito. Empregava todo o tempo livre em meditar, em tratar e servir as doentes, ajudando a enfermeira, e na limpeza do Convento. Trabalhava com inefável alegria interior, que transluzia no exterior. E em todos esses lugares iam com ela as suas monjas, que não queriam separar-se de sua querida mãe, cuja sorte chorariam muito em breve.

Como ela penetrava nos corações de suas filhas, alentava-as, dizendo

que era necessário morrer para gozar a Deus sem temor de perdê-lo.

Visão de Santo Inácio de Loyola

No dia 30 de julho do ano de 1634, durante a oração matinal da Comunidade, apareceu-lhe Santo Inácio de Loyola, muito alegre e sempre com sua índole militar — pois ao que parece ele não a perdeu nem mesmo no Céu — e lhe disse:

"Esposa fiel de Jesus Cristo, valente soldado de Cristo Redentor, já é tempo de deixares a mísera terra de pranto e dor e subires ao Reino Celeste para receberes a coroa de glória pelas insignes vitórias que ganhaste na dura guerra de tua sofrida vida. Dou-te os parabéns e espero muito breve alegrar-me com tua presença.

"Oh! se os mortais refletissem, para endireitar suas vidas, naquelas palavras que tanto inculquei em meus filhos e em toda alma resgatada pelo Sangue Redentor: "Que importa ao homem ganhar o mundo inteiro se vier perder sua alma?" — Viveriam de outra maneira. E os antros infernais não se encheriam dessas incontáveis almas que, desgraçadas, se sepultam nos abismos para sofrer tormentos inauditos por toda a eternidade. Elas conhecem demasiado tarde a verdade. E o que mais as atormenta é a lembrança de que, para evitar tal infelicidade, não lhes faltaram na vida terrena graças, avisos e outros meios fáceis para se salvarem, a custa de poucos sacrifícios, os quais, se são aceitos com paciência e unidos aos méritos infinitos de Cristo Senhor Nosso, tornam-se meritórios e alcançam a expiação das culpas.

"Entre os mundanos reina o maldito respeito humano — esse "o que dirão os outros?" — que à maneira de correntes de ferro, os acorrenta a toda espécie de vícios e paixões. Eles vêem muito bem que estão fabricando sua desgraça eterna, e que têm de suportar por isso maiores sofrimentos e sacrifícios do que para seguir a Jesus Cristo, pela reta senda que conduz ao Céu. Por maiores e mais espantosos que sobrevenham os sofrimentos da vida terrena, eles se mitigam, passam e com a morte tudo se acaba. Mas um só momento de sofrimento no Inferno é terribilíssimo, indizível, atrocíssimo, e isto por toda a eternidade!

"Ai, minha irmã, esposa fiel de Jesus Cristo, quão sensata foste, ao pautar tua vida de claustro conforme a norma do Evangelho! Está prestes a terminar tua existência terrena coberta de muitos merecimentos, porque ergueste o colossal edifício de tua santidade religiosa sobre os profundos e sólidos fundamentos da humildade como ordena e pede Jesus Cristo a toda

criatura, e sobretudo ao religioso.

"Se incauta tivesses desatendido a moção divina, se não tivesses aceito tantos sofrimentos e humilhações como moedas preciosas para adquirir o Céu, se tivesses dormido o pesado sono da tibieza: o que seria de ti agora, que irás passar à eternidade, prestando severa conta das graças recebidas, bem como das mágoas e padecimentos, que não são senão meios para a obtenção de uma eternidade feliz?

"Alegra-te, Madre Mariana. Levanta confiante e tranquila teus olhos ao céu e dize a teu Pai Celeste que apresse a hora de deixares o desterro e entrares em tua Pátria".

Santo Inácio promete o amparo da Companhia de Jesus ao Convento

"Como foste sempre minha devota e tens me invocado nas aflições e necessidades, estarei ao teu lado no teu leito de dor. Prometo que favorecerei agora e sempre este privilegiado Convento, por meio de minha Companhia, que será o consolo e a luz das almas que sofrerão e floresceram aqui, à sombra da Cruz. E sua influência junto aos grandes estorvará muitos males e prolongados sofrimentos que sobreviriam sobre este Convento tão amado de Deus, nosso Criador, e de Maria Santíssima, Rainha e Senhora nossa, provocados até com aparência de bem pelo invejoso demônio, inimigo irreconciliável da Imaculada Conceição de Maria Santíssima e de tudo quanto se relacione com Ela.

"Esta Ordem Concepcionista, por Lhe pertencer mais de perto, será perseguida com furor satânico até a consumação dos séculos. Porá o inferno todo empenho em impedir a fundação de novos Conventos Concepcionistas, e em destruir os já existentes .

"Se não conseguir isto, aplicará toda sua maldita astúcia infernal para introduzir nos conventos pessoas sem vocação, com aparência, às vezes, de elevada santidade (o que não ficará encoberto por muito tempo). Procurará assim destruir o espírito religioso simples e despretensioso, que caracteriza a verdadeira santidade e a virtude sólida das filhas de Maria Imaculada e do humilíssimo Francisco de Assis, que do Céu vela por todos os seus, e tem solícito cuidado de separar, nos seus campos, o bom trigo da danosa cizânia e de zelar pelo seu Jardim Seráfico, onde se compraz Jesus Cristo, entre a multidão das preciosas e aromáticas flores de verdadeira santidade, existentes em seus claustros e conventos.

"Ao despedir-te de tuas filhas, deixa em testamento na qualidade de Fundadora o teu espírito, teus conselhos e avisos. E, para que o faças com acerto e muito proveito espiritual das filhas presentes e futuras, pede ao Espírito Santo que ilumine o que deves dizer e ordenar. Depois, tranquila e confiante, parte deste mundo, lugar de pranto e dor, para entrar no gozo de teu Senhor na Pátria Celeste".

O ínclito fundador da Companhia de Jesus desapareceu, deixando a alma desta serva de Deus cheia de doçura espiritual, daquela doçura com que Deus Nosso Senhor — diretamente ou através de Seus santos — costuma conceder às almas prediletas que vivem em sacrifício contínuo por Seu amor.

Últimos meses

Renovado o fervor de seu espírito, cada dia Madre Mariana fazia as coisas do modo mais perfeito, sendo para suas monjas um modelo prático e imitável da religiosa perfeita. Nela se encontravam reunidas todas as virtudes, sem ficção, sem hipocrisia, sem simulação. Em seu semblante resplandecia a pulcritude de sua alma, juntamente com uma candura de criança, que a tornava amável e atraente às pessoas, fonte de edificação, dentro e fora do claustro.

Se alguma religiosa sofria, era ela a primeira que se apressava em levar consolo, dizendo-lhe, por vezes, coisas jocosas, mas sempre elevando para as alturas onde habitavam seu coração e sua mente. Nas recreações, entretia a Comunidade com a harpa e o canto. As monjas tinham nela a mãe, a conselheira, a irmã.

Cada dia que passava sofriam elas o indizível, vendo que se aproximava o fim de sua ventura e o início da orfandade, Madre Mariana, pela clarividência de seu espírito e pelas manifestações divinas, compreendia tudo, constituindo para seu coração terno e maternal novo gênero de sofrimento.

Às vezes, aproximavam-se todas sem exceção por trás dela, e, uma a uma, a abraçavam, beijavam-lhe as mãos e as banhavam de copiosas lágrimas. Então, ela as tomava entre os braços, estreitava-as contra seu coração, misturava suas lágrimas às delas, e as animava a dilatarem o coração e serem generosas, fazendo com alegria o sacrifício que o Divino Esposo lhes pedia.

Garantia que viveria invisível com elas, e que nas necessidades e aflições as favoreceria ainda mais do que tinha feito em vida.

Assim transcorriam os últimos dias da existência de Madre Mariana em companhia de sua amada Comunidade.

Uma visita da Venerável Madre Beatriz de Silva

Poucos dias após a visita de Santo Inácio de Loyola a esta serva de Deus e devota sua, veio também dar-lhe a alegre notícia a Fundadora da Ordem Concepcionista, a nobilíssima e invicta D. Beatriz de Silva que muitas vezes já lhe tinha aparecido, ao longo de sua vida, tratando de assuntos transcendentais acerca dos Pradres Menores, segundo consta do "Cuadernón" conservado no Mosteiro, e que é, aliás, um tesouro precioso que as monjas ali guardam. Mas não narrarei aqui tal aparição, para não me alongar, tornando-me quiçá molesto, persuadido de que uma leitura amena e breve se faz com gosto, resultando seu fruto espiritual mais eficaz e imediato.

Madre Mariana contempla em êxtase a Santíssima Trindade — Primeiros anos de vida de Nossa Senhora

Orava Madre Mariana de Jesus, às três horas da manhã do dia 10 de agosto do ano de 1634 no coro superior de seu Convento. Apareceu-lhe então uma luz belíssima proveniente do Sacrário, que se fixou em seu coração, fazendo-a perder os sentidos e aumentando nela as abrasadoras chamas do divino amor. Naturalmente falando, seus sentidos materiais não teriam podido suportar, por que o coração humano não possui tanta fortaleza para resistir a tais incêndios.

Viu Madre Mariana na Hóstia Consagrada as três Pessoas Divinas, como eram realmente distintas, sendo um só Deus verdadeiro. Em seguida manifestou-Se o Verbo Eterno Humanado, Deus e Homem ao mesmo tempo pela união hipostática, que tanto amou os homens, que Se rebaixou, tomando a natureza humana para nos redimir, engrandecendo-nos com isso e fazendo-nos creadores do gozo do Céu.

Viu como, para tal, a Augustíssima Trindade, na previsão dos méritos infinitos do Divino Redentor, criou um Corpo perfeito no seio da Senhora Sant'Ana, e a esse Corpo infundiu uma Alma formosíssima, puríssima e sem a mácula do pecado original, para ser a Virgem Mãe do Verbo de Deus. Ela

deveria viver somente três anos com seus pais, São Joaquim e Sant'Ana, em honra do Mistério da Santíssima Trindade. Ao cabo desse tempo esta formosa e celeste Menina deixaria, generosa e valente, o lar paterno, o mundo em que vivia, e se recolheria nas solidões do Templo, sendo, a partir desta etapa de sua santa vida, o modelo das donzelas chamadas por Deus à vida religiosa.

Revelou-se a Madre Mariana a vida de Maria Santíssima no Templo, cheia de grandes sacrifícios e dores: os padecimentos que ali teve com as criaturas, por permissão divina, e as suas virtudes sublimes e heroicas, as quais mortal algum jamais poderia chegar, não podendo nem todos os santos juntos assemelhar-se a Ela. Eles podem imitá-La, sem dúvida, mas nunca igualá-La.

A Vigem Imaculada aparece a Madre Mariana

Foi mostrada também nesta bela visão, a figura de Nossa Senhora, pura e isenta da culpa original. Mãe verdadeira de Cristo Jesus e Virgem Puríssima antes do parto, durante o parto e depois do parto — portento unicíssimo de Deus, realizado nesta admirável Criatura, destinada a ser Co-Redentora da linhagem humana e seguro refúgio do náufrago pecador. Quem a Ela recorrer com confiança e amor filial não se perderá, mas sairá certamente do abismo do pecado e entrará na amizade de Deus e conseguirá sua salvação eterna.

Madre Mariana viu e compreendeu tudo isto na visão de sua Mãe Imaculada, que, tomando a palavra, falou-lhe desta maneira:

"Filha fiel e muito amada, privilegiada esposa do Cordeiro sem mancha, o fruto bendito de meu puríssimo seio, como viste e compreendeste. Alvíssaras, alvíssaras! porque depois do prolongado desterro aproxima-te dos umbrais da Pátria Celeste e sua luz inacessível começa a iluminar tuas pupilas, com esta luz que agora viste".

As vias normais de santificação

"Pobres e míseros mortais, cegos voluntários! Precipitam-se de abismo em abismo entregues aos deleites sensuais, procurando a felicidade e a paz. Mas estas duas filhas prediletas de Deus fogem de tais prazeres, porque a paz e a felicidade só se encontram e se gozam na cruz e no sacrifício. Por

isso vivem tranquilos, na posse delas, os felizes moradores dos claustros religiosos — mas aqueles e aquelas que, imitando a Jesus e a mim, que sou Sua terna Mãe, esforçam-se por serem bons religiosos.

"Para tal — e mesmo para possuir e alcançar uma alcandorada santidade — não se faz mister trilhar uma via extraordinária, nem ser favorecido com dons de alta e sublime contemplação, com visões ou revelações. Estas são graças muito particulares que Deus, Senhor absoluto e único de suas criaturas, concede quando quer, para suas especiais finalidades, constituindo tudo isto um admirável e ao mesmo tempo lento martírio para as almas favorecidas.

"Para a elevada santidade, minha filha, à qual toda alma religiosa é chamada e obrigada, pela sublimidade de sua vocação, é necessária apenas a conformação de sua vontade, em tudo, com a de seu Esposo Divino, tanto na saúde quanto, e mais ainda, na enfermidade".

As doenças

Deves saber que a doença é o único e seguro termômetro que gradua a virtude e o amor de Deus. As almas religiosas não podem sequer imaginar quanto Deus Se compraz nelas, quando são provadas com a dura cruz da enfermidade e suas consequências, sofrendo tranquilas e pacientes, bebendo as amarguras, num mesmo cálice com seu Dolorido e Celeste Esposo.

"Nestes casos, elas são donas do Coração de Deus e seus pedidos são poderosos para conseguir grandes graças. Precisamente quando a bondade divina quer tornar-se exorável e perdoar as nações culpadas e nefandas, envia a suas esposas doenças prolongadas e complicadas, para que estes sacrifícios, unidos à Paixão dolorosa, subam ao trono do Altíssimo, e de lá desça o perdão desejado.

"Dize às minhas filhas e tuas que as doentes são e serão os tesouros preciosos da Comunidade em todos os tempos. Por conseguinte, como irmãs, que as prodigalizem com ternuras, e as Superioras, muito mais, como verdadeiras mães. Devem aliviá-las consolá-las e tornar leves as pesadas cruzes, proporcionando-lhes o necessário para o tratamento e a expansão espiritual.

"Dize, outrossim, às minhas enfermeiras, que tudo quanto fizerem material e moralmente a favor de minhas doentes, Eu receberei como se a Mim mesma tivessem feito, como se Eu estivesse acamada, esperando a

atenção delas. Os dias, as noites e os cansaços que passarem em companhia das doentes, Eu passarei com elas, fazendo-lhes companhia, ajudando-as e abençoando-as. Recompensarei da mesma forma os auxílios que, junto com o Sacerdote, prestarem as enfermas em seus últimos momentos, bem como os cuidados com que amortalharem esses benditos corpos, que por longos anos de vida monacal e penitente, foram templos do Espírito Santo.

"Leve-se em conta que as doenças são a melhor e mais meritória penitência, isenta de ilusões, orgulho e soberba, que, às vezes, podem existir em almas apegadas à própria vontade, e que prescindem, por isso, do ditame e parecer de Sacerdotes, que poderiam ser seus diretores espirituais, os quais indicariam a elas o número e o tipo de penitências do agrado de Deus, de acordo com o espírito e a virtude que as animam.

"A respeito das sãs, como te dizia, não se faz mister para serem santas de alto porte. Basta-lhes conformar suas vontades com a de Deus, e manifestar-Lhe verdadeiro amor, cumprindo seus deveres monásticos com todo esmero possível e com aquela simplicidade infantil que atrai o Coração de Deus, imitando a Mim, que fui modelo perfeito disto no Templo e em todas as circunstâncias de minha vida. Sem qualquer outra coisa, correspondendo com fidelidade às inspirações da graça, poderão voar diretamente ao Céu".

Os caminhos extraordinários

"Em relação às almas sofredoras — para as quais o Senhor traça escabrosos caminhos, extraordinários e sobrenaturais — Ele e Eu cuidaremos com especial desvelo, a fim de que, no devido tempo, não lhes faltem luz, conselho e guia, para que não se extraviem, nem se desalentem até chegarem ao porto desejado. Tu trilhaste este doloroso calvário, por querê-lo assim teu Deus e Senhor Glorifica-O pela abundância dos dons gratuitos com que Ele te acumulou, para que pudesses enfrentar, correspondendo à graça, todas as dificuldades e dores, como, de fato, fizeste. Agora que valorosamente terminas tua penosa carreira, prepara-te para entrar na Jerusalém Celeste, morada de paz e felicidade inalteráveis, onde não se conhecem nem noite, nem escuridão, nem dificuldades nem sofrimentos, e onde o justo descansa das fadigas no dia eterno".

As perseguições do sectarismo diabólico

"Inculca a tuas filhas, tanto atuais como as que virão até o fim dos

tempos, que sejam boas e santas religiosas, fiéis cumpridoras das solenes promessas que voluntariamente fizeram a seu Deus e Senhor. As tuas filhas futuras necessitarão mais do que as presentes, porque sobrevirão terríveis padecimentos, perseguições, injustiças, enfermidades e provações interiores, junto com a opressão indiscreta de quem deveria ser pai e pastor, à semelhança do Coração de meu Filho Santíssimo. Somente o poder de Deus poderá sustentá-las, e somente Meu amor maternal poderá consolá-las interiormente.

"Este será o tempo da purificação desta Comunidade, o qual virá em princípios do século XX, quando a então Igreja equatoriana se verá opressa, acorrentada e perseguida pelo sectarismo diabólico. Tal sectarismo durará de 30 a 33 anos. Sua primeira queda dar-se-á de forma prodigiosa, devida tão-somente às orações, penitências, sacrifícios e holocaustos expiatórios de almas boas que, ocultas aos olhos do mundo, viverão ignoradas de todos, mas conhecidas e amadas por Deus e por Mim, que sou sua Mãe e Modelo. Elas deterão a Ira Divina justamente irritada com esta culpada cidade e seus arredores, onde nesta época de desgraças, se encontrará com dificuldade de virtude verdadeira.

"Os crimes ocultos e públicos cometidos nesta então república cobrirão, à maneira de espessa nuvem negra, toda a pátria. A atmosfera que se respirará em todas as classes sociais será envenenada e pestífera".

Os sacerdotes terão demasiado apego à família e às riquezas

"O mais doloroso é que mesmo no Clero secular haverá muito a desejar, porque os Ministros do Altar se esquecerão de sua missão sublime de identificar-se com meu Santíssimo Filho, mediante o conhecimento de si mesmos e a oração humilde, quotidiana e fervorosa. Viverão eles apenas na superfície de sua alma, sem apartar-se das coisas materiais, do apego demasiado à família e às riquezas. Julgarão poder aspirar à santidade do estado sacerdotal por meio da prática de uma ou duas virtudes, sem cuidar de construir a sólida base de uma humildade profunda, sem a qual nenhuma virtude pode existir, não podendo ninguém, sem ela, agradar e comprazer a Deus. Pois Deus resiste aos soberbos e exalta os humildes e simples de coração, aos quais Ele Se compraz em manifestar e comunicar seus segredos.

"Ninguém, entretanto, é mais chamado a isto que o Sacerdote, que é outro Cristo. Cada um deles constitui a fibra mais delicada de seu Santíssimo Coração, todo amor, mansidão e humildade. Mas eles não descem

ao fundo de suas almas onde O encontrariam, e sem nenhuma dificuldade teriam ali suas complacências.

"Mas, ai dor! Estes mesmos muito amados de meu Divino Filho afastar-se-ão d'Ele, deixando-O só e abandonado nos Sacrários, de onde como órfão e mendigo de amor, chorando Sua solidão, Ele lhes pede com veemência seus corações, usando ternas palavras e lamentações. Contudo, as preocupações com as coisas da terra não lhes permitirão ouvir e aquietar esse pranto divino. Perderão assim o espírito e, em consequência, altos graus de graça nesta vida e de glória na outra. Este é o motivo por que não colherão nenhum fruto na conversão dos pecadores e na salvação das almas. Por isso serão julgados e castigados no Tribunal Supremo, porque malbarataram o dom preciosíssimo da vocação sacerdotal, conferido a eles pela bondade divina, para serem luz do mundo e edificação dos fiéis.

"Oh! quanto vale uma só alma! E o Sacerdote é chamado a salvar muitas. Felizes os que pelo exemplo e pelas obras conquistam para Deus muitas almas!"

Nossa Senhora introduz a Venerável Madre Beatriz de Silva

"Aqui tens, filha querida, a tua Madre Fundadora de minha Ordem Concepcionista, que para fundá-la teve de passar por inúmeras dificuldades e fadigas. Ela vem, como é natural, anunciar-te a feliz notícia de que, deixando a mísera terra de pranto e dor, voarás muito em breve à Mansão Celeste, para seres eternamente feliz em sua companhia". Ditas estas palavras, a Rainha dos Céus desapareceu.

Apresentou-se então a Madre Fundadora da Ordem, em companhia de todas as suas filhas concepcionistas, que em grande número estavam no Céu, junto com as Fundadoras deste Convento, dizendo:

"Filha minha muito amada, por vontade de Cristo Jesus, nosso Esposo Celeste, e de Maria Imaculada, nossa Mãe, a quem acabas de escutar, venho felicitar-te primeiramente porque tens correspondido à vocação religiosa e foste desta maneira esposa boa e fiel; e, em segundo lugar, porque dentro de cinco meses e meio concluirás tua penosa vida e entrarás no gozo do teu Senhor, por que o Céu foi feito para almas que sofrem e amam, como a tua.

"Ademais, tua glória será especial no Céu porque, com tua indulgência, humildade e caridade, salvaste a alma da "capitana", tua irmã, sofrendo

com heroísmo o inferno por ela. Saibas que se não te houvesses interessado pela sua salvação, ter-se-ia ela perdido seguramente. Do lugar de expiação onde se encontra, reconhecida à tua caridade, ela te ama e te bendiz.

"Conheceste, além disso, com as revelações divinas, muitos segredos de Deus a respeito das almas, e salvaste um grande número delas: serão tua coroa e tua glória".

União com a Seráfica Família

"Eu te dou graças, porque muito trabalhaste e sofreste pela fundação e conservação deste meu Convento muito querido, onde edificaste tuas irmãs com as virtudes religiosas bem praticadas. E porque tiveste empenho em que reinasse nele a união, paz, caridade e a observância da Regra, bem como o amor à Seráfica Família, a qual tudo devo, para a fundação e conservação de minha Ordem Concepcionista. Sem a sua influência e sem a sua ação, nossa Ordem teria fenecido em seus primórdios.

"Por isso, eu quero e exijo de minhas filhas que se chamem e sejam Concepcionistas Franciscanas. Só assim as reconhecereis como minhas. E se acaso fundarem-se conventos que não ado-tem as orações da Ordem Franciscana, prescindindo e afastando-se desta corpulenta e frondosa árvore, ainda quando se digam e se chamem Concepcionistas, eu não os reconhecerei como meus. Sem meu Pai, o Serafim Chagado, e seus filhos espalhados em grande número pela face da terra, eu não faço nada.

"Ao término da vida, deixa em testamento, como o melhor legado, às tuas filhas e minhas, presentes e futuras. Sendo Fundadora, deixa-lhes o teu espírito seráfico e o amor à Ordem Franciscana, em cujos braços se embalou minha Ordem Concepcionista quando ainda tenra, e sob cujo cuidado maternal cresceu e se desenvolveu. Oh! Quanto deve a ela a minha Ordem!

"E agora quero que vejas a glória que gozam no Céu as religiosas concepcionistas que amaram o seu Pai Seráfico e sua Seráfica Família, e que vejas também a glória menor daquelas que se descuidaram de renconhecê-lo".

Ato contínuo viu Madre Mariana um número incontável de monjas da Imaculada Conceição que, sob o azulado manto da Virgem Imaculada, gloriavam-se de ser suas filhas.

Tomando a palavra a santa Fundadora Beatriz de Silva disse: "Filhas minhas muito amadas, a todas reconheço por minhas. Há, porém, entre

vós, um grande número que foi cópia fiel de meu espírito e moldado segundo meu coração, pois amou o Serafim Chagado como Pai e a sua Seráfica Família. Manifestai-vos, essas, hoje a esta minha filha muito amada, vossa irmã, que logo virá fazer-vos companhia e engrossar nossas fileiras. Entoai comigo o cântico próprio das Concepcionistas franciscanas, o que não poderão fazer as outras".

Aparece São Francisco de Assis

Aproximou-se em seguida o Seráfico Pai, acompanhado dos principais de seus filhos, que defenderam o mistério da Imaculada Conceição, estando a bandeira do triunfo desfraldada pelo Venerável Padre Juan Duns Escoto. Dirigindo-se à Venerável Madre Beatriz, disse: "Cantemos, Madre e irmã, com nossas irmãs franciscanas, o sublime cântico da Pureza de nossa Rainha Imaculada".

E espargiu sobre a cabeça dessas monjas bem-aventuradas uma luz celestial, da qual saiu um sem-número de estrelas e uma a uma se fixaram sobre as suas frontes. Ficaram elas dessa forma assinaladas com sua santa Fundadora e começaram o canto "Tota pulchra es Maria", com o "Conceptio Tua". Coube à Madre Beatriz de Silva cantar a oração final.

As demais religiosas bem-aventuradas se alegravam com este cântico celeste e com a harmonia de vozes, mas elas não cantavam, porque esta glória só estava reservada às que em vida amaram o Seráfico Pai, o Serafim de Assis, e sua Família Seráfica.

Palavras de estímulo

Terminado isto, a santa Fundadora dirigiu a palavra à sua fiel filha: "Viste, filha querida, a glória que te espera por haveres sido concepcionista franciscana. Ânimo, valor, para dares o grande passo do tempo para a eternidade! Enquanto não chega esse instante feliz, prometo estar em tua companhia a toda hora. Eu mesmo fortalecerei os corações abatidos de tuas filhas desconsoladas, que, com muita razão, derramarão lágrimas por tua ausência — que será apenas temporária, pois no Céu esperá-las-emos".

E, voltando-se para Madre Maria de Jesus Taboada e as demais Fundadoras que a fitavam com amor, disse: "E vós, Madres e minhas santas filhas, abençoai a esta minha filha e vossa, tão querida".

Então as Madres Fundadoras, levantando suas destras e elevando seus formosos olhos em direção de sua Mãe Imaculada, abençoaram Madre Mariana, dizendo: "Consola-te, filha fiel e irmã nossa, porque teus anelos vão se realizar. Já se aproxima o fim do teu desterro e virás conosco louvar e bendizer eternamente as bondades do nosso Deus, e para receber o prêmio dos teus trabalhos e dores.

"Entrementes, une-te mais e mais a Jesus Eucarístico, estreita-O em teu coração, dizendo-Lhe que são as últimas vezes que O receberás no Sacramento do seu Amor. Mas não te esqueças de rogar pelas benditas almas do Purgatório, e de preferência por nossas irmãs concepcionistas, que em grande número padecem no terrível cárcere de expiação, onde não há mérito nem se pode fazer nada por si próprio".

Ditas estas palavras, desapareceram, deixando a alma da santa monja espanhola cada vez mais abrasada no amor de Deus, a espera do momento feliz de penetrar na Celeste Mansão da glória eterna.

— Capítulo XVII —

Admirável caridade de Madre Mariana com os habitantes da cidade de Quito — Une as famílias dividas e nelas estabelece a paz

Que dizer dos dias e meses restantes — poucos, como se viu — vividos no claustro pela seráfica Madre Mariana de Jesus? Ela estava toda abrasada no amor de Deus: seu semblante, seus sentimentos, suas palavras e seu modo de ser revelavam a santidade e a íntima união que possuía com Deus.

Por essa época sua virtude transluzia para além dos muros de seu amado claustro e afluía gente continuamente, pedindo com insistência para falar com a "santa Fundadora", como era conhecida.

Creria possível o leitor que, irredutível, ela despedisse esse bom povo, para que não interrompesse sua vida monacal? Ah, não! Quando existe verdadeira santidade, alicerçada em sólida humildade, toda a alma é tomada de caridade e afeto para com o próximo. Sabeis o que fez?

O Bispo pede a Madre Mariana que apazigue desavenças entre duas famílias quitenhas

Como o Senhor Bispo D. Oviedo tratava com ela diariamente no confessionário, apresentando-lhe vários problemas a re-solver, e consultando a Deus por meio desta bela alma, ela aproveitou para dizer à Sua Excelência, com expressões humildes, que o povo pobre e necessitado queria falar com ela. E como era necessário levar consolo aos corações aflitos — porque encontravam todas guarida no seu — pedia ela ao Senhor Bispo que lhe desse licença para atender a quem a reclamasse, nos intervalos dos atos da Comunidade.

O Prelado foi logo acedendo: "Madre, pode atendê-los sem nenhum temor. Tenha V. Revda. sempre toda liberdade para tal. Mas eu peço também um favor: vou enviar a V. Revda. a família "x", dizendo-lhe para pô-la ao corrente de suas dificuldades. Depois virá a família "y" e fará o mesmo. Ambas pedirão conselho a V. Revda. São famílias brigadas por desentendimentos pessoais, e juraram tirar a vida uma da outra. Esgotei os recursos de prudência, doçura e até de severidade para obter a reconciliação; só encontrei rocha e bronze no lugar de cérebro e coração. Reze muito por estas duas famílias. Pergunte a Nosso Senhor como deverei fazer para dar-lhes aquela bendita paz, filha do Céu? Cada família apresenta contra a rival razões que reputa mais que suficientes para não se verem nem se ouvirem. E com isso vivem anos sem cumprir sequer o preceito pascal, o que é para mim um verdadeiro tormento, agravado pelo escândalo que dão à cidade com esta inimizade arraigada".

Madre Mariana respondeu: "Está bem, amado Pai. Lançar-me-ei como uma terna menina ao Coração do Deus da Paz e pedirei que não me negue aqui na terra minhas últimas súplicas. Dir-lhe-ei que durante estes últimos meses de meu desterro serei muito exigente nos meus pedidos, e não me levantarei dos seus divinos pés sem que me conceda tudo o que pedir, porque, do contrário, Ele me terá o tempo todo em Sua presença, como criança desagradada diante de uma carinhosa mãe, chorando e pedindo-lhe que me aquiete. Confiemos muito em seu bondoso e misericordioso amor, e obteremos tudo facilmente".

Com a licença do Bispo, Madre Mariana começou a receber, nas horas livres, as pessoas de todas as classes sociais que vinham procurá-la. Mas, coisa misteriosa! Ela recebia um grande número de pessoas e as despedia, a todas, muito tranquilas e contentes, num curto lapso de tempo, sem nunca ter deixado sua vida de oração e de consolo para suas monjas. Ocorreram grandes conversões.

"Perdoai as nossas dívidas..."

As famílias aludidas pelo Senhor Bispo acorreram rapidamente e de bom grado a Madre Mariana, que as recebeu com doçura angélica.

Dirigiu-se ao Convento em primeiro lugar a família "x". Madre Mariana a saudou e lhe perguntou: "Que assunto vos traz aqui, boa família?"

— "Madre — responderam — queremos depositar em vosso coração nossas aflições, para que choreis conosco e nos façais justiça". E contaram-lhe tudo.

Enquanto ouvia o relato, ela dizia em seu coração: “Meu Jesus, Divino Menino, Deus de paz, vinde apaziguar estes corações agitados. Lavai com vossas lágrimas derramadas no presépio estas almas maculadas que vivem longe de Vós, pelo Ódio a seus semelhantes. Poderíeis tolerar que eu, dileta esposa vossa, estivesse nesta situação? Ah, não! Fazei, pois, de conta que sou eu. Bem meu, e tirai-os quanto antes deste abismo que atrai o abismo do inferno".

Concluído o relato, perguntaram: "Madre, ficaste inteirada de toda a nossa situação tão aflitiva?"

"Estou muito bem inteirada de tudo".

— "Não vos parece, Madre, que é nossa a razão, e a justiça, e que toda a infâmia pesa sobre essa família adversa e repugnante, que jamais veremos nem ouviremos?"

— "A linguagem do verdadeiro católico — redarguiu Madre Mariana — aquela que Nosso Senhor ensinou do madeiro da Cruz em que foi cravado, foi linguagem de paz, de misericórdia e de perdão. Toda espécie de calúnias e injustiças, de verdadeiras infâmias, recaíram sobre o Santo dos Santos, sobre o Santíssimo e mansíssimo Jesus, a ponto de a inveja, o

ódio e o desprezo levarem-nO à crucifixão em um patíbulo, como se fosse um facínora, homicida e o mais pernicioso dos homens, posto depois até do criminoso Barrabás.

"E nós, pobres criaturas, miseráveis e pecadoras, haveremos de tratar de infames a nossos semelhantes, cuja alma igual à nossa foi remida à custa de tão acerbas dores de Cristo Redentor e de Sua Virgem Mãe? Podemos e devemos dar-nos as mãos para subirmos ao Céu. Isto não cabe em corações que conhecem a Deus pelo dom precioso da Fé e da Religião Católica. Seria escusável, talvez, entre infiéis e selvagens, a quem não foi levado ainda o conhecimento de Cristo Senhor Nosso.

"Diante disto, meus bons amigos, ide pensar durante nove dias no que vos disse, e rezar um Padre-Nosso em família. Depois disto vos espero aqui para resolvermos a questão. Ia-me es-quecendo: acrescenteis também uma Ave-Maria à Virgem Santíssima do Bom Sucesso, Rainha da Paz".

Despediram-se todos pensativos e em profundo silêncio. Chegando em casa, nenhum da família conseguiu falar nada so-bre o assunto; e assim passaram o dia.

* * *

Quando a noite reuniram-se em família, o pai, que era o mais inexorável na desavença, tomou a palavra e disse: "Rezemos o Padre-Nosso e a Ave-Maria indicados pela santa Fundadora".

Ao chegar as palavras "perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos os nossos devedores", ninguém conseguiu terminar a oração, pois uma força interior os impedia, e resolveram passar para a Ave-Maria. Após um certo tempo de silêncio, perguntaram uns aos outros: "O que nos aconteceu? — Ah! é que Deus, irritado conosco, quer justamente descarregar seu braço irado!"

Madre Mariana pede às monjas orações e sacrifícios

Enquanto isto, Madre Mariana, depois da despedida desta família e antes do início da refeição, dirigiu às monjas as seguintes palavras: "Madres, filhas e 'hermanitas' minhas que-ridas, como esposas de Nosso Senhor Jesus Cristo, não estamos encerradas em nossos amados claustros para vivermos tranquilas, apenas para nós mesmas, mas também para nossos semelhantes. Com nossa vida de oração e sacrifício podemos e devemos salvar almas e

oferecê-las para o consolo do Coração Eucarístico de nosso Divino Esposo.

"Comunico-vos que existem nesta cidade duas famílias em rixa, que se odeiam reciprocamente, e, se isto continuar assim, irão perder suas almas, matando-se entre si, com escândalo para a cidade inteira. Que será dessas almas? Podemos e devemos impedir isto, fazendo com que se reconciliem e se perdoem mutuamente.

"Como o haveremos de conseguir? Do modo mais fácil e simples: todos os dias, no Santo Sacrifício da Missa, quando o Sacerdote elevar a Santa Hóstia, toda a Comunidade se prostrará em terra, e cada religiosa dirá interiormente com fé e fervoroso amor: "Padre Eterno, lembrai-Vos de que um dia vosso Jesus e meu, foi cravado e elevado no ignominioso patíbulo da Cruz, para salvar as almas. Por esse Coração ardente da divina caridade, fazei descer sobre aquelas famílias vosso amor misericordioso, o perdão dos seus pecados e a paz mútua".

"Ofereceremos nesta intenção durante nove dias toda nossa vida monacal e observante; as doentes oferecerão suas dores e sacrifícios; tudo isto pelas mãos e intercessão de Maria Santíssima, a Quem rezaremos em comum três Ave-Marias, pedindo bom sucesso, e o Padre-Nosso ao Espírito Santo, pedindo luz e graça para aquelas almas. Sobretudo para que elas, quando rezarem esta oração ensinada pelo próprio Cristo Senhor Nosso, chegando às palavras: 'perdoai nossas dívidas assim como nós perdoamos os nossos devedores', sintam remorso, e a graça divina então opere".

Obedientes e dóceis as monjas fizeram tudo isto era união com sua santa Madre Fundadora.

As queixas da segunda família

No dia seguinte veio a outra família ter com Madre Mariana, falando-lhe com a mesma linguagem da primeira. Diziam esperar que São Miguel, patrono do chefe de família, vingasse as infâmias com a morte de um dos membros mais caros à outra família, para assim domar-lhe em algo a soberba e a presunção.

Depois que terminaram de falar. Madre Mariana permaneceu em profundo silêncio, e eles insistiram: "Madre, não ouvistes? Talvez tenhais vos escandalizado com nossas últimas palavras. Dissemos isto para revelar o que vai em nossos corações. Certamente não o devíamos fazer, mas somos criaturas, e não se suporta mais tanta inimizade. Pese V. Revda. nossas graves

questões e verá sem paixão que nós somos os ofendidos".

Madre Mariana deu um longo e profundo suspiro, que penetrou os corações de todos. Olharam-se entre si, e o pai da família continuou: "Fale-nos V. Revda. com liberdade o que deseja. Viemos para receber conselho e aliviar nossas tristezas e amarguras".

Madre Mariana disse, então, a mesma coisa que havia recomendado à primeira família, acrescentando: "Não me escandalizo com o que pensais, senão que se cravou em meu coração um dardo mortal vendo quebrada e profanada a caridade cristã entre católicos e ao considerar meu pobre Senhor Jesus Cristo desprezado e desassistido. Enquanto Ele do Sacrário ensina a suas queridas almas o amor e o perdão aos inimigos, vós dizeis com vossas obras: não Vos fazemos caso; resolvemos de novo tirar-Vos a vida para ficarmos tranquilos; afastai-Vos de nós.

"Isto é o meu maior tormento. Considerar família católica, o que dizeis com as obras ao vosso Criador. É assim que correspondeis a tantos benefícios recebidos da bondade divina? Rogo com lágrimas nos olhos que reconheçais e pondereis vossa conduta em relação a Nosso Senhor Jesus Cristo. Pedir-vos-ei um favor que não me negareis".

— "Falai, Madre — responderam a uma só voz — que ansiosos atenderemos".

— "Rezai comigo — prosseguiu ela — durante nove dias um Padre-Nosso ao Espírito Santo e uma Ave-Maria à Santíssima Virgem, pedindo o remédio para vossa triste situação. Depois voltai, para dizer-me o que ocorreu, no que ficaram, ou o que resolveram a respeito destes casos".

— "Com muito gosto — replicaram. O que nos pedis não é nada, mas V. Revda. também rogue por nós, que padecemos inocentes". E se despediram.

Um cavalo e dois bois

O Senhor Bispo perguntou a Madre Mariana a respeito das duas famílias. Ela relatou-lhe o ocorrido dizendo como estavam. Informou ainda que a Comunidade fazia uma novena, depois da qual esperava que Deus Nosso Senhor, pelo amor a suas criaturas, daria a solução e tudo se ordenaria, descendo sobre as familias a paz, que é um dos frutos do Espírito Santo, concedido para que todas as criaturas O sirvam e O amem. Pediu também

que Sua Excelência rogasse muito ao Senhor para alcançar esta graça.

O Prelado mostrou muito contentamento e agradeceu, dizendo que se aquela pendência se resolvesse, seu coração ficaria aliviado de um enorme peso.

Findos os nove dias, bem cedinho (isto é, quando já havia condições de se falar com as monjas), acorreu pressurosa a primeira família, querendo falar com a santa Fundadora. Esta acedeu com gosto e, depois dos cumprimentos, disse:

— "Então, meus bons amigos. Deus Nosso Senhor triunfou em vossos corações. Contai-me boas notícias, para congratular-me convosco e louvar a Deus, Autor de todo bem".

A família surpreendeu-se com estas palavras e, uma vez mais, convenceram-se de que a Madre penetrava os corações. Disse-ram: "Madre, vossas palavras foram espadas de dois gumes que transpassaram nossos corações. Passamos todo o primeiro dia pensativos sem poder articular palavra entre nós. Apenas nos víamos. As pessoas no emprego notaram nossos modos e estranharam, mas não sabiam porquê.

"À noite, eu, como chefe da casa, reuni a família e os criados para rezarmos o que V. Revda. indicou. Todos rezávamos a uma só voz e quando chegamos às palavras ‘perdoai nossas dívidas etc’, não conseguimos pronunciá-las, porque um temor-pânico apoderou-se de nós, ao considerarmos que mentíamos diante do Deus da Verdade que sonda os corações. Porque ao dizer estas palavras, estávamos pedindo que Ele nos tratasse como nós tratamos a nossos rivais.

"Se fosse preciso vender nossa propriedade com todos os bens temporais para resolver este assunto, eu venderia satisfeito; mas considerando bem, só tenho que entregar àquela família um cavalo e duas cabeças de gado, ainda que não tenha sido apenas culpa nossa a morte dos animais, mas descuido dos criados de ambas as partes, como é do conhecimento de V. Revda. Como, entretanto, passamos seis anos e nove meses em discórdias, insultos e ódios — que se iam agravando cada vez mais, a ponto de cogitarmos em chegar ao homicídio — darei dois cavalos e seis cabeças de gado, voltando a amizade anterior.

"Mas, Madre, eles são implacáveis. Não sei como fazer, porque se me apresento à casa deles, vão pensar que quero fazer-lhes mal e me matarão. O que convém agora é que V.Revda. peça com insistência a Deus Nosso Senhor que me conceda logo uma ocasião para encontrar-me com o chefe

daquela família, e arranjar tudo amigavelmente, e também para conseguir que todos os meus lavem a alma no Tribunal da Penitência, dando este consolo a nosso Prelado, que tanto trabalhou sem nada obter".

Madre Mariana respondeu: "Bendita e louvada seja a bondade misericordiosa de nosso amabilíssimo Redentor Jesus Cristo! E benditos sejais vós, que cooperais com as inspirações da graça. Que o Senhor vos abençoe e vos torne felizes no tempo e na eternidade. Não temais, nem desistais de vossa generosa e edificante resolução, pois tudo se ajeitará". E falou-lhe a respeito do Céu com superlativo entusiasmo, de modo que partiram todos em paz, resolvidos a pôr em prática o que foi dito.

Encontro providencial

Na volta para casa, o pai da primeira família cruzou-se na rua com o chefe da família contrária. Ambos se cumprimentaram com os chapéus; era a primeira vez depois de muito tempo! (Eles confessaram que uma força misteriosa os moveu a procederem assim). Cessaram por fim os insultos recíprocos, sempre que esses dois senhores se encontravam, com desedificação e escândalo de quantos os presenciassem.

Desta vez todos se admiraram com aquela cena e se in-terrogavam: "quem será o poderoso que conseguiu reatar a amizade destas duas famílias escandalosas?" Quando souberam que a santa Fundadora havia tomado parte direta nisto, disseram: "somente ela, como santa, poderia convencer da verdade a uns e a outros.

As duas famílias pedem reconciliação

Na tarde deste mesmo dia veio ter com Madre Mariana a outra família. Saudaram-se e o chefe da casa tomou a palavra:

Madre, o que fez V. Revda. em nossos corações? Desde o dia em que falamos, reuni a todos os meus, inclusive a criadagem, para dar inicio à novena do Padre-Nosso, mas ninguém pôde terminar a oração. Eu me senti aterrado. Esforçava-me para superar o obstáculo e concluí-lo, mas em vão. E isto aconteceu durante alguns dias.

"Conversei com minha esposa e filhos, e, todos, nos convencemos de que jamais poderíamos rezar o Padre-Nosso enquanto abrigássemos em

nossos corações tal inimizade, porque pedíamos a Deus que nos tratasse como tratamos o nosso próximo. Persuadidos desta verdade, pedimos perdão a Deus, e resolvemos perdoar esta família pelo cavalo e os dois bois que morreram na fazenda deles. Tanto mais que os patrões não tiveram culpa, mas sim os criados de ambas as propriedades. Não é pois justo perder nossas almas por causa de três animais. Depois desta séria reflexão pudemos concluir o Padre-Nosso e a Ave-Maria nos dias subsequentes, mas envergonhados diante de Deus Nosso Senhor, e penalizados por tê-Lo ofendido tanto tempo.

"Procuramos então um meio de poder reatar a amizade e resolvi fazer uma visita à outra casa. Minha família, todavia, não consentiu, temendo que me tirassem a vida, pois poderiam pensar que eu iria fazer-lhes algum mal. Noites e dias conjecturávamos como fazer isso, até que ocorreu casualmente de encontrarmo-nos na rua, e tanto o outro senhor quanto eu tiramos ao mesmo tempo os chapéus, em sinal de saudação, como se nunca tivéssemos tido qualquer disputa.

"Isto já é um bom começo, mas nossas consciências não estão tranquilas, porque a tantas injúrias deve corresponder uma satisfação digna, para continuarmos como bons católicos e frequentarmos os Sacramentos, antes que a morte nos surpreenda. Não achais, Madre?"

— "Vossa edificante generosidade muito agrada a Deus, meus bons amigos — asseverou Madre Mariana. Eu me comprazo e vos dou mil parabéns porque pensais na vida futura como católicos bons e praticantes. No Reino dos Céus não pode entrar ninguém com ódio ao próximo, vingança ou rancor. A santa caridade é sumamente delicada. Não nos esqueçamos jamais que Deus e Caridade eterna, e portanto, como seus filhos, devemos imitá-Lo. Acabadas as contendas, eu desejaria que entrásseis logo em relações amistosas e para tal permiti-me uma sugestão".

— "Falai Madre" — responderam todos a uma só voz.

— "Se quiserdes — prosseguiu ela — eu chamarei a outra família em uma hora marcada, na qual vós também estareis presentes, e eu terei a satisfação de assistir a esta reconciliação que Deus vos pede e através da qual Lhe dareis muita glória, edificando também a cidade que está escandalizada com vossa conduta recíproca. Deste modo reparareis o mau exemplo dado e tereis direito de esperar entrar no Reino dos Céus".

— "Sim, Madre; sim, Madre — responderam imediatamente em coro. Que felicidade a nossa! Desta forma nem eles nem nós temeremos

qualquer traição. Faremos as pazes com toda tranquilidade e reataremos a amizade com afeto para nunca mais nos indispormos. E V. Revda. será a fiel testemunha de nossos perdões".

— "Às dez horas de amanhã espero-vos aqui no locutório com a outra família".

— "Obrigado, Madre, mil vezes obrigado". E alegres se despediram.

* * *

Dali a poucas horas, a primeira família chamava Madre Mariana ao parlatório. Cumprimentaram-se com afeto e informaram que, encontrando-se na rua com a família adversa, saudaram-se com muita cortesia. E que vinham comunicar esta boa notícia e pedir luz e conselho para reconstituir a amizade na sua integridade, desagravando a tudo com palavras e atos. Eles reparariam de bom grado aqueles animais mortos e só desejavam ser bons católicos, voltando a amizade de antes, pedindo mil e mil perdões por tantas injúrias lançadas.

Madre Mariana lhes falou então: "Meus amigos, como Deus é bom conosco! Prestai atenção e meditai no Seu amor tão grande para com Suas criaturas e Suas almas remidas à custa de tantos cruéis tormentos interiores e exteriores de Sua Humanidade Santíssima. Derramou todo o seu Divino Sangue e entregou Seu Santíssimo Corpo à fúria infernal de que estavam possuídos os ingratos judeus e os invejosos escribas e fariseus, para quem a vida santíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo constituía uma censura muda à vida desordenada e hipócrita que levavam. Sob pretexto de seguir a Lei de Moisés, não tinham realmente para si lei nenhuma. Pelo contrário, davam rédeas soltas aos seus vícios e paixões, chegando sua perfídia a tirar a vida ao Inocente e Santo dos Santos, através de uma infamante e dolorosíssima morte de cruz.

"Entretanto, essa Vítima divina, do ignominioso patíbulo onde estava cravado com três grandes pregos, todo exangue, dolorido e dilacerado, não se olvidou de seus queridos filhos. E abrindo seus divinos lábios, esquecido de Si mesmo, legou-nos como testamento as Sete Palavras, onde encerrou toda a perfeição cristã, sendo a primeira delas: "Pai, perdoai-os porque não sabem o que fazem".

"Desta forma desculpou a Seus encarniçados inimigos, para nos ensinar a generosidade em nos perdoarmos mutuamente os pequenos atritos que acontecem nesta vida mortal. Pequenos em si, mas que trazem por vezes amargas consequências, acabando um por tirar a vida ao adversário,

sepultando nos infernos uma alma irmã. E como sequela deste horrível pecado de homicídio, a desgraça para o assassino e sua família, e a orfandade em que ficarão tenras criaturas, cuja salvação eterna estava vinculada à vida do pai ou da mãe, que lhes teriam proporcionado uma educação católica e que por lhes faltar tal proteção terminariam tornando-se bandidos e salteadores.

"Vede, meus caros, as múltiplas consequências que traz um só pecado de ódio não reprimido a tempo, ou seja, no momento mesmo em que o coração sente a paixão ferver.

"Humilhai-vos e agradecei a Deus Nosso Senhor, a Ele que vos deu graças eficazes para ver-vos livres de tantas desgraças, que teriam acontecido se tivésseis continuado nesta inimizade".

Enquanto assim falava a santa monja espanhola, suas palavras eram — toda a família o reconheceu — eram dardos de fogo divino que inflamavam seus corações em amoroso agradecimento a Deus Nosso Senhor pelo insigne benefício concedido, percebendo bem evidentemente que tudo isso lhes adveio em virtude das orações da santa Madre Fundadora.

Sentiam ao mesmo tempo um grande amor à outra família antes inimiga, com ardentes desejos de vê-la e abraçá-la para reparar tantas injúrias. E um copioso pranto fez coro às palavras de Madre Mariana.

Terminada a exortação, e depois de um momento de silêncio, como quem teme interromper um assunto importantíssimo — e o era realmente — o chefe da família tomou a palavra e, com voz embargada disse:

— "Madre e benfeitora nossa, diga-nos V. Revda. como deveremos fazer para vermos quanto antes essa família tão cara? Não quereríamos descansar sem antes haver pago uma dívida tão considerável, pondo fim a toda inimizade".

— "Vós me edificais, meus amigos — disse a humilde "espanolita" — com o vosso generoso modo de proceder. Os Anjos sorriem e o Coração de nosso Adorável Redentor, cheio de ternura infinita, vos abençoa e vos ama. E que direi de nossa Imaculada Mãe? Ah! junto a esse Coração tão cheio de carinho maternal estreitai fortemente vossas almas. Ela mesma espera apresentar-vos ao Deus três vezes santo para conduzir-vos ao Céu, quando terminardes vossa morada no mundo".

"Se vos aprouver, amanhã às dez horas da manhã esperar-vos-ei aqui no parlatório com a outra família para ter o inefável contentamento de presen-

ciar vossa reconciliação".

Mal pronunciou ela a última palavra, todos exclamaram em uníssono :

— "Oh felicidade a nossa! Madre, nunca pensastes com tanto acerto. Vemos bem que o Espírito Santo vos guia e ilumina. Amanhã, antes das dez horas, estaremos aqui para esperar com os braços abertos aquela família que já nos é cara. Graças mil por todas as vossas caridades e que o Senhor vos acompanhe no tempo e na eternidade, porque livrais assim as nossas almas da desgraça eterna".

E muito satisfeitos partiram.

Um demônio em forma de mendigo

A uma quadra do Mosteiro cruzaram-se com um mendigo, que com os olhos cheios de lágrimas pedia esmola. A senhora desviou-se dele, mas seu esposo disse: "Nunca neguei caridade, ainda menos agora, que acabamos de receber um dom de Deus". Tirou um patacão e o estendeu ao mendigo.

Este, contudo, lhe disse: "Senhor, antes de receber o dinheiro, quero vos dizer umas quatro palavras".

— "Fala, homem, mas rápido; que não posso me demorar".

— "Não vos tomarei muito tempo — acrescentou o mendigo. Mas não posso dizer-vos diante de vossa senhora e família. Vinde para cá, a sós". E puxando-o de lado, continuou, chorando: "Senhor, eu sempre vos quis bem e ainda muito mais agora. Por isso faço-vos saber que há poucos instantes, na praça pública, elementos da família vossa inimiga, como loucos furiosos, falaram mal de vós e vos insultaram. E resolveram tirar-vos a vida esta noite, ou o mais tardar amanhã, quando ireis encontrá-los no parlatório deste Convento vizinho. Todos irão bem armados e no momento de dar-vos o fingido abraço de amizade cravar-vos-ão suas garras, e sobre os membros de vossa família que conseguirem. Vossa Senhora tem apenas mais algumas horas de vida, e isto me dói.

"Rogo portanto que não vades ao Convento, nem deis tanto crédito a uma pobre mongezinha que nenhuma virtude possui. Ela só vos diz falsas maravilhas para entreter o seu tempo, porque lhe é muito árduo viver oculta e esquecida. Ela trabalha ativamente para deixar o Mosteiro, porque não está satisfeita. E a prova disso — eu vos asseguro — é que ela não me

quer bem e desta referida "santa" nunca recebi nada que não o desprezo e o escárnio. Eu, um mendigo! Vede bem que espécie de santidade ela tem!

"Não vos incomodeis em dar-me esmola agora. Guardai para outra ocasião esse patacão. Peço-vos apenas que me deis comida em vossa casa, por haver eu revelado a traição que vos aguarda e ter evitado uma horrível desgraça em vossa família. À tarde irei a vossa casa para matar minha fome, porque há dias não me alimento, nem tenho onde cozinhar. É por isto que não recebo de vós o patacão".

O senhor ficou muito surpreso com notícia tão inesperada. Pensamentos desencontrados e angustiantes vieram-lhe à mente e o agitaram interiormente com um desgosto que chegava às raias do desespero.

Quando o mendigo acabou de falar, retrucou-lhe: "Escuta, homem, onde vives e como te chamas? Não me lembro nunca de ter-te visto. Esta é a primeira vez". — "Não há necessidade de saberdes o meu nome — respondeu o mendigo. Basta que eu vos tenha conhecido e querido; por isso livro-vos de tantas desgraças. Conheço também essa embusteira espanhola e todas que com ela vivem neste Convento, ao qual tenho horror, porque ali me têm feito e me farão sempre males gravíssimos. Afasta-te de lá e não voltes mais".

— "Cala-te, velhaco ruim — redarguiu o senhor. Não me faltes com o respeito, porque sou nobre, rico e de coração generoso. Tu és mentiroso e inimigo do grande e do belo. Não há ninguém melhor que minha santa "espanolita" e suas santas filhas. Sou e serei amigo delas, amando entusiasmado tão querido Convento. Tu, asqueroso mendigo, te atreves a caluniar criaturas que eu conheço melhor que tu: dás motivo formal para teres recebido desprezos daquelas santas criaturas.

"Converte-te, esfoemado de alma, se não quiseres conhecer um tristíssimo fim. Tu querias insinuar a discórdia em minha casa. Retira-te de minha presença e não ouses aparecer lá por que expulsar-te-ei aos trambolhões e pauladas".

E erguendo o bastão desceu umas bordoadas no mendigo, que caiu ao chão; e o senhor se retirou.

A poucos passos dali encontrou-se com a esposa e a família que o aguardavam ansiosas para saber o que dizia aquele homem tão sujo e repugnante. Todo perturbado ele respondeu: "Não sei o que tenho. Vamos logo para casa".

A senhora olhou para trás e viu que o mendigo ria às gargalhadas. Desagradada, virou-se para o esposo: "Olha o mendigo que aparentou cair no chão, como zomba de ti e de nós! Tenho medo deste asqueroso velhaco. Pelo seu jeito, deve ser coisa ruim".

Madre Mariana desfaz intriga do demônio

Chegando em casa quiseram todos saber o que havia dito o mendigo. O pai de família, todo confuso e incomodado, narrou o ocorrido.

— "Valha-nos e nos favoreça Jesus! — exclamou a senhora. Que a Santíssima Virgem nos guarde por intercessão da santa Fundadora! Aquilo não é nenhum mendigo: é coisa ruim. Vou já falar com minha santa Fundadora contando o que aconteceu. Assim veremos o que há e no que ficamos. O demônio é muito astuto e procura impedir todo bem".

Saiu em seguida e no Convento mandou aflita chamar Madre Mariana, dizendo que era assunto urgentíssimo.

Quando a irmã rodeira deu o recado, Madre Mariana sorriu dizendo: "Minha filha, diga que já vou falar com ela". Ela rezava naquele momento no coro inferior, como de costume, pois todas as vezes que falava com pessoas do mundo, sejam quais fossem, descia imediatamente ao coro para relatar a seu Amor Sacramentado tudo quanto lhe haviam dito e tudo quanto ela havia falado.

A matrona aguardou impaciente e aquelas instantes pareceram séculos. Finalmente, a santa Fundadora chegou e saudou: "Ave Maria Puríssima! Que inquietação a traz aqui tão perturbada, boa senhora?"

— "Ai, Madre — respondeu — saiba que depois de despedirmo-nos de V. Revda., voltávamos tranquilos e contentes para casa, quando encontramos um mendigo de aspecto repugnante, o qual chamou o José à parte e falou com ele durante um bom tempo. Todos nós notamos que José ficou perturbado e de semblante alterado". E contou tudo, desatando-se a chorar, pedindo a Madre Mariana que intercedesse pela sua família.

Com doçura angélica e santa imperturbabilidade, a religiosa lhe disse: "Acalme-se, boa matrona. Não desperdice suas lágrimas em coisa que não vale a pena. Fique sabendo que foi o demônio mentiroso que tomou a forma repugnante daquele mendigo, movido pela luciferina inveja, a fim de

impedir a reconciliação e manter as duas famílias em ódios e vinganças até conseguir manchar uma delas com o sangue do homicídio. Não acredite em nada do que disse o miserável diabo. Depois de inquietar o seu esposo, ele fez o mesmo com a senhora da outra família, a qual, aflita e nervosa, virá falar comigo. Ela vai encontrá-la aqui, e a senhora deve estender lhe os braços, pois ela fará o mesmo. Assim desmascararemos o maldito demônio".

Nem bem pronunciara estas palavras, as portas se abriram com ímpeto e entrou espavorida a outra senhora, gritando: "Madre Marianita, somos vítimas de uma horrível traição. Não nos restam senão horas de vida e venho aqui para que me favoreça".

Era tal o seu nervosismo que não se deu conta de quem estava no parlatório. Disse-lhe então Madre Mariana:

— "Sossegue-se, Da. Panchita. Tudo é obra diabólica. Esse falso mendigo é o diabo, que primeiro inquietou o Sr. José, esposo da Da. Joaquinita, e depois foi à sua casa. Eu lhe asseguro isto e como prova eis aqui Da. Joaquinita já tranquila".

Da. Joaquinita levantou-se pressurosa e, estreitando ao seu coração a outra senhora, disse: "Panchita querida, há séculos deveríamos ter reatado a antiga e boa amizade. Não demos crédito ao desgraçado diabo, que quer impedir nossa reconciliação com suas mentiras".

Surpresa, Da. Panchita abraçou-a também: "Minha Joaquinita, meu coração é para ti, não duvido de teu afeto. A respeito dos animais mortos, que ambas as famílias se esqueçam, como também dos insultos mútuos. Que tudo se acabe para começarmos a frequentar os Sacramentos. Amanhã às dez horas estaremos reunidas neste santo recinto para fazermos as pazes. Prometes?

— "Prometo, minha boa Panchita, e Deus se alegrará com nossa reconciliação".

E as duas senhoras, já em calma, indagavam pelos demais membros da família.

Entrementes, Madre Mariana rezava por elas. Depois dirigiu-lhes a palavra: "Agora bem vedes, minhas boas senhoras, quão bom é Deus Nosso Senhor! — E no momento de maior aflição, quando o Inferno furioso tentava impedir vossa reconciliação, frustrando com isso inúmeras graças que choverão para ambas as famílias, bem como a edificação e bom exemplo que assim dareis à cidade, hoje tão escandalizada por causa de vosso proce-

der! Voltai agora tranquilas a vossas casas, levando como pombas o ramo de oliveira, símbolo da paz e tranquilidade de vossas consciências. Retornem aqui amanhã as duas famílias para dar fim à antiga porfia e iniciar nova e duradoura amizade, que, principiada na terra, continuará para sempre na ditosa eternidade".

— "Sim, Madre, assim o faremos — responderam as senhoras. Sabemos que tudo era obra do diabo e não daremos ouvido a nada nem a ninguém. Até amanhã. Abençoe-nos e rogue muito por nós". E as duas matronas se despediram com afável cortesia e carinho.

Medianeira de todas as graças

Madre Mariana correu pressurosa até seu Amor Sacramentado para contar-Lhe tudo, como sempre fazia.

Entrando em oração, perdeu os sentidos, e viu no Sacrário como a Santíssima Trindade, de forma admirável e inefável, residia na Hóstia Consagrada para ser luz do universo; e como Jesus Cristo vive no Santíssimo Sacramento uma vida de impressionante atividade, trabalhando sem cessar pela salvação das almas que Ele tanto ama e Lhe custam. Viu também como toma parte ativa nisso a Imperatriz do Céu, Maria Santíssima, Mãe extremosa e seguro refúgio dos pobres pecadores. Estes muito devem a Ela, porque todas as conversões se operam por meio e intercessão desta bendita Mãe, canal das graças divinas. A Jesus Cristo se vai sempre por meio de Maria Santíssima. Jesus nos lava com Seu precioso Sangue; o Espírito Santo nos inflama no fogo do amor divino; e assim nos apresentamos limpos e purificados a nosso Pai Celeste, para sermos olhados com misericórdia e obsequiados com seus favores e graças, e sairmos assim das trevas do pecado e vivermos a vida robusta da graça, com a qual temos assegurada a salvação eterna.

Nosso Senhor ordena a Madre Mariana que expulse pessoalmente os demônios

Madre Mariana teve também a revelação do estado das consciências de todos os membros das duas famílias em litígio, e o Inferno seria o paradeiro de todos eles. Daí o esforço assíduo e a astúcia infernal do maldito satanás para impedir o reatamento das relações amistosas, valendo-se de mil ardis e intrigas, querendo naqueles instantes assumir a figura de um dos chefes

de família.

Ao ver isto, a santa Fundadora, com essa confiança de criança que possuía no Senhor e em Nossa Senhora, disse-Lhes:

"Amores meus dulcíssimos, mesmo à custa de minha vida ou de grandes sacrifícios, quero impedir esta nova intriga diabólica, capaz de frustrar a conversão de tantas almas quantas são os membros de ambas as famílias, e também de muitas outras desta cidade, que presenciam diariamente o escândalo desta inimizade. A qual, segundo me haveis comunicado várias vezes, terminará em homicídio e suicídio com as almas sepultadas no Inferno. O maldito satanás se gloriará de haver triunfado.

"Humilhai-o, Senhor, e abatei-o pela sua louca perfídia e soberba. Tende compaixão e misericórdia destas almas tão caras, remidas pelo vosso Sangue e vossos méritos, e pelos da divina Co-Redentora Maria Santíssima, Mãe vossa e minha dulcíssima".

Concluída esta suplica, Nosso Senhor Jesus Cristo, em presença de Sua Mãe Santíssima, dirigiu-Se a Madre Mariana:

— "Esposa minha muito dileta, em cujo coração vivo docemente tranquilo e no qual descanso dos meus trabalhos e fadigas, não posso negar nada a ti, que és a filha fiel de minha Mãe Imaculada, com Quem tens tratado familiarmente durante toda tua vida mortal. Hoje, que estás para terminá-la, faça-se como pedes.

"Manda tu mesma que desçam ao fundo do abismo infernal essas furiosas legiões de demônios que saíram para impedir a conversão dessas almas. Ordena-lhes em nome do Mistério da Santíssima Trindade, de minha Presença Real na Hóstia Consagrada, da Imaculada Conceição de minha bendita Mãe de Sua Maternidade Divina, sendo Virgem Puríssima antes do parto, no parto e depois do parto. E verás como fogem espavoridos esses imundíssimos espíritos. E para que o possas fazer, olha-os primeiro".

E percorrendo com sua vista de um lado para outro, viu ela um número incontável de espíritos malignos, de todo tamanho, figura e forma, que invadiam as casas das duas famílias, forcejando para penetrar dentro dos corações. Entre esta multidão estava também aquele asqueroso mendigo, que escondia uma longuíssima cauda, toda cheia de espinhos, com a qual tencionava enforcar os pais e as mães de ambas as famílias. Estava pronto para executar o intento, mediante o trabalho empenhado desses inúmeros espíritos malignos que saíram para obstar esta reconciliação, que seria tão da glória de Deus e de tanto fruto na edificação do próximo, a quem as re-

feridas famílias haviam em extremo escandalizado.

Mal acabou de olhá-los com desprezo, asco e horror, a santa e humilde monja espanhola volveu seus olhos a Jesus Cristo e a Nossa Senhora, dizendo: "Fortaleza dos débeis, acompanhai-me nesta empresa. Do contrário, nada poderei, porque sou vilíssino e repelente lodo, esses infernais e astutos espíritos escarnecerão de mim. Mas como Vossas Majestades me deram sempre provas de vosso amor misericordioso rogo-Vos, com a fronte no pó, que Vós, ó dulcíssima vida de minha alma, Vos ponhais como o haveis feito sempre, isto é, com o Menino nos braços de Maria Santíssima, minha terna Mãe. Assim acompanhada e defendida por Vossas Majestades, terei feliz sucesso, lançando no abismo profundo esses soberbos e invejosos espíritos".

Um belo cerimonial com ordem à vitória sobre as hostes infernais

Concluída esta súplica, Madre Mariana viu o Céu se abrir, descendo até o Sacrário. Todo o altar-mór resplandecia com luz celestial, a ponto de ela, por um momento, ter pensado que, sem sentir a morte, já se encontrava na eternidade. Os Anjos cantaram, com melodia própria a eles, o "Salve Sancta Parens".

Imediatamente a Rainha dos Céus adiantou-Se.

Ato contínuo, os quatro Arcanjos, seguidos de incontáveis espíritos celestes, voaram ao Sacrário. O Príncipe São Miguel, depois de fazer uma profunda reverência, tomou em suas mãos a santa Hóstia, que se converteu imediatamente em um formosíssimo Menino. Ele olhou ternamente para o Príncipe e sua gloriosa comitiva angélica, e disse:

— "Ponde-me quanto antes nos braços de minha Mãe, e acompanhai-Nos todos vós, a fim de presenciar a grandeza do poder de Deus, que Se vale de instrumentos aparentemente débeis para realizar grandes maravilhas. — Nova confirmação daquela verdade encantadora: de que Deus oculta Seus segredos aos soberbos e grandes do mundo e os revela aos humildes e simples de coração".

Incontinenti o Arcanjo se apresentou diante da Imperatriz Soberana, e fazendo-Lhe reverência, disse:

— "Tomai, Senhora, em vossos braços soberanos o Tesouro divino do qual sois depositária". E colocando-Lhe no braço es-querdo o Divino Infan-

te, retirou-se, fazendo nova reverência.

Em seguida aproximou-se o Arcanjo São Gabriel trazendo um belo báculo. Fez uma profunda reverência e colocou-o em sua mão direita, dizendo:

— "Empunhai, Senhora, em vossa soberana destra o báculo que a Onipotência Divina nela colocou, para que, como Imperatriz dos Céus e da terra, governeis o universo e reprimais em todos os tempos a força diabólica do tenaz e soberbo satanás que cheio de furiosa inveja trabalha com toda sutileza na perdição das almas, mas que sempre se verá vencido e humilhado por Vós, que sois a Mãe do Verbo Divino".

Fez novamente profunda reverência e se retirou.

Logo depois achegou o Arcanjo São Rafael, portando una pequena cruz muito formosa, do tamanho de um dedo mas que ofuscava a vista com a luz que irradiava. Era toda composta de preciosos rubis, esmeraldas, ametistas, safiras e brilhantes. Pondo-a na mão do Divino Infante, disse:

— "Aqui tendes, Rei dos Céus e da terra, o presente que guardais e concedeis a vossas esposas fiéis que durante a vida religiosa Vos servem com fidelidade. Com ele triunfarão das maquinações diabólicas, até que fechem seus olhos à luz material para os abrir ao esplendor da luz eterna. Pela cruz serão salvas as almas remidas por vós". E com uma profunda reverência, o Arcanjo se retirou.

A Corte Celeste entoou então um hino de glória, cuja melodia só a alma poderia degustar, os sentidos do corpo nem sequer aguentariam, a não ser adormecidos.

Tudo isto passou-se diante de Madre Mariana, que estava em presença de Deus e de sua Mãe Santíssima, com essa humildade própria dos santos. Humildade adquirida ao longo de uma vida cheia de dificuldades e humilhações, de que o leitor pode tomar conhecimento, lendo a vida desta feliz discípula do Divino Redentor.

Sobre o apostolado das almas religiosas

Terminado o cântico, o Menino Jesus dirigiu a Madre Mariana as seguintes palavras:

"Minha dileta esposa, tu és a fibra mais delicada de Meu Coração, porque passaste toda tua vida em meu serviço e Me amaste com todo teu coração e toda tua alma. E este teu amor por Mim, que sou teu Deus e Senhor, tem sido muito dedicado e ativo, conquistando-Me almas. Para convertê-las, arrancá-las do vício e encaminhá-las na via segura que conduz ao Céu, tiveste que arrostar grandes padecimentos físicos e morais com generosidade e valor, sem que o maldito respeito humano, frustrador de grandes graças em favor das almas, conseguisse fazer-te desistir de empresa tão grandiosa.

"Oh! se todas minhas esposas tivessem esta diligência e cuidado em relação a todas as pessoas com que tratam. Quantas almas Me dariam em segredo!

"Saibas que pus nas palavras de Minhas esposas espadas de dois gumes para penetrarem nos corações mais endurecidos. Mesmo que na aparência nada se note, essas palavras repercutem no interior das almas noite e dia e acabam germinando e dando cedo ou tarde frutos de penitência. E, quando são acompanhadas da súplica incessante em favor desses pecadores queridos, então melhor ainda Eu não posso resistir aos pedidos de minhas esposas, em se tratando de salvar as almas.

"Oh dileta minha! Dize a tuas filhas que sejam meus apóstolos a partir do silêncio do claustro. Assegura-lhes que, se assim o fizerem, terão uma glória muito especial no Céu. Afirmo que uma só palavra proferida pelas pessoas religiosas é de muito peso no coração dos que vivem no mundo, os quais, por mais pecadores que sejam, vêem nelas seres separados do mundo, consagrados e entregues ao exclusivo serviço de Deus e, portanto, dignos de respeito e atenção.

"Agora, ouve a tua Mãe e minha. E vamos sepultar no abismo as malditas legiões que saíram do Inferno para perder estas duas pobres famílias, tentando roubar-Me almas tão queridas do meu Coração. Recebe esta bela cruz como presente das núpcias eternas que proximamente te esperam".

E o Menino Jesus pôs a belíssima cruz no coração da privilegiada Madre Mariana, cumulando-a com inefáveis consolos. Ao diretor espiritual contou ela mais tarde que os incêndios divinos eram já insuportáveis para seu estado de peregrina na terra. Retornando ela aos sentidos corporais, o Senhor tinha de mitigar a violência deles, pois não eram compatíveis com a natureza humana.

Os filhos pródigos

Então a Mãe de Deus falou-lhe desta maneira:

"Minha filha muito querida, minha fiel imitadora, já teus dias mortais estão no fim. Os poucos dias que te restam quero que sejam ainda mais perfeitos no amor de Deus e do próximo. Esforça-te em orar, trabalhar e sofrer para ganhar almas a Deus.

"Oh! se as religiosas soubessem o mérito que entesouram para a eternidade nesse apostolado oculto, não omitiriam meio algum para pô-lo em prática! Grande caridade é trabalhar, orar e sofrer por esses pobres irmãos transviados. Como outros filhos pródigos, eles abandonaram a casa de seu bom Pai e se afastaram, pelo pecado, para regiões muito distantes de Deus, dissipando a preciosa herança das graças divinas, até ficar reduzido à extrema miséria espiritual. Passam a mendigar no mundo, que é um amo duro e cruel, as bolotas das falsas honras e prazeres, os sobejos dos porcos, que são os vícios e as paixões desenfreadas, os quais sepultam no Inferno um considerável número de almas, tornando infrutíferos o Sangue e os méritos de meu Filho Redentor.

"Este bom e amoroso Pai, contudo, sai diariamente do Sacrário para penetrar nos corações purificados e limpos, donde Ele estende sua amorosa vista ao longe, na expectativa de ver chegar Seus filhos pródigos, a fim de recebê-los de braços abertos e, uma vez reconciliados e lavados no santo Tribunal da Penitência, fazê-los voltar à Sua amizade, com a posse da vida da graça e dos inúmeros bens reservados para o Reino dos Céus.

"Em vista precisamente da reconquista desses filhos pródigos estabeleceu Nosso Senhor a vida contemplativa em sua Igreja, para que Suas almas prediletas, escondidas de todo olhar humano, desconhecidas, esquecidas e muitas vezes desprezadas, fossem mediante a oração incessante e a penitência, em toda forma e circunstância da vida monacal, apóstolos ativos e fervorosos.

"Ai das almas religiosas que incautas e ociosas não querem cumprir, por vis covardias, sua sublime missão! Não terão escusa no Tribunal divino. Ali se lhes recompensarão almas salvas e se castigarão pelas que, por omissão sua naquela vinha do Senhor, se perderem.

"Ponhamos agora em vergonhosa fuga as legiões infernais que se atre-

veram arrebatar aquelas almas a Deus".

O esplendoroso cortejo vai às casas das duas famílias

Ditas estas palavras, dirigiram-Se Suas Majestades, com o celestial séquito e a humilde Madre Mariana, para as casas das duas famílias.

A santa religiosa, com a luz que alumiava em seu coração a pequena cruz presenteada pelo Divino Infante, viu minuciosa-mente as consciências daquelas almas. Discerniu a sutileza com que os demônios trabalhavam para impedir a mútua reconciliação, semeando no entendimento dos pais e mães mil temores infundados, renovando ressentimentos e fazendo-lhes crer que o próprio ato de reconciliação era como uma montanha de impossibilidade, difícil de ser galgada. O amor próprio fazia-os resistirem, para não terem de se humilhar, apegados à nobreza e riqueza de suas casas. Tudo era dúvida, perplexidade, aborrecimento e desgosto, até entre os próprios membros da mesma família. Em suma, nunca se sentiram tão incomodados e estiveram tão molestos como naquela tarde e noite.

Nesse contexto fulgurou a lua celeste do Rei do Céu, que repousava nos braços de sua Mãe, Maria Santíssima Rainha, acompanhados da celestial comitiva e da predileta de Seus Corações.

Os demônios ficaram estupefatos e aterrorizados quiseram fugir, mas não puderam, porque o Príncipe São Miguel os ata-lhou:

"Malditas, desventuradas e invejosas legiões, mando em nome do Verbo Divino e de Sua Virgem Mãe, nossa Rainha, que permaneçais aqui, até que uma humilde serva do Senhor vos precipite no abismo profundo. Pois vossa luciferina soberba deve ser humilhada pela natureza humana, que, amando a nosso Deus, rivaliza com a angélica natureza. Enquanto os Espíritos Angélicos, que humildes adoraram o Verbo feito carne, comprazem-se em favorecer e servir a esses servos do Senhor, prodigalizando-Lhes cuidados em sua vida terrena, até conduzi-los ao Céu, onde gozam a Deus em sua companhia, louvando as misericórdias que o Senhor neles realizou".

Ao ouvirem a imperiosa voz do Chefe e Príncipe da Milícia Angélica, tremeram as hostes infernais e soltaram um alarido tão terrível que parecia retumbar no universo inteiro. E virando-se os demônios para a luz que os eclipsava, viram-se em presença de Jesus Cristo, de sua Virgem Mãe e da humilde monja concepcionista, elevada a tanta honra em virtude de uma vida inteira de sacrifício incessante e de vitórias alcançadas sobre eles. E

isto os enfurecia sobremaneira, sendo o motivo desse ódio que lhe tinham, não tendo eles poupado nenhum esforço no afã de derrubá-la ao solo pelo pecado, o que, porém, jamais conseguiram. Ao vê-la, quiseram Iançar-se sobre ela, pois não conseguindo causar-lhe dano à alma, queriam pelo menos tirar-lhe a vida.

O exorcismo de Madre Mariana

Neste ínterim, o Menino Jesus proferiu estas palavras "Minha dileta esposa, a força divina te sustenta. Levanta-te sobre ti mesma e ordena a estas asquerosas e impotentes legiões que deixem livres estas almas e desçam ao abismo profundo, reconhecendo-se débeis ante as criaturas humanas que fiéis servem a seu Deus e Senhor".

Com estas palavras o coração de Madre Mariana encheu-se de uma fortaleza indizível e, fixando os demônios com severidade e desprezo, disse: "Espíritos malígnos e repugnantes, que por vossa soberba luciferina caístes do Céu, onde o Senhor vos criou belíssimos, para o abismo profundo, transformados pela Justiça de Deus em feíssimos demônios, condenados a sofrer por toda a eternidade o fogo aceso pela Ira de Deus!

"Eu, pobre e débil criatura, que me glorio de servir a meu Deus e Senhor, obedecendo-Lhe com agrado em tudo quanto Ele me manda e amando-O com todo meu ser tão pequeno, aborreço-vos com o aborrecimento com que meu Deus vos aborrece, por causa de vossa insubordinação.

"E lamentando por haverdes arrebatado tantas almas a Deus, que é o único Senhor, eu ordeno: — Em nome do Augusto Mistério da Santíssima Trindade; da Presença Real de Jesus Cristo na Hóstia Consagrada; do Mistério da Conceição Imaculada de Maria Santíssima, de Quem tenho a ventura de ser filha; e em nome também de sua Puríssima e Integérrima Virgindade e Maternidade Divina, sendo Virgem Puríssima antes do parto, no parto e depois do parto, ordeno que deixeis livres a estas duas famílias, para que dêem glória a Sua Divina Majestade, no cumprimento da santíssima vontade de Deus. E descei vós ao averno profundo, vossa morada sempiterna, fugindo derrotados para vossa maior ignomínia. Que vos sirva de maior tormento a Cruz Redentora, que com gosto ostento em meu coração, tendo eu vivido alegre nela cravada". E fez o sinal da Cruz.

No mesmo instante, dando horríveis bramidos e mordendo-se uns aos outros, precipitaram-se os entes malditos no centro da terra. Produziu isto um tal terremoto que os habitantes da cidade, alarmados, puseram-se a

clamar por misericórdia, julgando que o vulcão Pichincha ia soterrá-los. O Senhor Bispo mandou que se rezasse em todas as igrejas da cidade.

As duas famílias, porém, que andavam tão molestadas nas respectivas casas, acalmaram-se em seguida. Cada qual reuniu-se com toda a criadagem para rezar o santo Rosário, advindo uma inalterável paz e tranquilidade. E os criados comentavam: "Como foi bom esse tremor de terra, para que os nossos amos se acalmassem! Eles já se iam tornando insuportáveis!"

Ação de graças — Encerra-se a visão

Depois de pôr as hostes infernais em vergonhosa fuga, Madre Mariana voltou os olhos a Jesus Cristo e a sua Mãe, e Lhes disse: "Amores meus dulcíssimos, graças Vos dou pelos insígnes benefícios que a cada passo me dispensais. Sendo eu pobre e débil mulher, nada posso fazer para retribuí-Los, senão humilhar-me e, cheia de amorosa e profunda gratidão, entregar-Vos todo meu ser para que disponhais de mim como Vos aprouver. E enquanto viver peregrina nesta terra de pranto e dor, esforçar-me-ei por conquistar almas para Vos presentear, juntamente com minha humilde, constante e incessante oração, como pedis a vossas almas religiosas.

"Mas para que possa fazer isto, dai-me a graça de o poder, eu por mim sou frágil e miserável, e nada de bom consigo fazer. Valham-me, contudo, vosso poder. Sangue e méritos, e a in-tercessão poderosa de minha Santíssima Mãe, sob cujo manto quero viver no tempo e na eternidade, esperando em tudo sucessos felizes".

Respondeu-Lhe a Santíssima Virgem: "Filha querida, prossegue valorosa tua carreira. Aqui estamos contigo para precaver-te da fúria infernal. Nada temas. Recebe a benção que te dou com meu Filho Santíssimo". E abençoando-a com o Divino Infante, a visão desapareceu.

Quito retorna à calma

Ao recuperar os sentidos Madre Mariana viu que todas as monjas estavam em torno dela e clamavam a Deus misericórdia. Pediam em altas vozes que protegesse a cidade do terremoto ameaçador, pois a atmosfera estava ainda escura e triste. A Madre serenou-as dizendo: "Acalmai-vos, minhas filhas, nada acontecerá, bendizei as misericórdias do Senhor e de sua Santíssima Mãe".

Como as religiosas conheciam de sobejo a santidade de sua Madre Fundadora, logo se acalmaram. Da rua também acorriam pessoas para pedir à santa Fundadora que obtivesse de Deus o não mandar o terremoto. Voltavam todos tranquilizados com a resposta da Madre, e a cidade retornou a calma.

O Bispo enviou-lhe uma carta sobre o caso, pedindo-lhe que instasse junto ao Senhor para que Ele perdoasse o Seu povo e o livrasse do flagelo do terremoto. Ela respondeu imediatamente dizendo-lhe que não se preocupasse, porque não havia nenhum perigo. O Prelado então sossegou e resolveu ir falar no dia seguinte com a Madre, pressentindo ter-se passado algo de extraordinário.

A reconciliação

Quando o dia amanheceu, o Sr. Miguel com sua esposa, Francisca, e seus cinco filhos foram logo ao Convento, às nove horas, para se anteciparem à outra família. Vinte minutos depois, esta chegou pressurosa, pois desejavam também ser os primeiros.

O Sr. José, Da. Joaquina, sua esposa, e seus quatro filhos se dirigiram ao parlatório e bateram à porta. De dentro ouviu-se: “Entrem!" Adiantaram-se e ficaram todos imóveis.

Madre Mariana tomou então a palavra e disse: "Meus caros amigos, a paz do Menino de Belém esteja convosco. Saudai-vos com o afeto nascido do fundo do coração, porquanto já está tudo terminado e esquecido e nenhuma das partes conserva lembrança das ofensas, nem guarda ressentimentos. Não é verdade?"

E os pais e as mães e os filhos todos cumprimentaram-se: "Muito bom dia, José!" — "Muito bom o tenha, Miguel!" E o mesmo entre as senhoras e os filhos. Sentaram-se juntos, perguntando com vivo interesse, como após longa ausência, pela saúde etc.

Madre Mariana orava por eles e viu descer sobre as famílias uma luz que acendia naqueles corações o afeto e a ternura, deixando-os tranquilos e alegres de voltaram ao convívio.

O Sr. José e Da. Joaquinita dirigiram ao outro casal as seguintes palavras:

— "Vamos, por fim, ao assunto que nos faz aqui, a fim de tornarmos sólida nossa amizade. Por descuido dos criados, mais do que por má vontade nossa, morreram em nossa fazenda um cavalo e duas cabeças de gado de vossa propriedade. Foi esta a única causa de nossa inimizade, que levamos ao extremo de um pensar em matar o outro, com tamanho escândalo para a cidade.

— "Mas hoje, que Deus tocou nossos corações para fazermos esta tão necessária reconciliação, peço-vos, meu caro Miguel, Senhora e filhos, que nos perdoeis a todos por tantos incômodos causados com nossas murmurações, desprezos e injúrias. Facilmente poderíamos ter evitado tudo isto apenas com a entrega de outro cavalo semelhante e duas cabeças de gado: seria a paga dos animais mortos. Infelizmente não o fizemos naquela ocasião. Já estão, porém, separados três cavalos e seis cabeças de gado para ser-vos entregues. Tende a bondade de aceitá-los como prova de amor, para o reatarmos com redobrado afeto a nossa antiga amizade".

— "Oh não! meu idolatrado José, oh não! — retorquiu imediatamente o Sr. Miguel, esquecidos estão esses animais que morreram, pelos quais arriscamos perder nossas almas. Não me fales mais sobre esse particular. Eu tenho a culpa, eu e minha família, por havermo-nos irritado a ponto de pôr em perigo nossas almas, somente por causa de três animais que nunca nos fizeram falta. Foi o demônio que atiçou o ódio mútuo para fazer-nos desgraçados na terra e na eternidade. Asseguro-te que tudo está esquecido.

"Perdoai-nos tu e toda tua família, a mim e a minha família por tanta ruindade. A partir de hoje queremos que nossas relações não sejam apenas de amigos, mas de membros de uma mesma família, sendo vossos os meus haveres. Se me atenderdes nisto, crerei em vossa reconciliação. Do contrário, eu a porei em dúvida e me retrairei".

— "Seja como dizes, meu idolatrado Miguel. Aceito apenas para satisfazer-te e dar prova de meu verdadeiro afeto. Todas as mágoas passaram e as nossas famílias se quererão mais do que antes".

— "Sim, sim" — confirmaram todos.

E encerrou-se assim uma odiosa desavença de anos. Era fim de agosto do ano de 1634.

Logo se soube que para a festa de São Miguel foi convidada a família do Sr. José, o qual enviou naquele dia, desde cedo, valiosos presentes ao Sr. Miguel. Eles já não se tratavam mais como simples amigos, mas como pes-

soas da mesma casa. A tal ponto chegou o afeto recíproco que dois filhos do Sr. José contraíram matrimônio com duas filhas do Sr. Miguel, com alegria para ambas as famílias. Viveram entre si uma felicidade estável e permanente, e edificaram em dobro a cidade antes tão escandalizada.

Depois do mútuo perdão, Madre Mariana felicitou as duas famílias pela sua docilidade à voz de Deus e prometeu-lhes que a paz e a felicidade seriam duradouras entre elas. E essa harmonia, começada na terra, continuaria no Céu, onde ela os esperaria e de onde velaria com solicitude por eles.

Agradeceram todos à Madre, reconhecendo ser ela a causa da feliz reconciliação. Disseram que pediriam ao Senhor que lhe conservasse a vida, para o bem e consolo da cidade. Ela sorriu dizendo:

"Minha alma enclausurada no cárcere do meu corpo faz violência para sair e voar à região feliz". Aconselhou-os que se preparassem para a Confissão e Comunhão, que ela queria fossem feitas na igreja do Convento.

— "É muito justo, concordaram todos a uma voz. Comun-garemos aqui e sem tardança".

E como prometeram, cumpriram. A partir de então as duas famílias foram exemplo e modelo de piedade no tocante a frequência aos Sacramentos da Confissão e Comunhão. Pediram perdão igualmente ao Senhor Bispo pelos sofrimentos a ele causados, não dando ouvidos à voz do seu Pastor e Pai, que tantas vezes os havia advertido.

* * *

Vêde, caro leitor, os prodígios de bondosa ternura que Deus proporciona aos Seus fiéis servidores. Minha santa irmã amou e serviu ao Senhor durante toda sua vida, sem decair do fervor primitivo, alicerçado sobre o sólido fundamento da humildade mais autêntica.

Oh! com que diligência e esmero devemos imitá-lo! Sem a pretensão, contudo, de seguí-la na via tão extraordinária por ela percorrida, menos ainda nos favores e manifestações com que foi galardoada, se não quisermos passar por temerários e cair nas falsas ilusões que, mais de uma vez, perderam almas incautas que se meteram em caminhos extraordinários sem a isto serem chamadas e predestinadas por Deus. Devemos ter presente

que a alma caminha com segurança pelas vias comuns da graça, através do sofrimento e do amor a Deus. Ao religioso ou à religiosa basta o exato e fiel cumprimento de sua santa Regra, dos Votos, Constituições e costumes monásticos, para se elevar a uma sublime santidade, sem jamais ter tido na vida visões, êxtases ou revelações.

De como o Bispo se inteirou da visão acima relatada

Na manhã do dia seguinte o Senhor Bispo foi ao Convento e chamou Madre Mariana ao confessionário:

— "Diga-me, Madre, porque V. Revda. permaneceu tão tranquila ontem, depois de semelhante tremor de terra? A meu ver, era Deus irado com esta ingrata cidade que estava para castigá-la com o flagelo do terremoto, fazendo o grande Pichincha nos soterrar. Não lhe parece?

— "Não, Excelência. Certamente os pecados se multiplicam e pedem que a Justiça Divina descarregue Seu braço irado; mas, por outro lado, trabalha-se para que as almas voltem a ser todas de Deus.

"O tremor de terra tão forte de ontem foi produzido apenas pela ira satânica. V. Excelência deve saber que aquelas duas famílias em litígio já se reconciliaram. O Coração terníssimo de nosso Deus e Senhor amorosíssimo não pôde retardar por mais tempo o atendimento dos desejos de V. Excelência, que por elas tanto sofreu; e ouvindo as fervorosas súplicas de V. Excelência, tocou os corações daqueles filhos pródigos, abriu-lhes seus braços paternais e estreitou-os contra Seu divino Coração, todo fogo de divina Caridade. As famílias já estiveram com V. Excelência para dar a notícia alvissareira e pedir mil perdões pelo desgosto que causaram durante tanto tempo.

"As legiões diabólicas quiseram impedir até a última hora essa reconciliação, através de mil e mil artimanhas. Mas Deus Nosso Senhor, poderoso como é, triunfou, pondo em vergonhosa fuga as hostes infernais. Louvemos Seu amor misericordioso em favor de nossos irmãos, os pobres pecadores".

— "Como Prelado e Pai, Madre — volveu o Bispo — ordeno em nome da santa obediência, que me relate tudo que aconteceu a respeito".

A humilíssima e santa espanhola, com candura de criança, obedeceu ao Prelado, que representava a Deus, e contou todo o sucedido.

O Bispo, um varão de Deus, conheceu então que as conversões foram operadas tão-somente pelo trabalho, virtude e o trato íntimo dessa humilde religiosa com Deus. Agradeceu-lhe, suplicando que não se esquecesse em suas orações de tantos pecadores que jazem há anos sepultados em seus vícios. E acrescentou: "Madre, eu quisera que V. Revda. insistisse junto à Bondade Divina para que a conservasse por mais algum tempo nesta terra, a fim de me ajudar, a partir dos silenciosos muros do claustro, a salvar almas. Este é o maior presente que podemos dar a nosso Deus".

— "Excelência, explicou sem demora a humilde religiosa, já se prolonga por muito tempo o meu desterro, e minha alma já anseia por respirar os ares da Pátria Celeste. Contados estão os dias de cada criatura e os meus terminarão a 16 de janeiro do próximo ano. É esta a vontade de nosso Criador, e nós, pobres criaturas, não podemos opor resistência. Do Céu velarei por esta pátria e cidade, onde recebi tantos favores de Deus, apesar de minha indignidade. Rogue V. Excelência ao Senhor que, caritativo e bondoso, não dilate a noite de minha morte, mas amanheça o quanto antes para mim o dia eterno".

Entristeceu-se muito o Bispo e despediu-se dela, manifestando-lhe o propósito de visitá-la, sempre que possível. Pediu-lhe que se lembrasse dele, diante de Deus Nosso Senhor, porque o Prelado é a pessoa mais necessitada de todas, pela enorme responsabilidade que possui sobre tantas almas confinadas a seu cuidado. E se é verdade — como dizia o Santo Jó — que mesmo pela própria alma é difícil responder, ele não saberia, no Tribunal divino, a uma só das acusações formuladas pelo Juiz Supremo com que dar satisfação.

A fama de Madre Mariana de Jesus estende-se pela Colônia e fora dela

A reconciliação das duas famílias tão inimigas produziu tal repercussão que os ecos chegaram às vizinhanças, às outras partes da Colônia e até mesmo fora dela.

Choviam as cartas, pedindo recomendações para mil e uma necessidades, dirigidas a humilde religiosa concepcionista, a qual, perplexa, dizia a suas filhas e irmãs com essa naturalidade própria dos santos:

"Olhem, minhas filhas, como é fragrante o aroma da caridade fraterna. É verdade que a reconciliação das duas famílias foi obtida, mas é de se admirar que o povo bom e simples se dirija a mim, como se fosse eu a autora

disto. Vejam que coisa engraçada. Fostes vós, com as orações, que fizestes tudo. Eu apenas me apoiei nas orações.

"E depois é nossa obrigação rigorosa não somente rezar pela conversão e salvação das almas dos nossos pobres irmãos pecadores, também de sacrificarmo-nos e oferecermos nossas vidas. Essa é a obrigação de consciência que pesa sobre as enclausuradas e prediletas esposas de Jesus Cristo. Não fizemos outra coisa que cumprir o dever".

E lia junto com suas irmãs essas incontáveis cartas. E vendo tantos assuntos graves e tantas necessidades carentes de remédio, Madre Mariana se condoía e derramava muitas lágrimas: "Meu Deus, meu Deus — exclamava — quantas aflições reais pesam como chumbo sobre o pobre coração humano! Ai, minhas filhas, quanto nós, religiosas, devemos ser agradecidas à Bondade Divina, que nos segregou do bulício do mundo e nos colocou sob o abrigo dos sagrados muros, preservando-nos de muitíssimas amarguras, cheias de responsabilidade, que agravam a consciência e põem as almas em risco imediato de perdição.

"Aqui na vida religiosa é nada o que se sofre, em comparação com os sofrimentos tão complicados do mundo. Além do mais, nossas pequenas mágoas tem um valor imenso diante de Deus, enquanto as dores sofridas no mundo o tem muito menos. Essa diferença reside no fato de nós termos abraçado o estado perfeito, seguindo os conselhos envagélicos, permanecendo e vivendo muito próximas de Jesus Cristo, ocupadas somente em adquirir méritos e virtudes para o Céu, o único e essencial negócio de verdadeira importância. Quanto aos do mundo — "pobrecitos"! — mesmo os bons são obrigados a se distrair em muitas coisas, como adquirir bens para garantir o futuro dos filhos e da família; e isto por dever de consciência.

"Nossa sublime ocupação aqui é adquirir e entesourar riquezas para a própria alma; e por conseguinte legar uma grande quantidade de exemplos e sólidas virtudes às nossas filhas vindouras, que no transcurso dos tempos povoarão estes claustros para serem esposas fiéis de Nosso Senhor Jesus Cristo e almas vítimas que, associando-se à Vítima Eucarística, sustentem o braço irado da Justiça Divina".

No século das luzes...

"Porque em todos os tempos estas regiões serão culpadas, sejam como Colônia atualmente, sejam, mais tarde, como república livre — e nessa época então muito mais culpadas, porque o demônio se aproveitará do sé-

culo das luzes para propagar sua maldade, com a corrupção quase geral dos costumes, a fim de perder as almas. Valer-se-á de homens incautos, que fará cair em suas redes, e desviará da verdade várias inteligências, roubando a Deus tantos cérebros que, tivessem continuado na verdade da Igreja Católica Apostólica Romana, teriam sido seu sustentáculo naqueles ímpios tempos da república.

"A bondade divina suscitará neste nosso claustro querido almas que, provadas física e moralmente com enfermidades humilhantes e ao mesmo tempo dolorosas, tomarão sobre si a conversão de várias almas pecadoras. Com orações perseverantes, com a humildade e heroicos sacrifícios, às vezes com insinuações persistentes, conseguirão a alguns pecadores tirar da senda errada ainda em vida, e a outros somente na última hora. Sem essas almas religiosas, eles teriam rolado de abismo em abismo, e sequer no último transe ter-se-iam voltado para Deus.

"Serão almas inteiramente ocultas a todo olhar humano e, vivendo aqui, no seio mesmo de sua Comunidade ninguém se dará conta delas. Por disposição da Providência Divina, receberão humilhações, sofrimentos e desprezos, da parte de suas irmãs e Superioras, pela própria prática das virtudes religiosas em grau perfeito.

"Ó minhas filhas e irmãs, quanto devemos regozijar-nos de ter no decorrer dos séculos tais irmãs! Dou por muito bem empregados os padecimentos, cárceres e perseguições que me advieram com a fundação deste Convento, onde Jesus Cristo, o Esposo que Se deleita entre lírios e açucenas, Se alegrará por encontrar flores tão preciosas e ocultas violetas, quando no desgraçado mundo daqueles tempos de iniquidade não haverá senão vícios, corrupção e degradação".

Assim conversava a santa monja espanhola com suas filhas nos últimos dias de vida.

Veremos mais adiante o seu admirável testamento, no qual legou ao Convento a expressão do aspecto mais heroico e perfeito de sua santidade. A mim soa esse texto como um harmonioso e melífluo canto de cisne, ao encerrar sua vida.

Oh! quanto me comprazo eu também — em união com a santa Fundadora — com essas religiosas, minhas irmãs, que povoarão estes benditos claustros. Quisera eu, se fosse da vontade de Deus, viver para aspirar-lhes o extraordinário perfume e introduzir-me no interior dessas belas almas!

— Capítulo XVIII —

Enfermidade e morte de Madre Francisca dos Anjos — Novas graças que Deus concede a Madre Mariana

Conforme já dissemos, Madre Francisca dos Anjos passou por enorme purificação três meses antes de dormir o sono dos justos. Nesse período, Madre Mariana ajudou aquela sofrida alma em sua purificação (ou purgatório), ora com humildes e fervorosas orações, ora com penitências e conselhos. A maior parte do tempo disponível permanecia junto dela. Várias vezes, a fim de descansar, fazia-a reclinar a cabeça em seu ardoroso coração, em cujo pulsar ela encontrava consolo, alívio, numa palavra, recebia sufrágio, esta alma que se acrisolava durante os últimos dias mortais.

O relato de sua vida por extenso se encontra no "Cuadernon", tesouro precioso que o Mosteiro da Imaculada Conceição possui oculto. Por isso não narrarei aqui todos os pormenores dos últimos três meses de sua preciosa existência. Direi apenas algo que se relaciona com nossa Madre Mariana.

Provações contra a Fé

Nos profundos sofrimentos das tentações contra a Fé, sua alma sustentou uma luta que não comporta explicações: porque se a conhece pelo estudo e pela prática, mas sabe-se mais ainda quando se viveu pessoalmente esta purificação, aparentemente tão cruel.

Madre Mariana via como o Celeste Esposo purificava as três potências da alma de Madre Francisca dos Anjos, que bem pode chamar, mártir. Apoderava-se delas tomando posse completa. E a rutilante luz da fé que ela possuía vivíssima e claríssima como um sol, Ele próprio velava com sua sombra, tornando-a obscura.

Daí provinham os martírios desta santa criatura, que em completa escuridão batalhava por crer. Não a alumiava a menor réstia de luz, em tudo quanto dissesse respeito aos Mistérios de nossa santa Religião, aos Dogmas de Fé, aos novíssimos, a tudo, enfim. Pelo contrário, parecia-lhe que nada disso era verdade. Luta tão acerba, que ela padecia, dir-se-ia não apenas o purgatório, mas o próprio inferno.

Se decidia entregar-se a oração mental, alimento seu predileto e paixão dominante desta alma de êxtase — agraciada inclusive pelo Senhor com a secreta estigmatização em vida das cinco chagas (nas mãos, pés e flanco) — esse exercício da piedade em que ela sempre encontrava luz, alívio e consolo, mesmo no mais terrível das amarguras, agora já nada podia: era como uma pedra dura e fria aos pés do Deus dos Céus e da terra.

Acorria ao Sacrário e no fundo da alma parecia ouvir somente isto: "Neste pequeno depósito de madeira não existe Deus. Ele só vive no Céu e o Céu não foi feito para ti, pobre e débil mulher". Se se acercava da Comunhão para alimentar-se com o Pão dos fortes, vinha-lhe a ideia de que ela só fazia comunhões sacrílegas, e desta forma tudo aumentava sua dor.

Estes pensamentos eram silvos da serpente traidora, que, sob a forma de uma cobra negra de duas varas (2,2m) de com-primento, não a deixava nem de dia nem de noite, nem um só instante. Seguia-a à distância de três varas (3,3m). A maldita serpente queria aproximar-se e enroscar-se no corpo da serva de Deus para atormentá-la mais de perto e com maior crueldade; isto, porém, não consentiu o amor indizível que o Senhor nutria por aquela alma privilegiada e justa.

Ela havia sido em toda a vida entusiasta do Mistério da Santíssima Trindade. Por isto as Três Divinas Pessoas dispuseram que ela se purificasse desta maneira, por meio do maldito satanás, mas a três varas de distância, sem tocá-la. Assim o viu Madre Mariana e relatou posteriormente.

E como nada dessas provações interiores era oculto à santa Priora, ela a tudo atendia com inigualável dedicação e indizível cuidado. Rogava incansável a seu Deus e Senhor e à Sua San-tíssima Mãe que dessem uma graça e força especialíssimas àquela alma querida para que esse purgatório fosse simultaneamente meritório para sua ditosa eternidade.

Albores da bem-aventurança

No dia 24 de setembro Madre Francisca viu-se obrigada a guardar o leito, em razão de um forte desmaio que sofreu às nove horas da manhã quando saía de sua oração. Caiu no claustro inferior, depois de deixar o coro, e teve de ser transportada por Madre Mariana e as demais freiras. Quando recuperou os sentidos, sentiu-se muito mal. Não havia membro do corpo que não lhe doesse, agravado tudo ainda com a forte queda.

Pessoalmente e sempre que podia, de joelhos, Madre Mariana aplicava os remédios, com aquela ternura e amor maternais encerrados em seu puro e fervoroso coração, pronunciando ao mesmo tempo palavras de alento e consolo, como sabem fazer os santos, cujos corações transbordam do amor de Deus. Isto dava a Madre Francisca muito alívio em meio a tão profunda dor.

Dia a dia, sua saúde ia declinando. Lentamente, a sua preciosa existência material se extinguia, à maneira como o azeite se consome na lâmpada solitária que arde em presença de Jesus Eucarístico.

A fisionomia desta virgem prudente era doce, aprazível e cheia de atração para todas as suas irmãs, que se disputavam para prestar-lhe os últimos serviços. A santa enferma recebia agradecida os préstimos, admirando-se que tanto se fizesse por ela, pois não se tinha em conta de nada.

Na noite de 30 de setembro foi acometida de um tremor geral em todo o corpo. Deitou grande quantidade de sangue pela boca, olhos e narinas. Apareceram então visíveis em suas mãos, pés e flanco as chagas impressas pelo Senhor e que até então se conservavam ocultas.

Durante toda a noite, Madre Mariana não saiu de seu lado, sempre junta ao leito da santa enferma. Rezou ali sua oração habitual da meia-noite, ocasião em que o Senhor lhe mostrou a alma completamente purificada de Madre Francisca. Ela se regozijava ao ver a beleza sublime e absolutamente inimaginável nesta terra de uma alma já na graça de Deus e ordenada a en-

trar em breve no Céu.

A uma hora da manhã, teminadas as orações. Madre Mariana olhou para ela e a chamou com voz branda, mas sua querida e santa enferma dormia profundamente. Às duas horas da manhã exalou um profundo suspiro e abriu os olhos, belos e penetrantes, fixando-os com amorosa ternura em Madre Mariana. Esta lhe apresentou uma bebida receitada pelo médico, que ela tomou com um amável sorriso. Estreitou contra seu coração a mão de Madre Mariana, que lhe perguntou:

- "Como se sente, Madre?"

— "Já pressinto o fim de minha existência terrena, mas minha alma a tenho, finalmente, em completa tranquilidade. Bendito seja Deus, que já termina meu purgatório. Disse-me meu Seráfico e Chagado Pai que no dia quatro, data em que ele morreu, morrerei também eu, e entrarei no Céu para louvar ao Senhor em sua companhia — notícia que me deixa ébria de gozo. Descanse agora V. Revda. um momento, para recuperar as forças e poder assistir ao Ofício Parvo, que foi, é e será a sustentação de nosso Convento."

Madre Mariana alegrou-se em extremo com o fato de que aquela alma tão querida gozasse de inalterável paz. Deixando-a em profundo e tranquilo sono, retirou-se para a outra extremidade da enfermaria — onde se encontrava a sua querida enferma, conforme prescreve a Regra — e ali descansou até perto das quatro da manhã, quando se dirigiu ao coro para a recitação do Ofício Parvo, que, com sua Comunidade, rezou com crescente fervor.

Cerimonial para se morrer

Madre Francisca se consumia pouco a pouco. Chegou afinal o dia desejado havia tanto tempo: 4 de outubro. Às nove da manhã recebeu o santo Viático e a Extrema Unção com um fervor edificante. Pediu perdão em plena comunidade, que junto dela estava, por todos os maus exemplos que houvesse dado.

Oh! quanto desejaria transcrever aqui suas ternas, humildes e edificantes palavras, para o deleite de minhas irmãs concepcionistas! Mas eu me desviaria muito da vida que estou escrevendo; limito-me a indicar que essa leitura se encontra no precioso "Cuadernón", que as religiosas concepcionistas de Quito possuem em seu Convento. Aqui narro apenas o que é mais necessário.

Em cumprimento da santa Regra, nossa enferma fez a entrega total de todos os utensílios de seu uso, inclusive os instrumentos de penitência, excetuados alguns, que pediu, nesse momento, licença expressa à Superiora para dar a algumas religiosas que lhe haviam solicitado. Rogou igualmente que outros fossem postos em seu cadáver, para permanecer na obscuridade da tumba ornada com as joias próprias da esposa de Jesus Crucificado e filha do penitentíssimo e Chagado Pai, o Serafim de Assis.

Pediu em seguida, por caridade, um local do Convento para seus restos mortais, bem como um hábito, o mais velho, para mortalha.

Recebidos todos os Sacramentos, sua alma parecia estar submersa em doce e tranquila contemplação. Bela em sua fi-sionomia; do aspecto pálido que lhe conferira o rigor das amarguras, no período de sua purificação, rejuvenesceu e tornou-se rosada .

Ninguém ousava interrompê-la, mas passava já a hora de se ministrar uma poção receitada pelo médico e as monjas dese-javam muitíssimo a conservação de tão preciosa vida, não querendo omitir nenhum recurso para consegui-lo. Foram então até a Abadessa, que se aproximou de sua querida enferma, tocou-lhe nos ombros chamando-a. Ela abriu os olhos azuis, límpidos como o azulado firmamento e respondeu: "Madre, aqui me tendes. Que quereis dizer a sua filha?"

A Superiora disse: "Madre e irmã querida, desejamos todas suas filhas que V. Revda. tome o remédio receitado pelo médico, porque já é passada a hora".

Prontamente respondeu a enferma: "Está bem, Madre, Deus vos recompense por tanta caridade. Não posso vos pagar aqui na terra, mas há o Céu e de lá velarei pelas mais queridas".

Tomou com agrado o elixir receitado. A partir de então pareceu reanimar-se. Sem nenhuma dificuldade movimentava-se por si mesma e respondia sem fadiga a tudo quanto lhe perguntavam as irmãs. Recomendava-se às suas orações, prometendo lembrar-se delas na Pátria do Céu, aonde iria dentro de poucas horas.

Últimas exortações — A morte

Ouvindo isto, uma das monjas lhe indagou: "Madre querida, deixai-nos

órfãs hoje mesmo?"

Respondeu-lhe: "Hoje mesmo, filha querida. Deixando o desterro penetro na Pátria. Que felicidade! Assim me prometeu meu Seráfico Pai São Francisco, cuja festa hoje celebramos.

"Porém não ficais órfãs. Não, Nossa Senhora do Bom Sucesso é vossa Mãe. Aqui vossas Fundadoras A deixamos para que vele por vós, por nosso Convento, pelas famílias das religiosas por nossos benfeitores até o ultimo dia dos tempos. Amai-A, venerai-A e não permitais que se obscureça nem decaia o seu culto. Sobretudo imitai-lhe todas as virtudes, especialmente sua humildade, sua vida puríssima e inocentíssima e seu ardente amor a Deus.

"Filhas de meu coração e irmãs minhas muito queridas recomendo-vos com sumo interesse e vos ordeno, como Fundadora deste nosso Convento, que ameis a santa observância da Regra, bem como este lugar que vos legaram vossas Fundadoras e que conservamos à custa de tantas lágrimas, sofrimentos e privações!

"Amais a recitação do Ofício Parvo às quatro horas da manhã conforme deixamos estabelecido, porque haveis de saber que este santo costume e devoção é a sustentação da vida monástica, é por efeito dele que o Mosteiro se proverá de boas e sólidas vocações para a renovação e continuidade do quadro das religiosas; ele que conservará este nosso Convento, constituindo o muro impenetrável erguido contra todos os esforços da impiedade, que esgotará seus meios para o destruir.

"Tende presente que vossas Fundadoras não abandonamos jamais o Ofício Parvo, e mesmo encarceradas o rezávamos com sumo fervor, por nos ter manifestado a Bondade Divina que esta simples prática dá muita glória a Deus e à nossa Mãe Imaculada, bem como livra a cidade de crimes e desgraças, arranca muitas almas do pecado mediante secretas inspirações da graça, e atrai os desvelos especiais de Deus sobre o Convento, o qual adquire assim uma espécie de direito e uma singular e contínua proteção da Divina Providência em toda necessidade material e moral, tanto da Comunidade como de cada religiosa em particular, e também de suas famílias e dos benfeitores do Mosteiro.

"Por isso rogo-vos que continueis transmitindo de geração em geração tudo que vos digo em meu leito de morte, a fim de que minhas filhas e irmãs de todos os tempos o saibam e, cuidadosas, cumpram tudo quanto suas Fundadoras dispusemos e ordenamos para sua felicidade temporal e eterna. Destas práticas, à primeira vista tão simples, depende a perfeição religiosa

e monástica".

Às três horas da tarde exauriram-se completamente suas forças vitais, mas até expirar não perdeu o uso da língua que só empregava em dizer jaculatórias com notável fervor.

Por fim, às cinco horas da tarde em ponto, do dia 4 de outubro do ano de 1634, aquela alma seráfica entregou seu espírito ao Criador. As últimas palavras que dela se ouviram foram: Deus meu, em vossas mãos encomendo meu espírito!"

* * *

Uma vez morta Madre Francisca, Madre Mariana — que não deixara um momento a cela de sua querida enferma e permanecera de joelhos a seu lado enquanto expirava — levantou-se após oscular o chão e amortalhou aquele bendito cadáver com devoção e amor fraterno, derramando sobre ele uma torrente de lágrimas.

Todas as monjas sentiram uma dor amarga pela separação de sua Fundadora. Consolavam-se umas às outras por terem ainda Madre Mariana, mas se diziam: "Ai! Ela também logo nos deixará!

Das penas que, no Purgatório, são infligidas às almas religiosas

Madre Mariana, depois de cumpridos com escrúpulo religioso os sufrágios de obrigação por esta sua querida irmã, que cumulada de muitos méritos havia passado do tempo para a feliz eternidade, viu-se completamente só, porque todas suas santas companheiras Fundadoras haviam morrido. Não obstante seu ânimo varonil, como o leitor pode apreciar pela narração de sua vida, tinha ela também um coração sumamente sensível. Madre Francisca lhe fazia uma falta imensa, e quando isto lhe aumentava demasiado o espírito, voava ao pé do Sacrário e chorava como uma criança em presença de Jesus Sacramentado, que jamais deixava de consolá-la com afagos íntimos e verdadeiros que só Deus pode dar às almas fiéis que O servem com dedicação.

A partir desta ocasião Madre Mariana, redobrou seu fervor na observância monástica, na prática das virtudes religiosas que faziam dela um modelo acabado de religiosa perfeita. Sua vida, dir-se-ia mais de Anjo que humana, era o encanto de todas as monjas que a amavam com entusiasmo. O Convento era um verdadeiro Céu antecipado porque a caridade, rainha de todas as virtudes, tinha ali o seu trono, entre as filhas da Virgem Imaculada, Rainha da caridade.

No dia 2 de novembro de 1634 Madre Mariana rezava desde cedo, humildes e ao mesmo tempo exigentes orações. Pedia ao terníssimo Coração de seu Divino Esposo que aliviasse as penas das almas santas que se purificavam no lugar de expiação e que a um considerável número delas introduzisse por fim no Céu. Com este objetivo passou toda a noite, até as três horas da manhã, em oração e austera penitência.

Às quatro horas da manhã deu início com a Comunidade ao Ofício Parvo. Durante toda a recitação, enquanto orava, fez-lhe ver o Senhor as penas das almas santas que se purificavam.

Viu as penas do dano e dos sentidos, que eram infligidas com maior intensidade e profundidade aos Sacerdotes e pessoas religiosas do que àquelas do mundo. Foi-lhe manifestado que desta forma a Justiça Divina era glorificada, posto que os primeiros receberam mais luzes, graças e inspirações em virtude da sublimidade da vocação sacerdotal e religiosa, e a quem muito se dá muito se pedirá. Quanto aos segundos, foram menos beneficiados, pois embora a vida no século tenha também suas graças sublimíssimas, não são nada semelhantes às do estado perfeito.

Conheceu as penas peculiares às almas dos Sacerdotes que, pertencendo a uma Ordem religiosa, deixaram o convento para se filiarem ao Clero secular, pela única e verdadeira razão de não terem deitado raízes na humildade sólida, a única virtude que sustenta os frades e as monjas na vida religiosa.

Todo o resto não passa de vão pretextos para satisfazer a opinião do mundo. Essas almas perdem assim na eternidade muitíssimos graus de glória.

Foi-lhe revelado também o número de Sacerdotes que haveriam de se condenar, uns por apostasia, e outros por aviltarem sua divina vocação, corrompendo-se e morrendo em seu pecado. Viu ainda o purgatório e a minguada glória reservada àqueles dentre esse gênero de Sacerdotes que depois se arrependeriam, mudariam de vida e acabariam por se salvar.

Tudo isto constituiu para aquela alma seráfica uma profunda e amarga dor; novo espinho cravado por Jesus Cristo no coração desta grande alma para que, com seu sofrimento constante, desagravasse o Senhor pelos pecados de seus ministros e ache-gados.

Visão do Sagrado Coração de Jesus crivado de pequenos e pungentes espinhos

Chegada a hora de comungar, tão logo recebeu ela a Santa Hóstia viu a Jesus Cristo, nosso Bem, reclinado em seu coração, mas todo Ele feito uma chaga, e de modo especial o seu Santíssimo Coração, repleto de pequenos mas pungentes espinhos que O atormentavam com extraordinária crueldade. Com inefável ternura, Ele derramava um dilúvio de lágrimas, acompanhado de ternos lamentos e suspiros.

Madre Mariana estreitou-O em seu coração, com aquela ternura e adoração que nesta santa alma abrasavam por seu Dono e Senhor, e num frêmito de doloroso amor disse:

"Bem meu, Amor querido e adorado de minha alma, se sois servido, dizei-me: por que causa, ou causas, sofreia tão cruéis e íntimos martírios? Não foram bastantes os que padecestes em vossa amarguíssima e dolosíssima Paixão, na qual até o presente século não se fez referência a espinhos tão miúdos e em Vosso Coração? Os Santos Evangelistas só nos dizem de grossos e longos espinhos, com que Vos coroaram como Rei de irisão com tanta ignomínia? Vós sabeis que no longo curso de minha vida, Vos hei seguido muito de perto em cada um dos passos de vossa dolorosa Paixão, sofrendo conVosco à medida que me dáveis forças, e compartilhando as vossas dores internas e externas. Agora vejo vosso Divino Coração coalhado de pequenos espinhos, que Vos atomentam pertinazmente!"

Jesus Cristo olhou-a com amorosa ternura e lhe disse soltando um profundo suspiro:

"Ai, esposa querida! ai! este Coração tão ofendido por tantos espinhos cruéis e pequenos, como agora o vês, fica reservado para ser mostrado aos mortais por meio de uma alma religiosa de tua própria Família. Será depois de alguns séculos e quando ela for purificada com incríveis provações, que lhe enviarei por meio de suas próprias irmãs, dos Prelados e mesmo do público em geral. Oh! quanto me comprazo nela! Olha-a".

E Madre Mariana viu entre suas filhas essa feliz mensageira de Deus, que em tempo extremamente calamitoso, na sua solidão, a sós com Deus, santificava-se sob seu único olhar. Era o desprezo de suas irmãs e de todos quantos com ela tratavam, permanecendo do seu lado, entretanto. Sacerdotes, tanto do Clero secular como do regular, os quais, com luz divina, penetrando no interior de sua alma, conhecerão as maravilhosas obras de Deus, que pródigo em suas misericórdias, confia seus segredos e árduas empresas àqueles que o mundo despreza e reputa vis e estultos, pois estes são os simples a quem Deus se comunica.

Madre Mariana humilhou-se e submissa deu graças a seu Amado pelo insigne benefício feito em sua Casa e Família.

O significado dos espinhos miúdos

Nosso Senhor Jesus Cristo prosseguiu:

"Pois bem, estás vendo como estes pequenos espinhos Me pungem com crueldade. Faço-te saber que são eles as faltas graves e leves de meus Sacerdotes, seculares e religiosos, e de minhas almas religiosas, que tirarei do mundo para trazer aos claustros. Derramarei sobre elas uma chuva de graças espirituais, servindo-Me também de enfermidades graves e prolongadas a fim torná-las semelhantes a Mim. Mas elas, ingratas e sem coração, queixar-se-ão de minha amorosa Providência, considerar-Me-ão cruel para com elas, e, retirando-se de Mim com indiferença, deixar-Me-ão só.

"O espírito dessas almas minguará como uma flor murcha e secará e tornar-se-á inadequado para dar aroma no jardim de minha Mãe Imaculada para o qual foram chamadas. E cravarão com este ingrato proceder estes espinhos miúdos que ferem tão cruelmente meu Coração, todo ele amor e carinho para as minhas almas prediletas. Elas frustrarão ao mesmo tempo grandes desígnios que Eu possuía em relação a elas, ao prová-las daquela forma, porque a cruz e a tribulação são o patrimônio dos justos aqui na terra.

"Inculca a tuas filhas atuais o amor à cruz e ao sacrifício, para que o possam ir transmitindo de geração em geração, tanto neste meu querido Convento quanto na Ordem em geral, e também o amor à vocação religiosa e a observância regular, à caridade e o amor fraternos, bem como para com os pobres pecadores, e a fiel correspondência às inspirações da graça.

"Tempos haverá em que a doutrina será moeda corrente entre sábios e ignorantes, nos Sacerdotes e nos religiosos, e mesmo entre as pessoas comuns do povo. Serão escritos muitos livros. Mas a prática das virtudes e dessas doutrinas se encontrará apenas em almas contadas: esta será a causa de os santos se tornarem raros, e precisamente por isso os meus Sacerdotes e minhas religiosas cairão numa indiferença fatal, cujo gelo apagará o fogo do amor divino, afligindo meu Coração amoroso com estes pequenos espinhos que vês.

"Por esta razão quero que aqui haja almas nas quais Eu descanse das Minhas fadigas e nelas coloque minhas complacências. Suas vidas atribuladas e sacrificadas serão as mãos caridosas e compassivas que Me tirarão estes espinhos miúdos e Me darão o bálsamo de que necessito.

"Ai! Se soubesses, se te fosse dado compreender o intenso sofrimento interior que Me acompanhou desde a Encarnação no puríssimo seio de Minha Virgem Mãe até o momento em que Minha Alma saiu de Meu Corpo destroçado, cravado na Cruz — causado pela falta de correspondência ao dilúvio de graças que inunda os meus sacerdotes e as pessoas religiosas, e, em consequência, pelos pecados que eles cometem!"

Os castigos de Deus sobre as nações devem-se sobretudo aos pecados dos Sacerdotes e pessoas religiosas

"Saibas ainda que a Justiça Divina costuma descarregar castigos terríveis em nações inteiras não tanto pelos pecados do povo quanto pelos dos Sacerdotes e pessoas religiosas, por que estes últimos são chamados, pela perfeição de seu estado, a ser o sal da terra, os mestres da verdade e os pararáios da Ira Divina.

"Desviando-se eles de sua sublime missão, degradam-se de tal maneira que, ante os olhos de Deus, são os que aceleram o rigor dos castigos. Porque afastando-se de Mim, passam a viver apenas na superfície da alma, mantendo coMigo esse distanciamento indigno de meus Ministros, com essa frieza e desconfiança como se Eu fosse um estranho para eles.

"Ai! se soubessem, se se convencessem de quanto os amo e desejo que se recolhessem ao íntimo de suas almas; aí sem duvida alguma Me encontrariam e viveriam necessariamente da vida de amor, de luz e de continua união, para a qual não foram apenas chamados, mas escolhidos!

"Agora, esposa minha, que poucos meses te restam de desterro, trabalha incansável pela perfeição de Meus Sacerdotes e pessoas religiosas, oferecendo para esta finalidade, em união com os meus méritos infinitos e os de minha Mãe Imaculada e tua, tudo quanto fizeres, ate a menor respiração. Muito Me agradam as almas religiosas que tomam sobre si o sublime encargo de santificar o Clero por meio de suas orações, sacrifícios e penitências. Em todo tempo escolherei para Mim tais almas, a fim de que, associando-se coMigo, trabalhem, orem e sofram pela consecução deste nobilíssimo fim, aguardando-as no Céu uma glória muito especial".

* * *

Terminada esta visão tão comovedora, Madre Mariana parecia transformada em uma nova criatura. Nela não se via senão um Anjo em carne humana e um Serafim cheio de Deus. Suas palavras eram dardos incendiados de amor divino que feriam docemente os corações de suas felizes filhas que com ela moravam.

O Convento parecia uma ante-sala do Céu. Que união, que caridade, que amor de Deus! Cada qual se esforçava por ser melhor, mais dócil, mais humilde, mais observante. E era comovente ver que no refeitório jamais faltava quem comesse no chão, ou quem pedisse as outras irmãs a caridade de dar um pouco do que comiam, ou quem beijasse os pés da Comunidade. O amor fervoroso a Deus engendrava mil e mil recursos de humilhação, só praticáveis por almas muito unidas a Deus. Sem dúvida alguma muitos castigos afastaram elas da ingrata e culpada Colônia!

— Capítulo XIX —

Graças que recebe Madre Mariana de Jesus Torres — Última aparição de Nossa Senhora do Bom Sucesso a 8 de dezembro do ano de 1634

Falava a suas filhas com frequência a santa Priora espanhola a respeito do Céu que aguarda a boa religiosa, a esposa fiel de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na véspera de dar inicio à solene novena da Virgem Imaculada, assim lhes falou:

"Filhas e irmãs queridas de meu coração, quanto se tem prolongado meu desterro! Todas minhas madres e santas com-panheiras de fundação morreram, melhor dizendo, dormem o sono do justo, e apenas eu fiquei entre vós, certamente por ter vindo mais jovem. Estes sagrados muros foram testemunhas dos meus votos pronunciados ante o Céu e a terra.

"Hoje, que minha idade é avançada, já me chama o Esposo Celestial a consumar minha união eterna. Por conseguinte, darei a vós o adeus temporal, porque vos espero no Céu. Um mês e meio ainda vos farei companhia. Neste tempo que me resta de vida, pedi por mim para que, qual virgem prudente, saia ao encontro do Esposo Celeste com o candeeiro aceso, adornado e provido do azeite suficiente.

"Eu cumprirei meu dever sagrado de rogar por vós no Céu; e ainda que não me vejais fisicamente, aqui estarei cuidando da observância regular, que é a conservação deste nosso Convento querido.

"Amanhã daremos início à novena de nossa Imaculada Mãe e quero que cada uma se esmere em obsequiá-La com a prática de virtudes religiosas, pedindo a Ela que purifique os corações de nossa Comunidade, para serem cópias vivas d'Aquela que é Beatíssima, e para que nosso Esposo Celeste se deleite em nossas aImas".

A Comunidade ouviu esta exortação com profunda amargura, por ver que se extinguia o luzeiro que alumiava o Convento, e desataram-se todas em prantos. Madre Mariana mesclou suas lágrimas com as de suas filhas e disse-lhes que forçoso era separarem-se na terra por meio da morte, e que pusessem todo seu amor em Jesus e Maria.

A Festa da Imaculada Conceição

Chegou finalmente o dia 8 de dezembro de 1634, festa da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, Senhora nossa.

Todas as monjas, cheias de crescente e edificante fervor, receberam a santa Comunhão depois da fervorosa novena. Alegraram-se todo o dia com a santa Fundadora e mantiveram colóquios celestiais.

Umas, abraçando-a, diziam: "Madre, nós queremos morrer primeiro, para vos esperar no Céu". Outras acrescentavam: "Madre, queremos morrer no exato momento em que V. Revda. morrer, por que juntas com V. Revda. nos será mais fácil entrar no Céu. Enquanto nosso amoroso Jesus fizer a festa com V. Revda., nós nos insinuaremos depressa pela porta do Céu que, segundo dizem, é muito estreita. Ele não nos notará e colheremos de surpresa a nosso Amor, dizendo-Lhe: 'Não podeis interpelar-nos a que viestes? — porque responderemos: as filhas são inseparáveis da mãe, e, uma vez que ela penetrou nesta feliz Mansão, é muito justo que esteja conosco!

E com esta explicação ficaremos bem-aventuradas, e — magnífico! — sem sermos julgadas".

Madre Mariana achava graça nessas doces contendas de suas filhas, mas seu coração, que era toda ternura e amor, sofria ao considerar o profundo pesar que se apoderaria do ânimo das monjas, com sua morte, a torrente de lágrimas que derramariam, e a falta que dela sentiriam até que cada uma delas também cerrasse os olhos à luz material deste mundo. E animava-as com palavras e argumentos próprios de uma alma toda de Deus.

Última aparição de Nossa Senhora do Bom Sucesso a Madre Mariana de Jesus Torres — Visão dos três Arcanjos

Depois das santas expansões do dia, entre alegrias mescladas com pesar — porque viam o tempo correr veloz e se aproximar a hora da morte da santa Fundadora, a única que lhes restava — recolheram-se as suas pobres camas na hora costumeira. Madre Mariana também, mas às onze e meia da noite dirigiu-se ao coro superior para sua oração habitual.

Ali, derramando um caudal de lágrimas, apresentou cada uma de suas filhas ao Divino Prisioneiro e à Sua Mãe Santíssima. Pedia ela feliz sucesso para a sua passagem à eternidade, bem como para suas filhas, ao longo de toda a vida delas, as quais ela conservava escondidas em seu coração maternal, a fim de livrá-las das ciladas diabólicas e da perda do espírito religioso.

Estava neste colóquio quando sentiu a veemência do amor divino e saiu dos sentidos corporais.

Apareceu-lhe então a Rainha dos Céus, bela e atraente como sempre, com seu Santíssimo Filho no braço esquerdo e o báculo no direito, acompanhada dos três Santos Arcanjos:

São Miguel trazia um número incontável de brancas túnicas salpicadas de estrelas, com adornos de ouro polido. Cada túnica era guarnecida com um colar preciosíssimo de belíssimas pérolas, do qual pendia uma lindíssima cruz de ouro com toda sorte de pedras finas. No meio da cruz havia uma estrela respladecente com os dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria.

São Gabriel portava um cálice transbordante de Sangue Redentor, um cibório cheio de Hóstias e uma quantidade inumerável de fragrantíssimas, brancas e formosas açucenas.

São Rafael conduzia uma grande e preciosa ampola, transparente e bem fechada, a qual continha um bálsamo muito excelente, cujo suave odor se evolava do recipiente e se difundia pelos ares, purificando a atmosfera e fazendo a alma sentir um sumo gozo e admirável tranquilidade. Trazia também inumeráveis estolas cor de violeta, das quais saíam admiráveis rutilâncias, e essa luz iluminava recintos. Havia ademais uma pluma de ouro luzidio e refulgente, marcada com o nome de Maria.

Os três Santos Arcanjos postaram-se diante de sua Soberana Rainha, que no braço esquerdo sustentava ao Rei dos Céus e Príncipe da Eternidade. Os nove coros angélicos faziam corte a seus Soberanos, e, a um sinal do Príncipe São Miguel, o primeiro coro angélico começou a cantar ao som de celestiais harmonias, sucedendo-se um coro ao outro até o nono.

Saudação da Santíssima Virgem

Terminada a celeste sinfonia, a Rainha abriu seus divinos lábios e falou desta maneira:

"Minha filha muito amada e esposa predileta do Cordeiro sem mancha, sai da terra, triste desterro do justo, e vem logo à suspirada Pátria: passada está o árduo inverno da existência mortal e começa para ti a primavera eterna, onde as boas obras praticadas na vida terrena são flores de rara formosura, excepcional perfume e grande valor, porque são o preço da copiosa e dolorosa Redenção.

"Oh, se os mortais soubessem apreciar o tempo da vida e cada momento que constitui esse tempo, como o mundo estaria de outro modo e um número considerável de almas evitaria sua eterna perdição! Mas este desprezo é a causa fundamental de sua desgraça!

"Condoe-te, minha filha, o chora por teus incautos irmãos, os pecadores, rogando a teu Deus e Redentor que envie a suas almas graças muito particulares e eficazes, poderosas e capazes de tirá-las do abismo escuro do pecado em que jazem".

Nossa Senhora explica o simbolismo das túnicas trazidas por São Miguel

"Viste o que os três Santos Arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael portam muito contentes?

"Saibas, pois, que as brancas túnicas destinam-se em primeiro lugar para minhas fiéis e fervorosas filhas de todos os tempos que habitarem neste claustro: a umas por conservarem a inocência batismal e a outras por se terem purificado através de austera penitência.

"As estrelas significam o contínuo exercício de todas as virtudes, que darão luz no firmamento da Igreja Católica, Apostólica, Romana; luz que iluminará muitas inteligências extraviadas, fazendo-as voltar à verdade católica. Os adornos de ouro brunido são os atos generosos sérios, executados pela violência do Amor divino. O colar correspondente a cada túnica significa os laços dos três votos com os quais se entregaram voluntariamente a Deus. E a cruz que dele pende representa todos os padecimentos físicos e morais sofridos com religiosa resignação, acatando-se a vontade de Deus, no decurso dos quais Meu Filho Santíssimo e Eu, como Estrela do proceloso mar da vida, os iluminaremos e dirigiremos a seguro porto, livrando-as do naufrágio eterno.

"Em segundo lugar as túnicas são também para os Sacerdotes seculares e regulares, e os leigos de ambos os sexos que, amando com coração simples e reto a meu Filho Santíssimo e a Mim, amem também a este Convento de nossa prideleção, e, não fazendo caso das críticas e zombarias, trabalhem por sua conservação e se dediquem em propagar o meu culto sob a consoladora invocação do Bom Sucesso, o qual será a sustentação e salvaguarda da Fé na quase total corrupção do século XX.

O cálice da Penitência

"Gabriel traz este precioso cálice transbordante do Sangue Redentor: significa isto a graça da ressurreição da morte (do pecado) e restauração das almas por meio do Sacramento da Penitência, no qual os Ministros de meu Filho Santíssimo —dispõem com profusão ilimitada para dar a vida às almas mortas pela satânica inveja do dragão infernal.

"Olha e contempla a grandeza deste Sacramento restaurador e vivificador, tão esquecido e até desprezado pelos ingratos mortais, que em seus loucos devaneios não atinam que ele é a única tábua segura de salvação depois da perda da inocência ba-tismal. O mais doloroso é que mesmo os Ministros de meu Filho Santíssimo não sabem dar-lhe o valor como deveriam,

encarando com fria indiferença o tesouro valioso, e quão precioso, posto em suas mãos para a restauração das almas remidas pelo Sangue Redentor. Há quem considere o atendimento no confessionário como perda de tempo e coisa fútil. Oh, não! Se aos Sacerdotes fosse dado ver diretamente o que tu agora contemplas, esclarecidos com a luz que te ilumina, conhecessem eles este dom divino! Quão agradecidos ficariam pelo amor de predileção com que Deus os amou, escolhendo-os dentre milhares para torná-los depositários de suas riquezas, a fim de remir da tirana escravidão as almas que o invejoso e desgraçado satanás fez prisioneiras.

"Oh, quão querido é o Sacerdote de meu Filho Santíssimo e de Mim, que sou a terna Mãe do Sacerdote — a quem venero por sua sublime missão e a quem amo ternissimamente! E, anelando sua felicidade, dele cuido com secreta dedicação, para que não se aparte da senda da verdade. Porque se ele se desviar, que fará o resto dos fiéis? Ele é o sal da terra: se este faltar, o mundo, o demônio e a carne se assenhorearão das pobres almas, e a concupiscência fará estragos na carne putrefata.

"O sacerdote acumula no confessionário os papéis de-licadíssimos de pai, mãe, médico e juiz. A seu cuidado e desvelo acodem pressurosas as almas necessitadas, sofridas, enfermas e em dúvida, buscando o alívio para seus padecimentos, a saúde e o remédio para suas enfermidades, a ternura maternal e a justiça verdadeira. Ai do Sacerdote que, deixando-se levar por uma natural inclinação à rispidez e à dureza, despede sem atenção as almas que esperavam, em seu coração sacerdotal, ser lavadas e limpas da lepra espiritual! Ouando morrer, ser-lhe-á pedida perante o Tribunal Divino a estreita conta desta delicada missão de dirigir as almas".

A missão do Sacerdote junto às almas místicas

"A um gênero de almas o Sacerdote precisa tirar do abismo, po-las no reto caminho do Céu e zelar para que perseverem nele. Porém outra categoria de almas também lhe confia o amor de predileção de meu Filho Santíssimo: são as almas cheias do espírito de Deus e sofridíssimas, cuja delicada vida constitui um ininterrupto Calvário de secreto martírio... Cingem elas, fora da mortalidade, a dupla coroa de virgem e mártir; sim, mártires secretas que sofreram o lento e prolongado martírio de toda uma vida, caminhando por sendas sobrenaturais, sendo ordinariamente alvo de escárnios, desprezos e calúnias de toda espécie de gentes. A estas almas tão amadas do Pai Celeste, está confiada missão difícil, e recebem elas igualmente graças muito particulares e adequadas.

"No transcurso de suas existências — longas umas, curtas outras — a Providência destina Sacerdotes para dirigi-las e sustentá-las, e que se extasiarão vendo quão admirável é Deus nos seus santos, os quais jamais faltarão em tempo algum, e ocultos na maior parte.

"Aqui mesmo, neste meu querido Convento, terei almas nas quais Jesus Cristo — o perseguido, odiado e proscrito deste ingrato solo no século XX — terá suas complacências e Se consolará no trato e comunicação íntima com elas. O seu pão quotidiano será o amargo sofrimento e as lágrimas secretas, e quais rolinhas gemerão sob o único olhar de seu Criador, Pai e Esposo. Serão os para-raios da Justiça Divina, pronta a castigar os horrendos crimes de seus culpados irmãos, pelos quais se oferecerão como vítimas incessantes. Comunicarão seu amor maternal aos pecadores, por cuja conversão e salvação entregar-se-ão ao rigor de austera penitência, prescindindo do cuidado de si mesmas, como faz uma amorosa mãe por seu pequenino enfermo e agonizante.

"Ai do Sacerdote que, incauto, afaste de si estas almas, dádiva para ele do amor misericordioso do Coração Santíssimo de meu Filho e Senhor! Digo dádiva, porque são para o Sacerdote as mensageiras de Deus, que fala e ensina por meio delas. Graça de que se pedirá a ele severa satisfação, se não souber aproveitar e melhorar sua vida espiritual e sacerdotal, tratando-as, pelo contrário, como fátuas e visionárias, sem penetrar no fundo de suas almas. Se o fizessem, logo sentiriam a paz, a alegria e a suavidade interior, características dos verdadeiros servos de Deus.

"E quanto aos falsos, seriam também logo desmascarados. Pois escondem sob o simulacro de virtudes uma secreta soberba, amando a si em demasia e escamoteando, a Deus e ao próximo, os seus sacrifícios e sua vida. Não lhes preocupa a não ser o bom nome e a ânsia de serem estimados; fogem de toda tribulação por pequena que seja, e nunca amam a humilhação e a vida oculta que Jesus Cristo tomou para Si...

"Os Sacerdotes, a partir do século XIX, deverão amar de toda alma a João Batista Maria Vianney, um servo meu que Bondade Divina prepara, para com ele fazer dom naqueles séculos, como modelo exemplar do Sacerdote abnegado. Não será de familia nobre, para que o mundo saiba e entenda que na avaliação de Deus não há outra preferência senão a virtude profunda.

Esse meu servo — que, como te disse, virá ao mundo nos fins do século XVIII — Me amará com todo o coração. Em sua vida pastoral Me

obsequiará com a oração e ensinando seus compa-nheiros a conhecer-Me e a amar-Me. A ele, tenho-o destinado para cuidar de (uma alma), sendo seu anjo tutelar, aio e protetor, bem como sustento e consolo em toda sua sofrida vida. Ela o conhecerá no momento mesmo em que lhe raiar o uso da razão, o que se dará muito cedo, conforme te manifestei...

O Santíssimo Sacramento será distribuído copiosamente

"Gabriel conduz também um cibório, como viste, cheio de Hóstias: significa o augustíssimo Sacramento da Eucaristia, que será distribuído por meus Sacerdotes católicos aos fiéis cristãos pertencentes à Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, cuja cabeça visível é o Papa, Rei da Cristandade. Sua infalibilidade pontifícia será declarada Dogma de Fé pelo mesmo Papa escolhido para proclamar Dogma o Mistério de minha Imaculada Conceição. Ele será perseguido e encarcerado no Vaticano pela injusta usurpação dos Estados Pontifícios, pela maldade, inveja e avareza de um monarca terreno.

"Vê o cibório cheio, para que compreendas a sublimidade deste Mistério e a reverência com que deve ser tratado e recebido pelos fiéis. Terão nele um antídoto contra o pecado e um meio fácil e poderoso de as almas se unirem a seu Deus e Redentor, que no excesso de seu amor ocultou-Se sob os brancos acidentes da Hóstia, exposto a sacrílegas profanações de seus ingratos filhos.

"Para reparar estes sacrilégios foram suscitadas as almas contemplativas, de modo especial as de minha Imaculada Con-ceição. Saibas que nos divinos arcanos foi a expiação secreta e voluntária um dos desígnios que Deus almejou, ao dispor a fundação desta Ordem, tanto de seu agrado.

"Essas incontáveis açucenas — brancas, belas e fragrantíssimas — que vês junto ao cálice e o cibório trazidos por Meu Arcanjo Gabriel, são todas as boas religiosas de Minha Ordem (e serão numerosíssimas pelos claustros de todo o Orbe). Cada uma delas, num mesmo claustro, terá missão distinta; distintos portanto serão os dilúvios de graças que sem cessar receberão do Céu para cada fim. A minhas filhas estão encomendados os sete Sacramentos, para que sejam recebidos com perfeição pelos fiéis, mas sobretudo o terceiro, o quarto e o sexto (respectivamente, a Eucaristia, a Penitência e a Ordem Sacerdotal).

A ampola do Arcanjo Rafael

“A grande e preciosa ampola, transparente e bem fechada, que o Meu Arcanjo Rafael leva, contendo um extraordinário bálsamo de suave odor, o qual se difunde pelos ares e purifica a atmosfera, comunicando à alma um sumo gozo e admirável tranquilidade, representa os claustros e os conventos. São lugares únicos onde se praticam todos os dias as virtudes sólidas, junto com a observância da Regra e a austera penitência de seus moradores.

"A pureza e castidade que ali existem são o requintado aroma que perfuma os felizes países possuidores de mosteiros e conventos. Elas purificam o ar impuro exalado pelos mundanos entregues aos vícios e paixões mais vergonhosas, e introduzem nas almas essa inefável alegria e admirável paz, com as quais os pecadores caem em si e se voltam para Deus. E isto ainda, em virtude das orações que dessas casas, incessantemente, noite e dia, elevam-se ao Céu. Como Moisés com os braços levantados, as almas religiosas pedem com humilde súplica e penitência que se convertam seus irmãos, pecadores e se salvem as nações do dilúvio de vícios e paixões, que acarretam tremendos castigos da Justiça Divina.

"Ai do mundo se não houvesse os mosteiros e conventos! Os mortais não compreendem sua importância, pois, se compreendessem, empregariam seus haveres por multiplicá-los, porque lá se encontra o remédio para todo mal físico e moral.

"A Santíssima Trindade e Eu, a Mãe e modelo das pessoas religiosas, amamos estas casas com ternura. Sou o canal por onde desce a elas o dilúvio de preciosíssimas graças que não são dadas aos do mundo. Porque em cada mosteiro e convento sou amada com ternura e com verdade, e todos os seus membros acorrem a Mim com essa confiança e amor que os filhos e filhas têm em relação à sua terna e carinhosa mãe. Sob invocações diferentes, veneram-Me em todos esses lugares. Os Arcanjos recolhem as orações, lágrimas, penitências, suspiros e vida de sacrifício deles e delas, e os apresentam a Mim. Eu, então, os apresento ao trono do Senhor para a salvação do Universo.

"Ninguém na face da terra se dá conta de onde vem a salvação das almas, a conversão de grandes pecadores, a suspensão dos grandes flagelos, a produção e fertilidade dos campos, a ces-sação de pestes, de guerras, e a boa harmonia entre as nações.Tudo isso se deve às orações que sobem dos mosteiros e conventos.

Estolas e plumas de ouro

"As inumeráveis estolas de cor violeta que meu Arcanjo Rafael também porta, e que espargem admirável resplendor, iluminando com sua luz o recinto, simbolizam a ação efetiva e o zêlo sacerdotal dos bons Padres, que com abnegação se esquecem de si mesmos para fazer conhecer e amar a Jesus Cristo e a Mim, que deles sou a terna Mãe. Trabalham infatigáveis na vinha do Senhor, para aumentá-la, pastorear e salvar as almas redimidas pelo Sangue Redentor, tendo presente a missão confiada pelo Pai de famílias. Esses são os servos bons e fiéis que entrarão no gozo do seu Senhor.

"A pluma de ouro polido e rutilante marcada com Meu nome é para todos os Sacerdotes de ambos os cleros (regular e secular) que escreverem minhas glórias e dores. E também para aqueles que, por meio de escritos, difundirem o Meu culto do Bom Sucesso deste Meu Mosteiro muito querido, bem como a tua vida, que é inseparável desta terna e consoladora invocação. No século XX ela fará prodígios tanto no campo espiritual quanto no temporal, porque é vontade de Deus reservar esta invocação e tua vida para aquele século, quando a corrupção de costumes será quase geral e a luz preciosa da Fé estará quase extinta.

O culto aos três Arcanjos

"Aqui tens, filha querida, interpretadas todas as coisas que viste nas mãos dos meus santos Arcanjos: Miguel — Quis ut Deus?; Gabriel — Forti tudo Dei; Rafael — Medicina Dei.

"Cada um dos Arcanjos cumpre a missão de favorecer a humanidade decaída. E se o resto dos mortais negligenciam invocar e venerar estes santos Príncipes, quero que tu e tuas filhas atuais e vindouras o façam, a fim de que deles recebam graças e favores, materiais e morais, para si e para o Convento. Advirto também que eles cuidarão sempre de minha Imagem e deste Convento querido tão favorecido pela bondade de Deus".

Uma árvore para os jardins do Céu

Quando a santa monja espanhola voltou aos seus sentidos, seu coração batia com violência e o fogo do divino amor havia aumentado consideravelmente nela. Pressurosa foi buscar suas irmãs para rezar o Oficio Parvo, em

ação de graças pela visão tão instrutiva e terna com que sua Mãe do Céu lhe favorecera por Iongos momentos, durante os quais cria-se ela já na bem-aventurança".

Terminados os ofícios matinais do culto, relatou ao seu diretor espiritual todo o ocorrido.

Sua vida tornava-se cada vez mais fervorosa, como se já se despedisse desta terra de pranto e dor, e pronto ir alçar vôo rumo à Patria Celeste, morada segura de paz e felicidade inalteráveis.

Suas irmãs e filhas notavam nela um quê de celeste alegria, como quem se prepara para partir muito breve. E conversando entre si, choravam inconsoláveis por se verem prestes a perder uma mãe e modelo da observância da Regra. Cada uma delas frequentava assiduamente os coros inferior e superior, em contínuas visitas ao Prisioneiro do Amor, suplicando-Lhe que revogasse para sua Fundadora a sentença de morte e que permanecesse viva por mais tempo a esposa fiel que tanta glória dava a Ele com sua santa vida e era o consolo e conselheira delas e das pessoas de fora.

Mas estes rogos não foram ouvidos, porque aquela árvore estava já carregada de flores e maduros frutos de santidade, e devia ser transplantada pelo Divino Jardineiro para os Jardins do Céu, para a glória da Virgem Imaculada e da ínclita Beatriz de Silva, Fundadora da Ordem da Imaculada Conceição, que se alegraria com sua filha querida, a qual com o tempo seria honra e glória de sua Ordem Concepcionista Franciscana.

— Capítulo XX —

Última Festa de Natal — Aflição das monjas

Chegada a novena do Menino Jesus, chamou Madre Mariana todas as monjas e lhes disse: "Madres e filhas queridas de meu coração, amanhã daremos início à novena do Menino Jesus, devoção que, como já disse, é e sempre será a conservação de nosso Convento. Armaremos todas juntas com dedicação o presépio: todas as figuras, as ervas, os musgos etc. Cada uma ideará alguma coisa em seu entusiasmo e amor a Jesus Menino, de maneira que este ano se comemorará o Natal com as ardorosas expansões do coração.

"As intenções serão: para reunirmo-nos todas no céu; e pela conservação de nosso Convento em todos os séculos, e que ja-mais faltem nele almas vítimas, filhas verdadeiras da Virgem Imaculada e do Serafim de Assis, almas simples e boas que tenham oIhos e corações sãos para conservar a caridade e união fraterna, fruto da oração quotidiana e fervorosa.

"Quanto a nós, filhas queridas santifiquemos este lugar, para que ele seja fonte de santas irmãs, deixando à posteridade o legado do amor e devoção ao Divino Infante. Todas sem ex-ceção, a começar pela Madre Abadessa, faremos diariamente, durante a novena, atos de humildade públicos no

refeitório, oferecendo tudo por nosso Convento e por nossas irmãs futuras, preparando ao mesmo tempo nossos corações para serem o suave berço do Menino Deus. Ó minhas filhas, amai a Jesus Menino e vivei sempre na infância espiritual!"

Todas a uma voz responderam: "Madre, faremos com indizível prazer tudo quanto quer V. Revda. Todas queremos ser inocentes como o Menino Jesus e fazer roda ao Seu berço junto com os humildes pastores".

Celebrações natalinas

A novena daquele ano foi de crescente e novo fervor. Cada dia no refeitório, todas as monjas, desde a Superiora, acom-panhadas pela Madre Mariana, faziam atos de humildade, com o que se afervoravam umas às outras.

Nessa época, era Abadessa Madre Mariana de São Domingos, religiosa muito exemplar e modelo de observância. Pela sua sólida virtude e ardente amor à Seráfica Família, Madre Mariana a amava com toda a alma, tratando-a, antes de ela se tornar Superiora, de "mi fervorosa Dominguita". Esta Madre, como, aliás, todas as Abadessas, nada fazia, por insignificante que fos se, sem pedir consentimento e parecer a Madre Mariana de Jesus, a quem prestava obediência e submissão como Fundadora.

Chegada à noite de Natal — ou seja, a noite de 24 de dezembro de 1634 — Madre Mariana parecia uma noviça jovem, cheia de calor. Andava de um lado para outro do Convento, estimulando todas suas filhas.

Como as principais damas da cidade eram-lhe adictas e agradecidas, mandaram naquele dia primorosos doces e frutas, com que ela adornou a árvore de Natal para diversão e santo entretenimento das monjas. As noviças estavam dispensadas dos trabalhos e Madre Mariana recreava-se com elas. No alto da árvore colocou um quadro representando a Natividade , na base do qual afixou a seguinte inscrição: “Viva Jesus Menino! Viva as monjas da Imaculada Conceição de Quito! No ano que vem a vossa última Fundadora, que ainda está aqui, vos abençoará do Céu. Adeus, dali vos espero!" No meio do santo e justo regozijo, as monjas sofriam ao ver apagar-se a luz que as alumiava.

Na hora das loas diante do presépio, cada religiosa compunha um pequeno discurso, tendo sempre como tema alcançar do Menino Jesus, como presente de Natal para suas pequeninas concepcionistas, o prolongamento da vida de sua última Fundadora.

Madre Mariana também fez a sua loa, alternando-a com o som da harpa e com o canto de sua primorosa voz, parecendo um cisne que canta ao morrer. Composta por sua alma ardente e jovem em seu vigor, a sua declamação expressava com graciosas palavras sua gratidão a Deus Nosso Senhor por havê-la feito religiosa da Ordem de sua Puríssima Mãe, ramo muito íntimo da árvore seráfica. Despediu-se também com charme de suas queridas filhas, manifestando a esperança de voltar a reunir-se com todas no Céu sob o azulado manto de sua Imaculada Mãe.

O Convento parecia uma ante-sala do Céu. Havia sido decorado como em nenhum outro ano. Quando levaram em procissão o Menino Jesus para o canto das Matinas, foi um regozijo geral entre a alegre orquestra: silvos de apitos, "bombillas" e outros instrumentos que possuíam para esta ocasião.

Depois das Matinas e da Missa, Madre Mariana permaneceu rezando fervorosa, aos pés do Menino Jesus. Pedia com ins-tância que lhe concedesse chegar com êxito ao porto de salvação, e bom sucesso no grande salto que iria dar do tempo para a eternidade. Orava também para que Ele consolasse e fortalecesse a sua Comunidade, que desconsolada e sofrida ficaria com sua ausência.

O princípio do fim

Toda a oitava do Natal, alegrou santamente suas filhas, como costumava fazer cada ano naquela festa predileta de seu coração, praticando e fazendo praticar as sólidas virtudes.

No dia de ano novo de 1635 distribuiu, com contentamento, roupa nova à sua Comunidade, dizendo que as esposas de Jesus Cristo deveriam de forma análoga revestir cada ano suas almas com novas virtudes, para agradar o Esposo Celeste, que quer e anseia muitíssimos corações renovados pelo amor e mortificação.

Nesse dia amanheceu ela um tanto alquebrada. Suas filhas logo perceberam e lhe perguntaram com sumo interesse o que ela sentia.

"Minhas filhas — respondeu ela — as forças físicas me falecem. O coração não fica quieto, parece saltar fora. Ah! já pressinto minha próxima partida. Mas não vos inquieteis por isto: é preciso morrer para ir ver a Deus. Ademais, por muito tempo se prolongou meu desterro; é necessário que este acabe para se chegar à Pátria".

Às seis horas e meia da tarde sofreu um forte desmaio. Seu coração pulsava com uma tal violência que parecia romper o peito e se ouvia a alguma distância.

Inundadas em lágrimas, suas filhas a sustinham desfalecida em seus braços e suas lágrimas banhavam o rosto de Madre Mariana. Deram-lhe quantos remédios puderam, mas foi tudo inútil. Chamaram o médico, que veio às pressas e, examinando-a disse:

"Nossa Madre Fundadora se nos vai; não há remédio para seu mal. Muito pouco tempo ela nos acompanhará". Aplicou-lhe, porém, um cautério e fê-la voltar a si.

As monjas lhe perguntavam o que sentia, o que desejava. Com aquela paz e admirável calma, respondia a santa religiosa: "Não vos inquieteis, minhas queridas, não vos inquieteis .Meu fim se aproxima, como de todos os mortais. Não me podereis reter por mais tempo. Tende paciência e oferecei a Jesus a flor tão bela da resignação e tão do agrado do Esposo Celeste. Quanto vale uma alma resignada e conformada com o divino beneplácito! De Deus viemos, a Ele voltamos, terminada nossa morada na vida terrena.

"Não vos deixarei órfãs. Não, do Céu velarei por vós. Aquietai-vos, contudo, por ora, pois mais alguns dias devo continuar convosco. Quando meu fim estiver bem iminente, eu vos reunirei para ler meu testamento e última vontade. E vou logo escrevê-lo".

— Capítulo XXI —

Enfermidade — O Testamento — A Morte de Madre Mariana de Jesus Torres — A exumação

A partir do primeiro dia do ano de 1635, Madre Mariana de Jesus Torres ficou muito debilitada, e piorava dia a dia. No dia de Reis, 6 de janeiro, experimentou uma melhora e na hora da recreação pareceu estar restabelecida.

A propósito da referida festividade fez uma preciosa prédica, na qual ensinou as religiosas o modo como deveriam oferecer ao Menino Jesus o ouro do amor, o incenso da oração e a mirra da mortificação incessante e penitência voluntária; esta última, porém, com conhecimento e bênção do diretor espiritual para que seja meritória e agradável ao Senhor.

- "Ai, minhas filhas — dizia a santa Fundadora — quão necessária é a santa penitência para as religiosas! Seja para se precaverem contra as doenças da alma, como a tibieza, cujo micróbio penetra insensivelmente, seja para converter pecadores e salvar essas almas irmãs que valem tanto quanto as nossas.

"Amai a santa penitência.Fazei dela vossa virtude predileta, porque ela é a joia e o ornato com que se adorna a esposa de Jesus Cristo para apresentar-se sempre bela a seu Divino Esposo, cujo Santíssimo Corpo foi destroçado por corações inumanos, precisamente, para salvar nossas almas.

"Como religiosas, devemos levar sempre em nossos corpos as insígnias da cruz e, por ocasião de qualquer calamidade pública ou privada, recorrer à santa penitência unida à Paixão dolorosa de nosso Redentor Divino. Vereis que se remedeia mais rápido do que podeis esperar. Oh! quão doces e saborosos são os frutos da penitência!

Os últimos dias

Desde dia 7 começou a sofrer diariamente prolongados desmaios; era como uma lamparina que lentamente se extinguia. Contudo, ela não guardava o leito e se esforçava por estar sempre com sua tão amada Comunidade.

No dia 11, após a Comunhão, sobreveio-lhe outro forte desmaio. Quando passou, quis caminhar como nos dias anteriores, mas não conseguiu e caiu violentamente. Foi levada à sua pobre cama; ela, porém, pediu para ser transferida para a enfermaria, pois aqueles seriam seus últimos dias. E assim o fizeram as freiras, com lágrimas de dor.

Ela não voltou mais a levantar-se. Seu bendito corpo tremia como um açoite, sentia muita fadiga, e as batidas do coração eram tão fortes que se ouviam de longe. Os vômitos de sangue eram frequentes e abundantes, tanto de dia como de noite. Não podia falar. A fisionomia, porém, era suave e tranquila, como quem espera a recompensa do árduo esforço; sempre afável, carinhosa, agradecida a quantas atenções e serviços que lhe prestavam, o que cativava mais e mais os corações.

Nas vésperas da morte

No dia 14 a enfermeira perguntou-lhe: "Madre, hoje é o feliz aniversário da fundação de nosso Convento, que V. Revda. sempre celebrou com muita solenidade junto com suas filhas. Como agora V. Revda está bastante doente, quererá que se prepare o necessário para a recepção do Santo Viático e da Extrema Unção?"

— "Filha querida — respondeu - tens razão em lenbrar o aniversário; nós o temos comemorado sempre e assim deve continuar a ser todos os anos nesta festa da alegria do Coração de Deus e de nossa Imaculada Mãe. Quanto ao Santo Viático e Extrema Unção, ainda não é hora. Não penses que me estou iludindo. Não. Receberei os Sacramentos com fervor e gozo de minha alma no dia 16, o último de minha vida, depois de vos ler o meu testamento. Compreendes, minha filha? Responde-me".

A jovem religiosa, inundada em lágrimas, lançou-se nos braços de sua mãe e com palavras entrecortadas disse: "Sim, compre-endo, mãe de minha alma, compreendo sim! Mas ai! quão penosa será minha existência sem a minha Madre! Rogo que me leve e não me deixe V. Revda. Sabe que não tenho muitas forças físicas nem morais para resistir a tão dura prova".

— "Pede esta graça ao Senhor, se aprouver a Ele conceder-te, prepara-te para irmos" — respondeu a Madre, afagando-lhe a cabeça.

A irmã enfermeira animou-se muito. Vendo-a assim, as monjas perguntavam-lhe a causa de tanto contentamento, quando pouco antes ela era objeto da ternura e preocupação da Comunidade, por causa de seu abatimento e falta de resignação.

Com a simplicidade e candura que a caracterizavam, explicou: "Minha Madre mandou-me preparar para irmos ambas ao Céu. Como ela é santa, tenho confiança de que cumprirá a palavra. Ela disse para pedir ao Senhor que, se fosse de sua vontade, me concedesse esta graça. Eu estou rezando, ajudem-me também V. Revdas. com as orações, que do Céu lhes serei agradecida".

* * *

Recordar-se-ão os leitores de quem é esta religiosa (cfr. tomo II, Cap. XIV). É aquela menina que nasceu logo depois da família da mãe vir pedir orações a Madre Mariana, tendo esta mandado um chá de "anis del país". Ela anunciará naquela ocasião, com espírito profético, que a criança esperada estava destinada a ser monja do Convento e amortalharia seu cadáver. Disse também que seria uma noviça fervorosa e religiosa exemplar, e embalsamaria os claustros com o aroma de suas virtudes, conservando até à morte a graça batismal.

Tudo sucedeu como predisse a santa Pundadora. Era humilíssima, obedientíssima, jamais conheceu vontade própria. Sua inocência e candura angélicas tornavam-na senhora dos corações de todas as religiosas, sem

exceção. Além do que a Providência Divina dotou-a de um belo aspecto: tipo espanhol, de estatura alta, bem proporcionada, olhos azuis da cor do firmamento, pele alva, faces rosadas, cabelos de fios dourados.

Mas de nada disto ela se dava conta, seu desejo era amar e servir a Deus com perfeição. Muito afeita à penitência e solícita nos afazeres da Comunidade, tão logo se desincumbia dos próprios trabalhos, ia de oficina em oficina para ver onde podia ajudar suas irmãs, tomando a si o mais duro e humilde serviço. Qual-quer uma podia mandar o que quisesse, que ela estava pronta a obedecer.

Em religião seu nome era Zoila Rosa de Mariana de Jesus. Com frequência dizia à Madre Mariana: "Madre, eu sou a rosa de .V. Revda. Cuide com esmero para que esta rosa não tenha espinhos que venham a ferir o adorável Coração do Esposo Celeste. E se V. Revda. perceber que brotam espinhos do talo, por pequenos que sejam, arranque-os sem mimos nem consideração".

Madre Mariana lhe queria muito, pois a havia formado a partir dos dez anos de idade e fizera dela uma fervorosa esposa de Jesus Cristo. Com ela entrou no Céu, segundo se crê.

16 de janeiro de 1635

Amanheceu afinal o dia 16 de janeiro do memorável ano de 1635.

E a santa Fundadora espanhola suplicou à Priora que chamasse seu diretor espiritual, para que ele lhe desse os últimos Sacramentos, pois ela morreria naquele dia. Era seu confessor e diretor espiritual na época o Revmo. Padre Frei Francisco Anguita, um zeloso missionário que encomendava todas as suas missões de apostolado entre os índios à sua santa filha. Na ausência dele confessava o Revmo. Padre Frei Pedro Becerra, o qual era nessa ocasião Ministro da Província havia um mês. "

A Abadessa ouviu com indizível amargura o pedido da a-mada Fundadora. Abraçou-a entre lágrimas e disse: "Ai, Madre, será possível que vai nos deixar? Que será de nós sem V. Revda.? Peça ao Senhor que, caritativo e bondoso, a deixe conosco algum tempo a mais, pelo menos".

"Madre e filha querida — respondeu a santa enferma — marcados estão o tempo e a hora no relógio divino, e devo marchar. E vou-me, para do Céu velar por vós, e por todas as minhas futuras filhas deste amado

Convento. Aqui viverei sempre, invisível, em todos os tempos. Chame logo o Padre e apressai-vos, para que eu receba logo os últimos Sacramentos, porque ainda tenho de vos ler o meu testamento.

Transida de dor, saiu a Madre Abadessa para mandar chamar o Padre, e a todas que ia encontrando comunicava a dolorosa notiícia. Como um raio a notícia percorreu o Convento, e as monjas, apressadas e em pranto, começaram a entrar na cela de Madre Mariana.

Em extremo doente Madre Mariana atende e consola as religiosas, cada uma em particular

A santa enferma havia amanhecido muito enfraquecida, mas foi só ver entrarem suas numerosas e aflitas filhas, que tirou for -ças de sua fraqueza e num supremo esforço sentou-se sobre o pobre leito, amparada pela enfermeira que não a deixou um só instante, nem de dia nem de noite, desde o dia 11 de janeiro quando caiu acamada.

A todas recebia com aquela doçura que lhe era própria. Estava muito cansada e o coração pulsava fortemente, mas não cessou de atender, consolar e falar a cada religiosa.

Disseram-lhe que necessitavam falar com ela individualmente, uma a uma, e que mandasse a irmã enfermeira retirar-se.

—"Rosita minha — disse a obediente Madre imediatamente —sai da cela para que tranquila e livre cada uma de tuas irmãs fale com sua Madre, que já as deixa. Não te aflijas, porque virás comigo" Sem a menor demora, Madre Zoila Rosa de Mariana de Jesus saiu da cela de sua agonizante Madre e dirigiu-se imediatamente aonde estava Jesus Sacramentado. Ali, prosternada em cruz, chorava.

A Superiora encontrou-a no coro inferior, levantou-a do solo e abraçando-a disse: "Não chores, minha filha; que haveremos de fazer! Árdua, muito árdua será nossa orfandade. Pudéssemos nos deter nossa Madre sequer um tempo mais, mas não nos é dado. Ela promete velar por nós do Céu e este é o único lenitivo em nossa dor incomparável".

— "Ai, Madre, choro de júbilo, porque disse Madre Mariana que me levará consigo. Vim pedir ao Amor Prisioneiro que cumpra a palavra de sua esposa, porque eu não poderia viver sem ela. Oh. amo-a tanto!"

A Madre Abadessa não deu, a princípio, naior importância a estas palavras. E ponderava para si mesma: "Como é simples este anjo de inocência! Madre Marianita deve ter-lhe dito isto para tranquilizá-la, a fim de que, como enfermeira, pudesse continuar a atendê-la em seus últimos momentos. Está muito bem!"

Enquanto isso, as monjas, uma a uma, aproximavam-se da Madre Fundadora. Conversavam, consultavam e saíam em paz, mas transformadas ao mesmpo tempo num mar de lágrimas, vendo o tesouro que se lhes escapava das mãos. Abraçavam-se umas às outras e se lamentavam: "Apaga-se a luz que nos ilumina; nossa carinhosa mãe vai embora. Acaba-se para esta pobre cidade o para-raio". Algumas caíam conturbadas nos braços das irmãs, e em todo o Convento só se ouviam gemidos e soluços.

A Prioreza Mandara chamar o Padre Angüita e havia dado a notícia também a algumas pessoas que estavam casualmente nas cercanias do Mosteiro.E confluiu logo tal ajuntamento de gente, chorando e se disputando para chegar perto da roda, que foi preciso pedir, através da sacristia, que alguém fizesse algo para acalmar o tumulto.

Ouvindo tantos "ais" em torno, a Madre Abadessa, que já andava muito sofrida, desatava-se por vezes a chorar aos gritos: "Acabou-se a mãe dos pobres, o consolo de nossas dores, a luz de nossas trevas, o refúgio em toda tribulação, a paz de nossas famílias, nossa intercessora junto a Deus!" E a multidão lá fora bradava: "Madre Marianita, dai-nos vossa última benção! Madre Abadessa, dai-nos algo de nossa Fundadora como relíquia! Ela é santa e por ela esperamos ser favorecidos. Por Deus não nos prive deste consolo!"

O Sr. Bispo é avisado

De manhã bem cedo a Madre Abadessa havia posto o Sr. Bispo ao corrente do estado de saúde da santa enferma, e que ela já pedira os últimos Sacramentos. Pois o Prelado desde o dia 12 falava diariamente com Madre Mariana e dera ordem para se lhe avisar imediatamente quando se agravasse a doença, porque queria ministrar pessoalmente os últimos Sacramentos e assistir a morte daquela criatura verdadeiramente justa e acrisolada durante toda a vida pelo fogo mais rigoroso e ativo da tribulação. S. Excelência recebeu comovido notícia tão dolorosa; lamentou, entretanto, não poder realizar seus desejos por haver amanhecido com febre. E autorizou a quem a doente pedisse, para ministrar-1he os Sacramentos a auxiliá-la até o derradeiro hausto.

Tudo isto foi comunicado ao Padre Francisco Angüita. Junto com o Padre Gaurdião, resolveram ir sem tardança — como de fato fizeram — para tão dolorosa e comovedora cerimônia. Entraram na clausura pelo coro inferior. Ali o Padre Angüita confessou a enferma e em seguida foram os dois à igreja para trazer o Santo Viático.

Os claustros estavam exuberantemente adornados com gri-naldas e cortinas, o chão recamado de flores. Aspirava-se um aroma do Céu, o fervor do espírito aumentava e se sentiam frêmitos celestes .

Eram doze as cantoras — dentre elas a irmã enfermeira que tinha uma preciosa primeira voz — e entoaram o "Pange Lingua"com primor, parecendo um coro de espíritos angélicos. A numerosa comunidade acompanhava a Majestade Divina com grandes velas acesas. E de permeio, ouviam-se soluços e suspiros de comover a alma.

A procissão demorou algum tempo para chegar à cela daquela virgem prudente, que aguardava o Esposo Celeste com a lamparina na mão. — Lamparina adornada com as virtudes heroicas e sólidas praticadas durante sua longa vida monástica; acesa vigorosamente pelo fogo do ardente amor de Deus e ao próximo, por quem muitas vezes se ofereceu como vítima para alcançar-lhe a conversão e salvação; provida do azeite suficiente do sacrifício e completo abandono à vontade de Deus.

Em sua cela estava montado um altar modesto, porém belo Sobre ele, um Cristo grande da Agonia inspirava devoção, ternura e amor, elevava o espírito e incutia na alma o desprezo pelas coisas da terra, em si mesmas vãs e perecíveis, evocando à mente as palavras de Salomão: "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade e aflição de espírito. Amar e servir a Deus é o único que vale" (Eccles. 1,2).

Os Padres, conduzindo Sua Majestade, penetraram na cela. O Padre Guardião iria administrar os últimos Sacramentos àquela filha fiel e genuína do Serafim de Assis, acompanhado do Padre Angüita confessor dela! — A Divina Providência velava solícita por aquela alma verdadeiramente seráfica: permitiu que o Senhor Bispo ficasse doente, para impedir que mãos alheias à Seráfica Família dessem os últimos Sacramentos àquela criatura tão plenamente unida à Ordem Franciscana.

A chegada do Santíssimo

Defronte ao altar estava o pobre mas asseado leito da santa enferma. Com o rosto coberto pelo véu, esperava, ansiosa, pelo Deus de seus amores. Quando ouviu o tilintar da campainha, arauto da chegada de Nosso Senhor Sacramentado, começou ela a entoar, com primor e melodia, o cântico a ela tão habitual "Vem, Hóstia Divina", o que afervorava as almas e fazia sentir santas emoções.

Aguardaram todos alguns instantes até que aquele cisne humano terminasse suas notas cheias de amor de Deus, as quais seriam indubitavelmente levadas pelos Anjos até o Trono do Senhor como canções mensageiras de sua amada, que em poucas horas chegaria ao Palácio, depois de concluir, cheia de merecimentos, seu triste desterro. Os Padres e a Comunidade derramavam abundantes lágrimas, na muda, embora eloquente, linguagem da alma.

Findo o canto, com o Santíssimo Sacramento já no altar, os Sacerdotes aproximaram-se da enferma, acompanhados pela Madre Abadessa e pela Congregação do Convento. O Padre Guardião dirigiu-lhe as seguintes palavras memoráveis:

"Madre Mariana de Jesus, chegou o grande momento de vossa partida. Ides dar o grande salto do tempo para a eternidade, do qual depende vossa felicidade ou desgraça eterna. Para dar-vos força e valor neste momento supremo, vem Jesus Cristo em Pessoa, velado sob os acidentes sacramentais, para entrar em vosso peito e tomar assento em vosso mesmo coração, e nele ser vosso escudo e defesa contra a astúcia diabólica, que redobrará o furor para vos perder.

"Mas não temais, esposa predileta do Cordeiro Divino! A bondade misericordiosa de Deus vos dispensou o sublime e precioso dom da vocação religiosa, rondecorando-vos com o signo honroso de Fundadora deste Convento, destinado a engendrar santas almas em todos os tempos. Cumpristes a incumbência dada pelo vosso Pai Celeste. Podeis esperar tranquila a recompensa de vossos trabalhos e sacrifícios.

"Entretanto, é próprio à natureza humana errar e delinquir. Ao despedir-vos de vossas numerosas filhas aqui presentes, ordeno-vos, em virtude da santa obediência — para que seja mais méritorio este último ato de humildade — que peçais perdão pelas faltas que possais haver cometido em vossa vida, dando com isso alguns maus exemplos. Para isto uni-vos a Jesus Cristo, e unida a Ele, falai, Madre e irmã, falai".

Assim que o Padre terminou a última palavra, a santa enferma respondeu: "Sim, meu Padre, sim. Isto tenho desejado muito". E, virando-se para

sua Zoila Rosa, disse "Irmã enfermeira, aproxima-te”. Ela chegou perto de sua santa Madre, que lhe segredou alguma coisa ao ouvido. Saiu em seguida às pressas, regressando com um embrulho que entregou à Madre Mariana.

Esta desfez rapidamente o pacote, e tirou de dentro uma corda preta cheia de nós. Colocou-a no pescoço ef apoiando-se na enfermeira, ajoelhou-se, juntou as mãos ao peito e falou desta maneira:

"Madres, irmãs e filhas queridas, chegou por fim o término de meu triste desterro. Dentro de poucos momentos já não me ouvireis, mas me tereis como um inanimado cadáver. Ouvi as penúltimas palavras de vossa irmã, que do leito de morte, ajoelhada, de mãos postas, e com a corda ao pescoço como culpada, por caridade e bondade vos pede perdão, por todos os maus exemplos que vos dei durante minha longa vida. Deveria ser um modelo de santidade e perfeição religiosa, pelo fato de ter sido uma das Fundadoras deste querido Convento e a única que restou das Madres antigas, que as religiosas mais jovens nem sequer conheceram. Mas minha fraqueza e maldade impediram-me de ser o que deveria. Perdoai-me, rogo-vos, uma e mil vezes"

"E, agora, de uma maneira melhor, digo-vos: ouvi minhas palavras e ponde em prática meus conselhos; não imiteis, porém, meus maus exemplos. Demonstra grandeza de alma e grande virtude religiosa quem releva e perdoa a uma irmã seus maus exemplos e procedimentos, quando está humilhada e pede no supremo momento da morte. Rogai por mim e não esqueçais quanto sofri e trabalhei para sustentar e conservar a observância da Regra. Isto vos rogo prostrada aos pés de cada uma".

Terminada esta comovedora exposição, o Padre disse emo-cionado: "Madre, vossas filhas e irmãs vos pedoam e vos amam. Rogam que não as esqueçais no Céu. Tampouco olvideis vossos irmãos, os Padres Menores".

Profissão de Fé na hora da morte

Madre Mariana respondeu: "Humildes e reconhecidas graças dou ao Autor de todo bem e a vós, Padres. Morro no seio da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, confessando e crendo todos os Mistérios, Verdades e Dogmas que Ela crê, confessa e manda. Morro também muito contente nos braços de minha Mãe, a Ordem Seráfica. Como último favor e caridade, peço aos Padres e à Comunidade que me concedam o consolo e incomparável ventura de morrer no chão, à imitação de meu seráfico Pai São Francisco". O Padre Guardião aquiesceu: "Madre e irmã minha, concedemo-vos o

que pedis". E ordenou, em seguida, a irmã enfermeira, a Madre Abadessa e Assistente que pusessem a santa Fundadora no chão, conforme ela pedia. Enquanto a punham no chão, os Sacerdotes conservaram-se junto ao altar, com o Santíssimo Sacramento.

Depois de ajeitada no chão, aproximou-se dela o Padre Guardião, acolitado pelo Padre Angüita, e, rezando as orações de costume, depôs-lhe na língua a Santa Hóstia, o Pão dos Fortes. Comungou ela de joelhos, as mãos postas, com um fervor que edificava. Permaneceu um momento assim; então a Madre Abadessa chegou perto, abraçou-a e fê-la sentar-se. Ela obedeceu com a docilidade de criança que sempre a caracterizou, pois viveu dócil, humilde, abnegada e obediente. Assim vivem e morrem os santos!

A Extrema Unção

Fechada a âmbula, o Padre Guardião colocou-se de frente para a enferma e disse: "Madre e irmã minha, mando-vos por força da santa obediência que descobrais o véu que encobre o rosto, para se proceder comodamente à unção de vossos sentidos com o Óleo Santo, o último dos Sacramentos com que nossa Mãe, a Santa Igreja, conforta os seus filhos no supremo transe da morte, dando coragem, força e graça. Segui as palavras das orações desse ritual".

E ela descobriu o rosto: momentos antes estava muito pálida, mas agora apareceu rejuvenescida: as faces rosadas, a cútis clara; os olhos azuis e vivos exprimiam doçura e tranquilidade, manifestando que sua alma estava possuída de Deus, e a quem nada perturba nem espanta.

O Sacerdote começou a ungir os olhos. A santa enferma acompanhava com a maior devoção as orações, fazendo um ato de contrição em cada sentido. Ela pedira antes de começar o ato que o Padre Guardião se detivesse um pouco, entre a unção de cada um dos sentidos. Foi um cerimonial muito edificante. Os Padres estavam comovidos e a Comunidade rezava os salmos penitenciais entre lágrimas e suspiros.

Terminada a Extrema Unção, disse o Padre Guardião a Madre Mariana: Madre, sêde muito agradecida ao Senhor por este insígne benefício! Quantos desejam os últimos Sacramentos e não há quem os administre por

viverem em paragens de onde estão longe os Ministros do Altar! E V. Revda. teve tudo. Mando-vos agora em virtude da santa obediência que digais a hora deste dia em que morrereis, porque é muito justo que nós, os vossos irmãos, vos ajudemos neste último transe. Faltam no momento três quartos para o meio dia".

Devido ao descuido das Superioras algumas freiras morrerão sem os Sacramentos

A humilde e obediente Madre respondeu: "Padres meus e caros irmãos, dou ao Senhor reconhecidas graças pelos benefícios que me acaba de dispensar sem merecimento da minha parte. Estes benefícios desejo também para todas minhas filhas atuais e futuras. Algumas, contudo — e isto me dói na alma — no decorrer dos séculos, morrerão sem Sacramentos, devido ao fatal descuido das Superioras. Para estas reservara a Justiça Divina um castigo especial. Dura prova será, porém, para minhas-filhas moribundas.

"Respondo com gosto a vossa pergunta. Minha alma sairá do corpo, rompidas por fim as cadeias da mortalidade, para alçar alígera o vôo rumo ao Céu, hoje às três horas da tarde, em ponto. Rogo-vos ao mesmo tempo que realizeis a santíssima vontade de Deus, presenciando minha morte e fazendo a encomendação da alma com as orações de costume. Assim dormirei tranquila o sono do justo nos braços de minha mãe, a Ordem Seráfica, como o foi meu nascimento para a Ordem de minha Mãe Imaculada neste santo Mosteiro.

"Podem V. Revcias. voltar tranquilos ao Convento de São Francisco por uns momentos. A uma hora e meia, quando deveis estar presentes, procederei pessoalmente à leitura para minha Comunidade do Testamento que, por vontade de Deus e da Santíssima Virgem nossa Mãe, faço como Fundadora deste Real Mosteiro da Imaculada Conceição na Colônia. V. Revcias. serão as testemunhas, representando , para toda a posteridade, a Ordem Franciscana, sob cujo cuidado e dependência foi fundada minha Ordem Concepcionista pela ilustre dama Dona Beatriz de Silva, custando-lhe pode-se afirmar com verdade — o próprio martírio, Com o fim dessa leitura, principiará minha agonia que não será longa. Entrementes, abençoai com devoção a vossa moribunda filha".

Os religiosos abençoaram-na e saíram apressados para o seu convento, dizendo que estariam de volta a uma hora e um quarto.

A Comunidade, que amava com toda a alma a sua Madre Fundadora,

não queria separar-se dela para gozar, ao menos por uns instantes mais, de sua companhia e presença. Mas a santa enferma, conservando-se inteiramente lúcida, ponderou à Madre Abadessa, abraçando-a: "Madre e filha querida, leve ao refeitório estas minhas amadas e atribuladas filhas. Conheço a aflição e lágrimas delas por minha partida, mas não é possível fazê-las permanecer em jejum. É preciso que se dirijam ao refeitório para cumprir o ato de Comunidade e dar ao corpo o alimento necessário, a fim de agradar a Deus na recordação daquelas belas palavras do Apóstolo São Paulo aos seus: "Quer comais quer bebais, fazei tudo por Deus e vos será grandemente meritório". Fazendo agora minhas estas palavras, digo-as às filhas amadas, do meu leito de morte. Cumpri este dever e fazei a visita ao Santíssimo Sacramento em Comunidade como de costume. Espero-vos aqui, diletas filhas, para vos ver uma última vez com meus olhos maternais, abençoar-vos com grande ternura e dar-vos por fim o adeus temporal, depois de lido meu Testamento".

A Madre Abadessa obedeceu, apesar de muito penalizada, e ordenou à Comunidade que descesse ao refeitório, para o que foi tocada a campainha.

Ao toque, todas as monjas acorreram ao ato de Comunidade, cada uma mais penalizada que a outra. Ansiavam voltar logo para junto de sua moribunda mãe. Comeram num instante e a servidora comia ao mesmo tempo que servia. Desta vez a Madre Abadessa dispensou a leitura, durante a refeição, que é de Regra.

A irmã enfermeira pede licença para morrer também

Madre Mariana ficou acompanhada somente pela enfermeira. Não sabemos o que se passou entre mãe e filha. Só Deus o sabe. Mas o certo é que a Madre Abadessa ao regressar com a Comunidade ,encontraram a enfermeira jubilosíssima como se estivesse na plenitude das delícias.

Chamando-a à parte, disse-lhe a Madre Abadessa:

"Hijita mia, sempre apreciamos teu gênio infantil e alegre sem dissipação, mas na presente aflição, não é correto esse contentamento que manifestas. Todas estamos com o coração partido de dor porque vai-se-nos a nossa Madre, o sustentáculo do convento, luz e guia da Comunidade. Considera que vamos ficar em cruel orfandade. A alegria que agora te inunda converter-se-á dentro de poucas horas em amargura sem nome para teu coração. Modera-te um pouco com estas reflexões e prepara-te para receber

com cristã e religiosa resignação este rude e inevitável golpe".

— "Madre, respondeu imediatamente a jovem monja, por certo eu não resistiria viver sem minha santa Madre Fundadora, mas devo esclarecer a V. Revda. que eu também vou com ela hoje mesmo. E aqui, Madre, tem as chaves da caixeta de uso. Tudo o mais está na cela e no escritório. Como monja e como filha do pobrezinho de Assis, meu seráfico Pai, nada tenho em absoluto, menos ainda apego a coisa criada, somente peço a V. Revda. e à minha querida Comunidade perdão por todos os maus exemplos que dei, por não haver servido como merecem as santas esposas de meu Senhor Jesus Cristo. Por último peço um hábito, o mais pobre e remendado, para que amortalhem meu cadáver, e uma cova para minha sepultura.

"Dê-me, Madre, a bênção e licença para morrer e ir-me com minha Madre Fundadora, que é preciso que entre no Céu como sua Benjamin; de lá não esqueceremos nenhuma de nossas irmãs".

A Madre Abadessa ficou por um momento em silêncio, sur-presa. Olhou-a com atenção e disse para si:

"Pobre Rosita, pobre Rosita! Para atenuar-lhe a dor, nossa Madre Marianita fê-la crer que ela também vá morrer hoje. E como nossa Madre é santa, alcançaria de Deus que ela morresse por inteiro a tudo que é deste mundo para que se eleve a um grau mais alto de santidade. Obteria, assim, as forças, que não tem, para viver sem ela."

Recebendo as chaves, disse:

"Ajoelha-te, filha. Recebo as chaves do armário de teu uso. Irei já contente à tua cela e local de trabalho. De boa vontade dou-te licença para que morras e gozes a Deus onde e como Sua Majestade quiser. Tem bom ânimo e não recuses sacrifício algum ao Senhor teu Deus e Dono absoluto". E deu-lhe a bênção.

Um toque grave conclama as monjas para a última reunião com Madre Mariana

Dirigiram-se logo em seguida aonde estava Madre Mariana, que perguntou com vivo interesse:

— "Madre, que horas são?" "Já passa de uma hora", responderam-lhe.

— "Madre, que a santa encarregada toque imediatamente com espírito de fé e devoção a campainha da Comunidade".

Ao toque grave da Comunidade, todas as monjas reunirara-se prontamente.

Momentos depois chegaram os padres já citados e entraram. Pela última vez a santa falou com eles a sós.

"Madres e irmãs queridas de minha alma! Por fim chegou a mim o desejado momento de terminar meu desterro tão longo e penoso. Digo-vos o que nosso Divino Salvador disse aos seus Apóstolos quando ia ausentar-Se, fisicamente, deles por ocasião da Ascenção: 'É preciso que Eu me vá, mas não vos deixarei órfãos por isso. Subo a meu Pai e a vosso Pai, a meu Deus e a vosso Deus, e baixará a consolar-vos o Divino Consolador' Também eu, vossa Fundadora, faço minhas estas belíssimas palavras, saídas naquela comovedora ocasião, dos lábios divinos de nosso Redentor Adorável: "Já não me vereis mais com os olhos corporais, mas em espírito viverei em vós; e do Céu enviar-vos-ei o consolo, pedindo que sobre vós venha o Espírito Santo para que, guiadas por Ele, jamais vos afasteis da senda da verdade na vida religiosa. Tende presente meu desvelo pela observância da Regra, pela dissimulação mútua de vossas faltas. Considerai-vos sempre como frágeis criaturas, conservando, assim, a caridade fraterna, virtude tão amada do Divino Redentor! Não vos olvideis meus ensinamentos e admoestações e sereis felizes. Agora, prestai atenção à leitura que farei do meu testamento e última vontade, que peço, ordeno e mando seja, cumprido por vós e por vossas sucessoras, o que se transmitirá de geração em geração e cujo texto se terá sempre à mão".

* * *

TESTAMENTO

Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Eu, Mariana de Jesus Torres y Berriochoa Fernandez Taboada y Reiz, como filha fiel e submissa da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana;

crendo e confessando todos os Dogmas, Mistérios e Verdades que Ela crê e professa, e reprovando o que Ela reprova;

em Nome Santíssimo e dulcíssimo de Nosso Senhor Jesus Cristo;

em nome da sempre Virgem Maria, Pura e isenta da culpa original desde o instante de sua Imaculada Conceição no ventre feliz de minha gloriosa Sant'Ana;

em nome de seu glorioso Trânsito e Assunção em corpo e alma ao Céu

— Mistério que um dia será declarado Dogma de Fé pela Igreja Católica, quando o mundo inteiro estiver envolto nas escuras sombras da corrupção geral, e que se iluminará, como estrela luminosa, no céu da Igreja, para luz de muitas inteligências extraviadas;

em nome do glorioso Patriarca meu Senhor São José, Pai adotivo do Verbo Divino e esposo castíssimo da Virgem sem mancha, Rainha dos Céus e da terra, seguro refúgio dos pobres pecadores;

em nome do Serafim humano São Francisco de Assis, meu Seráfico Pai, cujo benditíssimo corpo foi privilegiado com a impressão das cinco chagas, nas mãos, nos pés e no flanco, tornando-se desta forma imagem viva de Cristo Senhor e Redentor nosso; em nome de todos os santos e santas da Seráfica Família, e dos bem-aventurados que gloriosos e triunfantes reinam com Cristo na celeste e bendita Pátria;

faço meu testamento, como Fundadora que sou deste Real Convento da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, Senhora Nossa, de Quito, na Colônia, ordenando e manifestando minhas disposições e última vontade e, nela, a de todas as Madres Fundadoras — em especial a de Madre Dona Maria de Jesus Taboada, consanguínea del Rey, nosso senhor, que foi a primeira Fundadora e Abadessa deste Real Mosteiro, as quais, ao cerrarem os olhos à luz natural, ordenaram-me que, quando eu estivesse prestes a morrer, deixasse o testamento escrito e rubricado de meu punho e letra a todas as Sras. monjas, filhas e irmãs queridíssimas nossas deste Real Mosteiro, tanto atuais quanto futuras, até o último dia dos tempos, para que seja cumprido com religioso escrúpulo, tendo em conta que ele será a restauração do espírito religioso e a conservação deste sítio tão privilegiado e amado de nosso Divino Salvador e de Sua Mãe Santíssima, é como segue:

CLÁUSULA PRIMEIRA

A conservação do Mosteiro a todo custo

Este sítio extenso com todas suas dependências fica legado e em propriedade perpétua de quantas almas chamadas por vocação divina a ser monjas professas que vivam e morram neste convento. Digo e esclareço para todas as senhoras monjas fiéis à graça da vocação e espírito seráfico e não para as infiéis e bastardas.

Quando chegarem os tempos em que se vejam obrigadas a desfazer-se de grande parte deste lugar, poderão desfazer-se, conservando a todo cus-

to, sem poupar sacrifícios, a casa em que estão os coros porque nela o Senhor fez grandes maravilhas. Devem consultar também a utilidade do bem comum, livres de conveniências próprias, e por um preço de patacões suficientes para adquirir terras próprias que abasteçam a manutenção suficiente e necessária para cem pessoas, para as necessidades de roupas e restauração de telhados, paredes e aposentos segundo os casos e tempos como também dar e favorecer-os verdadeiros pobres que nos venham pedir esmola, mas não aos ociosos e viciados que se fingem de pobres e gastam grossas somas de patacões em vaidades, bagatelas e vícios de toda espécie.

As Senhoras Abadessas tenham preferência em favorecer com esmolas as famílias das senhoras monjas que estivererem em pobreza verdadeira, como aos benfeitores que foram do convento e depois Deus Nosso Senhor os provou com a carência e a pobreza, e também aos benfeitores de cada tempo, porque eles jamais faltarão a este convento querido.

CLÁUSULA SFGUNDA

A vida no Claustro — A oração, a penitência, a morte e a salvação

Fica legada, em propriedade e vigência, a santa vida comum neste querido Convento. Guardai, minhas filhas, com cuidado e vigilante esmero este precioso tesouro de grande valor que nós, vossas Madres, adquirimos à custa de sacrifícios, trabalhos e padecimentos suportados em vosso benefício. Oh, se soubésseis quanto sofremos para virmos (a ter) a esta fundação, para estabelecer de uma maneira segura, estável e permanente a vida comum! Agora nada sofreis e por isso não vos dais conta disto. Sois nossas filhas queridíssimas benefício de quem, nós, vossas madres, sofremos amargas penas, derramamos abundantes lágrimas e passamos noites em claro para fazer-vos felizes. Não malbarateis este tesouro de grande valor.

A vida particular no Convento

Considerai que, quando a vida particular entra no Convento, entra o relaxamento e com ele a morte do espírito religioso. Porque quando cada uma trabalha para manter-se a si e às suas criadas, não tem tempo suficiente para cumprir os deveres monásticos, dedicar-se à meditação, que é a vida e o alimento da alma religiosa, sobretudo das contemplativas filhas da Imacu-

lada Virgem; filhas da contemplativa e santa Madre Dona Beatriz de Silva, a qual fundou nossa Ordem com as poderosas armas da oração vocal e mental; filhas de nosso extático Pai, o Serafim de Assis. Eles não reconhecem por filhos e filhas as almas que vivem nos claustros, mas se dissipam como se vivessem no mundo.

A oração

Quando faltam a oração e a vida em comunidade, falta tudo. São semelhantes a soldados sem armas no mais rijo combate. Combate e duro é o da vida atual. E não basta viver nos claustros para assegurar a salvação. É preciso, é absolutamente indispensável trabalhar no campo do espírito: cumprir os santos votos e as austeridades da vida monástica, ir podando, diariamente, as más ervas que crescem na alma sem que se sinta nem se queira e isto se vê claramente na oração.

Filhas e irmãs queridas, lego-vos o vencer-se a si mesmas e a santa penitência!

A penitência

Oh! amai a penitência! Ela é um antídoto contra as más paixões e até saudável para o corpo. Uma flagelação diária, exceto aos Domingos, não deve faltar a uma fervorosa religiosa da Imaculada Conceição, a uma alma que, desprendida de tudo e mais ainda de si mesma, vive considerando-se desterrada no árido deserto da vida terrena e caminha pressurosa em direção ao Céu. Isto se aplica também-às minhas filhas enfermas que não estiverem gravemente doentes, porque a religiosa enferma não deixa de ser religiosa e está no estrito dever de cumprir suas obrigações monásticas na medida de suas forças.

As enfermas

Aqui dirijo-me a vós, queridas enfermas, filhas prediletas de nosso Divino Salvador e minhas, de todos os tempos. Padecereis dores, doenças agudas, privações, sacrifícios, amarguras, vergonha, carência de coisas indispensáveis para vosso estado de saúde, as quais se acrescentarão a desolação

e penas do espírito. Que fareis neste caso? Ouvi as palavras que vossa moribunda Madre vos dirige no leito da dor e no momento mesmo em que vou abandonar a vida terrena. Quando assim vos encontrardes, levantais vossos nublados olhos ao Céu e contemplando um momento o azul ou o nublado firmamento, digam interiorraente: por detrás desse ar congelado está minha amada Pátria celeste; ali me esperam meu Divino Esposo, minha Imaculada Mãe, minha Madre Fundadora, alma tão sofredora e amada de Deus, meu seráfico Pai São Francisco e minhas Madres Fundadoras deste convento que é a ante-câmara do Céu. Do Reino têm seus olhos fixos em mim, para ver minha conduta neste tempo de dura prova, em que meu corpo e alma padecem o indizível. Jesus Cristo, o Santo dos Santos padeceu mais do que eu, e Ele inocente e eu culpada. Ó Deus, quantas traições e infidelidades no tempo em que gozei de saúde. Como sois bom, como me manifestais vosso amor, enviando-me este presente para com ele satisfazer e merecer, quando no purgatório teria somente que satisfazer sem nada merecer! Logo Vós, Amor meu! padecestes muitíssimo mais que eu, unicanente por meu amor. Portanto, eu aceito por vosso amor este cálice tão amargo, e quero bebê-lo até a última gota para agradar-vos, para assemelhar-me a vós, para dar-vos provas de meu amor, satisfazer e merecer por meus desvios e ingratidões, a fim de ir-me quanto antes para gozar-vos no Céu sem passar pelo Purgatório, porque a mim é duro estar separada de vós por mais tempo; e já na vida mortal é cruel esta separação. Anelo o momento em que minha alma possa desatar-se das ligaduras da mortalidade para alçar meu ligeiro vôo até a ditosa eternidade e ali dar-vos o abraço eterno, perdendo-me em vossa divina imensidade como uma gota de orvalho se perde no oceano. Mas, qual frágil e débil criatura, sem virtude alguma, já naufraga a débil barquinha de minha alma no proceloso mar de minhas dores. Dai-me força, valor e constância para fazer frente a tudo com ânimo varonil, tendo presente que o Reino dos Céus só conquistarei com violência; que este tempo logo passará, tudo terminará e de mim não ficará memória. Para a eternidade só levarei minhas boas ou más obras, e apresentando-me no tremendo Tribunal receberei sentença favorável ou desfavorável segundo elas. Deus de meus amores, não permitais em vossa pequena e pobre criatura sentença desfavorável. Oh não! Aqui queima, ali corta, acolá mata, mas lá perdoa. Eu não só aceito esta série de doenças com todo o cortejo fúnebre de todos os dias, mas abraço-me a elas, amo-as como um tesouro precioso e de valor quase infinito, pelo qual vos dou graças porque a mim o confiastes. Peço-vos que não o tireis até quando quiserdes que eu o goze. Sim, os gozos são todas minhas dores vindas de vossa mão, dispostas por vossa vontade santíssima. Vós assim o quereis. Bem meu, e faça-se como o quereis.

Desta forma doentes, filhas minhas, sê-lo-eis apenas do corpo, mas não da alma. Oh! Que Deus vos livre de serem doentes de corpo e alma!

A flagelação

E para evitar isto é que vos prescrevo que jamais deixeis a oração mental, a mortificação interior sem interrupção, e a mortificação exterior sempre que possais, porque jamais a esposa de Jesus Cristo deve viver sem castigar seu corpo. Por certo que durante o tempo em que Deus Nosso Senhor vos provar com a doença, não podereis usar os cilícios, porque impedem a circulação além de outros inconvenientes, mas a disciplina podereis tomar com vantagens físicas e morais.

A doença

Excetuado isso, filhas queridas rogo e encareço pelo Coração Santíssimo de nosso Esposo Celeste e pelo Coração Puríssimo de vossa Imaculada e santa Mãe que sejais humildes, pacíficas, pacientes, tolerantes no tempo da doença, tendo presente que ela é o termômetro que marca verdadeiramente a virtude de uma monja e o grau de amor a Deus. Porque ainda que ao som da trombeta digais: "Meu Deus, eu Vos amo", não se acreditaria enquanto não désseis, na prática, provas de amor. E estas provas inequívocas se dão de preferência no tempo da doença, na qual a criatura vive tomada pela dor. Obedecei com a docilidade, candura e simplicidade de uma criança ao médico que Deus, pródigo e amoroso com todas Suas criaturas e especialmente com Suas esposas, provê. Tende presente que neste querido Convento, no decorrer dos tempos eu mesma verei do Céu quem vos presta a solícita assistência para curar vossas doenças.

A Paciência

Dai o bom exemplo com vossa conduta irrepreensível, com vossas sólidas virtudes, com vossa paciência heroica, manifestando vosso intimo amor de Deus e falando sempre do nada das coisas da terra em que tudo é transitório. Que as criaturas feitas por Deus devem serví-LO e amá-LO para gozá-LO no Céuz sendo a eterna salvação o único negócio pelo qual todos os cristãos incansáveis devem trabalhar. Falai da eternidade feliz e da eternidade desgraçada, do valor de uma só alma.

A palavra de uma Religiosa

Oh, quanto valem as palavras doces e insistentes de uma monja, a este propósito, no ânimo das pessoas do mundo!

Eu vos falo por experiência própria, porque no decorrer de minha longa vida, muitas almas voltaram-se para o Senhor com estas reflexões, às quais, nos lábios de Suas esposas, Deus, nosso amoroso Pai, dá unção. E ainda que elas não produzam efeito no momento, vão ficando gravadas em caracteres indeléveis no fundo do coração de quem as ouve. Os ecos repercutem quando a pessoa está sozinha e nunca ficam sem fruto;

Oh, não! Se vos encontrardes com almas dóceis que logo se voltam para Deus, agradecei tamanho favor. Mas se são almas duras cuja conversão parece impossível, então, mais do que nunca, redobrai vossas prédicas e sacrifícios. Oferecei vossas próprias dores e sem deixar de insinuá-las, esperai contra toda esperança no amor misericordioso que Deus tem às almas remidas com Seu Sangue Redentor, e pedi e instai a conversão dos pecadores e a salvação das almas, pondo por intercessora nossa Mãe Santíssima do Bom Sucesso, para que lhes dê feliz sucesso, convertendo-as, dando a perseverança e por fim salvando-as.

Em relação a vossas irmãs enfermeiras, sêde dóceis e acessíveis, brandas, carinhosas e agradecidas. Se alguma vez vos faltar assistência por parte delas, se esquecerem os medicamentos (que serão, muitas vezes, por permissão do Senhor para provar vosso paciente amor a Ele); se vos enganarem ou ostentarem cansaço e carranca, ó filhas queridas, filhas de meu coração, elevai vossos sofridos corações a vosso Deus e conduzi-vos em silêncio por amor a Ele. Dizei interiormente: minha irmã tem razão; uma doença longa é penosa cansa; somente a heroica caridade que existe no Convento pode tolerar-me; meu Deus, abençoai minhas Superioras e irmãs, dando-lhes fortaleza, paciência e grande prêmio no Céu; lembrai-vos, ó Deus.de que um dia fostes Varão de dores, e que vossa Humanidade Santíssima esteve submersa no meio da dor física e moral, como está o peixe no meio da água. Por outro lado, os mendigos lá no mundo, quanto e quanto precisam do muito necessário! E eu na vida religiosa, tendo feito voto de pobreza, quero que nada me falte nunca e que todos me adulem? Oh, não, mil vezes não! Que me dirá meu Esposo Celeste, no último dia de minha vida, se eu não procuro assemelhar-me a Ele, levando com paciência e amor minhas pequenas dores, privações e carências? Dar-me-á vergonha de dizer: abre-me, Amado meu, as portas de Teu Reino, como me abristes num dia memorável as benditas portas do claustro de minha Imaculada Mãe, aonde me santifiquei cumprindo vossa santíssima vontade sob vosso único olhar. Eis-me

aqui, que venho cansada do penoso desterro da vida mortal, onde padeci em silêncio e por vosso amor quanto me enviastes de penoso. Longo foi o caminho, mas por fim cheguei ao termo. Abri-me vossos braços e permiti-me que descanse de meus trabalhos, pondo minha cabeça dolorida na ardente frágua de vosso Divino Coração, em que morei sempre contente e tranquila mesmo no meio dos mais cruéis padecimentos, os quais agora terminaram. Agora venho ansiosa tomar posse da ditosa eternidade, que me prometestes, sob o manto de minha Imaculada Mãe, em companhia do Serafim humano, Francisco de Assis, meu Pai.

Às doentes

Quanto ao mais, caras filhas, santificai vosso período de enfermidade. Não sejais pretenciosas, querendo que todas vos sirvam sem faltar nada nem ninguém. Não sejais pesadas, mortificando as enfermeiras com queixas, melindres e mau gênio, exagerando vossas dores, resistindo a tomar os medicamentos prescritos. Considerai que as enfermeiras sofrem ainda mais do que as doentes, porque põem toda a dedicação em curá-las e não realizam seus desejos. Sendo isto um secreto sofrimento para elas, um contínuo dardo que lhes transpassa o coração.

Somente Deus é a única testemunha, das privações, sacrifícios, renúncias e amarguras das enfermeiras, que não tem outro recurso a não ser Deus, Nossa Senhora e seus santos protetores. Elas se sacrificam por vós, sofrem e choram a sós com seu Deus. Amai-as como a vossas ternas mães. Manifestai-lhes confiança e carinho que isto será para elas o que podeis lhes retribuir pelos solícitos cuidados que vos prestam.

Sêde agradecidas e jamais murmureis nem vos queixeis delas. Sabei que a ingratidão desgosta muitíssimo ao Coração Santíssimo de vosso Divino Esposo, que deseja ver nas esposas doentes uma cópia fiel d'Ele mesmo. Contemplai Sua dolorosíssima Paixão, analisai-a em vossa oração, penetrai nesse sofrido e atormentado Coração e vereis um modelo de humildade, paciência, tolerância, silêncio e generosidade heroicas, no mais duro do sofrimento, ao qual não chegará jamais nenhuma criatura mortal. E no abismo dos Seus sofrimentos olhai como desculpou a Seus verdugos, quando se aproximou o momento de Sua Belíssima alma sair do Seu dilacerado corpo, Ele pensou em Suas filhas queridas e nos encomendou à Sua Mãe Santíssima na pessoa do discípulo amado.

O apostolado pela conversão dos pecadores

Assim também, minhas amadas enfermas de todos os tempos, sabei desculpar, primeiramente, as faltas de nossas irmãs da Comunidade e depois aos pobres e grandes pecadores. Vós que sois contemplativas, pela grande mercê que Deus vos concedeu ao tirar-vos do grande e perverso mundo para que vivêsseis aqui com Ele debaixo do mesmo teto, sabei amar os pobres pecadores que são vossos irmãos. Não censureis suas pessoas, não os desprezeis, não tomeis parte no palavrório de muitas pessoas que falam de piedade e não cuidam de refrear a língua, qual espada de dois gumes que despedaça os culpados irmãos, os pecadores, abrindo em suas almas feridas profundas difíceis de cicatrizá-las durante a vida mortal. Daí provêm ódios secretos e vinganças, que ofendem e contristam o Coração pacientíssimo e caritativo de nosso Divino Mestre, daquele Redentor amabilíssimo que disse não ter vindo para os justos mas para os pecadores, e que a mecha que ainda fumega não será apagada.

Lembrai-vos da bela e terna parábola do filho pródigo; a conduta de Nosso Senhor Jesus Cristo com a Samaritana; com a mulher adúltera, com Maria Madalena e com o Príncipe dos Apóstolos, São Pedro. Admirai-O e imitai-O, reprovando o pecado, o deslize em vossos irmãos. Amai suas pessoas. Amai suas almas e não vos olvideis deles em vossa vida de contínua dor. Oferecei, pela conservação e volta delas à casa paterna, vossas privações, dores e sacrifícios, tendo em conta de que se Deus Nosso Senhor não vos tivesse em Suas mãos, seríeis piores que eles, muito mais culpadas e escandalosas.

Sêde apóstolos secretos para converter almas por vossa oração e sacrifício heroico. Longe de vós o desprezo pessoal, os ódios, as injúrias, as vinganças, porque isto só e próprio de almas mesquinhas sem virtude nenhuma interior, que tomadas de uma secreta soberba se reputam boas e até melhores do que aqueles irmãos transviados.

Recordai com frequência aquelas tremendas palavras do Apostolo São Tiago que disse: "A língua é espada de dois gumes. Usai-a com temor e tremor, para que não danifiqueis e mateis vossos irmãos com ela. Primeiramente cuidai de tirar as traves que estão em vossos olhos para que depois tireis a palha dos de vossos irmãos. Junto com a insistente e humilde oração deve irmanar-se a suavidade, a doçura e a bondade, em uma senhora monja da Imaculada Conceição, no trato com os pecadores a fim de os conquistar. Oh! aprendei a ser mansas e humildes de coração como foi o Divino Mestre, modelo dos predestinados e em especial das almas religiosas!

À semelhança do Divino Mestre que, próximo a exalar o último suspiro, nos deu por Mãe Sua Santíssima e benditíssima Mãe e a Ela nos encomendou na pessoa de São João, o discípulo amado, vós, também, no abismo de dores em que vos encontrardes esquecidas de vós mesmas, à imitação do Amor Crucificado, dai a vossos irmãos, os pecadores, vossos padecimentos, e pondo-os nas mãos de Nossa Senhora do Bom Sucesso, nossa terna Mãe. Lembrai-vos de que seu Filho Santíssimo e Redentor nosso, ao morrer no-La legou como Mãe, amparo e seguro refúgio dos miseráveis e pobres pecadores.

O demônio e a carne estão prontos a lançar no abismo os pecadores desesperados de salvação e náufragos no proceloso mar do mundo. Que os ampare o maternal amor de Nossa Senhora pela purificação de vossos padecimentos e dores, apresentados ao divino acatamento, junto com os de Nosso Senhor Jesus Cristo e com os de nossa benditíssima Mãe, a fim de alcançar luz, arrependimento, misericórdia e perdão, para essas almas irmãs, remidas pelo Sangue de um Deus humanado.

Desta forma, caras enfermas, filhas minhas amadíssimas, passareis com proveitoso mérito os dias amargos de vossa enfermidade, dareis almas a Jesus Cristo que, comprazido de vós, sorrir-vos-á do Céu, encher-vos-á daqueles íntimos e doces consolos com os quais só Deus sabe regalar Suas almas diletas. Unidas a Ele e com Ele cravadas numa mesma cruz, vós O tereis sempre propício a ouvir vossas petições, para remediar vossas necessidades e as das almas a vós confiadas. Cumprida vossa missão na terra, cerrareis tranquilas e jubilosas vossos olhos à luz material para abrí-los à luz eterna. Uma vez na eternidade, se purgatório tiverdes, será muito curto, pois já o passastes em vossa vida de sacrifício e de dor prolongada.

Para conseguir isto, deveis também oferecer cada dia e momento de vossa vida de enfermidade, oferecer tudo sem perder uma respiração, unidas aos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, com o fim de satisfazer vossos pecados e em penitência por eles e para merecer um alto trono de glória, como convém a uma alma contemplativa, filha da Virgem sem mancha. Alma que teve a felicidade incomparável de passar a vida nos solitários recintos do claustro de sua Imaculada Mãe como uma vítima voluntária unida à Vítima Eucarística sob o olhar único de Deus, oculta e ignorada do mundo, mas conhecida, querida e admirada dos Anjos e bem-aventurados.

Dareis também bom exemplo a vossas irmãs religiosas, porque estas em geral e as doentes durante a enfermidade têm obriga ção de consciência de dar bom exemplo, sofrendo com paciência e paz inalterável no cúmulo de dores e amarguras. Longe, pois, de vós a inquietude, a cólera, o desespero,

se a doença se prolonga. Considerai que só a eternidade não se acaba e que, por mais penosas,dolorosas e longas que sejam as enfermidades padecidas nesta vida terrena, nada são, pois lá na eternidade não parecem senão um suspiro a longa e penosa vida de dor.

Caras filhas de todos os tempos até o fim dos séculos, gravai estas verdades que em testamento vos deixa vossa Madre Fundadora no leito mortuário e na hora mesma do último vital alento. Verdades para mim não teóricas mas práticas, pela larga e ininterrupta experiência que tenho tanto na minha pessoa quanto na Comunidade.

O precônio de Madre Mariana

Eu vos conheço a todas não só doentes mas também as sãs, conheço até a última filha que professará e viverá neste meu amado Convento. Amo-vos mais do que a mim mesma. Considero-vos com as fibras mais delicadas de meu coração. Desejo que sejais santas, para que santifiqueis este lugar, que deixo em herança para vossa residência enquanto viverdes desterradas de vossa Pátria celeste, no árido deserto da vida mortal. Sustentai com vosso sacrifício heroico este amado Convento que nós, as vossas Madres Fundadoras, vos deixamos. Do Céu velaremos por vós, cuidaremos de vós, vos abençoaremos, vos acompanharemos em vossas enfermidades e estaremos em vosso leito de dor. Ao acabarem-se as vossas vidas apresentar-vos-emos no Tribunal divino como filhas e irmãs nossas, para vos levarmos a permanecer por toda a eternidade como membros da Seráfica Família, sob o azulado manto da Rainha Concebida sem pecado original e de nossa Madre Fundadora de toda a Ordem Dona Beatriz de Silva, filha predileta da Conceição Puríssima de nosaa Mãe Santíssima e do Serafim de Assis.

CLÁUSULA TERCEIRA

Nossa Senhora do Bom Sucesso

Quando o Divino Mestre pendia do afrontoso patíbulo da Cruz, em que expirava entre dores e tormentos quase infinitos, a quarta palavra que falou, ou testamento que legou à humanidade remida, foi deixar-nos como mãe Sua própria Mãe. Dirigindo-se à Virgem Mãe disse: "Mulher, eis aí o teu filho", o discípulo amado. E dirigindo-se a ele disse: "Aí tens a tua Mãe”. Apropriando-me desta quarta palavra de meu Esposo moribundo, eu, vossa moribunda Madre, que no leito de agonia vos dirige as últimas palavras, di-

go-vos, minhas filhas presentes e de todos os tempos até a consumação dos séculos. Aí tendes a vossa Mãe do Céu, Maria Santíssima do Bom Sucesso. Ela vos dará sempre bons sucessos.

O milagre na confecção da Imagem

Como sabeis, Ela me regalou sempre com seu trato e ternura de Mãe. Ela mesma mandou-me que fizesse trabalhar uma estátua. Uma vez feita pelo homem de Deus, Francisco del Castillo, que já goza de Deus no Céu, e quando no dia seguinte devia dar a última demão, a amabilíssima vontade de nosso bom Deus pelo amor de predileção que tem a este seu querido Convento, dispôs que a bela Imagem, que tendes ali no coro alto sobre a Cadeira das senhoras Abadessas, fosse não só acabada pelos Anjos mas também — oh prodígio! — feita por eles.

As primeiras demãos de carnatura material dadas por Don Francisco foram encontradas caídas no chão. Ele, cheio de uma especial admiração assegurou, com juramento e por escrito, que o entalhe da imagem não estava como ele deixara ao sair da clausura na tarde anterior, e que ele não ousaria tocar na santa Imagem nem para osculá-la, porque se considerava indigno de uma obra angélica e não sua.

A partir de então sucederam-se tantos e tantos prodígios, como lereis em minha vida, referente a esta nossa santa Imagem que hoje vos lego em cláusula testamentária. Amai-a com entusiasmo e com amor, porque desejando Ela ser a perpétua Superiora deste seu Convento tão querido, ordenou que a pusessem no local já indicado, com as chaves da clausura em suas benditas mãos para proteger sua morada contra a cobiça dos homens instigados pelo diabo, em todos os tempos, e contra a satânica inveja que porá todo empenho e poder diabólicos para destruir a obra de Deus. Não conseguindo fazer o mal às claras, se insinuará no ânimo dos bons cristãos, sacerdotes e mesmo Bispos, para que abandonem este local e troquem por outro, o que não é da vontade de Deus Nosso Senhor que, por altas finalidades, fundou aqui no coração da cidade e quer que se con serve flutuando contra encrespadas e furiosas ondas de um mar enfurecido, à maneira de gaivotas no mar material. Sêde, filhas queridas de todos os tempos, gaivotas espirituais e com vossas virtudes monásticas conservai este vosso Convento.

Amai muito a Santíssima Virgem. Imitai suas virtudes, sobretudo a humildade profunda, seu ardente amor de Deus e aos pobres pecadores; o amor mútuo, a simplicidade e candura infantil, que não haja falsidades nem hipocrisia em vossas almas. Conservai e propagai o culto a Nossa Senhora

sob a terna invocação do Bom Sucesso, que com ela obtereis quanto peçais a Jesus e Maria.

No futuro uma monja restabelecerá o culto a Nossa Senhora do Bom Sucesso

Mas, sabei, caras filhas que tempo virá em que, descuidando-se do culto de Nossa Senhora do Bom Sucesso, quase não se lhe fará menção. Então, eu me prostrarei no Céu ante o trono de Maria e obterei de seu maternal Coração que se digne descer novamente a este meu querido Convento. E favorecendo a uma de minhas filhas vindouras com muitas nanifestações, da qual eu mesma prepararei alma e vocação, desde os seus tenros anos para receber tais graças. Ela,sendo Superiora, levantará o culto caído que se conservará então sem decair por completo.

Sabei também, filhas e irmãs de todos os tempos, que a santa Imagem e consagrada com os Santos Óleos e que dela cuidará os três Arcanjos São Miguel, Gabriel e Rafael, a fim de que a serpente traidora não lhe cause dano, porque vendo-se o demônio oprimido e que se lhe tiram muitas almas por esta devoção e invocação, tentará sempre despedaçá-la. Mas, vãos intentos! Deus cuida de Suas obras. Mas vós cuidai também com esmero de vosso próprio tesouro e fazei que ele seja conhecido, e amado do maior numero de almas possível, assegurando-lhes que sempre conseguirão com esta devoção bons sucessos para o tempo e para a eternidade.

Recorrei a ela em todas vossas necessidades espirituais e temporais. Quando vossas almas estiverem sofrendo tentações, amarguras, e se a estrela da divina vocação, por permissão divina, se esconde da vista de vossa alma, recorrei a ela com confiança e dizei: Estrela do mar proceloso de minha vida mortal, fazei brilhar vossa luz para que eu não erre o caminho que ao Céu me conduz.

No século XX, a assistência dos Frades Menores

Pedi e instai para que as consciências de todas as Irmãs de todos os tempos sejam dirigidas, e as vocações formadas, pela assistência de nossos Frades Menores. Somente eles podem formar verdadeiras filhas da Imaculada Conceição com o espírito seráfico, até que chegue o feliz tempo em que voltem à sua prinitiva fundação, o que sucederá no século XX.

Lego-vos também o amor ao Serafim Chagado Francisco de Assis, meu Pai e vosso que, descendo do Céu, cingiu a Imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso, vosso tesouro, com o próprio cordão com que se cingia, e a Ela entregou suas três Ordens. Enquanto o amardes e procurardes imitar sua humildade, seu ardente amor a Deus e às almas remidas pelo Sangue Redentor, sereis felizes, porque Deus tem prometidas muitas graças às pessoas que amem a este Serafim humano e à sua Ordem. Se isto promete em geral, é muito justo em suas filhas o amor. Amai, e com ardente amor, a família seráfica, a única família vossa, fora da qual nada encontrareis que satisfaça perfeitamente as vossas aspirações do coração. Minhas filhas, aqui tendes o vosso Pai, ele vos ensinará a ser de Deus.

E voltando-me a Vós, ó refulgente Estrela da Manhã da vida deste querido Convento que, para o fundar nesta Colônia trouxeste-nos espanholas (para Fundadoras) e a todas nós regalastes com graças sobrenaturais. Graças vos dou, Mãe Bem-Aventuradissima! Elas já estão no Céu, e, agora, a última que deixastes, também já está prestes a deixar a terra. Entrego-vos, pois, estas vossas filhas presentes e todas as dos tempos vindouros, dizendo-vos:

Mãe, aqui tendes a vossas filhas! Cuidai delas, de seu espírito religioso, da observância da Regra, da mútua caridade e da tolerância de nossas enfermas de todos os tempos, as quais muito necessitarão do auxílio divino para santificar-se no estado de enfermidade. Cuidai de nossos benfeitores tanto temporais quanto espirituais de todos os tempos; da observância da Regra e da vida em comum e deste amado lugar, regado com nossas lágrimas, suores e fadigas e, sobretudo, com vossa própria presença, porque do Céu descestes com vosso Santíssimo Filho para santificá-lo.

CLÁUSULA QUARTA

Sobre as doenças - Conselhos

Esta (clausula) é para vós — filhas queridas — a quem Deus, nosso Creador é absoluto Dono, concede o benefício da saúde.Oh! é um dom precioso! Sêde-Lhe muito agradecidas por ele e dele fazei uso com temor, com tremor e com amor. A vós me dirijo dizendo-vos, rogando-vos, encarecendo-vos e por fim mandando com autoridade de Mãe e Fundadora que ameis a santa observância, o recolhimento interno e externo, o santo silêncio que constitui o mais belo e rico adorno dos mosteiros.

Sêde caridosas e compassivas para com vossas irmãs enfermas, conside-

rando-as como membros pacientes do Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo. Oh! amai as enfermas com extraordinária ternura. Dissimulai as impertinências. Jamais ouseis agravar ou aumentar suas doenças, causando-lhes aborrecimentos. Sabei que o Esposo Celeste as ama com amor particular, e o menor padecimento que se lhes cause, Ele recebe como feito à Sua própria Pessoa Divina, reservando o castigo para o último dia da vida. Delas tende uma santa inveja, considerando que essas almas tão amadas do Senhor possuem um acúmulo de virtudes superior às vossas. Por este motivo, foram dignas de lhes serem confiados Seus mais numerosos tesouros da Cruz nas dores, para coroá-las, um dia não muito distante, no Céu, com coroa e palma de mártires. Venerai-as e prestai em tudo os serviços que possais. Compadecei-vos delas, procurando entretê-las para aligeirar-lhes a pesada cruz, falando a respeito das alegrias do Céu, as quais serão na proporção dos padecimentos suportados por amor a Jesus Cristo.

Não esqueçais também os pobres pecadores, vossos irmãos. A este propósito tomai como vosso fim tudo quando disse sobre minhas filhas enfermas na cláusula anterior, temei ao Juiz Soberano se não prestardes atenção para um assunto tão vosso como este, porque o Divino Redentor e Sua Santíssima Mãe assim me revelaram nas repetidas e frequentes aparições que se dignaram fazer-me. Não sejais, pois egoístas nem tacanhas com nosso bom Deus. Esquecei-vos de vós mesmas e interessai-vos pelos pobres pecadores.

Praticai, queridas filhas, a santa caridade recíproca. Amai umas às outras, como cada uma quisera ser amada. Mantende mútuas considerações. Prestai estes pequenos serviços diários que cativam os corações e os unem com o laço indissolúvel do santo amor fraterno. Guardai-vos com esmerado cuidado de jamais dizer palavras contundentes, injuriosas, menosprezantes. Dissimulai as fraquezas próprias à vida terrena. Tende presente que só os Anjos e os bem-aventurados são impecáveis a, que, para merecer muitos graus de graça e de glória, é necessário saber suportar o gênio e o temperamento das irmãs. Olhai as disposições da Divina Providência. Como congrega nos mosteiros e conventos pessoas de distintos países, linhagens e condições, junto com a diversidade de graças espirituais, dotes físicos e morais!

Para quê isto? Para que exerciteis (desta forma) toda espécie de virtudes e as torneis sólidas, irmanando no mais puro amor de Deus com o de seus semelhantes, as felizes almas a quem Deus Nosso Senhor agracia com o dom gratuito e sublime da vocação religiosa.

A sublimidade da vocação

Só conhecereis toda a grandeza da vocação quando estiverdes no Céu, porque na vida terrena nenhum vivente — por mais santo e sábio que seja — tem um entendimento capaz de conhecer coisas tão sublimes e grandes.

O Apóstolo do amor, o Apóstolo Virgem preferido do afeto-de Jesus e Maria, que bebeu nas puras fontes do Santíssimo Coração de Cristo Senhor Nosso a bela e tão necessária virtude da Caridade, não falava senão da santa caridade, quando, já ancião, o levavam seus discípulos — em cujos braços se apoiava — para que lhes falasse e os instruísse. Um dia, cansados já de ouvir sempre a mesma coisa, sem variar de tema, disseram-lhe: "Mestre, já nos cansa e enfastia ouvir sempre a mesma prédica; dizei-nos e ensinai-nos outras coisas." E com a calma e sabedoria de um santo, possuído de Deus, respondeu: "O preceito é do Senhor, e se o guardais, basta! Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros".

Assim, eu, vossa Madre e Fundadora, em minha ancianidade e nos momentos mais sublimes em que vou deixar a vida mortal, fazendo minhas estas palavras do Santo Apóstolo João, digo-vos: filhinhas minhas, de todos os tempos, amai-vos umas às outras como Cristo ama a cada uma, tanto material como espiritualmente. Desejai e procurai para vossas irmãs, o que para vós quereis. Amai-vos como eu vos amo. Sacrificai-vos por vossas irmãs: que as outras tenham preferência sobre vossa própria conveniência.

Nunca — jamais! — sejais lamuriosas, nem detratoras dos Superiores seculares, porque esta é a maior falta de caridade e a ruína da Santa Caridade e do amor mútuo. Rompe para sempre os laços da fraternidade e substitui-os no fundo do coração, pelo receio, pela desconfiança, pela falta de amor fraterno, tornando as irmãs religiosas estranhas umas às outras. Junto com este secreto sofrimento vem o ressentimento que mina o coração. E quando uma alma não possui sólida e grande virtude, vem o rancor e, muitas vezes, a perda da vocação e com ela a alma. Isto é uma espécie de fratricídio praticado nas almas religiosas, do qual o Esposo Celeste — convertido então em Juiz severo — tomará justa vingança no momento de pedir contas as almas que Lhe são preferidas; as quais congregou para que, unidas vivessem sob um mesmo teto com Sua Divina Majestade, amando-se até ao heroísmo.

Pois, sabei, que ao instituir a vida monástica, o dulcíssimo Redentor Se propôs a conservar o fervor, união e caridade dos primeiros cristãos, a respeito dos quais se conta que tinham um só coração e uma só alma. O

mundo não conhece esta sublime e consoladora verdade. É.por isso que à medida que aumentar a corrupção, se vai perdendo e esfriando esta divina e primitiva caridade, sendo substituída pela inveja e demais pecados capitais.

Estas queixas atraem a indignação divina por suas consequências mortais e morais. Não poucas vezes se suprimem os Conventos devido somente a isto, como sucederá, no século XIX, a um dos nossos estabelecido no Norte. Chorei e choro esta supressão porque quisera se multiplicassem os mosteiros da Imaculada Conceição Franciscana de Nossa Senhora. No mesmo século se fará esta mesma tentativa no querido mosteiro de Riobamba, acrescentando-se o funesto erro de querer filiar-se a família estranha.

Canonização de Madre Beatriz de Silva

Asseguro-vos — amadas filhas da Virgem Imaculada e de santa Beatriz de Silva — espalhadas pela face da terra, que quem pretender prescindir de Francisco e Beatriz não pertence a real e verdadeira Ordem Concepcionista Franciscana e, portanto, nem este santo Pai Francisco nem a Santa Beatriz as reconhecem por filhas. Esta subirá aos altares no século XX[19], depois de purificados todos os mosteiros de nossa Ordem Concepcionista Franciscana, na qual aparecerão também muitas santas para glória deste Pai e desta Mãe, que se caracterizarão pelo amor à Ordem Franciscana.

Quando o mosteiro de Riobamba estiver a ponto de extinguir-se, eu me prestarei ante o Tribunal Divino para impedir tal desastre, porque as amo muito. No decorrer do tempo conhecerão minha vida e me amarão com coração inocente, e amarão o nosso tesouro, a Virgem Imaculada sob a consoladora invocação do Bom Sucesso a quem dedicarão um altar para culto público.

Madre Mariana revela sua futura canonização

Na cidade começarei a fazer milagres para minha causa de Beatificação. Sabei, filhas queridas, que o Senhor quer glorificar vossa Mãe, fazendo-a subir a honra dos altares, quando isto suce der, então meus conventos serão o que devem e o que Deus quer deles.

19 Esta profecia da santificação, assim como muitas outras profecias, se cumpriu. Seu culto foi confirmado em 1926, e Santa Beatriz de Silva foi canonizada pelo Papa Paulo VI em 3 de outubro de 1976.

Haverá neste amado Convento religiosas muito sofridas e amadas de Deus Nosso Senhor e de Nossa Senhora do Bom Sucesso, bem como de meu seráfico Pai e de minha santa Mãe Beatriz, cujo amor e culto devem ser inculcados aos pequenos brotos que virão depois da furiosa tempestade que prevejo. Este nosso querido Convento será também combatido pela furiosa inveja da maldita serpente traidora.

Em todos os tempos haverá boas senhoras monjas de muito espírito seráfico que tentarão retornar (ao espírito) de sua primeira fundação. Mas seus esforços fracassarão neste ponto, porque as obras de Deus nunca se fazem sem duro sofrimento e sempre levam o selo da dor. Mas estes sofrimentos serão o fundamento forte e sólido dos Frades Menores. E com os sofrimentos também o Ofício Parvo Matutino. Assim que este for supresso, não haverá saúde no corpo nem firmeza no espírito em nenhuma das jovens vindouras.

As relações com os seculares e religiosos

Quando tiverdes Prelados regulares (de Ordem religiosa), submetei à apareciação deles os assuntos da observância (do Ordo) que segundo Deus e, depois de muita oração, vos parecer necessários. Mas apresentai-os sem mescla de ressentimentos, muito menos rancor para com vossas pobres irmãs, que o mais das vezes procederão com ingenuidade e bondade, enquanto vosso soberbo e invejoso coração faz mau juízo delas. Mas os Prelados regulares são religiosos e pelo mero fato de sê-lo, conhecem, na prática, a vida religiosa e saberão dissimular suficientemente: falando a sós e em consciência com as acusadas, tratando-as com suma caridade, prudência e doçura para obter a emenda se houver alguma falta culposa, caso contrário (isto é, se não houver falta), para dar luz às pobres monjas a fim de que não sigam aquele caminho, repreensível sim, mas não censuráveis diante de Deus.

Pelo contrário, os Prelados seculares exigem muito das monjas porque as consideram seres já angélicos. Ao serem acusadas muitas delas perdem, perante eles, o conceito a que todas e cada qual tem direito de possuir. Fazem autos de mandatos indiscretos que agravam a consciência, tornam dura e pesada a amabilíssima vida religiosa. E tudo vem em detrimento da perfeição religiosa, exatamente nos pontos que crêem ser os meios de alta perfeição.

Falo-vos com experiência, filhas queridas, de todos os tempos, irmãs minhas caríssimas. Vossa Madre passou por tudo, como muito bem podeis

ver em minha vida que deixo escrita por ordem de meus Diretores e aprovada pelo atual Sr. Bispo. Não vos falo baseada em teoria ou fogo de palha. Sabei que as ditas senhoras monjas ausentes expõem sua salvação e, no purgatório, têm um sofrimento muito especial e de grande duração como vistes nas revelações divinas. Guardai-vos de fazer o mal umas às outras. Amai-vos como Cristo vos ama. Ele é vosso modelo. Imitai-O.

Agora, dirijo-me, especialmente, a Vós, Senhoras Abadessas e senhoras Mestras. Aconselhai sempre as vossas monjas estas práticas de caridade mútua. Às noviças, sobretudo, aconselhai-as com esmero, inculcai esta verdade em seus corações. Elas, quais pombinhas brancas, são a Comunidade de amanhã, a qual deve sustentar e conservar a observância, o bom nome e o próprio Convento neste local

Se não houver caridade, acabareis com nossa Fundação. Ai de vós se malbaratais os suores e lágrimas de vossas Fundadoras!

Direção espiritual — Nunca fazer acepção de pessoas

Não tenhais, senhoras Mestras, jamais preferência com nenhuma de vossas filhas espirituais. Amai a todas em igual grau. Se alguma vez encontrardes almas angélicas de temperamento suave, doce, coração humilde e ingênuo conducente, naturalmente, ao afeto, guardai-vos de exteriorizá-lo nem fazer notar a ela nem às demais , se não quereis cair na maldição de Deus, sufocando no espírito de vossas filhas a semente de Deus. Porque enquanto a alma estiver no corpo, criaturas são. As noviças, por muita fama de santas que tenham no mundo, na vida religiosa essa santidade deve eclipsar-se para substituir-se pela santidade sólida da vida monástica, que deveis ensinar desde os seus rudimentos, cimentada em uma profunda humildade, porque, se isto faltar, nunca poderão ser virtuosas, menos ainda santas. Procedente desta humildade decorre a santa caridade, sem a qual não serão abençoadas por Deus em nenhum instante.

As senhoras Mestras apliquem-se, a cada momento, em dar instruções práticas com a palavra e, sobretudo, com o exemplo que é poderoso nos corações ternos como são os das noviças: estas ordinariamente são o que são suas Mestras. Lêde com frequência e explicai-lhes, para sua prática diária, o Evangelho segundo São Mateus que trata da caridade. Assim o fiz nos longos períodos de Mestra.

Narra o referido Evangelho: "O Senhor Deus disse: Não matarás, não roubarás, etc."; Eu digo-vos mais: qualquer uma que tome ojeriza por sua

irmã, merece que o Divino Juiz a condene e a aparte de sua intimidade. •

Estudai cuidadosa e solícita o carácter e inclinação de cada uma de suas filhas e dirigi a cada uma segundo o caminho pelo qual Deus a conduz. Chamai, amiúde, a cada uma em particular e fazei notar suas faltas. Dizei como mensageiras de Deus o que Ele quer de cada uma: o sacrifício ou sacrifícios que pede. Ensinai-as , na prática, a vencer e dominar o temperamento para que depois não se tornem insuportáveis na Comunidade, agravando sua alma com o mau e exemplo público. Dai também instruções em conjunto (a todas reunidas) e perguntar como entenderam a prédica. Mas tudo isto farei com doçura, com suavidade, com o melhor modo, à semelhança do Mestre Divino que disse: Aprendei de mim que sou manso e humilde de Coração. A senhora Mestra é o espelho de suas noviças. Exercitai-as nos atos de humildade, e, de vez em quando, ela mesma faça-os com suas noviças. Isto impressiona santamente e eleva o coração a Deus. É preciso que a senhora Mestra seja amada e respeitada de todas suas filhas em geral e que, sendo toda para todas, a todas faça santas. Esta é sua sublime e delicada missão e de enorme responsabilidade.

CLÁUSULA QUINTA

Como as Superioras devem dirigir o Convento e as almas — O cântico no esplendor do culto — A Imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso e relação de objetos de culto preciosos existentes no convento — Última bênção

Esta cláusula é dirigida a vós senhoras Abadessas de todos os tempos: não só a atual mas também às vindouras.

Lego-vos meu coração maternal para com todas as nossas filhas. Vêde em cada uma delas uma alma privilegiada e muito amada de Deus, que ouvindo o divino chamado e valorosas deram a-deus aos pais, à casa, à família, e aos haveres muitas vezes elevados. Prodigalizai vossos cuidados maternais no campo temporal e no espiritual.

Ouanto ao temporal, velai com muita solicitude para que nada lhes falte no que diz respeito ao vestuário, alimentação e demais necessidades, para os trabalhos manuais que executarem em benefício da Comunidade, porque uma senhora monja contemplativa não deve nem pode ser pessoa ociosa, ignorante, nem incapaz dos delicados e primorosos labores próprios ao seu

sexo: costurai bordados, trabalhos com fios, linho e lã, pinturas etc. Gosto que executem com perfeição. Eu ensinei as de meu tempo — como vós, minhas filhas presentes, podeis testemunhar — a fim de que todas soubessem de tudo. Assim como não deve existir, jamais, egoísmo entre vós, ensinai de geração em geração tudo quanto sabeis.

A importância do canto

Encarrego-vos também de que não falte cantoras e tocadoras para o culto público e privado: ensinai o solfejo a todas que aqui entrarem, para que toda a Comunidade saiba e não falte quem, com a alternância de mês em mês, desempenhe o culto divino.

Desta forma, ainda quando uma adoeça ou morra, não decaia o esplendor da casa do Senhor.

Procurai evitar a todo custo que venham mestres de capela, porque os homens estranhos às intimidades divinas não desem-penharão com aquele amor, cuidado e fervor com que fazem as esposas do Divino Prisioneiro. Pois do pequeno cárcere, onde o prende o amor às suas criaturas, deleita-Se quando ouve o harmonioso canto da suas mui queridas. Muitas vezes vos contei que Ele, comprazido, fazia notar isto aos seus espíritos angélicos, os quais cediam a celeste harmonia às castas esposas de seu Rei e Senhor.

Aqui deixo livretes de música religiosa, alguns deles enviados de Espanha por membros da Família Real aparentados — como sabeis — com todas as Fundadoras.

Senhoras Abadessas, se não quereis incriminar gravemente vossas consciências, não permitais criadas particulares para vossas religiosas sob nenhum pretexto, porque isto é uma trama secreta urdida nos claustros pela serpente traidora. Desta causa provêm as desavenças e discussões entre patroas e criadas; a quebra do santo silêncio e a disseminação dos ressentimentos e discórdias. Dá-se a morte da caridade e da união fraterna: neste caso, adeus oração, presença de Deus e vida espiritual. Que todas as pessoas do serviço se dediquem à Comunidade inteira, sendo este o mais grandioso ornato da vida comum e também meio muito adequado para que esta pobre gente, que se abriga nos claustros, conheça e ame a Deus seu Creador. Assim, servindo as santas esposas de Jesus Cristo, encham-se de merecimentos para sua eternidade gloriosa. Tende caridade para com elas. Que vosso afeto agradecido se cifre em ensiná-las a serem boas cristãs. Assim dareis glória a Deus, bom exemplo à Comunidade e a elas. Merecereis por isto

uma especial bênção do Senhor, em cuja presença vós e elas têm a mesma alma imortal. Cuidai para que nada lhes falte nem material nem espiritualmente. Sêde suaves e amáveis no trato. Ensinai-as com paciência e exercitai muito a prudência nas repreensões que tiverdes de dar.

Convívio das monjas

Ouanto às vossas filhas, as senhoras monjas, no campo espiritual, cuidai para que nenhuma tome o descanso à noite sem haver-se reconciliado com a outra irmã, se houver ocorrido algo naquele dia, na contingência de frágeis criaturas. Deve-se proporcionar-lhes algum presente para que o ofereçam mutuamente depois de abraçar-se. Este é um belo modo de obter a paz de coração, de conservar a caridade fraterna que deve luzir com grande esplendor nas esposas de Deus de Caridade infinita.

Conselhos às Mestras

Estudai o temperamento de cada uma e acostumai-vos a ela, isso sim, contudo, sem o menor detrimento da santa Regra e Constituição. Jamais as oprimais com uma imprudente e mal entendida observância. Fazei com que elas sintam e apalpem que o jugo do Senhor é suave e seu peso é leve.

Muitas ordens fora da Regra e Constituição debilitam o ânimo mais esforçado, contristam o coração, e com os incessantes “vencimientos" vem a perda da saúde e a incapacidade para a verdadeira e suave observância regular. Tal proceder é alheio ao espírito e ao desejo de Nosso Senhor Jesus Cristo que com seus divinos lábios proferiu: "Aprendei de Mim que sou manso e humilde de Coração".

Lembrai-vos, constantemente do que o grande Apostólo das gentes ensinava aos cristãos acerca das obrigações e deveres na vida doméstica, através das belas epístolas aos Efésios e aos Colossenses. Dirigindo-se aos pais disse: "E vós, pais, não irriteis com excessivo rigor os vossos filhos, nem os trateis com excessiva severidade para que não se tornem pusilânimes nem apoucados". Estes ensinamentos e doutrinas do Apóstolo São Paulo, deveis aplicar a cada uma das senhoras monjas, levando em conta que nem todas tem o mesmo caráter, virtude e temperamento.

Árduo é o cargo das senhoras Abadessas, cheio de grandes responsabilidades. Ai de vós se por indiscreção desviais do bom caminho vossas filhas,

tratando-as com severidade e carranca, distanciando-as de Deus! Ai de vós também se consentis em assinalado relaxamento sem dar, em tempo oportuno, uma correção acertada e suave desviando-as do mal!

Sêde verdadeiras mães, amai vossas filhas e conduzi todas ao Céu pelo caminho da vida ordinária. Para tanto, fazei-as praticar a virtude sólida, mediante o esmerado cuidado de executar com perfeição os trabalhos ordinários, sempre com a reta e pura intenção de agradar o Esposo Celeste.

Cuidai do santo silêncio que é o ornato dos conventos observantes junto com a mútua caridade. Isto que agora digo, repetiria ainda quando me fosse dado viver cem mil anos convosco e nunca cansaria de aconselhá-lo e de velar por sua prática diária. A excelência e valor desta preciosa virtude só conhecereis na vida mortal à medida que crescerdes em santidade, e vos unirdes com Deus no Céu; ou quando chorardes, amargamente, no santo Purgatório por haverdes faltado a ela e aberto feridas incuráveis nos corações de vossas pobres e inofensivas irmãs.

Cuidai das doentes com ardente afã e solicitude, pro-porcionando a enfermeira tudo o que é necessário para a cura das doentes durante a enfermidade, mesmo quando se prolongue por muitos anos. Não vos canseis delas pois sabeis que são o tesouro da Comunidade e os para-raios das cidades. Alentai-as com vossos conselhos e prodigalizai-lhes carícias como verdadeiras mães que sois. Suavizai assim a vida delas cheia de indizíveis sacrifícios, que não são compreendidos a não ser quando por eles se passa.

Se vos pedirem um alívio para o espírito por meio de um diretor espiritual, fazei o possível para proporcioná-lo, procurando a todo transe que seja religioso Menor.

E tanto as enfermas quanto as sãs devem afeiçoar-se Ordem Menor, manifestando que a Seráfica Família é a sua, e que nela podem depositar tranquilas suas dores e alegrias.

As práticas obrigatórias

Deixo-vos as seguintes práticas por cujo cumprimento velareis com solicitude.Que delas não se descuidem, nenos ainda as eliminem, porque com elas fundamos este querido convento e são a secreta sustentação do espírito religioso:

— **Ofício Parvo matutino**. Próximo de terminá-lo, as noviças de-

vem sair para tocar a sineta, levantando assim o silêncio Papal estabelecido que foi tocado à noite pela senhora Vice-Superiora.

Este toque servirá também para chamar a Comunidade para a oração mental;

— **A recitação do Evangelho de São João antes de rezar a Prima**, porque, conforme é do conhecimento das Fundadoras , afasta a astúcia diabólica e a impureza dentro do claustro e até nas circunvizínhanças debilita as forças da serpente traidora e de seus sequazes que não dormem, e atrai muitas graças para as Superioras e súditas e a estas facilita a humilde submissão. Em todo o tempo e circunstância experimentareis sua eficácia e até não faltará nunca a caridade, e com esta curta e simples oração. a qual será rezada sempre pelas senhoras monjas. E às santíssimas palavras "Et Verbum etc.", a Comunidade beijará o chão enquanto os Anjos se inclinam reverentes ao ouvir pronunciá-las;

A prosternação das noviças em suas cadeiras com a respectiva cerimônia **ao começar o primeiro MAGNIFICAT** dos três que se dizem para a recitação das Vésperas. Esta prática foi posta na Comunidade por ordem da Santíssima Virgem quando nós, vossas Fundadoras, estivemos encarceradas. Assegurou-nos sua maternal bondade, que derramará internas e eficazes graças na alma da senhora Mestra e de suas noviças, a estas solidificando na vocação e àquela dando o claro conhecimento das verdadeiras vocações sobre as falsas. Tem também por finalidade dar graças à Santíssima Virgem: pelo amor de predileção que tem a este convento, santificando-o com sua presença e deixando como penhor certo de seu amor, sua bendita Imagem acabada pelos Anjos. Mandou também que fosse colocada na sede das senhoras Abadessas para Ela, Bem-Aventuradíssima, reger e governar o convento como Prelada, Cabeça e Mãe de suas filhas. Esforçai-vos em imitá-LA;

— **O hino ao Espírito Santo antes da reza de Matinas** que tem por fim pedir e obter para a Comunidade luz especial do Divino Espírito, para que as senhoras Abadessas governem sempre o convento como Deus o quer. É também pelo Papa e demais Prelados da Igreja Católica;

— **Não consintais**, sob nenhum pretexto, **que** nas vésperas das comunhões de Regra (que a Regra prescreve), **as senhoras monjas recebam visitas** nem de familiares nem de estranhos, e também no próprio dia da comunhão. Este santo costume foi introduzido por minha Madre de Jesus Taboada por recomendação e ordem de nossos Prelados Menores, por ocasião da fundação deste Convento. Já sabeis que ela foi a primeira e principal Fundadora e Abadessa.

O objetivo é fazer na véspera (da Comunhão) um prolongado exame segundo os ofícios de cada uma e as circunstâncias de quanto temporal e espiritualmente necessitarem durante o mês para, a noite, pedir estas licenças à senhora Abadessa, depois de a Comunidade receber dela uma curta flagelação. Mas tende cuidado de reuní-las a uma hora oportuna, em que todas estejam com o corpo frio, para que ao descobrirem-se para a flagelação não recebam ar frio que as torne doentes. Isto se fará com todo o cerimonial de costume que se tem por escrito.

Não receberão visitas no dia (da Comunhão) porque todas as senhoras monjas devem estar reunidas ao Esposo Celeste. Pois cada uma deve determinar o que, durante o mês, fará por amor a Ele como se fosse o último de sua vida. Ademais, porque será o dia do retiro mensal, excetuados os dias 8 e 25 de dezembro e o Domingo da Ressurreição;

Por último, **fica em propriedade deste Convento** e entregue ao solícito cuidado das senhoras Abadessas e da Comunidade, nosso tesouro de grande valor, **a Santa Imagem** de Nossa Santíssima Rainha e **Mãe do Bom Sucesso**, acabada pelos espíritos angélicos. Procurai que em todos os tempos seja ela conhecida e amada dos fiéis.

Descrição da Imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso e dos seus adornos

A santa Imagem tem uma coroa, cetro e báculo de ouro e pedraria, presente da piedosa senhora marquesa, que já goza, de Deus, no Céu o prêmio de suas virtudes e da grande devoção à Rainha do Bom Sucesso. Além do peitoral doado pelo Sr. Bispo, tem também duas preciosas cruzes de ouro: uma com esmeraldas e a outra com ametistas servem de cruz peitoral com às respectivas correntes de ouro crivadas e salpicadas de diamantes e finos brilhantes. A primeira cruz foi doada pelo Cabido, enquanto a segunda mandamos fazer na Espanha com todos os donativos de pedraria ofertados por muitos devotos que receberam mercês. Os nomes dos nossos benfeitores e amigos ficaram (gravados) para sempre. Dom Cosme de Caso e sua esposa Dona Jerónima de Paredes doaram também algumas pedras para esta segunda cruz.

Foi doada pela senhora marquesa a linda estrela de brilhantes com o rubi, no qual estão escritos os nomes dos seus mui queridos. Por ela foi dado também os adornos do cetro, com exceção de duas preciosas esmeraldas, oferta de Dona Maria de Paredes e Acevedo por umas graças recebidas em

sua casa e em sua pessoa.

Há também as chaves de prata postas em suas santíssimas mãos pelo Sr. Bispo Ribera, que com muita emoção pedia que lhe abrisse as portas do Céu.

Nossa Santa e Milagrosa Imagem tem dois Meninos, ambos trabalhados por Don Francisco del Castillo, obra primorosa na qual se vê intervenção sobrenatural. Os dois Meninos têm, como vedes, coroas de Imperador, muitíssimas joias e enfeites de grande valor, todos dados pela senhora marquesa.

Fica também uma pequena imagem de Nossa Mãe Santíssima do Bom Sucesso que eu mandei fazer ao mesmo Don Francisco. Este executou-a com muito boa vontade e dedicação, para dar-me de presente. Foi benta por um dos nossos Frades Provinciais Menores. Foi madrinha a senhora marquesa, que doou uma preciosa coroa de Imperatriz, feita de ouro e pedras finas. Doou também cruz peitoral, báculo e pequenas chaves. Fica em um local próprio que é o precioso nicho de águia, à qual tem uvas no bico. Foi oferecido também pela senhora marquesa que dizia, em tom de gracejo, que queria ser águia para voar ao Céu e levar as uvas do amor à Maria Santíssima Imaculada .Aquela era sua figura, porque sempre terá no íntimo do coração a Rainha dos Céus .

Há dois belos Meninos: um para a noite de Natal, dado pela senhora marquesa; outro foi feito por Don Francisco junto com a dita imagenzinha, a qual destinamos à veneração de muitos devotos que tem fora do convento e às visitas que faz a grandes e pequenos no lugar da santa Imagem grande na qual foi tocado. Cuidem para que não se perca! Tem também a finalidade de ser levado à enfermaria para que livre das insídias diabólicas cada senhora monja que estiver para morrer.

O Menino da "Calenda" é dotado de pedrarias finas que lhe foram dadas petas nobres matronas desta cidade. Depois do Natal todos disputavam para tê-lo um dia em sua casa.

As demais peças ficam para o presépio com as respectivas imagens de Nossa Senhora e do glorioso São José.

Fica a belíssima imagem de Nossa Senhora do Trânsito que Don Francisco trabalhou no coro alto, com licença do Sr. Bispo. Tudo se resume ao nosso tesouro, a Santíssima Virgem do Bom Sucesso que, como sabeis, foi terminada pelos espíritos angélicos e ficou muito parecida com Ela. O Sr. Bispo benzeu-a com inigualável devoção. Essa Santa Imagem tem uma

palma grande prata "piña" com três banhos de ouro fino. Quem deu o banho foi o "batiojero" (artífice) Pedro Manuel Manosalvas, muito entendido na arte. Custeou-o nossa benfeitora e irmã, a senhora marquesa, de santa memória neste Convento. Pelo grande amor que por ele teve foi insígne benfeitora. Para morrer fez vestir de nosso santo hábito, com licença de seu confessor, aos nossos irmãos Frades Menores.

O referido "batiojero" não cobrou o trabalho, dizendo que o fazia com dedicação e em louvor de Nossa Senhora do Trânsito, pedindo boa morte. Existe também uma preciosa auréola trabalhada gratuitamente pelo mesmo senhor com igual banho de ouro.

A prata para a palma e a aureola deu-as o Convento, que mandou fundir umas lindas "mariolas"[20], três estantes de altar não usadas por serem pesadas, além do que tínhamos suficientes; cinco grandes totumas, muito graciosas, presentes que o Rei nosso senhor mandou à nossa Madre Maria de Jesus Taboada, primeira Fundadora e Abadessa.

Depois de três anos de fundação do Convento, os presentes foram trazidos por um enviado de Sua Majestade para certificar-se se a instituição permanecera estável e se se havia feito como ele ordenara, ou seja, a submissão aos Frades Menores, por ser ele muito adicto à Seráfica Família e à Imaculada Conceição de Maria Virgem, brasão e glória de minha Mãe Espanha.

Esta auréola, em forma de leque, tem 25 bordados à maneira de raios de sol, com um passarinho em cada um deles. O biquinho é de fino coral e os olhinhos de azeviche, cada um de bordado diferente.

A Santa Imagem tem: um par de pulseiras de finas pérolas, raras e grandes dadas pela senhora marquesa; um par de pulseiras de finas pérolas delicadas doado por Dona Leonor de Saavedra em vista de um favor recebido em sua casa; outros três pares de pulseiras igualmente de delicadas pérolas dados por vários devotos. Todas as pulseiras têm contas de ouro. Tem também pulseiras de missangas e corais com contas de ouro bem lavradas. Tem sete pares de brincos de pérolas. Tudo isto dado por várias famílias de índios devotos da Santa Imagem.

A devoção de Nossa Senhora entre os índios

20 **Mariola** - Conhecem-se com este nome umas pequenas imagens da Virgem, em chumbo, madeira, metais preciosos e, por extensão, se aplica também esta denominação às pequenas imagens de santos.

Afirmaram os índios que Ela foi pessoalmente curá-los nas suas choças, e, há pouco tempo chorando, vieram visitá-La, conforme nos consta. A bela "Nina" Maria del Trânsito deu todas as indicações aos índios e disse que vivia no Convento da Conceição e que ali A procurassem. Vós sabeis de muitos alimentos que eles mandaram de presente.

O Serafim de prata foi presenteado pelo Ouvidor que disse querer estar sempre a seus benditos pés, pedindo uma santa morte e a salvação da alma. A família de dito Ouvidor deu os cinco anéis de ouro, cada um com distinta pérola e pedra fina.

O Menino de corozo[21] que tive sempre comigo, quer doente quer sã e, que trouxe da Espanha, foi presente de minha mãe ao despedir-me. Como sabeis, fica como uma lembrança perpétua que lego a meu Convento, e nele a todas minhas filhas atuais e as de todos os tempos vindouros e sejam fiéis à santa vocação. Eu o mantive em berço de junco em razão da santa e seráfica pobreza. Mas, como é de vosso conhecimento, o precioso Menino dos meus amores, agora vosso, fica e está em seu belíssimo berço de prata bem lavrada e adornada com rica pedraria e pérolas finas, junto com os lindos passarinhos "musiqueros", que foi um avultado presente feito pela senhora marquesa. É meu desejo que tudo isto que pertence ao Menino jamais se venda, mas que se conserve com religioso afeto como obséquio daquela santa criatura, que já goza no Céu o prêmio de suas virtudes e na qualidade de religiosa Franciscana da Imaculada Conceição de Maria Virgem. Fica o precioso Divino Menino Pastor com suas joias ainda que poucas.

O precioso Cristo da Agonia com todo o Calvário, inúmeros quadros em espelho, pinturas em linho de meu Seráfico Pai em várias fases de sua santíssima vida e este de minha preferência que deve estar aqui, pois sempre tive na cama porque encanta-me vê-lo enlevado ao som da corda tocada por um Serafim. Este quadro foi mandado da Espanha pela família de minha Madre Maria de Jesus Taboada e esta me deu no dia em que professei, dizendo-me que fosse humilde e amorosa de Deus e das almas, à imitação do seráfico Pai, a quem ela amava com toda a alma e a cujo cuidado havia-me entregue.

Ficam muitíssimos quadros dos Apóstolos e de outros santos pelo muito que nos favoreceram para a fundação, a todas as miudezas que conheceis e tendes no Convento. Tudo é vosso e de minhas filhas futuras e por isso conservai com muita solicitude.

21 **Corozo** — É uma variedade vulgar de uma espécie de côco que existe na América do Sul.

A última bênção

Agora recebei a última bênção que com maior ternura e amor vos dá vossa Madre, que para o Céu vos leva a todas no coração para velar por vós e pelo Convento: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. Jesus, Maria, José e Francisco gravem em vossos corações o testamento e também os conselhos que vos deixo. Adeus, filhas de minha alma!

A Comunidade ficou ajoelhada desde o momento em que ela deu a bênção.

Quando acabou de pronunciar estas últimas palavras, ela respirou com muita dificuldade. As faces estavam como uma rosa, sua fisionomia bela.

Dirigiu-se aos padres e falou-lhes com voz muito baixa, porque já lhe faltava vitalidade:

"Padres e irmãos meus, é hora de partir, encomendem minha alma com as orações próprias, agradeço-vos de tudo. Cuidai sempre — rogo-vos — deste Convento e de vossas irmãs. Morro jubilosa e tranquila nos braços de minha Mãe a Ordem Seráfica como foi meu nascimento".

Morte de Madre Mariana de Jesus Torres

Terminadas estas palavras, o Padre Angüita tirou do peito um Cristo pequeno, que sempre levava consigo como missionário, fê-la oscular e depois colocou nas mãos dela. Ela estreitou-o fortemente contra seu coração. Os padres, afogando o pranto e com voz tremula, rezaram as orações de encomendação da alma.

Concluídas as orações, duas grandes lágrimas rolaram pelas rosadas faces de Madre Mariana e com um suspiro profundo saiu aquela alma abençoada do seu corpo, que sempre foi templo do Espírito Santo. Não teve expressões de aflição nem contorsões.

O sino do relógio público batia, naquele momento, três horas da tarde do memorável dia 16 de janeiro do ano do Senhor de 1635. Extinguia-se na terra a lâmpada preciosa, para luzir com maior esplendor na Jerusalém Celeste.

* * *

Após a Morte

Momentos após a morte de Madre Mariana de Jesus

Enquanto os padres procediam, cheios de dor, à encomendação da alma e viam a perda de tão santa e querida irmã, Frei Pedro de la Concepción — que também havia acompanhado os outros por haver suplicado aos padres que o levassem, e os leitores já sabem quem foi esse varão de Deus cuja alma possuía virtudes fundas — Frei Pedro rezava ajoelhado em um canto do aposento em um profundo silêncio como se fosse uma estátua. Apenas se viam correr pelas faces um caudal de lágrimas.

Quando a santa Fundadora exalou o último suspiro, ele rompeu o silêncio e disse em voz alta:

"Ó cordeiro sem mancha, que apascentais entre lírios e açucenas; ó santa virgindade, como sois amada de Deus. Já sobe a alma de minha terna irmã com palma e cetro nas mãos e com preciosa coroa na cabeça. Suas vestes de cor branca e azul deslumbram a vista humana. Ela não tem Purgatório porque já o passou na vida terrena. Seu purgatório consistiu em vê-lo só de passagem, pelo que se amargurou muito. Ela já entrou no Céu. Lá está como rainha em seu trono. Oh! quando irei fazer-lhe companhia?

"Ó frade pecador, faze penitência para que possas entrar no formoso Céu, prêmio e glória das almas santas! Madre Marianita, não vos esqueçais de nós que tristes ficamos neste desterro da vida, expostos a ofender a Deus e perdê-LO para sempre".

As senhoras monjas e os padres haviam ficado sem fala nem movimen-

to, com os olhos fixos no santo cadáver que não aparecia como tal. Ficou com os olhos e a boca bem fechados. A cor era branca e rosada com um doce sorriso nos lábios, tão afável e atraente, que parecia estar em êxtase dulcíssimo. Vê-la causava respeito, carinho, elevava a alma a Deus.

Logo que os padres voltaram dessa espécie de letargo, cantaram o responsório de defuntos. Em seguida, saíram com a alma opressa de dor, porque se fora da terra um anjo em carne humana, que aplacava as iras justíssimas de Deus.

M. Rosa de Mariana não abandona sua Mestra

Os leitores já sabem que a irmã enfermeira era a senhora "monjita" Blanca Rosa de Mariana de Jesus. Ficou abraçada aos pés da santa e querida Madre fundadora.

A Abadessa, na época, Madre Mariana de São Domingos aroximou-se da enfermeira e, levantando-a, disse:

"Rosita, filha de meu coração, ânimo! Jesus quer ver em ti uma heroína de generosa e amorosa resignação às disposições da Divina Providência. Duríssima ao extremo é a aflição que hoje embarga nossos corações. Temos a atenção mais sobre ti, porque és o Benjamin da Comunidade, mas consola-te e consolemo-nos nós com a certeza de que, praticando tudo quanto nossa santa Madre nos ensinou com o exemplo e a palavra, segui-la-emos no Céu para dela jamais separar-nos. Tu sabes que o Céu é o Reino próprio das esposas fiéis de Nosso Senhor Jesus Cristo".

— "Assim é, Madre, respondeu, mas tenho a firme esperança de que minha Madre cumprirá sua palavra dada".

E com uma paz e tranquilidade admiráveis executou o ofício de enfermeira, amortalhando sua santa Madre Fundadora no que foi acompanhada por todas, porque cada qual disputava por adornar seu santo e venerando cadáver. O mesmo faziam para ajudar as sacristãs na preparação e arrumação do coro baixo.

A trasladação para o coro baixo

As seis da noite já estava amortalhada e ornada de flores. Puseram-

na nas "andas" (padiola) que o Convento tem para este fim, e iniciou-se a trasladação do corpo da cela enfermaria, onde morreu, para o coro baixo.

As monjas fizeram a fúnebre procissão entre soluços e afogadas em lágrimas. Levavam nas mãos velas acesas. De trecho em trecho revezavam-se nas "andas" onde estavam os corações da Comunidade. Às de mais idade sentiam-se mal e as leigas que viviam no Convento lhes davam "água del anis del país" (um tipo de chá) com a qual a santa Fundadora havia em vida feito muitas curas dentro e fora do claustro. Chegadas ao coro baixo colocaram o venerando cadáver na tumba que adornaram com lírios, rosas, açucenas e margaridas, mandadas pelos benfeitores e afetos à santa Fundadora e, através dela, ao próprio Convento.

Ninguém conseguiu cear e o Ofício Divino se rezou permeado de soluços e lágrimas.

A irmã enfermeira vela durante a noite...

A irmã enfermeira, já mencionada, suplicou à Madre Abadessa que lhe concedesse licença para não se separar de sua santa Madre. A Superiora achou que deveria atendê-la era tão justo pedido por vê-la tranquila e calma, e acrescentou:

— "Hijita mia, Rosita, fica velando tua Madre toda a noite posto que estamos (continuamente) entrando e saindo. Logo hoje, que sono podemos ter, ao chorar nossa orfandade! Fica aqui a seus pés e cuida para que as velas não se transformem em mechas que caiam e provoquem algum incêndio. Mas se te sentires lânguida e com necessidade de deitar-se, vá depressa para tua cama."

Cheia de inesperado júbilo para com a Madre Abadessa, respondeu:

"Deus lhe pague, Madre, sua caridade. Não a esquecerei no Céu. Agora dê-me sua bênção".

A Superiora abençoou com ternura a M. Blanca Rosa de Mariana de Jesus e acomodou-a aos pés do venerando cadáver. Afagou-a e retirou-se. A senhora "monjita" ajoelhou-se de tal maneira que podia estar abraçada aos pés do venerando cadáver.

As outras monjas diziam enternecidas: "Pobrecita! criatura de toda nossa consideração, mas, como ela é bem formada, dar-nos-á exemplo de

resignação como deu ao amortalhar o santo cadáver com inesperada firmeza". Assim, entre soluços e suspiros, entravam e saíam as monjas e também as leigas que serviam no Convento.

E a promessa de Madre Mariana cumpre-se. . .

Era uma hora da manhã. A Superiora viu a irmã enfermeira imóvel e disse, então, às religiosas que trouxessem um pouco de "água del anis del país" (chá), pois não havia tomado nada durante todo o dia.

A Superiora, com a xícara na mão esquerda, tocou-lhe suavemente na cabeça com a direita dizendo: "Rosita, hijita mia, levanta-te, para tomares um pouco do chá que nossa santa Madre costumava dar. Toma e continua a velar".

Mas nada respondia apesar de várias insistências. A Abadessa que sempre havia visto na jovem uma obediência pronta, deixou o chá ao lado e disse às senhoras monjas: "Parece-me que Rosita desmaiou. Levantemo-la" .

Levantaram-na e depois puseram-na no chão. Estava gelada, os olhos bem cerrados, as faces rosadas, mas a boca cheia de sangue coagulado. Outra quantidade de sangue igualmente coagulado estava aos pés do venerando cadáver diante do qual estivera ela inclinada. Tiraram o sangue da boca com os dedos, moviam-na, chamavam-na mas nada respondia.

Ai! esta Blanca Rosa de Mariana de Jesus, qual anjo de inocência e de candura, havia deixado a terra e alçado seu vôo ao Céu para fazer companhia à sua querida Madre conforme havia prometido. Entravam ambas no Coro das Virgens Prudentes, pois sempre estiveram em vigília à espera do Esposo Celeste, com a lamparina na mão, provida do azeite suficiente, acesa e adornada.

A Comunidade ficou mais pesarosa e alarmada ainda. Levaram-na, elas mesmas, ao dormitório, puseram-na na cama. Colocavam-lhe canecas dágua fervente em todo o corpo, Friccionavam-na e faziam remédios de quanto ocorria a cada uma. Mas vão empenho! Rosita havia morrido há muitas horas.

Na primeira hora a Madre Abadessa mandou com urgência chamar o médico.

O médico:

— "Que passa? Talvez nossa Madre Fundadora tenha retornado a vida?"

A Superiora:

— "Não temos essa felicidade, senhor. Nossa querida Madre não voltará, mas ela leva consigo sua Benjamin. Entre e veja a irmã enfermeira que parece ter morrido".

O médico entrou rapidamente. Examinou e aplicou vários remédios. Por fim meteu uma lancetada no peito esquerdo e verificou o sangue paralisado. Voltou-se para as freiras e comunicou:

"M. Blanca Rosa morreu, faz mais ou menos umas sete horas. Sinto na alma e vos dou, duplamente, os pêsames, em seu nome e no de minha família. Agora procedam ao amortalhamento do cadáver. Por certo Madre Marianita levou sua Blanca Rosa e transplantou-a para os Jardins do Céu!"

As monjas replicaram:

"Senhor, pode ser um forte ataque por ter sofrido demasiadamente. Velaremos pelo menos durante dois dias para ver se ela se recupera".

— "Madre, respondeu o médico, não foi ataque. Ela morreu instantaneamente com o rompimento da artéria principal do coração. É-lhe impossível dar o mais leve suspiro". E o médico saiu da clausura.

Acabrunhadas de dor, as monjas choravam inconsoláveis. Houve desmaios. A Madre Abadessa parecia um cadáver ambulante. Não sabia o que fazer. Mandou avisar ao convento de São Francisco e ao Sr. Bispo o que tinha acontecido.

Coincidiu que os Frades Guardião e Angüita chegaram juntos com o Bispo. No parlatório a Madre Abadessa informou-lhes de todo o ocorrido.

Depois de conferenciar com os padres, o Sr. Bispo ordenou que o hirto cadáver de M. Zoila Blanca Rosa de Mariana de Jesus fosse descido para o coro baixo e velado junto com o da Madre Fundadora, por uns três dias, para se evidenciar a morte. Mandou que os padres se entendessem quanto às missas e enterro, pois no último dia S. Excelência pronunciaria a oração fúnebre da santa Madre Fundadora, a quem venerava como tal, porque estava muito convencido de suas heroicas virtudes e vida de incessante sacrifício. Tudo se fez como ele mandou.

Logo que o público soube que Madre Mariana havia morrido, houve uma afluência de gente de todas as idades, sexo e condi-ção. O nobre e o plebeu mesclavam suas lágrimas e a altas vozes pediam algo de uso pessoal para guardar como relíquia. As pessoas necessitadas impressionavam os corações com seus gemidos de tenura. Davam exclamações de dor considerando-se órfãos daquela santa Madre — como a chamavam — pois junto com as necessidades materiais ela remediava as espirituais com conselhos. Quantas almas tirou das fauces do dragão infernal! Todos ansiavam pelo momento de vê-la no coro baixo.

As senhoras monjas, entre lágrimas, amortalharam sua Blanca Rosa. Puseram o hirto cadáver numas "andas" que improvisaram na ocasião. Mas não tinham, naquele momento, flores brancas nem de nenhum tipo. Diziam contristadas: "Ai, angélica irmã, para ti já não há flores; que nossas lágrimas as substituam até que o afeto de fora as envie para ti!"

As rosas aparecem...

Do dormitório, para onde a haviam anteriormente levado, foi trasladada para o coro baixo para ser velada junto com sua santa Madre.

Quando passavam pelo claustro baixo do dito coro, que dá para o pátio — oh prodígio! — viram esse pátio todo coberto com flores e, sobretudo, de rosas brancas bem grandes. A senhora Abadessa com suas monjas ficaram admiradas com este fato tão extraordinário, porque de maneira alguma poderia — jamais! — nascer flor de qualquer espécie, por ser o pátio calçado de pedras.

Suspenderam o cortejo. Seus corações se encheram de ternura e gratidão para com Deus Nosso Senhor. Depois de darem humildes e reconhecidas graças, foram ao pátio e colheram todas as flores e adornaram o corpo sem vida de sua cara irmã Zoila Blanca Rosa de Mariana de Jesus. Tiveram todas as flores de que necessitavam na ocasião. O cortejo prosseguiu.

Eram cinco horas e meia da manhã quando entraram no coro baixo. Ali puseram aquele anjo junto ao féretro de sua santa Madre. Um coro de lágrimas entoou os responsórios de defunto.

Lá fora, o povo pedia para entrar

No lado de fora o publico golpeava as portas da igreja. Ouviam-se murmúrios de orações e de pranto.Diziam: "Madres, abram-nos as portas! Não nos privem por mais tempo de ver pela últi-ma vez o cadáver de nossa Madre Fundadora e de sua angélica filha".

Por fim os padres chegaram e entraram, somente eles, na igreja. Aproximando-se das grades, viram os dois cadáveres que estavam sendo velados. Derramaram copiosas lágrimas. Protegeram as grades para que a piedade imprudente não as quebrasse e a clausura fosse rompida. Abriram as portas para um numeroso público que penetrou como um turbilhão incontenível. Eram de partir o coração os gemidos e as lamentações. As pessoas sacudiam as grades para abrir e entrar. Com muito esforço estiravam os braços na tentativa de alcançar alguma coisa, apesar da ativa vigilância de Frei Pedro e dos irmãos leigos trazidos pelos padres para custodiarem as grades do coro baixo.

Frei Pedro era tido e considerado como um santo e na realidade o era. Adverte-se o leitor não confudi-lo com Frei Pedro de la Concepción, que tratou intimamente de assuntos espirituais com Madre Mariana, como consta na vida desta. Aquele varão de Deus, há mais de dez anos, passou para vida melhor. É modelo perfeito dos religiosos neste nosso Convento de San Pablo de Quito.

A celebração das missas

Um dos nossos frades celebrou a missa de corpo presente por ambas defuntas. Enquanto isso, os padres e irmãos leigos iam e vinham para verem suas duas irmãs, quais anjos haviam alçado rápido vôo à região celeste.

Depois da missa chegaram os diáconos e cantores de São Francisco porque nada podiam fazer as mui sofridas monjas. A missa de vigília pelas duas defuntas foi celebrada pelo Padre Guardião.

Tudo foi cumprido pelos Frades Menores de acordo com a ordem do Sr. Bispo, a quem Deus Nosso Senhor inspirou, para que assim ficasse patente que Madre Mariana de Jesus Torres, todas as Fundadoras e a Instituição das Monjas Concepcionistas Franciscanas de Quito na Colônia foram e serão, para a vida e para a morte, filhas genuínas do Serafim Chagado.

No segundo dia celebrou-se a missa que foi rezada e cantada. O mesmo se deu no terceiro dia em que o Sr. Bispo Oviedo pronunciou — conforme

prometera — a oração fúnebre. Foi belíssima e comovedora porque fez referência à angélica M. Zoila Blanca Rosa de Mariana de Jesus que para Jesus sempre branca rosa sem espinhos que pungem o Divino Coração.

Uma profecia cumpre-se logo

A esta missa e à oração fúnebre esteve presente Dona Mariana de Jesus Paredes e Flores. Isto se deu conforme nossa santa Fundadora previra em uma das conversações — de espírito profético segundo se crê — com suas monjas. Estas conversações estão registradas também no "Cuadernón". Esta senhora, quatro anos após a morte de Madre Mariana, vestiu o hábito de penitência de nosso Pai São Francisco na Venerável Ordem Terceira. Depois de um ano de noviciado professou e deixou os nobres apelidos de família. Passou então, a chamar-se Mariana de Jesus por possuir a fundo a santa virtude da humildade.

Presidiu a cerimônia de imposição do hábito e da profissão o Revdo. Padre Frei Francisco Angüita, tantas vezes já referido aqui. Era então Guardião do Convento e Comissário da Terceira Ordem de Penitência.

Aquela virgem secular, glória e honra da Ordem Terceira, teve vida heroica em virtudes e santidade. Qual cândida e inocente pomba costumava gemer ao pé do Sacrário, pedindo com instância a conversão dos seus irmãos os pecadores, ofereceu a vida com generoso heroísmo para salvar a Pátria que tanto amava, pois a Ira de Deus castigava os crimes com os tremendos flagelos da peste e com terremotos e ameaçava aniquilá-la. Deus Nosso Senhor aceitou da inocente vítima o sacrifício de sua vida no templo da Companhia de Jesus em favor de seus compatriotas. Morreu na flor da idade, dez anos após o falecimento de nossa santa Fundadora Madre Mariana de Jesus Torres.

Uma cura milagrosa

Como ficou dito, em nenhum momento faltou gente na igreja em torno das grades do coro baixo. Choravam e pediam mil favores à Madre Fundadora.

Chegou uma pobre mulher chamada Petra Martinez com uma filha de cinco anos, completamente cega. A mãe chorava como desesperada e punha a filha à frente. Dirigia-se à Madre Mariana como se esta estivesse viva.

Apresentava todas as angústias e afetos maternais a respeito da filha do seu coração. De vez em quando tentava meter o braço para alcançar o caixão. Pedia-lhe que curasse a filha.

Saiu precipitadamente, à igreia deixando lá a filha cega, a qual, aos brados, pedia que a curasse dos olhos. Breve tempo depois regressou às grades com as mesmas lamentações, muito inquieta.

De repente viu-se mover a coroa de flores que o venerando cadáver tinha na cabeça, e uma flor desprendeu-se, caiu e ta-pou-lhe o olho esquerdo (de Madre Mariana).

Acorreram pressurosas as senhoras monjas e viram que a infeliz mulher, com um bordão, queria levar uma flor consigo. Repreendida pelas freiras, disse em alta voz e em prantos:

"Deixem, Madres, que eu recorra com fé à minha santa Madre Fundadora para alcançar de Deus, por intermédio dela, a vista para a minha desgraçada filha. Que será dela depois que lhe falta sua Madre? Madre Marianita, Madre Fundadora, condoa-se de meus lamentos. Lembre-se da promessa que me fez de que "mi hijita" haveria de recobrar a vista. E se foi ao Céu sem cumprir o prometido. Pois agora não sairei daqui até que me conceda este favor. Quando V. Mercê era viva, nós, os pobres, encontrávamos sempre uma mãe carinhosa e compassiva. Agora que está no Céu, não se esqueça dos seus pobres". E clamava para que lhe dessem a flor que tanto trabalho lhe custara para tirar da coroa.

Cansadas estavam as senhoras monjas de tanta impertinência por causa da flor, agora tirada do olho do venerando cadáver que a senhora sacristã a deu à mulher. Esta pegou-a pressurosa como quem teme que se arrependam da ação. Imediatamente sentou-se no chão. Pôs a filha também no chão, com o rosto para cima, forrando com panos a parte anterior da cabeça. Então começou a aplicar a flor ora num olho ora no outro dizendo: "Madre Marianita, entregue-me são os "ojitos" de minha infeliz filha". Isto ela fazia e dizia sem se cansar.

Por fim a filha adormeceu. Para não acordá-la, a sofrida Mãe ajeitou a própria cabeça na grade e adormeceu também. As senhoras monjas, ao verem esta cena, compadeciam-se e pediam ao Senhor paciência e resignação para a infortunada mulher. Todos que entravam e saíam ficavam penalizados.

À tarde era mais numerosa a concorrência das pessoas. Por volta das cinco horas da tarde, a mulher, assustada, despertou do pesado e longo sono e para todos os lados que olhava se achava aturdida.

Quando se deu conta do lugar onde estava, começou novamente a chorar e pedir aos gritos a cura da vista de sua filha, que ainda dormia envolta nos panos e com a flor no olho. A criança despertou com os gritos da mãe, mas esta parou logo de gritar.

Apoiando-se à grade, disse:

"Madre Marianita, quão bonita tem sido V. Mercê, mas não durma mais. Desperte e levante-se. Outra "Madrecita" bonita está também dormindo ao lado. Quão belas as 'monjitas'!"

A mulher viu assustada e jubilosa os olhos da filha e deu um grito de alegria que ressou em toda a igreja. Milagre, milagre" — dizia.

As senhoras monjas aproximaram-se da grade. Arrodearam-na as pessoas presentes na igreja. Todos viram a menina com seus olhos claros, negros e bonitos: aquela pobre criatura desde o nascimento não conhecia a luz do dia. Ora uns ora outros, aproximando-se, perguntavam o que ela via. Encantada com as coisas do coro baixo e com os dois venerandos cadáveres ia relacionando tudo minuciosamente. Cheia de alegria, bendizia sobretudo a Deus que, assim glorificava sua esposa e a aclamava santa. Nos primeiros tempos houve muitas curas de olhos e de partos.

O sepultamento

No terceiro dia, depois da missa e da oração fúnebre pronunciada pelo Sr. Bispo, ordenou S. Excelência que os padres entrassem no coro baixo e procedessem ao sepultamento com as respectivas cerimônias e orações.

Os padres tiveram que entrar pela porta regular em razão do numeroso público qua invadia a igreja. Todos choravam com amargura profunda. A Comunidade igualmente. Os padres comovidos faziam um só coração com as aflitas irmãs; ocultaram na fossa sepulcral esses pedaços da alma.

O venerando cadáver foi sepultado com um "follón" (prega de tecido) de seda verde com dois bolsinhos. Num foram postas quatro disciplinas de sangue e dois pares de cilícios inteiros; tudo isto solto. No outro foi coloca-

do o seguinte: um carretel de linha, três agulhas finas, três novelos de fio de "castilla", não inteiras, uma pequena tesoura, um Cristo muito pequeno de metal amarelo. Tudo isto envolto em um lenço de uso de Madre Mariana de Jesus. Sobre isto um pequeno embrulho feito de um pedaço novo de linho comum continha cilícios de lata completamente danificados e estragados pelo uso constante que deles fez até o dia em que se acamou para não se levantar mais.

Esses cilícios foram cuidadosamente lavados pelas senhoras monjas nos dias em que a velaram. Tudo o que foi relacionado era de uso da santa Fundadora.

A senhora Abadessa de então, Madre Mariana de São Do-mingos, resolveu com o Assistente Provincial colocar nos bolsos do "follon" todos esses objetos de uso privado da Venerável Madre para que assim pudessem conservar-se sempre. A respeito disto foram consultados os Frades Menores que aprovaram a iniciativa, porque no transcurso dos séculos esses pertences poderão servir de relíquia quando Deus Nosso Senhor for servido de elevá-la a honra dos altares, pois ela bem o merece.

Adverte-se que os venerandos corpos foram sepultados três dias depois da morte. Não apresentaram o menor sinal de decomposição, nuito menos de corrupção. Estavam frescos, flexíveis, pareciam que se encontravam em um doce e tranquilo sono, com as faces rosadas, aparentando na fisionomia uma alma bela e santa que guardavam como depósito sagrado.

* * *

Finalidade deste trabalho

Este humilde trabalho não é senão um compêndio, escrito com muito gosto, a pedido de minhas irmãs, as monjas Concepcionistas deste Real Convento do doce nome de Jesus de Quito, na Colônia.-

Manifestaram-me o desejo de ter um livro manual e de fácil leitura até mesmo para as senhoras monjas já anciãs e enfermas, a fim de proporcionar-lhes consolo, animar-lhes os espíritos abatidos e apresentar-lhes um modelo prático de imitação no tempo de dolorosa enfermidade quando o Esposo Celeste houver por bem acrisolá-las.

A palavra Santa que empreguei muitas vezes nesta narração, a qual vi também empregada pelos Padres que anteriormente escreveram dela a vida completa, não tem de maneira alguma a intenção, nem mesmo remota, de antecipar-se ao parecer e juízo da Santa Sé, da qual tenho a glória de ser filho fiel e submisso, como quer e manda a seus filhos, os Frades Menores, meu grande Pai e Patriarca, o glorioso São Francisco de Assis.

Que ele, abençoando-nos a todos, alcance do Senhor graças para tirarmos proveito desta leitura e imitarmos — ora mais, ora menos, conforme a diversidade de estados em que Deus Nosso Senhor nos colocou — a Madre Mariana de Jesus Torres.

Ela se nos apresenta como um perfeito modelo a ser imitado tanto pelos fervorosos e verdadeiros católicos quanto pelos santos e perfeitos religiosos, na prática de todas as virtudes.

Admiremo-la em sua enorme humildade, sobre cujo profundo alicerce elevou-se o sublime e grandioso edifício de uma santidade e perfeição que assombra e atrai como por encanto.

Deus quis que a paciência não faltasse à Sua glória: por isso se fez Homem

A respeito da paciência — e ela a praticou de modo invicto e heroico — o grande Doutor da Igreja Santo Agostinho diz que, ainda que Deus por natureza não pudesse padecê-la, não quis, entretanto, que esta virtude faltasse à Sua glória, porque é o brilho e o esplendor de todas as outras. E para consegui-la, fez-Se Homem. Por tanto, em vossa caridade olhai como esta heroica criatura se sacrificava pelo bem de seus semelhantes para salvar almas, converter pecadores e remediar tanta miséria.

A chama do amor de Deus, não podendo conter-se dentro de seu peito, saía fora para ser luz, calor e saúde das almas e obter a vida da graça.

Se o amor de Deus se mede pelo amor ao próximo em cumprimento do mandato divino, olhemos para a vida desta santa religiosa e ela nos dirá dos incêndios de sua alma verdadeiramente seráfica. É certo, conforme ensinamento vindo dos divinos lábios de Nosso Senhor Jesus Cristo, que a caridade é a maior das virtudes, e quem diz amar a Deus e não ama a seu próximo é um mentiroso, hipócrita, enganador, que com virtudes fingidas não passa de um sepulcro caiado. Deus de caridade infinita, que faz brilhar diariamente o sol sobre bons e maus, serve desta forma de exemplo às Suas criaturas, mas quererá aqueles (hipócritas) longe de Si e não os reconhecerá como herdeiros do Reino dos Céus .

A missão das almas contemplativas

Chamo a atenção, caro leitor, sobre as Ordens religiosas de virgens consagradas ao serviço do Senhor Deus nos silenciosos recintos dos claustros para que as venereis. Nelas só se encon-tram heroísmo e virtudes desconhecidas no buliço do corrompido e fanático mundo. Se alguém ousar dizer: Para que servem essas monjas de clausura, esses seres mortos e sepultados para a sociedade?

Respondo imediatamente: esses seres ditosamente mortos a todos os

vícios e paixões degradantes — que embrutecem a criatura e a afasta de Deus — esses seres sepultados sob a terra de seu próprio conhecimento exalçam-se ao elevado firmamento da Igreja Católica, Apostólica, Romana, como estrelas de primeira grandeza para do alto iluminarem as sendas escabrosas da vida humana. Sustentam a Ira divina, pronta a descarregar terríveis castigos sobre as nações prevaricadoras, à maneira de para-raios benéficos. São as que salvam a sociedade. As maiores e gloriosas empresas são confiadas às suas humildes e incessantes orações. São elas missionárias, infatigáveis e secretos apóstolos, anjos de paz, inocentes e brancas pombas que se recusam a pôr seus cândidos pés no lodaçal do mundo, para viver na arca santa dos claustros.

É dos conventos que sai a verde esperança para consolar as nações nas horas de terrível e desesperada luta mostrando o Céu, morada eterna e feliz de todas criaturas racionais.

Sois isto e muito mais ainda, irmãs da Ordem Concepcionísta Franciscana, filhas prediletas de minha Mãe Imaculada. No vosso branco e alvenitente hábito manifestais a pureza de vossas almas. No vosso manto azul, a profundidade humilde daquela íntima comunicação e trato familiar com Deus em vossa vida de incessante oração e penitência, juntamente com vosso desvelo pela conversão dos pecadores e salvação das almas. Esta a vossa sublime e secreta missão.

Não desfaleçais no mais duro combate. Quanto mais o mundo vos odeia e persegue, à semelhança do Divino Mestre, mais que nunca os Anjos vos contemplam admirados, e o próprio Deus vos cumula de afeto.

Ai, leitores! Se vos fosse dado penetrar no interior dessas belas almas e ver a verdade que ora vos digo, ficaríeis abismados diante dessa culminância de formosura e heroísmo, não terrenos mas paradisíacos. Mas somente a determinados Ministros do Altar é dado conhecer estas maravilhas da graça para se rejubilarem e, admirados, darem graças a Deus, Autor delas.

Sem dúvida, Deus Nosso Senhor que do Céu vê os árduos trabalhos da vida sacerdotal, quer de vez em quando consolar e deleitar Seus sacerdotes, permitindo o trato com estas boas almas. Estas reanimam-lhes o espírito quantas vezes abatido e elevam-no até o Céu .

Toma-se força para prosseguir com nova galhardia nas árduas e escabrosas sendas da vida.

O "Cuadernón" — A vida completa de Madre Mariana

Como já afirmei, a vida da Reverenda Madre Mariana de Jesus Torres que acabais de ler não é senão um breve compêndio —sem exagero de nenhuma espécie e com a verdade que me caracteriza — extraído por mim da vida escrita pelo sábio e virtuoso Padre Frei Bartolome Ochoa de Alacano y Gamboa. Foi essa obra que eu li no quartel e por causa dela deixei o mundo pelo ano de 1776.

No ano de 1725, pela primeira vez eleito Ministro Provincial da Província de Quito, aquele sábio franciscano dirigiu a esta uma belíssima e importante carta pastoral que o interessado pode encontrar no arquivo desta nossa Província.

Contem 26 pontos, repleto cada um de doutrina paradisíaca. Revela o espírito que animava aquele venerável sacerdote e se dispõe a aperfeiçoar em seus frades a vida religiosa e a disciplina monacal , o melhor ornato das Ordens religiosas.

Nas admoestações à Comunidade, com muita frequência lembrava, inflamado em seráficos incêndios, as palavras do Pai, o Serafim Chagado, que, ao tratar do cumprimento da Regra, disse: "A la letra, a la letra, a la letra, sin glosa, sin glosa, sin glosa". Com isto encarecia a imitação da vida de nosso seráfico Pai e ao mesmo tempo dava o exemplo. Por seu tino, suavidade e prudência era amado de seus súditos.

Amou com predileção as virgens consagradas ao Senhor através da vida monacal. A elas prestou seus serviços espirituais com constante caridade, mas teve particular afeto pelo ramo da frondosa árvore franciscana.

No Convento das Concepcionistas Franciscanas orientou e dirigiu muitas almas de grande virtude e vida sobrenatural. Por esta razão conseguiu que ditas senhoras monjas confiassem a S. Revma. o grande "Cuadernón".

Nele está escrita a vida de todas as oito Madres Fundadoras, como segue:

- Madre Maria de Jesus Taboada, principal Abadessa e Fundadora — Vida escrita pelo virtuosíssimo Frei Miguel Romero, franciscano, confessor da Venerável Madre;

- Madre Magdalena de São João, Madre Maria da Encarnação e

Madre Catarina da Conceição — Biografia das três escritas pelo sábio e virtuoso Padre Provincial Frei Jerônimo Tamayo;

• Madre Lúcia da Cruz e Madre Ana da Conceição — Escrita pelo célebre, erudito, eloquente e virtuoso Padre Frei Luis Catena, que também foi Provincial da Província de Quito, lá pelo ano de 1625, se não me en-gano;

• Madre Francisca dos Anjos e Madre Maria Mariana de Jesus Torres, e também a angélica Madre Zoila Blanca Rosa de Mariana de Jesus (esta última não é Fundadora), já conhecida dos leitores. — A biografia das três está escrita pelo não menos virtuoso e sábio Padre Frei Martin de Ochoa. Nesta biografia, bem como nas "Conversaciones" que a santa Fundadora espanhola costumava manter com suas monjas para sua instrução e santo entretenimento, é que se baseou Frei Bartolome Ochoa de Alacano y Gamboa. Não eram coisas imaginárias mas reais ela as conhecia no trato íntimo com Deus. As monjas comunicavam tudo aos Frades Menores, seus espirituais.

* * *

Do autor aos leitores

No decorrer dos anos, penas mais destras de sábios dentre a Seráfica Família, ou de fora, escreverão esta vida tão exemplar e "práctica", com a correção e o estilo próprios a cada tempo.

Mas, tanto agora quanto depois o que o Senhor quer dos leitores é a imitação de quanto for possível, para que obtenhamos a felicidade de salvar-nos e gozar da completa posse de nosso bom Deus no Céu, sem temor de perdê-LO, em companhia de todas as santas Fundadoras do Real Convento de Concepcionistas Franciscanas de Quito, na Colônia, e das demais religiosas que, como seguramente esperamos, se santificarão neste bendito e privilegiado claustro regado com suor e lágrimas das Fundadoras ao fundá-lo, e com o sangue de suas penitências para a conservação do espírito religioso que deixaram como rica herança .

Ao concluir meu humilde escrito — quantos sábios escritores o acharão mal redigido! — digo que não sou escritor, mas me ufano de que é verídico em todas suas partes, como afirmei.

Aos leitores de todos os tempos, peço que rezem por mim uma Ave-Maria, rogando que me seja concedida a perseverança final e a graça para ser santo na minha Ordem Seráfica, como deseja nosso Pai São Francisco de cada um de seus filhos.

* * *

EXUMAÇÃO

O corpo da Reverenda Madre Mariana de Jesus Torres foi exumado em 1885[22], depois de duzentos e setenta e um anos.

Foi encontrado deste modo:

O corpo intacto. Estava vestida com hábito branco, touca negra. O rosto tinha uma cor natural, com um fundo cor de rosa nas faces e nos lábios. Pela boca entreaberta permitia ver-se a lhe a língua. Os olhos fechados e as pestanas se conservavam. A orelha flexível. O cabelo ruivo. Todo o corpo exalava um aroma de açucenas. Encontraram-se no bolso vários instrumentos de penitência e outros objetos de uso dela. Ao ser ela enterrada, os objetos foram postos pe-los Revmos. Frades Menores, de acordo com a Madre Abadessa Mariana de São Domingos e a Congregação do Convento, a fim de que, transcorridos os tempos, servissem de relíquia. Com efeito, foram retirados alguns desses objetos e se conservam como um precioso tesouro no arquivo do Mosteiro.

* * *

22 No ano de 1885 o corpo foi exumado do coro baixo onde estava enterrada. No ano de 1906 foi tirado "le la caja" e posto no novo sepulcro que se lhe dedicou.

Índice alfabético

Conteúdo

A

C

D

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V